

J. — . .

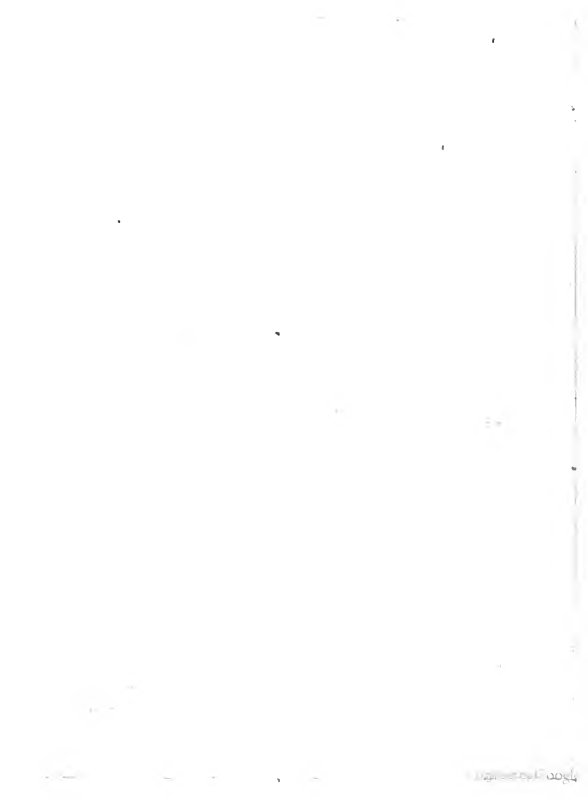
Q20 3175

.1 - - - .

—

.

HISTORIA
GENEALOGICA
DA
CASA REAL
PORTUGUEZA.





Richardson del. Scuderi fecit. 1835.



HISTORIA GENEALOGICA

D A

CASA REAL PORTUGUEZA,

DESDE A SUA ORIGEM ATÉ O PRESENTE,
com as Familias illustres, que procedem dos Reys,
e dos Sereníssimos Duques de Bragança.

JUSTIFICADA COM INSTRUMENTOS,
e Escretores de inviolavel fé,

E OFFERECIDA A ELREY

D. JOÃO V.

NOSSO SENHOR

P O R

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,

C. R. Deputado da Junta da Cruzada, e Académico do numero da Academia Real,

TOMO X.



LISBOA,

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

M DCC. XLIII.

Com todas as licenças necessarias.

INDEX

DOS CAPITULOS,

que se contém neste Tomo.

LIVRO IX.

P A R T E I.

- C**APITULO I. *Do Senhor D. Alvaro*, pag. 1.
CAP. II. *De D. Iſabel de Caſtro, Condeſſa de Belalcaçar*, pag. 47.
CAP. III. *De D. Maria de Menezes, Condeſſa de Portalegre*, pag. 128.
CAP. IV. *De D. Rodrigo de Mello I. Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal*, pag. 144.
CAP. V. *De D. Alvaro de Mello*, pag. 179.
CAP. VI. *De D. Francisco de Mello II. Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal*, pag. 181.
CAP. VII. *De D. Rodrigo de Mello*, pag. 203.
CAP. VIII. *De D. João de Bragança, Biſpo de Viſeu*, pag. 205.
CAP. IX. *De D. Nuno Alvares Pereira de Mello III. Conde de Tentugal*, pag. 215.
CAP. X. *De D. Leonor de Mello, Marqueza de Caſtello-Rodrigo, e ſua deſcendencia*, pag. 225.
CAP. XI. *De D. Francisco de Mello III. Marquez de Ferreira, IV. Conde de Tentugal*, pag. 236.
CAP.

CAP. XII. D. D. Nuno Alvares Pereira de Mello
I. Duque do Cadaval, &c. pag. 267.

CAP. XIII. De D. Luiz Ambrosio de Mello II. Du-
que do Cadaval, pag. 335.

CAP. XIV. De D. Jayme de Mello III. Duque do
Cadaval, pag. 358.

CAP. XV. De D. Rodrigo de Mello, pag. 383.

CAP. XVI. De D. I/abel de Lorena, Marquessa de
Fontes, pag. 385.

CAP. XVII. De D. Joseph de Mello, Arcebispo de
Evora, pag. 395.

CAP. XVIII. De D. Constantino de Bragança, do
Conselho de Estado, pag. 419

CAP. XIX. De D. Francisco de Mello I. Conde de
Affunçar, e Marquez de Vilheças, pag. 429.

CAP. XX. De D. Gaspar Constantino de Mello II.
Marquez de Vilheças, pag. 437.

P A R T E II.

CAPITULO I. De D. Jorge de Portugal I.
Conde de Gelves, pag. 443.

CAP. II. De D. Alvaro de Portugal II. Conde de
Gelves, pag. 450.

CAP. III. De D. Jorge Alberto de Portugal III.
Conde de Gelves, pag. 461.

CAP. IV. De D. Nuno Colon e Portugal IV. Du-
que de Veragua, e V. Almirante de Indias,
pag. 464.

CAP. V. De D. Alvaro Jacintho Colon e Portugal
V. Duque de Veragua, pag. 467.

CAP.

CAP. VI. *De Dom Pedro Nuno Colon e Portugal*

VI. Duque de Veragua, &c. pag. 473.

CAP. VII. *De D. Pedro Manoel Colon e Portugal*

VII. Duque de Veragua, pag. 481.

CAP. VIII. *De D. Pedro Nuno Colon e Portugal*

VIII. Duque de Veragua, pag. 493.

CAP. IX. *De D. Catharina Ventura de Portugal*

IX. Duquesa de Veragua, &c. pag. 501.

CAP. X. *De D. Jorge de Portugal, pag. 507.*

CAP. XI. *De D. Diogo de Portugal, pag. 509.*

LIVRO X.

CAPITULO I. *Do Senhor D. Affonso Marquez de Valença, Conde de Ourem, pag. 515.*

CAP. II. *De Dom Affonso de Portugal, Bispo de Evora, pag. 533.*

CAP. III. *De D. Francisco de Portugal I. Conde de Vimiofo, pag. 539.*

CAP. IV. *De D. Guomar de Vilhena, Condesa da Vidigueira, pag. 559.*

CAP. V. *De D. Affonso de Portugal II. Conde de Vimiofo, pag. 688.*

CAP. VI. *De D. Francisco de Portugal, successor da Casa de Vimiofo, pag. 715.*

CAP. VII. *De D. Luiz de Portugal III. Conde de Vimiofo, pag. 728.*

CAP. VIII. *De Dom Affonso de Portugal IV. Conde de Vimiofo, Marquez de Aguiar, pag. 745.*

Tom. X.

*

CAP.

- CAP. IX.** De D. Luiz de Portugal V. Conde de Vimiofo, pag. 763.
- CAP. X.** De D. Miguel de Portugal VI. Conde de Vimiofo, pag. 769.
- CAP. XI.** De D. Francisco de Portugal II. Marquez de Valença, VII. Conde de Vimiofo, pag. 779.
- CAP. XII.** De D. Joseph Miguel de Portugal VIII. Conde de Vimiofo, pag. 785.
- CAP. XIII.** De D. Nuno Alvares de Portugal, Governador do Reyno, pag. 791.
- CAP. XIV.** De D. Manoel de Portugal, Comendador de Vimiofo, pag. 793.
- CAP. XV.** De D. Martinho de Portugal, Arcebispo do Funchal, Primaz da India, pag. 883.

HISTO-

HISTORIA
GENEALOGICA
DA
CASA REAL
PORTUGUEZA.

LIVRO IX.
CONTÉM

Os Marquezes de Ferreira.

Duques de Cadaval.

Marquezes de Vilhescas.

Condes de Gelves.

Duques de Veragua.

Tom. X.

* ii

LI.

LIVRO X.

CONTÉM

Condes de Vimioso.

Marquezes de Valença.

Commendadores de Vimioso,

— de Pernes.

O Arcebispo do Funchal.

O Se-

12 O Senhor Dom Alvaro.

13 Dom Rodrigo I. Marquez de Ferreira. D. Jorge, Conde de Gelves, adiano. D. Isabel, Condessa de Bealcaçar. D. Brites, Duquesa de Coimbra. D. Joanna, Condessa de Vimioso. D. Maria, Condessa de Portalegre.

14 Dom Alvaro de Mello. D. Francisco II. Marquez de Ferreira. D. Filippa, Condessa de Portalegre. D. Isabel, D. Joanna, Freiras. Dom Alvaro de Mello. D. Maria,

15 D. Alvaro, S. G. D. Rodrigo de Mello. Dom Nuno III. Conde de Tentugal. Dom João, Bispo de Viseu. D. Constantino, do Concelho de Eltado. D. Joanna, Freira. Dom Joseph, Arcebispo de Evora.

16 D. Francisco III. Marquez de Ferreira. D. Rodrigo, Presidente da Mesa da Conficiencia. D. Leonor, Marquiza de Castello-Rodrigo. D. Joanna, Condessa de Portalegre. D. Francisco, Conde de Alumar. Dom João, Frade Carmelita Defeiso. D. Alvaro, Grao Cruz de Malta. D. Fernando, Capellão mor.

17 D. Nuno I. Duque do Cadaval. Dom Theodosio, Sumilher da Coratina. D. Isabel. D. Gaspar II. Marquez de Vilhecas. Dona Brites, Marquiza de Mora. D. Mecia III. Marquiza de Flores Davila. D. Theresia I. Marquiza de Naval Morquende.

D. Joseph III. Marquez de Vilhecas.

18 D. Isabel, Marquiza de Footea. Dom Luiz II. Duque do Cadaval. Dona Anna, Condessa de S. João. D. Eugenia, Marquiza de Alegrete. Dom Jayme III. Duque do Cadaval. D. Joanna, Condessa de Alvor. D. Rodrigo de Mello. D. Filippa, Condessa de Penaguio.

D. Nuno VII. Conde de Tentugal. Dona N. . .

D. Isabel. Dona Maria, Marquiza de Abrantes.

D. Jor.

13 D. Jorge I. Conde de Gelves.

14 D. Alvaro II. Conde de Gelves.

D. Jorge de Portugal.

D. Diogo de Portugal.

15 D. Jorge Alberto III. Conde de Gelves.

D. Nuno IV. Duque de Veragua, Marquez de Jamaica.

D. Diogo de Portugal.

Dom Diogo de Portugal.

D. Isabel, e D. Anna, casada.

16 Dona Leonor IV. Condessa de Gelves.

D. Alvaro Jacobo V. Duque de Veragua.

D. Christovão de Portugal.

Dona Anna, mulher de D. Diogo de Cardenas.

D. Diogo I. Marquez de Saucedá.

17 D. Pedro Nuno VI. Duque de Veragua, e Conde de Gelves.

D. Leonor, Marqueza de Ariscal, e Figueira.

18 D. Pedro Manoel VII. Duque de Veragua, Conde de Gelves.

D. Alvaro, Senhor de Setemil.

D. Catharina, Condessa de Miranda, Duqueza de Penharanda.

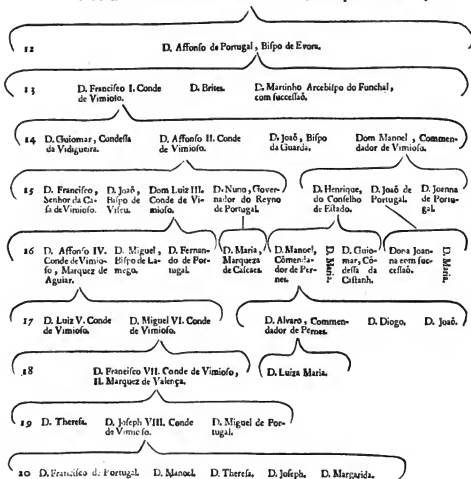
19 D. Pedro VIII. Duque de Veragua, Conde de Gelves.

D. Catharina Ventura, Duqueza de Veragua, de Liria, &c.

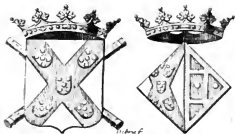
20 D. Pedro. D. Maria Theotista.

D. Jacobo X. Duque de Veragua, e de Berwick.

11 O Senhor D. Affonso Conde de Ourem , Marquez de Valença.



HISTO.



HISTORIA
GENEALOGICA
DA CASA REAL
PORTUGUEZA.
LIVRO IX.

CAPITULO I.
Do Senhor Dom Alvaro.

12



E sem controversia hum dos
mais esclarecidos ramos , que
produzio a fecundissima Arvo-
re da grande Casa de Bragan-
ça , o que tem a sua origem
em o Senhor D. Alvaro , filho
do Duque D. Fernando I. do
nome, e da Duqueza D. Joanna de Castro, como
dissemos no Livro VI. Capitulo III. pag. 171 do
Tom.X.

A

Tomo

Tomo V. A natureza preferio na ordem do nascimento a seus irmãos, sendo elle o quarto, que nasceo daquella excelsa uniaõ; porém os proprios merecimentos o distinguiraõ, porque se adornou de todas aquellas qualidades, e virtudes, que constituem hum varaõ famoso para o coroarem de immortal gloria.

Separou-se este ramo daquelle Serenissimo tronco neste Principe, e começou logo a florescer na sua pessoa em robustos ramos nos Marquezes de Ferreira, Duques de Cadaval, Marquezes de Vilhefas, Condes de Gelves, e Duques de Veragua, sendo tal a virtude de seus descendentes, que dilataraõ a gloria da sua Casa, illustrando tantas, como veremos. A de Ferreira, como nacional, viveo sempre na boa correspondencia, e respeito dos Principes de Bragança, de sorte, que com nova alliança, mereceo receber no Serenissimo sangue de Bragança, tambem novamente o Real sangue de seus Augustos Reys. Assim se conservou sempre a Casa de Ferreira na grande representaçãõ, que herdara de seus mayores, de sorte, que o tempo a veyo a distinguir entre outras, tambem grandes, como sãõ as que se honraõ de derivarem o seu principio de taõ excelso tronco.

Quando a Serenissima Casa de Bragança foy elevada ao Throno de Portugal na pessoa do Duque D. João II. do nome, e o IV. entre os Reys Portuguezes, cuja memoria será sempre saudosa, como

como he o seu nome coroado de immortal gloria no Templo da Eternidade , tambem a Casa de Ferreira , como nacional , foy preferida pela especiosa prerogativa do parentesco com a Real Casa reynante , como adiante veremos. Depois considerando-se os inevitaveis desconcertos da fortuna , ou da natureza , de que tambem se não livra a Magestade , foy esta linha attendida como descendente do Duque de Bragança D. Jayme , que sendo jurado herdeiro da Coroa Portugueza pelo felicissimo Rey D. Manoel ; ficou a sua descendencia revestida de todos aquelles direitos , que a ella teve , os quaes não extingue nunca o tempo : e supposto foraõ diferentes , e mais proximos , os que deraõ a Coroa Portugueza à Serenissima Casa de Bragança , he sem duvida , que extinctos estes , o que Deos não permitta nunca , deviaõ revivescer aquelles , e por este motivo foy em certo tempo esta linha da Serenissima Casa de Bragança considerada para a successaõ , conforme as Leys fundamentaes do Reyno , estabelecidas nas Cortes de Lamego , que exclue aos Estrangeiros ; motivo porque esta preferia a outras ainda que mais proximas : razão porque os amantes da conservação da Patria a viaõ como taboa , em que se affiançavaõ as esperanças do Reyno , quando se vio enfraquecida a Real prole , que a Divina Providencia depois fez taõ gloriosamente fecunda em successivas gerações ; animando com estas evidentes merces da sua misericordia a fé,

em que nos devemos conservar nas promeſſas declaradas ao primeiro Rey no Campo de Ourique, tantas vezes verificadas aos noſſos olhos, para que vivamos ſeguros da eſtabilidade da Monarchia Luſitana na Real varonia do ſeu grande, e invicto Fundador.

Nasceo D. Alvaro filho quarto, como temos dito, porém a pouca curioſidade dos antigos nos não deixou memoria do anno, e tempo, em que nasceo eſte Senhor, de quem os Authores totalmente ſe eſqueceraõ, ſe bem todos o louvaõ, e engrandecem as ſuas virtudes. Foy creado na eſcola de ſeu excelſo pay, em que todos os ſeus filhos ſeguirã a Marte, e ſe acharã em glorioſas acções, que os fizeraõ recommendaveis à poſteridade. Alcançou D. Alvaro o reynado del Rey Dom Affonſo V. de quem conſeguiu eſpeciaes attenções, aſſim pela peſſoa, como pelas partes, de que ſe adornava; ſendo nelle a verdade, o brio, e a honra inſeparaveis das ſuas acções, que foraõ ſempre reguladas por excellentes maximas, com outras virtudes, e admiravel talento para os negocios politicos, com hum valor inſeparavel nos Militares: de forte, que nelle foy o brillante a honra, que o fez ſempre attendido, tanto pelo preſtimo, como pelo deſintereſſe.

Foy admiravel a equidade, e amor, com que os Duques D. Fernando I. do nome, e a Duqueza D. Joanna de Caſtro trataraõ a ſeus filhos, porque reconhecendo a elevação da ſua grande Caſa, e as
largas

largas rendas, que possuíam, e não podiam nunca ser alienadas, por serem do Estado da Casa de Bragança, mas das outras, que podiam unir à mesma Casa, as repartiram liberalmente por seus filhos, dando ao Senhor D. João, Condestavel de Portugal, e ao Senhor Dom Affonso, Conde de Faro, diversas rendas, como deixamos dito em seus proprios lugares. Ao Senhor D. Alvaro fizeram Doação de todas as rendas, que tinham em Béja, a qual principia assim: *Dom Fernando, neto delRey D. João, cuja alma Deos aja, Duque de Bragança, Marquez de Villa-Viçosa, Conde de Barcellos, Dourem, e de Arrayollos, Conde de Vianna, Senhor de Monforte, e de Penhafeil, juntamente com a Duqueza D. Joanna de Castro, minha prezada, e amada mulher, e Dom Fernando, Conde de Guimaraens, meu muito amado filho, e D. João, e D. Affonso, meus muito amados filhos, faço pura, e irrevogavel Doação antre vivos valedoura para sempre, a Dom Alvaro, meu muito amado filho presente, e a todos os seus descendentes li-dimos, de todas as minhas rendas, que eu tenho na Villa de Béja, e seu Termo, assy como me foram dadas por o Condestavel meu avô, &c.* Das quaes rendas fez Doação com todos os privilegios, e liberdades, que elle as possuía, com a liberdade de pôr Almoxarife, e Escrivão, com as appellações, e agravos perante o Almoxarife, e com toda a jurisdicção, que se usara sempre no tempo do Condestavel seu avô: com condição, de que as ditas rendas

Hist. Geral, da Casa Real Portuguesa, Liv. IV. Cap. IV. pag. 180 do Tom. V. e Liv. VIII. Parte III. Cap. I. pag. 182 do Tom. IX.

Prova num. 1:

das não poderiaõ ser partidas, nem alienadas, e andariaõ nos seus filhos, ou filhas, e descendentes legitimos seculares; porque em outro caso teriaõ reversaõ ao Duque, que entaõ fosse de Bragança: declarando, que no caso do Senhor D. Alvaro ser Ecclesiastico, que em chegando a ser Arcebispo, ou Bispo, tornariaõ as rendas ao Duque, que entaõ fosse de Bragança, e com outras clausulas para a sua validade, e inteiro vigor, a qual acaba: *E por certidão dello mandey dar esta Carta ao dito D. Alvaro, assinada por mim, e por a dita Duqueza minha mulher, e por o dito meu filho, e por Dona Isabel mulher do dito meu filho, que a ello deu consentimento, e assellada de nossos Sellos. Dante em Villa-Viçosa, vinte hum dias de Janeiro, o Bacharel a fez, anno do Nascimento de 1465.* Esta Carta confirmou depois El-Rey D. Affonso V. na Cidade de Evora a 4 de Janeiro de 1470, a qual anda encorporada na confirmação delRey D. Manoel, feita em Villa-Franca de Xira a 13 de Agosto de 1496.

No anno de 1475, em que ElRey D. Affonso V. determinou seguir as pertenções da Rainha Dona Joanna de Castella sua esposa, successora dos Reynos pertencentes àquella Coroa, e entrou por Castella, entre as grandes pessoas, que o acompanharaõ, foy o Senhor D. Alvaro, e se achou no sitio da Cidade de Camora; e durando o sitio, o Cardeal D. Pedro de Mendoza, e outros Prelados, intentaraõ buscar modo de accommodarem aos dous
Reys

Reys litigantes, os quaes dando licença para se tratar este negocio, se nomearaõ Ministros de huma, e outra parte, que se ajuntaraõ em huma Ilha, que o rio Douro havia feito fóra da parte do Castello. ElRey de Portugal nomeou ao Senhor D. Alvaro, e a Ruy de Sousa, e o Doutor Antonio Nunes, e da parte delRey D. Fernando se nomeou ao Duque de Alva, e o Almirante, e o Doutor de Ciudad Rodrigo; porém não concludindo cousa alguma, se apartaraõ os Ministros, e continuaraõ as hostilidades de huma, e outra parte. Achou-se tambem na batalha de Touro, onde obrou sempre com tanta satisfação delRey, que lhe fez especiaes merces, entre ellas foy a do officio de Chanceller mór do Reyno, naquelle tempo condecorado com tantas prerogativas, e jurisdicções, que era emprego da esféra de occupar hum filho do Duque de Bragança, e irmaõ de outro, que se achava presente na mesma occasiaõ; circumstancias, que qualificaõ a authoridade deste emprego, no qual para o despacho tinha hum Ministro de grande litteratura, e graduação, que via as Cartas, em cuja casa estava o saco para se lançarem os papeis, que vinha a ser como Vice-Chancellor: o que se infere, do que depois com este mesmo officio passou o Senhor D. Alvaro no tempo delRey Dom Joaõ II. como adiante diremos. Principia a Carta assim: „Dom Affonso Rey de „Castella, &c. Fazemos saber, que confiando da „discrição, e bondade de D. Alvaro, nosso muito „ama-

Roy de Pins, *Chronica delRey D. Affonso V.*, cap. 187. m. l.
Duarte Nunes de Leão, *Chronica do dito Rey*, cap. 57, p. 212.
Relatado na *Fida delRey D. Joaõ II.* cap. 13, p. 64.
Goes, *Chronica do Principe D. Joaõ*, cap. 75.

Prova num. 2.

„amado sobrinho, e havendo respeito aos muitos,
 „e extremados serviços, que nós delle temos rece-
 „bido, e ao diante esperamos receber, nos praz de
 „lhe darmos, como por esta damos, a Chancellaria
 „môr dos ditos nossos Regnos de Portugal, e dos
 „Algarves, e o fazemos nosso Chancellor môr, af-
 „sim, e pela guisa, que o era o Arcebispo D. Fer-
 „nando nosso primo, que Deos perdoe, e outros,
 „que ante elle foraõ, &c. *E acaba:* por certidão
 „desto, e sua segurança, mandámos passar esta nos-
 „sa Carta, por nós assinada, e assellada do nosso
 „Sello de chumbo: dada em a nossa Cidade de
 „Touro a 11 dias de Agosto, Affonso Garcês a
 „fez, de 1475. „ He de reparar, que dizendo El-
 Rey na mesma Carta, que succedia neste officio ao
 Doutor Ruy Gomes de Alvarenga, não diga, que
 o teria, como elle o teve, senão como o havia tido
 o Arcebispo D. Fernando da Guerra, e os seus
 antecessores; pois conforme o estylo das Cartas de-
 via de dizer, como o tivera aquelle a quem succe-
 dia, se este o não tivera tido com alguma restric-
 ção: do que inferimos, que aquella expressão foy por
 especial attenção, porque neste officio devia ter go-
 zado o Arcebispo de Braga mayores prerogativas,
 do que depois tiveraõ outros, e aquellas queria El-
 Rey se verificassem no Senhor D. Alvaro, o qual
 neste tempo era Regedor da Casa da Supplicação,
 como se vê da Doação, que o mesmo Rey lhe fez
 das Villas, do Castello da homenagem de Torres
 Novas,

Novas , e Alvayazere , e de outra , que logo faremos menção , esta principia assim : „ Dom Affonso , fo , &c. a quantos esta Carta virem faço saber , „ que acatando eu aos muitos estremados serviços , „ que em os ditos meus Regnos de Castella , e Portugal tenho recebido , e ao diante espero receber „ de Dom Alvaro , meu muito amado sobrinho , e „ Regedor por mim da minha Casa da Supricação , „ e querendolhe em parte galardoar , como a todo „ virtuozo Principe pertence fazer àquelles , que „ muito bem , e lealmente servem , principalmente „ àquelles , que por sangue lhe são tão conjunctos , „ e querendolhe fazer merce de consentimento , e „ outorga da Rainha , minha sobre todas muy amada esposa , e isso mesmo do Principe , meu sobre „ todos muito amado , e prezado filho , lhe faço pura , e irrevogavel Doação para em toda sua vida „ das Villas , e Castello da menagem de Torres Novas , e Dalvayazere com seus Termos , e Senhores , &c. *E acaba.* Dada em Touro a 13 de Junho de 1476. „ E por outra Doação lhe deu os Padroados das Igrejas das ditas Villas , passada no mesmo dia , e anno , que está no livro 3. dos *Mys-ticos*. Conservou juntos os grandes lugares de Regedor , e Chanceller mór todo o tempo , que durou a vida delRey ; porque no anno de 1479 estando ElRey na Villa de Muja a 5 de Dezembro lhe fez Doação das Dizimas novas dos pescados de Buarcos , e Montemor o Velho , e nella diz : *D. Alva-*

Torre do Tombo liv.
3. dos *Mysic*. pag. 4. 4.

Tom.X.

B

Torre do Tombo liv.
2. dos *Mysic*. pag. 1.

ro

ro nosso muito amado sobrinho, Regedor da nossa Casa da Supplicação, e nosso Chanceller mór, &c. Qual fosse a prudencia, e talento de D. Alvaro se vê de exercer lugares tão grandes ao mesmo tempo com satisfação; porque a integridade, inteireza, justiça, e desinteresse, de que se adornava, lhe conseguiu huma clara memoria em toda a occasião, não só no Reyno, mas todo o tempo, que d'elle esteve ausente, para ser hum dos famosos Varoens daquelle seculo.

Não correspondendo as promessas, que haviaõ os Castelhanos feito a ElRey D. Affonso, voltou para Portugal com a determinação de passar a França. O Principe D. João no referido anno mostrando ao Senhor D. Alvaro, que seria da sua satisfação largarlhe a Villa de Torres Novas, de que seu pay lhe havia feito merce, por hum equivalente, no que Dom Alvaro não teve duvida, porque era ornado de prudencia, e attençaõ; assim se fez o contrato da troca da Villa de Torres Novas, e o seu Castello, com todas as suas rendas, que elle possuia com a Villa de Alvayazere: pelo que lhe deu as Villas de Tentugal, e Povoia com sua jurisdicção, e rendas, como andavaõ em arrendamento em a Villa de Tentugal, não entrando o paõ, e coufas do campo, que andavaõ de arrendamento com a Villa de Montemôr, e a Villa de Buarcos, Villa-Nova de Anços, a Nobra, e Pereira, ficando-lhe a Villa de Alvayazere na mesma fórma da Doação

Torre do Tombo liv. 4.
dos Affs. pag. 194, e
no 3. pag. 212.

ção porque a possuía. Foy feita esta Carta no Porto a 28 de Julho de 1476, que ElRey D. Affonso confirmou na mesma Cidade, e no mesmo dia.

Resolveo ElRey passar a França, e nella jornada o acompanhou D. Alvaro com aquelle grande amor, e fidelidade, com que o servia. Foraõ muitos os contratempos, que ElRey nella experimentou, de sorte, que vendo-se taõ combatido da adversidade da fortuna, sendo o principal motivo a falta dos soccorros promettidos por ElRey Luiz XI. de França para a continuação da guerra contra Castella, como deixamos referido no Capitulo I. do Livro IV. pag. 16 do Tomo III. nesta consternação, opprimido do mesmo decóro da sua pessoa, entrou na resolução de deixar o Mundo, e passar a Jerusalem desconhecido: porém pode tanto a persuasão, e eloquencia do Senhor D. Alvaro, ajudado tambem de seu irmão o Conde de Faro, que ElRey mudou de dictame, e voltou com elle ao Reyno no anno de 1477.

Goes, Chron. do Principe D. João, cap. 97.

Era grande a estimação, e amizade, que o Duque D. Fernando II. do nome teve com seu irmão o Senhor Dom Alvaro, e querendo deixar na posteridade hum testemunho da sua benevolencia, e grandeza, lhe fez Doação para elle, e todos os seus descendentes das terras do Cadaval, Peral com seus Termos, e jurisdicções, &c. a qual principia assim: *Dom Fernando, Duque de Bragança, Marquez de Villa-Viçosa, Conde de Barcellos, Dourem,*
Tom.X. B ii e de

Prova num. 3.

e de Arrayolos, de Vianna, e Senhor de Montezegre, e de Monforte, e Penhasel, &c. A quantos esta minha Carta de Doação, e perduravel firmidão para todo sempre virem, que havendo eu consideração ao grande amor, e afeição, que tenho a Dom Alvaro meu irmão, pelo muito singular amor, que sey me tem, e querendolhe satisfazer, como he razão natural, e direito do sangue, e divido tão chegado, me obriga com prazer, e expresso consentimento da Duqueza Dona Isabel, minha muito amada, e prezada mulher, e bem assim com outorga, e requerimento da Duqueza minha senhora madre, que me a ello para o dito D. Alvaro requereo, e em todo consentir, por ser cousa, que a ella pertencia, e por bem de sua herança, me praz, e quero, e outorgo realmente, e com effeito de uia propria, e livre vontade, certa sabedoria, sem prema, emduzimento, nem constrangimento de pessoa alguma, salvo como dito he, fazer, como defeito suço pura, e irrevogavel entre vivos valdeira graça, e merce ao dito Dom Alvaro meu irmão, a esta presente estipulante, e aceitante, para si, e todos os seus descendentes, herdeiros, e successores, que depois d'elle vierem para todo sempre das terras do Cadaval, Peral, com todas as suas jurisdições civis, e crimes, altas, e baixas, mero, mixto Imperio, com todas suas rendas, e pertenças, fôros, e tributos, direitos, e direituras, que hora tem, e pesque em sua vida o Senhor Marquez de Montemôr meu irmão, por dada do Duque meu Senhor, e Padre, que Deus

Deos haja, e consentimento meu, e confirmação do Rey meu Senhor, &c. As quaes terras possuiria depois da morte do dito Marquez, e com todas as clausulas necessarias para o inteiro cumprimento desta Doação, a qual acaba: *Em testemunho de verdade mandei ser feita esta Carta, por mim assinada, e assellada do meu sello, e bem assim sobreescrita pelas ditas Senhoras Duquezas, e asselladas de seus sellos para o dito D. Alvaro, e seus successores. Feita em a Cidade de Lisboa a 20 dias do mez de Novembro. Diogo Pires, Escrivão da Camera do dito Senhor, a fez, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1478 annos.* A qual Doação ElRey D. Manoel confirmou com todas as clausulas necessarias, estando em Torres Vedras, a 23 de Agosto do anno de 1496. Com esta Doação, que lançamos por inteiro nas Provas, porque he digna dos curiosos observarem as clausulas, estylo, e modo della, fica tambem tirada a duvida, de que as mesmas terras haviaõ sido doadas ao Marquez Condestavel, como dissemos no Capitulo IV. do Livro VI. pag. 180 do Tomo V. as quaes não lhe foraõ dadas mais, que em sua vida, e agora por vontade da Duqueza D. Joanna sua mãy as doou o Duque Dom Fernando ao Senhor D. Alvaro, para elle, e todos os seus descendentes, em quem se conservaõ. Foy admiravel a amizade, e boa correspondencia, que houve entre estes Principes, como se vê da referida Doação, e o declara o contrato seguinte: tinha o Du-

Torre do Tombo liv. 2.
das Myll. pag. 9.

o Duque humas casás na Freguesia de Santiago junto ao Mosteiro de Santo Eloy, que a Duqueza D. Joanna sua mãy unio à Capella, que instituiu no Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, que o Duque por satisfazer a seu irmão lhe largou, sortogando-lhas por huma Quinta no Termo de Santarem com casaes, casás, e mata, que se annexaraõ à Capella; foy feito este contrato em Evora em o primeiro de Março de 1479, o qual ElRey depois confirmou, estando em Vianna de Alentejo, a 28 de Abril de 1480.

Entre as primeiras Casás do Reyno daquelle tempo, era huma a de D. Rodrigo Affonso de Mello, I. Conde de Olivença, Senhor de Ferreira de Aves, e outras terras, Guarda mór da pessoa del-Rey, II. Capitaõ, e Governador da Cidade de Tangere, sem embargo, de que o Epitafio da sua sepultura o faça I. porque elle succedeo ao Marquez Condestavel, como escrevemos no Livro VI. Capitulo IV. pag. 178 do Tomo V. hum dos mayores Senhores daquelle idade, porque nelle se via sobre esclarecido sangue, conservado na varonia da antiga Familia de Mello, com illustrissimas alianças, virtudes taõ excellentes, que o fizeraõ hum dos mais celebres Varoens daquelle tempo, na paz, e na guerra, havendo conseguido tanta reputaçãõ, como respeito na Corte, e naõ menos a attençaõ dos Reys a quem servio. Era casado com Dona Isabel de Menezes, Senhora de taõ illustre esfera, como

como filha de Ayres Gomes da Sylva, Senhor de Vagos, e outras terras; desta união veyo a ser presumptiva herdeira D. Filippa de Mello, em quem sobre a grande qualidade, e successora de tão grande Casa, eraõ os dotes da natureza não menores, que os da fortuna, e sendo pertendida de grandes Senhores, foy preferido D. Alvaro, em quem concorriaõ todas as circumstancias para esta escolha: porque além de ser irmão do Duque de Bragança, era muy chegado o parentesco, que tinha com El-Rey Dom Affonso V. e com os Reys Catholicos, porque elle era primo com irmão da Rainha Dona Isabel, mãy da Rainha Catholica.

Estava neste tempo na Praça de Tangere, que governava o Conde de Olivença, e tendo ajustado o casamento de sua filha, para se poder effectuar, precedeo huma Capitulação, que se celebrou na Cidade de Tangere a 18 de Setembro do anno de 1479 no Castello, em que vivia o Conde; e com a sua assistencia, e da Condesa sua mulher, e da parte do Senhor Dom Alvaro, Fernão de Lemos, Cavalleiro da Casa do Conde de Faro, seu irmão, de cuja capacidade tinha bastantes experiencias para fiar a Procuração. Os Capitulos deste Tratado se outorgaraõ depois na Villa de Vianna de Alentejo por mandado delRey, que nomeou ao Doutor João Teixeira, do seu Conselho, depois Chancelier mór delRey D. João II. e do seu Conselho, e o Doutor João de Elvas, Ministro de grande confiança

Prova num. 4.

fiança do dito Rey, seu Embaixador a Inglaterra, com Ruy de Sousa, e depois nomeado a Roma com o Coudel môr Fernão da Sylveira, com o mesmo caracter, que não teve effeito: os quaes revestidos de poderes dos Condes, em virtude da sua Procuração, estando presente o Senhor D. Alvaro, se celebrou o Tratado Matrimonial, em que acordaraõ, em nome dos Condes, dar em dote a sua filha Dona Filippa dez mil coroas, todas de cento e vinte reis, e cem mil reis de tença, que tinhaõ del-Rey, e quatrocentos mil reis, de que logo lhe dariaõ a mayor parte, e dentro de hum anno o resto: e por consentimento delRey fizeraõ logo irrevogavel Doação ao Senhor D. Alvaro, por causa do dito casamento, da Alcaidaria môr, e rendas de Olivença, da mesma sorte, que o Conde a possuía; e assim mais o Reguengo do Campo de Tooes no Termo de Santarem, e a terra de Ferreira com suas rendas, e jurisdicção civil, e crime, e Carapito com os bens, que tinha na Ribeira, e o Castello, e Alcaidaria môr de Villa-Mayor com todas as suas rendas, a Judiaria de Alcacer com a sua renda, Arega, e as Abitureiras, na mesma fôrma, que elles as possuíaõ pelas suas Cartas, Escrituras, e Doações, com todas as jurisdicções civeis, e crimes, mero, mixto Imperio, e Patroados das Igrejas, fóros, tributos, censos, e rendas, o que lhe trespassou para elle, e seus successores, logrando o dito Conde o uso fructo dellas em sua vida, excepto o Castello de Villa-

Villa-Mayor, e Arega, que logo seriaõ em propriedade do Senhor D. Alvaro: e que no caso de os Condes terem hum filho varão, lhe dariaõ hum equivalente de vinte mil coroas, com certas clausulas, e substituições, e o Senhor D. Alvaro deu de arrhas a sua esposa doze mil coroas de cento e vinte reis; e no caso de se verificarem as arrhas, houvesse de haver as joyas, e alfayas, que ella escolheffe, que não passassem da valia de hum milhaõ de reis: e acontecendo, que o Senhor Dom Alvaro falecesse primeiro, que sua esposa, haveria as ditas arrhas, ou tivesse, ou não filhos; mas succedendo ao contrario, não as teria, e entãõ ella poderia testar da sua terça, e com outras condições, que se podem ver na Escritura, que vay nas Provas. Este Contrato approvou depois ElRey, e foy incorporado em huma Carta, que acaba: *E em testemunho da verdade mandámos dar aos ditos Contrahentes suas Cartas per nós assinadas, e asselladas do nosso selo, esta he a do dito D. Alvaro. Dada em a Villa de Vianna dapar Dalvito aos 18 do mez de Abril. Joãõ Teixeira a fez, anno do Nascimento de nosso Senhor Jesu Christo de 1480.*

Publicada a paz entre as Coroas de Portugal; e Castella no fim do mez de Setembro de 1479, dando-se fim a huma prolixa guerra; e porque entre o estipulado foy que o Infante D. Affonso, e a Infanta D. Isabel seriaõ pôstos nas Terçarias, entregues à Infanta D. Brites, como se refere na His-

Leaõ, *Chronica del Rey D. Affonso V.* cap. 66.
 f. 11. 244.
 Fina, *Chronica do di-
 to Rey*, cap. 107.

toria del Rey D. Affonso V. entre as grandes pessoas, que foraõ nesta occasiaõ com o Infante Dom Affonso, e a Infanta D. Brites à Villa de Moura, foraõ o Duque de Viseu, o Duque de Bragança, o Conde de Faro, e o Senhor D. Alvaro, e outros; porque em todas as occasieons El Rey o nomeava, naõ só pela grandeza da pessoa, mas porque a sua prudencia, e talento o faziaõ necessario para o conselho: naõ se dilatou muito a vida del Rey, porque as condições, com que se verificou aquelle Tratado, o penetraraõ de forte, que faleceo a 28 de Agosto de 1481, como deixamos escrito no Capitulo I. do Livro IV. pag. 20 do Tomo III. e com a sua morte todos os Principes de Bragança, naõ só perderaõ pay no amor, e affabilidade, mas experimentaraõ bem differente trato, do que mereciaõ, de sorte, que vieraõ a ser perseguidos, padecendo esta Serenissima Casa huma terrivel, e dilatada tormenta. Tanto, que El Rey D. Joaõ II. sobio ao throno, no mesmo anno no mez de Novembro convocou Cortes na Cidade de Evora, nellas se achou o Senhor D. Alvaro, e depois de haver jurado o Duque de Bragança em seu nome, e do Duque de Viseu, irmão da Rainha, seu cunhado, que naquelle tempo se achava em Castella por causa das Terçarias, se seguiu o Senhor D. Alvaro com Procurações do Marquez de Montemor, e do Conde de Faro seus irmãos, porque deu homenagem nas mãos del Rey, depois em seu nome, e de todos os Senhe-

Senhores do Reyno; assim o refere Garcia de Resende, ainda que D. Agostinho Manoel diz, que o Marquez de Montemor, e o Conde de Faro foram presentes: nesta occasião protestou o Duque de Bragança seu irmão a força de se lhe quebrarem os privilegios da sua Casa, que juridicamente tratava de defender para authoridade, e grandeza da mesma Casa, o que veyo a ser o principio da ruina deste Principe, como já deixamos escrito. Corrião os negocios de forte, que davaõ a conhecer o perigo, em que todos os Senhores da Casa de Bragança se achavaõ: pelo que o Marquez Condestavel, o Conde de Faro, e o Senhor D. Alvaro, conferindo entre si o remedio das suas cousas, se ajuntaraõ algumas vezes no Convento de Nossa Senhora do Espinheiro de Religiosos Jeronymos, pouco distante da Cidade de Evora; andavaõ temerosos da indignação delRey, que parecia mensageira certa das suas mortes, que os avisava do perigo, e conheciaõ o seu dissimulado animo, que não tardaria em os castigar, mais que o tempo, que fosse necessario para segurar a pessoa do Principe seu filho, e desfazeremse as Terçarias: e como se estreitava este prazo, hum dia, que os tres se acharaõ juntos naquelle Mosteiro, o Condestavel, como mais velho, começou a discurrir no seu perigo. Era de genio mal sofrido, e orgulhoso, e discorreõ com tanta liberdade, e desconcerto, que se escandalizaraõ seus irmãos, ouvindo o seu taõ livre, e desatinado parecer.

Tom.X.

Cii

cer;

Refer. 1.º, *Chronica del-Rey D. João II.* cap. 25. pag. 14. vers. D. Agostinho Manoel, *Vida do dito Rey*, liv. 2.º pag. 87.

cer, e o contradisseraõ vigorosa, e asperamente o Conde de Faro, e o Senhor D. Alvaro com igual fidelidade, que constancia; porém o Condestavel altivo, e soberbo, preocupado da ira, e da vingança, es provocava com relatar as injurias, que haviaõ padecido, e as que deviaõ temer, quando D. Alvaro levado da prudencia, de que era dotado, o reprehendeo, abominando a sua detestavel proposta, como Christaõ, e fiel Vassallo, concluindo, que era muy justo salvar as vidas, porém que ainda era mais justo naõ manchar a fama: porque se ElRey fingidamente tecia com artificio, e fins occultos a sua ruina, o fugir à sua ira era o mayor acerto, sendo mayor a gloria de morrerem como leaes, do que viverem como traidores, sem honra; porque era sem duvida, que seriaõ odiados dos proprios, que agora os favoreciaõ. A eloquencia, com que D. Alvaro persuadia, pode tanto com o Marquez, que se moderou na sua deliberação, e entre os tres irmãos se assentou, que o Senhor D. Alvaro fallasse de novo a ElRey, e lhe supplicasse em nome de todos, puzesse em juizo aquellas dissensões. Este parecer de D. Alvaro se communicou ao Duque D. Fernando, e sabendo, o que o Marquez havia proposto, o reprehendeo asperamente.

Fallou o Senhor D. Alvaro a ElRey em nome de todos, porém a reposita, que lhe deu, foy taõ politicamente fingida para enganallos, como diz Agostinho Mancel, que suspendeo as Cortes, dei-

Abreu. Chelobul, cap.
10, pag. 166.
D. Agostinho Mancel,
Vida do dito Rey, pag.
102.
Marchio Aleg. De reb.
gestis Joam. II, 66.
Hagæ Commun 1712.

D. Agostinho Mancel,
Vida delRey D. Joao
II, pag. 103.
Refundee, Vida do dito
Rey, cap. 38.

deixando de mandar os Corregedores às suas terras, o que participou a D. Alvaro, e a todos. El-Rey para mostrar mais a sua temperança, satisfez ao Marquez Condestavel, e ao Conde de Faro, com o despacho de certos requerimentos, que com elle traziaõ; sendo precisado a El-Rey todo este meyo termo por saber, que os Reys de Castella andavaõ sentidos, e alterados pelo que tocava às dependencias da Excellente Senhora, que desejavaõ a obrigassem a viver em clausura, na forma do Tratado da paz; porém El-Rey, que se persuadia ser o Author o Duque de Bragança, dos Reys de Castella se darem por offendidos da mudança do estado da Excellente Senhora, porque a necessidade dos tempos trazia a esta desgraçada Princeza como fabula do Mundo, sobre que fundavaõ huns, e outros Reys os seus intentos, e por isso El-Rey D. Joaõ lhe refarcia agora, com aquella liberdade, a violencia, com que a tratou em vida del-Rey seu pay, servindo-se para lograr os seus designios do mesmo decóro, com que a tratava.

Havia tambem El-Rey D. Joaõ II. tirado o officio de Chanceller mór ao Senhor Dom Alvaro logo, que El-Rey seu pay falecera, porque o queria dar ao Doutor Joaõ Teixeira, o qual officio não só lhe fora dado por El-Rey D. Affonso, mas tambem com o consentimento del-Rey D. Joaõ; que reflectindo na injusta privação, o constrangeo, a que o servisse com menos authoridade, e por differente



rente eslylo, do que havia praticado, tirandolhe o Ministro, que lhe assistia, para ver as Cartas, em cuja casa estava o sacco, obrigou-o, que elle mesmo examinasse todas, e tivesse em sua casa o sacco, como elle refere na Carta, que escreveo ao mesmo Rey, que tambem lhe commetteo partidos para que lho vendesse, mas sendo taõ curta a satisfaçõ, que a naõ quiz aceitar. Finalmente conhecendo o ardil, com que este negocio se armava, sendo contra o decóro o servillo por differente modo, veyo a largallo por insinuaçã, que teve, por naõ padecer o dezar de ser delle privado.

Abreu, *Choiubul*. cap.
23 pag. 135.
Marchio *Alegr. Deret.*
gestis Joann. II. pag.
52.

Era tormentoso o tempo para os Senhores da Casa de Bragança, porque a todos ameaçava a fatal desgraça, que se via estar por instantes declarando-se contra esta Serenissima Casa, quando succedeo a prizaõ do infeliz Duque D. Fernando II. cujo infortunio comprehendeo a todos seus irmãos, que por salvarem as vidas, buscaraõ asylo fóra do Reyno. O Senhor D. Alvaro fiado na sua innocencia, ficou exposto à indignaçã delRey, que moderando a sua paixã com a prizaõ do Duque, quiz mostrar, que decernia os culpados dos innocentes, depois de o assegurar do conceito, que tinha das suas cousas, (ficando em duvida qual era o animo) porque o successo fez depois ter a determinaçã por cautela, (como refere D. Agostinho Manoel) assentou com D. Alvaro, que sabbisse de Portugal em quanto se via a causã do Duque seu irmão;

D. Agostinho Manoel,
diu Vida pag. 130.
Refend. diu Vida, cap.
43.
Zurita, *Annal.* lib. 20.
cap. 50.

maõ; porque ElRey sobre lhe ter inclinação, respeitava as suas virtudes, não queria proceder contra o Duque seu irmão estando elle presente, como quem sabia o quanto havia estranhado ao Marquez Condestavel os tratos, que tinha com a Coroa de Castella: seguroulhe sobre a Real palavra, de que lhe deixaria livres todas as rendas dos seus Estados, para que as gozasse em qualquer Reyno, que estivesse, como não fosse Castella, nem Roma. Com esta resolução sahio de Portugal D. Alvaro, e partio para França, e logo se começou a proceder contra seus irmãos, como já dissemos em seus proprios lugares. Entretanto, que em Portugal passavaõ tantas infellicidades contra os Senhores de Bragança, chegou D. Alvaro a Barcellona, onde teve a noticia, de que ElRey lhe confiscara toda a sua fazenda, contra o que com elle havia assentado ao tempo da sua partida, e como a sua innocencia era taõ manifesta, e ElRey a havia por vezes confessado, reconhecendo a sua fidelidade, e grandes serviços, com demonstrações de lhos satisfazer com mayor agradecimento, acabou ElRey com este procedimento de fazer suspeitosa a justificação apparente, que buscava para acreditar os motivos, com que procedia nos castigos, que executava, e para que de todo ficasse este sem sombra de justiça, que affectava, estylo ordinario daquelle tempo, e por ventura a mayor miseria delle, como com a sua diffcrença escreveo D. Agostinho Manoel. Confiscadas

Sainte Marthe, Hist. Genral de France, tom. 2, liv. 27. cap. 3 1. pag. 743.
Hijlor. Genralog. de la Maison de France, tom. 1. pag. 636.

D. Agostinho Manoel, dita Vida, pag. 135.
Marchio Aleg. De reb. gestis Joann. 11. pag. 109.

das as rendas, foy logo D. Alvaro citado por edictos, sem outra prova, nem cargos, mais do que ter nascido filho da Casa de Bragança, e parente da Real de Castella; assim o condemnaraõ à privação dos bens. Naõ deixavaõ de discorrer os indifferentes dizendo, que no caso dos bens patrimoniaes do Senhor Dom Alvaro haverem incorrido naquella pena, que razao podia ter ElRey para usurpar os da Condesa sua esposa, que gozavaõ os privilegios dos dotes, taõ favorecidos no Direito Civil? E que as legitimas maternas de seus filhos eraõ impuniveis naquelle caso, e as rendas, que tinha em Béja, as quaes se transmetiaõ pela clausula da natureza daquelle, que os havia instituido aos immediatos herdeiros, no caso de qualquer delicto, porque o possuidor os perdesse. Porém a estas, e outras razoes se satisfazia com se dizer, ElRey o mandava.

O Chronista Damiaõ de Goes, a quem a Casa, e Senhores de Bragança deveraõ muy pouca attençaõ, na Chronica delRey D. Manoel, como já dissemos, ainda que brevemente, no Livro VI. Capitulo VIII. pag. 471 do Tomo V. naõ confessa, que ElRey D. Joaõ o mandara fahir do Reyno; porém Ruy de Pina, e Garcia de Resende nas Chronicas delRey Dom Joaõ II. de quem Goes pouco se apartou, naõ occultaraõ, que o mandara fahir do Reyno.

Com a occasiaõ de se ver privado, sem delicto

Pina, *Chronica delRey D. Joaõ II.* pag. 216
tr. I. que ella na Torre da Tomba.

cto algum do seu Estado , e bens , escreveo a El-Rey aquella taõ celebrada Carta entre os curiofos, Prova num. 5. em que sentida , e judiciosamente relata os aggravos, que naõ merecia a sua fidelidade , e o quanto mereciaõ os seus serviços differente remuneraçaõ , sendo motivo do seu mayor pezar os edictos , que contra a sua pessoa mandara ElRey publicar , dizendo-lhe , que por naõ mostrar , que com o silencio se fazia reo dos motivos , que se tomaraõ para contra elle se proceder com taõ estranho modo ; porque elle naõ podia ser culpado dos delictos , que se supuzeraõ de seus irmãos , porque ElRey mesmo havia confessado ao Bispo de Leaõ , e a Gaspar Fabra, Embaixadores de Castella , que a D. Alvaro achara sem culpa , e o mesmo lhe mandara dizer a elle pelo Conde de Olivença seu sogro , a quem havia remettido as devaças , que em segredo se haviaõ tirado , sem que nellas se lhe achasse a mais leve culpa , e com outras muitas causas , e motivos , que havia padecido no desagrado , e má vontade del-Rey , que magoado refere. Neste papel se vê a seriedade , e espirito deste grande Senhor , qual o brio , a honra , e as grandes virtudes , de que se revestia , o muito que servira ao mesmo Rey , e o quam grata lhe fora a sua pessoa , em quanto Principe , de quem havia experimentado depois taõ differentes termos , do que lhe merecia.

Achava-se o Senhor D. Alvaro em Barcellona despojado dos seus Estados , e sem meyo , pelo que

Tom.X.

D

vol-

voltou desta Cidade para a Corte dos Reys Catholicos, em quanto em Portugal com a riqueza dos accusados se enchiaõ os accusadores. Entrou na Corte, onde foy recebido com aquellas demonstrações devidas à sua grande pessoa, e ao estreito parentesco, em que estava com aquella Coroa, que entaõ tinhaõ os Reys D. Fernando, e D. Isabel, que como neta do Infante D. Joaõ era prima segunda do Senhor D. Alvaro, e pela Infanta Dona Isabel era sua sobrinha, por ser primo com irmaõ da Rainha D. Isabel sua mãy, filha da Infanta D. Isabel, irmã inteira do Duque D. Fernando I. do nome seu pay, razoens, porque os Reys Catholicos o trataraõ com publicas demonstrações de estimaçaõ, e benignidade. Naõ gozava este Principe de titulo algum mais, que da altissima esfêra de nascer filho da Serenissima Casa de Bragança: pelo que a Rainha Catholica ordenou fosse na sua Corte tratado com o distinctivo do Senhor D. Alvaro, assim o escreve Fr. Jeronymo Roman Castelhano: e na verdade esta graça, com que os Reys Catholicos distinguiraõ a sua pessoa, foy, pelo que podemos inferir, pelo tratamento, que a Casa de Bragança tinha em Portugal, sendo regulada pela dos Infantes, e nunca menos, que seus filhos, como deixamos largamente mostrado em diversas partes dos Tomos V. e VI. Diogo Gomes de Figueiredo, Tenente General da Artilharia, muy versado na Historia, diz no I. Tomo do seu Nobiliario, tratando da Casa de Bragança,

*Hist. de la Casa de
Brag. part. 3. cap. 26.
m. 1.*

ça, que este tratamento de Senhor lhe fora accordado por ElRey D. Affonso V. e que os Reys Catholicos lho confirmaraõ na sua Corte; e assim foy tratado este Principe, chamandolhe o Senhor Dom Alvaro; assim o nomeaõ nas suas Chronicas Ruy de Pina, e Garcia de Resende em diversas partes, chamandolhe o Senhor Dom Alvaro, sem appellido algum: estes Authores concorreraõ no seu tempo, e o conhecerã, que não tivesse appellido de Portugal, como erradamente lhe deraõ alguns Authores Castelhanos, e alguns tambem nossos, fica assaz já mostrado nos livros precedentes, onde dissemos, que os filhos, e filhas dos Duques de Bragança não tiverã appellido, nem usaraõ mais, que do nome do Bautismo à maneira dos filhos dos Infantes. E porque nos não satisfazemos sómente com a memoria de dous Authores coetaneos, e de tanta authoridade, o provamos com as Doações dos Reys, dos Duques seus pays, o Contrato do seu Casamento, Instrumentos, que não padecem duvida, que existem os Originaes na Torre do Tombo, onde nos livros citados da Reformaçaõ delRey D. Manoel o trataõ na mesma fórma, no Archivo da Serenissima Casa de Bragança, que acima deixamos apontados, e de que transcrevemos as proprias palavras, para mostrar a equivocação, dos que lhe deraõ o appellido de Portugal.

Os Reys Catholicos obrigados do parentesco; e experiencia do Senhor D. Alvaro, o encarregaraõ

Tom.X.

D ii (dos

dos lugares de Contador mór, e de Presidente de Castella, em que succedeo ao Principe D. Joaõ, primo-genito dos Reys Catholicos: desta sorte, estimando o seu talento, se serviraõ delle, e do seu conselho em negocios de grande importancia, tratando-o como pessoa taõ conjunta em sangue, como elle era: deraõ-lhe depois o Estado de Gelves, Alcaidaria mór de Sevilha, e Andujar. Alcançou o Senhor D. Alvaro licença delRey D. Joaõ para que sua mulher pudesse ir para a sua companhia, a qual ElRey lha concedeo por hum Alvará, que principia: *Nos ElRey por este Alvará damos licença a D. Philippa, mulher de D. Alvaro meu primo, que ella se vâ para o dito seu marido, para onde quer que estiver, fóra delles Regnos, &c. e que quando assim se for possa levar por mar, ou por terra todo o que tiver, assim ouro, e prata amoeçados, e lavrados, e joyas, com quaesquer outras cousas, sem embargo de quaesquer ordeus, &c.* E acaba: *Feito em Santarem a 26 de Junho, Joaõ Gonçalves o fez, anno de Nosso Senhor Jesu Christo de 1484.* Levou esta Senhora seus filhos por premissão delRey, ainda que no Alvará se não faz menção delles, porque he certo, que sua mãy não iria sem elles; porém antes, que fizesse jornada, mandou ElRey dizer ao Conde de Olivença, que pois seu genro tirava deste Reyno sua mulher, e filhos, os quaes elle desejava ficassem nelle, para que nas suas pessoas se vissem gratificados os seus grandes serviços, e merecimentos, rogando-lhe

Zurita, *Anales*, part.
5. liv. 5. cap. 4. pag. 249;
col. 4.

Prova num. 6.

Gons, *Chronica delRey
D. Alvaro*, parte 3.
pag. 45. pag. 243.

lhe, que acabasse com sua filha, lhe deixasse na sua companhia huma de suas netas, a quem elle daria, e dava por dada toda a sua Casa, e fazenda, que tinha da Coroa ; naõ faltou o Conde em satisfazer à insinuação delRey, deixando na sua Casa a sua netta D. Brites de Vilhena, filha do Senhor D. Alvaro, a qual depois da morte do Conde ordenou ElRey fosse para o Paço da Rainha D. Leonor sua mulher, onde esteve tratada como devia à sua pessoa ; e depois já da morte delRey D. João a casou ElRey D. Manoel com o Senhor D. Jorge, Mestre de Santiago, e Aviz, como diremos no Livro XI. Capitulo I. Por este casamento renunciou a Casa do Conde de Olivença em seu irmão D. Rodrigo de Mello, que foy I. Conde de Tentugal, e I. Marquez de Ferreira, como se verá adiante.

Com a chegada de sua esposa, e filhos se satisfizerão as faudades do Senhor D. Alvaro, sendo-lhe mais estimaveis as honras, e merces, com que os Reys Catholicos o attendião, o que elle merecia bem no seu serviço ; continuavaõ estes a guerra de Granada com grande ardor, na qual se achou o Senhor Dom Alvaro, distinguindo-se tanto, que diz D. Alonfo Telles de Menezes, que conseguiu fama: assim servio com o mesmo prestimo na Campanha, do que nos negocios politicos: aqui o acompanhou o grande D. Francisco de Almeida, depois primeiro Vice-Rey da India, de cujo illustre, e valeroso sangue participaraõ depois os netos do Senhor

Dom Alonfo Telles de
Menezes, *Blazones de*
los Solares, m. 6.

nhor D. Alvaro, sendo-o tambem de hum taõ excellente Heroe; esta conquista acabaraõ os Reys Catholicos no anno de 1492, em que felizmente entraraõ triunfantes na Cidade de Granada, em cuja conquista havia dez annos, que perseveravaõ. Nella servio o Marquez Condestavel, como deixamos dito no Capitulo III. do Livro VI. Tomo V. e tambem alguns Fidalgos Portuguezes com reputaçaõ.

Olorio; *De Rebus gestis Emmanuels Regis*, lib. 1. pag. 9. Philippone 1561.

Succedeo na Coroa de Portugal o felicissimo Rey D. Manoel pela morte de seu primo ElRey D. Joaõ II. e huma das primeiras coufas, em que mostrou a sua Real benignidade, foy a restituicaõ da grande Casa de Bragança no Duque D. Jayme, chamando-o para a Corte com seu irmaõ o Senhor D. Diniz, e seu tio D. Alvaro, e ao filho do Conde de Faro, como deixamos escrito no Livro VI. Capitulo VIII. do Tomo V. e para demonstraçaõ do alto conceito, com que estimava as virtudes de Dom Alvaro, lhe escreveu de propria maõ a Carta seguinte:

„Honrado primo, vi a Carta, que me escre-
 „vestes, porque me fazeis saber a vinda do Duque
 „meu sobrinho, e vossa, folguei por ser taõ cedo,
 „e pareceme bem ser logo, sem mais detença ne-
 „nhuma, e vossa vinda seja a Elvas, e a Estremoz,
 „e dalli a Vimieiro, e a Montemôr, e aqui sem ef-
 „perar mais recado. Dizem-me, que alguns cria-
 „dos do Duque vosso irmaõ, fallaõ em ElRey,
 „meu

„meu Senhor, que Deos haja, quomo naõ devem,
„encomendo-vos, que sejaõ todos bem avisados
„per vós, e meu sobrinho, porque me pezará mui-
„to disão, e certo se alguns ho fezerem, receberaõ
„de mjm graõ castigo, porque assi he razaõ. Ha-
„já meu sobrinho esta Carta tambem por sua, por
„fer mais em breve esse despachado da minha maõ;
„em Setuval a xxvj dias Dabril.

ELREY.

Corria o anno de 1496 quando D. Alvaro a 6 de Mayo entrou com seus sobrinhos por Elvas neste Reyno: o applauso, com que estes Principes foraõ recebidos, e a grande satisfacão delRey D. Manoel com a chegada destes parentes, deixamos referido no Capitulo allegado; logo começou ElRey de se servir delle com grande confiança, tambem lhe restituio as Villas de Tentugal, Alvayazere, e outras terras, que lhe pertenciaõ, com as do Conda-do de Olivença, e tudo o mais, que havia logrado o Conde de Olivença seu sogro, e as dotara a sua filha: mandoulhe passar Carta do seu assentamen-to, que elle já tinha delRey D. Affonso V. e foy da quantia de duzentos e cincoenta e nove mil du-zentos e quarenta e hum reis, que venceria do pri-meiro de Janeiro, foy feita em Santarem a 14 de Agosto de 1596. No mesmo anno estando ElRey D. Manoel em Villa-Franca de Xira a 13 de Agos-to, lhe deu o privilegio de naõ pagar dizima, por-tagem,

Torre do Tombo, liv.
1. dos *Reys*, pag. 6.

tagem, nem Chancellaria. No seguinte lhe fez mercede de outro, estando em Torres Vedras, a 22 de Agosto, de ter aposentadoria, com toda a sua familia, nas terras onde fosse, sem que pagasse direitos de cousa alguma: a este theor lhe fez outras graças, com que distinguia a sua pessoa, e merecimentos. Depois lhe fez Doação das jugadas de Torres-Vedras, e seu Termo com o celleiro, tirando a jugada do paõ de Torcifal, e certos Lugares da mesma Villa, em recompensa do officio de Chancellor mór do Reyno, dizendo na Doação estas palavras: *Que elle por nos servir quiz deixar, &c.* a qual merce fez tambem a D. Rodrigo de Mello seu filho, foy feita em Lisboa a 26 de Mayo de 1500.

Havia ElRey D. Manoel premeditado casar em Castella, e de quatro filhas, que os Reys Catholicos tinhaõ, preferio a Infante D. Isabel, Princeza de Portugal, viuva do Principe D. Affonso, estando tanto nesta resolução, que não assentio à pratica do casamento da Infanta D. Maria, que D. Affonso da Sylva, Embaixador dos ditos Reys, lhe insinuara, quando da sua parte veyo a darlhe os parabens da sua exaltação ao Throno, e tratar das allianças, e entre os negocios era hum o do seu casamento com a dita Infanta; a que ElRey politicamente respondeo, preocupado da vontade, de que se effectuasse com sua irmã a Princeza D. Isabel. Achava-se ElRey em Torres Vedras, communicou este negocio a D. Alvaro seu primo, que delle se

Liv. 3.º *des Aysb*, pag.
2173

Cioes, *Chronie, del Rey*
Don Afonso, part. 1.
cap. 22.

Olorio, *De rebus gestis*
Emman, lib. 1.º, pag. 21.

se encarregou, para o tratar com toda aquella effi-
cacia, que devia; era grande a authoridade, que
tinha na Corte de Castella, mas a vontade da Prin-
ceza era grande obstaculo, porque era constante,
que depois da morte do Principe seu esposo ficara
taõ sentida, e penetrada, que assentara de naõ ter
outro, pela resoluçaõ, em que estava de ser Reli-
giosa. Partio o Senhor D. Alvaro para Castella lo-
go naquelle mesmo anno, que era o de 1496, com
luzida comitiva, devida à sua pessoa, revestido de
hum pleno poder delRey Dom Manoel, sem mais
caracter, que o da sua grande pessoa; tratou o ne-
gocio com os Reys Catholicos de forte, que o con-
cluio brevissimamente, fazendo-se as Capitulações
em a Cidade de Burgos, onde os Reys se achavaõ,
nomeando da sua parte, com igual poder, ao Ar-
cebispo de Toledo D. Francisco Ximenes. Esta
Capitulaçaõ firmaraõ os dous Plenipotenciarios a 30
de Novembro do anno de 1496, e ratificaraõ os
Reys Catholicos no mesmo dia, mez, e anno, e
depois o Principe D. Joaõ, como se verá no num.
66 do Tomo II. das Provas, onde vay lançada com
a conclusaõ deste Tratado. Voltou D. Alvaro a
Portugal, e entrou na Cidade de Evora no princi-
pio do anno seguinte, onde ElRey estava, que o
recebeo com tantas demonstrações de affecto, co-
mo pedia o negoceado, em que se havia interessá-
do o gosto, e inclinaçaõ.

Effetuado nesta fórma o casamento delRey
Tom.X. E man-

Cron. dita Chron. capi:
24.

mandou por seu Embaixador aos ditos Reys a D. Joaõ Manoel, seu Camereiro môr, como veremos no Capitulo II. do Livro XII. Depois voltou a Castella o Senhor D. Alvaro, que com a sua prudencia, e authoridade, evitou algumas demoras, com que se retardava a jornada da Rainha, que El-Rey D. Manoel mostrava sentir: pelo que escreveu algumas Cartas de propria mão, em que referia o descontentamento, que lhe causava o retardar-se a jornada, o que D. Alvaro evitou com tanta efficacia, que o casamento se não dilatou, e se effectuou no mesmo tempo, que se havia ajustado, e a Rainha entrou neste Reyno no mez de Outubro de 1497. E porque logo depois de effectuada esta Real voda, se seguiu a morte do Principe D. Joaõ, herdeiro dos Reynos da Coroa de Castella, passou El-Rey D. Manoel com a Rainha D. Isâbel a serem jurados Principes herdeiros daquella Monarchia, sahindo de Lisboa a 29 de Março do anno de 1498, donde seguindo a sua jornada por Evora, Estremoz, e Elvas, entraraõ em Badajoz: entre os Senhores, que os acompanharaõ, foy D. Alvaro, que naquelles Reynos tinha grande authoridade, e de quem El-Rey tinha cabal conceito do seu prestimo, como da sua fidelidade; e he bem de admirar o talento, e verdade deste Senhor, que igualmente servia a huns, e outros Reys nos grandes negocios, que naquelle tempo occorreraõ, com reciproca satisfação. Faleceo a Rainha D. Isâbel no mesmo dia, em que de-

ra

ra a luz o Principe D. Miguel da Paz, que foy o de 24 de Agoſto do referido anno, e deixando-o em poder dos Reys Catholicos ſeus avós, voltou ElRey para Portugal, e o Senhor Dom Alvaro o acompanhou tambem neſta jornada.

Era já o anno de 1499 quando ElRey Dom Manoel paſſou ao Reyno do Algarve no mez de Outubro, acompanhado de muita parte da Corte, e fez trasladar com grande pompa o corpo delRey D. João ſeu primo, da Sé de Silves para o Real Moſteiro da Batalha: entre as grandes perſoas, que ſe acharão neſte acto, foy o Senhor D. Alvaro, e hum dos que pegaraõ no Ataúde, em que hia o corpo delRey, onde foy poſto, e ſendo levado com Real pompa à Batalha, onde ElRey tambem ſe achou no dia 27 de Outubro do referido anno, o collocaraõ no lugar onde jaz.

Referenda na Chronica
delRey D. João II. 1.^o
fim, pag. 130.
Gozes, Chronica delRey
D. Manoel, cap. 45.

Succedeo logo com pouco intervallo de tempo falecer em Granada o Principe Dom Miguel da Paz a 19 de Julho do anno de 1500, naõ contando mais que vinte e dous mezes: e ſendo preciso paſſar ElRey a ſegundas vodas, os Reys Catholicos deſejoſos da ſua amizade, lhe inſinuaraõ ſecretamente o goſto, que teriaõ de huma nova alliança com a Infanta D. Maria, porque a Infanta D. Joanna, que era a mais velha, eſtava já casada com Filippe Archiduque de Aulſtria. Ajuſtou-ſe finalmente eſte Tratado, impetrada a diſpenſa da Sé Apoſtolica, e havendo-ſe de fazer os deſpoſorios em Lisboa,

Tom.X.

E ii

paſſou

passou a Infanta huma Procuraçã ao Senhor Dom Alvaro, para em seu nome receber a ElRey Dom Manoel por seu marido por palavras de presente, o que se effeitou em hum Domingo 24 de Agosto do anno de 1500, em que D. Alvaro logrou a mais estimavel honra, que cabia em hum Vassallo. No fim de Outubro do mesmo anno entrou a Rainha por Moura, nomeou ElRey ao Duque de Bragança para a entrega, como deixamos dito em seu lugar, e entre os Senhores, que mandou assislr a este acto, foy o Senhor D. Alvaro, porque ElRey se agradava sempre do seu serviço; levou consigo seu filho D. Rodrigo de Mello, moço de pouca idade, mas de grande espirito. No anno seguinte de 1501 a 18 de Janeiro, estando Dom Alvaro em Lisboa, celebrou hum contrato de compra com D. Diogo Lobo, II. Barão de Alvito, das terras, e Quinta de Agua de Peixes, que era do Termo de Vianna, onde recorriaõ em todas as suas causas civeis, e crimes, isentos do Conselho de Alvito desde o tempo delRey D. Affonso V. o que o Barão fez com consentimento da Baroneza D. Joanna de Noronha sua mulher, vendendo desde aquelle dia para sempre a D. Alvaro, e D. Filippa de Mello sua mulher, e para todos os seus herdeiros, e successores, toda a jurisdicção, e direitos, que elles tinhaõ na Quinta de Agua de Peixes, e tudo o que elles pertendiaõ ter nas herdades, que D. Filippa de Mello tinha no Termo de Alvito, que forão do Conde de Oliven-

Torre do Tomb. Chancelaria delRey D. João III, liv. 3. pag. 161.

Oliveira seu pay, cedendo assim ella, e seu marido da sentença, que o dito Conde alcançara sobre a jurisdicção commettida aos Juizes de Vianna, que elles conservariaõ na mesma posse, com tanto, que os moradores de Alvito lograssem as terras vizinhas na mesma tranquillidade, em que estavaõ; e juntamente vendeo o Barão a Azenha velha com a terra, que hia entre a levada, e a Agua das Fontes, com o direito civil, e crime, as quaes cousas, jurisdicção, direitos, e senhorio, venderaõ pelo preço de duzentos e cincoenta mil reis. Este contrato confirmou ElRey Dom Manoel por huma Carta, na qual se incorporou em Lisboa a 13 de Setembro de 1501. Por outra compra ajuntou Dom Alvaro aos bens patrimoniaes da sua Casa a Villa de Albergaria, que comprou às Freiras de Santa Clara de Béja, de que se celebrou Escritura a 17 de Dezembro de 1503 por seu Procurador Diogo Barbosa, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e D. Violante de Moura Abbadessa, e mais Religiosas, pelo preço de duzentos mil reis; e diz a Escritura, para que pudessem comprar bens mais aventajados, tanto importava a referida quantia naquelle tempo. O que ElRey confirmou na Villa de Almeirim a 14 de Março de 1516, e depois ElRey D. João III. em Thomar a 17 de Agosto de 1523. Voltou depois o Senhor Dom Alvaro a Castella, não achámos o motivo desta jornada, e faleceo em Toledo a 4 de Março do anno de 1504, e sendo de-

[côsta.

Dito livro, pag. 158.
verá

positado naquella Cidade, foy depois trasladado para Evora, e collocado no Convento dos Conegos da Congregaçõ de S. Joaõ Euangelista, junto com a Condessa sua mulher, como elle havia ordenado no seu Testamento, onde jazem sem mais Epitafio, que sobre as sepulturas as suas effigies de pedra.

O Cão aberto na terra,
liv. 2. cap. 32. p. 49^o.

Da sua piedade será eterno padraõ o referido Convento, (onde deixou huma Missa quotidiana pela sua alma, e de sua esposa) o qual elle erigio juntamente com seu sogro o Conde D. Rodrigo, a que depois fez diversas esmolas, como refere o Padre Francisco de Santa Maria na Chronica da sua Congregaçõ, que imprimio no anno de 1697, ficando depois por Fundadores, e Padroeiros os Marquezes de Ferreira seus successores, e como taes se serviaõ dos Conegos daquella Casa como de intimos, e familiares Capellaens, por repetidas vezes, em occasioens de pezames, ou nascimentos dos filhos, em que foraõ mandados por aquelles Senhores a diversas partes do Reyno, e de Castella, como diz o mesmo Author; gozando tambem estes Senhores naquelle Convento de huma prerogativa muy especial, que he, que na Missa da Terça na Collecçaõ onde se diz: *Et famulos tuos*, se nomeavaõ os Marquezes, e depois nomearaõ os Duques de Cadaval seus successores, graça concedida por hum Breve especial do Papa, e consentimento dos Reys, preeminencia taõ singular, que naõ temos noticia de

Dito livro cap. 35. p. 52^o
504.

de outra semelhante, fóra dos Soberanos, senão os Sereníssimos Duques de Bragança, que o pareceraõ sempre, como dissemos em seu lugar. E porque depois parece, que houve alguma omisãõ naquelle Convento, o Duque de Cadaval D. Nuno, I. do nome, e a Marqueza de Ferreira sua mãy, se queixaraõ ao Geral, e Congregaçaõ dos Conegos de S. Joaõ Euangelista, sendo Geral o Reverendissimo Padre Joaõ do Espirito Santo, que junto com os Deputados do seu Conselho, assentaraõ se não devia alterar huma posse taõ antiga, em que estavaõ aquelles Senhores de os nomearem na Collecção da Missa da Terça; assim o dito Geral o mandou em virtude de obediencia aos seus subditos na visita do anno de 1656 para que não faltassem a esta obrigaçaõ, que pontualmente cumprem. Finalmente deixou o Senhor D. Alvaro engrandecido o seu nome na sua esclarecida posteridade, porque as suas excellentes virtudes, entre os mayores contrastes da fortuna, não se offuscaraõ, mas brilhaõ entre os mesmos infortunios, assim veyo a conseguir no Templo da heroicidade distincto nome, porque sobre valeroso, agradável, foy taõ serio, e prudente, que sendo o mais moço de todos os seus irmãos, era de todos respeitado, e attendido, o que logrou em toda a parte onde estive; porque o modo, e subdordia, com que tratava as pessoas, o fizeraõ amado, ao que ajuntou huma incomparavel fidelidade, como succintamente temos referido: pelo que mere-

Prova num. 7.

ceo

ceo louvores em toda a Historia daquelle tempo : e agora coroaremos a sua memoria, para que sirva de Epitafio o caracter , que delle fez o Padre Dom Joseph Barbosa na Dedicatoria, que fez a hum seu sexto neto , que anda naquelle celebre entosiasmo Poetico *Archiatheneum Lusitanum*, onde diz:

*Alvarus en proles Ferrandi tertia primi:
 Qui vult à teneris horrida castra sequi.
 Arder agit juvenem Mavortius; ardua queque
 Appetit, ut gnatum se probet esse Patris.
 Alvarus at quamvis cupiat se exponere bello,
 Persequi & impavido pectore tentet Afros:
 Argumenta novi quamvis det certa Gralivi,
 Terreat & Pænos nominis umbra sui:
 Non patitur fortuna; rotam delira fugaci
 Orbe levem girat; non habet illa fidem.
 Fratrem namque videns conjectum in vincla, Joannis
 Jussu, qui Lyfæ patria Sceptra regit,
 Territus Hispanam subito petit Alvarus Aulam,
 Ut simili clarus stemmate quærat opem.
 Decipit haud illum memoris sententia mentis,
 Nec solet ut misæris, irrita vota cadunt.
 Elisabeth filio quæ tunc dominatur Ibero,
 Exulis ossimili sanguine clara micat.
 Alvarus excipitur quanto fugitivus honore!
 Affini quantum detulit illa decus!
 Eximio Domini titulo insignivit, & alto
 Castellæ illustrat munera Magna viro.*

Regia

Regia sed postquam deferbuit ira Joannis,
 Ivit & in ventos languida vita leves;
 Volvitur extemplo Lyfius sine murmure pontus;
 Lenis & immites aura serenat aquas.
 In patrios redit ille lares, & jussa faceffens,
 Optatas cunas Emmanuelis adit.
 Tunc deerat proles Rodericus mascula Mello,
 Quem celebrem reddunt splendor, & arma virum.
 Unicus antiqua pendebat ab arbore fructus,
 Æquè divitiis, ac decoratus Avis.
 Mello erat excelsas inter clarissima kirpes,
 Munera seu recolas, tempora sive putes.
 Alvaro, ut egregiæ turgescant germina gentis;
 Fœdere conjugii clara Philippa datur.
 Altius haud poterat consurgere Mellia proles,
 Nam Brizantino stemmate nixa virescit.
 Conjugium oh! felix! felix Hymenæe! feracem
 Multiplici gnato qui facis esse Patrem.

Casou no anno de 1479 com D. Filippa de Mello, que entendemos falecer no anno de 1516, porque naquella anno se encartou o Conde de Tentugal em os Estados, em que lhe succedera, como adiante diremos: era filha herdeira de Dom Rodrigo Affonso de Mello, I. Conde de Olivença, que jaz no mesmo Convento, onde tem o seguinte Epitafio:

Aqui jaz o magnifico Senhor D. Rodrigo de Mello, Conde de Olivença, o
 Tom.X. F pri-

primeiro Capitaõ, e Governador que foy de Tangere, e finou-se a 25 dias de Novembro, era de 1487 annos.

E da Condessa D. Isabel de Menezes, que jaz na dita Igreja, onde se lê o seguinte Epitafio:

Aqui jaz a muito virtuosa Senhora D. Isabel de Menezes, Condessa de Olivença, finou-se a 12 dias do mez de Abril de 1482.

Dos quaes já deixamos feito memoria. Concorreaõ na Condessa D. Filippa sobre grande qualidade, e dote, tantas virtudes, que a fizeraõ muy estimada de seu esposo, a quem com constancia seguiu nas suas adversidades, tolerando as semrazoens, com que o via perseguido, com verdadeira Christandade: e parece, que Deos abençoou a sua posteridade, estabelecendo duas taõ grandes Casas, huma em Portugal, e outra em Hespanha em seus dous filhos, como adiante diremos. Desta excelsa uniaõ nasce- raõ os filhos seguintes:

13 D. RODRIGO DE MELLO, I. Conde de Tentugal, e Marquez de Ferreira, occupará o Capitulo IV.

13 DOM JORGE DE PORTUGAL, I. Conde de Gelves, e a sua esclarecida posteridade será tratada

tada na II. Parte deste Livro , Capitulo I.

13 D. ISABEL DE CASTRO, Condeſſa de Bel-alcaçar, como ſe verá no Capitulo II.

13 D. BRITES DE VILHENA , Duqueza de Coimbra, cuja deſcendencia occupará o Livro XI.

13 D. JOANNA DE VILHENA , Condeſſa de Vimioſo , cuja deſcendencia ſe verá na Parte III. deſte Livro, Capitulo I.

13 D. MARIA DE MENEZES , Condeſſa de Portalegre , de quem faremos menção no Capitulo III.

D. Philippa
de Mello,
Condessa de
Oliveira,
casou com
o Senhor
D. Alvaro.

Dom Rodrigo
Affonso de Mello, I.
Conde de Oli-
veira, Guar-
da-mór do Rey
Dom Affonso,
I. Capitão de
Tangere, +
em 25 de
Novembr. de
1487.

D. Margarida de
Vilhena.

A Condessa
D. Isabel de
Menezes, +
a 12 de Abril
de 1482.

Ayres Gomes da
Silva, III. Sen-
hor de Vagos,
Unhão, Cepaes,
&c. Regedor das
Justiças, achou-
se no anno de
1449 na bata-
lha de Alfarro-
beira.

Dona Brites de
Menezes, segun-
da mulher.

Dom Martim de
Menezes, II. Sen-
hor de Cantanhe-
de.

D. Theresá Vas-
ques Coutinho.

João Gomes da
Silva, II. Sen-
hor de Vagos, &c. Ri-
co-homem, Co-
peiro-mór del Rey
D. João I. e do seu
Conselho, Embaix-
ador a Castella,
+ a 26 de Março
de 1444.

D. Margarida Coe-
lho.

Vasco Martins de
Mello, Senhor da
Castanheira, Póvos,
&c. Guarda-mór del
Rey D. Fernando.
D. Theresá Correa.

Martim Affonso
de Mello, Senhor
de Arega, Guarda-
mór del Rey Dom
João I.

D. Brites Pimen-
tel.

João Affonso Pimen-
tel, Senhor de Bran-
gança, e I. Conde
de Benavente.
D. Joanna de Mene-
zes.

Vasco Fernand. Cou-
tinho, Senhor do
Couto de Leomil,
Meirinho-mór.
D. Brites Gonçalves
de Moura, Aya da
Rainha D. Filippa.

Dom Henrique Ma-
noel, Conde de Ces-
e Cintra.

A Condessa D. Brites
de Soula.

Gonçalo Gomes da
Silva, Rico-homem,
I. Senhor de Vagos,
de Montemor o Vel-
ho, &c. Embaix-
ador a Roma, + em
1424.

D. Leonor Gonçal-
ves Coutinho.

Egas Coelho, Sen-
hor de Montalvo,
Mestre Sallia da Ca-
sa Real.

D. Mayor Affonso
Pacheco.

Dom Gonçalo Telles
de Menezes, Conde
de Neiva, e Faria,
I. Senhor de Cantan-
heide, &c. irmão
da Rainha D. Leonor
Telles de Menezes.
A Condessa D. Ma-
ria de Albuquerque.

Vasco Fernand. Cou-
tinho, Senhor do
Couto de Leomil,
D. Brites Gonçalves
de Moura.

Martim Affonso de Mello, IV. Sen-
hor de Mello.
D. Marinha Vasques, filha de Elle-
vao Soares, Senhora da Allergaria,
segunda mulher.
Gonçalo Gomes de Azevedo, Al-
leres-mór.
Mór Ellevos.

Rodrigo Affonso Pimentel, Com-
mandador-mór de Santiago.
D. Lourença da Fonseca, filha de
Lourenço Vasques da Fonseca.

Martim Affonso Tello de Mene-
zes.

D. Altonça de Vasconcellos.

Fernão Martins da Fonseca, Senhor
do Couto de Leomil.
Theresá Pires Varela, filha de Pe-
tro Annes Palha.

Gonçalo Vasques de Moura, IV.
Alcaide-mór de Moura, Guarda-
mór del Rey D. Affonso IV.
D. Ignes Alvares, filha de Alvaro
Gonçalves de Sequeira.

D. João Manoel, filho do Infante D.
Manoel, neto del Rey S. Fernando
III. de Castella.

D. Ignes de N.

D. Pedro Affonso de Soula, Rico-
homem.

D. Elvira Annes, filha de D. João
Pires de Nova.

João Gomes da Silva, Senhor da
Casa de Silva, chamado o Felbo.
D. Constança Gil de Iola, filha de
Gil Rodrigues Iola.

Gonçalo Martins da Fonseca, Sen-
hor do Couto de Leomil.

D. Joanna Martins de Mello, filha
de Martim Affonso de Mello, IV.
Senhor de Mello.

Pedro Coelho, Senhor de Carape-
zos.

D. Aldonça Vasques Pereira.

Alonso Lopes Pacheco.

N. :

D. Martim Affonso Telles de Me-
nezes.

D. Aldonça de Vasconcellos, filha
de Joanne Mendes de Vasconcellos.

João Affonso de Albuquerque,
Ayo, e Mordomo-mór del Rey D.
Pedro o Cruel de Castella.

Maria Rodrigues Barba.

Fernão Martins da Fonseca, Senhor
do Couto de Leomil.

D. Theresá Pires Varela.

Gonçalo Vasques de Moura, IV.
Alcaide-mór de Moura.

D. Ignes Alvares.

CAPITULO II.

De Dona Isabel de Castro, Condeſſa de Belalcaçar.

13 **C**Om a occasião da Condeſſa D. Filipa de Mello paſſar de Portugal para a Corte dos Reys Catholicos, onde eſtava o Senhor D. Alvaro ſeu eſpoſo, levou ſeus filhos, como diſſemos no Capitulo antecedente. Era D. Iſabel de Caſtro a primeira na ordem do nascimento entre ſuas irmãs, e taõ favorecida de ſua mãy, que não quiz largar a ſua companhia, quando aquella Senhora ſe vio obrigada a deixar neſte Reyno a huma de ſuas filhas. A Rainha Catholica D. Iſabel a pedio logo a ſeus pays para ſua Dama, inſinuando, que por conta do ſeu cuidado corria o ſeu eſtado, e tratando-a com particular carinho, com todas as demonſtrações de eſtimação; a meſma Rainha tratou o ſeu caſamento, que effeitou. com D. Alonſo de Sottomayor, IV. Conde de Belalcaçar, em quem concorria illuſtriſſima qualidade, e riqueza: pelo que naquelle tempo foy muy pertendida a ſua alliança, que a authoridade da Rainha facilitou pelo parenteſco, que tinha com D. Iſabel, e o Conde com ElRey ſeu marido. Era o Conde D. Alonſo filho de D. Gutierre de Sottomayor, III. Conde de Belal-

*Jeronymo de Apenle,
Luzero de la Noblez,
m.c.*

Belalcaçar, que morreo no anno de 1485, e de sua mulher D. Theresá Henriques, prima com irmãa delRey D. Fernando o Catholico, porque era filha de Dom Alonfo Henriques, III. Almirante de Castella, Conde de Melgar, irmão inteiro de D. Joanna Henriques, Rainha de Navarra, e Aragaõ, segunda mulher delRey D. Joaõ II. de Navarra, e Aragaõ, e foraõ pays delRey D. Fernando o Catholico, de quem era sobrinho D. Alonfo de Sotomayor, IV. Conde de Belalcaçar, Senhor das Villas de la Puebla de Alcozar, Belalcaçar, Herteira, Fuenlabranda, Vilharta, Elechosa, e los Bodonales. Celebrou-se o tratado deste matrimonio na Villa de Medina del Campo com consentimento de D. Maria de Velasco, mulher que fora de D. Alonfo Henriques, Almirante de Castella, sua avó, Tutora, e Administradora. Deulhe o Senhor D. Alvaro em dote seis contos de maravediz, que seriaõ pagos em tres annos completos, depois de effectuado o matrimonio, na fórma seguinte: dous contos antes de se receberem, hum conto e meyo, hum anno depois de contraido o tal matrimonio, hum conto e meyo no anno seguinte, e hum conto no terceiro anno depois de desposados; com condiçaõ, que no caso delRey dar alguma cousa para o dote de sua filha, seria diminuida toda a quantia na conta do dote promettido, de forte, que naõ seria seu pay obrigado a mais que a prefazer, o que faltasse para cumprimento dos seis contos, o qual dote seria para

ra delle dispor a futura esposa: porque no caso, de que morresse sem filhos, tornaria a seu pay, mãy, ou herdeiros. O Conde jurou de cumprir tudo o que por huma, e outra parte se estipulara, pelo que o Senhor D. Alvaro, e sua mulher lhe prometterão mais hum conto de maravediz, além dos declarados, que teria effeito quatro annos depois de effeituada esta voda: e o Conde seguiu o dote, hypothecando para o seu pagamento, com faculdade Real, a sua Villa de la Puebla de Alcocer com a sua Fortaleza, rendas, e Vassallos, com todas as circunstancias costumadas: foy outorgada esta Escriitura a 19 de Junho do anno de 1497, a qual vimos, e se conserva no Archivo da Serenissima Casa de Bragança: com effeito neste mesmo anno se celebrou esta esclarecida uniaõ, que em tudo foy ditosa, e na fecundidade desta Senhora, como logo se verá na sua illustissima posteridade. Achou-se o Conde nas Cortes, que se celebraraõ em Toledo, quando a Infanta D. Joanna foy jurada com seu marido o Archiduque Philippe, Principes herdeiros da Coroa de Castella, pela morte do Principe D. Joaõ, e entre os Senhores, que entaõ puzeraõ mesas, e appareadores no pateo del Alcazar, e na sala grande dos Reis, em que haviaõ de ceiar com os Principes, e dar para cada mesa seis peruns somente, porque o mais tocava àquelles grandes Senhores, de que hum foy o Conde D. Alonfo, que poz huma mesa muy abundante de iguarias, com rica baixella, e tudo muy

Alonso Telles de Menezes, part. 2. De los
Relaciones de los Solaris,
 y *Casas de España,*
 m. l.

muy luzido, como escreve D. Alonso Telles de Menezes. Passado algum tempo depois daquella função, o Conde movido de diferentes pensamentos, penetrado da falta da companhia de sua amada esposa, abdicou o Condado com todos os seus Eitados, entregando a administração da sua Casa a seu filho, ainda que de curta idade, se recolheu no Convento de S. Francisco del Monte. Desta esclarecida união nascerão os filhos seguintes:

14 D. LUIZ DE SOTTOMAYOR,

14 D. ANTONIO DE SOTTOMAYOR, que ambos falecerão de curta idade.

* 14 D. FRANCISCO DE SOTTOMAYOR, Conde de Belalcaçar.

14 D. FILIPPA, a quem deraõ o nome de sua avó materna, e tambem não teve estado.

Duques de Bejar.

Haro, part. 2. cap. 6.
 pag. 194.

Inhoff, *Geneal. vigin-
 ti Illustrum in Hisp.*
Famil. pag. 355. Tab.
 III.

Salazar, *Histor. de la
 Casa de Lara*, tom. 2.
 liv. 8. cap. 6. pag. 144.

* 14 D. FRANCISCO DE SOTTOMAYOR, foy o terceiro filho na ordem do nascimento, succedeo na Casa por morte de seus irmãos D. Luiz, e D. Antonio. Foy V. Conde de Belalcaçar, Visconde de la Puebla de Alcocer, Chofa, e de los Bodonales. Foy tambem III. Duque de Bejar, Marquez de Gibraleon, e de Ayamonte, Conde de Banhares, Justiça mayor de Castella por casar com D. Thereza de Zuniga, III. Duqueza de Bejar, Marqueza de Ayamonte, Condesa de Banhares, Senhora de Gibraleon, Capilha, Burgos, e de outros grandes Estados de seus avós, que no anno de 1533 herdou por morte de seu tio Dom Alvaro de Zuniga, II.

Du-

Duque de Bejar, Conde de Banhares, Cavalleiro do Tufão, e Justiza mayor de Castella, que morreo no anno de 1532. Faleceo a Duqueza em Sevilha a 25 de Novembro de 1565, era filha herdeira de D. Francisco de Zuniga e Gusmao, Conde de Ayamonte, Senhor de Lege, e Redondella, depois I. Marquez de Ayamonte, e de D. Leonor Manrique de Castro sua mulher, filha primeira de D. Pedro Manrique de Lara, I. Duque de Naxera, II. Conde de Trevinho, Senhor de Amusco, Navarrete, e outras muitas terras, Adiantado mayor, e Notario mayor do Reyno de Leaõ, Thesoureiro mayor de Biscaya, Capitaõ General das Fronteiras de Aragoã, Navarra, e Jaen, que faleceo na sua Villa de Navarrete no primeiro de Fevereiro de 1515, e da Duqueza D. Guiomar de Castro, que faleceo em Toledo no mez de Março de 1506, filha de Dom Alvaro de Castro, I. Conde de Monsanto, Senhor de Ançaõ, de S. Lourenço de Bairro, e outras muitas terras, Alcaide mór de Lisboa, e Camereiro mór delRey D. Affonso V. que morreo gloriosamente em Arzila a 24 de Agosto do anno de 1471, e da Condesa D. Isabel da Cunha, Senhora de Cascaes, e Lourinhã, &c. filha de D. Affonso, Senhor de Cascaes, neto delRey Dom Pedro I. e por esta linha estava Dona Guiomar dentro no quarto grao de consanguinidade com ElRey D. Henrique IV. que lhe dava o tratamento de prima, como adiante diremos. Xyflo Tavares, Damiao de Goes,

Tom.X.

G

D.

D. Antonio de Lima, e outros Nobiliarios Portuguezes, que sem averiguação seguirão a estes primeiros, fazem filha illegitima do Conde de Monsanto a Duqueza D. Guiomar de Castro, equivocando-se tal vez com outra Senhora do mesmo nome, que passou a Castella na sua companhia por Dama da Rainha D. Joanna, e poderia ser filha illegitima do Conde D. Alvaro, se a teve deste nome, como os referidos Authores dizem. Dom Luiz de Salazar e Castro, com a sua profunda erudição historica, mostra a differença de huma a outra com a Chronologia, porque a Duqueza D. Guiomar, então sómente Condessa de Trevinho, casou com o Conde de Trevinho nos principios de Mayo do anno de 1465, à qual ElRey D. Henrique IV. deu de dote oitocentos mil maravediz, como se vê da Escriitura, que produz nas Provas o mesmo Salazar na pag. 304, onde diz: *Por quanto mediante la gracia de Nuestro Señor Dios, fue, y estrabado, e concertado casamiento entre vós D. Pedro Manrique, Conde de Treviño, e de nuestro Consejo, con D. Guiomar de Castro, fija del Conde D. Alvaro de Castro, mi prima, à la qual por le fazer bien, y merced por el debdo, y parentesco, que con ella tengo, y muchos, y agradables servicios, que me fizo, que son a mi publicos, y notorios, y porque casasse, y consumissee con vós matrimonio, segun manda la Madre Santa Iglesia, le di, y fice merced de 800 U m. rs. de juro de heredad, &c.* Foy feita em Sevilha a 7 de Março de 1465.

1465. Do referido Documento se vê, que ElRey lhe dava o tratamento de prima, o que não podia ser por outra linha senão a delRey D. Pedro I. de Portugal, que acima contámos, a qual honra de tratamento não tinha o Conde seu marido, nem em Hespanha era usada senão àquelles, que immediatamente procediaõ da Casa Real, como mostra o insigne Salazar de Castro. Que no Reynado del-Rey D. Henrique houvesse duas Senhoras Portuguezas do mesmo nome, que passaraõ a Castella com a Rainha D. Joanna, se vê claramente, distinguindo-se huma de outra, com o que escreveo Alonso de Palencia na Chronica do dito Rey, Author coetaneo, que poem o casamento de D. Guiomar de Castro no anno X. que he o de 1465, que elle vio, como refere no Capitulo LVII. da primeira Parte, e depois na segunda Parte, Capitulo III. referindo, que a Rainha D. Joanna sahira occultamente da Fortaleza de Alaejos a Cuelhar no anno de 1468, diz, que a acompanharaõ tres donzellas Portuguezas, que foraõ D. Filippa da Cunha, D. Isábel de Tavora, e a terceira D. Guiomar de Castro: este caso foy tres annos depois da Condesa D. Guiomar estar casada com o Conde de Trevinho, tempo, em que a Condesa estava já na desgraça da Rainha; nem menos aquelle Author lhe chamaria donzella, porque D. Guiomar não só estava casada com o Conde de Trevinho, mas com successo, como se vê do Tratado Matrimonial de sua filha

D. Leonor Manrique com D. Fernando de Ayala, primogenito daquela Casa. Porém o que tira totalmente toda a duvida, he o Testamento da Duqueza D. Guiomar de Castro, outorgado em o anno de 1490, em que diz ser filha da Condesa Dona Isabel, e do Conde D. Alvaro, o qual produziu a incançavel applicação do eruditissimo D. Joseph de Pellicer e Tovar no *Memorial da Grandeza do Conde de Miranda*, pag. 84, para mostrar a legitimidade da Duqueza D. Guiomar de Castro, refutando o erro dos que privaraõ a esta grande Senhora de ser filha do thalamo dos Condes de Monsanto, negando-lhe a honra de taõ esclarecida linha à sua illustissima posteridade. Desta uniaõ de D. Francisco de Sottomayor, que faleceo em 1544, com D. Theresia de Zuniga, III. Duqueza de Bejar, nasceraõ os filhos seguintes:

15 D. MANOEL DE ZUNIGA SOTTOMAYOR; Marquez de Gibraleon, que morreo sem successaõ.

15 D. ALONSO DE ZUNIGA E SOTTOMAYOR, filho segundo, foy por morte de seu irmaõ Marquez de Gibraleon. Casou com D. Francisca de Cordova, que depois por morte de seu irmaõ foy III. Duqueza de Sessã, e de Baena, Condesa de Cabra, e Viscondessa de Isnajar, filha de D. Luiz Fernandes de Cordova, IV. Conde de Cabra, Visconde de Isnajar, Senhor de Baena, e D. Elvira de Cordova, II. Duqueza de Sessã, e de Sant-Angel, filha herdeira do Graõ Capitaõ Gonçalo Fernandes de

de Cordova , Duque de Terra-Nova , de Sessa ; Sant-Angel , e Torre-Mayor , Marquez de Bitonto , Principe de Jafa , de Venosa , de Esquilache , e de Andria , Graõ Condestavel de Napoles , e morreo sem successão em 24 de Fevereiro de 1559.

* 15 D. FRANCISCO DE ZUNIGA SOTTOMAYOR, IV. Duque de Bejar , com quem se continúa.

* 15 DOM ANTONIO DE GUSMAÕ E ZUNIGA , Marquez de Ayamonte , §. II.

15 D. MANRIQUE DE ZUNIGA , que faleceo sem geração.

* 15 D. ALVARO DE ZUNIGA , Marquez de Villa Manrique , §. IV.

15 D. PEDRO DE ZUNIGA , que casou com D. Leonor de Recalde , filha herdeira de D. Lopo Ibanhes de Recalde , Senhor de Recalde em Guipuscoa , e de Dona Leonor de Savedra , cuja uniaõ durou o curto espaço de treze dias , e ficando sem successão , foy depois Marqueza de Berlanga por casar com D. Joaõ de Velasco e Tovar , Marquez de Berlanga.

15 D. DIOGO LOPES DE ZUNIGA , de quem Salazar de Castro ignorou o estado.

* 15 DONA LEONOR MANRIQUE DE SOTTOMAYOR , que casou com D. Joaõ Alonfo Peres de Gusmaõ , IX. Conde de Niebla , como se verá adiante no §. V.

* 15 D. FRANCISCO DE ZUNIGA E SOTTOMAYOR , que foy o terceiro filho , veyo a succeder
na

na Casa , e foy IV. Duque de Bejar , Marquez de Gibráleon , Conde de Belalcaçar , e Banhares , Justiça mayor de Castella , e Senhor dos mais Estados de ambas as Casas. Casou a primeira vez com D. Guiomar de Mendoça , filha de D. Inigo Lopes de Mendoça , IV. Duque do Infantado , &c. e da Duqueza D. Isabel de Aragoão , filha de D. Henrique de Aragoão , I. Duque de Segorbe , o Infante Fortuna , e tiverão

* 16 D. FRANCISCO DIOGO DE SOTTOMAYOR V. Duque de Bejar , com quem se continúa.

* 16 D. THERESA DE ZUNIGA , Duqueza de Arcos , mulher de Dom Rodrigo Ponce de Leon , III. Duque de Arcos , de quem se fará adiante menção em seu lugar , no 2. III.

Casou segunda vez com D. Brianda Sarmento de Lacerda , filha de Diogo Sarmento de Villa-Mayor e Lacerda , (primogenito do Conde de Salinas e Ribadeo) e de D. Anna Pimentel , filha de D. Joáo Fernandes Manrique , III. Marquez de Aguilar , V. Conde de Castanheda , e de D. Branca Pimentel , sua segunda mulher , e tiverão

16 D. ANNA FELIX DE GUSMAO E ZUNIGA , que casou com seu primo com irmão o Marquez de Ayamonte D. Francisco de Gusmao.

16 D. ISABEL DE ZUNIGA E LACERDA , que não sabemos , que tomasse estado.

* 16 D. FRANCISCO DIOGO LOPES DE ZUNIGA E SOTTOMAYOR , foy V. Duque de Bejar , Marquez

quez de Gibraleon, Conde de Belalcaçar, e Banhares, Visconde de la Puebla de Alcocer, Justiça Mayor de Castella, e Senhor dos mais Estados, que se unirão à sua Casa, Cavalleiro do Tufão. Casou com sua prima com irmã D. Andrea de Gusmao, filha dos Condes de Niebla, e tiverão os filhos seguintes:

17 D. FRANCISCO DE ZUNIGA E SOTTOMAYOR, que sendo successor da Casa, tomou o habito de Religioso da Ordem do Patriarca S. Domingos, renunciando a Casa em seu irmão.

* 17 D. AFFONSO, VI. Duque de Bejar, adiante.

17 D. JOAÕ MANOEL DOMINGOS DE GUSMAO E ZUNIGA, de quem nos não constou o estado.

17 D. GUIOMAR DE MENDOÇA, que não sabemos o estado.

17 D. MARIA ANDREA E GUSMAO, Freira.

17 D. BRIANDA DE ZUNIGA, Marquiza de Ayamonte, mulher de D. Antonio de Gusmao, V. Marquez de Ayamonte, seu primo com irmão, como já se disse.

17 D. THERESA, e D. LEONOR DE ZUNIGA, foram Freiras no Mosteiro de Gibraleon.

* 17 D. AFFONSO DIOGO LOPES DE ZUNIGA E SOTTOMAYOR, succedeo na Casa por renuncia de seu irmão, foy VI. Duque de Bejar, Conde de Belalcaçar, e Banhares, Marquez de Gibraleon, Vis.

Visconde de la Puebla de Alcocer, Justiça mayor de Castella, e Cavalleiro do Tufão, morreo no anno de 1620. Casou em vida de seu pay com D. Joanna de Mendoça sua prima segunda, filha do Duque de Infantado D. Inigo Lopes de Mendoça, a qual depois de viuva tomou o habito das Carmelitas Descalças no Mosteiro de Sevilha, aonde foy Priora, e tiveraõ dous filhos.

18 D. MARIA DE ZUNIGA, que morreo menina.

* 18 D. FRANCISCO DIOGO LOPES DE ZUNIGA E SOTTOMAYOR, foy VII. Duque de Bejar, Conde de Belalcaçar, e Banhares, Marquez de Gibrleon, Visconde de la Puebla de Alcocer, Justiça mayor de Castella, Cavalleiro do Tufão, &c. Casou duas vezes, a primeira no anno de 1616 com D. Anna de Mendoça sua prima com irmã, Duquesa de Mandas, de Vilhanueva, Marqueza de Terra-Nova, Estados no Reyno de Sardenha, filha herdeira do Duque D. Joaõ Furtado de Mendoça, e de D. Anna de Mendoça, VI. Duquesa do Infantado, de quem foy segundo marido, e tiveraõ os filhos seguintes:

19 D. AFFONSO LOPES DE ZUNIGA SOTTOMAYOR E MENDOÇA, VIII. Duque de Bejar, de Mandas, de Vilhanueva, Conde de Belalcaçar, e de Banhares, Marquez de Gibrleon, Terra-Nova, Visconde de la Puebla, Justiça mayor de Castella. Casou com D. Victoria Ponce de Leon, filha de D.

D. Rodrigo, IV. Duque de Arcos, sem successão.

* 19 D. JOÃO DE ZUNIGA, IX. Duque de Bejar.

19 D. DIOGO DE ZUNIGA, Marquez de la Puebla de Lorian, como adiante se verá.

19 D. JOSEPH DE ZUNIGA, que foy o quarto filho deste matrimonio, foy Carmelita Descalço.

19 D. JOANNA DE ZUNIGA, Duqueza de Escalona, mulher do Duque D. Diogo Roque Lopes Pacheco, como fica dito no Capitulo XVI. do Livro VI. pag. 281 do Tomo VI.

Casou segunda vez com D. Francisca de Lacerda, que depois de viuva, foy segunda mulher de D. Alvaro Peres Osório, IX. Marquez de Astorga, filha de D. João Pacheco, II. Conde de la Puebla, de Montalvan, e da Condessa D. Isabel de Mendoça, e Aragaõ, de quem teve.

19 D. FRANCISCO DE ZUNIGA, que servindo nos Exercitos de Flandes, morreo moço.

19 D. ISABEL DE ZUNIGA, que foy Freira en las Huelgas de Burgos.

* 19 D. JOÃO DE ZUNIGA E SOTTOMAYOR E MENDOÇA, foy o filho segundo do primeiro matrimonio do Duque D. Francisco, e ao principio se intitulou Marquez de Valero por merce del Rey Philippe IV. e por morte de seu irmão foy IX. Duque de Bejar, de Mandas, de Vilhanueva, Conde de Belalcaçar, e Banhares, Marquez de Gibrleon, e Terra-Nova, Visconde de la Puebla, Justiça mayor de

Tom.X.

H

Caf-

Casa de Sylva, tom.
2.º, liv. 1.ª, cap. 5.º

Castella. Casou com D. Theresá Sarmento de Lacerda, irmã de D. Jayme Francisco de Sarmento da Sylva, IV. Duque de Hija, &c. filha de Dom Rodrigo Sarmento da Sylva, e Vilhandrando, Conde de Salinas, e de Ribadeo, II. Marquez de Alenquer, Gentil-homem da Camera delRey Philippe IV. de Castella, e de Dona Isabel Margarida, III. Duqueza de Hija, de Lezara, de Alaga, Condesa de Belchit, de Wolfogona, Viscondessa de Ilha, Canhet, Anhet, Ehol, e Alquerforadat, filha herdeira de Dom Joaõ Francisco Christovaõ Luiz Fernandes de Hija, Duque de Hija, &c. e de D. Francisca de Castro e Pinos e Fenollet, III. Condesa de Wolfogona, &c. e tiveraõ

20 D. MANOEL DIOGO LOPES E ZUNIGA, X. Duque de Bejar, de quem logo se dirá.

20 DOM BALTHASAR DE ZUNIGA GUSMAõ SOTTOMAYOR E MENDOÇA, I. Duque de Arion, Grande de Hespanha, Marquez de Valero, Aya-monte, e Alenquer, Gentil-homem da Camera delRey D. Philippe V. (já o havia sido delRey Dom Carlos II.) seu Sumilher de Corps, Vice-Rey, e Capitaõ General de Valença, Navarra, Sardenha, de Mexico, e Nova Hespanha, Mordomo môr da Rainha D. Isabel de Orleans, mulher delRey Luiz I. Presidente do Conselho de Indias, que morreo em Madrid sem successaõ; succedeo no seu Estado, e grandeza seu sobrinho Dom Francisco Pimentel e Zuniga, filho de sua irmã D. Manuela de Zuni-
ga,

ga , Condessa de Benavente , como adiante diremos.

20 D. MANUELA DE ZUNIGA , Condessa de Benavente , por casar no anno de 1677 com D. Francisco Antonio Casimiro Pimentel , XII. Conde de Benavente , com successão , como diremos em seu lugar.

* 20 D. MANOEL DIOGO LOPES DE ZUNIGA E SOTTOMAYOR E MENDOÇA , X. Duque de Bejar , de Mandas , e de Vilhanueva , Conde de Belalcazar , e Banhares , Marquez de Gibrleon , Terra-Nova , Grande da primeira classe , Justiça mayor de Castella , &c. Cavalleiro do Tufão , Gentil-homem da Camera com exercicio , servio em Flandes , aonde foy Mestre de Campo de Infantaria , e na guerra de Hungria , em que gloriosamente perdeu a vida , em idade de trinta annos , de huma balla de mosquete no sitio de Buja , em hum assalto a 16 de Julho de 1686. Casou com D. Maria Alberta de Castro e Portugal , que morreo a 20 de Julho de 1706 , filha de D. Pedro Fernandes de Castro e Portugal , XIII. Conde de Lemos , como fica dito no Cap. IV. do Liv. VIII. p. 170 do Tomo IX. tiverão dous filhos.

Casa de Lara, tom. 2.
lv. 10. cap. 16. pag. 422.

* 21 D. JOÃO MANOEL DE ZUNIGA , XI. Duque de Bejar , &c.

21 D. PEDRO ANTONIO DE ZUNIGA , casou em o anno de 1713 com D. Anna Manrique de Lara , XIII. Duquesa de Naxera , Condessa de Valença , e tiverão a

Tom.X.

Hii

D.

22 D. JOACHIM PEDRO ANTONIO MANRIQUE, Conde de Trevinho, que nasceo a 3 de Julho de 1715, e morreo de curta idade.

21 D. MARIA JOSEFA DE ZUNIGA E CASTRO, cujo estado ignoramos.

* 21 D. JOÃO MANOEL DE ZUNIGA SOTOMAYOR E GUSMAO, XI. Duque de Bejar, e Mandas, Conde de Belalcazar, e Banhares, Marquez de Gibrleon, e Terra-Nova, Visconde de la Puebla de Alcozer, &c. Cavalleiro da Ordem do Tufão de Ouro, Gentil-homem da Camera delRey D. Philippe V. com exercicio, e Mordomo môr do Principe das Asturias.

Casou quatro vezes, a primeira no anno de 1700 com D. Maria Pimentel de Zuniga, sua prima com irmã, que morreo de parto a 25 de Mayo de 1701, filha de D. Francisco Casimiro Pimentel, XI. Conde de Benavente, e de D. Manuela de Zuniga e Sylva, sua segunda mulher, de quem teve

22 D. N. PIMENTEL, que morreo pouco depois de haver nascido.

Casou segunda vez com Dona Manuela de Toledo Moncada e Aragaõ, filha dos VIII. Marquezes de Villa-Franca D. Joseph Fradique de Toledo, e D. Catharina de Moncada e Aragaõ, IX. Duqueza de Montalto, e Rivon, e deste matrimonio ficou o Duque D. João viuvo a 13 de Março de 1709, e sem filhos.

Casou terceira vez em 1711 com sua prima com irmã

mãa D. Rafaela de Castro e Portugal, filha de D. Salvador de Castro e Portugal, e de sua mulher D. Francisca Centurion e Cordova, Marqueza de Almunha, como se disse no Capitulo VI. do Livro VIII. pag. 176 do Tomo IX. e desta esclarecida uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

22 D. JOACHIM DE ZUNIGA SOTTOMAYOR CASTRO PORTUGAL E GUSMAÕ, que nasceo em Mayo de 1715, Conde de Belalcaçar, Grande de Hespanha, he Gentil-homem da Camera delRey Catholico com exercicio, e assistencia ao Principe das Asturias. Casou no anno de 1732 com Leopoldina Isabel Carlota de Lorena, chamada *Demoiselle de Pons*, que nasceo a 2 de Outubro de 1716, filha de Carlos Luiz de Lorena, Principe de Pons, e de Mortagne, Soberano de Bedeilles, Marquez de Miranbeau, de Ambleville, Conde de Marfan, Baraõ de Coraze, Miossens, Gerderetz, &c. Cavalleiro das Ordens delRey Christianissimo, Mestre de Campo de hum Regimento de Infantaria Franqueira, e de sua mulher Isabel de Roquelaure, filha segunda de Antonio Gaston, Duque de Roquelaure, Marichal de França, Governador de Leictoure, Commandante em chefe do Languedoc, e de Maria Luiza de Laval, filha de Urbano de Laval, Marquez de Lezay, mas até o presente não tem successaõ, e he Dama da Rainha D. Isabel Farnese.

22 D. MARIA JOSEFA DE ZUNIGA E CASTRO,

TRO, que nasceu a 15 de Dezembro de 1713. Casou com seu tio D. Gines de Castro, XI. Conde de Lemos, no anno de 1735, como se disse no Capitulo XV. do Livro VIII. Tomo IX. pag. 170.

Casou quarta vez com Dona Marianna de Borja e Centelhas, (entaõ viuva do Marquez de Solera D. Luiz de Benavides) e ao presente Duqueza de Gandia, Marqueza de Lombay, e Condessa de Olina em successaõ a seu irmaõ o XI. Duque de Gandia, ultimo daquella varonia; porém desta uniaõ naõ teve o Duque de Bejar filhos.

§. II.

Marquez de Ayamonte.

Haro, part. 2, liv. 10, cap. 22.

* 15 DOM ANTONIO DE ZUNIGA E GUSMAÕ, filho quarto de D. Francisco, IV. Duque de Bejar, e da Duqueza D. Theresa de Zuniga, foy III. Marquez de Ayamonte, Senhor de Lepe, e Governador do Estado de Milaõ, succedeo nesta Casa a sua mãy. Casou com D. Anna de Cordova, filha de D. Luiz Fernandes de Cordova, III. Marquez de Comares, Alcaide de los Donzeles, Senhor de Espejo, e Lucena, e de D. Francisca de Zuniga de Lacerda, filha de D. Diogo Fernandes de Cordova, III. Conde de Cabra, e tiveraõ estes filhos :

16 D. LUIZ FERNANDES DE CORDOVA, Cavalleiro de Alcantara, General dos Galeoens de Indias, e morreo em hum naufragio, sem successaõ.

D.

16 D. FRANCISCO DE GUSMAO E ZUNIGA, que foy o filho primeiro, e succedeo na Casa, e foy IV. Marquez de Ayamonte, &c. Casou com D. Anna Feliz de Gusmao e Zuniga sua prima com irmaã, filha de D. Francisco de Zuniga, V. Duque de Bejar, e da Duqueza D. Brianda Sarmento sua segunda mulher, e tiverao estes filhos:

17 D. ANTONIO DE GUSMAO E ZUNIGA; que foy seu herdeiro, e V. Marquez de Ayamonte, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e morreo degolado, tendo sido casado com D. Brianda de Zuniga sua prima com irmaã, filha de D. Francisco Diogo Lopes de Zuniga, VI. Duque de Bejar, sem successão.

17 D. BRIANDA DE GUSMAO E SARMENTO, veyo a ser VI. Marqueza de Ayamonte pela desgraçada morte de seu irmao. Casou duas vezes, a primeira com Dom Rodrigo da Sylva e Mendoça, Conde de Saltes, seu primo segundo; e segunda vez com D. Inigo Lopes de Mendoça, VI. Marquez de Mondejar, e morreo sem successão.

17 D. ANNA FELIX DE GUSMAO E ZUNIGA, de quem não sabemos se tomou estado.

* 19 D. DIOGO DE ZUNIGA, filho terceiro de D. Francisco de Zuniga, VIII. Duque de Bejar, e de Dona Anna de Mendoça, Duqueza de Mandas. Era destinado para a vida Ecclesiastica, e foy Conego de Toledo, que largou mudando de estado, e foy Commendador de Paraquellos na Ordem de San-

Santiago, e pelo seu casamento Marquez de la Puebla, e de Loriana, Gentil-homem da Camera del-Rey D. Filippe IV. e faleceo a 31 de Janeiro de 1696, havendo casado em 5 de Mayo de 1644 com D. Leonor de Avila e Gusmao, II. Marqueza de la Puebla, e V. de Loriana, que morreo em Setembro de 1653, filha herdeira de D. Francisco de Avila Gusmao Mexia de Ovando, I. Marquez de la Puebla, e IV. de Loriana, do Conselho de Estado, Presidente do Conselho da Fazenda, e General da Artilharia de Hespanha, e de D. Francisca de Ulhoa sua mulher, filha de Dom Joao Gaspar de Ulhoa, Conde de Vilhalongo, e de D. Theresa de Savedra, filha dos III. Condes de Castellar, e tiveram os filhos seguintes:

* 20 D. FRANCISCO MELCHIOR DE AVILA, III. Marquez de la Puebla, de quem logo se tratará.

* 20 D. FRANCISCA DE ZUNIGA, mulher do Marquez de Sobroso, Conde de Pie de Concha, adiante.

20 D. ANNA DE ZUNIGA, casou com Dom Fernando de Zuniga Avelhaneda e Baçan, IX. Conde de Miranda, V. Duque de Penharanda, de quem foy segunda mulher, e naõ tiveraõ successão.

* 20 D. FRANCISCO MELCHIOR DE AVILA E ZUNIGA MEXIA E OVANDO, que foy unico, e III. Marquez de la Puebla, VII. de Loriana, Vedor da Casa del-Rey D. Carlos II. e seu Gentil-homem da Came-

Camera, e primeiro Cavalheiro da Rainha D. Maria Anna de Baviera; foy tambem por sua mulher VI. Marquez de Baydes, e Conde de Pedroza. Casou duas vezes, a primeira com D. Antonia de Zuniga, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, a qual morreo, sem deixar successão, no anno de 1675, porque os filhos, que teve, morreraõ de curta idade, filha de Dom Francisco de Zuniga, III. Conde de Penharanda. Casou segunda vez com D. Maria Luiza de Zuniga, VI. Marqueza de Baydes, Condeffa de Pedroza, que morreo no anno de 1695, filha (e por morte do Conde de Pedroza seu irmão) herdeira de D. Francisco Lopes de Zuniga, V. Marquez de Baydes, Conde de Pedroza, Senhor de Cobeta, e de D. Francisca Fernandes de Avila e Cordova sua mulher, e tiveraõ

21 D. N. VIII. Marquez de Baydes, e de Loriana, &c. morreo moço sem deixar successão em 9 de Fevereiro de 1697.

21 D. MARIA LEONOR DE ZUNIGA E AVILA, que por morte de seu irmão foy IX. Marqueza de Loriana, de la Puebla, de Baydes, de Arcicollar, e de Huclamo, Condeffa de Pedroza, e Senhora dos mais Estados de seus pays. Casou em 23 de Fevereiro de 1702 com D. Joseph Francisco Sarmiento de Sottomayor Zuniga e Ifasi, seu sobrinho, V. Conde de Salvaterra, de Sabroso, &c. como adiante se verá.

* 20 D. FRANCISCA DE ZUNIGA, filha do Mar-
Tom.X. I quez Condes de Salvaterra.

quez Dom Diogo, e de D. Leonor de Avila, VI. Marquiza de Loriania. Casou duas vezes, primeira com D. Joseph Sarmiento Isasi, Marquez de Sobroso, II. Conde de Piedeconcha, primogenito de Dom Diogo Sarmiento, III. Conde de Salvaterra, Marquez de Sobroso, Commendador das Casas de Placencia, e Fuentiduenha da Ordem de Calatrava, Gentil-homem da Camera delRey Philippe IV. sem exercicio, do Conselho de Guerra, Commissario geral da Infantaria, e General da Artilharia de Hespanha, que havia casado no anno de 1635 com D. Joanna Josefa Isasi Ladron de Guevara, Condesa de Piedeconcha, Senhora da Casa de Zegama, e das Villas de Ameyugo, Tuyo, Barcena, e Covejo, filha herdeira de D. Joaõ Isasi, I. Conde de Piedeconcha, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Mestre do Principe D. Philippe Prospero, e depois de viuvo Arcediago de Guadalajara, e Conego de Toledo, e de sua mulher Dona Marianna Angela Bonifaz Ladron de Guevara, Senhora da Casa, e Palacio de Zegama, e das Villas de Ameyo, e Tuyo, &c.

* 21 D. JOSEPH SALVADOR SARMENTO, IV. Conde de Salvaterra.

21 D. DIOGO AGOSTINHO ANTONIO SARMENTO DE SOTTOMAYOR.

* 21 DOM JOSEPH SALVADOR SARMENTO DE ISASI E GUEVARA, succedeo nas Casas de seu pay, e avô, foy IV. Conde de Salvaterra, e de Piedeconcha,

concha, Marquez de Sobroso, &c. Casou com D. Maria Victoria de Velasco, irmã de D. Joseph Fernandes de Velasco, Condestavel de Castella, VIII. Duque de Frias, filha de Dom Francisco de Velasco, e de Dona Maria Catharina do Carvajal, Marquezes de Jodar, e por morte do Conde de Salvaterra casou segunda vez com Dom Joseph de Mendoça Ibanhes de Segovia, IX. Conde de Tendilha, e teve de seu primeiro marido

* 22 D. JOSEPH FRANCISCO SARMENTO, V. Conde de Salvaterra.

22 D. MARIA ANTONIA SARMENTO DE VELASCO, que foy Dama da Rainha D. Marianna de Baviera, e casou no anno de 1689 com D. Joachim Lasso de la Vega Ninho e Figueiroa, III. Conde de los Arcos, e V. de Anhoer, Grande de Hespanha por merce delRey Carlos II.

* 22 D. JOSEPH FRANCISCO SARMENTO DE SOTTOMAYOR ZUNIGA E ISASI, V. Conde de Salvaterra, de Piedeconcha, e Pedrosa, Marquez de Loriania, de Baydes, de la Puebla, de Huelamo, e de Sobroso, Senhor das Villas de Hortaleza, Ameyugo, Tuyo, el Porrinho, Franqueira, Villora, Coveta, Torrecilha, D. Lhorente, Villanova de Campilho, Grande de Hespanha por merce delRey Filippe V. no anno de 1717. Da sua Casa escreveu D. Luiz de Salazar e Castro hum bem fundado Memorial, quando pertendia a Grandeza, que depois alcançou. Casou em 23 de Fevereiro

Tom.X.

1 ii

de

de 1702 com sua tia D. Maria Leonor de Zuniga e Avila, IX. Marqueza de Loriana, de la Puebla, &c. como fica dito, e tiveraõ

* 23 D. JOSEPH MANOEL SARMENTO DE ZUNIGA, Marquez de Sobrofo.

22 D. MARIA CAETANA SARMENTO DE ZUNIGA, casou com D. Pedro Artal da Sylva Menezes Alagon Benavides e Bazan, Marquez de Santa Cruz del Viso, e Bayona, Conde de Monte-Santo por renuncia de sua mãy a Marqueza de Villafor D. Manuela de Alafon, casada com D. Joseph da Sylva, Presidente do Conselho chamado de Hespanha em Vienna, irmão do terceiro Conde de Cifuentes, he o Marquez Gentil-homem da Camera delRey Catholico com exercicio, e foy Mordomo mór da Rainha D. Marianna de Baviera, e o he do Infante D. Filippe, e deste matrimonio tem

23 D. JOSEPH, Marquez de Viso.

23 DOM N.

23 DONA N.

23 DONA N.

22 D. MARIA FRANCISCA SARMENTO, casou com D. Luiz Laffo Manrique de Lara e Vibero, II. Duque del Arco, Conde de Puertollano, de Galisteo, e de Montehermoso, Marquez de Miranda de Auta, Cavalleiro da Ordem de S. Genaro, Gentil-homem da Camera com exercicio delRey D. Filippe V. e seu Monteiro mór, e tiveraõ os filhos seguintes:

D.

23 D. FRANCISCO MANRIQUE DE LARA, Marquez de Miranda del Auta.

23 D. MIGUEL MANRIQUE DE LARA.

23 D. RAFAELA MANRIQUE DE LARA.

22 D. MARIA LUIZA SARMENTO DE ZUNIGA E AVILA.

23 D. JOSEPH MANOEL DE ZUNIGA, Marquez de Sobroso, &c. que morreo em vida de seu pay, havendo sido casado com D. Anna de Cordova, filha de D. Antonio de Cordova, Conde de Teva, e de D. Catharina Portocarrero, Condeffa de Teva, de quem teve unica

24 D. MARIANNA SARMENTO DE SOTTO-MAYOR ISASI E CORDOVA, VI. Condeffa de Salvaterra, e Piedeconcha, &c. e herdeira de toda esta Casa.

Casou com D. Joaõ da Matha Fernandes de Cordova Spinola de Lacerda e Aragaõ, Commendador na Ordem de Santiago, filho de D. Nicolao de Cordova, Duque de Medina Celi, e da Duqueza D. Jeronyma Espinola de Lacerda, e até o presente não tem successão.

* 20 D. FRANCISCA DE ZUNIGA, de quem escrevemos fora casada primeira vez com D. Diogo, III. Conde de Salvaterra, por sua morte casou com D. Francisco Palafox e Rebolledo, IV. Marquez de Ariza, do Conselho de Aragaõ, e Mordomo del Rey Charles II. filho de D. Joaõ Francisco Palafox, III. Marquez de Ariza, e de D. Maria Filippa

Marquizes de Ariza.

lipa de Cardona, filha de D. Filippe de Cardona, Almirante de Arago, IV. Marquez de Guadalete, e de D. Anna de Ligne sua segunda mulher, filha de Lamoral, Principe de Ligne, e do Sacro Romano Imperio, Conde de Foquemburg, Grande de Hespanha, Cavalleiro do Tufão, e de Madama Maria de Melun, Marqueza de Rube, e tiverão

* 21 D. JOÃO DE PALAFOX, V. Marquez de Ariza.

21 DONA N. . . . DE PALAFOX E CARDONA, casou em Outubro de 1699 com D. Pedro Sarmiento de Toledo, III. Conde de Gondomar, Senhor de Vineios, do Conselho Real de Camera de Castella, e foy sua terceira mulher.

* 21 D. JOÃO DE PALAFOX E REBOLEDO, foy V. Marquez de Ariza, Senhor das Baronias de Cotes, Altea, Calmarça, Caspe, Benica, Taplada, Commendador de Paracuelhos na Ordem de Santiago. Casou a 4 de Setembro de 1695 com Dona Francisca Centurion de Cordova Carrilho e Alber nós, IV. Marqueza de Almunha, Senhora de Torralva, Bateta, Ocentejo, &c. viuva de D. Salvador de Castro e Portugal, irmão do XI. Conde de Lemos, como fica dito, filha de D. Cecilio Francisco Centurion, IV. Marquez de Estepa, e Almunha, &c. e tiverão

* 22 D. JOACHIM, Marquez de Ariza, com quem se continúa.

22 D. JOÃO JOSEPH DE PALAFOX.

D.

22 D. THERESA MARIA DE PALAFOX, que nasceu no anno de 1699.

22 D. JULIANA . . . casou com D. N. . . de los Cobos Mendoça e Luna, Marquez de Camarasa, Conde de Castro, e de Ricla.

22 D. MANUELA, que he Freira nas Descalças de Madrid.

* 22 D. JOACHIM ANTONIO DE PALAFOX E REBOLEDO, Marquez de Ariza, de la Guardia, e de Guadalete, casou com D. Rosa de Gusmaõ, irmã do XIII. Duque de Medina Sidonia, não tem até o presente successão.

§. III.

* 16 **D**ONA THERESA DE ZUNIGA, filha de *Duques de Arcos.*
D. Francisco, V. Duque de Bejar, e *Salazar de Mendoça,*
da Duqueza D. Guiomar de Mendoça, como fica *Chr. da Casa de Ponce*
escrito, faleceu em o primeiro de Janeiro de 1609. *de Leon, elogio XXI,*
Casou com D. Rodrigo Ponce de Leon, III. Du- *pag. 220.*
que de Arcos, Marquez de Zahara, Conde de Cazares, Senhor de Marchena, Villa Garcia, e outras terras, Cavalleiro do Tufão, General das Costas de Andaluzia, e tiverão os filhos seguintes:

* 17 D. LUIZ PONCE DE LEON, Marquez de Zahara, com quem se continúa.

* 17 D. MARIA PONCE DE LEON, nasceu a 26 de Julho de 1572, casou com Dom Antonio Pimentel, Conde de Luna, e Mayorga, herdeiro da

da Casa de Benavente, como adiante diremos:

* 17 D. LUIZ PONCE DE LEON, nasceu a 8 de Junho de 1573, foy Marquez de Zahara, e morreu em vida de seu pay a 25 de Agosto de 1605. Casou em 3 de Agosto de 1599 com D. Victoria Colona de Toledo, que faleceu em Setembro de 1606, filha de D. Pedro de Toledo, V. Marquez de Villa-Franca, Duque de Fernandina, Principe de Monte Albano, &c. e da Marqueza D. Elvira de Mendoça, filha de D. Inigo Lopes de Mendoça, III. Marquez de Mondejar, e tiverão

* 18 D. RODRIGO PONCE DE LEON, IV. Duque de Arcos.

* 18 D. LUIZ PONCE DE LEON, nasceu a 11 de Junho de 1605, foy Commendador de Ceclavin na Ordem de Alcantara, Gentil-homem da Camera delRey Filippe IV. do seu Conselho de Estado, Capitaõ da sua Guarda Hespanhola, seu Embaixador em Roma, Vice-Rey de Navarra, e ultimamente Governador de Milaõ, onde morreu. Casou com Dona Mecia de Gusmaõ Pimentel, Condessa de Villa-Verde, Senhora de Burujon, e do Morgado de Requesens, filha herdeira de D. Diogo Pimentel, Commendador de Mayorga na Ordem de Alcantara, e General das Galés de Napoles, irmão do IX. Conde de Benavente, e de Dona Magdalena de Gusmaõ, III. Condessa de Villa-Verde, de quem teve

19 D. MARIA DE ATOCHA E GUSMAÕ, que casou

que casou em 1677 com D. Gaspar Melchior Balthazar da Sylva Sandoval e Mendoza, Conde de Galve, a qual morreo em 6 de Outubro de 1684 de sobreparto de huma filha chamada D. JOSEFA MARIA, que nasceo a 24 de Setembro do mesmo anno, e morreo a 17 de Abril do anno seguinte, e a

20 D. MANOEL JOSEPH ANTONIO DA SYLVA E GUSMAO, que nasceo a 17 de Janeiro de 1681, e morreo no mez seguinte.

18 D. THERESA DE ZUNIGA, nasceo a 24 de Fevereiro de 1600, foy Freira na Encarnação de Madrid de Agostinhas Descalças.

18 D. ELVIRA PONCE DE LEON, nasceo a 2 de Fevereiro de 1601, casou com D. Fradique de Toledo, Marquez de Vilhanueva, seu tio, com a successão, que fica escrita; e depois de viuva foy Camereira mór da Rainha D. Marianna de Baviera, e faleceo a 30 de Setembro de 1691.

* 18 D. RODRIGO PONCE DE LEON, nasceo em 2 de Janeiro de 1602, succedeo na Casa ao Duque seu avô, e foy IV. Duque de Arcos, Marquez de Zahara, Conde da Bailen, e de Cafares, Senhor da Casa de Villa Garcia, das Villas de Marchena, Cota, Chipiona, Mayrena, Paradas, Pruna, Guadajos, los Palacios, e da Serrania de Vilhalengua, Cavalleiro do Tufão, Vice-Rey de Valença, e Napoles, do Conselho de Eslado, morreo no anno de 1658 retirado na sua Villa de Marchena, pelo mau successão, que dez annos antes ha-

Tom.X.

K

via

via tido no governo de Napoles, que se rebellou no seu tempo. Casou com D. Anna Francisca de Aragão, filha de D. Henrique, V. Duque de Segorbe, e de Cardona, e da Duqueza D. Catharina Fernandes de Cordova, filha de D. Pedro Fernandes de Cordova e Figueiroa, IV. Marquez de Priego, e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

19 D. LUIZ PONCE DE LEON, foy Marquez de Zahara, nasceu a 4 de Mayo de 1626, e sendo successor da Casa de seu pay, morreu em sua vida no anno de 1642 a 26 de Janeiro, estando contratado para casar com D. Joanna de Zuniga e Mendoza, filha de D. Francisco Diogo, VIII. Duque de Bejar, a qual depois foy segunda mulher de Dom Diogo Lopes Pacheco, Duque de Escalona, Marquez de Vilhena.

19 D. HENRIQUE PONCE DE LEON, morreu moço.

19 D. FRANCISCO PONCE DE LEON, nasceu a 20 de Agosto de 1632, succedeo na Casa, foy V. Duque de Arcos, Marquez de Zahara, Conde de Bailen, e de Cafares, &c. Casou tres vezes, a primeira com D. Victoria de Toledo, sua prima com irmã, filha de seus tios D. Fradique de Toledo, Marquez de Villa-Nova de Valdueca, e da Marquessa D. Elvira Ponce de Leon; a segunda com D. Joanna de Toledo, filha de D. Antonio Alvarres de Toledo, VII. Duque de Alva; a terceira com D. Juliana Thercsa de Menezes, que depois foy

foy segunda mulher de Dom Antonio Sebastião de Toledo, II. Marquez de Mancera, e morreo, sem de todos estes tres matrimonios deixar successão, no anno de 1673.

* 19 D. MANOEL PONCE DE LEON, VI. Duque de Arcos.

19 D. ANTONIO, D. FERNANDO, D. PEDRO, D. RAMON PONCE DE LEON, morrerão meninos.

19 D. JOSEPH PONCE DE LEON, que foy o filho oitavo na ordem do nascimento, foy Collegial do Collegio mayor de Cuenca na Universidade de Salamanca, Arcediago de Talavera, Defembargador da Chancellaria de Valhadolid, Conselheiro de Ordens, e depois do Conselho, e Camera de Indias, e morreo estando nomeado Embaixador a Alemanha.

19 D. VICTORIA PONCE DE LEON, casou com D. Alonso Lopes de Zuniga, IX. Duque de Bejar, e a sua successão deixamos já escrita.

* 19 D. MARIA PONCE DE LEON, mulher de D. Carlos de Borja, IX. Duque de Gandia, e adiante se escreverá a sua successão.

* 19 D. CATHARINA PONCE DE LEON, casou a primeira vez com D. Luiz Fernandes de Benavides, III. Marquez de Carracena, e da sua successão trataremos adiante: a segunda com D. Pedro Portocarrero, VII. Conde de Medelhim, Grande de Hespanha, do Conselho de Estado, Presidente do Conselho de Ordens, sem successão.

¹⁹ D. MANOEL PONCE DE LEON, nasceu a 15 de Outubro de 1633, quarto filho na ordem do nascimento, e succedeo na Casa a seu irmão, e foy VI. Duque de Arcos, Marquez de Zahara, e de Villa Garcia, Conde de Bailen, e de Cazares, Senhor de Marchena, e dos mais Estados desta Casa, Commendador mór de Castella, e das Commendas de Carrion, e Calatrava a Velha na Ordem de Calatrava, morreo a 28 de Novembro de 1693. Casou com D. Maria de Guadalupe de Lencastre, Duqueza de Aveiro, de Torres Novas, Maqueda, Ciudad Real, Marquiza de Elche, &c. e da sua successão se tratará no Livro XI. Capitulo IX.

¹⁹ D. MARIA PONCE DE LEON, filha de D. Rodrigo, Duque de Arcos, e da Duqueza Dona Francisca de Aragoã. Casou em 22 de Abril de 1645 com D. Francisco Carlos de Borja e Centellas, IX. Duque de Gandia, VI. Marquez de Lombay, e Quirra, Conde de Oliva, &c. que nasceu a 21 de Julho de 1626, e morreo a 12 de Outubro de 1664, o qual era filho de D. Francisco de Borja, VIII. Duque de Gandia, e de D. Artimisa Doria, filha de André Doria, Principe de Melfi, Grande de Hespanha, neto de Carlos, VII. Duque de Gandia, Vice-Rey de Sardenha, e Mordomo mór da Rainha D. Isabel de Borbon, e de D. Artimisa Doria, filha de Joaõ André Doria, Principe de Melfi, e General do mar, e de Zenobia Carreto, e bisneto de D. Francisco, VI. Duque de Gandia, &c. e da Duque-

Duques de Gandia.

Duqueza D. Joanna de Velasco, filha de D. Inigo Fernandes de Velasco, Condestavel de Castella, IV. Duque de Frias, e terceiro neto de D. Carlos de Borja, V. Duque de Gandia, e de D. Margarida de Centelhas, Condeffa de Oliva, o qual era filho de S. Francisco de Borja, Preposito Geral da Companhia, que tinha sido IV. Duque de Gandia, e de D. Leonor de Castro sua mulher, e tiveraõ os filhos seguintes:

* 20 D. PASCOAL FRANCISCO DE BORJA, X. Duque de Gandia.

20 D. FRANCISCO DE BORJA, Arcebispo de Burgos, creado Cardeal da Santa Igreja Romana a 21 de Junho do anno de 1700 pelo Papa Innocencio XII. foy do Conselho de Estado delRey Catholico, e tinha sido antes Ministro do Conselho de Aragaõ, Conego de Toledo, e Sumilher da Cortina delRey D. Carlos II. e Bispo de Calahorra, morreo em Abril do anno de 1702.

20 D. CARLOS DE BORJA, foy Sumilher da Cortina delRey Catholico, do Conselho de Italia, Patriarca de Indias, Arcebispo de Tiro, creado Cardeal da Santa Igreja Romana pelo Papa Clemente XI. no anno de 1720.

20 D. LUIZ DE BORJA, Commendador de Sagra, e Canet, Castelaõ del Anvers, e pelo seu casamento Principe de Esquilache, Marquez de Taracena por casar com D. Maria Antonia Pimentel, Princeza de Esquilache, como diremos no Livro XII. Cap. IV. §. III. D.

20 D. VICTORIA DE BORJA, casou com D. Diogo Mexia, VI. Marquez de la Guardia, Senhor de Santofimia, Torreblanca, &c. Commendador de la Barra na Ordem de Santiago, sem geração, como se disse no Livro VIII. pag. 412 do Tomo IX.

20 D. ARTEMISA DE BORJA, casou com D. Antonio Espinelli, Principe de Cariati em Napoles, Grande de Hespanha, Vice-Rey de Valença, filho de D. Scipião Espinelli, Principe de Cariati, Duque de Seminara, e Castrovllari, e de sua mulher a Princeza Charlota Savelli, até agora sem geração.

20 D. JOSEFA DE BORJA PONCE DE LEON, casou duas vezes, a primeira com D. Francisco Miguel Henriques de Gusmao, XI. Conde de Alva de Liste, Grande de Hespanha, que morreo moço no anno de 1691, de quem teve Dona N. . . . que não pode succeder na Casa, na qual entrou seu tio D. João Henriques de Gusmao, que foy XII. Conde de Alva de Liste, e foy segundo marido de D. Josefa de Borja, e ella sua terceira mulher, por ter sido casado primeira vez com sua sobrinha D. Isabel Henriques de Velasco, filha primeira de seu irmão D. Manoel Henriques, XI. Conde de Alva de Liste, sem successão; e a segunda com D. Jacinta Maria Giraõ e Sandoval, filha de Dom Gaspar Telles Giraõ, V. Duque de Oñuna, a qual morreo no anno de 1695 depois de parir hum menino, que chamaraõ D. LUIZ HENRIQUES DE GUSMAO, que viveo

viveo pouco , como se disse no Livro VIII. pag. 328 do Tomo IX.

* 20 D. PASCHOAL FRANCISCO DE BORJA E CENTELHAS , nasceu em Março de 1652, foy X. Duque de Gandia , Marquez de Lombay , e de Quirra , Conde de Oliva , Commendador de Calçadilha na Ordem de Santiago ; morreo em Madrid a 8. de Dezembro de 1716.

Casou em 16 de Setembro de 1669 com D. Joanna de Cordova, filha de D. Luiz Ignacio de Cordova, VI. Marquez de Priego , e da Marqueza D. Marianna Fernandes de Cordova, filha de D. Antonio , VII. Duque de Sessa , e deste matrimonio nascerão

* 21 D. LUIZ IGNACIO DE BORJA E CENTELHAS, XI. Duque de Gandia.

21 D. JOSEPH FRANCISCO DE BORJA, morreo sendo Collegial de Cuenca.

21 D. MARIANNA DE BORJA, que estando contratada para casar com D. Diogo de Benavides, Marquez de Solera, porém morrendo este Fidalgo na batalha de Orbastan em 4 de Outubro de 1693, antes de se effectuar este casamento, casou esta Senhora com D. Luiz Benavides de la Cueva, Marquez de Solera, irmão do outro com quem estava capitulada, que morreo Vice-Rey de Navarra, sem successão, filhos de D. Francisco de Benavides, IX. Conde de Santo Estevão del Puerto, Grande de Hespanha, e de Dona Francisca de Aragoão, e Sandoval: casou terceira vez com o Duque de Bejar Dom

Dom Joaõ Manoel Lopes de Zuniga , como se disse.

21 D. IGNACIA DE BORJA , que casou a 10 de Julho do anno de 1695 com D. Francisco Antonio Pimentel , XIII. Conde de Benavente , a qual morreo a 19 de Abril de 1711 , deixando successão , como adiante se dirá.

* 21 D. LUIZ IGNACIO DE BORJA FERNANDES DE CORDOVA E CENTELHAS , XI. Duque de Gandia , Marquez de Lombay , e de Quirra , Conde de Oliva , Grande de Hespanha da primeira classe , Gentil-homem da Camera delRey , Sumilher de Corps do Principe das Asturias Dom Fernando , Mordomo mór da Princeza das Asturias D. Maria Barbara , Cavalleiro da Ordem de S. Genaro em Napoles , e Claveiro mayor da de Monteza ; faleceo de sessenta e seis annos a 21 de Janeiro de 1740 sem successão.

Casou em vida de seu pay no anno de 1694 com D. Rosa de Benavides , filha de D. Francisco de Benavides , IX. Conde de Santo Estevaõ del Puerto.

Marquez de Carracena , e Formello

* 19 D. CATHARINA PONCE DE LEON , casou com D. Luiz Fernandes de Benavides e Carrilho de Toledo , III. Marquez de Carracena , e V. de Formesta , Senhor de Samanhos , la Mota , e Valdematilha , Cavalleiro , e Trefe da Ordem de Santiago , Gentil-homem da Camera delRey Filippe IV. sem exercicio , do seu Conselho de Estado , Governador de Milaõ , e de Flandes , General do Exercito da Extrema-

tremadura, e morreo em 6 de Janeiro do anno de 1668, e ficando viuva a Marqueza D. Catharina Ponce, casou segunda vez com D. Pedro Portocarrero, VII. Conde de Medelhim, Grande de Hespanha, do Conselho de Estado, e Presidente de Ordens, e naõ tiveraõ successaõ, e de seu primeiro marido o Marquez D. Luiz teve a seguinte, o qual era filho de D. Luiz de Benavides, IV. Marquez de Formesta, e de D. Anna de Carrillo e Toledo, II. Marqueza de Carracena, Condessa de Pinto, filha herdeira de Dom Luiz Carrillo de Toledo, I. Marquez de Carracena, que foy Vice-Rey de Valença, Governador de Galliza, Presidente do Conselho de Ordens, e da Marqueza D. Isabel de Velasco e Mendoza sua primeira mulher, filha de D. Francisco Furtado de Mendoza, I. Marquez de Almazan, IV. Conde de Monte-Agudo, e deste matrimonio nascerãõ quatro filhas, a saber:

20 D. ANNA ANTONIA DE BENAVIDES CARRILHO E TOLEDO, que succedendo nesta Casa foy IV. Marqueza de Carracena, e VI. de Formesta, Condessa de Pinto, Senhora de Samunhos, e outras terras, e faleceo em Dezembro de 1707. Casou com D. Gaspar Telles Giraõ, V. Duque de Osuna, de quem foy segunda mulher, e tiveraõ a successaõ, que em seu lugar fica dito.

20 D. MARIANNA DE BENAVIDES CARRILHO DE TOLEDO, casou com Dom Luiz de Moscoso Osoño, VII. Conde de Altamira, como fica Tom.X.

L escri-

escrito no Livro VIII. pag. 134 do Tomo IX.

20 D. ANGELA DE CARRILHO DE BENAVIDES, casou com D. Joseph de Velasco e Carvajal, Marquez de Jodar naquelle tempo, depois Condestavel de Castella, e IX. Duque de Frias, como se disse no Livro VIII. pag. 325 do Tomo IX.

20 D. VICTORIA DE TOLEDO E BENAVIDES, casou com Dom Christovão Portocarrero de Gusmão e Luna, IV. Conde de Montijo, e de Fuentiduenha, Marquez de Algava, de Ardales, e Val de Rabano, Grande de Hespanha, e do Conselho de Estado, e foy sua segunda mulher, de quem teve duas filhas, a saber:

D. N. . . . que morreo menina, e D. MARIA THERESA, que no anno de 1702 tomou o habito nas Descalças Reaes de Madrid, aonde se chamou Sor Francisca Maria Xavier da Conceição.

Condes de Benavente, * 17 D. MARIA PONCE DE LEON, filha de D. Rodrigo, III. Duque de Arcos, e da Duquesa D. Theresa de Zuniga, como atraz deixamos apon-tado. Casou com D. Antonio Affonso Pimentel de Quinhones, IX. Conde de Benavente, de Luna, de Mayorga, e Vilhalon, Mordomo mór da Rainha D. Isabel de Borbon, filho de D. Joaõ Affonso Pimentel, VIII. Conde de Benavente, de Mayorga, e de Vilhalon, Commendador de Castroto-ras, e Trefe da Ordem de Santiago, Vice-Rey de Valença, e de Napoles, Presidente do Conselho de Italia, Mordomo mór da Rainha, do Conselho de Esta-

Estado, que faleceo a 7 de Novembro de 1611, e de D. Catharina de Quinhones, Condessa de Luna, sua primeira mulher. He a Casa de Pimentel hum das mais antigas Casas de Hespanha, que deduz o seu principio de Fernando Affonso de Novaes, que passou a Portugal com o Conde D. Henrique, e deste esclarecido matrimonio teve os filhos seguintes:

* 18 D. JOAÕ AFFONSO PIMENTEL, X. Conde de Benavente.

18 D. RODRIGO AFFONSO PIMENTEL, foy Marquez de Vianna, Senhor de Alharis, Gentilhomem da Camera delRey Filippe IV. sem exercicio, Governador de Oraõ, e do Reyno de Galliza, e General do Exercito daquelle Reyno contra Portugal. Casou duas vezes, a primeira com D. Maria de Velasco e Alvarado, viuva de D. Joaõ de Mendoça, Marquez de S. German, e de la Hinoça, do Conselho de Estado, e Presidente do de Indias, e filha de D. Garcia de Alvarado, I. Conde de Vilhamor, e de D. Marianna de Velasco sua mulher, irmã do I. Conde de Salazar; e ficando viuvo desta Senhora no anno de 1635, requereo a sua prima com irmã D. Anna Monica de Cordova e Pimentel, VI. Condessa de Alcaudete, e V. Marqueza de Vianna, e II. de Vilhar, para que conforme a clausula do Morgado, e Casa de Viana, que obriga as successoras nella a casarem com o filho segundo da Casa de Benavente, para que ca-

falle com elle ; e porque esta Senhora não fazendo caso disto casou no anno de 1636 com D. Duarte Fernandes Alvares de Toledo e Portugal , VIII. Conde de Oropeza, perdeu o Marquezado de Vianna, que passou ao dito D. Rodrigo Affonso, que casou segunda vez com D. Magdalena Pimentel sua sobrinha, filha de seu irmão o Conde D. João Affonso, e morreu sem deixar filhos.

Marquez de Tarracena.

18 D. CLAUDIO PIMENTEL, foy Cavalleiro da Ordem de Alcantara, dos Conselhos de Ordens, e da Inquisição, Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe IV. e II. Marquez de Tarracena por casar com a Marqueza de Tarracena Dona Leonor de Ibarra, filha herdeira de D. Carlos de Ibarra, I. Marquez de Tarracena, Visconde de Centenera, Commendador de Vilhahermosa na Ordem de Santiago, Gentil-homem da Boca, e do Conselho de Guerra delRey D. Filippe IV. General da Frota, e Galeoens de Indias, e Almirante General da Armada do Oceano, e de D. Branca Ladron de Cardona, filha de D. Jayme Zeferino Ladron de Palhas, I. Conde de Sinarcas, VIII. Visconde de Chelva, e de D. Francisca Ferrer de Cardona, filha herdeira de Dom Jayme Ferrer, Senhor de Sot, e Quartel, Governador de Valença, e de D. Branca de Cardona, irmã de D. Filippe de Cardona, Almirante de Aragaõ, Marquez de Guadaleffe: era D. Carlos filho de D. Diogo de Ibarra, Commendador de Vilhahermosa na Ordem de Santiago, General da Cavalla.

Cavallaria , e Védor Geral de Sicilia , Embaixador em Flandes , e França , do Conselho de Estado , e de D. Isabel Barresi , filha de Dom Carlos Barresi , Principe de Pietra-Precia , Marquez de Melitello em Sicilia , e de D. Belladama Branchifort sua mulher , e tiveraõ

* 19 D. ANTONIO PIMENTEL DE IBARRA, foy unico , e III. Marquez de Tarracena , e Senhor da mais Casa de seus pays. Casou em 21 de Mayo de 1685 com D. Joanna Maria de Idiaques de Borja , filha de D. Francisco Idiaques Butron e Moxica , III. Duque de Ciudad Real , Vice-Rey de Aragoã , e Valença , General do mar Oceano , e Costas de Andaluzia , e de D. Francisca de Borja e Aragoã , VII. Princeza de Esquilache , neta de D. Joaõ Afonso Idiaques Butron e Moxica , II. Duque de Ciudad Real , Conde de Aramayona , e de Viandra , Marquez de S. Damian , Cavalleiro e Trefe da Ordem de Santiago , Gentil-homem da Camera del-Rey Dom Filippe IV. seu Balhesterio mór , e do Conselho de Guerra , Governador de Guipuscoa , e de Galliza , e de Dona Maria de Alava e Guevara , Condessa de Tribiana , sua mulher , bisneta de D. Alonfo Idiaques Butron e Moxica , I. Duque de Ciudad Real em Napoles , Conde de Aramayona , e de Viandra , Commendador mór de Leaõ na Ordem de Santiago , Vice-Rey de Navarra , e de sua mulher D. Joanna Robles , e terceira neta de D. Joaõ Idiaques , Commendador mór de Leaõ , e Trefe

se da Ordem de Santiago, Embaixador em Genova, e Veneza, do Conselho de Estado, e Presidente do de Ordens, Estrubeiro mór da Rainha Dona Margarida de Austria, e de D. Mecia Manrique de Butron e Moxica, filha primeira de D. Gomes de Butron e Moxica, Senhor destas Casas, e de D. Luiza Manrique, filha de D. Luiz Fernandes Manrique, II. Marquez de Aguilar, IV. Conde de Castanheda, Grande de Hespanha, e Chanceller mór de Castella, e de D. Anna Pimentel sua mulher. Morreo o Marquez D. Antonio Pimentel moço a 18 de Fevereiro de 1686, deixando pejada a Marqueza sua mulher, (que depois casou com D. Manoel Pimentel e Zuniga, Marquez de Mirabel) e teve

20 DONA MARIA ANTONIA PIMENTEL DE IBARRA, filha unica, que nasceu posthuma em Agosto de 1686, e succedeo na Casa, e foy IV. Marqueza de Tarracena, &c. e casou no anno de 1701 com D. Luiz de Borja, Castellaõ de Antuerpia, filho do IX. Duque de Gandia, como dissemos.

18 D. LUIZ PIMENTEL, foy quarto filho, foy ao principio Cavalleiro da Ordem de S. Joã de Malta, e não professando, largou o habito, e casou com D. Maria Antonia de Texeda Herrera e Maldonado, Senhora de Texeda, e Valverde, e depois Marqueza de Valverde, filha herdeira de D. Balthasar de Texeda e Ovalhe, Senhor de Valverde, o qual morreo sem successão no anno de 1670.

D.

18 D. THERESA PIMENTEL, casou com D. Antonio Fernandes de Cordova, VII. Duque de Sessa, e de Baena, de quem ficou viuva no anno de 1659, e morreo em 30 de Agosto de 1682 com a successão, que fica dita no Livro VIII. pag. 293 do Tomo IX.

18 D. CATHARINA PIMENTEL, foy segunda mulher de Dom Fernando Alvares de Toledo, VI. Duque de Alva, a qual morreo em Janeiro de 1694, sem successão, como se disse no Livro VIII. pag. 348 do Tomo IX.

18 D. MECIA PIMENTEL, que foy Freira nas Carmelitas Descalças de Valhadolid.

18 D. MARIA PIMENTEL, casou com D. Antonio de Avila, IV. Marquez de las Navas, VI. Conde del Rio, Senhor de Villa-Franca, Comendador de Santibañes na Ordem de Alcantara, Mordomo del Rey Dom Philippe IV. e Alferes mór de Avila, e morreo no anno de 1683 sem deixar successão.

18 D. MAGDALENA PIMENTEL, foy Freira na Encarnação de Valhadolid.

* 18 D. JOAÕ AFFONSO PIMENTEL DE QUI-
NHONES, foy X. Conde de Benavente, de Luna, e de Mayorga, Meirinho mór de Leaõ, e Asturias, e Cavalleiro do Tufão. Casou duas vezes, a primeira com D. Maria de Zuniga e Requesens sua prima com irmã, filha de D. Luiz Fajardo, IV. Marquez de los Veles, e de Molina, Adiantado mayor,

mayor, e Capitão General do Reyno de Murcia, e de D. Maria Pimentel, irmã inteira do IX. Conde de Benavente seu pay. Casou segunda vez com D. Antonia de Mendoça, Dama da Rainha, e filha de D. Antonio de Mendoça Manrique, IV. Conde de Castro, e Senhor de Vilhafoque, &c. e de D. Anna Maria Manrique sua quarta mulher, filha de Dom Francisco de Orense Manrique, Senhor de Amaya, Peones, e Melgar, Alferes mór de Burgos, e de D. Isabel de Bernuy; porém este segundo matrimonio foy esteril, e do primeiro teve a successão seguinte:

* 19 DOM ANTONIO AFFONSO PIMENTEL DE QUINHONES, XI. Conde de Benavente, adiante.

19 D. JOÃO PIMENTEL, que não casou, e teve hum filho natural chamado D. ANTONIO PIMENTEL.

*Marquez de Povar
e Malpica.*

19 DOM JOSEPH PIMENTEL, foy Senhor de Alharis, e Milmanda, Alferes mór de Leão, Comendador de Castilheras na Ordem de Calatrava, Gentil-homem da Camera delRey D. Carlos II. Capitão General de Castella a Velha, e por sua mulher Marquez de Povar, e de Mirabel, e Conde de Bratevila. Casou com D. Francisca Davila e Zuniga, Marqueza de Mirabel, e Povar, &c. filha de D. Henrique Davila e Zuniga, Conde de Brantevila, e de D. Joanna de Avila e Gusmao, III. Marqueza de Povar sua mulher, e prima com irmã, filha de D. Henrique Davila e Gusmao, I. Marquez de

de Povar, Claveiro da Ordem de Alcantara, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, seu Embaixador em Flandes, Capitão da sua Guarda Hespanhola, do Conselho de Estado, e Presidente do de Ordens, e de D. Catharina Henriques de Ribera sua mulher, filha de D. Francisco Barroso de Ribera, II. Marquez de Malpica, Mariscal de Castella, Senhor de Parla, S. Martin, Valdepuça, e Calabaças, e tiverão os filhos seguintes:

20 D. ANTONIO GASPAR PIMENTEL BARROSO DE RIBERA E AVILA, succedeo na Casa de seu tio D. Balthasar Barroso de Ribera, III. Marquez de Malpica, Conde de Navalmoral, Mariscal de Castella, Capitão da Guarda Alemã, que morreu sem successão a 21 de Março de 1669, o qual era irmão de sua avó D. Catharina de Ribera, e depois succedeo na Casa de seu pay, e em parte da de sua mãy. Foy IV. Marquez de Malpica, e V. de Povar, Conde de Navalmoral, Mariscal de Castella, Senhor de Alharis, Milmanda, Alpuas, Aguiar, Valdepuça, Parla, e outras Villas, Alcaide mór de Avila, Protector do Tribunal da Inquisição de Toledo, Gentil-homem da Camera delRey Carlos II. com exercicio. Casou em 11 de Janeiro de 1680 com D. Josefa Gonzaga Manrique de Lara, irmã da Condesa de Paredes D. Maria Luiza, mulher de D. Thomás Lourenço de Lacerda, Marquez de Laguna, filha de D. Vespasiano Gonzaga, Duque de Guastala, Vice-Rey de

Tom.X. M Va.

Valença, e de D. Maria Ignez Manrique de Lara, X. Condeſſa de Paredes, e deſte matrimonio naceo em 30 de Setembro de 1681, D. JOSEFA, que não viveo mais que oito dias, com que o Marquez veyo a morrer ſem ſucceſſão em Abril do anno de 1699.

20 D. MANOEL PIMENTEL DE ZUNIGA, ſuccedeo a ſua mãy na Caſa de ſeu avô, que foy V. Marquez de Mirabel, Conde de Brantevila, Alferes mór de Placencia, Commendador de Caſtilheras na Ordem de Calatrava, e Gentil-homem da Camera delRey. Depois ſuccedeo a ſeu irmão, e foy V. Marquez de Malpica, e VI. de Povar, Conde de Naval moral, Marſcal de Caſtella, e Senhor de toda a mais Caſa, que elle poſſuia. Caſou duas vezes, a primeira em 24 de Fevereiro de 1692 com D. Joanna Maria Idiaques e Borja, viuva de ſeu tio D. Antonio Pimentel, Marquez de Tarracena, e filha de D. Francisco Idiaques Butron, III. Duque de Ciudad Real em Napoles, Marquez de S. Damian, &c. e de ſua mulher D. Francisca de Borja e Aragoã, Princeza de Eſquilache, Condeſſa de Simati, e de Mayal, filha de D. Fernando de Borja, Commendador mór da Ordem de Montesã, Vice-Rey de Aragoã, e de Valença, Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe IV. ſeu Eſtribeiro mór, e do ſeu Conſelho de Eſtado, Sumilher de Corps do Principe D. Balthaſar, e de D. Maria de Borja, VI. Princeza de Eſquilache, ſua mulher, e ſobrinha, filha de ſeu irmão o Principe D. Francisco de Borja,

Borja, Conde de Mayalde, Commendador de Açugaga na Ordem de Santiago, Vice-Rey do Perú, e de D. Anna de Borja, V. Princeza de Esquilache, Condessa de Simari, filha herdeira de Dom Pedro de Borja, IV. Principe de Esquilache em Napoles, e de D. Isabel Pinhatelo sua primeira mulher, filha de Heitor Pinhatelo, II. Duque de Monte-Leon, e III. Conde de Borrelo em Napoles, e de D. Emilia Vintemilha sua segunda mulher, filha do Marquez de Gerachii em Sicilia, e deste matrimonio não teve successão. Casou segunda vez com D. Isabel Maria de la Cueva, irmã do Duque de Albuquerque. Casou terceira vez em 6 de Mayo de 1714 com D. Theresá de Moscoso, filha de Dom Luiz, VII. Conde de Altamira, de quem também não teve successão; e morrendo seu marido no anno de 1716, tornou esta Senhora a casar com Dom João Mascarenhas, VII. Conde de Santa Cruz, Marquez de Gouvea, seu sobrinho, como fica já escrito no Livro VIII. pag. 89 do Tomo IX.

20 D. SEBASTIAO PIMENTEL, foy Gentil-homem da Camera delRey Catholico, sem exercicio, Capitaõ de Cavallos das Guardas em Flandes, e Mestre de Campo de Infantaria em Milão, e morto das feridas, que recebeu na batalha de Orbastan em 4 de Outubro de 1693. Casou com Ignez Maria Zualart, filha de Fernando, Senhor de S. Martin, e de Violante Durnion, eteve

21 D. JOSEPH PIMENTEL, succedeo a seu tio,
Tom.X. M ii e foy

e foy VI. Marquez de Malpica , e VII. de Povar, Conde de Naval-Moral , foy Capitaõ das Guardas de Infantaria delRey Catholico. Casou com D. Josefa Sarmiento e Palafox, filha de D. Pedro Sarmiento de Toledo , Marquez de Mancera, Conde de Gondemar , que havia sido do Conselho, e Camera de Castella, e de sua segunda mulher D. Ignez Palafox e Zuniga , filha do Marquez de Ariza , e tiveraõ os filhos seguintes :

22 D. JOACHIM PIMENTEL , Marquez de Povar.

22 D. SERAFIM PIMENTEL.

22 D. JOSEPH PIMENTEL.

22 D. MARIA ANTONIA PIMENTEL , que casou no anno de 1741 com Dom Christovão Funes de Vilhalpando Gurrea Abarca Ximenes de Urrea, Conde de Arés , e del Villar , Grande de Hespanha , Gentil-homem da Camera delRey Catholico, com exercicio delRey das duas Sicilias.

22 D. ANTONIA PIMENTEL , Freira na Encarnação de Madrid.

22 D. IGNEZ , D. SINFROSA , D. PETRONILHA , e D. MARIA VICENTA , que até o presente não tem estado.

20 D. JOAÕ PIMENTEL , que foy o quarto filho , e Collegial do Collegio mayor de Santa Cruz de Valhadolid , Conego de Toledo , Capellaõ mór dos Reys na mesma Cathedral , e Sumilher da Cortina delRey Catholico.

D.

20 D. PEDRO PIMENTEL, que se achou com seu irmão D. Sebastião na batalha de Orbastan, e lhe succedeo no posto de Mestre de Campo do mesmo Terço, depois foy Marquez de Mirabel. Casou com D. Joanna Resolea de la Cueva, viuva do Conde de Castrilho, filha do Duque de Albuquerque, teve D. N. que morreo menino, e teve illegitimo a D. ANTONIO PIMENTEL, Cavalleiro da Ordem de Santiago, que seguindo as letras, he Fiscal do Conselho de Ordens.

20 D. JOSEPH PIMENTEL, morreo de curta idade.

20 D. CATHARINA PIMENTEL, foy Dama das Rainhas D. Maria Luiza de Orleans, e D. Marianna de Baviera, e da Rainha D. Maria Luiza de Saboya, não tomou estado.

20 DONA MARIA PIMENTEL, Dama da dita Rainha D. Marianna de Baviera. Casou com D. Luiz Rubin de Bracamonte e Henriques, Marquez de Fuente el Sol, sem successão, como se disse no Livro VIII. pag. 329 do Tomo IX.

19 D. MARIA PIMENTEL, filha primeira do Conde de Benavente, foy terceira mulher de Dom Antonio Sancho Pedro de Avila Osorio, X. Marquez de Astorga, de Valada, e de S. Romaão, Conde de Trastamara, &c. que morreo sem successão em 1689 a 27 de Fevereiro.

19 D. MAGDALENA PIMENTEL, foy terceira mulher de seu tio Dom Rodrigo Affonso Pimentel,

tel, Marquez de Vianna, como já atraz fica dito.

19 D. THERESA PIMENTEL, que foy a terceira na ordem do nascimento. Casou com D. Joaõ Affonso de Gusmaõ, I. Conde de Talara, V. de Saltes, e III. Marquez de Fuentes, sem successão, como adiante veremos.

* 19 D. ANTONIO AFFONSO PIMENTEL DE QUINHONES, foy XI. Conde de Benavente, de Luna, e de Mayorga, Meirinho môr de Leaõ, e Asturias, Cavalleiro, e Trefe da Ordem de Santiago, Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe IV. com exercicio; morreo a 22 de Janeiro de 1677. Casou duas vezes, a primeira no anno de 1637 com D. Francisca de Benavides, IV. Marqueza de Javalquinto, e de Villa-Real, Senhora de Espeluy, Efivel, Almaçora, e Ventosilha, e da Alcaldaria môr de Soria, Administradora da Commenda de Socobos na Ordem de Santiago, Dama da Rainha D. Isabel de Borbon, e filha unica de D. Francisco de Benavides, III. Marquez de Javalquinto, Alcaide môr de Soria, e de D. Isabel de la Cueva e Benavides, III. Marqueza de Villa-Real, sua mulher, e sobrinha, filha de sua irmã D. Maria de Baçan e Benavides, I. Marqueza de Villa-Real, e de seu marido Dom Alvaro de Benavides, Commendador môr de Aragaõ na Ordem de Santiago, do Conselho Real, e Camera de Castella, filho quinto de D. Francisco de Benavides, V. Conde de Santo Estevão del Puerto, e de D. Isabel de la Cueva sua mulher,

lher, Senhora de Solera. Morreo a Marqueza D. Francisca a 2 de Abril de 1653, deixando a successão, que logo se dirá, e o Conde seu marido tornou a casar segunda vez com D. Sancha Centurion, que morreo em 1678, filha de D. Adam Centurion e Cordova, e de D. Leonor Maria Centurion de Mendoça Carrilho e Albernós, Marquezes de Estepa, e Almunha, &c. e deste segundo matrimonio não teve filhos, e do primeiro os seguintes:

* 20 D. FRANCISCO ANTONIO CASIMIRO PIMENTEL, XII. Conde de Benavente.

* 20 D. THERESA PIMENTEL, Duqueza de Monte Leon, como adiante se dirá.

* 20 D. ANTONIA PIMENTEL, Duqueza de Medina Sidonia, com esclarecida descendencia, como logo se verá.

* 20 D. FRANCISCO ANTONIO CASIMIRO PIMENTEL DE QUINHONES E BENAVIDES, nasceu a 4 de Março de 1655, XII. Conde de Benavente, de Luna, e Mayorga, Marquez de Javalquinto, de Villa-Real, Meirinho mór de Leão, e Asturias, Alcaide mór de Soria, e successor nas mais Casas de seus pays, Commendador do Corral de Almaguer na Ordem de Santiago, Sumilher de Corps del-Rey D. Philippe V. e já o havia sido del-Rey Dom Carlos II. morreo a 22 de Janeiro de 1709.

Casou duas vezes, a primeira com D. Antonia de Guevara, filha primeira de Dom Beltraõ Veles de Guevara, Marquez de Campo-Real, Gentil-ho-
mem

mem da Camera delRey D. Filippe IV. e de D. Catharina Veles de Guevara , IX. Condeffa de Onhate, &c. sua sobrinha , a qual morreo de parto no anno de 1677, deixando os filhos seguintes :

21 D. FRANCISCO ANTONIO PIMENTEL DE QUINHONES , que foy o primeiro Conde de Luna , morreo menino.

21 D. ISABEL MARIA IGNACIA PIMENTEL DE GUEVARA , Dama da Rainha D. Marianna de Baviera , sem estado.

21 D. CATHARINA PIMENTEL DE GUEVARA , nasceo em Fevereiro do anno de 1677, de cujo parto morreo sua mãy , foy Dama da Rainha D. Marianna de Baviera. Sem estado.

Casou segunda vez no anno de 1677, em que havia enviuvado , com D. Manuela de Zuniga , filha do X. Duque de Bejar , como dissemos , e foraõ seus filhos

* 21 DOM ANTONIO FRANCISCO PIMENTEL , XIII. Conde de Benavente , adiante.

21 D. JOAÕ THOMAS PIMENTEL , Marquez de Vianna , morreo menino.

21 D. MARIA PIMENTEL , nasceo no anno de 1681. Casou no anno de 1700 com D. Joaõ Manoel de Zuniga , XII. Duque de Bejar , seu primo com irmaõ , e morreo de parto a 25 de Mayo de 1701.

21 D. EUGENIA PIMENTEL , nasceo em Novembro de 1682, e morreo menina.

D.

21 D. MANUELA PIMENTEL, nasceu no anno de 1684. Casou com D. Agostinho de Velasco e Bracamonte, Conde de Penharanda, Marquez del Fresno, depois Duque de Frias, e herdeiro de todos os Estados da Casa de Velasco, excepto o officio de Condestavel, que ElRey encorporou na Coroa, como se disse no Livro VIII.

* 21 D. ANTONIO FRANCISCO PIMENTEL DE QUINHONES E BENAVIDES, nasceu no anno de 1679, XIII. Conde de Benavente, de Luna, e Mayorga, Marquez de Javalquinto, e de Villa-Real, Meirinho mór de Leão, e Asturias, Alcaide mór de Soria, e Senhor dos mais Estados, e Casas de seu pay. Casou a primeira vez em 10 de Julho de 1695 com D. Ignacia de Borja, que morreu a 10 de Abril de 1711, filha de D. Paschoal Francisco, X. Duque de Gandia, como já dissemos, e deste matrimonio nascerão

22 DONA N. . . PIMENTEL, que morreu em Janeiro de 1699.

22 D. MANOEL PIMENTEL, que nasceu no anno de 1700, Conde de Luna, e faleceu moço, sem estado.

* 22 D. FRANCISCO PIMENTEL, de quem logo diremos.

22 D. IGNACIO PIMENTEL, que he III. Duque de Arion, Grande de Hespanha.

22 D. MARIA THERESA PIMENTEL, nasceu no anno de 1711. Casou com o Conde de Cabra, Tom.X. N pri-

primogenito do Duque de Sessa, como dissemos no Livro VIII. Tomo IX.

Casou segunda vez o Conde de Benavente com D. Maria Filippa de Hornes e Houtkerke, que faleceu no anno de 1725, filha de Philippe Eugenio, Conde de Hornes, Houtkerke, Visconde de Furnes, e da Condessa Leonor de Merode, e deste matrimonio não ficou successão.

* 22 D. FRANCISCO PIMENTEL QUINHONES E BENAVIDES, foy II. Duque de Arion, titulo, em que succedeo a seu tio, e nos seus Estados D. Balthasar de Zuniga, (irmao de sua avó) I. Marquez de Valero, e I. Duque de Arion, Sumilher de Corps delRey D. Philippe V. Presidente de Indias; porém depois da morte de seu irmao D. Manoel, Conde de Luna, succedeo neste titulo como successor da Casa de Benavente, e no Ducado de Arion seu irmao, como fica dito; assim he Conde de Luna, Gentil-homem da Camera delRey Catholico Dom Philippe V. Cavalleiro da Ordem de S. Genaro em Napoles.

Casou a primeira vez no anno de 1731 com D. Francisca de Benavides, filha dos X. Condes, e I. Duques de S. Estevao, sem successão, como se disse no Livro VIII.

Casou segunda vez com Dona Faustina Telles Giraõ, filha dos VII. Duques de Ossuna, como fica escrito, de quem até o presente não tem successão.

D.

* 20 D. THERESA PIMENTEL, filha primeira de D. Antonio Affonso Pimentel, XI. Conde de Benavente, e de sua primeira mulher D. Francisca de Benavides, IV. Marqueza de Javalquinto. Casou duas vezes, a primeira com D. André Fabricio Pinhateli de Aragaõ, VII. Duque de Monte-Leon, Grande de Hespanha, Marquez del Valhe de Cherquiara, e de Caronia, Principe de Noya, Conde de Borrello, e Santo Angelo, Cavalleiro do Tufão, Mestre de Campo de Infantaria em Catalunha; morreu em Girona no anno de 1678 das feridas, que recebeu no combate de Bellagarda: era filho de Dom Heitor Pinhatelli, VI. Duque de Monte-Leon, Principe de Noya, Marquez de Cherquiara, Conde de Borrello, e de Santo Angelo em Napoles, e de Caronia em Sicilia, Cavalleiro do Tufão, e Vice-Rey de Aragaõ, huma das esclarecidas familias do Reyno de Napoles, pela antiguidade, que conta desde o anno de Christo de 1343, começou a florescer em Varoens insignes Ecclesiasticos, e Seculares, e de sua mulher D. Joanna Talhavia, e Aragaõ e Cortez, V. Duqueza de Terra-Nova, Marqueza del Valhe, Camereira môr das Rainhas D. Maria Luiza de Orleans, e de D. Marianna de Austria, filha unica de D. Diogo Talhavia e Aragaõ, IV. Duque de Terra-Nova, Principe de Castel-Vetran, e do Sacro Romano Imperio, Marquez del Valhe, e de la Favara, Conde de Burgeto, e de Santo Angelo, Senhor de Monte Douro de Men-
Tom.X. N ii fis,

Duques de Monte-Leon, e de Terra-Nova.

Lellis, Famil. de Napoles, tom.2. pag.159 impr. em 1694.

sis, de Castel-Termine, Berrihada, e outras terras, do Conselho Collaterale do Reyno de Sicilia, Condestavel, e Almirante, e General da Cavallaria do mesmo Reyno, Grande de Hespanha, Commendador de Villa-Franca na Odem de Santiago, que renunciou a favor de D. Fabricio Pinhateli seu sobrinho, tomando o collar da Ordem do Tufão, Embaixador Extraordinario a Alemanha, destinado para conduzir a Rainha D. Marianna de Baviera com o titulo de seu Estribeiro môr, e depois seu Mordomo môr, Vice-Rey de Sardenha, e Embaixador Extraordinario na Curia Romana, do Conselho de Estado, e de sua mulher D. Estefania Cortez de Mendoça, V. Marqueza del Valhe de Guaxaca, e desse primeiro matrimonio nasceraõ duas filhas:

* 21 D. JOANNA DE ARAGAÕ, VIII. Duqueza de Monte-Leon, com quem se continúa.

21 D. ROSALIA MARIA DE ARAGAÕ E PINHATELI, casou em 12 de Novembro de 1689 com D. Inigo da Cruz Manrique de Arelhano Mendoça e Alvarado, XI. Conde de Aguilar, e de Vilhamor, Marquez de la Hinojosa, Senhor de los Cameros, Gentil-homem da Camera com exercicio, Grande de Hespanha, Cavalleiro do Tufão, Capitão General dos Exercitos delRey Catholico, e desse matrimonio teve a

22 „D. MARIA NICOLASA DE VALHANERA,
„mulher de D. Joaõ Chrysostomo Manrique, Con-
„de

„de de Fuenfaldanha, e Montehermoso, e morre-
„raõ sem successão.

* 21 DONA JOANNA DE ARAGAÕ PINHATELI
CORTES, VIII. Duqueza de Monte-Leon, e Se-
nhora de toda a mais Casa, e da de sua avó mater-
na a Duqueza de Terra-Nova, e Marqueza del Va-
lhe. Casou no anno de 1679 com D. Nicolao Pi-
nhateli seu tio, irmão de seu visavô, V. Duque de
Monte-Leon, e de D. Angelo Pinhateli, Principe
de Monte-Corvino, Duque de S. Mauro, e do Pa-
dre Francisco Pinhateli, Clerigo Regular Theati-
no, que foy Arcebispo de Taranto, e Nuncio de
Polonia, e depois Arcebispo de Napoles, e Cardeal
da Santa Igreja Romana, creado em 13 de Dezem-
bro de 1703, Prelado, que vivendo com grande
exemplo, faleceo a 5 de Dezembro do anno de
1734 com oitenta e tres annos de idade: por este
casamento foy D. Nicolao VIII. Duque de Mon-
te-Leon em Napoles, e VI. de Terra-Nova em
Sicilia, e por hum, e outro titulo Grande de Hes-
panha, Principe de Castel-Vetran, e de Noya, VI.
Marquez del Valhe de Guaxaca, de Cherquiara, de
Avola, e la Favara, Conde de Burgeto, e de Bor-
rello, de Caronia, de Santo Angelo, Condestavel,
e Almirante de Sicilia, Vice-Rey de Sardenha, Ca-
valleiro do Tusaõ, que largou pela Commenda de
Maçanares, Gentil-homem da Camera del Rey Car-
los II. e Eitribeiro mór da Rainha D. Marianna de
Baviera, o qual era meyo irmão de seu visavô D.

Fabri-

Fabricio Pinhateli, V. Duque de Monte-Leon; III. de Noya, &c. filhos de D. Julio Pinhateli, II. Principe de Noya, IV. Marquez de Cherquiara, e de sua terceira mulher a Duqueza D. Beatriz Carrafa, filha de D. Joaõ Carrafa, Duque de Noya, e de Dona Julia de Lanoy, Duqueza de Boyano, e D. Fabricio era filho da primeira mulher chamada D. Zenobia Pinhateli, filha de D. Diogo Pinhateli, Senhor de Castellaneta, e deste matrimonio tiveram

22 DOM JOSEPH PINHATELI DE ARAGAÕ, Marquez del Valhe, morreo menino.

22 D. DIOGO DE ARAGAÕ CORTEZ E PINHATELI, nasceu Marquez del Valhe, he Duque de Terra-Nova, de Monte-Leon, &c. em que succedeo a sua mãy.

22 D. FERNANDO PINHATELI.

22 O PRINCEPE D. FABRICIO PINHATELI, casou a 16 de Novembro de 1727 com a Princeza D. Virginia Pinhateli, filha do Principe de Strongoli.

22 D. ANTONIO PINHATELI, casou com D. N. . . . de Moncayo e Centelhas, filha herdadeira de D. Bartholomeu de Moncayo, III. Marquez de Cosco Juela, e de D. Maria Francisca Centelhas Blanes e Calataiud sua mulher.

22 D. MARIA THERESA PINHATELI ARAGAÕ, Dama da Rainha D. Marianna de Baviera. Casou no anno de 1701 com Joaõ Filippe Eugenio de

de Merode, Marquez de Westerlo em Flandes, Cavalleiro do Tufaõ.

22 D. ESTEFANIA DE ARAGAÕ E PINHATELI, casou com D. Joseph de S. Severin, Conde de Clermont, Principe de Bisignano.

22 D. CATHARINA PINHATELI.

22 D. ROSALIA PINHATELI.

Casou segunda vez a Duqueza D. Theresá Pimentel em Dezembro de 1682 com D. Jayme Viçtor Fernandes Sarmento da Sylva Vilhandro e Pinos, V. Duque de Híjar, IX. Conde de Salinas, Ribadeo, Belchit, Aliaga, Wolfogona, e Guimera, Visconde de Ilha Canet, e Cavalleiraõ do Tufaõ, Graõ Camerlengo de Aragaõ, Vice-Rey daquelle Reyno, Gentil-homem da Camera delRey, e Escribeiro mór da Rainha D. Marianna de Baviera, o qual morreo no anno de 1700, e já tinha sido casado duas vezes, a primeira com D. Anna Henriques de Almanfa, filha de Dom Joaõ Henriques de Almanfa e Borgia, VII. Marquez de Alcanizes; e a segunda com D. Marianna Pinhateli e Aragaõ, filha de D. Heitor Pinhateli, V. Duque de Monte-Leon, e de todas teve filhos, e de sua terceira mulher a Duqueza D. Theresá Pimentel teve

22 D. FRANCISCO FERNANDES DE HÍJAR SARMENTO DE VILHANDRO, nasceo a 4 de Outubro de 1683, Conde de Ribadeo, e del Biche, e successor da Casa de seu pay, em cuja vida morreo a 3 de Outubro de 1697.
Era

Era Commendador môr de Alcanhiz na Ordem de Calatrava.

22 D. ROSA DA SYLVA PIMENTEL, casou com D. Balthazar Soler de Marradas e Vich, IX. Conde de Silhen, Barão de Lhauri, e Metada no Reyno de Valença, sem successão.

§. IV.

Marquez de Villa Manrique, Ajmon-te, e Ajlorga.

* 15 DOM ALVARO DE ZUNIGA, filho sexto de Dom Francisco, IV. Duque de Bejar, e de sua mulher a Duquesa D. Theresá de Zuniga, como attraz fica dito. Seguiu a vida Ecclesiastica, e foy Conego da Igreja Cathedral de Sevilha, e depois por disposição de sua mãy se chamou D. Manrique, e com esta obrigação instituiu nelle o Morgado de Mures, Villa, que havia comprado da Ordem de Santiago, a que fez chamar Villa Manrique, de que foy I. Marquez por mercede delRey Filippe II. Foy Vice-Rey, e Capitão General do Perú. Casou com D. Branca de Velasco, filha de D. Diogo Lopes de Zuniga e Velasco, IV. Conde de Neiva, e de D. Maria Henriques sua mulher, filha de D. Francisco Henriques, I. Marquez de Almança, e deste matrimonio teve

* 16 D. FRANCISCO DE ZUNIGA, que nasceu unico, e foy II. Marquez de Villa Manrique. Casou duas vezes, a primeira com D. Anna Portocarrero de Cardenas, filha de D. Pedro Lopes Portocarre-

carrero, Marquez de Alcalá de la Alameda, e de D. Elvira de Cardenas sua segunda mulher, e desse matrimonio não teve successão. Casou segunda vez com D. Brites de Velasco sua prima com irmã, filha de D. Antonio de Zuniga e Velasco, V. Conde de Neiva, e de D. Catharina de Arellano, filha de D. Pedro, IV. Conde de Aguilar, de quem nasceu

* 17 D. LUIZA JOSEFA MANRIQUE DE ZUNIGA, que succedeo nesta Casa, e foy III. Marqueza de Villa Manrique, que morreo a 14 de Janeiro de 1680. Casou com Dom Melchior de Gusmao, Commendador del Moral na Ordem de Calatrava, filho quarto de D. Manoel, VIII. Duque de Medina Sidonia, e morreo em 22 de Junho de 1639, e tiverao os filhos seguintes:

* 18 D. MANOEL DE GUSMAO E ZUNIGA, Marquez de Villa Manrique, &c. de quem se dirá adiante.

18 D. FRANCISCO DE GUSMAO, que servindo na guerra, morreo no sitio de Barcellona no anno de 1652.

18 D. ANTONIO MANRIQUE DE GUSMAO; foy Collegial do Collegio mayor de S. Bartholomeu de Salamanca, Conego de Toledo, Sumilher da Cortina del Rey, Capellaõ, e Esmoler mór da Infanta D. Margarida Theresa de Austria Emperatriz, e ultimamente Patriarca de Indias, Capellaõ mór, e Esmoler mór del Rey D. Carlos II. lugar, em que

Tom. X.

O succe-

sucedeo a seu tio o Patriarca D. Alonfo Peres de Gusmaõ; morreo a 17 de Fevereiro de 1680.

Condes de Fontanar.

* 18 D. MELCHIOR DE GUSMAÕ, filho ultimo, foy III. Conde de Fontanar, e Senhor de Minaya por casar com a Condeffa D. Theresá de Benavente Pacheco, filha unica herdeira de D. Gaspar de Benavente e Benavides, II. Conde de Fontanar, e de D. Josefa Pacheco, Senhora de Minaya, filha herdeira de D. Gaspar Fernandes Pacheco, Senhor de Minaya, e de Dona Marinha de Valençuela; era D. Gaspar de Benavente filho de D. Christovaõ de Benavente e Benavides, I. Conde de Fontanar, Commendador de Valhega na Ordem de Santiago, Védor General de Flandes, do Conselho de Guerra, Embaixador em Veneza, e em França, Ayo, e Mordomo mór de D. Joaõ de Austria, e de Dona Leonor Neli de Ribadaneira, irmãa de D. Damiana, Senhora de la Vega, mulher de D. Francisco de Ribadaneira pays de D. Affonso, foy filho Dom Balthasar do I. Marquez de la Vega, e avô de D. Alonfo de Ribadaneira Ninho de Castro, Marquez de la Alameda, e tiveraõ

* 19 D. ALEIXO DE GUSMAÕ, IV. Conde de Fontanar.

19 D. LUIZA DE GUSMAÕ, foy Dama da Rainha D. Marianna de Austria, morreo a 21 de Mayo de 1695, estando desposada com D. Balthasar Portocarrero da Sylva.

19 D. MANUELA MELCHIORA DE GUSMAÕ,
nasceo

nasceu a 24 de Dezembro de 1689 , e morreu a 6 de Janeiro de 1709 , tendo casado em 8 de Abril de 1703 com D. Balthazar Portocarrero e Sylva , Alferes mór dos Peões de Castella , filho unico de D. Joseph Portocarrero , I. Marquez de Castrilho , e tiverão a D. ANNA MARIA , que nasceu a 4 de Dezembro de 1706 , e morreu a 12 de Dezembro de 1708 , e a D. MARIA MANUELA , que nasceu a 19 de Dezembro de 1708 , e morreu a 28 de Fevereiro de 1711.

* 19 D. ALEIXO DE GUSMAO BENAVENTE E PACHECO , IV. Conde de Fontanar , e herdeiro da Casa de sua mãy , foy Veador delRey Catholico , e do Conselho de Italia.

Casou em 11 de Outubro de 1690 com D. Constança de Barradas , Dama da Rainha D. Marianna de Austria , e filha de Dom Antonio de Barradas Aguayo e Portocarrero , I. Marquez de Cortes , de Graena , Senhor de Alia , Castilbranco , e las Navas , Alferes mór de Guadix , e de D. Mecia de Baçan , filha dos Senhores de Penalva , e de Macintos , e tiverão os filhos seguintes , e não tinhaõ até o anno de 1729 successores.

20 D. BELCHIOR , e D. MARIA , morrerão meninos.

20 D. FRANCISCA , e D. MARIA , que tambem morrerão de tenra idade.

* 18 D. MANOEL LUIZ DE GUSMAO E ZUNIGA , succedeo na Casa de sua mãy , e por morte de
• Tom.X. O ii sua

sua tia, a Marqueza D. Brianda de Gusmao, no Marquezado de Ayamonte, e Morgado de Gines, por sentença, que alcançou nos grandes pleitos, que sobre esta Casa correrão; foy IV. Marquez de Villa Manrique, e VII. de Ayamonte, Senhor de Gines, Lepe, e Redondela, Gentil-homem da Camera com exercicio delRey Carlos II. Casou em 5 de Janeiro de 1650 com D. Anna de Avila Oso-rio, Dama da Infanta D. Maria Theresá, Rainha de França, que depois por morte de seu irmão foy XI. Marqueza de Astorga, de Velada, e S. Romao, Condesa de Trastamara, de Santa Martha, de Villa-Lobos, e Senhora dos mais Estados, e Villas unidas a estas Casas, que por ella logrou seu marido, em que viveo esta Senhora, e se cobrio Grande da primeira classe; e morreo a 20 de Julho de 1693, e deste matrimonio nascerão estes filhos:

* 19 D. MELCHIOR, XII. Marquez de Astorga.

19 D. BERNARDINO DE GUSMAO, foy Menino braceiro da Rainha Dona Maria Luiza de Orleans, e depois Gentil-homem da Camera delRey Carlos II. com entrada, e morreo sem tomar estado no anno de 1694.

19 D. CONSTANÇA MARIA DE GUSMAO, Duqueza de Guesca, morreo a 8 de Novembro de 1670. Casou com D. Antonio Alvares de Toledo e Beaumont, Cavalleiro do Tufão, Gentil-homem da

da Camera delRey D. Carlos II. com exercicio, naquelle tempo primogenito do VII. Duque de Alva, e depois VIII. Duque de Alva, de Guesca, e Galisteo, &c. e morreo a 15 de Novembro de 1701 com a successão, que dissemos no Livro VIII. pag. 350 do Tomo IX.

19 D. MARIA ANDREA DE GUSMAO, casou duas vezes, a primeira em 11 de Dezembro de 1683 com D. Francisco Fernandes de Cordova Cardona e Requesens, VIII. Duque de Sessa, de Baena, e Soma, &c. de quem foy quarta mulher, com a successão, que dissemos no Livro VIII. pag. 296 do Tomo IX. e ficando viuva, casou segunda vez com D. Joseph Sarmiento de Valladares, Cavalleiro da Ordem de Santiago, do Conselho de Ordens, que por sua primeira mulher teve o titulo de Conde de Moteçuma, foy Vice-Rey da Nova Hespanha, e I. Duque de Atrisco, irmão de D. Luiz Sarmiento de Valladares, I. Marquez de Valladares, Visconde de Meira, e Mordomo da Rainha D. Marianna de Austria, filhos ambos de D. Gregorio Sarmiento de Valladares, Cavalleiro da Ordem de Santiago, (irmão de D. Diogo Sarmiento de Valladares, Bispo de Oviedo, e Placencia, Presidente de Castella, e Inquisidor Geral, do Conselho de Estado) e de D. Joanna Sarmiento de Valladares, Senhora da Casa de Valladares, e Meira, sua prima com irmã, de quem teve a

20 D. BERNARDA SARMENTO DE VALLADARES

RES E GUSMAO, III. Duqueza de Atrisco, Dama da Princeza das Asturias D. Maria Barbara, e casou com D. Felix de Ayala e Velasco, XI. Conde de Fuensalida, como fica escrito no Livro VIII. pag. 408 do Tomo IX.

* 19 D. BELCHIOR DE GUSMAO OSORIO AVILA E ZUNIGA, foy XII. Marquez de Astorga, Velada, Ayamonte, San Roman, e Villa Manrique, Conde de Trastamara, de Santa Martha, e Villa-Lobos, de Saltes, e Nieva, Senhor de Lepe, Redondella, Ventoze, e outras Villas, Commendador da de Mançanares na Ordem de Calatrava, Governador do Reyno de Galliza, morreo a 15 de Abril de 1710. Casou a 8 de Dezembro de 1676 a primeira vez com D. Antonia de Lacerda e Aragao, filha do VIII. Duque de Medina Celi, e da Duqueza de Segorbe, e Cardona sua mulher, e deste matrimonio nao teve successao. Casou segunda vez em 16 de Janeiro de 1684 com D. Marianna de Cordova e Figueiroa, filha de D. Luiz, VI. Marquez de Priego, Duque de Feria, e de sua mulher D. Marianna Fernandes de Cordova, filha primeira de D. Antonio VII. Duque de Sessa, e tiverao

20 D. MANOEL DE GUSMAO, que nasceo a 28 de Mayo de 1685, e morreo de curta idade.

* 20 D. ANNA DE GUSMAO DE AVILA OSORIO, XIII. Marqueza de Astorga, de Velada, &c. e Senhora de todos os mais Estados unidos a sua Casa, e foy primeira mulher de D. Antonio Gaspar Ofo-

Oforio, VIII. Conde de Altamira, cuja successão deixamos referida no Livro VIII. pag. 137 do Tomo IX.

§. V.

* 15 **D**ONA LEONOR DE SOTTOMAYOR E Duques de Medina Si-
ZUNIGA, filha de D. Francisco de Sot-
tomayor, e de D. Theresá de Zuniga, IV. Duques
de Bejar, como atraz fica escrito. Casou no anno
de 1566 com D. Joaõ Claros de Gusmaõ, IX. Con-
de de Niebla, primogenito de D. Joaõ Alonso de
Gusmaõ, VI. Duque de Medina Sidonia, e da Du-
queza D. Anna de Aragaõ, filha de D. Affonso de
Aragaõ, que nasceo no anno de 1469, Arcebispo
de Çaragoça, Vice-Rey de Aragaõ, morreo no an-
no de 1520, havida em Anna Gurtea, e neta del-
Rey D. Fernando o Catholico, e descendente por
varonia da illustrissima Familia de Gusmaõ, de taõ
esclarecida origem, como huma veneravel anciani-
dade, sendo desde o seu principio huma das de ma-
yor respeito de toda Hespanha pela grandeza da sua
Casa, e pelas allianças, e parentescos na Casa Real,
participando do seu sangue as mais excellas Coroas
da Europa: morreo o Conde sem chegar a succeder
nesta grande Casa no anno de 1554, deixando os fi-
lhos seguintes:

* 16 D. ALONSO, VII. Duque de Medina Si-
donia.

D.

16 D. MARIA ANDREA DE GUSMAO, casou com seu primo com irmão D. Francisco Diogo Lopes de Zuniga, VI. Duque de Bejar, como atraz dissemos.

* 16 D. ALONSO PERES DE GUSMAO EL BUENO, foy VII. Duque de Medina Sidonia, X. Conde de Niebla, IV. Marquez de Caçaga, e Senhor de toda esta Casa, em que succedeo no anno de 1558 a seu avô, foy Cavalleiro do Tusaô no anno de 1570, foy hum dos Senhores, que acompanharaõ a ElRey D. Filippe II. na entrada publica, que fez em Sevilha, depois foy General das Costas de Andaluzia, e do mar Oceano na poderosa Armada, que Hespanha mandou contra Inglaterra no anno de 1588, do Conselho de Estado; morreo no mez de Julho do anno de 1615. Casou no anno de 1572 com D. Anna da Sylva e Mendoça, filha primeira de Ruy Gomes da Sylva, Principe de Eboli, I. Duque de Pastrana, e de Estremeira, Marquez de Diano, Senhor da Chamusca, e Ulme em Portugal, e de muitas Villas em Castella, e Napoles, Commendador de Parragal, e Herrera na Ordem de Alcantara, Claveiro, e Commendador de Argamacilha na de Calatrava, Adiantado de Carçola; Contador môr de Castella, e das Indias, Mordomo môr do Principe das Asturias, Sumilher de Corps delRey D. Filippe II. e do seu Conselho de Estado, Varaô esclarecido por sangue, fortuna, e merecimentos; nasceo em Portugal, de quem faz larg

Histor. da Casa de Sylva, tom. 2. liv. 10, cap. 18. pag. 643.

ga memoria o erudito Salazar na sua estimada Historia da Casa de Sylva ; morreo a 29 de Julho de 1573, sendo casado com D. Anna de Mendoça e Lacerda, Princeza de Melito, Duqueza de Francavila, Marqueza de Alegecilha, filha unica, e herdeira de D. Diogo Furtado de Mendoça, Principe de Melito, Duque de Francavila, e de D. Catharina da Sylva, filha de D. Fernando da Sylva, IV. Conde de Cifuentes, Alferes mór de Castella, e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 17 D. JOÃO MANOEL, VIII. Duque de Medina Sidonia.

* 17 D. FILIPPE DE GUSMÃO E ARAGAÕ, foy Marquez de Alcalá de la Alameda por casar com a Marqueza D. Antonia Portocarrero, Baroneza de Antelha, Senhora de Lobon, e Chucena, filha herdeira de D. Pedro Lopes Portocarrero, I. Marquez de Alcalá de la Alameda, &c. e de Dona Elvira de Cardenas, Senhora de Lobon, sua segunda mulher. Este casamento se annullou por impotencia, e sendo separados, casou depois esta Senhora com Dom Pedro Giraõ, (irmaõ de D. Fernando, III. Duque de Alcalá) de quem nasceo D. ANNA MARIA LUIZA PORTOCARRERO HENRIQUES DE RIBERA, III. Marqueza de la Alameda, e V. Duqueza de Alcalá, mulher de D. Antonio, VII. Duque de Medina Celi, com a successão, que deixamos escrita no Livro VIII. pag. 515 do Tomo IX.

17 D. RODRIGO DA SYLVA E MENDOÇA, foy
Tom.X. P 1.

Salazar, *Hist. de Casa de Sylva*, tom. 2.
pag. 649.

I. Conde de Saltes, casou com sua prima segunda D. Brianda de Gusmaõ, filha de D. Francisco, IV. Marquez de Ayamonte, que por morte de seu irmão o Marquez D. Antonio succedeo na Casa, e foy VI. Marqueza de Ayamonte, e por morte deste marido foy mulher de D. Inigo, VI. Marquez de Mondejar, e tiveraõ

18 D. AFFONSO DA SYLVA E MENDOÇA, que foy unico, e faleceo de dezaseis annos de idade, estando concertado de casar com D. Maria de Mendoça e Aragaõ, irmã de seu padraõto, e por sua morte foy VII. Marqueza de Mondejar, e IX. Condeffa de Tendilha, e casou com o VI. Marquez de Falces.

17 D. ALONSO PERES DE GUSMAÕ, foy Patriarca de Indias, Arcebispo de Tiro, Capellaõ mór, e Esmoler mór dos Reys Filippe III. e IV. de Castella, e Capellaõ mór dos Reys novos de Toledo; morreo no anno de 1671.

17 D. MIGUEL DE GUSMAÕ, foy Commendador de Havanilha na Ordem de Calatrava, e pelo seu casamento Conde de Valverde. Casou com D. Magdalena de Gusmaõ, III. Condeffa de Valverde, que depois foy mulher de D. Diogo Pimentel, irmão do IX. Conde de Benavente, filha herdeira de D. Tello de Gusmaõ, II. Conde de Valverde em Castella, Senhor de Brujon, Commendador das Casas de Placencia na Ordem de Calatrava, e de Dona Anna Maria de Zuniga sua segunda mulher, filha de

de D. Pedro de Zuniga, Marquez de Aguila-Fuente, e tiveraõ

18 D. ANNA MARIA DE GUSMAO, filha unica, por morte de seu primo o Conde D. Affonso da Sylva, foy III. Condeffa de Saltes. Casou com Dom Antonio Sancho Pedro de Avila e Oforio, Marquez de S. Romaõ, e depois de Astorga, e foy sua primeira mulher, a qual morreo sem successão em vida de sua mãy.

* 17 D. JOAõ CLAROS DE GUSMAO, filho sexto, e ultimo do Duque D. Alonfo, por morte de sua sobrinha a Condeffa D. Anna foy IV. Conde de Saltes, Commendador de Piedra Buena na Ordem de Calatrava, Gentil-homem da Camera del-Rey Philippe IV. do seu Conselho de Guerra, Capitão General da Armada de Flandes, e por sua mulher II. Marquez de Fuentes, e Adiantado mayor de Canaria, morreo no anno de 1640. Casou com Dona Brites de Fuentes Gusmao e Lago, II. Marqueza de Fuentes, filha herdeira de D. Gomes de Fuentes e Gusmao, I. Marquez de Fuentes, Senhor de Castileja de Falara, Commendador de Villa-Escussa de Haro na Ordem de Santiago, Gentil-homem da Camera del-Rey Philippe III. e da Marqueza D. Catharina de Sandoval sua mulher, Dama da Rainha D. Margarida de Austria, e tiveraõ unico filho:

18 D. JOAõ AFFONSO DE GUSMAO FUENTES E LUGO, V. Conde de Saltes, III. Marquez de Tom.X. P ii Fu-

Condes de Saltes, Marquez de Fuentes.

Fuentes, Senhor da Torre del Maestre, Adiantado da Canaria, Gentil-homem da Camera com exercicio, e primeiro Cavalheiro dos Reys D. Philippe IV. e D. Carlos II. Presidente do Conselho de Ordens, e morreo a 10 de Julho de 1695. Casou duas vezes, a primeira com D. Theresá Pimentel, filha de D. Joaõ Affonso, X. Conde de Benavente, e da Condessa D. Mecia sua primeira mulher, como fica dito. Casou segunda vez em 22 de Setembro de 1694 com D. Josefa Maria de Guevara, viuva do Principe de Trivulcio, e filha de D. Beliraõ Veles de Guevara, Marquez de Campo Real, e de D. Catharina Veles de Guevara, IX. Condessa de Onhate, sua mulher, e sobrinha, como se vê no Livro VIII. pag. 444 do Tom. IX. e de nenhum destes matrimonios deixou filhos, pelo que succedeo no Condado de Saltes seu sobrinho o XI. Duque de Medina Sidonia, e nos mais Estados, Titulos, e Morgados Dom Joseph Francisco de Cordova, III. Conde de Torralva, Senhor de Totantes, por ser terceiro neto de D. Branca de Gusmaõ, irmã inteira de D. Alvaro de Fuentes e Gusmaõ, Senhor de Fuentes e Castilheja de Talará, visavô do Conde D. Joaõ Claros, em quem se extinguiu a sua linha: pelo que passou esta Casa à linha de D. Branca sua irmã, como filha de D. Alvaro de Fuentes e Gusmaõ, e de Dona Beatriz de Ayala, filha de D. Pedro Fernandes de Lugo, Adiantado de Canaria.

D.

*Faria, Illustr. da Arma
da Casa de Eragarça,
n. 2160.*

17 D. LEONOR DE GUSMAO, que foy a primeira filha. Casou em 29 de Mayo de 1601 com seu primo com irmao D. Ruy Gomes da Sylva, III. Duque de Pastrana, a qual morreo a 16 de Outubro do anno de 1657, deixando a successao, que referimos no Livro VIII. pag. 480 do Tomo IX.

17 D. FRANCISCA DE GUSMAO, morreo sem tomar estado.

17 D. ANNA MARIA DE GUSMAO, foy primeira mulher de seu sobrinho D. Gaspar de Gusmao, IX. Duque de Medina Sidonia, como logo se verá.

* 17 D. JOAO MANOEL DOMINGOS FRANCISCO DE PAULA ALONSO PERES DE GUSMAO, a quem muitos dos Genealogicos chamao Dom Manoel, sendo, como refere Salazar, D. Joao Manoel, nasceu em 7 de Janeiro de 1579, foy VIII. Duque de Medina Sidonia, XI. Conde de Niebla, Marquez de Caçaça, Senhor da Cidade de S. Lucar, onde recebeu a ElRey D. Filippe II. e dos mais Estados desta Grande Casa, Cavalleiro do Tufao, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, do seu Conselho de Estado, Capitaõ General do mar Oceano, e Costas de Andaluzia; morreo em S. Lucar em Quinta Feira Mayor do anno de 1636. Casou em 16 de Novembro do anno de 1598 com D. Joanna de Sandoval, filha primeira de D. Francisco Gomes de Sandoval, I. Duque de Lerma, e depois Cardeal, e da Duqueza D. Catharina de Lacerda,

*Glor. da Casa Francisca,
pag. 171.*

cerda, filha de Dom João, IV. Duque de Medina Celi, e desta união se perpetua Real posteridade, tendo mais os filhos seguintes:

18 D. AFFONSO PERES DE GUSMAO, XII. Conde de Niebla, morreo menino.

* 18 D. GASPAS, IX. Duque de Medina Sidonia, com quem se continúa.

18 A RAINHA D. LUIZA FRANCISCA DE GUSMAO, que nasceu em S. Lucar a 13 de Outubro de 1613, e casou em 11 de Janeiro de 1633 com El-Rey D. João IV. de Portugal, (naquelle tempo II. do nome Duque de Bragança) e por sua morte Regente do Reyno na menoridade del Rey D. Affonso VI. seu filho, e morreo retirada no Mosteiro das Agoſtinhas Descalças, que fundou junto a Lisboa, a 27 de Fevereiro de 1666, e das suas claras virtudes deixamos feito digna memoria no Livro VII. Capitulo I. pag. 244 do Tomo VII. onde se continúa a sua Real posteridade.

18 DOM BALTHASAR DE GUSMAO, morreo menino.

18 D. MELCHIOR DE GUSMAO, III. Marquez de Villa Manrique por casar com a Marqueza D. Luiza Josefa Manrique, como atraz temos dito.

18 D. FRANCISCA, e D. CATHARINA, morrerao de curta idade.

* 18 D. GASPAS DE GUSMAO, IX. Duque de Medina Sidonia, XIII. Conde de Niebla, Marquez de

de Caçaça, Commendador das Casas de Sevilha, e Niebla na Ordem de Calatrava, Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe IV. e General do mar Oceano, e Costas de Andaluzia, posto de que morreo privado em Duenhas a 4 de Novembro de 1664. Casou duas vezes, a primeira com sua tia D. Anna Maria de Gusmaõ, irmã do Duque seu pay, a qual morreo no anno de 1637, e della teve estes filhos:

19 D. JOAÕ AFFONSO, XIV. Conde de Niebla, morreo de pouca idade.

19 D. MANOEL, D. GASPAS, e D. LUIZA; DE GUSMAÕ, morteraõ de tenra idade.

19 D. GASPAS DE GUSMAÕ, foy X. Duque de Medina Sidonia, e XV. Conde de Niebla, Marquez de Caçaça, &c. Commendador de Guadalcanal na Ordem de Santiago; morreo a 8 de Fevereiro de 1667 de hum accidente, estando jogando a péla em Sevilha. Casou em 26 de Dezembro de 1657 com D. Antonia de Haro e Gusmaõ, filha de D. Luiz Mendes de Haro e Gusmaõ, VI. Marquez del Carpio, e de Heliche, Conde Duque de Olivares, e de sua mulher D. Catharina Fernandes de Cordova e Aragaõ, filha de Dom Henrique, V. Duque de Cardona, e Segorbe, naõ tiveraõ successão.

Casou segunda vez em o primeiro de Março de 1640 com D. Joanna de Cordova, que morreo no anno de 1680, filha de Dom Affonso Fernandes de Cordova, V. Marquez de Priego, Montalvan, e Vilhal-

Vilhalva, Duque de Faria, Conde de Gafra, Grande de Hespanha por duas partes, Cavalleiro do Tufão, e da Marqueza D. Joanna Henriques, irmã do III. Duque de Alcalá, e deste matrimonio nasceraõ

19 DOM FRANCISCO DE GUSMAÕ, que foy Marquez de Valverde, titulo, que deu ElRey Filippe IV. para o primogenito deste matrimonio, quando elle se celebrou, não casou.

19 D. JOAÕ, XI. Duque de Medina Sidonia:

19 D. JOANNA DE GUSMAÕ, nasceo muda, e foy Freira em o Mosteiro de Santa Clara de Montilha.

Teve o Duque fóra do matrimonio a estes filhos:

19 D. FR. DOMINGOS DE GUSMAÕ, havido em huma Senhora de grande qualidade, foy Religiofo da Ordem de S. Domingos, e passando-se a Portugal, ElRey D. Pedro II. o nomeou Bispo de Leiria, de que tomou posse a 8 de Março de 1678, e no mesmo anno foy promovido ao Arcebispado de Evora, que governou até o de 1689. Jaz na Sé de Evora, onde tem este letreiro: *Sepultura do Illustriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Arcebiſpo de Evora D. Fr. Domingos de Gusmaõ, que faleceo a 19 de Dezembro de 1689, e era filho do Excellentiſſimo Senhor D. Gaspar de Gusmaõ, Duque de Medina Sidonia, irmão da Soberana Senhora Rainha de Portugal D. Luiza de Gusmaõ, mulher do Auguſtiſſimo Rey D. Joaõ IV.* E porque não ficasse para sem-
pre

pre esquecidos, por haver onze annos, que estavaõ neste lugar taõ humilhados os ossos de Prelado taõ escla-recido, lhe mandou fazer esta campa sobre lhe ter feito huma Missa quotidiana na Congregaçaõ do Oratorio da Villa de Estremoz seu immediato successor o Arcebispo de Evora D. Fr. Luiz da Sylva, Religioso da Santissima Trindade. E se poz esta campa nesta sepultura em 29 de Novembro de 1700, com que se póde aqui dizer: Et exultabunt ossa humiliata.

19 D. FR. HENRIQUE DE GUSMAÕ, Religioso da Ordem dos Prégadores, que morreu no anno de 1700.

19 D. ALONSO DE GUSMAÕ, Balio de Lora, e Commendador de Tocina da Ordem de S. Joaõ de Malta, Quatralvo das Galés de Hespanha, Governador de Cusco no Perú, Capitaõ General das Galés de Sardanha, Vice-Rey de Aragaõ, e do Conselho de Guerra, Grande de Hespanha, a quem pela sua ancianidade pertencia o lugar de Graõ Prior de Castella, quando com consentimento seu se deu ao Principe Carlos Joseph de Lorena, filho de Carlos Leopoldo, Duque de Lorena, e da Archiduezza Leonor Maria Josefa de Austria, filha do Emperador Fernando III. em attençaõ de que ElRey Carlos II. deu a D. Alonfo a Grandeza de Hespanha, que lhe pertencia, pela Dignidade de Graõ Prior, e huma pensão, que equivalia à dita renda; morreu a 27 de Agosto de 1708.

19 D. FRANCISCO DE GUSMAÕ, Arcediago,
Tom.X. Q e Co-

e Conego de Toledo, e todos estes tres irmãos foram havidos em D. Margarida Maranhon, donzella nobre, que morreo Religiosa no Mosteiro da Madre de Deos de S. Lucar.

* 19 D. JOAÕ CLAROS DE GUSMAÕ, nasceu a 19 de Mayo de 1642, era II. Marquez de Valverde, em que succedeo a seu irmão D. Francisco, quando por morte de seu irmão o Duque D. Gaspar succedeo em toda esta grande Casa, e foy XI. Duque de Medina Sidonia, XVI. Conde de Niebla, Marquez de Caçaça, Commendador das Commendas das Casas de Sevilha, e Niebla na Ordem de Calatrava, Vice-Rey, e Capitão General do Principado de Catalunha, Gentil-homem da Camera com exercicio, e Mordomo mór delRey D. Carlos II. e do seu Conselho de Estado, e depois o foy delRey D. Filippe V. e seu Escribeiro mór, e Cavalheiro da Ordem de Santi Spiritus em França, e morreo a 17 de Dezembro de 1713. Casou a primeira vez com D. Antonia Pimentel, filha de D. Antonio Affonso Pimentel, XI. Conde de Benavente, e da Condesa D. Isabel de Benavides sua mulher, Marqueza de Javalquinto, e deste matrimonio nasceu unico

20 D. MANOEL AFFONSO, XII. Duque de Medina Sidonia.

Casou segunda vez em 18 de Abril de 1678 com D. Marianna Simforosa de Gusmaõ e Guevara, filha de D. Ramiro Nunes de Gusmaõ, I. Duque de Medi-

Medina de las Torres, e de S. Lucar Mayor, II. Marquez do Toral, Conde de Azarcollar, Principe de Estilhana, e Duque de Sabioneda, Sumilher de Corps delRey Philippe IV. Vice-Rey de Napoles, do Conselho de Estado, Presidente de Italia, Commendador de Val de Penhas na Ordem de Calatrava, Graõ Chancellor de Indias, e Alcaide do Bom Retiro, e de D. Catharina Velas de Guevara sua terceira mulher, IX. Condessa de Onhate, e Villamediana, &c. estando casado com esta Senhora, succedeo ella por morte de seu meyo irmaõ Dom Nicolao Maria de Gusmaõ Carrafa e Colona, Principe de Estilhana, Duque de Medina de las Torres, Duque Soberano de Sabioneda, &c. em toda a Casa do Duque seu pay, e faleceo o Duque em Fevereiro de 1723, sem que desta uniaõ houvesse filhos, teve o Duque seu marido illegitimos

20 D. JOAÕ CLAROS DE GUSMAÕ, que foy Capitaõ de Cavallos em Flandes, e em Catalunha da Guarda do Vice-Rey seu pay, Mestre de Campo de Infantaria no mesmo Exercito, donde passou para Flandes com o mesmo posto, e lá morreo.

20 D. JOANNA DE GUSMAÕ, que casou em Barcellona com D. Diogo de Ribera, Conde de Alva Real, houve-a o Duque seu pay em huma donzella nobre chamada D. N. . . de Moncada, e a sua posteridade ignoramos.

Tom.X.

Q ii

D.

* 20 D. MANOEL AFFONSO PERES DE GUSMAO EL BUENO, nasceu no anno de 1671, foy XII. Duque de Medina Sidonia, XVII. Conde de Niebla, Marquez de Caçaga, e Senhor de toda esta grande Casa, que faleceo no anno de 1721. Casou em o primeiro de Setembro de 1687 com D. Luiza Maria da Sylva, filha de Dom Gregorio Maria da Sylva e Mendoza, IX. Duque do Infantado, de Pastrana, e Lerma, e da Duquesa Dona Maria de Haro e Gusmao, filha de Dom Luiz Mendes, VI. Marquez del Carpio, Duque de Montoro, Conde Duque de Olivares, &c. e primeiro Ministro del Rey Dom Filipe IV. e desta esclarecida uniao nascerao

* 21 D. DOMINGOS, XIII. Duque de Medina Sidonia.

21 D. VICENTE DE GUSMAO, nasceu a 20 de Mayo de 1698, e morreo de tenra idade.

21 D. JOANNA DE GUSMAO, nasceu a 6 de Janeiro de 1693. Casou em 11 de Setembro de 1714 com D. Fradique de Toledo, Duque de Fernandina, depois Marquez de Villa-Franca.

21 D. MARIA JOSEFA DE GUSMAO, nasceu a 19 de Março de 1696, morreo menina.

21 D. MARIA ANTONIA DE GUSMAO, nasceu a 13 de Junho de 1699. Casou no anno de 1721 com D. Joseph Giron, Duque de Ossuna.

21 D. VICENCIA THERESA DE GUSMAO, nasceu a 20 de Mayo de 1698, e faleceo menina.

D.

21 D. ANNA CATHARINA DE GUSMAO, nasceu a 25 de Julho de 1700.

21 D. MARIA THERESA DE GUSMAO, nasceu a 22 de Outubro de 1702, e faleceu a 29 de Mayo de 1709.

21 D. ROSA DE GUSMAO, casou em 1722 com D. Joachim Palafox Mexia, Marquez de la Guardia, e de Almança, primogenito de D. Joaõ Antonio de Palafox e Cardona, Marquez de Ariza, e de Gudaleta, Grande de Hespanha por merce do anno de 1721, como fica escrito.

* 21 D. DOMINGOS JOSEPH CLAROS AFFONSO PERES DE GUSMAO, que nasceu a 9 de Novembro de 1691, foy XIII. Duque de Medina Sidonia, XVIII. Conde de Niebla, Marquez de Caçaça, &c. e Senhor de toda a sua grande Casa, Cavalheiro da Ordem do Tusaõ.

Casou a 8 de Julho de 1722 com D. Josefa Fenicula Pacheco, filha de D. Mercurio Lopes Pacheco, IX. Duque de Escalona, Marquez de Vilhena, &c. e de D. Catharina de Moscofo Oforio sua segunda mulher, filha de D. Luiz, VIII. Conde de Altamira, como se disse no Livro VI. Capitulo XVI. pag. 284 do Tomo VI.

22 D. PEDRO DE ALCANTARA E GUSMAO EL BUENO, que nasceu a 25 de Agosto de 1724, XIX. Conde de Niebla, he XIV. Duque de Medina Sidonia, e Senhor de toda esta grande Casa; está concertado a casar com D. Marianna da Sylva e Tole

Toledo, irmã de D. Fernando, Duque de Huescar, como dissemos no Livro VIII. pag. 315 do Tomo IX.

CAPITULO III.

De Dona Maria de Menezes, Condessa de Portalegre.

13 **H**E preciso para a verdade da Historia dizer, que se equivocaraõ todos os nossos Authores, e Estrangeiros com o appellido de D. Maria de Menezes, chamandolhe D. Maria Manoel, e principiando este erro em Xysto Tavares, o seguiraõ Damiaõ de Goes, D. Antonio de Lima, Affonso de Torres, Diogo Gomes de Figueiredo, e outros, de que passou tambem aos Estrangeiros, como se vê nas Historias Genealogicas da Casa Real de França dos irmãos Luiz, e Scevola Sancta Martha, e do Padre Anselmo, e na da Casa de Sylva de D. Luiz de Salazar e Castro, e outros. Porém nós com hum Documento authenticico, que he a Escritura Dotal, de que logo faremos mençaõ, lhe damos o appellido de Menezes; porque he sem duvida, que se usasse de outro, sua mãy, por cuja authoridade se fez aquelle Tratado, o haveria posto, e como este appellido fosse o de sua avó D. Isabel de Menezes, em memoria sua lhe seria dado, porque

Xysto Tavares; Damiaõ de Goes, D. Antonio de Lima, Affonso de Torres, Diogo Gomes de Figueiredo.

Sancta Marthe, *Hist. Gen. de Fran.* tom. 2.
P. Anselm. *Hist. Gen. de Fran.* tom. 1.
Salazar, *Casa de Sylva*, tom. 2. pag. 15.
pag. 73.

que o de Manoel lhe era improprio, por não ser de nenhum dos seus ascendentes; e conforme o costume de Portugal, e Castella, foy muy praticado tomarem as filhas os appellidos de suas mãys, e avós: o qual arbitrio tambem he causa de grande confusão nas Familias, porque se fazem desconhecidas as filiações, não se podendo vir no conhecimento de qual era a Casa, de que procediaõ.

Era D. Maria de Menezes a ultima filha do conforcio do Senhor D. Alvaro, que sendo já falecido, tratou sua mãy D. Filippa de Mello de lhe dar estado. Pertendeo-a D. Joaõ da Sylva, II. Conde de Portalegre, para esposa, que tambem se achava sem pay, e na companhia de sua mãy a Condeßa D. Maria de Ayala: concorria na sua pessoa illustrissima qualidade, com huma luzida, e rica Casa, porque era Senhor de Gouvea, Celorico, S. Romaõ, Muimenta, Vallesim, Villa-Nova, Nespereira, e da parte das Ilhas de Lançarote, e outros herdamentos, e tambem herdeiro do magnifico officio de Mordomo môr da Casa Real Portugueza, que depois exercitou, sendo-o delRey D. Joaõ III. e do seu Conselho, o qual era filho herdeiro de D. Diogo da Sylva, I. Conde de Portalegre, Senhor de Gouvea, Celorico, e mais Villas, e Estados desta Casa, que havia sido Ayo delRey D. Manoel, e depois seu Mordomo môr, Escrivaõ da Puridade, e Védor da sua Fazenda; illustre Ramo da esclarecida Familia de Sylva, de que descendia por varo-

*Hist. de la Casa
Sylva, lib 6.º.*

nía,

nia, contando em huma larga serie de illustrissimos avós veneravel antiguidade; e da Condessa Dona Maria de Ayala, Senhora de parte das Ilhas de Lançarote, e Forte-Ventura, filha primeira de Diogo Garcia de Herrera, Senhor das sete Ilhas de Canarias, de que se chamou Rey, e de D. Ignez Pereira sua mulher, proprietaria daquellas Ilhas. Participou D. Filippa a ElRey D. Manoel a pertençaõ do Conde, a qual elle approvou, e com seu consentimento se tratou este casamento.

Celebrou-se depois o Contrato Matrimonial de D. Maria de Menezes com o Conde D. João, dotando-a sua mãy com cincoenta mil dobras, do valor cada huma de cento e vinte reis, que tanto importavaõ seis contos de reis, que lhe dava na forma seguinte: quatro contos e duzentos e oitenta mil reis, que lhe pertenciaõ de legitima, e rendas; seiscentos e vinte mil reis para comprimento de todo, que importava seis mil dobras, de que ElRey lhe tinha feito merce para ajuda do seu casamento, com que se perfaziaõ os seis contos, a qual quantia lhe seria dada nesta conformidade; dous contos de reis em ouro, prata, joyas, duas partes, e a outra em tapeçarias, enchoval, escravos, e escravas, e adornos da casa, e vestidos da pessoa da mesma Senhora, os quaes seriaõ satisfeitos ao tempo, que tomassem estado, que seria no mez de Janeiro do anno de 1507, (de que se tira naõ ter ainda esta Senhora a idade para o thalamo) e em dinheiro

nheiro hum conto de reis , que tinha delRey de Castella , em caso de o ter cobrado , e não o tendo , lhe daria hum privilegio , que tinha , em nome de sua filha , de cento e vinte e cinco mil maravediz em cada hum anno , situados nas Villas de Lherena , e de Gradalcanal , o qual privilegio a Rainha de Castella D. Isábel , a *Catholica* , havia deixado à sua filha em satisfação do referido conto ; dandolhe mais em bens de raiz , e renda na Cidade de Lisboa , Evora , Santarem , e seus Termos , hum conto e sessenta e seis mil reis , pelo que haviaõ sido lançados nas partilhas de seus filhos , com condiçaõ , que se depois de effeituaado o matrimonio nos tres annos seguintes , o Conde de Tentugal seu irmão lhe dêsse a referida quantia em dinheiro , lhe ficariaõ as taes rendas. O Conde de Portalegre em attençaõ da pessoa de sua futura esposa , lhe deu de arrhas dous contos de reis , com ametade dos adquiridos , e diz estas palavras : *A dita Senhora D. Maria haveria por Camara cassada cinco mil dobras da dita valia ; isto he no caso de se separar o matrimonio , para o que hypothecou o Reguengo de Valada , e todos os seus bens patrimoniaes , do qual ella , e os seus herdeiros tomariaõ posse , sem authoridade de justiça , para o que tinhaõ faculdade Real , por ser de menor idade ; obrigando-se mais a Condeza de Portalegre sua mãy , pela sua terça , à segurança do dote , e arrhas , e das cinco mil dobras da Camera , e com outras muitas circumstancias , que se outorga-*

Tom.X

R

raõ

Prova num. 8.

raõ para a validade deste Contrato, que foy feito em Lisboa nas casas, em que assistia D. Filippa de Mello sua mãy, a 11 do mez de Julho de 1505, o qual depois ElRey authorisou, e confirmou por huma Carta passada em Lisboa a 12 de Julho do anno de 1505: effeituou-se esta voda no mez de Janeiro do anno de 1507, e viveraõ em ditosa uniaõ, da qual nascerãõ os filhos seguintes:

* 15 D. ALVARO DA SYLVA, III. Conde de Portalegre.

15 D. JORGE DA SYLVA, foy dotado de grande valor, mas com infelice fortuna, que começou a desfandar a sua roda na ausencia de seu tio o Cardeal D. Miguel da Sylva, com quem elle entretive correspondencia, depois de ter cooperado para a sua jornada: pelo que cahio na indignaçõ del-Rey D. Joaõ III. que o mandou prender na Torre de Bellem, onde estava ao tempo, que passava para Castella a Infanta D. Maria, no anno de 1443, a casar com o Principe D. Filippe, depois Rey Segundo do nome, que entercedeo com ElRey seu irmaõ, para que naõ procedesse a mayor castigo: foy mandado para a Praça de Mazagaõ em Africa, e depois para a de Arzilla, que governava D. Manoel Mafcarenhas, e servindo nella com valor proprio do seu esclarecido nascimento, foy morto pelos Mouros em huma entrada, que fez nas suas terras em o mez de Setembro de 1544.

14 D. ANTONIO DA SYLVA, que foy o terceiro

ceiro filho, seguio a vida Ecclesiastica, de que diz o Padre D. Nicolao de Santa Maria, Chronista dos Conegos Regrantes da Congregação de Santa Cruz, que se havia creado com o seu habito, e fora Commendatario do seu Mosteiro de Santa Maria de Landim, e Capellaõ mór delRey D. Sebastiaõ, e com esta authoridade o refere D. Luiz de Salazar: porém parecenos, que não teve esta Dignidade, porque D. Fernando de Vasconcellos, Arcebispo de Lisboa, o foy do mesmo Rey; e na Carta, que se lhe passou, diz, que o fora delRey seu avô, como deixamos escrito. Poderia tal vez servir na ausencia do Arcebispo, porém, que tivesse esta Dignidade, não nos persuadimos, porque nem na Chancellaria daquelle Rey se acha esta merce, e na Carta de D. Fernando se não diz, que vagara por D. Joaõ da Sylva, senaõ que o havia sido delRey seu avô. Foy tambem Abbade Commendatario de S. Tirso de Riba de Ave, Dignidades, que nelle havia renunciado seu tio o Cardeal D. Miguel da Sylva; morreo em Sevilha no anno de 1560, onde tinha ido a curarse domal de pedra.

14 D. MARIA DE VILHENA, casou com D. Alvaro de Mello, primogenito dos Marquezes de Ferreira, como se dirá no Capitulo V. deste Livro.

14 DONA MARGARIDA DE VILHENA, casou com D. Sancho de Noronha, IV. Conde de Odemira, como fica escrito no Livro VIII. Capitulo IX. pag. 570 do Tomo IX.

Tom. X.

R ii

D.

*Chronica dos Conegos
Regrants. liv. 10. cap. 5.
pag. 101.*

*Hist. de la Casa de
Sylva, liv. 6. tom. 2.*

*pag. 75.
Hist. Genealogica da
Casa Real Port. liv. 4.
cap. 17. pag. 612.*

14 D. CATHARINA DE VILHENA, que foy a terceira filha, morreo sendo Dama da Rainha D. Catharina.

14 SOR ANTONIA DOS ANJOS, Religiosa da Ordem do Patriarca S. Domingos no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval, vivendo em muita observancia, não a puderaõ nunca persuadir, a que fosse Prelada.

14 SOR ANNA DA CONCEIÇÃO, Religiosa do mesmo Mosteiro, de que foy dezaseis annos Priora, e governando com muita inteireza, e religião, depois se empregou em servir os officios, que não eraõ proprios da sua graduacão; e tendo merecido na Religião o nome de *Mãe dos Pobres*, acabou santamente.

14 SOR JOANNA DA CRUZ, que seguindo as suas duas irmãs na mesma Religião, e Casa, foy doze annos Priora, Religiosa de grande observancia, a que juntava diferentes mortificações, e penitencias, e havendo soffrido com grande paciencia huma grave enfermidade, acabou tambem com morte preciosa. Todas estas tres Senhoras entraraõ no mesmo dia no Mosteiro de S. Joaõ de Setuval, que foy o de 24 de Junho de 1529, juntamente com tres primas com irmãs suas, filhas de sua tia a Duquesa de Coimbra D. Brites de Vilhena, sendo este o primeiro dia, que aquelle Mosteiro se habitou, e havia fundado com seu marido o Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, como refere o Padre Fr. Luiz de Sousa na sua estimadissima Historia, com estas

Sousa, *Historia de S. Domingos*, part. 3.ª, cap. 9.º, pág. 121.

estas palavras: *Foy dia este de grande triumpho da Religião, por serem as tres netas delRey D. João II. pelo pay, e todas seis descendentes de Reys a poucos passos, pelas mãys, que eraõ filhas do Senhor Dom Alvaro, irmão do Duque de Bragança.* O Douto Salazar de Castro padeceo equivocacão em dizer, que estas Senhoras foraõ Religiosas no Mosteiro de Jesus de Aveiro, fundaçã do Senhor Dom Jorge, Mestre de Santiago, e Duque de Coimbra; porque o Mestre o que fundou, foy o de S. João de Setuval, e o de Aveiro havia sido fundado tantos annos antes, que nelle se creou o mesmo Mestre na companhia da Princeza Santa Joanna, até que ella faleceo a 12 de Mayo de 1490, como dissemos no Capitulo II. do Livro IV. pag. 94 do Tomo III.

* 14 D. ALVARO DA SYLVA, foy III. Conde de Portalegre, Senhor das Villas de Gouvea, S. Romaõ, Moymenta, Valerim, Celorico, Villa-Nova, e outras, e das Ilhas de S. Nicolao, e S. Vicente, Mordomo mór delRey D. João III. e D. Sebastião, e do Conselho de Estado, Senhor de muita authoridade, e prudencia; morreo no principio do anno de 1580. Casou duas vezes, a primeira com sua prima com irmã D. Filippa de Vilhena, filha primeira de D. Rodrigo, I. Marquez de Ferreira, como veremos no Capitulo IV. deste Livro. Casou segunda vez com D. Maria da Cunha, que faleceo no anno de 1580, como diz o Epitafio da sua sepultura, que está na Igreja de Santo Eloy de Lisboa,

Histór. Geneal. da Casa Real Portug. tom. 3. pag. 612.

Lisboa, era filha de Nuno da Cunha, Senhor de Gestaço, e Panoyas, Commendador de Fonte-Arcada, Vêdor da Fazenda delRey D. Joaõ III. Governador da India, e de D. Maria da Cunha, filha de Martim da Sylveira, Alcaide môr de Tere-na, e de D. Catharina de Azambuja, porém deste segundo matrimonio não teve o Conde D. Alvaro filhos, e do primeiro os seguintes:

* 15 D. JOAÕ DA SYLVA, de quem diremos logo.

15 D. MARIA, D. JOANNA, e D. LOURENÇA, forão Freiras no Mosteiro de S. Joaõ de Setu-val.

15 D. JOAÕ DA SYLVA, que foy unico filho, e herdeiro desta Casa, não chegou a succeder nella por morrer em vida de seu pay. Casou duas vezes, a primeira com Dona Luiza de Albuquerque, filha unica, e herdeira de Antonio de Brito, Governador de Maluco, e da Mina, e de D. Isabel de Albuquerque, filha de Lopo de Sousa, Senhor de Prado, Payva, e Beltar, Alcaide môr de Bragança; e não havendo tido filhos deste matrimonio, casou segunda vez com D. Margarida da Sylva sua tia, Dama da Rainha D. Catharina, filha de D. Garcia de Almeida, Commendador do Sebal na Ordem de Christo, Vêdor da Casa do Principe D. Joaõ, filho delRey D. Joaõ III. e do seu Conselho, e I. Rey-tor da Universidade de Coimbra de Capa Espada, filho de D. Joaõ de Almeida, II. Conde de Abran-tes,

tes, e de Leonor Lopes, filha de Pedro Annes Morgade, pessoa nobre de Abrantes, como consta de huma Sentença de hum feito de justificação, de letra antiga, e original, que eu vi na Livraria manuscrita do Marquez de Gouvea D. Martinho Mascarenhas; e já Diogo Gomes de Figueiredo, insigne Genealogico, o tinha visto, porque no seu Nobiliario faz menção deste feito, que nós casualmente achámos na dita Livraria, que muitos tempos frequentámos por merce, que o mesmo Marquez nos fazia: e assim fica tirada a equivocação de alguns Nobiliarios, que dão sem nenhum fundamento diferentes pays a Leonor Lopes. Casou D. Garcia com D. Thomasia da Cunha, filha de João Alvares da Cunha, Senhor de Pombeiro, e deste segundo matrimonio de D. João da Sylva nasceu

Nobiliario de Diogo
Gomes de Figueiredo,
Original na Livraria
do Duque.

* 16 D. FILIPPA DA SYLVA, filha unica, e succedeo na Casa do Conde seu avô, foy IV. Condesa de Portalegre, Senhora de Gouvea, S. Romaõ, Celorico, Valerin, Villa-Nova, e Moymenta, e das Ilhas de S. Nicolao, S. Vicente, e de toda a mais Casa de seus avós, faleceo pelos annos de 1590. Casou duas vezes, a primeira com D. Pedro Diniz de Lencaestre seu tio, como se escreverá no Livro XI. Capitulo II. e era filho de D. João, I. Duque de Aveiro; porém durou muy pouco esta uniaõ, morrendo D. Pedro Diniz, deixando huma filha, que se chamou D. JULIANA, e sobreviveo pouco a seu pay, com que passou a Condesa a segundas vo-

das

*Casa de Sylva, tom. I.
liv. 4. cap. 16. pag. 520.*

das no anno de 1517 por disposiçaõ delRey D. Sebastião, à instancia delRey D. Filippe II. de Castella, e casou com D. Joaõ da Sylva, seu Embaixador em Portugal, seu Gentil-homem da Boca, e da Camera do Principe D. Carlos, Commendador de Torroba, Argamasilha, e Obrero na Ordem de Calatrava; e por este casamento foy IV. Conde de Portalegre, e Mordomo môr, e Capitão General de Portugal, e hum dos cinco Governadores do Reyno; faleceo pelos annos de 1601. Era filho de D. Manrique da Sylva, Commendador de Guadalerça na Ordem de Calatrava, Mestre-Salla da Emperatriz D. Isabel, e de D. Brites da Sylveira, Dama da dita Emperatriz, filha de Martim da Sylveira, Alcaide môr de Terena, e neto de D. Joaõ da Sylva e Ribera, I. Marquez de Monte-Mayor, Senhor de Lagunilha, Vilhesca, Magan, e outras Villas, Alcaide môr da Cidade de Toledo, e Notario môr do seu Reyno, Capitão da Guarda del-Rey Catholico, e assistente de Sevilha, e assim restituiu a Casa de Portalegre com este matrimonio a varonia de Sylva; e morrendo a Condeffã D. Filipa pelos annos de 1590, deixou cinco filhos.

17 D. DIOGO DA SYLVA, nasceu em Janeiro do anno de 1579, foy V. Conde de Portalegre, Senhor de Gouvea, e das mais Villas, e das Ilhas de S. Nicolao, e S. Vicente, Mordomo môr da Casa Real, Commendador de Almada na Ordem de Santiago, Governador do Reyno juntamente com o Conde

Conde de Baſto , e D. Nuno Alvares de Portugal. Esteve deſpoſado com D. Ignes da Sylva, irmã, e herdeira de D. Joaõ Balthaſar da Sylva, VII. Conde de Cifuentes, filhos de D. Fernando, VI. Conde de Cifuentes, porém morreo eſta Senhora antes de ſe eſſeiturar o matrimonio: e deſvanecendo-ſe o que depois intentou com ſua irmã Dona Anna da Sylva, VIII. Condeſſa de Cifuentes, por diverſos accidentes, e por ella caſar com o Conde de Santa Gadea, e Buendia, Adiantado mayor de Caſtella, ſe reſolveo o Conde D. Diogo a não caſar, e alcançando licença delRey Filippe III. renunciou a Caſa, e o officio em ſeu irmão D. Manrique da Sylva, e morreo muitos annos depois, intitulado-ſe ambos Condes de Portalegre.

* 17 D. MANRIQUE, VI. Conde de Portalegre, de que logo ſe fará menção.

17 D. ALVARO DA SYLVA, foy Commendador de Torrova na Ordem de Calatrava, e morreo em Agoſto de 1598, ſendo menino delRey D. Filippe III.

17 D. JOAÕ DA SYLVA, nasceu a 4 de Junho de 1586, foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra, e depois Collegial Theologo, accito a 28 de Junho de 1609, Arcipreſte de Ocmha, Deputado do Santo Officio de Liſboa, e do Conſelho Geral do Santo Officio, em que entrou a 11 de Março do anno de 1622, e Capellaõ mór delRey D. Filippe IV. e do ſeu Conſelho, nomeado Biſpo

Tom. X.

S

de

de Viseu, que não aceitou; morreu a 12 de Agosto de 1634

17 D. FILIPPE DA SYLVA, nasceu no anno de 1589, foy Commendador de Torrova na Ordem de Calatrava, em que succedeo a seu irmão D. Alvaro; servio desde os seus primeiros annos com grande reputação na guerra, occupou os póitos de Capitão de Cavallos em Flandes, Tenente General da Cavallaria, e Mestre de Campo General no Estado de Milão, e General da Cavallaria, e Armas Hespanholas no Palatinado, Governador do Exercito de Flandes, Generalissimo das Armas em Catalunha, Gentil-homem da Camera delRey Philippe IV. do seu Conselho de Estado, e hum dos mais insignes Generaes do seu tempo. Não casou, e morreu no fim do anno de 1645 sem successão: dos seus bens instituiu hum Morgado para o filho segundo da Casa de Montemayor, e o deixou com os seus serviços a seu sobrinho D. Pedro da Sylva, filho segundo de D. João Luiz da Sylva e Ribera seu primo segundo, IV. Marquez de Montemayor, e em satisfação delles deu ElRey Philippe IV. a D. Pedro da Sylva o titulo de Visconde, e Marquez de la Vega de la Sagra no primeiro de Setembro de 1647, que elle logrou pouco tempo, acabando infelizmente no anno seguinte, e a sua Casa se unio à do Marquez de Montemayor pela honrada memoria dos grandes merecimentos, e serviços de D. Philippe da Sylva.

D.

* 17 D. MANRIQUE DA SYLVA, filho segundo, como temos dito, dos Condes D. João, e D. Filippa, foy VI. Conde de Portalegre, e Senhor de toda a mais Casa de seus pays, por lha ceder o Conde D. Diogo seu irmão, que ficou só retendo o titulo, e honras de Conde, foy Commendador de Almada, e I. Marquez de Gouvea por merce do anno de 1625, e Gentil-homem da Camera delRey D. Philippe IV. seu Mordomo môr em Portugal, e delRey D. João IV. e do seu Conselho de Estado, e Despacho; morreo a 4 de Dezembro de 1648. Casou tres vezes, a primeira com Dona Margarida Coutinho, filha de D. Christovão de Moura, I. Marquez de Castello-Rodrigo, Grande de Hespanha, &c. como diremos. Casou segunda vez com D. Joanna de Castro, filha de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, III. Conde de Tentugal, como veremos no Capitulo VII. deste Livro, de quem teve sómente dous filhos.

18 D. DIOGO DA SYLVA, morreo menino.

18 D. MARIANNA DA SYLVA, foy Dama da Rainha Dona Isabel de Borbon, casou no anno de 1637 com D. Fernando de Noronha, V. Conde de Linhares.

Casou terceira vez em 28 de Abril de 1625 com D. Maria de Lencastre, filha de D. Alvaro, e D. Juliana de Lencastre, III. Duques de Aveiro, como se verá no Livro XI. Capitulo V. e tiveraõ estes filhos,

Tom.X.

S ii

D.

* 18 D. JOAÕ DA SYLVA, I. Marquez de Gouvea.

18 D. ALVARO DA SYLVA, foy Conego da Sé de Coimbra, que largou sem tomar posse, e tudo o que o Mundo lhe podia dar, por ser Religioso Capucho da Provincia de Santo Antonio, e tomou o habito no Convento da Castanheira a 28 de Março do anno de 1651, e se chamou Fr. Alvaro de S. Boaventura, e seguindo aquelle Instituto, foy Prégador, e Guardião de alguns Conventos: El-Rey D. Pedro sendo Principe o nomeou Bispo de Lamego, que elle recusou por não fahir da Claustura, depois obrigado o foy da Guarda, sendo sagrado a 24 de Mayo de 1671, e depois promovido ao de Coimbra, de que tomou posse por seu Procurador a 16 de Agosto de 1672; o mesmo Rey lhe deu a nomina de Cardeal Nacional, que não teve effeito por se lhe adiantar a morte; e tendo governado com muita vigilancia a sua Igreja, acabou a 20 de Janeiro de 1683, jaz na Capella môr da sua Sé em sepultura humilde.

*Cardeal dos Bispos da
Guarda, n. 19.
Catalogo dos Bispos de
Coimbra, pag. 72.*

18 D. DIOGO DA SYLVA, que sendo Collegial de S. Pedro na Universidade de Coimbra, e Conego de Lisboa, morreo moço a 3 de Setembro de 1665.

18 D. JULIANA DE LENCASTRE, casou com D. Martinho Mascarenhas, IV. Conde de Santa Cruz, como dissemos a pag. 80 no Livro VIII. Tomo IX.

D.

18 D. FRANCISCA DE LENCASTRE, morreo moça, sem tomar estado.

18 D. MARIA DE LENCASTRE, Religiosa de S. Domingos no Mosteiro da Annunciada de Lisboa.

18 D. JOÃO DA SILVA, foy II. Marquez de Gouvea, VII. Conde de Portalegre, Senhor das Villas de Cerolico, S. Romão, Muymenta, Valesim, Villa-Nova, Nespereira, Nabainhos, Rio-Torto, Villa-Cova, e Coelhira, das Ilhas de S. Nicolao, e S. Vicente, e do Reguengo de Torres Vedras, Commendador de Santa Maria de Almada da Ordem de Santiago, Mordomo mór dos Reys Dom João IV. D. Affonso VI. e D. Pedro II. do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço. No anno de 1688 foy hum dos Plenipotenciarios, que ajustaraõ a paz deste Reyno com o de Castella, e depois foy na Corte de Madrid Embaixador Extraordinario del Rey D. Pedro, sendo entaõ Príncipe, e Regente destes Reynos; morreo a 16 de Março do anno de 1686: jaz em Santo Eloy. Casou duas vezes, a primeira com D. Maria Pereira Pimentel, filha de D. Manoel Pimentel, que faleceo a 28 de Mayo de 1648, e de D. Joanna Forjaz Pereira, VII. Condes da Feira. A segunda em 8 de Dezembro de 1649 com D. Luiza Maria de Menezes, Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmão: em attençaõ deste casamento lhe fez El-Rey merce do titulo de Marquez de juro, e herdade,

de, como della se vê, dizendo: *A D. Joaõ da Sylva* meu muito prezado sobrinho, e meu Mordomo môr, pelos serviços, e memoria de seu pay o Marquez D. Manrique, &c. e a estar casado de licença minha com D. Luiza de Menezes, Dama da Rainha, de lhe fazer merce, além de outras, de Marquez de Gouvea de juro, e herdade, para elle, e seus successores, conforme a *Ley Mental*. Foy feita em Alcantara a 20 de Mayo de 1655: que está no Livro XXVII. da sua Chancellaria, pag. 110; filha de D. Pedro de Noronha, IX. Senhor de Villa-Verde, e de D. Juliana de Noronha, filha de Vasco Martins Moniz, IV. Senhor de Angeja, Bemposta, Assiquins, Figueiredo, e Pinheiro, e de nenhum destes matrimonios teve successão o Marquez, e foy seu herdeiro D. Joaõ Mascarenhas, V. Conde de Santa Cruz, e lhe succedeo no officio de Mordomo môr.

CAPITULO IV.

De Dom Rodrigo de Mello, I. Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal.

13 **P**Ara imitador de tantos, e taõ excelfos progenitores nasceo Dom Rodrigo de Mello no anno de 1488 o primeiro filho do esclarecido thalamo do Senhor D. Alvaro, e D. Filippa de Mello, que passando da Corte Portugueza à de Castel-

Castella pelos motivos, que dissemos no Capitulo I. levarão de tenra idade a D. Rodrigo de Mello, a quem a memoria de seu avô o Conde D. Rodrigo de Mello deu o nome, e appellido, como successor da sua Casa, o que nenhum destes Senhores alterou, podendo-lhe ajuntar o especioso de Bragança, donde traziaõ a origem. No anno de 1496, em que seus Excellentissimos pays se transferiraõ à felicidade da patria, que gozava com o reynado del Rey D. Manoel, veyo D. Rodrigo na sua companhia, brilhando nelle em curtos annos aquellas virtudes, que depois o haviaõ de distinguir com o tempo; porque as maximas, com que fora educado, foraõ impressas com tal arte, que já mais se extinguiraõ; porque os reflexos, que recebia da heroicidade do pay, eraõ como a de hum espelho, a que se compunha para todo o discurso da sua vida: assim a prudencia, e authoridade foraõ nelle hereditarias, como os Estados, que herdou de seu excelso pay, porque a Casa de Ferreira, que entã neste grande Senhor teve principio, naõ se erigio sómente com os bens da Casa de Olivença, porque de seu pay teve huma abundantissima, e honorifica herança.

Naõ contava mais que doze annos D. Rodrigo de Mello, quando começou a deixar na Historia esclarecido nome, entrando a exercitar-se no serviço do seu Soberano no anno de 1500 na occasiaõ, em que a Rainha D. Maria, segunda mulher del Rey D. Manoel, foy entregue na raya ao grande Duque

Goes, *Chronie. del Rey D. Manoel*, part. 1. cap. 46. pag. 34.

Duque de Bragança D. Jayme, unico do nome, seu primo com irmão, como dissemos no Capit. VIII. do Livro VI. pag. 494 do Tomo V. o qual se achou nesta vistosa função com grande luzimento com seu pay o Senhor D. Alvaro. Neste mesmo anno se ajustou o casamento de D. Brites de Vilhena sua irmã com o Senhor D. Jorge, Mestre de Santiago, e Aviz, a quem ElRey então fez Duque de Coimbra, conformando-se com a vontade delRey D. João II. o qual, como deixamos escrito, havia dado a Casa de Olivença a esta Senhora, quando sua mãe passou a Castella com seus filhos, a qual ella agora renunciou solemnemente em seu irmão Dom Rodrigo no Tratado Matrimonial, que se outorgou para esta excelsa voda, como se verá no Capitulo I. do Livro X. Os negocios politicos, que naquelle tempo corriaõ, não deixaraõ gozar por muito tempo a D. Rodrigo da amavel companhia de seu pay, porque voltando aquelle grande Senhor a Castella, lá faleceo; porém antes da sua morte havia creado Conde de Tentugal a seu filho, querendo, que se conservasse este Titulo em hum Estado seu, dos que lhe deixava, e não nos da Casa de Olivença, em que depois havia de succeder a sua mãe: que fosse vivo ao tempo da morte, se tira da Carta de assentamento, que havia de gozar, a qual principia assim: *Dom Manoel por graça de Deos Rey de Portugal, &c. Fazemos saber, que esguardando nós aos muitos serviços, que temos*
rece-

Prova num. 9.

recetidos de D. Alvaro, meu muito amado primo, cuja alma Deos haja, e a seus grandes merecimentos, e isso mesmo ao muito devido, que comnosco tem Dom Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal, meu muito amado sobrinho, seu filho, e aos servicos, que delle ao diante esperamos receber, movido ello por taes respeito, e querendolhe fazer graça, e merce, temos por bem, e nos praz, que elle tenha, e haja de offentamento em cada hum anno, des o primeiro dia do Janeiro, que ora passou, da Era prezente de 1504 em diante, duzentos e sessenta mil e duzentos e quarenta reis, que he outro tanto, como o dito D. Alvaro de nós havia, &c. e acaba: Dada em a nossa Cidade de Lisboa a 25 dias do mez de Setembro, Gomes Aranha a fez, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1504 annos. Não achámos a Carta de Conde, mas desta se vê, que foy passada no primeiro de Janeiro do referido anno, porque da data lhe manda vencer o assentamento, tempo, em que ainda vivia seu pay, que faleceo em 4 de Março do mesmo anno. Succedeo no Senhorio da Villa de Tentugal, que ElRey lhe erigio em Condado, e nas Villas de Buarcos, Povia, Anobra, Pereira, Alvayazere, Cadaval, e Peral, e outras terras, a que se unirão às em que tambem succedeo por sua mãy, por quem foy Senhor das Villas de Ferreira de Aves, Carapito, Villar-Mayor, das terras de Carvallhal, Meaõ, Minhocal, Codiceiro, e outras, e Alcaidaria môr de Olivença.

ElRey D. Manoel , a quem os descobrimentos da India não diminuíraõ o ardor das conquistas de Africa , em que trabalhou todo o tempo , que lhe durou a vida , querendo adiantar os seus Dominios naquella fertil parte do Mundo , empenheo tomar a Cidade de Azamor , para o que fez aprestar huma Armada , que entregou à ordem de Dom João de Menezes , Camereiro môr do Principe D. João seu filho , Commendador de Mogadouro na Ordem de Christo , e de Alvim na de Santiago , Alcaide môr de Cartaxo , Varaõ grande , ornado de excellentes virtudes , que na mesma guerra de Affrica havia adquirido glorioso nome , porque elle foy sem duvida hum dos famosos Capitaens daquelle seculo. Havia D. João de Menezes adquirido não só reputaçãõ na guerra , mas na Corte , onde era estimado , de sorte , que foy escolhido para Ayo , e Governador da Casa do Principe D. Affonso , filho delRey D. João II. que delle fiou os negocios de mayor consideraçãõ : e havendo-se retirado depois da fatal desgraça , que succedeo , quando correndo com o mesmo Principe aquella infeliz carreira , na qual acabou a vida em huma terça feira 12 de Junho de 1491 , ficando desta desgraça D. João tão consternado , e opprimido , que se retirou a viver fóra da Corte , donde o tirou ElRey Dom Mancel , Principe em tudo grande , para lhe entregar o Principe seu filho , com o emprego de Governador , e seu Camereiro môr , e servindo-se do
su

seu talento nos negocios de mayor supposiçaõ.

Nesta Armada, que sahio do porto de Lisboa a 26 de Julho do anno de 1508, embarcou o Conde de Tentugal, que em Africa deu do seu valor naõ vulgares mostras, de sorte, que depois de haver peleijado taõ destimidamente nas occasioens, que se offereceraõ naquella expediçaõ, ultimamente com o seu sangue derramado no serviço da patria, immortalisou o seu nome, cortando illustres palmas para huma memoria gloriosa, que o começou a fazer famoso nesta empreza, naõ contando mais, que vinte annos de idade. Nesta occasiaõ embarcaraõ muitos Senhores Fidalgos, e Cavalleiros com muito luzimento, de que será preciso fazer memoria, porque com o seu esforço fizeraõ memoravel esta expediçaõ, ainda que mal succedida, por naõ serem as forças competentes à multidaõ dos Mouros, que haviaõ de combater, e naõ terem sido verdadeiras as promessas de Molezyeyam, duas vezes infiel, pela crença, e pela palavra, faltando a tudo, o que promettera, por se haver concertado com os mesmos, que queria antes destruir.

Foraõ elles D. Pedro de Noronha, filho do Conde de Penamacor, D. Luiz da Sylveira, depois Conde de Sortelha, D. Joaõ Mascarenhas, Senhor de Lavre, Capitaõ dos Ginetes delRey Dom Manoel, Nuno Mascarenhas seu irmaõ, Commendador de Almodovar, e depois Capitaõ de Casim, Joaõ Rodrigues de Sá e Menezes, sobrinho do Ge-

Tom.X.

T ii

neral,

Gons, *Chronica del Rey D. Alonçel*, parte 2. cap. 27.

neral , filho herdeiro de Henrique de Sá , Senhor de Sever , Alcaide môr do Porto , D. Luiz de Menezes , D. Antonio de Almeida , Contador môr , Pedro Mascarenhas , D. Henrique de Menezes , Simão Correa , Simão de Sousa Ribeiro , D. Tristão de Menezes , Francisco de Mendanha , João Homem , Simão de Sousa de Ocem , João Brandaõ , Provedor das Capellas , e Sebastião Rodrigues Berrio , que hia por Piloto môr da Armada ; e por Capitão da gente de pé , que foy a primeira , que se vio em Portugal de Ordenança , Christovão Leiraõ , Gaspar Vaz , e outros Fidalgos , e Cavalleiros , que hiaõ embarcados em diversas naos da Armada.

Deu D. João de Menezes à vêla , sahindo do porto de Lisboa no dia referido , e dobrando o Cabo de S. Vicente , entrou em Lagos , onde se deteve alguns dias para ajuntar a gente , e navios do Algarve , que o havião de acompanhar , e seguindo a sua derrota , surgio com toda a Armada diante da barra da Cidade de Azamor , por onde entrou a 12 de Agosto , começando logo as hostilidades com acanhoar a Cidade , que tambem fez tudo o que pode pelo offender com a sua artilharia , e com lançar pelo rio varias machinas , feitas de lenha , canas com alcatraõ , e outros ingredientes , em que o fogo se atcava , e de que os da Armada se livraraõ com naõ pouco trabalho. Concorreo logo à praya hum grande numero de Mouros armados , sem que apparecessê Molezyeyam , que com as suas promeças

messas tinha facilitado esta empreza ; e depois de D. João ter averiguado o engano , e de saber , que na Cidade havia mais de oito mil homens capazes de pelejar , e que Moleyzeyam , concertado já com os da Cidade , havia faltado à fé , do que tratara , andava no campo com mais de dezaseis mil homens de pé , e de cavallo ; mandou o General desembarcar a sua gente , com determinação de combater a Cidade , o que os Mouros conhecendo , ordenaraõ entre a praya , e a Cidade algumas emboscadas , que nos maltratariaõ muito , se o valor , acordo , e experiencia de D. João de Menezes o naõ evitara no modo , com que dispoz as suas Tropas , repartindo-as em tres Capitaniaõs , ou Esquadroens , de que deu o primeiro , com cem lanças montadas , ao Conde de Tentugal , e o segundo ao Capitaõ dos Ginetes com cento e cincoenta , e a terceira reservou para si ; nella fórma marcharaõ com tanta ordem , vigilancia , bizarrria , e fortuna , que passaraõ pelos lugares , em que os esperavaõ os Mouros em tres emboscadas com mais de mil e duzentos Cavallos , sem que os atacassem : assim chegaraõ às portas da Cidade , levando diante de si hum grande numero de gente de pé , e cavallo dos Mouros , que da Cidade sahira com a idéa de os atacarem , para que metendo-os no meyo das emboscadas , os opprimissem ao mesmo tempo por huma , e outra parte ; mas os nossos carregaraõ a elles taõ pezadamente , que os fizeraõ com desacordo , e precipitadamente

mente recolher à Cidade; os Mouros, que estavaõ de guarda nas portas, vendo o estrago, as fecharaõ taõ apressadamente, que deixaraõ a mayor parte dos seus de fóra, com quem os nossos travaraõ hum vigoroso combate. Quando andavaõ no mayor ardor delle, sahiraõ os das emboscadas nas costas dos Esquadroens do Conde de Tentugal, e do Capitaõ dos Ginetes, que se empenharaõ tanto com os Mouros, que obraraõ milagres do valor. Vendo o General a necessidade, que tinhaõ de soccorro, o fez taõ promptamente junto das portas da Cidade, onde o Conde de Tentugal, e o Capitaõ dos Ginetes pelejjavaõ com tanto accordo, como valor, que renovando-se o combate com novo vigor, matareaõ muitos Mouros; porém como se augmentava o numero da sua Cavallaria a tanto excessõ, Dom Joaõ de Menezes mandou tocar a recolher, o que fez na melhor ordem, que pode, opprimido da multidãõ, se retirou à praya toda a sua gente, e dahi à Armada. Nesta açãõ se houve o Conde de Tentugal taõ valerosamente, que naõ pareceo ser esta a primeira Campanha, dando do seu valor taõ singulares mostras, que mereceo publicos, e particulares applausos de D. Joaõ de Menezes, e na mesma fórma o Capitaõ dos Ginetes, e os demais Fidalgos, que nella se acharaõ, distinguindo-se com denodado brio, entre elles, Joaõ Rodrigues de Sá de Menezes, que matandolhe o cavallo, o soccorreaõ, e o livraraõ de o naõ matarem, Joaõ Homem, e Dio.

e Diego Fernandes de Faria , que depois foy Adail de Goa , matou ao Alcaide , que havia derrubado a João Rodrigues de Sá , que tanto , que o Alcaide cahio , montou no seu cavallo , salvando-se por este modo. Neste combate perdemos dezafeis Cavalleiros , dcixando com o seu valor bem vingadas as mortes , entre os quaes foraõ D. Pedro de Noronha , Simão Fogaga , Diogo Barreto , Dom João Henriques , Henrique Rodrigues Alcaforado , Christovão Marques , natural de Thomar , e outros , e da gente de pé sómente seis. Dos Mouros , como depois se soube , morrerão mil trezentos e sessenta e cinco , em que entraraõ sessenta e quatro Alarves de Cavallo , e os demais eraõ os que haviaõ sahido da Cidade , de pé , e de Cavallo. Tanto , que D. João de Menezes poz a sua gente na praya , a fez embarcar na Armada ; os da Cidade queimaraõ huma fusta , que deu em secco , matando trinta remeiros , que mataraõ na sua defenfa dezoito Mouros : aqui se perderaõ alguns navios , porque as aguas eraõ mortas , e por mayor que foy a diligencia , naõ puderãõ sair do rio na noite ; os Mouros se naõ descuidaraõ de inquietar os nossos com artificios de fogo , que lançavaõ para se atear nos navios , de que os nossos se livraraõ naõ com pouco trabalho ; no outro dia mançou o General dar à vèla a toda a Armada , em demanda de Gibraltar.

Entrou D. João de Menezes no Estreito , onde , conforme o seu regimento , se deteve poucos dias ,

dias, e espalhando alguns navios da sua conserva, tomou tres fuitas de Tituaõ, e deixando a mayor parte da Armada em Alcacer, poz nesta Praça por Capitaõ a Joaõ Rodrigues de Sá de Menezes seu sobrinho, e passou à Cidade de Tangere, que governava D. Duarte de Menezes, filho do Conde de Tarouca D. Joaõ de Menezes, Capitaõ hereditario daquella Praça. Assim que chegou, mandou logo hum recado a seu cunhado o Conde de Borba D. Vasco Coutinho, que governava Arzilla, para que se avistasse com elle naquella Cidade, porque tinha que lhe communicar: partio sem dilaçaõ o Conde por terra, e chegou a Tangere, aqui trata-raõ estes tres insignes Capitaens o modo de soprenderem Larache; porém quando estavaõ nesta bem meditada idéa, se rompeo a noticia, de que ElRey de Fés passara a cercar Arzilla, de que estava já a pouca distancia. O Conde de Borba com os Cavalheiros, que o haviaõ acompanhado, voltou sem demora alguma a meterse em Arzilla, que dispoz para a defença; e pela noticia, que teve de se achar duas legoas, e meya distante da Praça o Exercito inimigo, lhe mandou tomar alguns Mouros, de quem pode informar-se, que gente vinha no Exercito: delles soube, que vinha a sitiá Arzilla, e que nelle se achava ElRey de Fés, bem provido de monições de guerra, e boca, o que participou a D. Joaõ, e a D. Duarte de Menezes: no dia seguinte, que eraõ vinte de Outubro, chegou ElRey de Fés

Fés com o seu numeroſo Exercito, que ſe compunha de vinte mil Cavallos, e cento e vinte mil homens de pé, em que entravaõ dez mil béſteiros, e eſpingardeiros, com muitas peças de artilharia, e outros petrechos, para combaterem a Villa, a que no outro dia começaraõ a bater com grande vigor, e com huma multidaõ innumeravel de gente, a que o Conde de Borba com admiravel valor, e diſpoſição reſiſtio aos primeiros aſſaltos; e mandando aſſo a D. João de Menezes do eſtado, em que ſe achava, o foy promptamente ſoccorrer, para o que fez preſtes todos os navios, que eraõ capazes de entrar no arrecife, e ao meſmo tempo, por hum bando, mandou ſegurar, que todos os homiziados, que ao outro dia ſahiſſem em terra para embarcarem, perdoava, em nome delRey, os ſeus crimes, e dando à vêla mandou publicar, que ao primeiro, que ſaltasse em terra, daria quinhentos cruzados, os quaes ganhou D. Triſtaõ de Menezes, que hia no batel de João Rodrigues de Sá de Menezes, e D. Henrique de Menezes, que hiaõ na proa; porém com a bulha, e balanços ſe mudou a voga, e deu primeiro com a popa na terra: pelo que D. Triſtaõ de Menezes, aproveitando-ſe da occaſiaõ, ſaltou primeiro em terra. Na entrada do arrecife foy ferido perigoſamente o Conde de Tentugal de hum pelouro de huma peſſa de artilharia, a quem muito contra a ſua vontade conſtrangeo D. João de Menezes, para que voltaſſe a Tangere para poder ſer mais bem curado.

Desembarcou Dom João de Menezes tanto, que vio no Castello os sinaes, que esperava, por avito do Conde, mandando primeiro disparar toda a artilharia das naos contra a praya, que os Mouros logo despejaraõ, ainda que depois voltaraõ; este soccorro livrou Arzila do poder delRey de Fés, que tendo visto o pouco, que se adiantavaõ as operações dos seus, sahio do campo, e se retirou do Exercito; entrou D. João de Menezes na Praça com a bandeira Real tremolando, o Conde de Borba, a Condessa, e mais Cavalleiros da Villa o congratularaõ da vitoria, rendendolhe as graças, por ser elle quem os livrara de perderem as vidas, ou resgatara da escravidão.

O Conde de Tentugal depois de em Tanger ter padecido a rigorosa cura de huma taõ perigosa ferida, que por pouco lhe não tirou a vida, havendo convalecido, voltou ao Reyno, aonde foy recebido da Corte com applausos, e com gosto, e satisfação dos parentes, e amigos. ElRey lhe fez especiaes honras, louvandolhe o ardor, com que o servira, e a distincão, com que se houvera em todas as occasioens, que naquella expedição aconteceraõ, mostrando sentimento do perigo, em que o puzera a ferida, que recebera em Arzila; o que o Conde lhe agradeceo com vivas expressões, de que sempre exordia a vida pelo seu Real serviço, como haviaõ feito os seus mayores, que lhe precederaõ no tempo, mas não o excederaõ na vontade.

O

O Duque de Bragança, que se havia creado com o Conde de Tentugal debaixo da sãbia discriminação do Senhor D. Alvaro, conservou sempre com elle grande trato, e amizade, e na falta de seu pay ficou interessando-se em todas as dependencias da sua Casa, sendo elle por quem corriaõ os seus augmentos, que o Conde agradecia com respeito, como quem conhecia o quam bem lhe estavaõ estes favores: de sorte, que não lhe fazia falta seu pay, porque no Duque experimentava amor, e cuidado em tudo o que lhe pertencia. Era tempo de tomar estado, e por authoridade, e consentimento do Duque se ajuntou o seu casamento com D. Maria Portocarrero, filha de D. Pedro Portocarrero, Senhor de Moguer, e Villa-Nova del Fresno, filho segundo de D. João Pacheco, I. Marquez de Vilhena, e Duque de Escalona, e de sua primeira mulher D. Maria Portocarrero, Senhora de Moguer, o qual havendo casado com D. Joanna de Cardenas, filha de D. Alonso de Cardenas, Mestre de Santiago, e de D. Leonor de Luna, teve a D. João Portocarrero, I. Marquez de Villa-Nova del Fresno, de quem se continuou esta Casa taõ illustre, que foy humas quatro a quem Carlos V. deixou o tratamento da Grandeza, e outros filhos, e filhas, de que foy a primeira D. Maria, que contratou a casar com o Conde de Tentugal, dandolhe em dote oito contos e meyo em dinheiro: e porque o Conde lhe deu alguns bens livres para a segurança delle, no caso da

Aponte, Lengro de la Noblez, titulo de Portocarrero, e Pacheco. Imhoff, Corpus Hist. Genealog. Italia, & Hispania. A Gama, Stirpis, Taboa IV.

Prova num. 10.

restituição, e D. Pedro se não satisfizesse sem faculdade Real, o Conde a pediu a ElRey D. Manoel, que lhe concedeo poder tambem obrigar os direitos de Beja, e as dizimas do pescado de Azurara, Porto, e Setuval, que eraõ de juro, concedendo-lhe na mesma Carta, que no caso de se verificar a restituição do dote, e ella quizesse voltar para Castella, o poderia levar em ouro, prata, e joyas, sem embargo das Leys em contrario: foy feita esta Carta em Almeirim a 15 de Março de 1510. Deste Tratado de o Conde de Tentugal estar ajustado para casar com esta Senhora, não fazem menção alguma os Nobiliarios, porém elle não padece duvida, porque consta do Documento, que está na Torre do Tombo: e supposto, que não alcançamos, porque se não effeituou, nos persuadimos, que neste tempo faleceo esta Senhora, de quem os Authores dizem, que morrera sem estado, e he de crer não ficaria sem elle, tendo-o todas suas irmãs mais moças.

No mesmo anno tratou o Duque de o casar com D. Leonor de Almeida, viuva, rica, moça, e de illustrissima qualidade, filha herdeira de Dom Francisco de Almeida, Vice-Rey da India, que havia sido casada com Francisco de Mendoça, Alcaide mór de Mouraõ, que foy Capitão de Ormuz, irmão da Duqueza de Bragança D. Joanna de Mendoça, de quem lhe não ficara filho varaõ, e sómente duas filhas, a saber: D. Erites de Mendoça, que casou

casou com D. Francisco de Sousa, filho de D. Philippe de Sousa, irmão do Barão de Alvito D. Diogo da Sylveira, e D. Maria de Mendocça, ou Sylva, que casou com D. Duarte da Costa, Armeiro mór, Commendador de S. Vicente da Beira, que foy Presidente da Camera, e Governador do Brasil, e de ambas se conserva illustrissima posteridade: E havendo-se o ajuste de passar a hum Tratado Matrimonial, se outorgou a 20 de Novembro do anno de 1510, que diz assim: *No Monte de D. João De-*
ça, que he no Termo de Pavia, estando presente o
Duque de Bragança, de Guimaraens, &c. meu Sen-
hor, e o muy magnifico Senhor D. Rodrigo, Conde
de Tentugal, em seu nome, e o muy magnifico Senhor
D. João de Almeida, Conde, e Senhor de Abrantes,
em nome, e como Procurador da Senhora D. Leonor
de Almeida, filha do Senhor D. Francisco de Almei-
da, Vice-Rey, &c. O Conde de Abrantes apresentou a Procuraçã de sua sobrinha, feita em a Villa de Abrantes por Afonso Dias, Escudeiro delRey, Taballiaõ na dita Villa, feita a 14 de Novembro do referido anno. E porque eraõ parentes dentro no quarto grao, se obrigaraõ a mandar vir a dispensa da Sé Apostolica, e se estipulou ser este Tratado por carta de ametade, na fórma da Ley do Reyno, a qual se obrigaraõ a fazer boa cada huma das partes, com a pena de vinte mil soldos de ouro, que satisfazia aquelle, que faltasse ao inteiro cumprimento daquelle contrato. Foraõ testemunhas D. João de

Prova num. 11.

de Eça, Fidalgo da Casa do Duque, Fernaõ Rodrigues, seu Camereiro, o Doutor Fernaõ de Moraes, seu Desembargador, Joaõ Parali, Fidalgo da Casa do Conde de Tentugal, Fernaõ Lourenço, Cavalleiro delRey, Diogo Gil Freire, Gil Vaz, Escudeiro da Casa do Conde de Abrantes, e seu Secretario, e Fernaõ Juzarte, e outros, a qual acaba nella fórma: *E eu Jorge Lourenço, Escrivão da Camera do dito Duque, meu Senhor, e Taballião geral por ElRey nosso Senhor, em todos os seus Reynos, e nas cousas do Duque, meu Senhor, e nas cousas, que por mandado de sua Senhoria fizer, que a tudo presente fuy, e por mandado do Duque, meu Senhor, e por rogo dos sobreditos Senhores, Conde de Tentugal, e Conde de Abrantes, esta Carta escrevi, e assinarão. Ho Duque = Dom Rodrigo Conde = o Conde de Abrantes = Joaõ Parali = Fernaõ Martins = Francisco Antunes = o Doutor Fernaõ de Moraes = Diogo Gil Freire = Gil Vaz = Fernaõ Lourenço = Fernaõ Juzarte. =* Esta Escriitura achámos no Archivo da Serenissima Casa de Bragança, porque no da Casa de Cadaval não tem coufa alguma antiga, porque tudo pereceo em hum fogo, que houve no tempo, em que o Duque D. Nuno era casado com a filha do Conde de Odemira: pelo que nos faltaõ muitas noticias pertencentes aos Senhores da Casa de Ferreira, que não poderemos individuar por falta de Documentos.

Effeituou-se esta uniaõ no anno seguinte de

da Casa Real Portug. Liv. IX. 161

1511, e não havia dous, que o Conde era casado, quando no anno de 1513 passou o Duque de Bragança à expedição da Cidade de Azamor, que gloriosamente tomou aos Mouros, como dissemos. O Conde de Tentugal o acompanhou, não sómente obrigado do estreito parentesco, mas porque o amor o fazia inseparavel daquelle Principe, e voltando ao Reyno, começou a cuidar nas dependencias da sua Casa. Havia algumas duvidas sobre se era verdadeiro o Testamento, que seu sogro o Vice-Rey D. Francisco de Almeida, de quem era Testamenteiro o Conde de Penella D. João de Vasconcellos, primo com irmão da Condessa D. Leonor de Almeida, e filho de huma irmã do Vice-Rey, sobre o qual corria p'eito, e os Condes se ajustaraõ por huma transacção, que se celebrou em casa do Conde de Penella como Testamenteiro, na sua presença, e o Licenciado Francisco Alvares, Ouvidor do Conde de Tentugal, em seu nome, e da Condessa D. Leonor, em virtude dos poderes de huma Procu-ração de ambos para a referida convenção. Em que acordaraõ, que o Conde de Penella, como Testamenteiro, satisfaria aos criados por inteiro, e outras parcellas de dinheiro, que se determinavaõ, e certos legados pios de Missas, esmolas de cativos, liberdade de escravos, e outros semelhantes, entregaria o diamante, que deixara a ElRey, e o fimal do rubi, que deixara ao Conde de Penella, e outras cousas, em que se convieraõ, e ficando o mais na dispo-

*Chron. del Rey D. Manuel, part. 3. cap. 46.
Histor. Gen. da Casa Real Portug. cap. 8.
liv. 6. do tom. 5. 125.
508.*

Torre do Tombo, liv.
4.º da 2.ª fl. pag. 155.

disposição do Conde de Penella, para que depois de satisfeitas as ditas cousas, que se determinaraõ, haver o Conde de Tentugal ametade, do que sobejasse da terça do Vica-Rey, a qual seria obrigado a dispender naquellas cousas, que no Testamento se mandava: este Contrato foy confirmado por huma Carta delRey, passada em Almeirim a 3 de Novembro de 1514.

Entre os bens, em que o Conde de Tentugal succedeo da Casa de Olivença a sua mãy, foy o Reguengo de Toens, o qual no tempo delRey Dom Duarte fora julgado por sentença da Relação, estando na Villa de Santarem, a 24 de Março de 1434 a Martim Affonso de Mello, a quem chamaraõ o *Mozõ*, em differença de seu pay, que foy Senhor de Ferreira de Aves, e outras terras, Alcaide mór de Olivença, e Guarda mór da pessoa delRey D. Duarte, que era visavò do Conde de Tentugal, sobre o qual Reguengo contenderaõ seus meyoos irmãos, e D. Briolanza de Sousa segunda mulher, e viuva de Martim Affonso de Mello, o *Velho*, Guarda mór da pessoa delRey Dom Joaõ I. a quem acompanhou em toda a guerra, e na tomada de Ceuta, sendo hum dos insignes Capitaens daquella idade, ornado de valor, e prudencia, com grande sciencia, de sorte, que compoz hum Tratado da Disciplina Militar, a que deu por titulo: *Regimento da Guerra, que se faz por terra*. Foy Alcaide mór de Evora, Olivença, Campo-Mayor, Castello de

de Vide, e Sever, &c. casado com D. Brites Pimentel, filha de João Affonso Pimentel, Senhor de Bragança, que passando a Castella, foy I. Conde de Benavente, de quem descende esta illustrissima Casa, e foy mãy de Martim Affonso, o *Moço*, que contendia com sua madrastra D. Briolanja de Sousa sobre os bens patrimoniaes, que ficaraõ por morte de seu marido, e se haviaõ de partir, querendo, que entrasse nelles o Reguengo de Toens; porém foy sentenciado na Relação o dito Reguengo com os seus direitos, e pertenças, ser do referido Martim Affonso de Mello, o *Moço*, por a natureza delle ser de juro, e herdade da Coroa do Reyno, e por isso lhe pertencia inteiramente sem partilha, por ser o filho varaõ, conforme a Ley Mental, o que ElRey D. Manoel confirmou ao Conde de Tentugal, estando em Almeirim a 3 de Março de 1516. Neste mesmo anno tinha ElRey confirmado a 28 de Fevereiro ao Conde de Tentugal as terras de Ferreira de Aves, de Carapito, e Villar-Mayor, com seus padroados, na qual se encorporou a Doação, que ElRey D. Affonso V. havia feito a Dom Rodrigo Affonso de Mello, (que he o Conde de Olivença) filho de Martim Affonso de Mello, do seu Conselho, e Guarda mór da sua pessoa, pelos serviços, que lhe tinha feito; dando por motivos desta merce a criação, que nelle tinha feito, e por ser neto de Martim Affonso de Mello, e de Ruy Vasques Coutinho, que haviaõ servido a ElRey D. João seu avô,

Tom.X.

X

e a

*Torre da Tomba, liv.
5. das *Relações*, pag.
197.*

Dito liv. 5. dos *Ayffis*.
pag. 198.

e a ElRey seu pay: pelo que lhe fez Doação para sempre, para todos os que delles descenderem por linha direita varoens, segundo a declaração da Ley Mental, a qual foy passada a 10 de Agosto de 1451, e por aquelles motivos agora ElRey Dom Manoel confirmou a mesma Doação ao Conde de Tentugal, por ser o filho mais velho de Dona Filippa de Mello, filha do referido D. Rodrigo Affonso, à qual ElRey D. Affonso seu tio havia feito a Doação no tempo, que casou com D. Alvaro, sem embargo da Ley Mental. Na mesma fôrma havia ElRey D. Affonso V. feito merce das terras do Carvalho, Meaõ, Termo da Guarda, do Minhocal, Termo de Celorico, e de Codiceiro, e o Minhocal na Ribeira de Meimoa, Termo da Covilhãa, e a Leziria de Tavora, Termo de Aguiar, com os Padroados das Igrejas, que foraõ dadas a Martim Affonso de Mello para elle, e todos os seus descendentes. Foy feito em Evora a 24 de Junho de 1452, que de novo confirmou ElRey D. Manoel em Almeirim a 29 de Fevereiro de 1516 ao Conde de Tentugal, que veyo a succeder por morte de sua mãy em todos os Estados da Casa de Olivença, que foraõ dispensados da Ley Mental, e por estas, e outras confirmações, passadas neste mesmo anno, entendemos, que nelle devia falecer Dona Filippa de Mello sua mãy.

Passou ElRey D. Manoel a terceiras vodas no anno de 1518 com a Rainha D. Leonor, e determinan.

minando, que quando entrasse em Portugal, havia de ser entregue ao Duque de Bragança D. Jayme, como deixamos escrito, entre os Senhores, que foraõ nomeados para acompanharem a Rainha, foy hum o Conde de Tentugal, que com grande pompa, e luzimento se achou nesta occasiaõ, como em todas as que eraõ do serviço, e agrado delRey. Neste mesmo anno se lhe moveraõ algumas duvidas injustamente, sobre a administração da Capella de S. Joaõ Evangelista, sita no seu Palacio de Evora, do que queixando-se a ElRey, passou hum Alvará, de que repetiremos sómente as forças, e principia assim: Nós ElRey fazemos saber, a quantos estes Alvará virem, que o Conde de Tentugal, meu muito amado sobrinho, nos disse, que elle estava em posse ha muitos annos da administração da Capella de S. Joham Auangelista, situada nas suas casas desta nossa Cidade Devora, e pondo nella Capellaens, e Mercieiros, e arrendando as quatro raçoens da Igreja de Santa Maria dos Açouges de nossa Cidade Delvas, que ha dita Capella são annexas, e que aos ditos seus Rendeiros acodiaõ os Privilles com os fruitos, e rendas dellas, ordenados, e por seu mandado, os ditos Rendeiros pagavaõ aos ditos Capellaens, e Mercieiros, e que nesta posse pacificamente estiveraõ o Conde de Olivença seu avô, e D. Alvaro, e D. Filippa, seu pay, e mãy, que Deos aja, sem em seus dias, nunca por outrem ser administrada, nem visitada, e que de poucos dias por acá, lhe eraõ movidas àcerca da administração, e

Tom.X.

Torre do Tamborim 7.
da Chancel. delRey D.
Joaõ III. pag. 165.
veri.

visitação da dita Capella, perante as justiças Ecclesiasticas, e pedindonos por merce, que o mandassemos manter posse, como sempre esteve, &c. avemos por bem, por serviço de Deos, e nosso, elle ser conservado em a posse da dita Capella. Foy feita em Evora a 18 de Janeiro de 1518. ElRey D. Joaõ III. lhe confirmou este Alvará a 17 de Agostto de 1523.

O Duque de Bragança D. Jayme, que sempre conservara grande amizade com o Conde de Tentugal, querendo certos bens, que o primo possuía, para ajuntar a outros da mesma especie, eraõ estes as rendas das dizimas do pescado, que o Conde tinha de juro na Cidade do Porto, nas Villas de Azurara, Setuval, e Cascaes, pelas quaes lhe deu por equivalente, e troca as Villas de Villa Ruyva, Villalva, com todas as suas rendas, jurisdicções, e Padroados; foy celebrado este contrato em Evora a 12 de Mayo de 1520, o qual contrato ElRey approvou, e confirmou, havendo elles renunciado antes nas suas Reaes mãos as referidas cousas, dizendo na Doação as seguintes palavras: *E visto por nós*

Torre do Tombo, liv.
6. dos Affyrie. pag. 1.
verl.

ho dito contrato de verbo a verbo, e esguardando aos grandes serviços, que elle Comde, e hos donde elle descende, a nós, e à Coroa de nossos Regnos tem feito, e aho diante do dito Conde esperamos receber, e aho dividido, que comneco tem, e querendolhe fazer de nosso proprio moto, certa sciencia, poder Real, e absoluto, lhe fazemos pura, e irrevogavel Doação, e merce, para todo sempre de juro, e erdade, para elle, etc.

da Casa Real Portug. Liv. IX. 167

e todos seus erdeiros, e successores, que depois d'elle em qualquer tempo, e tempos vierem, das dittas Villas de Villa Ruyva, e Vilalva, com todas as suas rendas, e direitos, fôros, tributos, matos rotos, e por romper, e maninhos, com seus Padroados da Igreja da dita Villa, de Villa Ruyva, e Vigararia de Vilalva, que o dito Duque tinha, &c. É continúa: E por sermos informado per verdade, na emformaçam, que ho diçto contrato he em proveito do diçto Duque, e do ditto seu filho menor, nos praz, suprimos todo de direito, de defeito, da idade, e solemnidade, &c. E acaba: Feita em Evora a 2 de Agosto de 1520.

Succedeo na Coroa ElRey D. Joaõ III. confirmou todos os Estados, em que o Conde estava de posse, conforme as Leys do Reyno, experimentando todo o tempo, que durou a vida d'este Monarca, especiaes merces, e attenções, que o Conde sempre soube merecer no seu serviço; de sorte, que elle pela pessoa, e merecimentos era preferido nas occasioens publicas, e de goffo, como vemos no que refere o Chronista Francisco de Andrade na Chronica do mesmo Rey. No anno de 1531 nasceu o Principe D. Manoel, e diz o Chronista, que no seu bautizado foy levado à pia nos braços do Infante D. Luiz, e as peças levaraõ o Infante Dom Fernando o Saleiro, o Duque de Barcellos o Cirio, e o Conde de Tentugal a Fogaça. Foy servido este Principe nesta occasiaõ sómente dos parentes da Casa Real; porém o Chronista padeeço equivocação, a qual

Andrade, Chron. d'El-Rey D. Joaõ III. part. 2. cap. 24. pag. 105 verif.

Hiſtor. Geral, da Caſa Real Port. cap. 14. do liv. 4. pag. 515. do tom. 3.

Dita Hiſtor. liv. 6. cap. 15. pag. 121 do tom. 6.

Tomo II. das Provas, num. 137.

Andrade, Chronica do dito Rey, part. 3. cap. 5. pag. 8.

a qual nos fez cahir no meſmo erro, quando tratámos do nascimento deſte Principe, dizendo levava a offerta do Cirio o Duque de Barcellos D. Theodoſio; o que não podia ſer, porque eſte Ducado não entrou na Caſa de Bragança ſenaõ muito depois no Duque D. Joaõ, I. do nome, no anno de 1562, o que não tem duvida, pelo que deixamos eſcrito na ſua vida, com que o Duque, que neſte acto aſſiſtio, foy o Duque de Bragança D. Jayme, que ainda vivia. Depois no anno de 1535 a 13 de Junho, no dia, em que foy jurado Principe na Cidade de Evora, foy o primeiro, que jurou neſte acto, beijando a mão ao Principe, ſendo já Marquez de Ferreira, como ſe vê do Documento, que produzimos deſta funcão. Neſte meſmo anno naceo a 16 de Abril o Infante D. Diniz, que foy bautizado pelo Cardeal ſeu tio o Infante D. Afſonſo, e levado à pia pelo Duque de Bragança, e o Saleiro o Marquez de Ferreira, o Cirio o Conde de Vimioſo, e o Maçapaõ o Conde de Portalegre, e forão Padrinhos os Infantes D. Luiz, D. Henrique, e o Duque de Bragança. Não podia o Marquez de Ferreira deixar de ſe achar preſente a diverſas occaſioens, que ſuccederaõ nos annos ſeguintes, que lhe durou a vida; porém com aquelle acto do referido bautizado acaba a ſua memoria o Chroniſta Francisco de Andrade, e nós com o eſtrago, que padeceo o Archivo da Caſa de Cadaval, mal a podermos adiantar. Era grande o Padroado da ſua Caſa,

fa, com Igrejas muy rendosas: e querendo ter, com que pudesse mais dilatar a sua liberalidade com os parentes, e obrigados da sua Casa, supplicou ao Papa Paulo III. que desmembrando certos frutos das Igrejas do seu Padroado, erigisse huns Prestimonios, ou Beneficios simplicies, que fossem da sua apresentaçõ. Para o que apontou as Igrejas de Santa Maria de Tentugal, Santa Maria Magdalena, e S. Miguel de Montemôr o Velho, Santa Maria de Villa-Nova Danços, Santa Catharina de Anobra, Santo André de Ferreira, S. Mattheus de Santarem, e Santa Maria de Villa Ruyva, sitas estas Igrejas nos Bispados de Coimbra, Viseu, e nos Archebispados de Lisboa, e Evora. O Papa lho concedeo, dividindo os frutos de cada huma das ditas Igrejas em tres partes, de que duas seriaõ para o Prestimonio, e a terceira para o Paroco da Igreja. Foy esta Bulla passada em Roma no anno de 1541 a 2 de Dezembro no anno oitavo do seu Pontificado. Depois seu filho o Marquez D. Francisco de Mello teve outra Bulla do Papa Gregorio XV. mais ampla, à instancia Regia, passada em Roma a 24 de Fevereiro do anno de 1621 no primeiro anno do seu Pontificado, pela qual são apresentados nos taes Prestimonios, sem necessitar de Collaçãõ alguma do Ordinario, porque em virtude da apresentaçãõ tomaõ a posse nas Igrejas, de que são feitas as desmembrações, os providos. O referido Papa Paulo III. lhe concedeo hum Breve passado pela Peni.

Prova num. 12.

Prova num. 13.

Prova num. 14.

Penitenciaria a 28 de Abril de 1541, a que chamavaõ : *Confissionario Apostolico*, muy amplo de graças, e indulgencias para elle, e dezafeis pessoas, que elle apontaſſe, juntas, ou ſucceſſivamente, pelo tempo nomeadas, em lugar das que morreſſem, ou foſſem Seculares, ou Regulares, de qualquer das Ordens Militares, ou Eccleſiaſticos, ſua mulher, e às mulheres das taes pessoas, pays, irmãos de hum, e outro ſexo, filhos, genros, noras, netos, e netas, taõ presentes, como vindouros, para elegerem Confefſor idoneo, Secular, ou Regular, das Ordens Militares, ou Mendicantes; e aſſim lhe concede diversos privilegios, que hoje ſe gozaõ pela Bulla da Cruzada, e outros, que não ſe comprehendem na referida conceſſaõ, que eraõ de poderem celebrar em ſuas caſas os matrimonios publicamente, e ſerem ſeus filhos nos meſmos lugares bautizados por qualquer Sacerdote Secular, ou Regular, com tanto, que ſe não faltasse ao direito Parochial, onde forem freguezes, e o de poderem ter Altar portatil em lugares decentes, ainda que não foſſem ſagrados, e no tempo do interdição, e outras ſemelhantes graças, e indulgencias muy eſpeciaes, como ſe podem ver no referido Breve. Foy o Marquez D. Rodrigo ornado de excellentes virtudes, valeroſo, grave, e prudente; inſtituiu juntamente com a Condeſſa de Tentugal D. Leonor ſua mulher hum Morgado, que chamaõ das *Abitureiras*, de varias fazendas em Santarem, Golegã, Pernes, Almeirim, Aſinha-

ga, e Cartaxo, que anda em seus descendentes. A Igreja de Santa Maria da Praça da Cidade de Elvas, que era do seu Padroado, deu para a erecção da Cathedral daquelle Cidade, o que não teve effeito, senão depois no tempo de seu filho o Marquez D. Francisco, primeiro do nome, verificando-se então a Doação do Marquez D. Rodrigo, quando se erigio aquella Igreja em Episcopal: e em attenção de tão singular generosidade, se lhe deu no Cabido huma Conesía, que ficou sendo provida pelos successores da sua Casa, e mais tres razões, que os Senhores della applicaraõ ao Convento de S. João Evangelista de Évora, tambem do seu Padroado, em remuneração do obsequio, com que lhe permittiraõ huma Tribuna na mesma Igreja. Faleceo a 17 de Agosto do anno de 1545, como nos refere o breve Epitafio da sua sepultura, que está no Convento de S. João Evangelista de Évora, e he o seguinte:

Aqui jaz D. Rodrigo de Mello, primeiro Conde de Tentugal, e Marquez de Ferreira, filho de D. Alvaro, e D. Filippa, que jazem nesta Capella. Faleceo aos 17 de Agosto de 1545, e de sua mulher D. Brites de Menezes, Marqueza de Ferreira, que faleceo aos 10 de Abril de 1585.

Tom.X.

Y

Foy

Foy o Marquez D. Rodrigo hum dos Senhores do seu tempo, de grandes merecimentos, muy attendido dos Reys, com quem valeo muito, e de quem recebeo especiaes attensões, não só devidas ao propinquo grao de parentesco, que tinha com a Casa Real, mas porque o Marquez era benemerito de todas as honras, por ser ornado de excellentes virtudes, valeroso, prudente, desinteressado, e revestido de authoridade, partes, que lhe souberão conciliar respeito: manteve huma luzida Casa, servida com grandeza, e decencia. Teve por Empreza humas Estacadas com cinco Bandeiras, alludindo ao alojamento, que occupara na occasião, em que se achou em Africa, na tomada da Cidade de Azamor.

Casou duas vezes, a primeira, como dissemos, no anno de 1510 com D. Leonor de Almeida, filha de Dom Francisco de Almeida, Vice-Rey da India, aquelle esclarecido Varão, que sendo filho de Lopo de Almeida, I. Conde de Abrantes, do Conselho del Rey D. Affonso V. e da Condeessa D. Brites da Sylva sua mulher, foubе pelo seu braço adquirir immortal memoria, tendo conseguido na guerra da conquista de Granada tão grande reputação com os Reys Catholicos, que não lhe eraõ menos gratos os serviços de Dom Francisco, que os de D. Gonçalo Fernandes de Cordova, a quem chamaraõ o *Graõ Capitão*, e intentando os Reys Catholicos remunerarlhe os serviços, que delle tinhaõ
rece-

recebido, elle generosamente o recusou, porque El-Rey de Portugal lhos satisfaria; e voltando ao Reyno, chegou a Almeirim, onde se achava a Corte, e teve a honra de comer à mesa com El-Rey D. João II. Depois no anno de 1490 o nomeou Capitão mór da Armada, que aprestou, para impedir os descobrimentos de Christovão Colombo, que suspendeo, porque os Reis de Castella o satisfizerão, querendo, que se ajustassem por seus Commissários. Havendo El-Rey D. Manoel estabelecer o Estado da India, o nomeou I. Vice-Rey, para onde partio a 25 de Março do anno de 1505, de cujas singulares acções de valor, prudencia, e desinteresse, fazem larga menção as Historias daquellas celebres conquistas; porque elle fundou as Fortalezas de Cochim, Cananor, e Andegiva, destruiu as Cidades de Quiloa, e Mombaça; fez novos Reis tributarios à Coroa Portugueza, descobrio novas terras, e Ilhas, em que entrou a de Ceilaõ, e ultimamente ganhou a famosa batalha sobre Dio, e alcançou huma singular vitoria contra o poder dos Turcos, e Soldaõ do Egypto, quando ligados emprenderão com as suas formidaveis forças expulsar da Asia os Portuguezes; e assim laureado de tão insignes triumphos, mereceo ser numerado entre os mais insignes Capitaens, que vio o Mundo, porque não cedeo D. Francisco a nenhum dos celebres Heroes, que celebra a fama, senão no tempo: mas entre tão grandes triumphos, veyo a morrer infelizmente na Agua-

Tom.X.

Y ii

da

Revenle, Chronie. del Rey D. João II. cap. 164.

Goes, Chronica del Rey D. Manoel, part. 2. cap. 2. pag. 86, e as seg. Barros, Decad. 1. liv. 9. cap. 4. 5. e liv. 10. cap. 4. 5. e 6.

Decad. 2. liv. 1. cap. 5. 6. dec.

Comment. de Albuquerque, 1. part. cap. 1. 2. dec.

Faria, Asia Portugueza, tom. 1. part. 2. cap. 1. pag. 94.

Goes, Chronie. del Rey D. Manoel, part. 2. cap. 43. pag. 143.

da de Saldanha às mãos dos Cafres , ao primeiro de Março do anno de 1510 , dizendo-se então por elle: *Nem vingado , nem sepultado*. Foy taõ de finteressado , que dandolhe ElRey das prezas , que tomasse na India , huma joya de valor , já mais tomou alguma das muitas , que fez na India , satisfazendo-se com huma setta , ou hum arco : tinha huma Comenda de S. Salvador do Sardoal da Ordem de Christo , que gozava com o habito de Santiago , a renunciou no Prior da mesma Igreja por escrupulo ; fazia-se respeitado sómente pela gravidade da presença , foy pontual , e cortez , e prudentissimo no conselho , no seu nobre coração naõ teve lugar a cobiça , mas grande a generosidade , e a gratidão , e o que he mais , a observancia da virtude da continencia ; era de taõ elevados pensamentos , que os pouco affectos lhe attribuiaõ a vaidade , como se o exercicio daquellas virtudes naõ eraõ capazes para ter de si toda a confiança , e por isso naõ era facil de contentar os genios , e modo das pessoas , de sorte , que se refere delle , que dizia na India , que no Reyno nunca fallara de fizo mais , que com D. Rodrigo de Castro , a quem chamaraõ de Monfanto , e com seu irmaõ D. Diogo Fernandes de Almeida. Na Igreja do Espinheiro de Evora dizem está o seguinte Epitaphio :

Aqui jaz D. Francisco de Almeida , primeiro Vice-Rey da India , que nunca mentio , nem fogio.

De

Depois do successo, de que se lhe originou a morte, os seus o sepultaraõ na area da praya na Agua-da de Saldanha, não sabemos, que depois se trasladasse a Evora, nem parece facil depois darem onde estavaõ os seus ossos naquelle lugar. Foy casado com D. Joanna Pereira, irmã de Jorge Moniz, I. Senhor de Angeja, Bemposta, Figueiredo, e Saquins, de quem se conserva illustrissima posteridade, filhos de Vasco Moniz, Commendador de Panoyas, e Garvaõ na Ordem de Christo, e de D. Aldonça Cabral, filha de Estevaõ Soares de Mello, VI. Senhor de Mello, de cuja uniaõ teve, além de Dona Leonor de Almeida, a D. Lourenço de Almeida, que acompanhando a seu pay à India, servio naquelle Estado, tendo dado do seu valor repetidas provas, com grande gloria do seu nome, e das suas armas, morreo tambem infelizmente, em batalha naval com os Mouros, junto a Chaul no anno de 1503, o que seu pay sentio tanto, que vingou bem depois nos Mouros a sua mágoa. Desta primeira uniaõ do Marquez de Ferreira nasceraõ os filhos seguintes:

14 D. ALVARO DE MELLO, como se verá no Capitulo V.

14 D. FRANCISCO DE MELLO, II. Marquez de Ferreira, que occupará o Capitulo VI.

14 D. FILIPPA DE VILHENA, que casou com seu primo D. Alvaro da Sylva, III. Conde de Portalegre, como se disse no Capitulo III. deste Livro.

14 D. ISABEL DE VILHENA, que não tomou estado,

estado, vivia no anno de 1587 em casa de seu irmão o Marquez, que no seu Testamento a nomea Testamenteira, e lhe deixa diversos legados. Os livros de Familias deste Reyno a fazem Religiosa no mesmo Mosteiro com sua irmã, mas todos padecerão nesta parte equivocação.

14 D. JOANNA DE VILHENA, Religiosa no Mosteiro de Jesus de Setuval, da primeira Regra de Santa Clara.

Casou segunda vez com D. Brites de Menezes, filha de D. Antão de Almada, Capitão mór de Lisboa, e do Mar destes Reynos, do Conselho del Rey D. João III. e de sua mulher D. Maria de Menezes, filha de D. Rodrigo de Menezes, Comendador de Grandola: faleceu a Marqueza a 10 de Abril de 1585, como refere o Epitafio da sua sepultura, e naquella Casa deixou huma Missa quotidiana pela sua alma, e do Marquez seu marido, e deste matrimonio nascerão estes filhos:

14 D. ALVARO DE MELLO, que seguindo a vida Ecclesiastica, foy Clerigo, e morreu a 4 de Agosto do anno de 1578 na infelice batalha de Alcaçar.

14 D. MARIA DE MELLO, casou com D. Constantino seu primo segundo, filho do Duque de Bragança D. Jayme, como escrevemos no Capitulo IX. do Livro VI. pag. 635. do Tomo V.

D. Leo-

D. Leonor de Almeida, mull. do I. Conde de Tentugal,	D. Francisco de Almeida, Vice-Rey da India,	A Condesa D. Brites da Sylva,	D. Lopo de Almeida, I. Conde de Abrantes, do Conselho del-Rey D. Affonso V. + a 11 de Setembro, de 1483.	Diogo Fernandes de Almeida, Vedor da Fazenda, e do Conselho del-Rey D. Duarte, + a 5 de Janeiro de 1450. Thereza Nogueira.	Fernão Alvares de Almeida, Vedor da Casa del-Rey D. João I. Ayo de seus filhos.	Pedro Fernandes de Almeida, servo a El-Rey D. Pedro I.
					N.	N.
					Affonso Eannes Nogueira, Alcaide mór de Lisboa.	João Nogueira, Senh. do Morgado de S. Lour. + a 4 de Março 1421. Constança Affonso, filha de Affonso Esteves de Azambuja.
					Joanna Vaz de Almada.	Vasco Lourenço de Almada, Senhor dos Paços de Valverde, vivia em 1429.
					Gonçalo Pires Malafaya, Vedor da Fazenda del-Rey Dom João I. e Regedor das Justicas.	Pedro Annes Fafião, Senhor da Honra de Malafaya.
					Maria Annes.	D. Sancha Gil do Avelar.
					D. Isabel Gomes da Sylva.	N.
					João Gomes da Sylva, I. Senhor de Vagos, Rico-homem, Altes mór, e Co-peiro mór, &c. + a 26 de Março 1445. Ignes Lopes.	Gonçalo Gomes da Sylva, Rico-homem, Sen. de Vagos, e Unhão, &c. + em 1385.
					Vasco Martins Moniz.	D. Leonor Gonçalves Coutinho, filha de Gonçalo Martins Coutinho, Senhor do Couto de Leomil.
					N.	N.
D. Joanna Pereira,	Vasco Martins Moniz, Comendador de Panozas, e Clarvã na Ordem de Santiago.	D. Brites Pereira.	D. Aldonça Cabral,	Estevão Soares de Mello, VI. Senhor de Mello.	Payo Pereira.	N.
					Leonora Fermosa.	N.
					Martim Affonso de Mello, V. Senhor de Mello.	Martim Affonso de Mello, IV. Senhor de Mello.
					D. Ignes.	D. Marinha Vasques, filha de Estevão Soares, Senhor de Albergaria.
					Ruy Lopes.	N.
					D. Thereza de Novas de Andrade.	Nuno Freire de Andrade, Mestre da Ordem de Christão.
					Roy Freire de Andrade, Comendador de Palmella na Ordem de Santiago.	Clara de.
					Dona Mayor de Novas.	N.
					N.	N.
					N.	N.

CAPITULO V.

De Dom Alvaro de Mello.

¹⁴ FOy este Senhor presumptivo herdeiro da Casa de Ferreira, por haver nascido primeiro fruto do thalamo do Marquez D. Rodrigo de Mello, como deixamos referido ; porém a morte se lhe adiantou de forte, que morreo em vida do Marquez seu pay em Agosto do anno de 1535 ; estava a Corte em Evora onde elle faleceo : e passados seis dias, o Infante Cardeal D. Henrique com o Infante D. Duarte, foraõ visitar ao Marquez de Ferreira seu pay, e a Condeffa de Portalegre sua sogra, irmã do mesmo Marquez. ElRey o mandou visitar pelo Bispo Dcaõ da sua Capella. Nenhuma noticia nos daõ os Nobiliarios antigos daquelle tempo deste Senhor mais, que haver casado com D. Maria de Vilhena sua prima com irmã, filha de D. Joaõ da Sylva, II. Conde de Portalegre, Senhor de Gouvea, Serolico, S. Romaõ, Ballasim, Villa-Nova da Coelheira, e da parte das Ilhas de Lançarote, e de Forte Ventura, Mordomo mór delRey Dom Joaõ III. e da Condeffa D. Maria de Vilhena sua tia, filha do Senhor D. Alvaro, nascendo desta esclarecida uniaõ, que devia de durar muy pouco,

D.

15 D. ALVARO DE MELLO, que foy unico, e nasceo no anno de 1538, sendo vivo seu avô o Marquez D. Rodrigo, a quem por sua morte elle pertendeo succeder na sua Casa, como filho unico varaõ de D. Alvaro, primogenito do Marquez seu avô; porém D. Francisco de Mello, depois Marquez de Ferreira, lho impedio com o motivo de seu pay falecer em vida do Marquez, de quem elle vinha a ser herdeiro, como immediato successor, na falta de seu irmaõ, como mais chegado parente do possuidor, sobre que correo huma disputada demanda, contenda, de que os veyo a ajultar ElRey D. Joaõ III. e com effeito se concertaraõ por huma transacção, que ElRey approvou, de que adiante faremos menção, largando o Marquez a seu sobrinho as terras de Carapito, e Villar-Mayor, as terras do Carvalhal, Meaõ, Termo da Guarda, e o Minhocal, e outras, e que todos os mais Estados; terras, e regalias da Casa, ficariaõ ao Marquez: e succedendo morrer D. Alvaro na batalha de Alcazer a 4 de Agosto do anno de 1578 sem deixar filhos, vagaraõ as ditas Villas, e terras para a Coroa, as quaes depois ElRey D. Filippe II. de Castella deu a D. Rodrigo de Lencastre no anno de 1594, ao que se oppoz o Conde de Tentugal D. Nuno Alvares Pereira de Mello, allegando, que aquellas terras haviaõ sido da Casa de Ferreira, pelo que lhe pertenciaõ em virtude da transacção, que o Marquez seu pay fizera com D. Alvaro de Mello seu sobri-

fobrinho, a qual ElRey approvara; porém as referidas terras se julgaraõ vagas para a Coroa por sentença de 11 de Março do anno de 1594, como refere o insigne Jorge de Cabedo, Desembargador do Paço, nas suas Decisoens. Casou D. Alvaro com D. Maria de Alcaçova, que havia nascido no anno de 1540, filha de Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde da Idanha, Vêdor da Fazenda, e do Conselho de Estado delRey D. Sebastião, e depois delRey Dom Filippe II. Commendador da Idanha da Ordem de Christo, Varão de grande talento, em quem concorriaõ muitas virtudes, que o fizeraõ estimavel, e preciso ao ministerio do Reyno, faleceo a 12 de Mayo de 1593, e de sua mulher D. Catharina de Sousa, filha de D. Diogo de Sousa, Commendador, e Alcaide môr de Thomar, porém desta uniaõ não teve successão D. Alvaro de Mello, como acima dissemos.

*Cabedo Detif. pacs 2.
arquivo 77. Amusepaz
1699.*

CAPITULO VI.

*De D. Francisco de Mello, II. Marquez de
Ferreira, e Conde de Tentugal.*

14 NO anno de 1545 morreo o Marquez de Ferreira Dom Rodrigo de Mello, succedeolhe na sua Casa D. Francisco de Mello por ser o filho mais velho, que se achava immediato

Tom.X. Z na-

naquell'e tempo, por ser falecido seu irmão D. Alvaro de Mello, que era o primeiro, que havendo deixado hum filho do seu mesmo nome, como dissemos, D. Francisco de Mello, o considerava inhabil à herança de seu avô por a falta de seu pay; porque havia recabido nelle todo o direito, que se presumia o tempo daria a seu irmão, que não chegou a lograr: pelo que D. Francisco de Mello entrou de posse de toda a Casa; porém não pode lograr esta pacificamente, porque seu sobrinho lho disputou com hum libello muy forte, e correndo esta demanda com grande força, e cuidado de partes tão poderosas, durou annos a contenda, da qual ambos vieraõ a ceder, compondo-se D. Francisco com seu sobrinho por intervençaõ delRey D. Joaõ III. que quiz livrar a D. Alvaro de tão prolixa, e dilatada demanda, e interpondo-se a Real authoridade, fez, que D. Francisco viesse em huma amigavel composiçaõ, e tendo a insinuaçaõ do Principe força de preceito, se ajustaraõ, sem demora, por hum Tratado de Transacçaõ, que ElRey corroborou com poder Real.

Foy outorgado em Lisboa a 17 de Novembro do anno de 1553 nas casas de Pedro de Alcaçova Carneiro, do Conselho delRey, e seu Secretario, (depois Conde de Idanha) que era sogro de D. Alvaro, estando presentes D. Francisco de Mello, e seu sobrinho com sua mãy D. Maria de Vilhena, que era sua tutora, e curadora, e D. Maria de Alcaçova,

caçova, mulher de D. Alvaro, a quem se acordou, que como neto do Marquez de Ferreira, haveria da herança, e successão dos Morgados, que ficaraõ por sua morte, por ser seu neto, as couças seguintes. Todas as rendas vencidas da data da convenção em diante, a saber: das Villas de Arega, Codelceiro, e Conselho de Carapito, Alcaidaria môr de Villar-Mayor, os bens da Beira, a que chamaõ o Minhocal da Ribeira, e o Minhocal Decima, o Carvalhal, e Meaõ no Termo de Cellorico, a Quinta da Gateira, as Lezirias de Tavora, as Abiturcias no Termo de Santarem, e o Reguengo de Toens com as demais annexas, que pertenciaõ às ditas Villas, Conselho, e mais terras, da mesma sorte, que as tinha seu tio D. Francisco, que lhe deu mais dez mil cruzados em dinheiro, acordando mais ElRey, que cedesse D. Francisco de Mello em seu sobrinho toda a fazenda, que possuia no Morgado de Santarem, que havia instituido o Marquez D. Rodrigo seu pay, sendo Conde de Tentugal, juntamente com a Condesa D. Leonor de Almeida sua mulher, com tudo o que a elle pertencia, assim em Santarem, como na Golegãa, Pernes, Cartaxo, Azinhaga, Alneirim, e seus Termos, de que só lhe ficaria o Padroado da Igreja de S. Matheus de Santarem; e que nos bens, que fossem da Coroa, succederia D. Alvaro de Mello na mesma fórma, que os houvera de herdar seu pay Dom Alvaro, se fora viço ao tempo da morte do Marquez de Ferreira

seu pay, em virtude das Doações, que tinha, conforme as Leys do Reyno, com outras clausulas, e obrigações para a sua validade, em virtude de huma determinação delRey, feita em Lisboa a 24 de Março do anno de 1553, que se encorporou na mesma Transacção, e Contrato: e porque D. Alvaro de Mello era menor de vinte e cinco annos, por não contar mais que quinze, e não podia fazer a dita Transacção, nem menos D. Maria de Vilhena sua mãy, como tutora, e curadora tinha poder para a sua validade; ElRey de moto proprio, certa sciencia, poder Real, e absoluto, supprio tudo o que era necessario para a sua perpetua estabellidade, e vigor. E porque já neste tempo era D. Francisco de Mello casado com a Senhora Dona Eugenia, foy preciso o seu consentimento, sem o qual poderia ficar nullo o contrato, conforme o Direito, sobre o qual se fundou esta convenção, corroborada com authoridade Real, como se póde ver nas Provas, e ficou desta sorte D. Francisco de Mello Senhor de todos os mais Estados, de que se compunha a Casa de Tentugal, e Ferreira.

Prova num. 15.

Era já casado neste tempo Dom Francisco de Mello, porque o seu direito à successão da Casa de Ferreira era tão indubitavel, que não puderaõ as contendas de seu sobrinho D. Alvaro servir de obstaculo para effectuar huma altissima alliança, como foy a da Senhora D. Eugenia, filha do Duque de Bragança D. Jayme, e da Duqueza D. Joanna de

de Mendoga sua mulher, cujo Tratado se celebrou em Villa-Viçosa no Palacio, em que assistia a Duqueza de Bragança D. Joanna, e na sua presença, assistindo por parte de Dom Francisco de Mello Lopo Pires, Cavalleiro da sua Casa, revestido do poder de huma Procuração, feita em Lisboa a 13 de Agosto de 1549. A Duqueza lhe deu em dote dez mil cruzados, em que entrava a legitima, que herdara por morte do Duque seu pay, obrigando-se Lopo Pires, em nome de Dom Francisco, de lhe dar de arrhas tres mil trezentos e trinta e tres cruzados, e hum terço de cruzado, que tanto importava a terça parte do dito dote, e pervenindo o tempo futuro, do que podia succeder, declarou na mesma Escritura: *Que havendo respeito à nobreza do sangue da dita Senhora D. Eugenia, poder haver aballança para a dita Senhora sustentar sua pessoa, como convinha a seu estado, &c.* lhe promettia dous mil cruzados em sua vida das rendas, que tinha da Coroa, no caso de elle falecer primeiro, tivesse, ou não filhos: e no caso da Senhora D. Eugenia falecer primeiro, que seu esposo, não haveria arrhas, e que os bens de ambos, adquiridos constante o matrimonio, seriaõ communicaveis entre elles, com outras condições reciprocas, que se assentaraõ, com todas as clausulas costumadas em semelhantes Tratados, sendo este outorgado a 14 de Agosto de 1549 por Gaspar Coelho, Tabelliaõ, sendo testemunhas Fernão de Castro, e Christovão de Brito, Fidalgos

dalgos da Casa do Duque de Bragança, e Antonio de Gouvea seu Secretario, e em virtude deste Tratado se celebrou esta esclarecida voda no referido anno, servindo à Casa de Ferreira de grande esplendor esta alliança, porque se estreitavaõ, e repetiaõ os parentescos do Real sangue; porque a Senhora D. Eugenia era filha do Duque D. Jayme, e neta do Duque D. Fernando, e da Senhora D. Isabel, irmã delRey D. Manoel, filhos do Infante D. Fernando, filho delRey D. Duarte: de sorte, que esta Real linha unida ao sangue de Bragança, que animava a D. Francisco, exaltou muito a sua Casa; porque a revestio de humas especiaes prerogativas, que se lhe communicaraõ pelo Duque de Bragança D. Jayme, que foy jurado Principe herdeiro do Reyno, como dissemos no Livro VI. Capit. VIII. pag. 484 do Tomo V.

Foraõ as contendias de D. Alvaro de Mello o primeiro motivo para D. Francisco seu tio naõ ter toda a attençaõ, que merecia a sua pessoa, e pela representaçaõ da Casa, que possuia; porque sendo naquelle tempo praticado communmente succeder o filho ao pay, e naõ o neto do filho, que morrera em vida de seu pay, se tira, que a valia do Secretario Pedro de Alcaçova Carneiro, sogro de Dom Alvaro, que lhe deu por tutor ao Doutor Francisco Dias do Amaral, Ministro de muita intelligencia, e authoridade, fizeraõ perder à Casa de Ferreira diversos Senhorios de terras, e outros bens, que

que não tiveraõ depois com a sua morte reverfãõ à Casa, por terem passado a differente linha, conforme a Ley Mental; assim tambem se retardaraõ os titulos, que seu pay lograra, de que finalmente ElRey D. Joaõ III. fez merce a D. Francisco de Conde de Tentugal, de que se lhe passou Carta a 6 de Junho de 1556. Não durou mais, que hum anno a vida dellRey depois desta merce, e porque o assentamento devia de ser na mesma fórma, que o tivera seu pay no tempo, que fora Conde, se lhe duvidou; e entrando na menoridade delRey D. Sebastiaõ, na regencia do Reyno, a Rainha D. Catharina, e depois o Infante Cardeal D. Henrique, lhe dilatareaõ este despacho, de que elle se sentio muito, como se vê de huma Carta, que sobre esta materia, e outr.s, que pertenciaõ a regalias da sua Casa, escreveo à Infanta Dona Isabel sua cunhada, mulher do Infante D. Duarte, feita a 31 de Julho de 1567, e outra sem data, em que se queixa com muita modestia do Cardeal Infante, porque sendo elle o mesmo, que em outro tempo estranhara a demora daquelle despacho, na sua regencia a experimentara mayor, e ultimamente se lhe differio, como era justo. Por este motivo, e outros semelhantes, em que o Conde se não via attendido, como mereciaõ os serviços, e pessoas dos seus mayores, viveo retirado na sua Villa de Agua de Peixes, donde fahia sómente precisado em algumas occasioens no tempo, que lhe durou a vida, que foy larga: co-
nhecto

nheceo reynarem em Portugal quatro Reys, que foraõ ElRey Dom Joaõ III. ElRey D. Sebastião, ElRey Dom Henrique, e ElRey D. Filippe II. de Castella, que pela morte de D. Henrique se introduzio em Portugal.

No anno de 1554 se achava o Conde de Tentugal (ainda naõ tinha este Titulo, como se disse) em Lisboa, quando ElRey D. Joaõ III. o mandou acompanhar a Princeza D. Joanna, mãy delRey Sebastião, que passava da nossa Corte para Hespanha: levou o Conde huma grande comitiva de criados, vestidos todos de luto muy pezado, unindo-se ao Duque de Bragança seu cunhado, de cuja Serenissima Casa foy sempre inseparavel a de Ferreira, a qual se fez em todo o tempo acredora da amisade daquelles Principes, nesta occasião se naõ escusou de servir, como fez em tudo, o que se lhe insinuava; ainda que senaõ offerencia pelo retiro, em que vivia.

Foy grande, e reciproca a boa harmonia, em que sempre viveo o Conde de Tentugal com os Principes da Casa de Bragança, e como era dotado de prudencia, e hum dos mais habéis Cortezoens daquelle tempo, lhe communicavaõ todos os negocios graves, ou do interesse, ou respeito daquella Serenissima Casa, em que elle se interessava tanto, que reputava como proprios, no amor, e na fineza, como se vio nas contendas, que succederaõ com o Prior do Crato, de que fizemos menção no Capitulo XV. do Livro VI. pag.146 do Tomo VI. Achava-se

va-se o Conde em Agua de Peixes quando o Duque D. Joaõ, I. do nome, lhe participou o estado daquelle negocio, a que respondeo com a Carta seguinte, copiada da Original, que está no Archivo da Serenissima Casa de Bragança, e diz assim:

„ Vossa Excellencia tem procedido neste ne-
„ goceo taõ bem, que naõ tenho eu, que lhe dizer
„ nelle, porque se conformou com o tempo, e com
„ os vmores, que correm nelle, e taõ bem enten-
„ do, que fez muito seu serviço na rezoluçaõ, que
„ tomou nelle, e creyo, que alembrará a Vossa
„ Excellencia, o que lhe sempre disse neste negoceo
„ desde principio delle, que foy dizerlhe, que hera
„ incuravel, o desfaste foy quererse ElRey meu Se-
„ nhor rezolver con taõ pouca consideraçaõ en ne-
„ goceo tamanho, e em que estava certo escan-
„ delizarse todo o Reino, se fallara com gente hon-
„ rada, naõ no fizera assi, mas creyo, que o naõ
„ participou com ninguem, e se o fez, seria com
„ algum Escudeiro, porque por nossos pecados,
„ delles amda rodeado, Vossa Excellencia se reco-
„ lha pera sua caza, e tenha muita conta com sua
„ vida, e com sua fazenda, e como tiver estas cou-
„ zas, naõ lhe saltará nada; se Sua Alteza cazar
„ deve de mandar o Prior do Crato pella Rainha,
„ ao menos teraõ suas Damas muy boa guarda nel-
„ le, vi a enmenda do que entendi, que naõ con-
„ vinha ser asy, e pareceome muy boa, e creyo,
„ que se naõ arrependerá Vossa Excellencia de a ter

Tom.X.

Aa

„ fci.

„ feita , porque flamos em tempo de grandes inter-
 „ pretadores para maal , e taõbem das descortezias,
 „ que Vossa Excellencia vio , se ahi tornasse, deixe
 „ Nunalveres fazer o que quiger, e eu fico, que
 „ lhas naõ façaõ, quanto mais, que naõ lhe falta-
 „ ráõ outros muitos servidores. O papel das Cor-
 „ tes de Coimbra he muy importante , e se naõ
 „ ouuera declarar Sua Alteza sua tençaõ , e se se
 „ ouuera de determinar o caso , pella determinação
 „ das Cortes, como he justiça eu puzera a cabeça ,
 „ que a fizeraõ a Vossa Excellencia , deueo de man-
 „ dar a Miguel de Moura, com humas rezoens so-
 „ bre isso, porque o negocio fica affaz determina-
 „ do por esta determinação, e mostrea ha Senhora
 „ Infante, e ha Senhora Dona Catherina, que o
 „ mesmo lhe pareceraõ. Nosso Senhor a Illustrissi-
 „ ma, e muito Excellente pessoa de Vossa Excel'en-
 „ cia Guarde, Estado acrefente como desejo. Da-
 „ goa de Peixes, a xxiiij de Março de 1575. &c.

„ Beijo as maons a Vossa Excellencia

„ D. Francisco.

E no sobrefcrito:

„ A Ho Illustrissimo, e muito Excellente Senhor, o
 „ Senhor Duque de Bragança, meu Senhor.

Destá Carta se vê o como estava instruido do nego-
 cio, o como nelle discorre, a prudencia, e junta-
 mente

mente o cuidado na lembrança, do que aponta, o enfasi, com que se explica, e ultimamente o amor, que o tinha revestido da mais fiel amizade. Quando ElRey D. Henrique sobio ao throno da Monarchia Portugueza, e destituido das esperanças da vida, cuidou de dar successor à Coroa, e a Senhora D. Catharina entrou com o indubitavel direito a pertender succeder a ElRey seu tio, o Conde de Tentugal descobertamente seguiu o seu partido: este dictame seguirão todos os seus, e conservou depois seu filho, e seu neto. He certo, que a Casa de Tentugal, entre todos os parentes da Serenissima Casa de Bragança, não só foy sempre a mais attendida, mas tambem era a mais benemerita dos seus favores, porque nunca se apartou dos seus interesses, não duvidando sacrificar-se, se o pedisse a occasião, pelo amor, e respeito, que estes Senhores professaram aos Principes de Bragança.

Determinou ElRey D. Sebastião passar à Africa, e dispondo a jornada para aquella empreza, tão preocupado do seu dictame, que não dava ouvidos a quem o dissuadia; endurecido aos rogos da Rainha D. Catharina sua avó, que ainda vivia, e do Infante Cardeal D. Henrique seu tio, e aos conselhos delRey D. Philippe o *Prudente*, tambem seu tio; declarou a sua resolução aos Fidalgos de mayor qualidade, e prudencia, que ajuntou hum dia, não para lhes pedir conselho, senão para lhes manifestar a sua resolução. Achava-se fóra da Corte o Conde

Tom.X.

Aa ii

de

*Cabrera, Hist. del-
Aya D. Philippe II, liv.
11, cap. 18, pag. 927.*

de Tentugal: sendolhe presente esta resolução, revesti-
do do zelo, e do affecto, com que amava a ElRey,
lhe escreveu huma Carta: era o Conde cheyo de
annos, prudencia, e authoridade, virtudes, porque
havia conseguido na Corte respeito, porque elle
foy hum dos mais serios Senhores daquelle tempo,
muy cortezaõ, de forte, que de todos era igualmen-
te attendido: pelo que intentou reduzir ElRey à
razaõ, mostrandolhe os inconvenientes daquella em-
preza, o perigo, a que expunha a sua Real pessoa,
e a ruina, que ameaçava ao Reyno na contingencia
de hum successo taõ duvidoso. O mesmo in-
tentou por outra Carta D. Duarte de Castellobran-
co, Meirinho môr, depois primeiro Conde de Sa-
bugal, e entaõ Embaixador em Castella, e vocal-
mente o fez D. Alvaro da Sylva, Conde de Porta-
legre, seu Mordomo môr, com o mesmo zelo, e
porque tambem concorria nelle authoridade, e pru-
dencia; porém ElRey, por hum fatal destino, per-
maneceu na sua obliinação.

*Mendoça, Jornada de
Africa, pag. 40.*

Naõ acompanhou a ElRey à Africa o Conde
de Tentugal, porque os seus annos com molestias,
que padecia, se oppunhaõ aos precisos discomodos
daquella jornada; porém ainda que naõ approvou
esta empreza, revestido daquelle zelo, com que ser-
via a ElRey, e à Patria, sacrificou em obsequio seu
a conservação da sua Casa, expondo todos os seus
filhos naquella empreza, que sendo quatro, só hum,
que seguia a vida Ecclesiastica, ficou no Reyno, e

os mais se acharaõ naquella infelice batalha, em que morreo o primogenito D. Rodrigo de Mello, e foraõ cativos Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, que succedeo na Casa, e D. Constantino de Bragança, como adiante diremos. Foraõ grandes as despesas, que supportou a Casa de Ferreira nesta occasiaõ, que se fizeraõ excessivas com os resgates daquelles Senhores. Com a perda delRey D. Sebastiaõ, de quem foy grande servidor, succedeo o Infante Cardeal na Coroa, que gozou muy pouco tempo: neste seguio o Conde a pertençaõ da Senhora D. Catharina, mulher do Duque D. Joaõ, com aquelle affecto, com que se revestia dos interesses daquella Serenissima Casa, sentindo a irresoluçaõ delRey D. Henrique em a não declarar successora do Reyno, que deixou ao arbitrio da ambiçaõ dos Juizes. Finalmente entrou em Portugal ElRey D. Filippe o Prudente, e estando em Lisboa, lhe fez nova merce de Conde de Tentugal, por Carta passada a 6 de Junho de 1581, onde diz: *Aven-*
do respeito ao devido, que comigo tem D. Francisco
de Mello, meu muito amado sobrinho, e aos grandes
merecimentos daquelles, de quem elle descende, &c.
Depois o fez Marquez de Ferreira, por Carta passada a 20 de Junho de 1586. No anno seguinte, estando o Marquez em Agua de Peixes, com saude perfeita, fez o seu Testamento, referindo-se a outro, que já tinha feito, em que nomeava por Testamenteiros o Duque de Bragança D. Theodosio,
e a

Chancel. delRey D. Fil.
lippe I. liv. 1. pag. 163.

Dita Chancel. liv. 12
pag. 33. vers.

e a D. Rodrigo de Mello seu filho, os quaes já eraõ falecidos: pelo que nomeou a D. Isabel de Mello sua irmã, ao Conde de Tentugal D. Nuno seu filho, a quem deixa a sua terça, por ser falecida a Condeffa sua mãy, a quem no outro Testamento a nomeara: nelle se vê a piedade nos legados pios, e esmolas, e lembrança dos seus criados: manda-se enterrar em o enterro da sua Casa no Convento de S. Joãõ Euangelista de Evora; unio diversas herdades ao Morgado, tomando na sua terça a herdade de Santa Maria, que deixou ao Conde seu filho, e a herdade chamada das *Porcas*, de que fez Morgado com a de Santa Maria. Acabou o Convento de Buarcos da Ordem de S. Francisco, que seu pay havia principiado. Havia promettido fazer hum Convento de Religiosos da Provincia da Piedade, que o naõ quiz aceitar, sem embargo do Marquez lho pedir, que recorreo ao Papa, que lhe commutasse o voto em despender toda a quantia, que havia de gastar naquelle Mosteiro, no do Carmo, que se fundava na sua Villa de Tentugal, e elle no seu Testamento diz, que começara o Mosteiro das Freiras do Carmo de Tentugal, e lhe agenceara a renda de huma Confraria para o seu primeiro estabelecimento. Foy feito o Testamento a 13 de Abril de 1587, que mandou escrever pelo Mestre Jorge Dias, Prior de Villa Cova, approvado a 15 do referido mez por Antonio da Costa Tabelliaõ pelo Marquez, em Villa Ruyva. Depois estando
em

em Evora doente, fez hum Codicillo, em que declarou algumas cousas pertencentes à sua Casa, alguns legados pios, e promessas: nelle refere, que os filhos legitimos, que viviaõ, eraõ D. Nuno Alvares, D. Joaõ, D. Constantino, e huma filha Freira nas Chagas de Villa-Viçosa; e que os illegitimos eraõ D. Joleph, D. Francisco, e D. Maria Freira em Cellas; e continúa, que a Maria Santinhos a recolhaõ no Mosteiro de Tentugal, a quem sua irmã deixava parte do seu dote para ser Freira, e que além disto lhe daria elle, ou seu filho o Conde, se Deos o levasse, o que fosse necessario para ser Freira, e que sempre della tivesse lembrança: foy approvedo em Evora pelo Tabelliaõ Balthasar de Andrade a 7 de Novembro de 1588. Foy o Marquez hum Senhor de grande authoridade, muy serio; delle refere Affonso de Torres, que indo hum dia à caça, e levando na sua companhia hum homem, que mentia muito, e indolhe contando huma historia inverosimel, o Marquez lhe disse, que acabasse, porque já hia entrando nos limites da terra de certo Conde, alludindo a que alli se lhe acabava o dominio de mentir, por estar nos do tal Conde, que tambem era notado do mesmo defeito: assim se explicava, sem que offendessem as suas palavras, porque foy muy Cortezaõ, pelo que todos o respeitavaõ, unindo à sua pessoa huma prudencia nos negocios, que mereceo universal estimação na Corte, como se vê da authoridade, de que se revestia, na
Carta,

na Carta, que escreveu a ElRey D. Sebastião, não lhe servindo as queixas da falta, que experimentara em alguns requerimentos, de motivo para se não interessar no serviço do seu Soberano, com zelo, e amor. Faleceu em Evora em Dezembro do anno de 1588, e jaz no enterro da sua Casa no Convento de S. João Evangelista da dita Cidade, onde se lhe poz o seguinte Epitafio:

Sepultura de Dom Francisco de Mello, segundo Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal, filbo de D. Rodrigo, primeiro Marquez de Ferreira, filbo do Senhor D. Alvaro de Portugal, que foy filbo do Senhor D. Fernando, segundo Duque de Bragança, e filbo de D. Leonor de Almeida, filha do Grande Dom Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rey da India; e sepultura de sua mulher a Condeffa D. Eugenia, filha do Duque de Bragança D. Gemes, neto do Infante D. Fernando, irmão delRey Dom Manoel, e filha da Duqueza D. Joana de Mendoça. Faleceo o Marquez na Era de 1588.

Cafou,

Casou, como dissemos, no anno de 1549 com a Senhora D. Eugenia, a qual faleceo em Lisboa a 12 de Agosto do anno de 1559, e sendo depositada no Convento de S. Francisco, como refere o livro dos Obitos da Freguesia de Santiago, foy trasladada para o de S. Joaõ Euangelista de Evora, onde jaz junto com seu marido, como se vê do referido Epitafio; era filha do Duque de Bragança D. Jayme, e da Duqueza D. Joanna de Mendoça, como fica escrito no Livro VI. pag. 599 do Tomo V. onde dissemos, que fora Marquiza de Ferreira; o citado livro dos Obitos lhe chama Condesa de Tentugal, e não teve entaõ seu marido outro titulo, senaõ muitos annos depois da sua morte como temos visto; desta excelsa uniaõ nasceram os filhos seguintes:

15 D. RODRIGO DE MELLO, como se verá no Capitulo VII.

15 D. NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO, de quem trataremos no Capitulo IX.

15 D. JOAÕ DE BRAGANÇA, Bispo de Viseu, que occupará o Capitulo VIII.

15 DOM CONSTANTINO DE BRAGANÇA, de quem adiante faremos menção no Capitulo XVIII. deste Livro.

15 D. JOANNA DE MENDOÇA, a quem deu o nome de sua avó a Duqueza de Bragança D. Joanna de Mendoça, que estando ajustado o seu casamento com seu primo com irmaõ o Senhor Dom Duarte, Duque de Guimaraens, Condestavel de

Tom. X.

Bb

Por.

Faria, *Illustraçõ da
Cajã de Bragança*, n.
1900,
Joões de Figueiredo,
tom. I, do seu *Nôtil*,

Portugal, não teve effeito pela intempestiva morte deste Principe em Evora a 28 de Novembro de 1576, como dissemos no Capitulo XI. do Liv. IV. pag. 437 do Tomo III. pelo que ella com generosa, e tanta resoluçã deixou o Mundo, e tudo quanto lhe podia segurar o seu altissimo nascimento, e tomou o habito de S. Francisco no Mosteiro das Chagas de Villa-Viçosa, onde professando, se chamou Soror Joanna da Trindade, e vivendo com muito exemplo, foy Abbadessa daquella Religiosissima Casa, e faleceo a 30 de Dezembro de 1616, e sendo sepultada no Coro de baixo, onde jaz sua avô, e outras Princezas da Serenissima Casa de Bragança, tem o seguinte o Epitafio:

Sepultura da Madre Soror Joanna da Trindade, filha do Marquez de Ferreira, e de D. Eugenia, filha do Duque D. Jayme, e da Duquesa D. Joanna; foy Freira neste Convento, onde faleceo a 30 de Dezembro de 1616 annos.

Teve o Marquez Dom Francisco de Maria Nunes, mulher nobre, natural da Cidade de Lisboa, aparentada com a familia dos Velhos, estes filhos:

15 DOM JOSEPH DE MELLO, Arcebispo de Evora, como se verá no Cap. XXI. deste Livro.
D.

15 D. FRANCISCO DE ALMEIDA, que foy Theſoureiro mór da Sé de Lisboa, e Conego da Metropolitana de Evora, onde morreo a 16 de Fevereiro do anno de 1628; jaz no Claustro do Capitulo de S. Joaõ com este Epitafio:

Nesta sepultura está o corpo de Dom Francisco de Almeida, filbo natural do Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, primeiro do nome, foy Conego na Sé desta Cidade de Evora, e Theſoureiro na de Lisboa; faleceo a 16 de Fevereiro do anno de 1628.

15 D. MARIA DE MELLO, que foy Religioſa da Ordem de Cister no Mosteiro de Cellas de Coimbra.

A Senhora
Dona Eugénia, mu-
lher de D.
Francisco
de Mello,
II. Marq.
de Ferreira
74

Dom Jayme,
Duq. de Bra-
gança, e Gui-
marães, +
a 20 de Set.
de 1532.

D. Fernando, II.
do nome, Du-
que de Bragan-
ça, + a 22 de
Julho de 1483.

Dom Fernando,
I. Duque de Bra-
gança, + a 23 de
Março de 1478.

A Duqueza Dona
Joanna de Castro.

O Senhor D. Affon-
so, Duque de Bra-
gança, &c. + no an-
no de 1461.
Dona Brites Pereira,
Condessa de Barcel-
los.

D. João de Castro,
Senhor do Cadaval,
e Peral.

D. Leonor Giraõ.

D. Duarte, Rey de
Portugal, &c. + a 9
de Setembro 1418.
A Rainha D. Leonor
de Aragão, + a 18
de Fev. de 1445.

O Infante D. Fernan-
do, + a 18 de
Setemb. de 1470.

A Infanta D. Brites,
+ a 30 de Set-
embro de 1506.

D. João, Infante de
Portugal, + a 18 de
Outubro de 1442.
A Infanta D. Isabel,
+ em 16 de Outu-
bro de 1465.

Affonso Furtado de
Mendoça, Senhor da
Honra de Podrozo,
Anadél mor dos Bis-
teiros.
D. Isabel O'orio.

Affonso Furtado
de Mendoça, Ana-
dél mor dos Bis-
teiros.

D. Brites de Vil-
laragud, Dama da
Infanta.

D. Antonio de Vil-
laragud, III. Barão
de Olacau.

D. Brites de Pardo de
la Casta.

Fernão Soares de
Albergaria, Senh.
de Prado.

Fernando Gonçal-
ves de Figueiredo,
Senhor de Alientar.

D. Catharina Dias de
Albergaria.

Maria Gonçalves
de Alcafachaõ.

Gonçalo Fernandes
de Alcafachaõ.

Mecia Vaz.

D. João I. Rey de Portugal, + a 14
de Agosto de 1433.

D. Ignes Pires, Comendadeira de
Santua.

D. Nuno Alvares Pereira, Conde-
savel de Portugal, + a 12 de Mayo
de 1431.

D. Leonor de Alvim.

D. Pedro de Castro, Senhor do Ca-
daval.

D. Leonor Telles de Menezes.

Martim Vasques da Cunha, I. Con-
de de Valença de Campos.

D. Theresá Telles Giraõ.

D. João I. Rey de Portugal.

A Rainha D. Filippa de Leencastre,
+ a 19 de Julho de 1415.

D. Fernando Rey de Aragão, + a
2. de Abril de 1416.

A Rainha D. Leonor la Rica hem-
bra, + em 1435.

D. João I. Rey de Portugal.

A Rainha D. Filippa de Leencastre.

O Senhor D. Affonso, Duque de
Bragança.

D. Brites Pereira, Condessa de Bar-
cellos.

Ruy Furtado, Senhor de Podrozo.

D. Leonor Marins.

N.

N.

D. Ramon de Villaragud, II. Ba-
rão de Olacau.

D. Filippa de Villanova.

D. Pedro Pardo de la Casta.

D. Joanna de Valeriola.

D. Gonçalo de Figueiredo, Bispo
de Viseu, que antes tinha sido ca-
sado.

N.

Diogo Soares de Albergaria, Sen-
hor da Albergaria de Bayo Del-
gado.

Urraca Fernandes.

N. Alcafachaõ.

N.

Vasques Annes.

N.

CAPITULO VII.

De Dom Rodrigo de Mello.

15 **N**Asceo no anno de 1551 D. Rodrigo de Mello, sendo o primeiro fructo da uniaõ do Marquez D. Francisco, e da Senhora D. Eugenia: foy ornado de excellentes partes, revestido de hum ardor militar, a que o exemplo dos seus preclarissimos progenitores lhe dava huma reverente emulaçaõ; assim passou com gosto à Africa, acompanhando a ElRey Dom Sebastiaõ, com quem se achou na infelice batalha de Alcacer, e depois de ter obrado milagres do valor, mostrando grande constancia em aquelle taõ disputado conflicto, veyo a acabar de huma balla, que lhe entrou pela boca, quando fatigado do trabalho, acabava de beber hum pucaro de agua, a 4 de Agosto de 1578, havendo casado com D. Catharina de Eça, Dama da Rainha D. Catharina, que faleceo em Outubro de 1573; jaz no Convento de S. Joaõ Evangelista no enterro desta Casa, como se vê no Epitaphio da sua sepultura.

Mendonça, *Jornada de Africa*, liv. 2. cap. 6. pag. 40.
Faria, *Europa Portug.* tom. 3. pag. 27.

*Aqui jaz D. Catharina, filha de D.
Affonso de Ncronha, e de D. Maria
Deça, mulher que foy de D. Rodrigo.
Faleceo em Outubro de 1573.*

Era

Era filha de Dom Affonso de Noronha, Commendador das Commendas de Olalhas, S. Miguel de Guerra, e S. Joaõ da Castanheira na Ordem de Christo, Aposentador mór delRey D. Joaõ III. Governador de Ceuta, por seu irmão D. Pedro de Menezes, III. Marquez de Villa-Real, onde servio com grande prestimo, e cuidado, conseguindo gloriosas acções as nossas armas. He digno de eterna memoria, o que entaõ succedeo, porque sendo chamado D. Affonso ao Reyno no fim do anno de 1547 por ElRey, lhe ordenou encarregasse o governo daquella importante Praça a D. Maria de Eça sua mulher: tal era o conceito, que D. Affonso tinha do talento desta Senhora, e tal a sua prudencia, que merecia, que ElRey se satisfizesse do seu prestimo! E he de ponderar quaes seriaõ as virtudes daquella Heroína, que he a unica, que sabemos, que em Portugal governasse a Cidade, e as disposições daquella guerra, que era continua, supposto, que as coufas do Campo ficaraõ à disposiçaõ de D. Antaõ de Noronha, Capitaõ delle, sobrinho de D. Affonso de Noronha, o qual depois de estar em Portugal, voltou a Ceuta em Julho do anno seguinte de 1548, donde depois ElRey o tirou para o mandar por Vice-Rey da India, aonde chegou em Novembro de 1549, e tendo govenado com reputaçã quatro annos aquelle Estado, tendo por successor a D. Pedro Mascarenhas, voltou ao Reyno, e foy Mordomo mór da Infanta Dona Maria, filha delRey D.

Ma-

Manoel, e taõ cheyo de merecimentos, como de annos, acabou, e jaz no Convento de S. Domingos de Santarem. Era sua mulher D. Maria de Eça, filha de Fernão de Miranda, Trinchante do Senhor D. Jorge, filho delRey D. João II. e de sua mulher D. Catharina de Azevedo, e deste matrimonio nasceo unico

15 D. FRANCISCO DE MELLO, que faleceo de tenra idade.

CAPITULO VIII.

De D. João de Bragança, Bispo de Viseu.

15 **E**Ntre os illustrissimos Prelados, que occuparaõ a Cadeira da antiquissima Igreja de Viseu, foy hum dos mais insignes D. João de Bragança, taõ esclarecido em sangue, como em virtude, era filho do Marquez de Ferreira D. Francisco, I. do nome, e de sua esposa a Senhora Dona Eugenia, filha do Duque de Bragança: pelo que em memoria deste excelso avô, tomou D. João o appellido de Bragança, de cuja Serenissima Casa descendia, igualmente por huma, e outra linha, paterna, e materna. Não sabemos o anno, em que nasceo, mas de huma curta memoria alcançámos ser a sua Patria a Villa de Agua de Peixes, Casa de Campo de seus Excellentissimos pays, de que os anti-

antigos Senhores della muito gostaraõ, por ser o sitio ameno, abundante de caça, com muita agua, que repartia a diversos jardins por muitas fontes, de que ainda hoje se vê na antiguidade do Palacio, e de Quinta, a grandeza dos Senhores della, e o bom gosto, que tinhaõ daquelle agradavel retiro, em que passavaõ muita parte do anno, por ser em todas as Estações saudavel.

Foy D. Joaõ de Bragança destinado para a vida Ecclesiastica, assim o mandaraõ seus pays educar no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde aprendesse igualmente as letras, que os costumes dos Religiosos daquella Casa. Creou-se D. Joaõ entre Religiosos, que viviaõ em muita observancia, e formou hum modo de vida, que pudesse servir de exemplar a todo aquelle, que aspirasse à perfeiçaõ da vida Clerical; porque à natural mansidaõ de animo, soube elle unir ardente amor de Deos, e do proximo, realçando virtudes taõ singulares com profunda humildade, de sorte, que fez huma vida inculpavel. Instruido na Latinidade, e Filosofia, passou a estudar Theologia com tanto cuidado, que veyo a colher fazonados frutos da sua applicaçãõ, doutorando-se na mesma faculdade na Universidade de Coimbra a 18 de Dezembro do anno de 1585, sendo D. Simaõ de Geral dos Conegos Regrantes, Cancellario da Universidade, e Vice-Reytor o Doutor Fr. Antonio e Padrinhos o Bispo Conde D. Affonso de Castellobranco, e o Conde

Nicolao Agost. *Vida do*
Arcebispo D. Theot-
nio, pag. 9.

Conde de Portalegre Dom João da Sylva, casado com sua tia, como se disse no Capitulo III. e foraõ os Oradores o Doutor Francisco Rodriguez, Lente da Cadeira de Escoto, e o Doutor Manoel Soares, Lente de Prima de Canones. Teve diversos Beneficios Ecclesiasticos, o Marquez seu pay lhe deu os Prestimonios, que o Papa lhe havia concedido dos frutos de certas Igrejas do seu Padroado, reve mais o Arcediagado de Sobradello, e huma Conezia na Sé de Evora. Os merecimentos de D. João eraõ taõ notorios, que vagando o lugar de Dom Prior da insigne Collegiada de Santa Maria de Guimarães, do Padroado Real, por morte do Senhor D. Fulgencio seu tio, El Rey lho conferio, de que tomou posse a 23 de Mayo do anno de 1582. O Arcebispo de Braga D. João Affonso de Menezes o duvidou collar com o pretexto de ter a Conezia de Evora, appellou D. João da violencia, e commetteo-se a decisaõ desta contenda a D. Miguel de Castro, Bispo de Viseu, que delegando no seu Provisor, deu a sentença, o dito Bispo commetteo o exame ao Vigario Geral de Coimbra, onde D. João residia por causa dos seus estudos, fez o exame Synodalmente, e se confirmou no Beneficio; e posto o cumpra-se pelo Arcebispo, tomou posse, sendo a confirmação, e collação por Procurador, foy a sentença dada em Mayo do mesmo anno, e dizia assim:

„Christi Dei nomine invocato. Não he bem
„julgado pelo Provisor de Braga, Juiz à quo, em

Tom.X.

Cc

„man-

Catal. dos Dom Priores de Guimarães, na Collecção da Academia de 1726.

„mandar , que o Senhor D. João de Bragança , pa-
 „ra ser confirmado na Igreja de Nossa Senhora da
 „Oliveira de Guimaraens, mostre como tem renun-
 „ciada a Conezia , que tem na Sé de Evora , por
 „ter renunciado os mais Benefícios incompatíveis
 „com a dita Igreja , e a dita Conezia não requiere
 „residência precisa : o que visto , e disposição de
 „Direito em tal caso , mandamos , que seja confir-
 „mado na dita Igreja , sem embargo de ter a dita
 „Conezia , com tal declaração , que faça pessoal re-
 „sidência na dita Igreja , conforme ao Motu Pro-
 „prio de Sua Santidade , na qual se requer residen-
 „cia propria , no que lhe encargamos muito sua
 „consciencia , e pague as custas destes Autos, &c.

Esta sentença , que se guarda no Archivo da
 dita Collegiada , da qual tiramos , que D. João ti-
 nha então outros Benefícios , que renunciou ; assim
 foy o quadregésimo primeiro Dom Prior desta Col-
 legiada , que administrou com inteireza , e grande ca-
 ridade , porque foy muy esmolero. Era Inquisidor
 Geral o Cardeal Alberto , Archiduque de Austria ,
 e querendo na Inquisição de Evora a Dom João de
 Bragança , porque nelle concorriaõ letras , rectidão ,
 e outras virtudes taõ notorias , que o habilitavaõ
 sobre o seu altíssimo nascimento para os mayores
 empregos , o nomeou Inquisidor da Inquisição de
 Evora , em que entrou a 3 de Julho do anno de
 1592 , lugar , que exercitou com grande zelo da Re-
 ligião Christãa , e huma singular rectidão , e carida-
 de ,

*Catalogo dos Inquisi-
 dores de Evora , na
 Collecção da Acade-
 mia de 1725.*

de, passou a residir na Cidade de Evora, conservando os seus pingues Benefícios em virtude do privilegio, dos que servem o Santo Officio; aqui era a satisfação dos parentes a sua companhia, e o remedio dos pobres, que soccorria com muitas esmolas.

Crescia com os annos, e com os empregos o exercicio das virtudes, sendo taõ publicas, que ellas eraõ os memoriaes do seu augmento, porque tantamente desinteressado nada procurava mais, que viver em santo temor de Deos, com zelo do seu serviço, e compaixão do proximo. Neste tempo vagou a Mitra de Viseu por morte de seu Bispo D. Fr. Antonio de Sousa, da Ordem de S. Domingos, dominando Portugal ElRey D. Filippe III. que o nomeou Bispo desta Igreja, e sendo confirmado pelo Papa Clemente VIII. entrou na sua Diocese a 23 de Julho do anno de 1599, que governou com grande proveito espirital, e temporal das suas ovelhas, que amava como bom Pastor, apascentando-as espiritalmente, para que se extirpassẽ os vicios, e se exercitassem em obras meritorias, e igualmente soccorrendo a todos os necessitados liberal, e generosamente, porque foy admiravel na compaixão do proximo, de sorte, que de toda a necessidade se compadecia igualmente para a remediar.

A creação, que tivera no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, o fez devoto de S. Theotonio, primeiro Prior daquella Real Casa, e lembrado de

Tom.X.

Cc ii

que

Catalogo dos Bispos de Viseu, na Collecção da Academia da Historia de 1714.

que o Santo fora Prior daquella Sé, antes que fosse restituida à Dignidade Episcopal pelo invicto, e Santo Rey D. Affonso I. por conselho do mesmo S. Theotonio, tratou de que a Cidade de Viseu tomasse ao Santo Prior por seu Padroeiro, no que o Magistrado da Cidade veyo facilmente; assim o virtuoso Prelado fez huma supplica ao Santo Padre Clemente VIII. que governava a Igreja, em nome de todo o Clero, e Povo de Viseu, que confirmasse a eleição, que a Cidade tinha feito em escolher por seu Padroeiro a S. Theotonio, o que o Papa lhe concedeo. Celebrou por este tempo a Congregação dos Conegos Regrantes o seu Capitulo no mez de Julho de 1602, a quem o Bispo D. João mandou huma Carta com huma petição em seu nome, do Cabido, e Camera da Cidade, pedindolhe huma Reliquia do Corpo do glorioso S. Theotonio, allegandolhe haver sido o Santo Prior daquella Sé, e ter assentado a Cidade de o tomar por Padroeiro. Satisfez o Capitulo à devoção, e supplica, concedendolhe duas canas do braço direito, e ao Illustrissimo Prelado hum dedo da mão direita; e agradecido mandou a Coimbra expressar a sua satisfação, e de toda a Cidade de haverem de possuir hum tão estimavel thesouro, como era as Reliquias de S. Theotonio, dando a commissão desta sua embaixada ao Conego Doutor al Antonio Madeira, Licenciado em Canones, e ao Conego Balthazar Estação, Licenciado em Theologia, que entraram

*Cronica dos Conegos
Regrantes, part. 2. liv.
9. ca. 5. 1.º de 153.*

entrando no Mosteiro de Santa Cruz , renderão as graças ao Prior Geral , e a toda a Canonical familia, pelo grande beneficio , que haviaõ feito à Cidade de Viseu , e ajustando o tempo, em que se haviaõ de conduzir as Santas Reliquias , voltaraõ para a sua Sé.

Determinado o dia , em que as Reliquias haviaõ de entrar na Cidade de Viseu , que foy o de 18 de Fevereiro, por ser o dia da festa de S. Theotonio , no referido mez do anno seguinte de 1603 voltaraõ os mesmos Conegos a Coimbra, e a 8 se abriu o sepulchro do Santo com grande solemnidade ; revestido o Prior Geral em Pontifical com doze Conegos do Mosteiro assistentes com Cappas ricas , e dous mais da Mitra , e Bago , acompanhado de todos os mais Conegos daquela Casa com vélas accefas , chegaraõ ao sepulchro , achando-se presentes àquella função o Bispo Conde Dom Affonso de Castellobranco , o Reytor da Universidade Affonso Furtado de Mendoça , e os tres Inquisidores Apostolicos do Tribunal do Santo Officio Ruy Pires da Veiga , Jeronymo Teixeira, e Diogo Vaz Pereira; e feitas as ceremonias , que manda o Ritual Romano, se abriu o sepulchro , e se achou o corpo resóluto , mas todo organizado , e ainda com carne myrrhada, e pelle , e taõ suave cheiro, que bem mostrava ser prodigioso, o que se sentia : reverenciado pelo Bispo Conde , e todos os que se achavaõ presentes , tiraraõ a cana do braço direito do hombro até
o co.

o cotovello , e outra desde o cotovello até à mão , que vinhaõ a fazer o braço inteiro ; entregaraõ estas Reliquias aos Conegos de Viseu , que meteraõ em hum cofre forrado de veludo com pregaria dourada , e fecharaõ com duas chaves , e para o Bispo de Viseu mandou dous articulos da mão direita do Santo : depois foraõ levadas as Reliquias em solemne Procissão a 11 de Fevereiro até fora da Cidade , e nesta fórma eraõ recebidas nas Villas , e Lugares , donde pouzaraõ , até que avisinhando-se a Viseu , quatro legoas de distancia , as esperavaõ quatro Conegos , que as foraõ acompanhando com todos os mais , que vinhaõ com tochas accensas . E passada a ponte , se encontraraõ com os Cidadãos , e Nobres , todos de gala , bem montados . O Bispo D. João de Bragança as foy esperar hum quarto de legoa antes de entrar na Cidade , acompanhado de alguns Conegos , Dignidades , e dos seus Capellaens , e criados , todos a cavallo , e tanto , que estiveraõ à vista das Santas Reliquias , se apearaõ , e com grande devoção chegaraõ às andas , em que hia o cofre com as Reliquias : o Bispo mandou correr as cortinas , e todos póstos de joelhos veneraraõ o cofre , em que hiaõ as Santas Reliquias , que o devoto Prelado com ternura , e muitas lagrimas de gosto celebrava o versê de posse daquelle inestimavel thesouro . He bem de admirar o modo , com que o Santo se mostrou logo agradecido com o Bispo ; havia trinta dias , que este Prelado estava de cama impedido

pedido de hum accidente de gotta , que lhe dera com grande força em ambos os pés , e supposto elle sofria as molestias com resignação , e paciencia , estava forçosamente detido na cama pela violencia daquelle mal : mas tanto , que teve noticia , de que se avizinhavaõ à Cidade as Reliquias , animado de huma viva Fé , e ardente devoção , mandou aos seus criados , que o puzessem na sua mulla ; porque queria ir tambem receber as Reliquias de hum taõ grande Santo , que havia sido Prior da sua Sé , e era já Padroeiro daquelle Cidade ; porque confiava em Deos , que pelos merecimentos daquelle seu fiel Servo havia de alcançar saúde. Caso maravilhoso ! porque tanto , que tomou as Reliquias do Santo nas suas mãos , aquelle , que até alli se não podia bolar , se teve em pé , sem pessoa alguma o sustentar , e levantando a voz disse : *Eu até agora não fiz outro tanto , achome suõ da gotta , sem dor alguma , a Deos graças , e a seu Santo ;* e o que he mais , que em toda a vida não lhe repetio aquelle mal , como testemunharaõ os seus criados , sem embargo de que padeceo diversas queixas não menos penosas , que elle tolerava com grande paciencia , e com tal resignação , que edificava aos que lhe assistiaõ. Forão as Reliquias recebidas com solemne Procissão , e com extraordinarias festas da Cidade , e a 18 do referido mez principiou o Oitavario , em que o Bispo fez Pontifical , e se collocaraõ as Reliquias no retabolo do Altar môr em hum Sacrario , que se tinha

nha mandado fazer , que se fechou com duas chaves , de que o Bispo tomou huma , e deu outra ao Cabido , onde se conservaõ.

Foy o Bispo D. Joaõ de Bragança muy exemplar , e governou o seu Bispado com grande inte'reza , e equidade , extirpando vicios , e abusos , e sendo de natural manso , e compassivo , era rigoroso Juiz , de sorte , que os mesmos , que o amavaõ , temiaõ a sua reatidaõ ; porque nenhuma cousa lhe poderia mudar o dictame da justiça , quando era preciso castigar , o que fazia como quem zelava a honra de Deos , em cujo amor era ardentissimo , e do proximo , soccorrendo os pobres com caridade , sendo amparo de muitos , compadecendo-se de toda a necessidade , e sendo humilde para com todos , zeloso da Religiaõ , como mostrou no Tribunal do Santo Officio , e na administração da sua Igreja , em que da sua prudencia , e amor deixou aos subditos , e criados saudosa memoria este virtuoso Prelado , a quem Deos havia provado com diversas enfermidades , que elle tolerou com admiravel paciencia , sem que a violencia dos males turbassem a paz interior daquelle coração , deixando na sua vida aos seus successores excellente idéa de hum bom Prelado. Faleceo de hum accidente de paralyfia , estando na Cidade de Evora , a 4 de Fevereiro de 1609 ; jaz no Capitulo do Mosteiro de S. Joaõ Euangelista da mesma Cidade , Padroado da sua Casa , onde tem este breve Epitafio :

Aqui

da Casa Real Portug. Liv. IX. 215

*Aqui jaz D. João de Bragança, filho
de D. Francisco de Mello, II. Mar-
quez de Ferreira, indigno Bispo de Vi-
seu. Faleceo a 4 de Fevereiro, 1609.*

CAPITULO IX.

*De Dom Nuno Alvares Pereira de Mello,
III. Conde de Tentugal.*

15 **A** Memoria do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira deu o nome a este Senhor, porque com a nova alliança na Sere-nissima Casa de Bragança quizeraõ seus Excellen-tissimos pays renovar na Casa de Ferreira em Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, o nome daquelle esclarecido Heroe o Condestavel seu quinto avô. Nasceo segundo genito D. Nuno, e a pouca dura-ção da vida de seu irmão D. Rodrigo o fez Senhor da Casa de seus mayores.

Com o nome de D. Nuno se seguirãõ aquellas obrigações proprias de espiritos elevados, porque elle mesmo se destinou com beneplacito de seu pay a abraçar a vida Militar, pertendendo conseguir pe-lo seu braço, o que lhe faltara por haver nascido mais tarde. No anno de 1572, em que o Senhor D. Duarte, seu primo com irmão, filho do Infante Tom. X. Dd Dom

Dom Duarte, foy nomeado Generalissimo daquella grande Armada, que ElRey D. Sebastião apreftou a favor dos Catholicos de França, que eftando já de verga dalto para fazer viagem no porto de Lisboa, se perdeu a mayor parte, desfmantelando-se toda com huma terrivel tormenta. Para embarcar nella se tinha preparado D. Nuno para acompanhar ao Senhor D. Duarte, e se achar naquella empreza, e como estava no tempo mais florecente da sua idade, sentio desvanecerse aquella occasião de poder merecer, quanto estimou, a que ElRey D. Sebastião lhe dava em o acompanhar, quando no anno de 1574 passou a primeira vez à Africa; aqui mostrou hum espirito tão guerreiro, e com tanto genio à vida militar, que ElRey se agradou muito de ver nos seus poucos annos tão agradável desembaraço; porque D. Nuno já com differente idéa desejava merecer por si mesmo mais, que pelo alto nascimento. Desvanecida aquella jornada, entrou ElRey no pensamento de fazer segunda com differente poder, porém o destino, que o arrastava, foy causa da sua perdição, e do Reyno, naquella infelice batalha de 4 de Agosto de 1578, em que D. Nuno se achou, e depois de ter obrado acções proprias da sua grande pessoa, foy cativo, e resgatado à custa da sua propria Casa por grandissima somma de dinheiro: aqui acabou seu irmão Dom Rodrigo de Mello, como dissemos, e ficou tambem cativo seu irmão D. Constantino, e voltando ao Reyno, consou

*Mendoça, Jornada de
Africa, liv. 1. cap. 6,
p. 40, e 151.*

folou com a sua presença a perda, que seu pay, taõ cheyo de annos, como de merecimentos, lamentava na morte de D. Rodrigo.

Succedeo na Coroa o Infante Cardeal D. Henrique em idade decrepita, taõ opprimido de achaques, que com poucos annos encheyo o seu reynado. Era pertençaõra à Coroa a Senhora D. Catharina com direito taõ indubitavel, que ElRey estava resolutõ a declaralla successora, o que embarçou com os seus negociados ElRey Dom Philippe pelos seus Ministros, como já deixámos, ainda que brevemente referido. Determinou a Senhora Dona Catharina de sahir de Villa-Viçosa à Corte para fallar a ElRey seu tio, e se servio de escolher para a acompanhar a D. Nuno, em quem concorria o ser seu primo com irmaõ, e fiel parcial da Casa de Bragança; assim lhe assistio todo o tempo, que gastou nesta jornada, até que se recolheo a Villa-Viçosa.

Entrou a dominar Portugal ElRey D. Philippe II. de Castella, e querendo o Conde de Tentugal dar estado a seu filho, ElRey fez a este merce daquelle titulo por Carta passada a 20 de Junho de 1586, e a seu pay do de Marquez de Ferreira por huma Carta passada no mesmo dia, e anno; ajustouse o seu casamento com D. Marianna de Castro, irmã de D. Lopo de Moscoso Osorio, V. Conde de Altamira, que em seu nome fez o Tratado Matrimonial, em que se dotou com quarenta e dous mil cruzados, o Conde de Tentugal lhe deu dez

Chancel. do dño Rey,
liv. 12. pag. 53. veri.

Tom.X.

Dd ii

de

de arrhas ; e supposto não vimos este Contrato pela razão da perda do Archivo da Casa de Cadaval, como já dissemos, não tem duvida, porque consta da faculdade Regia, dada por hum Alvará passado a 7 de Outubro de 1588 para poder obrigar ao dote, e arrhas os Morgados de Santarem, Arega, e da Cidade de Evora, e casas de Lisboa, e na sua falta os bens da Coroa.

No anno de 1596, em que no Reyno se temia huma invasão da Armada Ingleza a favor da pertença do Prior do Crato, se achava em Tentugal o Conde Dom Nuno já preparado como convinha à sua pessoa, donde preparando-se, passou a Lisboa a achar-se na defensão della, e desvanecida a referida empreza dos Inglezes, se recolheu à Cidade de Evora, onde não durou muito, porque faleceu a 28 de Fevereiro de 1597. Havia feito na sua Villa de Tentugal huma cedula de Testamento muy breve, escripta de propria mão, em que nomeava a Condesa sua esposa por Testamenteira, com o governo, e tutoria de seus filhos, e em demonstração da reciproca correspondencia, em que viverão, lhe deixou a sua terça, a qual no caso, que ella primeiro, que elle fallecesse, com huma substituição, a deixa a sua filha D. Eugenia, e mais à Condesa a herdade de Santa Maria em Alentejo, e huma tença, que tinha com faculdade de nomear na Alfandega de Lisboa. Dispoz com muita piedade, e attenção aos seus, e à sua familia : ordena, que o enterrem com o habito de S.

S. Francisco, e sobre elle o da Ordem de Christo, na Capella môr de S. João Evangelista de Evora, e que por baixo della se faça hum jazigo, em que se ponhaõ todos os Senhores, que nella estaõ, e lhe deixou huma alampada de prata, outra a Nossa Senhora de Guadalupe, aonde iraõ tres pessoas emromaria, e na mesma fôrma a Santiago; manda casar huma orfãa de cada huma das suas Villas, e resgatar do cativoiro dos Mouros treze meninos, cinco mulheres, e tres homens, e outros legados pios, em que se vê qual era o seu animo; lembra à Condesa sua esposa, que suas filhas sejaõ Religiosas, excepto D. Eugenia, que muito lhe recomenda. Jaz no enterro da sua Casa em S. João Evangelista, onde deixou tres Missas quotidianas, huma pelos Marquezes Dom Francisco, e D. Eugenia seus pays, e pela sua, e de seu irmão D. Rodrigo, e D. Catharina de Eça, e tem o seguinte Epitafio:

Sepultura de Dom Nuno Alvares Pereira, terceiro Conde de Tentugal, filho segundo do Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, e da Condesa de Tentugal D. Eugenia sua mulber, filha do Duque de Bragança Dom Gomes; faleceo o derradeiro de Fevereiro de 1597, e da Condesa D. Marianna
de

de Castro, mulher do dito Conde D. Nuno Alvares, filha do Conde de Altamira D. Rodrigo Osorio de Moscoso, e da Condessa D. Isabel de Castro. Triverão a D. Eugenia de Castro, que faleceo de idade de dezaseis annos, D. Isabel de Castro de idade de oito annos, D. João de Mello de idade de dous annos e meyo, e D. Anna de Toledo de idade de anno e meyo; faleceo a Condessa a 20 de Janeiro de 1626 annos.

Casou pelos annos de 1586 com D. Marianna de Castro, que sobrevivendo muitos annos ao Conde seu esposo, faleceo a 20 de Janeiro de 1626, e jaz juntamente com elle, havia sido Dama das Infantas de Hespanha D. Isabel Clara, e D. Catharina de Austria, filhas delRey D. Philippe II. era filha de Dom Rodrigo de Moscoso Osório, IV. Conde de Altamira, e da Condessa D. Isabel de Castro, como dissemos no Capitulo VII. do Livro VIII. pag. 125 do Tomo IX. e desta esclarecida uniaõ nascerão os filhos seguintes:

16 D. EUGENIA DE CASTRO, que foy a primeira, e nasceo no anno de 1587, e faleceo, sem chegar a ter estado, de idade de dezaseis annos, está sepultada no enterro da Casa, junto com seus pays. D.

16 D. FRANCISCO DE MELLO, II. do nome, III. Marquez de Ferreira, como se dirá no Capitulo XI.

16 D. RODRIGO DE MELLO, que nasceu a 4 de Setembro de 1589 em Villa Ruyva, e foy bautizado na Matriz daquella Villa por seu tio D. João de Bragança, então Dom Prior de Guimaraens, depois Bispo de Viseu. Seguiu a vida Ecclesiastica, foy Conego na Sé de Evora, e teve outros Benefícios. ElRey D. João IV. o nomeou Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, de que tirou Carta passada a 6 de Fevereiro de 1649, succedendo neste lugar a D. Carlos de Noronha, como refere a mesma Carta dizendo: *Que hora está vago por fallecimento de Dom Carlos de Noronha, e o muito, que convem se proveja em pessoas de taes partes, letras, e qualidade, que possa cumprir com as obrigações della, e vendo, que todas concorrem em D. Rodrigo de Mello, meu muito amado sobrinho, &c.* O Tribunal da Mesa da Consciencia, que logra muitas, e especiaes prerogativas desde a sua nobilissima erecção, no seu tempo hia à presença delRey ao despacho, que era no Sabbado de cada semana, e os Ministros tinhão a honra de com o seu Presidente se sentarem na Real presença em bancos razos sem espaldas. O mesmo Rey o fez seu Sumilher da Cortina, e Governador do Arcebispado de Evora, de que foy eleito Arcebispo, que não chegou a lograr por morrer a 26 de Novembro de 1652 na Cidade de Lisboa.

Torre do Tomb. Chancellaria do dito Rey, liv. 21. pag. 90. verfi.

Lisboa. Foy dotado de excellentes partes, com letras, e talento, e muy grave Ecclesiastico. Jaz em Evora no enterro dos Senhores da sua Casa, onde se vê este Epitafio:

Aqui jaz D. Rodrigo de Mello, Sacerdote, filbo de Dom Nuno Alvares Pereira, e de D. Marianna de Castro, Condes de Tentugal, neto, e irmão dos Marquezes de Ferreira D. Francisco, ambos do nome. Faleceo em Lisboa a 26 de Novembro de 1652.

16 D. ISABEL DE CASTRO, que nasceo no anno de 1593, e faleceo tendo comprido oito annos.

16 D. LEONOR DE MELLO, Marqueza de Castello-Rodrigo, como se dirá adiante no Capitulo X.

16 D. JOANNA DE CASTRO, nasceo no anno de 1595, e casou com Dom Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea, VI. Conde de Portalegre, como se disse no Capitulo III. deste Livro.

16 DOM JOÃO DE MELLO, que faleceo de dous annos.

16 D. ANNA DE TOLEDO, que tambem faleceo de tenra idade, naõ tendo mais, que anno e meyo.

D. Ma:

D. Mariana de Castro, mull. de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, III. Conde de Terrugal.

Dom Rodrigo Moscoso Olorio, V. Conde de Altimira.

Dom Lopo de Moscoso Olorio, IV. Conde de Altimira.

Dom Rodrigo de Moscoso Olorio, III. Conde de Altimira, + 1511.

A Condesa Dona Theresia de Andrade.

Dom Pedro Alvares Olorio, II. Conde de Altimira, &c.
A Condesa D. Urraca de Moscoso, H. da Casa de Altimira.

Diogo de Andrade, I. Senhor de Vilhalva, e Ponte de Hume.
D. Maria de Haro, Senhora de las Marinhãs.

D. Pedro de Toledo, II. Marquez de Villa-Franca, Commendador de Mont-Real, e XIII. de Santiago, Vice-Rey de Napoles, + a 22 de Fevereiro de 1553.

D. Maria Olorio, Pimentel, II. Marqueza de Villa-Franca.

D. Pradique Alvares de Toledo, II. Duque de Alva, &c. + em 18 de Outubro de 1531.
A Duquesa D. Isabel de Zuniga, Pimentel.

D. Luiz Pimentel, I. Marquez de Villa-Franca, + a 27 de Novemb. de 1497.
A Marqueza D. Joanna Olorio.

D. Fernando, II. do nome, Duque de Bragança, e de Guimaraens, + a 21 de Junho de 1483.
A Senhora D. Isabel.

O Senhor D. Diniz, + a 9 de Mayo de 1516.

Dom Fernando Rodrigues de Castro, IV. Conde de Lemos, + 1576.

D. Brites de Castro, Condesa de Lemos.

D. Rodrigo de Castro Olorio, II. Conde de Lemos.

D. Theresia Olorio.

A Condesa D. Isabel de Castro.

A Condesa D. Theresia de Andrade.

Dom Fernando de Andrade, Conde de Vilhalva, e Andrade, segundo marido.

A Cond. D. Francisca de Zuniga Biedma e Ulhoa, III. Condesa de Monte-Rey.

Diogo de Andrade, Senhor de Andrade, e de Ponte de Hume.
D. Maria de Haro, Senhora de las Marinhãs.

D. Sancho Sanchez de Ulhoa, I. Conde de Monte-Rey, + em 1503.
D. Theresia de Zuniga e Biedma, H. + em 1484.

D. Pedro Alvares Olorio, Conde de Traillamara, + a 11 de Jun. 1461.
A Condesa D. Isabel de Roxas, filha de D. Marim Sanchez, Senhor de Monçon, e Cavia, &c.
D. Rodrigo de Moscoso, I. Conde de Altimira.
D. Theresia de Andrade, fide Diogo de Andr. Senh. de Ponte de Hume.
Fernão Peres de Andrade, IV. Sen. de Ponte de Hume, Terrol, &c.
D. Maria de Moscoso de Lima, filha de Ruy Sanchez de Moscoso, Senhor de Altimira.
Gomes Peres, III. Senhor de las Marinhãs, S. nifico, &c.
D. Theresia de Haro, fil. de D. Diogo Lopes de Haro, Senh. de Bulto.
D. Garcia de Toledo, I. Duque de Alva, + a 20 de Junho de 1488.
A Duq. D. Maria Henriques, irmã de D. Joanna, Rainha de Aragão.
D. Alvaro de Zuniga, Duq. de Arevalo, Plac. e Pejar, feito em 1469.
A Duquesa D. Leonor Pimentel, filha de D. Rodrigo Alfonso Pimentel, II. Conde de Benavente.
D. Rodrigo Alfonso Pimentel, IV. Conde de Benavente, vivia 1491.
A Cond. D. Maria Pacheco, filh. de D. João Pacheco, I. Marq. de Vilhena.
D. Pedro Alvares Olorio, I. Conde de Lemos.
A Condesa D. Maria Bazan, 2.ª mull. de D. Pedro Gonçalves de Bazan, Visconde de Valduerna.
D. Fernando I. Duque de Bragança, + a 21 de Março de 1478.
A Duq. D. Joanna de Castro, fil. de D. João de Castro, Sen. do Cadaval.
D. Fernando, Infante de Port. Duq. de Viseu, + a 18 de Setemb. 1470.
A Infanta D. Brites, filha do Infante D. João, + a 30 de Set. de 1506.
D. Alfonso de Castro Olorio, herdeiro da Casa de Lemos, + a 19 de Agosto de 1467.
D. Maria de Valcarcel.
D. Pedro Alvares Olorio, II. Marquez de Astorga.
A Marqueza D. Brites de Quinhones, filha de Diogo Fernandes de Quinhones, I. Conde de Luna.
Fernando Peres de Andrade, IV. Senhor de Ponte de Hume, Terrol, Vilhalva, &c.
D. Maria de Moscoso de Lima.
Gomes Peres, Senhor de las Marinhãs, S. nifico, &c.
D. Theresia de Haro.
Lopo Sanchez de Ulhoa, Senhor de Ulhoa, e Monterrolo.
D. Ignes de Castro, filha de D. Alfonso de Castro.
D. João de Zuniga, Visconde de Monte-Rey, + em 1474.
A Viscondessa D. Maria Bazan.

CAPITULO X.

De D. Leonor de Mello, Marqueza de Castello-Rodrigo, e sua descendencia.

16 **D**ifemos no Capitulo antecedente, que fora a terceira filha da uniaõ dos Condes de Tentugal D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e D. Marianna de Castro, D. Leonor de Mello, que nasceo no anno de 1594. Foy Dama da Infanta D. Anna de Austria, depois Rainha de França, mulher delRey Luiz XIII. a quem chamaraõ o *Justo*. Casou com D. Manoel de Moura Corte-Real, II. Marquez de Castello-Rodrigo, Grande de Hespanha, honras, que se lhe deraõ naquelle titulo, I. Conde de Lumiares, Senhor da Capitania da Ilha Terceira da parte de Angra, e das Ilhas de S. Jorge, Fayal, e Pico, Commendador mór da Ordem de Alcantara em Castella, e depois da de Christó em Portugal, Embaixador em Roma, e Alemanha, e Plenipotenciario da Paz de Munster, que se concluiu em 1648, Governador dos Estados de Flandres, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, seu Mordomo mór, e do seu Conselho de Estado, filho de D. Christovaõ de Moura, ramo da familia de seu appellido dos Senhores de Azambuja, taõ antigo, que já no anno de 1165 conquistou.

Tom.X.

Eu

raõ

Hist. da Casa de La-
ra, tom. 1. liv. 2. cap.
11. pag. 88.

raõ a Villa de Moura os dous irmãos Dom Alvaro Rodrigues, e D. Pedro Rodrigues, (ou Rodrigo Pires, como lhe chama Salazar) de quem se deduz esta familia, que o erudito Salazar entende, com não leves fundamentos, proceder a familia de Moura de Pedro Nunes de Gusmaõ, Senhor de Gusmaõ, Mordomo môr delRey D. Alonfo VIII. de Castella, que morreo na batalha de Alarcos no anno de 1195, e de sua primeira mulher D. Mafalda, Senhores da Casa de Gusmaõ, progenitores dos Duques de Medina Sidonia, e de outras muitas de grande esplendor, o qual era irmão inteiro de D. Fernando Ruiz de Gusmaõ, Rico-homem, que com seus irmãos confirmou no anno de 1169, a quem alguns, segundo Salazar, com equivocação da letreal chamam Felix, e de sua mulher D. Joanna de Aza, filha de D. Garcia Garces, Senhor de Aza, Rico-homem, Alferes môr de Castella, e de sua mulher D. Sancha, filha de D. Garcia Garces, Senhor de Naxera, e Calahorra, &c. de quem nasce o Patriarca S. Domingos de Gusmaõ, esclarecido por sangue, como pela sempre esclarecida Ordem dos Prégadores, de que foy Fundador; porque o brilhante do luzidissimo nascimento deste grande Patriarca não o pode assombrar a duvida, em que o poz o Padre Guilherme Cupero com tão pouca razão, quando tratou deste Santo, e sem embargo da sua grande erudição, he certo, que não teve pieno conhecimento da Historia, e da Genealogia de

Acta Sanctorum, tom.
1. Augusti, S. 15. pag.
384, imp. em 1733.

de Hespanha; porque se vira, e examinara tantos Varoens doutos, e eruditos, que a escreveraõ, o que he provado com Documentos, e tradiçaõ constante de tantos seculos na Excellentissima Casa de Medina Sidonia, e outras, que tem a dita de serem do sangue deste gloriosissimo Santo, naõ entrara nesta duvida. E porque a Real Casa Portugueza Rey-nante, que Deos prospere, tambem he interessada neste roubo, que o Padre Cupero pertende fazer à familia de Gusmaõ, naõ podemos deixar de nos escandalizar quando lemos em hum homem taõ erudito, como o Padre Cupero, huma cousa lançada com affectaçaõ, mais por ostentar, ou para melhor dizer por satisfazerse de algumas queixas dos Padres Dominicicos, no que naõ pôde ter culpa o nascimento illustrissimo de seu grande Patriarca, o que nos naõ detemos em provar, porque naõ he do nosso assumpto, e já tem tratado este ponto, respondendo ao Padre Cupero erudita, e egregiamente o Padre Fr. Antonio Bremond, Religioso da Ordem dos Prê-gadores, no seu excellente Tratado, que imprimio em Roma no anno de 1740: *De Guzmanæ Stirpe S. Dominici*, em que se vê claramente a equivocacaõ, que padeceo na sua duvida o Padre Cupero, tirada com Documentos, e Autores de grande authoridade, o que sômente corroborarey com huma asserçaõ Real, escrita pela Rainha D. Luiza, que naõ duvidara o Reverendo P. Cupero, ser esta Princeza da Familia de Gusmaõ, e que como tal tinha a S. D-

P. Bremond, *De Guzmanæ Stirpe S. Dominici*.

Tom.X.

Ee ii

min-

mingos por parente, a qual se verá nas Provas do Livro VIII. num. 26, donde a lançamos por inteiro, e aqui agora poremos só a clausula, que pertence, e diz a Rainha assim: *Si de S. Theresa salgo, y a Santo Domingo me acojo, como Parienta dessemparada, que es a quien tengo mucho afetto, &c.* Desta clausula faz menção o Reverendo Padre Bremond a pag. 202 daquella estimadissima Apologia, e admiravel demonstração do nascimento de S. Domingos na familia de Gusmao; e já o Padre Tournon da mesma Ordem havia acodido a esta duvida na Vida do mesmo Patriarca, que imprimio na lingua Franceza em Pariz no anno de 1739, na Dissertação, que traz no fim, onde allega a Machavello no livro, que imprimio em Bolonha, feito por ordem do Magistrado daquella Cidade. Esta pequena transgressão, a que nos deu motivo o ser a familia de Moura na origem a mesma, que a de Gusmao, desculpará o Leitor como nascida do amor da verdade, e tornando ao fio, do que diziamos. No anno de 1552 passou D. Christovão de Moura a Castella na companhia do Embaixador Lourenço Pires de Tavora seu tio, para vir servindo de Menino à Princeza D. Joanna, mñy delRey D. Sebastião, a quem sendo viuva acompanhou para Castella, e foy seu Escribeiro mór, e Valido, e o deixou por seu Testamenteiro. Depois entrando na privança delRey Dom Philippe II. foy seu Valido, delle fiou os mayores negocios; à sua negociação deveo

P. Tournon, *L' Vie de Saint Dominique,*

deveo a Coroa de Portugal, em que D. Christovão mais attento aos seus interesses, que ao amor da patria, se esqueceo, de que seria mayor o seu nome, pela não sacrificar, do que podia fer a exaltação da sua Casa. Foy Conde de Castello-Rodrigo, depois I. Marquez, do Conselho de Estado, Vedor da Fazenda neste Reyno, e do Conselho de Estado, e Guerra em Castella, Commendador mór de Alcantara, Commendador de Fuentes Moral, e de Portulano na Ordem de Calatrava, Sumilher de Corps do Principe D. Philippe, Vice-Rey de Portugal, Senhor de Castello-Rodrigo, de Lumiares, Lamegal, e dos Conselhos de Cabeceira de Basto, e da Honra de Ferreiro. Morreo a 26 de Dezembro de 1613. Casou com Dona Margarida Corte-Real, Senhora das Capitánias da Ilha Terceira da parte de Angra para o Sul, e das Ilhas do Fayal, Pico, e S. Jorge, filha herdeira de Vasque Annes Corre-Real, Donatario destas Ilhas. Deste matrimonio nasceraõ além do Marquez Dom Manoel, e D. Brites de Tavora, que casou com D. Fernando Henriques de Ribera, III. Duque de Alcalá, e V. Marquez de Tarifa, VIII. Conde de los Lomares, Adiantado Mayor de Andaluzia, Grande de Hespanha, de quem não ha successão, D. Margarida Coutinho, que casou com Dom Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea, VI. Conde de Portalegre, sem successão, e D. Maria de Mendoça, que casou com D. Affonso de Portugal, I. Marquez.

quez de Aguiar, V. Conde de Vimiofo, e a sua successão veremos adiante no Livro IX. Teve o Marquez Dom Manoel de sua mulher os filhos seguintes:

17 D. CHRISTOVAÕ DE MOURA, que nasceu II. Conde de Lumiares, e morreu menino.

17 D. CHRISTOVAÕ DE MOURA, foy também III. Conde de Lumiares, e morreu moço sem tomar estado.

* 17 D. FRANCISCO, III. Marquez de Castello-Rodrigo, de quem adiante se trata.

17 D. MARGARIDA FRANCISCA DE MELLO, casou com D. Miguel de Menezes, II. Duque de Caminha, sem successão.

17 D. MARIANNA DE CASTRO, casou com dispensação da Sé Apostolica com seu cunhado o mesmo Duque, e foy sua segunda mulher, e não teve também successão.

17 D. MARIA DE MOURA CORTE-REAL, que foy a terceira filha por morte de suas irmãs, a contratarão para casar também com o dito Duque seu cunhado, viuvo de suas duas irmãs, e estando dispensada pela Sé Apostolica, morreu antes de ter effeito o casamento.

* 17 DOM FRANCISCO DE MOURA CORTE-REAL, que foy o filho terceiro na Ordem do nascimento, succedeo nesta Casa, e foy III. Marquez de Castello-Rodrigo, IV. Conde de Lumiares, Grande de Hespanha, Gentil-homem da Camera delRey

delRey Catholico , do seu Conselho de Estado, Embaixador Extraordinario à Alemanha, Vice-Rey de Sardenha, Governador dos Estados de Flandres, Estribeiro mór da Rainha D. Maria Anna de Austria. Morreo a 26 de Novembro de 1675. Foy tambem Duque de Nocera no Reyno de Napoles por morrer sem filhos o ultimo Duque da familia Carrafa, Grande de Hespanha. Casou com D. Anna Maria de Moncada e Aragoão, filha de D. Antonio de Aragoão e Moncada, VI. Duque de Montalto, e de Bivona, Principe de Paterno, Grande de Hespanha, e da Duqueza D. Joanna de Lacerda, filha dos VI. Duques de Medina Celi, de quem teve as duas filhas, que se seguem :

18 D. LEONOR DE MOURA CORTE-REAL, succedeo nesta Casa, foy IV. Marquez de Castello-Rodrigo, e V. Condesa de Lumiares, Duqueza de Nocera, &c. Casou duas vezes, a primeira com D. Anielo de Gusmaão Carrafa, e por este casamento se ccbrio Grande de Hespanha; era filho de D. Ramiro Nunes Filippes de Gusmaão, Duque de Medina delas Torres, Marquez de Toral, e San Lucar la Mayor, Grande de Hespanha, &c. Sumilher de Corps delRey Filippe IV. e de D. Anna Carrafa Gonzaga Colona de Aragoão, Princeza de Stilhano, e do Sacro Romano Imperio, Duqueza Soberana de Sabioneta, &c. filha de Dom Antonio Carrafa, Duque de Mondragon, e morreo sendo Vice-Rey de Sicilia a 16 de Abril do anno de 1677 sem

*Tr. Hoff, General. virginis
et Filistrum in Italia.
Schemata, Familia Ho-
modi, pag. 58.*

sem deixar successão. E passando esta Senhora a segundas vodas a 16 de Dezembro do anno de 1678 casou com D. Carlos Homodei Lasso de la Vega, Marquez de Castello-Rodrigo, Grande de Hespanha, Duque de Nocera, General dos homens de Armas no Estado de Milão, Vice-Rey de Valença, nomeado Embaixador à Alemanha, Gentilhomem da Camera del Rey Carlos II. Embaixador Extraordinario a Saboya del Rey D. Philippe V. a ajullar o seu casamento com a Rainha Dona Maria Luiza de Saboya, e seu Conductor a Hespanha, o que fez à sua propria custa, e foy seu Estribeiro môr. Morreo de idade de setenta e dous annos em Janeiro de 1725, e não tiverão successão.

* 18 D. JOANNA DE MOURA CORTE-REAL, que foy a filha segunda, que por morte de sua irmã foy V. Marqueza de Castello-Rodrigo, e Senhora da mais Casa, que ella possuio. Casou em Flandres, quando seu pay governava aquelles Estados, com D. Gilberto Pio de Saboya, Principe de S. Gregorio, grande Soldado, e sendo Mariscal de Campo nos Exercitos do Emperador, morreo de huma bala de artilharia no sitio de Filisburg em 29 de Julho de 1676; era das principaes familias de Ferrara, irmão do Cardeal Carlos Pio de Saboya, e filhos de Ascanio Pio de Saboya, e de Porcia Matthei, Senhora Romana, irmã de Jeronymo Matthei, Duque de Giove, e netos de Eneas Pio de Saboya, e de Barbara Turca, ambos da primeira nobreza

breza de Ferrara, e taõ poderosos naquella Cidade, que o Papa Clemente VIII. quando a unio ao Estado da Igreja para os obrigar, creou Cardeal a Carlos Manoel Pio de Saboya, naõ tendo de idade mais que dezanove annos, e depois veyo a ser Decano do Sacro Collegio, e tio do Principe Dom Gilberto, por cuja morte casou a Marqueza D. Joanna de Moura segunda vez na Corte de Vienna, aonde havia ido a requerimentos da sua Casa, com Dominico Contarini, Embaixador da Republica de Veneza naquella Corte, filho de Julio Contarini, Procurador de S. Marcos, e de Marcita Jusliniana sua mulher, e neto de Dominico Contarini, que foy Doge de Veneza, e deste segundo matrimonio naõ sabemos, que tivesse successaõ, do primeiro teve os filhos, e filhas seguintes:

* 19 D. FRANCISCO PIO, Principe de S. Gregorio.

19 D. LUIZ PIO DE SABOYA, que se creou em Roma em casa de seu tio o Cardeal Pio, servio ao Emperador Carlos VI. e foy seu Ajudante General, e Coronel de hum Regimento, esteve algum tempo retirado, mas naõ em desgraça do Emperador, que lhe dava grossas penções nos Estados de seu irmaõ em Italia; ultimamente foy mandado por Embaixador à Republica, onde actualmente reside.

19 D. MARGARIDA PIO DE SABOYA, segunda mulher de D. Fernando de Moncada Caetano
Tom.X. Ff Bran-

Branchiforte, V. Duque de S. Joaõ, Conde de Camarata, seu primo segundo, de quem por sentença de divorcio se apartou, e depois casou com hum nobre Veneziano, Procurador de S. Marcos Zeno, sem successão.

19 D. ANNA PIO DE SABOYA, casou com D. Luiz de Moncada Branchiforte, Duque de S. Joaõ, Conde de Camarata, (hoje Principe de Paterno) primogenito do Duque de S. Joaõ acima, e de sua primeira mulher D. Caetana Branchiforte, V. Duquesa de S. Joaõ, Condessa de Camarata, como escrevemos no Livro II. Capitulo V. pag. 401 do I. Tomo, e foy VI. Duque de S. Joaõ, Conde de Camarata, hoje Principe de Paterno, mas deste matrimonio não teve successão, e o Duque passou a segundas vodas com D. Joanna Ventimilla, e Pignateli, como se diz nas Addicções, pag. 33 no Tomo VIII.

* 19 D. FRANCISCO PIO DE SABOYA MOURA CORTE-REAL E MONCADA, Principe de S. Gregorio, Duque de Nocera, VI. Marquez de Castello-Rodrigo, VII. Conde de Lumiares, Grande de Hespanha, Barão Romano, Nobre Veneziano, Capitão General perpetuo da Ilha Terceira, Jesu Christo, S. Jorge, e Fayal, Cavalleiro da Ordem do Tufão de Ouro, Governador, e Capitão General dos Exercitos delRey Catholico, e Principado de Catalunha, Estribeiro môr da Princeza das Asturias, depois Rainha de Hespanha D. Luiza Filip-
pa

pa de Orleans. Morreo desgraçadamente a 15 de Setembro do anno de 1723 affogado de huma inundação tão precipitada, que entrando pelas janellas de huma casa de Campo, em que estava conversando com outros Senhores, de que alguns acabaraõ naquelle lastimoso successo, e entre os quaes foy sua cunhada a Duqueza de la Mirandula.

Casou com D. Joanna Spinola de Lacerda, filha de D. Filippe Antonio Spilona Colona, IV. Marquez de los Balvases, Duque de Sesto, e S. Severino, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, Vice-Rey de Sicilia, &c. e da Marqueza Dona Isábel Maria de Lacerda, filha de D. Joaõ Francisco de Lacerda, VIII. Duque de Medina Celi, e deste matrimonio nasceraõ

20 D. GILBERTO JOACHIM PIO DE SABOYA CORTE-REAL E MONCADA, Principe de S. Gregorio, Duque de Nocera, VII. Marquez de Castello-Rodrigo, Grande de Hespanha, VIII. Conde de Lumiares. Casou com D. Theresá de Lacerda, filha dos XII. Condes de Paredes, e até o presente sem successão.

20 D. LEONOR PIO DE SABOYA, que he Dama da Rainha D. Isábel Farnese. Casou com D. Domingos Aquaviva de Aragaõ, XVII. Duque de Atri, Grande de Hespanha, Principe de Teramo, Marquez de Aquaviva, e Arena, Conde de Groja, e Giulia, &c. Capitão das Guardas do Cor-
Tom.X. Ffii po

po Italianas del Rey D. Philippe V. &c. não tem successão até o presente.

20 D. ISABEL MARIA PIO DE SABOYA E SPINOLA, casou com D. Manoel de Velasco, XII. Conde de Fuenfalida, como se disse a p. 410 do Tom. IX.

20 D. LUCRECIA PIO DE SABOYA E SPINOLA, que casou no anno de 1741 com D. Francisco Arias Davila, Marquez da Casa Sola, como disse-mos no Livro VIII. Cap. IV. §. II. da Parte III. pag. 369 do Tomo IX.

CAPITULO XI.

De Dom Francisco de Mello, III. Marquez de Ferreira, IV. Conde de Tentugal.

Ritterhusio, ad Tab.
64.

Sime Marto, Hist.
Général, de la Maison
de France, tom. 2. pag.
724.

In-hoff, Stemma Re-
gum Lusitanorum ad
Tab. V. p. 226.

16 **E**Ntre os preclarissimos possuidores da grande Casa de Ferreira merece o Marquez D. Francisco de Mello huma especial memoria, porque não só a conservou no esplendor, com que a herdara de seus Excellentissimos progenitores, mas porque no seu tempo se elevou à mayor estimação de grandeza, e respeito das gentes. Sobio ao throno de Portugal o grande Rey D. João IV. e segundo do nome entre os Serenissimos Duques de Bragança, e de taõ excelso tronco trazia a de Ferreira não só a origem, mas com a nova alliança se achava em conhecido grao de consanguinidade com El-

ElRey por neto da Senhora D. Eugenia , irmã do Duque D. Theodosio , I. do nome , que havia sido pay do Duque D. Joaõ , tambem I. do nome , de quem foy filho o Duque D. Theodosio , II. do nome , primo segundo do Marquez D. Francisco : a esta incomparavel honra de hum Vassallo ser participante do mesmo Real sangue do seu Soberano , se accrescentava outra prerogativa tambem de grande esplendor , que era ser sua esposa a Marqucza de Ferreira D. Joanna Pimentel , prima segunda da Rainha D. Luiza , circumstancias , que com as pessoas fizeraõ esta Casa benemerita da attençaõ dos Reys , por lhe ser a mais propinqua de todo o Reyno.

Nasceo o Marquez D. Francisco de Mello na Villa de Villalva na Provincia de Alentejo a 5 de Agosto do anno de 1588 , e foy bautizado no dia 15 do referido mez , dedicado ao soberano mysterio da Assumpçaõ da Virgem Santissima , por D. Joaõ de Bragança seu tio , entaõ Dom Prior da insigne Collegiada de Santa Maria de Guimaraens , depois dignissimo Bispo de Viseu. He esta Villa hum das que saõ do Estado da Casa de Ferreira , em que seus Excellentissimos pays assistiaõ por algum tempo , no qual seu avô o Marquez D. Francisco , I. do nome , ainda vivia.

Contava pouco mais de oito annos , quando no anno de 1597 faleceo o Conde Dom Nuno Alvares Pereira seu pay , e se creou debaixo da direcçaõ da Condesa Dona Marianna de Castro sua
mãe ,

mã, a quem a prudencia, gravidade, e outras virtudes fizeraõ tão estimavel, como o seu esclarecido nascimento. Succedeo em toda a Casa, e foy entaõ IV. Conde de Tentugal, teve a administração da Commenda de Grandola na Ordem de Santiago sendo Cavalleiro da Ordem Militar de Christo, Senhor das Villas de Ferreira de Aves, Tentugal, Cadaval, Peral, Villa-Nova de Anços, Rabçal, Alvayazere, Arega, Buarcos, Anobra, Carapito, Villalva, Villa Ruyva, Albergaria, Agua de Peixes, e outras terras, e Morgados, de que a Condeffa sua mã era Governadora, o que fez com admiravel equidade, tratando a seus filhos com o respeito devido ao seu altissimo nascimento. E como o principal cuidado era dar ao Conde esposa digna da sua grande pessoa, tratou o seu casamento com D. Maria de Moscoso sua sobrinha, filha de seu irmão o Conde de Altamira D. Lopo de Moscoso, o qual se tratou por ordem delRey, como se vê das grandes merces, que entaõ fez ao Conde em attenção dos merecimentos da Casa de Ferreira, e do muito parentesco, que com elle tinha, e tambem por casar com D. Maria de Moscoso, por o dito casamento se tratar por seu mandado. Não vimos o tratado desse matrimonio, porque pereceo sem duvida, como já dissemos, no fogo, que abrazou o Cartorio desta Casa. Porém da Chancellaria do dito Rey consta, o que referimos, porque entaõ lhe fez merce do titulo de Marquez por Carta, que se

Prova num. 16.

lhe

lhe passou a 20 de Março de 1610, e por outra do mesmo dia, e anno lhe fez merce do titulo de Conde de Tentugal de juro, e herdade para todo sempre, o qual titulo lhe concedeo com especial graça por outro Alvará da mesma data, de que seu filho em vida do Marquez seu pay se chamasse Conde de Tentugal, da mesma maneira, que o podia fazer o Conde de Alcoutim, filho do Marquez de Villa-Real: e de mais lhe fez merce, de que todas as Villas, terras, e mais cousas, que lograva da Coroa em sua vida de lhas dar de juro para elle, e seus successores, dispensando a Ley Mental huma vez, e do que a Casa possuia de juro, e herdade, lhe fez a merce de as tirar por duas vezes fóra da Ley Mental, e que os seus Ouvidores pudessem devaçar em todas as suas terras nos Lugares, em que não entrão Corregedores, declarando, que os taes Ouvidores serão Bachareis, que tenham lido no Desembargo do Paço, e approvados para poderem servir os lugares da Coroa, e que pudesse prover os officios das suas terras na fórma das Doações, que tinha a sua Casa, e que no caso, de os proprietarios dos officios da sua data os renunciarem livremente nas mãos delRey, depois que fossem aceitadas as renunciias, os pudesse prover o Marquez, e seus successores, e que tambem elle, e os successores da sua Casa pudessem cobrar suas dividas por via executiva, como se cobraõ as que se devem à fazenda Real, declarando-se nas escrituras, e arrendamen-

Prova num. 17.

Prova num. 18.

Prova num. 19.

Prova num. 20.

damentos, que gozava deste privilegio: foy passada esta Carta em Lisboa a 26 de Março de 1610. Ultimamente por hum Alvará feito a 30 de Março do mesmo anno lhe fez merce do titulo de Marquez, que elle tinha, em duas vidas mais para seu filho, e neto. Todas estas grandes merces, e prerogativas foraõ concedidas à Casa de Ferreira em attenção dos merecimentos dos Senhores desta Casa, como se vê dellas, porque todas da mesma fórma repetem os motivos, principiando na fórma seguinte: *Dom Philippe, &c. Faço saber aos que esta Carta virem, que havendo respeito aos serviços, que o Marquez de Ferreira Dom Francisco de Mello, e o Conde de Tentugal D. Nuno Alvares Pereira seu filho, que Deos perdoe fizeram a ElRey, meu Senhor, e pay, que santa gloria haja, e aos Senhores Reys meus antecessores, e assim aos que espero me faça D. Francisco de Mello, Conde de Tentugal, meu muito amado sobrinho, filho do dito Conde D. Nuno Alvares, e a seu sangue, e muito devido, que comigo tem, e aos grandes merecimentos, e qualidades da sua pessoa, e daquelles de quem elle descende, e a casar com D. Maria de Moscoso, filha dos Condes de Altamira, e o dito casamento se tratar por meu mandado, e por folgar por todos estes respeitos, e pela muita boa vontade, que lhe tenho, de lhe fazer merce, tendo por certo de quem elle he, que sempre me saberá merecer, e servir toda a que lhe fizer, conforme a sua obrigação, e considerando tambem ser sua Casa tal, que os*
que

que nella succederem me poderão sempre a mim servir, e aos Reys meus successores tão honradamente, como delles espero, e o fizerão os de que elle vem, cuja memoria me he muy presente; me praz, e hey por bem de lhe fazer, como defeito por esta presente Carta lhe faço do titulo de Conde da sua Villa de Tentugal, de juro, e herdade para todo sempre, para elle, e todos seus successores, e herdeiros por linha direita masculina, e lidima, segundo a fôrma da Ley Mental, &c. Depois lhe concedeo por hum Alvará de 20 de Fevereiro de 1620 pelos detrimientos, que tinhaõ as Justiças das suas terras, em averbar os Juizes de suspeitos, o que se concluia com muita dilação, que pudessem ter Juizes certos das suspeições contra os seus Ministros, e que seriaõ o Juiz de Fóra, ou Corregedor, que vivessem mais perto do Lugar, em que assistissem os Ouvidores do Marquez, para que fossem os Juizes das suspeições: E porque na sua Villa de Arega não tinha as jurisdicções, lhe concedeo o mesmo Rey a jurisdicção Cível, e Crime da dita Villa de juro, e herdade, na mesma fôrma, que elle pelas suas Doações possuía as jurisdicções das terras, que tinha da Coroa; e assim outras merces, e regalias de isenções, de que goza esta Casa, lhe foraõ dadas muy amplamente pelos Reys, porque sempre foy benemerita da sua attenção pela grande representação, de que se revestia.

Neste anno de 1610 se effectuaraõ as vodas do
Tom.X. Gg Mar-

Torre do Tomb. Chancel. del Rey D. Filipe.
liv. 1. pag. 98.

Marquez com D. Marianna de Castro, e durando vinte annos esta uniaõ, naõ ficou della descendencia, como adiante se verá. No de 1619, em que ElRey Dom Filippe o Bom passou a Portugal, e effeve em a Cidade de Evora, lhe foy o Marquez D. Francisco beijar a maõ, como refere o Chronista Joaõ Bautista Lavanha por estas palavras: *Dom Francisco de Mello, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, a quem ElRey tirou o chapeo, de maneira, que ficou com a cabeça descoberta por detraz, e refusingo primeiro a maõ, lha deu, e mandou cobrir, e coberto fallou, e com o mesmo tratamento beijou a maõ ao Principe.* Depois foy o Marquez hum dos Senhores, que acompanharaõ ao mesmo Rey quando fez em Lisboa a sua entrada publica com extraordinaria pompa. Seguirãõ-se as Cortes, em que o Marquez se naõ achou, porque pertencio prece-der ao Marquez de Villa-Real D. Miguel de Menezes, sobre o que deu hum papel com o motivo da sua preferencia, que fundava em a resoluçaõ del-Rey D. Affonso V. do anno de 1492, pela qual seu terceiro avô o Senhor D. Alvaro fora precedido, por naõ ter titulo, de D. Pedro de Menezes, Conde de Villa-Real, por entaõ se mandar, que precedesse a D. Alvaro, e aos outros filhos do Du-que de Bragança, que naõ tivessem titulo; porém, que sendo algum delles revestido de igual titulo, precederia ao Conde de Villa-Real; o que se veri-ficou tanto, que D. Alvaro succedera na Casa do Conde

Lavanha, *Viagem del-Rey D. Filippe a Portugal*, pag. 6. veris.

Dito livro pag. 15.

Conde de Olivença pelo casamento da Condeſſa D. Philippa de Mello, pelo que precedeo ao Conde de Villa-Real, em virtude da referida determinação. Não ſabemos qual foſſe a reſolução, ſenaõ que o Marquez ſe não achou preſente, pelo que cuidamos, que ElRey o não decidio por não diſſaborear ao Marquez; porque a ſentença delRey Dom João III. que manda ſe preſiraõ pela data das Cartas, eſtava em uſo, e o Marquez o não ignorava, como depois nas ſeguintes o logrou o Marquez como mais antigo, precedendo ao de Villa-Real, como ſevê no acto das Cortes de 1641, em que fez o officio de Condeſtavel, e já era mais antigo, que o Marquez entaõ de Villa-Real D. Luiz de Noronha, e o preferio pela antiguidade da Carta, conforme a referida determinação delRey D. João III. e aſſim jurou primeiro

*Cort. do anno de 1641
impreſſa.*

Achava-se o Marquez Dom Francisco viuvo, havendo já paſſado annos, e ſem ſucceſſão na ſua grande Caſa, e reflectindo o quanto perdia na demora, ſe determinou a paſſar a ſegundas vodas com D. Joanna Pimentel ſua ſobrinha, filha dos quartos Marquezes de Tavera, que ſe eſſeituou no anno de 1635 com grande ſatisfação dos moradores da Cidade de Evora, onde foy celebrado com a magnificencia devida a taõ grandes peſſoas. O Duque de Bragança D. João II. querendo com huma publica demonſtração dar a conhecer ao Reyno a eſtimação, com que preferia a Caſa de Ferreira na amiſa-

Tom.X.

Gg ii de,

de, e no parentesco, determinou ir nesta occasião a Evora em publico a visitar aos Marquezes novamente desposados; não lemos semelhante demonstração publica nos Principes da Casa de Bragança, em cuja grandeza se dividia hum não sey que de soberania, que detinha a todos, de sorte, que não sendo Soberanos, o pareceraõ sempre no trato, e no universal respeito, como temos visto no Livro VI. do V. e VI. Tomos desta Historia: foy esta visita com tantas circumstancias de estimacão para a Casa de Ferreira, como de gloria para a Serenissima Casa de Bragança por ser hum evidente respeito dos fieis corações, com que os Portuguezes desejavaõ ver a este Principe Coroado no throno da Monarchia Portugueza nas demonstrações, com que entaõ se explicaraõ; e assim daremos especial conta desta jornada, como de huma parte mais importante do elogio do Marquez, a qual vi em hum livro de Memorias da mesma Serenissima Casa.

Sahio o Duque de Villa-Viçosa em huma quarta feira 8 de Agosto do referido anno de tarde em hum coche de veludo carmesim, todo franjado, e guarnecido de galoens de ouro, com seu irmão o Senhor D. Alexandre, levava adiante hum trombeta vestido de grãa, guarnecido de passamanes de ouro, seguiaõ-se quatorze Moços da Camera em nullas, com cochins, e maletas muy bem concertadas, vestiaõ de pano verde com mangas de chamalote azul, guarnecidos de botoens de ouro, com espadas,

padas , e adagas , chapeos com transeíns , botas joe-
lheira com canhoens , dous Estribeiros montados ,
hum à gineta , outro à brida , dous Moços Fidal-
gos em duas fúcas , e detraz o Capitaõ da Guarda
muito bem montado. Seguiã-se quatro cavallos
da pessoa , acompanhados de vinte e quatro Moços
da Estribeira , vestidos de pano verde escuro , e man-
gas de veludo verde com botoens de ouro , espadas ;
e adagas , e seus fleitros , e logo o coche do Du-
que coberto da Guarda , com que costumava sahír
em publico , todos vestidos da mesma libré , ao co-
che do Duque se seguiã cinco coches dos Officiaes ,
e Fidalgos Commendadores da Ordem de Christo ,
Criados do Duque , com Pagens , e Lacayos , que
cada hum levava com proprias librés , e todos com
cavallos à mão das pessoas de seus amos , com con-
certo de campo , e à gineta. No dia antecedente
tinhaõ partido vinte e quatro cargas com a recame-
ra , e guarda reposta , com gente , que as acompa-
nhavaõ ; neste dia foy o Duque dormir a S. Miguel
de Machede , duas legoas e meya distante da Cida-
de de Evora : os Lavradores de todo aquelle cam-
po , e dos circumvisinhos a cavallo lhe foraõ offere-
cer tudo , o que em suas casas tinhaõ , o Duque
lhes agradeceo a boa vontade , e naõ lhes aceitando
cousa alguma , fez merces a alguns , e eraõ tantos ,
que em tropas passavaõ adiante , fazendo no seu
acompanhamento hum sincero obsequio , demon-
strador do amor , que todos lhe professavaõ. No dia
seguin-

seguinte muito cedo entrou o Duque com seu irmão no coche, e proseguio o caminho para Evora com a mesma ordem, com que sahira do seu Palacio de Villa-Viçosa. Com esta noticia sahio muita gente da Cidade para verem ao Duque, de sorte, que as estradas, e campos se viaõ povoados; o Marquez de Ferreira, e seu irmão D. Rodrigo de Mello sahiraõ ambos em hum coche, levandolhe dous criados dous cavallos à destra, com alguma parte da sua familia, que os acompanhavaõ, todos luzidos, com o intento de se irem encontrar com o Duque o mais longe que pudesse ser; e chegando à vista do Duque, o Marquez com seu irmão se apearaõ do coche, e parando o do Duque, o Senhor D. Alexandre sahio a recebellos, onde o Duque ficou, e se chegou para o estribo, o Marquez quasi pondo o joelho no chaõ, lhe quiz beijar a mão profiando muito, o que o Duque não consentio. O Senhor D. Alexandre fez offerecimento do coche ao Marquez, que o recusou, e veyo a aceitar depois por lho pedir o Duque, e entrando, o Duque ficou no seu lugar, o Marquez, e o Senhor D. Alexandre na dianteira, ficando o Marquez à mão esquerda, e seu irmão D. Rodrigo na estribeira, e continuaraõ o caminho algum espaço de tempo, conversando, até que encontraõ ao Conde de Vimioso, e outro Fidalgos, que tambem sahiraõ da Cidade a receber ao Duque, que entaõ se poz a cavallo, para poder assim attender mellhor ao obsequio, que aquelles

les Senhores lhe faziaõ, como tambem para se deixar ver da muita gente, que sahia da Cidade; tanto, que das Torres mais altas da Sé se descobrio o acompanhamento, começaraõ a repicar todos os sinos, e a este exemplo todos os demais das Igrejas, e Mosteiros da Cidade, e em particular a Universidade, que estava prevenida, querendo ser a primeira. Chegando já aos muros da Cidade a huma fonte, que chamaõ o Chafariz dos Leões, estavaõ as Companhias de Infantaria das Ordenanças postas em alla de huma, e outra parte, e quando o Duque chegou lhe fizeraõ os Alferes huma cortezia com as bandeiras, entãõ o Duque se adiantou do acompanhamento, tirando o chapeo ao passar pelos muros, que estavaõ todos cobertos de diversas sedas, se ouviaõ no alto os ministros, trombetas, charamellas, e outros instrumentos, com que applaudiaõ ao Duque, que se aposentou na Cartuxa, Padroado da sua Casa, que dista pouco fóra dos muros da Cidade, ao entrar o esperava o Prior com todõs os Monges, e o levaraõ à Igreja, na porta estava huma alcatifa com duas almofadas, e hum Monge com Cappa de Asperges debaixo do Paleio com huma Reliquia, que o Duque, e seu irmaõ beijaraõ, e feita esta cerimonia, entoaraõ o Hymno *Te Deum*, e se encaminharaõ ao Altar do Santissimo, onde dita a Oraçaõ, que manda o Ritual em semelhantes occasioens, se recolheo o Duque ao aposento, que se lhe tinha preparado, e depois de haver estado pouco

pouco espaço com o Marquez de Ferreira, e Conde de Vimioso, se despedio delles, por ser hora de comer, e assim se recolherão estes Senhores à sua casa: ao mesmo tempo foraõ o Reytor da Universidade, e os Prelados dos Mosteiros da Cidade cumprimentar ao Duque, que depois de comer gastou algum tempo em ver o Mosteiro. A's tres horas da tarde voltou o Marquez de Ferreira com seu irmão para acompanharem ao Duque, a quem pareceo melhor fazer a entrada a cavallo; assim montado em huma fermosa faca Ingleza, riquissimamente ajaezada, e o Senhor D. Alexandre em outra, naõ inferior, marcharaõ com a mesma ordem, com todos os seus Officiaes, e Fidalgos a cavallo, seguindo-se depois o estado, e coches. A porta por onde entrou chamada da Alagoa, estava ornada de panos de seda, e as janellas da Cidade vistosamente adereçadas, e as ruas cobertas de ervas, que lhe serviaõ de alcatifa, as Ordenanças formadas com as bandeiras soltas lhe fizeraõ novas continencias, e lhederaõ huma larga salva de arcabuzaria. Encaminhou-se todo este vistoso acompanhamento para o Palacio do Marquez de Ferreira, onde hia a visitar a Marqueza, entrou o Duque, e ella sahio a recebello à antecamera, e entrando diante o Marquez, e seu irmão, e o Senhor D. Alexandre detraz delles, entrou o Duque acompanhando a Marqueza com especiaes demonstrações de attençaõ, e galantaria, que foraõ reciprocas na attençaõ. O estrado da

da Marqueza estava ricamente adereçado, com docel precioso no meyo, e debaixo delle duas cadeiras, e à mão direita dellas fóra do docel duas almofadas para a Marqueza se assentar, encostadas em differente parede; o Duque assaltou a sua cadeira, dando lugar a que a Marqueza ficasse debaixo do docel, o que ella recusou, e assim se continuou a pratica por espaço breve; o Marquez, e seu irmão tomaraõ cadeiras na mesma casa, ficando nellas encostados à parede, que se seguia, à mão esquerda do Duque: acabada a visita, sahio o Duque na mesma formalidade, com que havia entrado, e na antecamera de fóra, depois de despedido da Marqueza, se sentou com o Marquez, e seu irmão, detendo-se pouco tempo, porque a governança da Cidade havia prevenido huma festa de Touros, que na mesma tarde se havia de executar, que o Duque vio da Casa da Camera, onde se lhe preparou huma varanda com excellente armação, e sitial, e foy o festejo muito bem executado; a fonte chamada da prata estava ornada de diversos ramos matizados de flores, com muitos vasos em boa proporção, que a fazia mais agradavel entre o effrondo das trombetas, atabales, e ministris, conforme o uso daquelle tempo: concluiu-se a festa com huma encamisada; vinha em huma carroça hum concerto de Musica, e instrumentos, que parando ao pé da varanda, obsequiaraõ com agradavel canto ao Duque, que acabado o festim, se recolheu à Cartuxa, acompanhado sem-

pre do Marquez de Ferreira, e seu irmão. Na noite, por ordem do Corregedor, escolhidos os melhores Musicos da Cidade, com diversos instrumentos, e ministros, fizeram diversos concertos de Musica, com que repetirão por varios modos o applauso: na manhã do outro dia foy o Duque com o Senhor D. Alexandre à Sé, (nesta occasião o não acompanhou o Marquez) e chegando à porta o sahio a receber o Cabido, e Dignidades, trazendo debaixo de rico Paleo huma Reliquia do Inviçto Martyr S. Lourenço, que naquella dia festejava a Igreja, e pegavaõ nas varas do Paleo as Dignidades, e Conegos mais antigos, e depois de lançar agua benta ao Duque o Conego mais antigo, o Duque se poz de joelhos em huma alcatisa, em que estavaõ duas almofadas para elle, e seu irmão, e beijando a Santa Reliquia, se cantou o *Te Deum*, e se encaminharaõ para huma Capella, em que tem aquella Cathedral huma insigne Reliquia do Santo Lenho, que estava preparada com alcatisa, e almofadas para o Duque, e seu irmão, e depois de adorar o final da nossa Redempção, foy o Duque para a Capella môr, e da parte do Evangelho estava prevenido sitial (acima do lugar, que costumaõ ter os Arcebispos) com duas cadeiras, em que se assentaraõ o Duque, e o Senhor D. Alexandre; começou-se a Missa com grande solemnidade, foraõ os celebrantes hum Conego, e dous Quartenarios, como nos dias de festa da primeira classe, e lhe fizeram as ceremonias de o incen-

incen-

incensar, e dar a paz: houve Sermaõ, em que o Prégador captando a benevolencia ao Duque, foy huma grande parte do Panegyrico o gosto, e alegria, que aquella Cidade tinha de o ver nella; o concurso era innumeral, porque todos desejavaõ ver ao Duque. Acabada a Missa, sahio o Duque acompanhado de todo o Cabido até o coche, e despedido com demonstrações de quanto estimava aquella Igreja, os deixou taõ satisfeitos, como honrados nas suas palavras; e passou à Universidade, que o sahio a receber o Reytor em cerimonia com todos os Doutores, e Mestres com suas insignias, Bades, e mais Officiaes da Universidade; à porta da Igreja estavaõ duas figuras vestidas à heroica, que eraõ Pallas, Deosa das Sciencias, e a Universidade, as quaes em breves, e elegantes Poesias significaraõ a alegria, que recebiaõ com a sua presença: esperava da parte de dentro da porta o Paleo com huma Reliquia, em que se observou em tudo o mesmo, que na Sé; e indo o Duque para o cruzeiro, se descobriraõ oito figuras, que estavaõ em oito Tribunas da Igreja, que eraõ as Sciencias, que se ensinão na Universidade, a saber: Theologia, Filosofia, Rhetorica, Poezia, Humanidade, Grammatica, Ler, Escrever, e todas vestidas à heroica, e em Poesias Latinas explicaraõ o gosto, com que a Universidade estimava aquella honra; o Duque se deteve o que bastou para as ouvir, e depois de fazer oraçaõ no Altar mór, passou aonde está a sepultura,

Tom.X.

Hb ii

ra,

ra, que fez o Cardeal Rey para si, e aonde jaz o Senhor D. Duarte seu tio, a quem lançou agua benta, e foy à Sacrifia ver na casa antecedente hum Santuario ornado de muitas Reliquias, e depois baixou ao pateo da Universidade, e na falla, em que se fazem os actos publicos, no alto da banda direita, se poz huma cortina com duas cadeiras, em que se sentaraõ o Duque, e o Senhor D. Alexandre, e toda a Universidade em cerimonia, hum Doutor fez huma Oraçaõ em louvor do Duque; era já tarde quando se acabou este obsequio, o Duque ficou no Collegio jantando com os Padres no seu Refeitório, onde foy tratado magnificamente, no tempo, que durou a comida, se repetiraõ muitas Orações em diversas lingas, que por todas fizeraõ o numero de dezoito. Depois de jantar houve enigmas, e outros entertenimentos engenhosos, em que se passou a festa : na tarde no pateo publico da Universidade se fez huma Tragedia com grande apparato, e fabrica, assim de figuras, como de excellentes vestidos, com musicas, bailes, e outros entertenimentos, que pudeffem divertir, e satisfazer ao Duque; era a historia de Santo Eustachio, e acabando já quasi à noite, não houve mais tempo, que para o Duque dar huma volta por fóra da Cidade até se recolher à Cartuxa. No dia seguinte comeo o Duque com os Monges da Cartuxa no seu Refeitório, na tarde sahio a ver alguns Mosteiros da Cidade, em todos o receberaõ com a mesma formalidade, que

que na Sé, com Paleo, e Reliquias; no Mosteiro do Menino Jesus, em que he muy milagrosa esta Imagem, se deteve mais, e as Freiras com muito boa Musica, lisongearaõ o gosto, e inclinaçãõ, que o Duque tinha a esta excellente arte: aos Mosteiros mandou dar grandes esmolas, e foraõ muitas as que se repartiraõ por pessoas particulares. Os Cidadãos de Evora tinhaõ prevenido Touros, e outras festas, e entretenimentos, com que divertissẽm o Duque, entendendo se detivesse mais tempo; porẽm no outro dia partio para Villa-Viçosa, deixando a Cidade com tantas faudades, como foy o contentamento, e alegria, que recebera em o ver, preludios da felicidade, que dahi a cinco annos tiveraõ na sua dominaçãõ, vendo-o sobido ao Throno de Portugal com o nome delRey D. Joaõ IV.

Neste mesmo anno de 1635 se viraõ os moradores de Evora consiernados com os tumultos, que se levantaraõ na Cidade, causados de novos tributos, que se lhe impuzeraõ, que escandalizado o povo, furiosa, e inconsideradamente rompeo em hum tumulto, de que em breve tempo se seguiraõ todas aquellas desordens, que costumaõ nascer da ira de hum povo desenfreado. Assistiaõ nesse tempo em Evora com as suas familias o Marquez de Ferreira, e seu irmaõ D. Rodrigo de Mello, o Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal, D. Francisco Luiz de Lencastre, Commendador mór de Aviz, e D. Jorge de Mello, os quaes naõ se desagradoando
no

no principio daquella resoluçãõ, vendo, que o tumulto crescia, e juntamente as desordens, buscarãõ modos de as atalhar, procurando com a authoridade, e com a razaõ persuadir aos principaes cabeças do povo, a que desistissem daquelle depravado intento, e deste negociado não tiraraõ entãõ mais proveito, do que ficar suspeitosa a Nobreza. ElRey escreveo diversas Cartas ao Marquez sobre este negocio, que finalmente se compoz. Estes desordenados tumultos fizeraõ os primeiros indicios, ainda que desproporcionados, da liberdade da patria, que passados annos felizmente conseguio no primeiro de Dezembro do anno de 1640 com a Acclamaçãõ del-Rey D. Joãõ IV.

Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 161.

Executada na inclyta Lisboa aquella gloriosa empreza; na madrugada do outro dia chegou a noticia a Evora ao Marquez de Ferreira, que já prevenido a esperava cuidadoso, e impaciente, e fazendo-a logo espalhar pela Cidade, que concorreo toda à porta do seu Palacio acclamando com alegres vivas ao novo Rey. O Marquez montado a cavallo, e o Conde de Vimioso, e toda a Nobreza, tomando a bandeira da Cidade, ao som dos repiques dos sinos, e dos vivas do povo acclamou a ElRey D. Joãõ IV. nas principaes ruas, e praças com toda a solemnidade, cuja voz seguiu toda a Provincia de Alentejo, eo Reyno do Algarve, e encarregando ao Senado a proseguirem a Acclamaçãõ, e applaudirem com festas tão grande dita, tomou a posta

posta para Villa-Viçosa, onde quando chegou Pedro de Mendoza, e Jorge Furtado com a noticia, do que com tanta felicidade passara em Lisboa, já o Marquez, e o Conde de Vimioso estavam em Villa-Viçosa, e haviaõ beijado a mão a ElRey, que reconhecendo o quanto convinha partir com brevidade para Lisboa, entrou no coche, acompanhando-o nelle o Marquez, o Conde de Vimioso, Pedro de Mendoza, e Jorge de Mello, chegou a Lisboa seis dias depois de aclamado, como deixamos escrito no Livro VII. Capitulo I. pag. 95 do Tomo VII. Fez logo ao Marquez do seu Conselho de Estado, e hum dos Ministros do Despacho.

Havia a Rainha D. Luiza passar de Villa-Viçosa para Lisboa, e para a acompanhar nomeou El-Rey ao Marquez de Ferreira, e outros Senhores, que partiraõ a buscalla a Villa-Viçosa, donde veyo a Evora, e pernoitando no Palacio do Marquez de Ferreira, no outro dia, quando havia de fazer jornada, disse à Marqueza, que quera fosse com ella para Lisboa, para se servir da sua pessoa no officio de Camereira mór, e aceitando a Marqueza a merce, lhe representou a difficuldade de poder mover naquelle instante toda a sua casa, porém a Rainha desfazendo a difficuldade lhe ordenou, que a acompanhasse, e que Amador do Prado de Mesquita, que se achava em Evora, (era da obrigação da Casa de Bragança) ficaria encarregado de conduzir seus filhos com a decencia, que convinha, e
a to-

a toda a sua familia; assim determinado, começou logo a Marqueza a exercitar o seu officio acompanhando a Rainha, e Amador do Prado executou com toda a boa direcção, o que se lhe havia encarregado, trazendo a Lisboa aquelles Senhores com toda a mais familia. Chegou a Rainha em dia de Natal a Aldea-Galleja, onde ElRey a esperava, e passando a Lisboa, deu no Paço hum Quarto para assistirem os Marquezes de Ferreira.

Determinado o dia 15 de Janeiro de 1641 para se celebrar solemnemente o Auto do Levantamento delRey, e em que os Tres Estados do Reyno o juraraõ: fez nesta função o Marquez de Ferreira o officio de Condestavel, Dignidade, que occuparaõ os Infantes, e Duques de Bragança, como deixamos referido em diversas partes desta historia, e agora o sangue, e parentesco com a Casa Real reynante, preferio ao Marquez para exercitar este grande officio, jurando neste acto em ultimo lugar, como he costume. Porém depois no Auto das Cortes, que se fez no dia 29 do referido mez, esteve o Marquez assentado no lugar, que lhe competia pelo seu titulo, e por antiguidade da sua Carta preferio ao Marquez de Villa-Real D. Luiz de Noronha, como se vê do mesmo Auto, que entaõ se imprimio, de que inferimos naõ ter entaõ effeito a questaõ do Marquez querer preferir ao de Villa-Real, pelo assento das Cortes delRey D. Afonso V. que já estava abolido pela sentença, que ElRey D.

Auto das Cortes; impresso em 1641.

D. João deu, de que já fizemos menção. Não satisfeita a Rainha, de que sómente a servisse a Marquez de Ferreira, fez seu Mordomo môr ao Marquez, lugar, que vagara pelo Conde de Abrantes D. Miguel de Almeida, de que se lhe passou Carta em nome da Rainha, sobrescrita pelo Secretario de Estado Francisco de Lucena, feita a 4 de Janeiro de 1642. O Padre Anselmo na Historia Genealogica da Casa Real de França padeceo equivocação em cuidar, que o Marquez D. Francisco era Francisco de Mello, Monteiro môr do Reyno, General da Cavallaria, que foy Embaixador em França, porque todas estas occupações poem na pessoa do Marquez, que não teve, e naquelle mesmo tempo exercitou o Monteiro môr Francisco de Mello, que elle faz ser o Marquez, sendo outro differente. Logrou o Marquez a estimação de huma, e outra Magestade, que servio com amor todo o tempo, que lhe durou a vida, ainda que poucos annos, porque morreo a 18 de Março de 1645. Jaz em Evora na Igreja de S. João Evangelista, entetto da sua Casa, onde tem este Epitafio:

P. Anselme, *Hist. General, de la Maison d' France*, tom. 1.º pag. 160.

*Sepultura de Dom Francisco de Mello,
terceiro Marquez de Ferreira, segun-
do deste nome: faleceo a 18 de Mar-
ço de 1645 annos. E de Dona Isha-
bel de Castro e Pimentel sua filha, e*
Tom.X. li da

da Marquexa Dona Joanna Pimentel.

Casou duas vezes, como dissemos, a primeira no anno de 1610 com D. Maria de Moscoso, a quem os livros chamaõ de Sandoval, e o seu Epitafio de Toledo e Moscoso; porém os Documentos, de que temos feito menção, lhe não daõ mais appellido, que de Moscoso, era sua prima com irmãa, filha de D. Lopo de Moscoso, V. Conde de Altamira, e da Condessa D. Leonor de Sandoval e Roxas, como se disse no Liv. VIII. Capitulo VII. pag. 131 do Tomo IX. a qual faleceo a 5 de Abril de 1630, e desta uniaõ nasceo unica

17 D. MARIA DE MELLO, que morreo de tenra idade.

Jaz a Marquexa na dita Igreja de S. Joaõ Euangelista, onde tem este Epitafio:

Aqui jaz D. Maria de Toledo e Moscoso, Marquexa de Ferreira, filha dos Condes de Altamira D. Lopo de Moscoso, e Dona Leonor de Sandoval e Roxas, Aya que foy delRey D. Filippe IV. e dos Infantes seus irmãos, primeira mulher do Marquez Dom Francisco de Mello, segundo do nome. Faleceo

da Casa Real Portug. Liv. IX. 259

*ceo em Evora aos cinco dias do mez
de Abril de 1630.*

Casou segunda vez no anno de 1635 com D. Joanna Pimentel sua sobrinha, filha de D. Antonio Pimentel, IV. Marquez de Tavera, e da Marqueza D. Isabel de Moscoso, como se disse no Capitulo VII. §. II. do Livro VIII. pag. 141 do Tomo IX. Foy Camereira môr da Rainha D. Luiza de Gusmao, de quem era prima segunda; porque sua avô a Condesa D. Leonor de Sandoval, Condesa de Altamira, era irmã inteira de D. Francisco Gomes de Sandoval, I. Duque de Lerma, Marquez de Denia, visavô da Rainha, filhos de D. Francisco de Sandoval, IV. Marquez de Denia, e da Marqueza D. Isabel de Borja, filha de S. Francisco de Borja, IV. Duque de Gandia, que era terceiro avô da Marqueza de Ferreira D. Joanna Pimentel, communicando-lhe nesta linha a prerogativa de neta deste grande Santo, com todas aquellas especiaes graças, com que o Papa Clemente VII. distinguio a esclarecida descendencia deste Santo, com huma Bulla passada no anno de 1531, tão ampla de privilegios, e favores, de que não ha semelhante exemplo, e a refere o Cardeal Cinsuegos na Vida, que

*D. Belchior de Teive,
Casa de Sandoval, m. 6*

*Card. Cinsuegos, Vida
de S. Francisco de Eri-
ja, cap. 1. §. 3. pag. 4.
imprelta em 1702.*

Sobreviveo a Marqueza D. Joanna muitos annos ao Marquez seu esposo, em quem succedeo na administração da Commenda de Grandola, em que

Tom.X.

Li ii

en-

entrou em 1645, (e depois se encartou no de 1650) quando ficou viuva pela morte do Marquez ; El-Rey D. Joaõ foy em publico ao seu Quarto acompanhado dos Officiaes , e alguns Titulos , e os mandou cobrir , e a seu filho , que naõ tinha mais , que sete annos Dom Nuno Alvares Pereira , que era sómente Conde de Tentugal. Depois a visitou a Rainha Dona Luiza acompanhada das Damas , e Officiaes da Casa , ordenandolhe , que naõ se apartasse do lugar , em que estava , conforme o uso daquelle tempo : a Rainha se assentou em huma cadeira , e a Marqueza em huma almofada , e depois de estar algum tempo conversando , se recolheo. De todas estas taõ especiaes honras se fazia merecedora a Marqueza , porque concorreraõ nella todas as circumstancias para a effimação dos Reys , a quem servia com amor , e cuidado ; era muy grave , entendida , e prudente , com grande chrisandade , vivendo em Santo temor de Deos com muita oração , empregando-se em santos exercicios , com tanta lembrança da morte , que estando boa fez o seu Testamento , que approvou a 22 de Setembro do anno de 1654 , escrito pelo Padre Fr. Manoel Homem ; da Ordem dos Prégadores ; nomea por seus Testamenteiros ao Duque de Cadaval seu filho , e ao Doutor Vicente Feyo Cabral seu Confessor ; nelle se vê a piedade , e devoção ; manda-se enterrar na Capella de S. Joaõ Euangelista de Evora , e naõ podendo ser logo , a depositassẽ na Igreja dos Conegos

gos de S. João Euangelista de Xabregas, onde ainda está. Durou mais tres annos menos onze dias, porque a 11 de Setembro de 1657 faleceu com grande piedade. A Rainha Dona Luiza, Regente do Reyno, sentio a sua falta, e se recolheu, não sahindo dos seus aposentos interiores aquelle dia, e nos dous seguintes despachou debaixo da cortina, por observar os tres dias de encerramento: ElRey D. Affonso com o Infante D. Pedro, acompanhados do seu Ayo o Conde de Odemira, do Mordomo mór Marquez de Gouvea, Capellão mór, D. Manoel da Cunha, e mais Officiaes, e Criados da Casa Real, a honraraõ, indolhe lançar agua benta; acabada aquella pia cerimonia, deraõ os pezames ao Duque, e a Dom Theodosio de Bragança seus filhos, que estavaõ na mesma casa assistindolhe, e os foraõ acompanhando; ElRey os mandou recolher quando chegaraõ à ultima casa do Quarto da Marqueza, que está depositada na referida Igreja, onde se conserva incorrupta, demonstraçãõ das virtudes, que exercitou na vida, porque foy muy devota, retirando-se continuamente ao seu Oratorio, onde em Santos exercicios vagava por muito tempo em oraçãõ a Deos: della ouvimos a pessoas dignas de credito, que estando no seu Oratorio para communhar, fuhira da maõ a Sagrada Particula ao Sacerdote, que vendo lhe fultava, a temorisado, via se lhe cahira, e a Marqueza prostrada, com muito socego lhe disse, cú está, mostreadolhe,

dolhe, que a havia commungado; semelhante caso temos na Historia Ecclesiastica, com que Deos quiz mostrar favorecia a seus Servos: desta esclarecida uniaõ nasceraõ

17 D. NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO, I. Duque de Cadaval, que occupará o Capitulo XII.

17 D. ISABEL DE MOSCOSO, que nasceo em Evora no anno de 1640, e foy baptizada a 2 de Junho do referido anno por Luiz de Miranda Henriques, Conego da Cathedral daquella Cidade, sendo seu Padrinho D. Rodrigo de Mello seu tio, como refere o assento do seu baptismo feito pelo mesmo Conego, e estando na flor da idade, faleceo no anno de 1650.

13 D. THEODOSIO DE BRAGANÇA DE MELLO; nasceo em Lisboa a 25 de Março do anno de 1642, foy baptizado por seu tio D. Rodrigo de Mello no Paço no Quarto, em que seus pays assistiaõ, sendo seu Padrinho o Principe D. Theodosio, que hia acompanhado de seu Mestre Dom Pedro Pueros, e dos Criados da Casa da Rainha, em que elle ainda vivia, foy levado nos braços de Jeronymo de Mendocha, Moço Fidalgo, e depois Cavalleiro de Malta, irmaõ do Conde de Lavradio Luiz de Mendocha, filhos de Pedro de Mendocha, Alcaide mór de Mouraõ, Commendador de Villa-Franca, hum dos principaes Acclamadores delRey Dom Joaõ IV. a quem servio alguns tempos de Guarda mór da sua pessoa;

peessoa: seguiu a vida Ecclesiastica, e foy Conego da Sé de Lisboa, e teve outros Benefícios, e o lugar de Sumilher da Cortina delRey D. Affonso VI. A Rainha Regente D. Luiza, que o estimava muito, lhe deu hum Decreto pelo qual o nomeava Capellaõ môr; depois quando o Principe D. Pedro entrou na Regencia do Reyno, havendo de prover este lugar, por motivos particulares, o quiz dar a Luiz de Sousa, entãõ Deaõ da Sé do Porto, negociou com D. Theodosio desistisse da pertençaõ, interessando muito o Duque seu irmão para que elle o fizesse, e depois de grande repugnancia, finalmente veyo a accommodarse com a vontade do Principe desistindo do lugar, o que elle lhe agradeceo por hum Carta assinada da sua Real maõ, que lhe escreveo a Coimbra aonde estava D. Theodosio, e dizia assim:

„ Dom Theodozio de Mello, Sobrinho Ami-
„ go. Ev o Principe vos envio muito saudar como
„ aquelle, que muito amo. Pelo que escrevestes ao
„ Duque, e me representou da vossa parte, fiquy
„ entendendo, como vos conformaes, em que eu
„ mande a Luiz de Souza exercite o cargo de meu
„ Capellaõ môr. E vos agradeço muito esta de-
„ monstraçaõ do vosso animo, certificandovos, que
„ me fica muito na lembrança, para tratar de vossas
„ conveniencias, e acrecentamentos, como deveis
„ esperar da boa vontade, que vos tenho, e da es-
„ timaçãõ, que faço de quem sois: Escrita em Lix-
„ boa

„boa' a vinte e tres de Novembro de mil e seiscentos e noventa e nove.

„PRINCIPE.

Não se estendeo muito a vida de Dom Theodosio, que passando desgostado por este motivo ; depois adoecendo gravemente, fez o seu Testamento, em que nomeou por seu herdeiro o Duque seu irmão, e seu Testamenteiro, juntamente com o Inquisidor Alexandre da Sylva; manda-se enterrar no jazigo da Casa de Ferreira em Evora, e que em tanto o depositassem em S. Bento de Xabregas aos pés da Marquessa sua mãe, foy feito a 7 de Julho de 1672, e em Sabbado 9 do dito mez faleceo. Era ornado de virtudes dignas do seu alto nascimento, generoso, e elevado, de sorte, que nada podia satisfazer à grandeza do seu espirito.

A Mar-

A Marq.
D. Joanna
Pimentel,
mulher de
D. Fran-
cisco de
Mello, III.
Marq. de
Ferreira.

Dom Antonio
Pimentel,
IV. Marq.
de Távora,
Vice-Rey de
Valença, e
Sicilia, + a
28 de Março
de 1627.

Dom Henrique
Pimentel, III.
Marq. de Ta-
vora,

D. Pedro Pimen-
tel, II. Marq. de
Távora,

A Condesa Dona
Leonor Henriques
de Guimarães,

D. Bernardino Pi-
mentel, I. Marq. de
Távora,
A Marquessa Dona
Coratinha de Biazan
Otonio.

D. Henrique Hen-
riques, IV. Conde de
Alva de Lillo, Mor-
domo mór da Rai-
nha D. Isabel de Va-
llores.

D. Pedro de Toledo,
II. Marq. de Villa-
Franca, Vice-Rey
de Nápoles, + 1552.
D. Maria Otonio Pi-
mentel, Marquessa
de Villa-Franca, II.

D. Garcia de To-
ledo, IV. Marq.
de Villa-Franca,
+ a 31 de Mayo
de 1577.

A Marquessa D.
Joanna de Toled-
do.

Afcanio Colona, II.
Duque de Palano,
e de Talhicoz, Con-
destavel de Nápoles,
+ a 24 de Março de
1557.
A Condesa beata D.
Joanna de Aragão.

D. Lopo de Mofco-
to Otonio, IV. Con-
de de Alcamira,

A Condesa D. Anna
de Fozedo.

D. Fernando Ruiz de
Caltro, VII. Conde
de Lemos.
D. Theresia de An-
drade e Ulhoa, III.
Condesa de Vilhava.

D. Luiz de Sando-
val, III. Marq. de
Denia, Murdomo
mór, + em 1570.
A Marquessa D. Ca-
tharina de Zuniga,

S. Francisco de Bor-
ja, IV. Duque de
Gandia, &c. III. Ge-
ral da Companhia, +
no 1. de Out. 1572.
A Marquessa D. Leon-
or de Caltro, + a
27 de Março 1546.

D. Pedro Pimentel, Senhor de Ta-
vora, + a 6 de Fevereiro de 1504.
D. Ignes Henriques de Guimarães, fi-
lha de D. Henrique, II. Conde de
Alve de Lillo.

D. Pedro Alvares Otonio, I. Conde
de Lemos.

A Cond. D. Maria Bazan, fil. de D.
Pedro Bazan, Vice. de Valduerna,
D. Diogo Henriques de Guimarães,
III. Conde de Alva de Lillo.

A Cond. D. Alcor de Toledo, 1. m.
fil. de D. Francisco, II. Duq. de Alva,
D. Garcia de Toledo, primogenito
do Duque de Alva, + em 1510.

D. Bente Pimentel, filha de D. Ro-
drigo Pimentel, Con. e de Benavente,
D. Fernando Alvares de Toledo, II.
Duque de Alva, Casal. ao Toldo,

A Duq. D. Isabel de Zuniga, filha
de D. Alvaro de Zuniga, Duque de
Azeval, e Alcantia, e Bejar.

D. Luiz Pimentel, I. Marq. de
Villa-Franca, + a 27 de Nov. 1497.
A Marquessa D. Brises Otonio, tina
de D. Pedro Alvares Otonio, I. Con-
de de Lemos.

Fabricio Colona, I. Duq. de Palano,
&c. + a 15 de Março de 1520.
A Condesa, Ignes de Monteleiro,
filha de Frederico, Duq. de Urbino.

D. Fernando de Aragão, I. Duque
de Monteko.

A Duq. D. Catharina de Cardon, fil.
de D. Raynundo, I. Duq. de Soma,
D. Rodrigo de Mofcoto Otonio, II.
Conde de Alcamira, + em 1511.

A Cond. D. Theresia de Anir. fil.
de D. Lopo de Anir. Conde de Vilhava,
D. Pedro de Toledo, II. Marq. de
Villa-Franca, + a 22 de Fev. 1551.

D. Maria Otonio Pimentel, II. Mar-
quessa de Villa-Franca, filha de D.
Luiz, I. Marq. de Villa-Franca.

O Senhor D. Luiz, fil. do Duq. de
Bragança, D. Fernando, II. do nome,
II. Brises de Caltro Otonio, Conde
de Lemos, filha H. de D. Rodrigo
de Caltro, II. Conde de Lemos.

D. Fernando de Andrade, II. Con-
de de Vilhava, &c.

A Cond. D. Theresia de Zunig, fil. de
D. Sancho, Conde de Monte-Rey.

D. Bernardo de Sandoval e Roxas,
II. Marq. de Denia, Conde de Lema,
+ em 3 de Janeiro de 1536.
A Marq. D. Francisca Henriques, fi-
lha de D. Henrique, Alm. de Sicilia,
D. Francisco de Zuniga, III. Conde
de Miranda, Mord. mór da Emper.

A Condesa D. Catharina Henriques,
filha de D. Gutierrez de Cortinas,
D. João de Borja, III. Duque de
Gandia, &c. + em 1541.
A Duquesa D. Joanna de Aragão,
neta del Rey Catholico D. Fernando,
Dom Alvaro de Caltro, Senhor de
Torrao.

D. Isabel de Mello, filha de Nuno
Barreto, e Alcade mór de Faro.

CAPITULO XII.

*De Dom Nuno Alvares Pereira de Mello,
I. Duque de Cadaval, IV. Marquez de
Ferreira, V. Conde de Tentugal.*

17 **N**ÃO cabe no estylo, que seguimos, es-
crever com individuação as acções do
Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira de
Mello. Dos gloriosos successos da sua esclarecida vi-
da se podia muito bem formar huma larga, e utilís-
sima historia, nelle se unirão todas aquellas virtu-
des, de que se ornaraõ seus excellentissimos ascen-
dentes, discorrendo no vagaroso curso de tantos se-
culos, para caberem todas quasi em hum seculo;
que lhe durou a vida, combatida de muitos casos
adversos, em que brilhou o seu grande coraçãõ com
heroico valor, revestido de imperturbavel constan-
cia, de singular prudencia, e de incomparavel fide-
lidade, ornando-se de huma politica Christãa, sum-
ma piedade, profunda Religiaõ, respeito ao estado
Ecclesiastico, muita, e continuada compaixãõ dos
pobres, que soccorria com largas esmolas, e com
huma fiel veneraçãõ à Igreja Catholica Romana,
de sorte, que para conseguir preeminente lugar na
geral estimaçãõ dos homens, nada lhe servia menos,
que a grandeza da sua Casa na origem Real, e con-

Tom. X.

Kk

tinua-

tinuada na dilatada serie de insignes Varoens, que lhe deraõ altissimo nascimento, porque as virtudes, com que ornou a sua pessoa, bastavaõ só para lhe adquirirem, no amor universal, respeito, que continuando na tradiçaõ dos pays aos filhos, lhe formaraõ a mais gloriosa historia.

Nasceo D. Nuno Alvares Pereira de Mello, V. Conde de Tentugal, na Cidade de Evora a 4 de Novembro do anno de 1638, sendo concedido a seus Excellentissimos pays os Marquezes de Ferreira por intercessaõ daquelle prodigioso Thaumaturgo S. Francisco de Paula, o que a Marqueza sua mãy reconheceo sempre agradecida; no seu Testamento recomenda se festeje sempre a este grande Santo por taõ singular merce. Foy baptizado a 28 do referido mez na Sé da dita Cidade por Luiz de Miranda Henriques, Conego da mesma Cathedral, sendo seu Padrinho D. Rodrigo de Mello seu tio; passou-selhe depois Carta de Conde de Tentugal a 20 de Março de 1641, declarando-se, que venceria o assentamento desde o dia 4 de Novembro de 1638, e que seria o mesmo, que tinha o Conde de Alcoutim, que eraõ duzentos e setenta mil reis, que lhe pertencia como parente da Casa Real reynante.

Executada felizmente a venturosa Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. o seguiraõ com inperturbavel fidelidade os Marquezes de Ferreira, transferindo sem demora de Evora a sua Casa à Corte para o serviço dos Reys, que lhe deraõ hum Quarto

no Paço, como dissemos; aqui se creou o Conde de Tentugal com tantas circumstancias de estimação, e amor das Magestades, que nenhum outro Vassallo pôde lograr mayores effeitos da clemencia dos seus Soberanos. Não tinha mais que sete annos de idade quando, faltandolhe o Marquez seu pay, succedeo em toda a sua grande Casa, e foy IV. Marquez de Ferreira, V. Conde de Tentugal, Senhor das Villas de Buarcos, da Povia, de Santa Christina, Tentugal, Villa-Nova de Ancos, Rabaçal, Arega, Alvayazere, Ferreira de Aves, Villa-Ruyva, Vilhalva, Albergaria, Agua de Peixes, Cadaval, Cercal, Peral, e outras terras, Alcaide môr de Olivença, depois foy a sua grande pessoa revestida da Dignidade de Duque, e occupou os mayores lugares no ministerio, e governo do Reyno; a fortuna, e os merecimentos ajuntaraõ à sua Casa outros Estados, e muitas prerogativas, que gozava desde o seu principio. Em idade taõ curta ficou debaixo da tutela, e governo da prudente Matrona a Marquiza sua mãy; qual seria a creação bem se pôde inferir quando vemos, que desde os primeiros annos o Marquez de Ferreira se encaminhava à heroicidade, porque o genio, o talento, a viveza, e as inclinações eraõ claros testemunhos, do que depois se havia de admirar com o tempo.

ElRey D. João estimando igualmente a pessoa, do que as partes, que nelle divisava, o creou Duque de Cadaval a 26 de Abril de 1648 no dia,

To.m.X.

Kk ii

em

em que nasceu o Infante D. Pedro, a quem o Duque depois foy muy aceito, e lhe deveo grandes honras, e attencções, e servio com amor, e desinteresse. Passou-lhe Carta desta Dignidade a 12 de Agosto do referido anno. Augmentavaõ-se os annos, e ao mesmo tempo luziaõ as admiraveis partes, de que o Duque se adornava, entre ellas naquella idade foy hum inviolavel respeito, e obediencia à Marqueza sua mãy, que o creou com toda a foygeiçaõ, que não encontrasse à grandeza da pessoa, e para demonstraçaõ de qual era a authoridade da mãy, e obediencia do filho, referiremos o caso, que entãõ lhe succedeo. Entre as cousas, que a Marqueza ordenou, que o Duque havia de observar, eraõ as horas de se recolher, tanto de dia, como de noite. Succedeo pois, que hum dia se descuidou o Duque, e tardou às horas de jantar, o que a Marqueza sentio, e depois de ver, que se dilatava mais, do que podia pedir a casualidade, jantou sem o Duque, e se recolheu ao seu Quarto; voltou este para casa, e sabendo, que sua mãy havia jantado, disse, que lhe trouxessẽ o seu jantar, a que os criados responderaõ, que a Marqueza mandara distribuir toda a mesa, e que della não ficara cousa alguma, e tomando o meyo, que na cosinha lhe fizessem algumas iguarias, foy a reposta, que estava fechada, e nem havia Cofinheiros, que trabalhassẽ, porque não estavaõ em casa, e recorrendo ao ultimo remedio, que era a copa, pedio lhe trouxessẽ,

xessem, o que lá achassem, porém nem desta teve cousa alguma, porque estava cerrada, e entendendo, que não era casualidade, senão ordem da Mar-queza, se accommodou sem dizer palavra, porém ficou tão advertido com a demonstração, que já mais faltou às horas, que lhe tinha determinado sua mãy, que não lhe fallou em tal materia, nem elle teve confiança para se queixar: este caso ouvimos repetir ao mesmo Duque algumas vezes com graça, de que era soccorrido, no modo, e gravidade, com que se explicava.

No anno de 1656 teve ElRey D. João a ultima doença, (de que faleceu) e acabando de tomar o Sagrado Viatico, e feito acções de grande edificação, se recolheu interiormente depois da Comunhão; o Camareiro mór lhe disse, que estavaõ alli os Duques de Aveiro, e Cadaval, e tendo fallado ao de Aveiro, chegou o de Cadaval, ElRey o abraçou, e lhe disse: *Como o creara, e as obrigações, que tinha ao Marquez seu poy, e à Marqueza, a quem lhe encommendava, que assistisse com muito respeito, e que à Rainha, e Principe não tinha, que o deixar encommendado, pois lhe corriaõ as mesmas obrigações de criação, nem a elle as de obediencia, e zelo, do que fosse conveniente ao Reyno.* O Duque o assegurou de tudo, o que lhe encommendava, e o tempo depois deu a conhecer qual era nelle o zelo, fidelidade, e amor da Patria. O Conde da Ericeira Dom Luiz de Menezes referindo estas demonstrações del-

Rey

Ultimas Acções del Rey D. João IV. impresas em 1657.

Portugal Restaur. Ev. 12. tom. 1. pag. 895.

Prova p^{ma}. 22.

Portug. Restaur. tom.
2. liv. 1. pag. 5.

Auto do Levantamen-
to del Rey Dom Affonso
VI. imp^{to}. em 1658.

Rey quando chamou aos Duques de Aveiro, e Cadaval, diz: *Que abraçando-os lhes deu documentos, que depois foram melhor observados do segundo, que do primeiro.* Tanto, que ElRey faleceo, o Secretario de Estado lhe participou a noticia por ordem da Rainha, e que havia de pegar no corpo delRey. Succedeo a Rainha D. Luiza na Regencia do Reyno, e foy a primeira disposiçã, que executou, o juramento delRey Dom Affonso seu filho, que se celebrou a 15 de Novembro do referido anno de 1656; antes deste acto houve duvida entre o Duque de Cadaval, e o Conde de Odemira, sobre a qual dos dous tocava exercitar com o Estoque desembainhado o officio de Condestavel, querendo hum, e outro preferir no parentesco da Casa Real reynante, e supposto era tão clara a preferencia do Duque por esta prerogativa, como se vê nesta mesma historia, a authoridade do Conde era tanta, que a Rainha, que procurava, como o mal mais perigoso, atalhar contendas entre pessoas tão grandes, decedio a questã sem queixa dos contendores, ordenando, que o Infante D. Pedro, acompanhado de Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, seu Escribeiro mór, exercitasse o grande officio de Condestavel. Neste Auto se achou o Duque, em que jurou a ElRey. No anno seguinte de 1657 sahio o nosso Exercito de Elvas, que mandava o Conde de S. Lourenço Martim Affonso de Mello, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, para soccor-

foccorrer a Praça de Olivença, que sitiava o Duque de S. German, Governador das Armas do Exército de Castella, intentou o Duque de Cadaval achar-se nesta Campanha, para o que tinha meditado fahir da Corte com differente pretexto, o que chegou à noticia da Rainha, que por huma Carta affinada da sua Real maõ, feita a 19 de Mayo de 1657, lho impedio, dizendo estas palavras: *Encomendovos muito, e vos mando por esta Carta vos não sayaes desta Corte sem particular ordem minha*; assim ficou frustrado o desejo, que o Duque tinha de se achar nesta Campanha, a que o levava o ardor do seu generoso coração, para se coroar de immortal gloria, como logo veremos. Neste mesmo anno sentio o fatal golpe da morte da Marqueza de Ferreira sua mãy, ficando na sua falta nomeado seu Tutor o mesmo Conde de Odemira, Varaõ grande; de quem fizemos mençaõ no Livro IX. Capitulo XIV. pag. 681 do Tomo IX. que naquelle tempo era como primeiro Ministro da Rainha; porque do seu talento, e fidelidade fiava os mayores negocios do Reyno, em que todo se empregava, e vendo, que não tinha lugar para cuidar na Casa do Duque, e que se neste não havia a idade determinada pelas Leys Municipaes, lhe superabundava talento para a administração della, assim lhe disse, que se manci-
fasse, porque não ignorando as suas occupações, sabia que não lhe restando tempo para saber da propria Casa, mal poderia governar-lhe a sua, e que
tra-

trataſſe elle de adminiſtrar , e tomar conta do governo della. Vio-ſe o Duque precifado a dar parte à Rainha, do que havia paſſado com o Conde, e fallandolhe neſta materia , lhe respondeo a Rainha, que lhe parecia bem , accreſcentando com muita graça , e eſtimação eſtas palavras : *Tomara eu , que tu me governaſſes a mim* , reconhecendo qual era já o talento , e preſtimo do Duque , que logo começou a occupallo , e ſervirſe delle , não contando de idade mais que vinte annos.

Achava-ſe em Campanha no anno de 1658 o noſſo Exercito , que mandava Joanne Mendes de Vasconcellos ; o Duque incitado do ſeu heroico eſpirito , determinou acharſe neſta Campanha , o que executou com licença da Rainha , que por Carta ſua , e do Secretario de Eſtado , mandou aos Generaes participar a ida do Duque , de que lançarey ſómente a da Rainha , que dizia :

„Joanne Mendes de Vasconcellos , meu Tenente Real no Exercito de Alem-Tejo , Eu El-Rey vos envio muito ſaudar. O Duque de Cadaval , meu muito amado , e prezado ſobrinho , vay a eſſe Exercito ſervirme neſta occaſião , o devido , que tenho com elle , a criação , que lhe fiz , e as grandes qualidades da ſua Caſa , me obrigaõ , a lembrarvos , tenhaes à ſua peſſoa o reſpeito , que ſe lhe deve , e volo digo aſſim tanto em geral , porque o voſſo juizo , e aſſento , e a experiencia , que tereis , do que ſe uſa nos Exercitos com ſenhantes

„lhantes pessoas, escusão de vos advertir em parti-
„cular, e só a levarvos esta Carta se despacha este
„Correyo. Escrita em Lisboa a 22 de Mayo de
„1658.

„A RAINHA.

A André de Albuquerque dizia o Secretario de Eſtado por ordem da Rainha, que não podendo acabar com o Duque, que se não fosse achar naquella Campanha pela pouca segurança, em que ficava a sua Casa, Sua Magestade desejava, que o Duque succedesse a elle André de Albuquerque no posto de General da Cavallaria para a futura Campanha, porque esperava da pessoa do Duque, do seu bom natural, e esclarecido sangue, que com os seus documentos, e louvaveis conselhos, se fizesse capaz de succeder a hum tão grande General, e desempenhar as obrigações de hum tão importante posto. Com este valeroso General teve depois o Duque muita amizade, conservando-a todo o tempo, que lhe durou a vida, com huma fina, e honrada memoria. Esta resolução da Rainha havia nascido da representação, que André de Albuquerque lhe fizera do estado da Provincia. Passou o Exercito ao sitio de Badajoz, que não individamos, porque só referimos as acções, em que o Heroe, de quem tratamos, teve parte nesta Campanha: o General André de Albuquerque derrotou a Cavallaria dos inimigos, achando-se ao seu lado o Duque, seguran-

Tom.X.

Ll

dolhe

Portug. Restaur. tom. 2. liv. 2. pag. 90.

La Clede, Histor. Gen. de Portug. tom. 2. pag. 630, imp. em 1735.

Mello, Vida do Conde de Galveas, liv. 2.º, 28.º 174.

dolhe com o seu valor a fortuna daquelle dia , pois só attento à immortalidade da fama , se não lembrava dos perigos , a que se expunha , por fazer gloriosa a sua memoria. Com a noticia deste successo lhe escreveu a Rainha a Carta seguinte :

„Honrado Duque , Sobrinho Amigo. Eu
„ElRey vos envio muito saudar como aquelle ,
„que muito amo , e prezo. Por Carta de Joanne
„Mendes de Vasconcellos , do meu Conselho de
„Guerra , e meu Tenente General nesse Exercito ,
„entendi o valor , com que procedestes na primeira occasião , que o Exercito teve de vir às mãos
„com o inimigo. Alegreime muito de saber , que
„em tão breve tempo imitaes tão bem os vossos antepassados. Agradeçovolo muito , mas a afeiçãõ ,
„que vos tenho , a estimaçãõ , que faço da vossa
„pessoa , e muito , que vay em vossa vida , me obriga a encomendarvos , e ordenarvos como preceito meu muito apertado , siguaes nesse Exercito ,
„o que vos disser Joanne Mendes de Vasconcellos ,
„que como Fidalgo tão amigo da honra , e tão zeloso das conveniencias do Reyno , vos dirá o como deveis satisfazer a huma , e outra obrigaçãõ ,
„e me dareis muito sentimento se entender não executeaes esta ordem minha tão pontual , e inteiramente , como deveis. Escrita em Lisboa a 15
„de Junho de 1658.

RAINHA.

Resol-

Resolverão os Generaes de sitiarem regularmente Badajoz, e passando o nosso Exercito o Rio Guadiana, deraõ principio às linhas de circumvalação, e segurados os pórtos, que dominavaõ a Praça, entenderão, que era preciso ganhar-se o Mosteiro de S. Gabriel, para o que marchou André de Albuquerque com cinco Terços de Infantaria, e parte da Cavallaria; pertendeo a guarnição da Cidade levantar hum Forte no Cerro das Mayas, o que lhe impedio André de Albuquerque com hum destacamento à ordem de Diniz de Mello de Castro, (depois Conde das Galveas) que executou taõ felizmente, que ao primeiro movimento das nossas Tropas, preoccupados os Castelhanos do receyo, desampararaõ a obra com hum terror panico taõ precipitado, que fizeraõ infeliz a retirada. Desembaraçados dos inimigos, se atacou o Convento de S. Gabriel, que guarneciaõ seiscentos homens, para o que foy necessario desmontasse a Cavallaria, o que se executou taõ promptamente, que o Duque, Diniz de Mello, o Conde Camereiro môr, foraõ os primeiros, que desmontados dos cavallos, se expuzeraõ aos perigos desta empreza, em que se empenharaõ taõ valerosamente, e com tal competencia, que sendo o valor igual à ousadia, naõ cedendo nenhum a primazia, se eternisaraõ na fama, e só neste successo se naõ pode distinguir o valor de cada hum destes bravos competidores; porém será sempre glorioso ao Duque, em os primeiros annos competir, e igualar-se

lar-se à aquelle celebre Heroe o Conde das Galveas, taõ ousado no valor, como ditoso na fortuna, com que coroando o seu nome, immortalisou a sua memoria.

Havendo os inimigos feito huma vigorosa resistencia, vencerão os nossos toda a opposiçaõ, ganhando o Mosteiro de S. Gabriel, e passaraõ a reconhecer o Forte de S. Miguel, e ao mesmo tempo atacalo; pertendeo impedir esta operaçaõ a todo o risco o Duque de S. German, sahindo de Badajoz, assistido dos seus Generaes, com a mayor parte do presidio daquella Praça, procurando introduzir soccorro no Forte antes, que a nossa Infantaria chegasse a incorporar-se com a Cavallaria, a qual entrando em huma acçaõ, atacando o Forte, o ganharaõ, vencendo huma batalha. O Duque andou nella sempre na testa dos esquadroens, achando-se nos lugares mais arriscados, se introduzio quasi desacompanhado entre as Tropas inimigas, e tendo já recebido duas feridas, lhe despedaçou huma balla o hombro esquerdo com tanto perigo, (que toda a vida lhe duraraõ os effeitos) mas com semblante alegre de ver em defensa da patria derramado o seu esclarecido sangue, e conseguido por elle a reputaçaõ das nossas Armas, sendolhe as mesmas feridas o premio do seu valor, e do seu alto nascimento. Com esta noticia lhe escreveu a Rainha a Carta seguinte:

„Honrado Duque, Sobrinho Amigo. Eu El-
„Rey

*Portug. Responz. tom. 2. liv. 2. pag. 111.
Mello, Vida do Conde das Galveas, liv. 2. pag. 93, e 191.
La Ciede, Histoires. Gen. de Portug. tom. 2. pag. 633.*

„Rey vos envio muito saudar, como aquelle, que
„muito amo, e prezo. Por Carta de Joanne Men-
„des de Vasconcellos, do meu Conselho de Guer-
„ra, e meu Tenente General no Exercito dessa
„Provincia, entendi receberes huma ferida na oc-
„casiaõ de 22 do corrente, com que se me diminuiõ
„o gosto daquelle dia; despacho este Correyo para
„saber o como vos achaes, que ainda que me di-
„zem foy a ferida leve, naõ me quietarey, em
„quanto me naõ certifico de teres a saude, que vos
„desejo; agradeçovos o dares naquelle dia taõ boa
„conta do vossõ nome, e do vossõ sangue, assim
„tenho por certo o fareis em todos os que se vos
„offerecer em semelhantes occasioens. Escrita em
„Lisboa a 25 de Julho de 1658.

„RAINHA.

E como em semelhantes molestias sãõ diversos os
accidentes, padeceo o Duque com a cura grande
trabalho, de sorte, que chegou a dar cuidado, e
chegando este à Corte, lhe escreveu a Rainha outra
Carta.

„Honrado Duque, Sobrinho Amigo: Eu El-
„Rey vos envio muito saudar como aquelle, que
„muito amo, e prezo. Agora soube naõ estaveis
„melhor da vossa ferida, e porque me deixa este
„aviso com muito cuidado, vos encomendo me di-
„gaes por este Correyo de posta, que vay só a le-
„var esta Carta, o que tendes, e como estaes, e
„me

„me vades avifando por todas as vias do progresso
„da vossa doença, entendendo me tem dado muito
„desgosto. Escrita em Lisboa a 9 de Agosto de 1658.

„RAINHA.

São inevitaveis os perigos na guerra, sendo maiores onde he companheiro o valor; convaleceo o Duque, e restituído à sua perfeita, e robusta disposição, intentou voltar a servir na guerra de Alentejo; porém a Rainha querendo, que se não arriscasse a pessoa do Duque, o obrigou prendendo-o com o ministerio politico da Monarchia, nomeando-o Conſelheiro de Estado a 10 de Março de 1659, e Ministro do Despacho da Junta Nocturna, em que se tratavaõ os mayores negocios, e os mais importantes interesses do Reyno.

Naõ tinha o Duque até o presente cuidado em tomar estado, porque a esposa devia ser eleição da Rainha Regente, a quem elle subordinava naõ só a pessoa, mas todos os interesses da sua Casa, por amor, e obrigação, em que o punha a creação, que devera à mesma Rainha. O Conde de Odemira, que pela grandeza da representação da sua pessoa, e pela muita parte, que tinha no ministerio, havia conseguido universal respeito, e attençaõ na Corte, conhecia bem o genio, e talento do Duque, que no mesmo Paço podia dizer o havia creado desde os mais tenros annos, e sendo taõ grande a differença das idades, foy grande a familiaridade, e recipro-

ca

ca correspondencia , e intima amizade , que conservou com elle todo o tempo , que lhe durou a vida. Achava-se o Conde neste tempo com sua filha unica herdeira na flor da idade , viuva do Conde da Feira , e com grande dote , porque já possuía muita riqueza em diversos Morgados , e opulentos bens , que herdara da Condessa sua mãy , e desejando no seu estado conseguir huma alliança , que fosse igual a satisfação aos interesses , fallou claramente ao Duque nesta materia , sem que fosse por interposta pessoa , offerecendolhe com sua filha toda a sua Casa. Era grande a authoridade do Conde , porque sobre as veneraveis cans , com que ornava a sua pessoa , com outras muitas virtudes , concorria nelle esclarecido sangue , porque a sua Casa era na origem a da Sereníssima de Bragança , e occupar ao mesmo tempo os mayores lugares do Reyno , e ter pelo seu casamento ajuntado à sua Casa grossas rendas , circumstancias , que todas juntas fazião o casamento de sua filha o mayor daquelle tempo. Não recusou o Duque a proposta , nem a podia aceitar , como o Conde não ignorava , e deferindo-se o negocio sómente em quanto se participava à Rainha , que sem dilação o approvou , e concluido o Tratado Matrimonial , se effeituou no anno de 1660 com grande gosto , e satisfação do Conde , que não lhe durou muito , porque no anno de 1661 morreo. No seguinte o Duque , e a Duquesa fizeram Doação às Religiosas Trinas do Mosteiro de Nossa Senhora da Sole-

Soledade de Lisboa do seu Casal da Boa-Vista, que era junto com o Mosteiro, em que estavaõ muy apertadas, e com elle se alargaraõ, ficando taõ bem accommodadas, e agradecidas, que com reciproca Doação em remuneração lhe deraõ dous lugares perpetuos naquella Casa para elles, e todos os successôres da sua Casa, foy feita a escriptura a 4 de Julho de 1662. Não durou muito esta uniaõ por fallecer a Duqueza no de 1664 deixando huma unica filha, como adiante veremos, que vivendo pouco, veyo o Duque a ser seu herdeiro de todos os bens, que não eraõ do Morgado, que elle depois veyo a vincular, de forte, que com as rendas, que havia na sua Casa, com as que de novo ajuntou, a veyo a fazer huma das mais poderosas do Reyno.

Já nesse tempo tinha o Duque grande parte no governo desta Monarchia, porque por ordem da Rainha lhe eraõ communicados os negocios mais graves, supprindo o grande talento, acompanhado de zelo, e actividade, as poucas experiencias, que depois adiantaraõ os annos, sendo hum dos mayores politicos do seu tempo. Tratou a Rainha o casamento da Infanta D. Catharina com ElRey Carlos II. de Inglaterra, que se effeitvou no anno de 1661, como dissemos no Livro VIII. Capitulo III. do Tomo VII. pag. 293, em que o Duque fez tudo o que devia por a conclusãõ deste negocio, do qual felicitando-o o mesmo Rey, lhe escreveo a Carta seguinte, cujo Original se conserva na Livraria

da Casa Real Portug. Liv. IX. 283

ria manuscrita da Casa de Cadaval, como todas as que referimos, copiadas dos Originaes, e diz assim:

„Carolus Dei gratia Magnæ Britaniæ, Fran-
„ciæ, & Hiberniæ Rex, Fidei Defensor, &c. Ex-
„cellentissimo Domino Duci de Cadaval, Serenissi-
„mo Portugalliæ Regi à Consiliis Secretioribus,
„&c. salutem. Excellentissime Domine, litteras Ex-
„cellentiæ Vestræ Nobis atulit Vir Optimus Epis-
„copus Electus Promontorii Viridis, undè genero-
„sitatem animi vestri in rem, & personam Nostram
„propensissimi faciliè comperimus. Gratissimus cer-
„tè Nobis esset adventus vester in Angliam, & Se-
„renissimam, Dilectissimamque Conjugem Nostram
„tam eximio satrapa comitatam fore, multò acce-
„ptissimum haberemus: sed omnia nostra solatia,
„& comoda etiam, boni Fratris Nostri Portugal-
„liæ Regis utilitati postponere didicimus; Et cum
„sua Majestas Excellentiæ Vestræ præsentia alibi
„indigeat, Nos tanta gaudii Nostri parte non in-
„vitè carebimus. Illud utcunque sciat Excellentia
„Vestra, ubicunque res Lusitanicas procurat, pro-
„mouetque (quas cum Nostriis propriis æquè caras
„habemus) non minùs placebit, quàm si in Aula
„nostra esset, & in honorifico Regiæ Nostre Re-
„gio de Whitehall, tertio die Decembris, 1661.

„Excellentiæ Vestræ

„Bonus amicus.

„CAROLUS REX.

Tom.X.

Mm

E

E no sobrescrito:

„Excellentissimo Domino Duci de Cadaval,
„Serenissimo Portugalliae Regi à Confiliis Secretio-
„ribus, &c.

He esta Carta a mais evidente demonstraçaõ da grande pessoa do Duque pelas benignas expressoens, de que se compoem, e o que he mais, pelo tratamento de Excellencia, favor taõ especial, de que naõ temos visto semelhante exemplo, que entaõ a nova alliança delRey Carlos II. da Grãa Bretanha com a nossa Coroa, permittio ao Duque como a Principe do sangue da Real Casa Portugueza, que o fazia benemerito da Real attençaõ, quando o quiz distinguir com taõ singular expressaõ da sua benevolencia. Depois escreveo o Duque ao mesmo Rey com a occasiaõ da morte da Rainha D. Luiza sua sogra, dandolhe os pezames, a que lhe respondeo na lingua Franceza a Carta seguinte, que traduzida fielmente, diz assim:

„Meu Primo. Sirvome da occasiaõ dos pa-
„rabens, que dou a ElRey, meu Senhor Irmaõ
„do seu casamento, para vos agradecer os peza-
„mes, que me dèstes da morte da Rainha minha
„sogra, a qual me foy muy sensível pela estima-
„çaõ, que fazia da sua pessoa, e amisade, que
„com ella tinha. Tenho dado ordem ao meu
„Enviado, para que vos veja da minha parte, e
„vos segure, que folgarey muito de ter occasioens,
„em

„em que poder testemunhar a verdade , com que
„fou.

„ Meu Primo

„ Vosso affectuoso Primo

„ Whitehall

„ 27 de Novembro de 1666.

„ CARLOS REY:

Governava sábia , e prudentemente a Rainha D. Luiza com universal felicidade da Monarchia , mas sentindo algumas desordens delRey seu filho , nascidas de pessoas de inferior cathegoria , a que chamavaõ *Patrulha Baixa* , de que se servia , e determinando pelo modo mais suave de apartar da sua Real pessoa aquelles , que eraõ prejudiciaes com a sua assistencia , resolveo o modo , communicando este negocio ao Duque , e outros Senhores , como já escrevemos no Capit. IV. do Livro VII. pag. 367. Era o Duque hum dos Ministros , que com mayor cuidado attendia à conservaçã do Reyno , e de quem a Rainha muito se servia , e naõ approvando algumas das cousas , em que ElRey se divertia , incitado das más companhias , que lhe assistiaõ , pelo que já naõ era grato a ElRey o voto do Duque , sendolhe suspeito no serviço da Rainha , augmentando-se mais a desconfiança depois , que vio o intrepido desembaraço , com que tirou do Paço a An-

Tom.X.

Mm ii

tonio

tonio de Conti Vintimilha, a quem ElRey favorecia com especialidade entre os outros da Patrulha, e foy embarcado em hum navio, e mandado para a Bahia, e outros para diversas partes do Reyno, como elegantemente escreveu o Conde da Ericeira, e por hora basta dizer, que a authoridade do Duque foy tal, que pode dentro no mesmo Paço conseguir prender hum homem tão favorecido delRey, a quem os mayores Senhores attendiaõ sómente por esta circumstancia.

Era esta a primeira disposiçaõ, que a Rainha determinara para largar o governo a ElRey, que instigado, dos que o serviaõ, quasi lho haviaõ pretendido tirar com pouco decóro, naõ merecido das admiraveis virtudes, e incançavel disvello, com que aquella celebre Heroína se tinha applicado à conservação, e utilidade do Reyno. Entrou ElRey no governo, e tendo seguras, ao seu parecer, as cousas domesticas, querendo desembaraçar aos que serviaõ no novo ministerio daquellas pessoas, que se entendia eraõ as principaes com quem a Rainha se aconselhara na prizaõ de Antonio de Conti, e tambem de hum papel, que sobre as desordens delRey havia pouco lhe enviara; foraõ as primeiras resoluções deste governo sentenciarem camerariamente todos a desterro para os lugares mais remotos, e ao mesmo tempo mandou sahir da Corte o Duque, o Conde de Soure, Manoel de Mello, o Monteiro mór, o Conde de Pombeiro, o Secre-

rio

Portugal Restaur. liv. 7.º pag. 471.
Palmer, De Bello Lusitano, lib. 1.º, p. 464.
La Certe, Histoire Generale de Port. tom. 2.º pag. 754.

rio de Estado Pedro Vieira da Sylva, o Padre Antonio Vieira, e Luiz de Mello teve ordem para se abster de ir ao Paço, havendolhe feito primeiro merce do officio de Porteiro mór para seu filio Christovão de Mello, que governava Mazagaõ, e o de Capitão da Guarda a Manoel de Mello, negociandolhe este alivio na sua desgraça o Conde de Atouguia. O Marquez de Gouvea vendo-se destituido de seus amigos, e muy defraudado das prerogativas do seu officio de Mordomo mór, pedio licença para sahir da Corte, que se lhe negou, e instando, se lhe permittio, com a condição de não voltar a ella sem ordem delRey, e com o desferro do Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva foy escolhido Antonio de Sousa de Macedo para occupar este lugar.

Foy mandado o Duque em Agosto do anno de 1662 para a Villa de Almeida, ultima Praça da Provincia da Beira, e supposto, que se ordenara aos Generaes, que o não deixassem sahir à Campanha, soube o Duque interpretar as ordens a favor do brio, com particular satisfação do General Pedro Jaques de Magalhaens, Governador das Armas daquella Provincia, que respeitando a sua pessoa, se lhe fazia mais estimavel pelo valor. Todo o tempo, que durou o ostracismo do Duque servio de Soldado com tanta pontualidade, e risco da sua pessoa, que não houve empenho, ou occasião, nem trabalho algum, que não participasse do seu valor, e dêsse
princi-

*Portug. Res. Ann. Liv. 7.
pag. 491.*

principio o seu zelo, fatisfazendo desta sorte o amor da liberdade da patria aos aggravos, que da Corte tinha recebido; e assim devia de ser para chegar a ter lugar no templo da Heroicidade, onde se não costuma entrar senão com hum animo tão grande, que supera a mesma adversidade. Servia o Duque na guerra, a que o levava naturalmente o genio, como se fora premiado, como se vio na empreza de Serralvo, que felizmente conseguiu o General Pedro Jaques, em que o Duque teve grande parte, conio quando o mesmo General se emboscou junto de Ciudad Rodrigo, e conseguindo entrar na emboscada sem ser sentido, sahindo a Companhia de guarda, ordenou ao Conde da Vidigueira, e a D. Martinho da Ribeira, que a carregassem com tres batalhoens, dando ao Duque o lado direito, com que peleijou com grande valor por ser debaixo da mosquetaria, e artilharia a tiro de cravina; porém quando chegaraõ junto da porta, haviaõ sahido da Praça quinhentos Cavallos em soccorro da Companhia, que foraõ carregados com tanta força, que os obrigaraõ a se recolherem com perda consideravel, e mayor na reputaçã. Neste mesmo anno, que era o de 1664, determinou o General interpernder a Villa de Freixeneda, grande, rica, e defendida com hum Forte bem guarnecido, pelo que servia de alojamento a algumas Companhias de Cavallos, que incommodavaõ aos moradores do Termo de Castello-Rodrigo. O Conde da Vidigueira, Gen-
Gen-.

Portugal Resour. part.
2. liv. 9. pag. 655.

General da Cavallaria , ganhou os póstos sobre a Villa , e chegando o Governador das Armas , mandou arrimar ao Forte hum minador , não querendo o Cabo renderse ao primeiro combate , o apertaraõ de forte , que se abriu brecha com hum mina capaz de assalto , sendo o Duque hum dos primeiros , que a investiraõ , e depois de duas horas de valerosa resistencia , foy entrado o Forte. Recolheraõ-se os defensores à Igreja , que tambem tinha defenſa , e mandandolhes o General offerecer partidos , os recusaraõ : arrimou-se à porta segundo petardo , deu-selhe fogo , e havendo de entrar por ella os Soldados , fahiraõ os Sacerdotes revestidos a pedir misericordia , e sendo dignamente respeitados , deteve a authoridade do Duque , do General Pedro Jaques , e do Conde da Vidigueira a furia dos nossos Soldados , e ficando o sagrado respeitado , ficou satisfeita a ambiçaõ dos Soldados. O Duque obrou neste dia acções de immortal fama , não só de valor , mas de acordo , com que satisfez as obrigações de Soldado , de Christaõ , e de Principe. Achou-se depois em outras occasiões , e aos rebates , que havia continuamente , com tal excessõ , que sendo presente na Corte o continuado risco , que corria , e a importancia da sua pessoa , lhe ordenou ElRey por huma Carta , que não fahisse a semelhantes occasiões , e rebates , e replicando à ordem , continuou sempre na mesma fórma por espaço de tres annos , que esteve em Almeida , com geral applauso dos Solda-

Soldados. O defabrido do clima de Almeida com o trabalho taõ continuado lhe originaraõ algumas queixas, a que foy preciso dar prompto remedio, pelo que os Medicos lhe applicaraõ os banhos das Caldas da Rainha junto a Obidos, adonde o Duque foy, e depois de tomar os banhos passou para a sua Villa de Tentugal, tempo, em que já alguns dos desterrados, que sahiraõ da Corte pelo mesmo motivo, haviaõ sido restituídos, havendo-se dissimulado com elles o estarem em outras terras. Porém ao Duque, que por diverso motivo, sem saltar à obediencia, interpretava com a urgente necessidade da saude a ordem, lhe foy estranhado o estar em Tentugal. Entaõ fez o Duque huma representação a El Rey, taõ respeitosa, como eloquente, porque foy felicissimo no modo, com que lançava os papeis, sendo os seus votos admiraveis na energia, com que se explicava, e as suas Cartas missivas excellentes no estylo taõ natural, de que usava. Neste memorial mostra a má vontade, com que seus inimigos o malquistavaõ com Sua Magestade, naõ se esquecendo do amor, com que o crearaõ, e lhe haviaõ assistido os Marquezes seus pays, as grandes honras, que receberaõ das Magestades del Rey D. Joaõ, e da Rainha D. Luiza, e as que tiveraõ sempre seus avós dos Serenissimos Duques de Bragança, de que elle descendia, e o quanto a sua pessoa havia experimentado de incomparaveis honras das mesmas Magestades, e que devendo obedecer à Regente,

gente, não offendera a Sua Magestade, porque no seu nome se executara a ordem, que se lhe dera, e expondo a sua justiça tão manifesta, pedindo a El-Rey ultimamente o mandasse processar, moderando no modo, com que se explicava a queixa, o que faz mais excellente este papel. Passado algum tempo se lhe permittio poder trazer a sua Casa para menor distancia, e foy para a Villa de Alenquer, depois de cinco annos de desterro, o que participou ao Infante D. Pedro, que lhe respondeo com a Carta seguinte de propria mão, de que vimos a Original.

„Honrado Duque, Sobrinho Amigo: Eu o
„Infante vos envio muito saudar como aquelle,
„que muito amo, e prezo. Foyme dada a vossa
„Carta de 14 do corrente, em que me daes conta
„da merce, que ElRey, meu Senhor, foy servido
„fazervos, na permissão de assentares a vossa Casa
„dez legoas da Corte, o que estimey infinito, não
„tanto por vos ter mais visinho, quanto pela espe-
„rança, que dahi tiro, de ser principio esta acção
„a de chamarvos muito sedo Sua Magestade para
„junto de si, e fazervos aquellas honras, que à vos-
„sa Casa, e serviços são devidas, e podeis crer do
„meu animo pela experiencia, que tendes da gran-
„de estima, em que tive sempre a vossa pessoa, que
„vos ajudarey a festejar todas as occasioens, que ti-
„verdes do vosso contentamento. Escrita em Lis-
„boa a 30 de Junho de 1667.

INFANTE.

Tom.X.

Nn

Aca-

Acabaraõ por entaõ os progressos militares do Duque na Campanha , porque levantado o desterro , foy restituído à Corte , adonde no curso da sua vida havia de fazer ainda mayores serviços à patria , dando da sua grandeza hum geral conhecimento ao Reyno ; porque perturbado o governo politico , pendia de remedio prompto , e ainda que parecia violento , a causa o pedia sem dilaçaõ ; desfejavaõ todos evitar as desordens , porque sendo grandes , cada dia se temiaõ mayores. O Infante D. Pedro naõ podendo já soffrer as desattensões publicas , com que o desabrimento de seu irmaõ o tratava , pedia satisfação na pessoa do valido , e vendo , que se lhe difficultava , com resoluçaõ heroica entrou em mayor idéa , a qual assim como o Duque chegou do seu desterro , que foy em 10 de Agosto do anno de 1667 , lha communicou o Infante , e aggravadas as causas se tomou a resoluçaõ , de que ElRey dimittisse de si o governo , e o entregasse ao Infante , como fica escrito. Neste negociado teve o Duque grande parte , assim pela authoridade , de que se revestia a sua pessoa , como pela resoluçaõ , e grande talento. Boa demonstraçaõ he da sua prudencia , e valor , o expediente , que tomou , quando ElRey D. Affonso estava taõ precipitado da cohera por entender , que o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo , de quem a Rainha justamente se dava por offendida , era morto por ordem do Infante ; quiz o Duque desfazer este engano,

no, trazendo à presença delRey o Secretario; sahio a buscillo, o temor de perder a vida o tinha fechado em huma casa, bateo à porta, duvidou abrir, porém o Duque com a segurança da sua palavra, lhe tirou o receyo de perder a vida: assim confiado no Duque sahio com elle para a Camera delRey por entre o concurso da Nobreza, e povo, que estava no Paço; começaram a alterar-se os animos, dos que julgavaõ ao Secretario causa daquella perturbação, e sentido o rumor, conheceo o Duque o risco, e levantando a voz, com valerosa authoridade disse: *Antonio de Sousa vay comigo*, e bastou esta acertada advertencia para atalhar todo aquelle impulso, e entrando com o Secretario na Camera delRey o defendeanou, de que não era morto, sendo a sua authoridade, a que serenou os animos de todos, segurou não só então, mas depois ao mesmo Secretario para que pudesse sair do Paço sem receyo: este successo mostrou não só o respeito do Duque, mas o valor, com que sabia resolver-se nos casos mais apertados, porque foy promptissimo nas resoluções, com tão perfectas medidas, que já mais se lhe frustraraõ.

Nas turbações, que então padeceo a Corte entre os desconcertos, e domesticos dissabores, era o mayor a incapacidade delRey para o matrimonio, de que a Rainha afflicta, consultando Letrados, tomou a resolução de se recolher ao Mosteiro da Esperança de Religiosas de S. Francisco, habita-

Tom.X.

Nn ii

do

Portug. Restaur. tom.
2. liv. 2. pag. 884.
Pallares. De Bellis Lu-
sitani, lib. 10. pag. 514.
La Ciole, Histoire, Gé-
nér. de Portug. tom. 2.
p. 777.

do da primeira Nobreza do Reyno, e querendo logo tratar do divorsio, e separaçãõ, mandou chamar ao Duque, a quem communicou a sua resoluçãõ, e o nomeou seu Procurador na causa do Divorsio, que o Duque aceitou com aquella prompta obediencia, que sempre teve para tudo, o que era servir, com admiravel fidelidade. As desordens do governo, e a notoria incapacidade delRey para o thalamo obrigaraõ aos Vassallos a evitar a ultima ruina, procurando ao Infante D. Pedro para que com a sua pessoa fosse o remedio do Reyno, o que se conseguiu felicissimamente, porque ElRey Dom Affonso dimittio o governo, como dissemos no Livro VII. Capit. IV. pag. 403 do Tomo VII. Em todo este negociado assistio o Duque ao Infante com a pessoa, e com o conselho, e naõ sem perigo da propria vida, que por muitas vezes a teve entãõ arriscada, porque naõ eraõ poucos os inimigos, que o buscavaõ; porém elle superior a toda a fortuna, com valor, e admiravel constancia, desprezando os perigos, que o ameaçavaõ, mostrou a grandeza do seu coraçãõ, que naõ se lhe dava de arriscar a pessoa, por conseguir a faude do Reyno, immortalizando a sua memoria.

Determinado pelos Tres Estados do Reyno o jurarem ao Infante D. Pedro por Principe herdeiro da Monarchia Portugueza, o que se celebrou a 27 de Janeiro de 1668, neste solemne acto fez o Duque o officio de Condestavel, lugar, que o mesmo
Prin-

Principe occupara nas Cortes precedentes. Neste mesmo anno a 9 de Janeiro foy o Principe D. Pedro jurado Regente, e Governador destes Reynos, no impedimento perpetuo delRey D. Affonso, e tambem neste acto exerceo a grande occupação de Condestavel. Concluindo-se depois o casamento do Principe com a mesma Rainha, de quem o Duque teve Procuração, os recebeu o Bispo de Targa a 2 de Abril do referido anno, tendo a Procuração do Principe o Marquez de Marialva. Compostas as domesticas perturbações da Corte, entrou o Principe Regente no governo com tanta felicidade, que em pouco deu aos seus Vassallos a mayor, que costumaõ lograr os póvos; porque no mesmo anno se effeituou a paz com Castella, com tantas ventagens da nossa Monarchia, de que foy grande parte o Duque, sendo o primeiro Plenipotenciario nomeado para este Tratado com outros Ministros de grande qualidade, de que já fizemos menção, a que deraõ gloriosa conclusão, assinando-se em Lisboa no Convento de Santo Eloy a 13 de Fevereiro de 1668. Neste mesmo anno a Rainha D. Maria Francisca, entaõ Princeza, o nomeou seu Mordomo môr, occupação, que exercitou toda a sua vida, servindo successivamente a Rainha Dona Maria Sofia, e a Rainha D. Maria Anna de Austria, sendo a todas grata, e estimada a sua pessoa; porque nelle acharaõ sempre as Magestades Portuguezas toda a satisfação, no an.or, promptidaõ, e fidelidade.

fidelidade, com que as servia, de que nascia tratameno com tanta confiança, como estimação.

No anno de 1669 nasceu a 6 de Janeiro a Infanta D. Isabel Luiza Josefa, e conferindo-lhe o Sacramento do Bautismo a 2 de Março, foy levada nos braços do Duque Mordomo mór da Rainha sua mãy, e depois tambem com o tempo levou a seus irmãos, e alguns dos filhos del Rey D. João V. como temos referido, quando não teve impossibilidade, causada do mal da gotta, que padecia, porque só por molestia grave deixou o Duque de servir todo o tempo, que lhe durou a vida. Neste mesmo anno experimentou o Duque hum terrivel contratempo, porque não tendo ficado da união da Duqueza Dona Maria de Faro sua esposa mais, que a Condessa de Tentugal D. Joanna de Mello e Faro, unica herdeira desta Casa, que não contando de idade mais que oito annos, passou a viver na Eternidade, deixando ao Duque com o justo sentimento da sua falta, que a sua constancia tolerou com a prudencia do seu grande coração, que já mais se perturbou, nem ainda com as infellicidades: esta grande perda obrigou ao Duque a cuidar com a brevidade possivel no seu remedio, passando a segundas vodas, e depois de assentar, com o parecer, e approvação do Principe Regente, e da Princeza, que havia de ser em França, o participou a Duarte Ribeiro de Macedo, Enviado da nossa Corte na de Pariz, e tratando este negocio com aquelle grande talento,

talento, de que foy dotado, propoz ao Duque diversas Princezas, e preferindo-se entre ellas a Madamoiselle de Harcourt, filha de Francisco de Lorena, Conde de Harcourt, ramo da Serenissima Casa de Lorena, se ajustou o negocio com satisfacção das partes, e passando-se a hum Tratado, se outorgou no primeiro de Fevereiro de 1671, dotando-se a Princeza com cem mil libras de moeda Franceza, sendo Procurador do Duque o mesmo Enviado, o que se fez na presença das Magestades, onde foy a Princeza, levando-a pela mão o Duque de Guise de huma parte, e da outra o Duque de Elbeuf; assina- raõ o Tratado ElRey, a Rainha, o Duque de Orleans, e outros Principes, conforme a cerimonia, e costume daquella Corte: ElRey Christianissimo lhe fez especiaes honras, e depois a Rainha a tratou com grande carinho, levando-a à sua Camera. No dia 7 do referido mez se fizeram os desposorios no Palacio de Guise, que estava ornado magnificamente; disse Missa o Bispo de Laon, e assistido dos Principes, e Princezas da familia de Lorena, e de outros muitos Principes, e Grandes Senhores, se receberam, tendo a Procuração do Duque o Principe de Harcourt seu cunhado; houve hum grande jantar, a que esteve a Rainha, e Sua Alteza Real a Duquesa de Orleans; serviraõ à Rainha os Duques de Guise, e o de Enguien, e à Duquesa de Cadaval Francisco de Andrade Botelho, Estribeiro do Duque, que tinha mandado a França, e outros

Gen-

P. Anselme, *Histoire
Général*, tom. 8. p. 496.

Gentis-homens. ElRey Christianissimo mandou preparar huma Esquadra de quatro naos de guerra para conduzirem a Duqueza a Portugal, e entrando no porto de Lisboa, foy recebida com aquelle tratamento devido ao seu alto nascimento, e ao ser esposa do Duque, como ao diante diremos. Havia o Duque escrito a ElRey Luiz XIV. sobre o seu casamento, no qual se interessou em attenção do Duque, a quem escreveu a Carta seguinte:

„ Meu Primo. Tenho estimado muito as de-
 „monstrações de gosto, que vós me testemunhaes
 „de haver contrahido alliança com huma Princeza
 „da minha Casa; Eu tive summo gosto de a ver,
 „e não duvido, que isto não sirva tambem de aug-
 „mentar a inclinação, que sempre mostrastes aos
 „meus interesses. Desejo, que esta alliança seja
 „seguida de muitas felicidades, e vos dê tanta sa-
 „tisfação, como promettem as apparencias regu-
 „ladas pelas virtudes, e merecimentos da Princeza
 „vossa esposa. Tende tambem a certeza, de que
 „eu estimarey summamente dar a hum, e a ou-
 „tro testemunhos do meu affecto em todas as occa-
 „sões, que se offerecerem. Nosso Senhor haja a
 „vossa pessoa, meu Primo, em sua santa guarda.
 „Pariz, 6 de Fevereiro de 1671.

„ Luiz.

„ De Lione.

O

O Principe Regente, que conhecia o admiravel talento, e prestimo do Duque, em tudo o occupava; porque elle servia a Rainha, assistia no gabinete todos os dias ao Despacho, e Expediente, ao Conselho de Estado, e outros negocios, que occorriaõ, não só de importancia, mas nos domesticos, e ainda nas mais leves cousas se recorria ao prudentissimo arbitrio do Duque; assim não só ElRey Dom Pedro se servio delle, como referimos, mas ElRey D. João V. seu filho quasi todo o tempo, que lhe durou a vida. Pelo que o Principe Regente querendo com o respeito do Duque authorisar os Tiibunaes, o fez Presidente do Conselho Ultramarino por Carta passada a 29 de Junho de 1670, lugar, de que se despedio a 29 de Mayo de 1673, em que lhe succedeo D. Francisco de Sousa, I. Marquez das Minas. Neste mesmo anno resolveo o Principe guarnecer a Corte com Cavallaria paga, e para o governo della nomeou ao Duque por General, e de toda a da Provincia da Extremadura, posto, que exercitou com grande satisfacão do Principe, e amor dos Soldados, que durará sempre na sua memoria, com saudade bem merecida, porque o Duque os attendeo com grande cuidado, compaixão, e generosidade.

Contava a Infanta Dona Isábel Luiza Josefa o primeiro lustro da sua brilhante fermosura, quando foy jurada herdeira destes Reynos no dia 27 de Janeiro de 1674, e na solemnidade deste Auto exerci-

Tom.X.

Oo

tuu

tou o Duque o officio de Condestavel. Era grande a pessoa do Duque, mayores os merecimentos, que o habilitavaõ para todos os empregos, porque o seu prestimo se fazia necessario no Real serviço, não havendo cousa, em que o não empregassem, como a historia nos irá sempre mostrando. Neste mesmo anno teve o Duque hum sensível golpe, porque a 10 de Julho faleceo a Duqueza, não deixando mais que huma unica filha, e vendo-se precisado a tomar outra vez estado, para continuar a varonia da sua grande Casa, revestido da prudencia superior aos trabalhos, sem dilacão, buscou promptamente o remedio. Escreveo a ElRey de França, e ao nosso Enviado Duarte Ribeiro, que ainda residia na Corte de Pariz, que havendo ajustado o casamento com a Princeza Maria Leonor de Lorena, chamada Madamoiselle de Elbeuf, filha de Carlos de Lorena, Duque de Elbeuf, Par de França, Governador da Provincia de Picardia, que depois faleceo a 4 de Mayo de 1692, e de sua segunda mulher Isabel de la Tour de Bovillon, filha de Federico Mauricio de la Tour, Duque de Bovillon, e da Duqueza Eleonor Catharina Febronia de Bergh, porém esta Princeza, tocada de superior moção, recusou estas vodas com a vocação de ser Religiosa, e com effeito entrou no mesmo anno no Mosteiro das Religiosas da Visitação do Arrabalde de S. Jaques, onde professou a 16 de Mayo de 1676 com sentimento de seus pays, e parentes, que com tanto

to gosto estimavaõ esta alliança. ElRey Christianissimo, que havia entrado neste negocio, teve desprazer da resoluçãõ, e querendo mostrar ao Duque o quanto se interessava no negocio mais importante da sua Casa, lhe mandou significar pelo seu Embaixador lhe era conveniente para esposa Madamoiselle de Armagnac, em quem concorriaõ as mesmas circumstancias, que na primeira, por ser da mesma Casa de Lorena, filha de Luiz de Lorena, Conde de Armagnac, do mesmo ramo de Elbeuf, o que o Duque aceitou, agradecendo a ElRey a honra, que lhe fazia em se interessar com tantas demonstrações da sua benignidade no seu casamento, e mandando huma Procuração feita a 7 de Abril de 1675 ao Enviado Duarte Ribeiro de Macedo, se outorgou o Tratado deste Matrimonio solemnemente no ultimo de Julho de 1675, em que foy dotada a Princeza Margarida Armanda de Lorena com cento e cinquenta mil libras de moeda Franceza, obrigando-se o Duque à restituicão dellas nos casos de separaçãõ sem filhos, e de na sua viuvez lhe dar ao seu arbitrio a escolher huma das Villas da Casa, que gozaria na fórma dos Senhores della, com dez mil cruzados para a sustentaçãõ da sua pessoa, e familia: e ao mesmo tempo, por outra Procuração, se recebeu o Cavalleiro de Lorena, em nome do Duque, com sua irmã, que ElRey Christianissimo mandou conduzir a Portugal por huma Esquadra de guerra: esta esclarecida uniãõ foy em tudo ditosa, como ve-

remos na fecundidade desta Princeza , que foy ornada de excellentes virtudes.

Com o Tratado , que a nossa Corte celebrou com a de Castella , se gozava em toda a parte da felicidade da paz , que o Principe Dom Pedro esteve resoluta a romper , fentido do atentado , que na America commettera o Governador de Buenos Ayres contra os moradores da Nova Colonia do Sacramento , ordenando ao Duque se puzesse prompto para passar ao Alentejo , e estando para partir , o evitou ElRey Catholico Carlos II. satisfazendo ao Principe , para o que mandou à nossa Corte por seu Embaixador a D. Domingos Judice, Duque de Jovafano , com hum pleno poder para ajustar este negocio ; foy seu Conferente o Duque de Cadaval , e depois o concluiu com o Tratado Provincial , que se celebrou em Lisboa , sendo da nossa parte o primeiro Plenipotenciaria o Duque , e os outros o Marquez de Fronteira D. Joaõ Mascarenhas , e o Bispo Secretario de Estado D. Fr. Manoel Pereira , e se affinou no primeiro de Mayo de 1681. Neste mesmo anno morreu em Setembro o Marquez de Fronteira , Governador das Armas da Provincia da Estremadura , e logo foy conferido este posto ao Duque com a Patente de Mestre de Campo General junto à pessoa do Principe , preeminencia taõ grande , que lhe fazia indisputavel a precedencia adonde affistisse naõ só a pessoa do Soberano , mas em toda a parte , por ser reputado o posto pelo mesmo , que

Capitão

Capitão General do Reyno, como depois se declarou, como adiante veremos.

Era a Infanta D. Isabel Luiza Josefa presumptiva herdeira do Reyno, e já com a precisa idade para o thalamo, e como se haviaõ perdido as esperanças, de que pudesse ter mais irmãos, se tratou do seu estado, de que dependia naquella consideração a segurança da Coroa, foy preferido pela Rainha para seu esposo Viçtor Amadeo, Duque de Saboya, filho de Madama Real sua irmã, circumstancia, porque a Rainha venceu todas as difficuldades, que entãõ occorreraõ aos Ministros, que eraõ de contrario parecer. Finalmente concluido o Tratado desta alliança, e tudo o que para esse effeito se passou, como dissemos no Capitulo XII. do Livro VIII. pag. 398 do Tomo VIII. foy nomeado o Duque Embaixador Extraordinario para conduzir este Principe a Lisboa, com quem se havia de receber na Corte de Turim, em virtude da Procuraçãõ, que a Princeza lhe dera, feita a 29 de Mayo do anno de 1682. Embarcou o Duque na Armada Real, que estava prompta, de que era General Pedro Jacques de Magalhaens, Visconde de Fonte-Arcada, do Conselho de Guerra, que com todos os mais Cabos, e Officiaes hiaõ à ordem do Duque: aportaraõ em Niza, onde Madama Real o mandou logo visitar, e passando sem demora à Corte, foy recebido com extraordinarias demonstrações por todas as partes por onde passou, naõ só nos Estados de Sa-

boya,

boya, mas nos delRey de França Luiz XIV. que ordenou ao Governador de Pignerol o Marquez de Ervilhe, lhe dèsse o mesmo tratamento, que a Corte de Pariz dava aos Principes Estrangeiros, querendo nesta declaração mostrar, que ao Duque lhe competia aquelle tratamnto como Principe do sangue da Casa Real Portugueza, de que descendia; assim foy tratado de Alteza, mandando tambem, que ao Duque se fizessẽ todas as honras Militares, que se costumavaõ praticar com a sua Real pessoa. O Marquez Governador o foy esperar antes de entrar na Praça com tres mil Infantes, e quatrocentos Cavallos, observando tudo, o que se lhe tinha ordenado, lhe entregou as chaves da Cidade, e Castello, que o Duque cortez, e atento recusou, porém obrigado das instancias do Governador fez a cerimonia de as tocar; na noite deu o Santo, e no seguinte dia sahio da Praça com as mesmas honras, com que entrara; e chegando à Corte de Turim, Madama Real o honrou com tão especiaes attentões, como pedia o gosto, que lhe causava a commissão do Duque, cuja pessoa tratou com grande, e benigna familiaridade.

O Duque de Saboya mal convalecido de hum febre, que padecera por quarenta dias, não com pouco perigo da vida, se achava de cama a primeira vez, que o Duque Embaixador o visitou, lhe mandou pôr cadeira de espaldas para se sentar, que o Duque grande Senhor, e grande cortezaõ recusou

fou com notaveis expressões de attenção, e galantaria. Duraraõ os obsequios, e conferencias sobre o Duque de Saboya embarcar na Armada para Portugal, e tambem se dilatava a restituicão da saude deste Principe mais do que elle desejava para poder fazer a viagem, que ao parecer dos Medicos naõ estava em estado de intentar; o Duque Embaixador considerando o quanto convinha ao bem publico do Reyno frustrar aquelle Tratado, valendo-se de diversos accidentes, que occorreraõ, persuadio ao Principe Regente o quanto lhe importava naõ perder a occasião, que Deos lhe offerecia, para desvanecer aquella alliança, que o seu ardente zelo veyo a conseguir, parecendo impossivel desvanecer hum negocio depois de ajustado, em que a Rainha estava taõ publicamente empenhada, como sua irmã Madama Real, de que se seguiriaõ importantes utilidades à Casa do Duque, que soube atropelar com heroica resoluçãõ, sendo para elle mais climaveis os interesses do Reyno, do que os proprios; porque já mais se occupou o seu grande coração da cobiça, revestido sempre do bem publico. O Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, taõ Christaõ, como Politico, com a eloquencia, que ornava de vasta erudiçãõ, no Compendio da Vida, que escreveu da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, cujo Original conserva seu neto o eruditissimo D. Francisco Xavier de Menezes, referindo este successo, diz: *Desempenhou o Duque nesta ac-*

çãõ

ção as obrigações do seu sangue, e o zelo, e amor da Patria, que com a espada defendeo, e assegurou com a prudencia; como já dissemos, quando tratámos do Senhor Rey D. Pedro no Livro VII. Capitulo V. pag. 478 do Tomo VII. acreditando com tão excellente Escriitor, o que referimos deste Heroe, que tendo na sua vida tantas occasioens de se gloriar, já mais se lhe reconheceo verdadeira satisfacção, como na deste successo, que lhe durou justamente todo o tempo da sua dilatada vida, e assim devia de ser, porque com este negociado foy elle depois do Grande Rey D. Joáo IV. o segundo libertador da patria; porque a elle devemos conservar-se ditosamente a Real varonía dos nossos Reys, vindo a ser o tempo depois fiel testemunha do zelo do Duque, e tambem da nossa felicidade na successão del Rey D. Pedro II. em que tambem o Duque teve grande parte nas instancias, com que o persuadio a passar a segundas vodas.

Succedeo no anno seguinte falecer a 12 de Setembro D. Affonso VI. em cujo enterro o Duque se achou; succedeolhe o Principe Regente na Coroa com o nome de Rey Dom Pedro II. que até aquelle tempo havia com grande modestia recusado. Neste mesmo anno de 1683 morreo a 27 de Dezembro a Rainha Maria Francisca Isabel de Saboya, a quem o Duque assistio sempre em vida, e na morte, sendo o executor do seu Testamento, em virtude da clausula do referido Testamento, que
vay

vay por inteiro nas Provas no num. 99 do Liv. VII. a qual dizia: *Em caso, que ElRey, meu Senhor, haja de escolher Ministro, ou pessoa, de que se sirva, e ajude na direcção, e execução deste meu Testamento, terey grande consolação, que seja a pessoa do Duque, meu Mordomo môr, pela noticia, que tem de todas as cousas, e negocios, que me tocam, e por confiar, de que quem em vida me servio com tanto zelo, o fará tambem depois da minha morte em tudo, o que pertencer a ir a minha alma com mais brevidade gozar da presença de Deos.* Esta verba transcrevemos como o mayor testemunho do amor, e fidelidade, com que o Duque servia, e o alto conceito, em que estava com as Magestades, o que conservou sempre na mesma fôrma com os Reys, e Rainhas, que se seguirão, porque de todos foy igualmente estimado. ElRey Dom Pedro tendo determinado erigir hum Tribunal para o modo de se estabelecer o negocio do tabaco, a este Tribunal se deu o nome de *Junta de Tabaco*, de que o Duque foy o seu primeiro Presidente, no anno de 1678, devendo-se ao seu zelo, e cuidado o estabelecimento desse genero, que se augmentou de forte, que o seu producto veyo com o tempo a ser hum dos mayores, de que se compoem as rendas Reaes, porque o Duque fez pôr em reputação este genero no modo da sua arrecadação; neste Tribunal continuou vinte annos, sem que em todos elles levassê ordenados, nem propinas, porque sendo elle o Author daquelle Tri-

Tom.X.

Pp

bunal,

bunal, em que queria augmentar as rendas Reaes, não desejava outro interesse mais, que a satisfação de hum tão relevante serviço. E querendo El-Rey lho continuasse, no anno de 1698 o fez Presidente do Desembargo do Paço, lugar, que exercitou até à morte, e de que por muitas vezes se desejou livrar, vendo-se em larga idade, cansado com os annos, e com o trabalho; porém El-Rey D. João V. lho não permittio, ainda representandolle o escrupulo, que se lhe seguia de não poder assistir, como devia à obrigação do lugar: porém El-Rey, que conhecia o seu prestimo, e o quanto authorisava ao Tribunal com tão grande pessoa, lhe respondeo, que servisse com todo o seu comodo, como lhe fosse possível, porque elle o livrava de todo o escrupulo, que elle tivesse, porque assim era a sua vontade; tal foy a satisfação, do que elle cbrava, e o conceito do seu prestimo, que sempre foy grato às Magestades, e justamente, porque o desinteresse, com que o Duque administrou os grandes lugares, que occupou, o fizeraõ recomendavel à posteridade para exemplar do mais perfeito Ministro, porque já mais os annos, nem a larga velhice pode vencer o seu incançavel animo para deixar de ouvir as partes, sempre com admiravel promptidão, e paciencia, sendo as portas do seu Palacio tão francas para os poderosos, como para a gente ordinaria do povo, pobres, e humildes, todos nelle achavaõ acolhimento, porque a todos

todos ouvia benigno, e atento, virtude tão estimavel, que se perpetua com saudade na lembrança das gentes, louvando a sua memoria com repetidos elogios.

Preoccupado ElRey D. Pedro do alto sentimento da morte da Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboya sua amada esposa, esteve na resolução de não passar a segundas vodas; este importante negocio, que a todos os seus Vassallos havia conternado, era para o Duque ainda mais sensível pelas circumstancias, que nelle politicamente considerava, e movido da criação, amor, reputação, e memoria delRey, e da conservação do Reyno, apresentou com o Conselho de Estado de lhe fazerem huma representação, valendo-se da occasião do dia 6 de Janeiro de 1685, em que se celebravaõ os annos da Infanta D. Isabel Luiza Josefa. Foy o Conselho de Estado à presença delRey, e tocou ao Duque aquella justa supplica, que fez a ElRey, tão respeitosa, como eloquente, em nome daquelle authorissadissimo Corpo, que prostrado na Real presença, o rogava tambem em nome de todos os seus Vassallos, a quem tinha obrigação de consolar, com o seu casamento, perpetuando com o seu Real nome a gloria de hum Reyno, e de huns Vassallos, que tanto lhe mereciaõ. Depois do Duque fallar em nome do Conselho de Estado, revestido da authoridade, que concorria na sua grande pessoa, e do respeito dos seus annos, lhe disse: *Que Sua Ma-*

Tom.X.

Pp ii

gesta.

gestade lhe havia de permittir, que valendo-se da confiança de o haver trazido nos seus braços, lhe pudesse dizer, que a Princeza, que tivesse a dita de Sua Magestade a escolher para esposa, já era nascida; e com outras palavras de verdadeiro Pay da patria, que já referimos no Capitulo V. do Livro VII. pag. 479 do Tomo VII. fallou com tanto respeito, como amor, e não cessando nunca os effeitos d'elle, e do seu zelo, buscou todos os caminhos, que lhe parecerão proporcionados para pôr em escrupulo grave a consciencia delRey, o que ensinuou a diversos Padres de conhecida virtude, de que ElRey tinha bom conceito, e outros doutos, que vieraõ a conseguir moderar-se a paixão, e tratar ElRey do seu casamento na fórma, que já deixamos escrito no seu proprio lugar. Finalmente se effectuaraõ as Reaes vodas a 11 de Agosto de 1687 com a Rainha D. Maria Sofia de Neouburg, que passando a Portugal, foy o Duque seu Mordomo môr, servindo-a tanto à sua satisfação, que fez d'elle a mayor confiança, honrando-o com extraordinarias expressões da sua benignidade, quanto podia caber na sua Real clemencia; porque servia nos negocios mais graves, e nos domesticos com tanta promptidaõ, que não havia cõsa, em que não fosse consultado, porque o Duque foy toda a confiança dos nossos Augustos Monarcas.

E para mais clara demonstração das virtudes do Duque, e o quam grata era a sua pessoa à Magesta-

gestade da mesma Rainha, e estimado o seu serviço, se vê melhor na Carta seguinte do Serenissimo Eleitor seu pay, que traduzida fielmente da lingua Italiana, diz assim:

„ Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor :

„ Todas as vezes, que V. Excellencia tiver
„ gosto de me fazer favor, o pôde executar à sua
„ vontade, sem que seja necessario esperar a oppor-
„ tunidade das occasioens, mas quando lhe for mais
„ comodo: e assim he superflua a desculpa, que V.
„ Excellencia me dá na sua humanissima Carta de
„ 19 de Março passado, de ter retardado a repô-
„ ta de huma minha de boas festas: quanto mais he
„ muito importante ao serviço de Sua Magestade,
„ que V. Excellencia busque no exercicio da cassa
„ algum alivio ao grande pezo dos negocios. Re-
„ cebo hum grande gosto, de que V. Excellencia
„ conserve à minha pessoa, e Casa Eleitoral huma
„ tão favoravel propensão, de que a Magestade da
„ Rainha me tem dado plena, e verdadeira infor-
„ mação. Esteja V. Excellencia seguro, que da
„ minha parte he igualmente correspondido com hu-
„ ma perfeita confiança nos seus favores, dos quaes
„ espero, que a minha Casa receba grandes vanta-
„ gens. Agradeço a V. Excellencia o querer reno-
„ var o meu jubilo com a feliz noticia, que me dá
„ da prenhez da Rainha. Espero, que Deos aben-
„ çoará

„çoará a summa piedade de Suas Magestades , e
 „consolará os seus Reynos , Póvos , e Eítados com
 „huma permanente , e estavel successão , pois já se
 „vem os preludios da Divina Providencia. Pello
 „a V. Excellencia com toda a instancia me conti-
 „nue o seu affecto , e disponha de mim em tudo , o
 „que lhe occorrer , para assim poder dar a V. Ex-
 „cellencia hum testemunho do desejo , que confer-
 „vo no meu coração de ser perpetuamente.
 „Heydelberg, 20 de Abril de 1688.

„De Vossa Excellencia

„Senhor Duque de Cadaval

„Affectuosíssimo , e Parcialíssimo servidor

„FILIPPE GUILHELMO, ELEITOR.

Do estylo desta Carta se reconhece , o que a Rai-
 nha escrevia ao Eleitor seu pay do Duque , e qual
 o caracter , e o alto conceito , em que estava na
 Europa , a attençaõ , com que os Soberanos , que
 não eraõ Reys , o tratavaõ , e como foy attendido
 de todos os Principes ; e para mayor qualificaçaõ ,
 do que referimos , transcreveremos outra Carta do
 Sereníssimo Duque de Parma Raynucio , em que
 lhe dá conta de ter ajustado o casamento de seu fi-
 lho o Principe Duarte , que casou com a Serenís-
 sima Princeza Dorothea de Neoubourg , filha do
 mesmo Eleitor , de cuja excellã uniaõ nasceo a sem-
 pre

pre Augusta Rainha Catholica D. Isabel Farnese, a qual tirada do Original, como todas as outras, que temos produzido, e se conservaõ na Casa do Cadaval, diz vertida da lingua Italiana na nossa o seguinte:

„ Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor:

„ Tendo-se concluido felizmente o matrimonio do Principe, meu filho primogenito, com a „ Serenissima Princeza Dorothea Sofia, filha do Serenissimo Eleitor Palatino, dou parte a V. Excellencia, assim para lhe manifestar a grande estima- „ ção, que faço do seu merecimento, e da sua Casa, como para que V. Excellencia participe do „ gozto, que a mim me causa, e a toda a minha Casa: espero, que V. Excellencia estime este alegre successo, e que reconheça na parte, que delle „ lhe dou, o affectuoso desejo, que conservo de o „ servir, de que lhe peço me dê muitas occasioens, „ e em tanto de todo o coração beijo a V. Excellencia a mão.

„ Parma 15 de Dezembro de 1689.

„ De Vossa Excellencia

„ Affectuosissimo servidor

„ RAYNUCIO FARNESE.

Entre as excellentes virtudes, de que a natureza ornou a Rainha D. Maria Sofia foy a Real fecundidade.

cundidade, porque no seguinte anno deu à luz hum Principe, que com poucos dias de vida passou a gozar a Eterna, e com pouco intervallo de tempo, mas sim com o que era preciso, teve ao Principe D. João, que o Duque levou nos braços à pia, e depois a seus irmãos os Senhores Infantes D. Francisco, D. Antonio, D. Manoel, e as Infantas D. Theresa, e D. Francisca, e o que he mais aos netos dos mesmos Reys, o Principe D. Pedro, o Principe D. Joseph, o Infante D. Pedro, a Infanta D. Maria, Princeza das Asturias, e só por impedimento da molestia da gotta deixou de levar ao Infante D. Carlos, e ao Infante D. Alexandre, porque nesse acto assillio com Procuração da Rainha D. Maria Anna de Baviera, viuva delRey D. Carlos II. que foy a Madrinha por quem o Duque tocou, e em tudo se distinguio o Duque D. Nuno; o seu serviço foy sempre o mais estimavel no amor de todos estes Principes, porque elle creou a todos. Faleceo a Rainha a 4 de Agosto de 1699, e no seu enterro exercitou o seu officio de Mordomo môr; sepultado o Real cadaver no Mosteiro de S. Vicente de Fóra deu fim ao cargo de Mordomo môr, porém ElRey Dom Pedro ordenou, que exercitasse o mesmo emprego, assillindo à creação, e serviço do Principe D. João, e dos Infantes seus irmãos; assim todo o tempo, que estes Senhores estiverão na companhia delRey seu pay, em todas as occasioens publicas, o Duque os servio como Mordomo

domo môr , como em muitas partes temos referido.

Por morte delRey D. Carlos II. succedeo na Coroa de Hespanha o Duque de Anjou como neto de sua irmã a Infanta D. Maria Theresá de Auftria , Rainha de França , sendo chamado à successão daquella Monarchia pelo Testamento delRey D. Carlos ; assim entrou pacificamente de posse della no anno de 1700 com o nome delRey D. Philippe V. e depois de ser reconhecido da nossa Corte , meditando diversos motivos politicos , que então occorrerão , mudou de parecer , entrando na grande alliança , que contra este Principe se declarou na Europa. Quando estes negocios se trataraõ no Gabinete entre os Ministros de Estado , e outros , com cujo dictame ElRey se deliberou , foy o Duque sempre de contrario parecer , o que foy taõ publico na Eurapa , que escrevendo o Marquez de S. Philippe esta mesma guerra , o refere dizendo : *De contrario parecer era el Duque de Cadaval , Principe de la Real sangre , serio , y prudente.* Estas palavras referimos para que se veja o alto conceito , em que estava o talento do Duque entre as demais Nações , e o respeito com que o trata hum taõ esclarecido Author. Determinada a guerra , começou logo a brilhar a fidelidade do Duque , porque o seu ardente zelo , desprezando o proprio dictame , não cuidou mais que na utilidade do Reyno , empregando-se a servir pela gloria , e reputação do seu Rey : assim

Comentar. de la Guerra de España, lib. 4.º pag. 109.

Tom.X.

Qq

naõ

naõ só no Gabinete tratava os negocios politicos, e militares, mas os manjava, sendo Conferente dos Ministros Estrangeiros interessados na grande alliança, em que deu admiraveis mostras da prudencia, valor, e zelo na promptidaõ, com que fazia expedir, e executar as ordens, do que estava ao seu cargo, com grande satisfacão delRey.

Era hum dos artigos o haver de passar o Archiduque Carlos a Portugal, já declarado com o nome de D. Carlos III. Rey de Castella, o que se verificou, entrando no porto de Lisboa a 7 de Março de 1704, como já dissemos no Capitulo V. do Livro VII. pag. 524. Ordenou ElRey D. Pedro, que o Duque Mordomo mór o fosse comprimentar, e dar-lhe a boa vinda da pa te da Rainha da Grãa Bretanha sua irmã, e do Principe do Brasil, e dos Infantes seus filhos. O que o Duque executou embarcando em hum bergantim, acompanhado de Diogo Luiz Ribeiro Soares, General de Batalha, de Tristaõ de Mendoça, Tenente General da Cavallaria da Corte, e em outro bergantim hum grande numero de Officiaes de Guerra, e diversos criados da sua pessoa. Quando chegou a abordar a Capitania era já noite, o General, que era o famoso Cavalleiro Jorge Rook, o veyo esperar ao portaló, e o conduzio acima. Esperava entre as pontes o Principe de Lichtenstein, Ayo, e Mordomo mór delRey Catholico, que o conduzio até à primeira Camera, dizendolhe, que hia dar recado a ElRey, e voltan-

Biogr. Genral, da Casa Real Portug. tom. 7. pag. 526.

voltando, entrou o Duque na segunda Camera, em que estava ElRey só, em pé, e descoberto, tanto, que o Duque lhe fez a primeira reverencia, deu ElRey alguns passos largos até o meyo da Camera, deulhe o Duque o recado, que levava, e foy o primeiro o da Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina, viuva de Carlos II. Rey daquella Coroa, o segundo o do Principe do Brasil, e o terceiro da parte dos Infantes. Depois delRey Catholico haver respondido aos cumprimentos das pessoas Reaes, o Duque lhe fez hum da sua parte, a que ElRey correspondeo com grande benevolencia, e tanto, que o Duque fez a reverencia, despedindo-se, ElRey deu outros passos como na entrada, e o Principe de Lichteistein o acompanhou até o lugar, em que o recebera, e na mesma fórma o General da Armada. Depois teve communicação com ElRey D. Carlos, que o estimou muito, tratando-o sempre com especiaes attenções.

Declarada a guerra entre a nossa Corte, e a de Castella no anno de 1704, determinou ElRey D. Pedro acharse naquella Campanha com ElRey D. Carlos III. e ordenou ao Duque ficasse em Lisboa com o importante cuidado de assistir ao Principe do Brasil, e aos Infantes seus irmãos, e juntamente à Rainha da Grãa Bretanha, que deixava Governadora do Reyno, e mandandolhe pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, seu Gentil-homem da Camera, e do seu Conselho de Esta-

Tom.X.

Qq ii do,

do, hum papel, que continha os mayores negocios do Reyno, lhe dizia nelle, que communicasse ao Duque todas as materias graves, de que se fazia merecedor pelo seu zelo, fidelidade, e amor, e pelas largas experiencias, que tinha de todas as materias do governo, e ao Duque escreveu a Carta seguinte :

„Honrado Duque, Sobrinho amigo. Eu El-
„Rey vos envio muito saudar como aquelle, que
„muito amo, e prezo. Ainda que me he muito
„sensivel apartar de mim a vossa pessoa, porque em
„toda a parte me he muito util o vosso conselho, e
„a vossa assistencia muito agradavel, como pedem
„as muitas razoes do devido, que com vós tenho,
„e com a vossa Casa, e me seria tambem necessario
„o vosso valor, e experiencias militares nesta occa-
„siao, em que passo à Campanha com ElRey Ca-
„tholico, meu bom Irmão, e Sobrinho, sem em-
„bargo de tudo me he preciso com grande violen-
„cia do meu animo, e da muita boa vontade para
„com a vossa pessoa deixarvos nesta Corte, para
„que attendaes à defensão della, como Mestre de
„Campo General junto à minha Real pessoa, e pa-
„que assistaes à Rainha da Grãa Bretanha, minha
„muito amada, e prezada Irmã, que fica encar-
„regada do governo, em quanto eu estiver ausente,
„e ao Principe, e Infantes meus muito amados, e
„prezados filhos; e assim como eu não podia mos-
„trarvos com mayor evidencia a summa confiança,
„que

„que justamente faço da vossa pessoa, que encarre-
„garvos na minha ausencia da defensão da Cidade
„capital desta Monarchia, e assento de minha Real
„pessoa, e Corte, e da assistência, e segurança da
„Rainha minha irmã, e do Principe, e Infantes
„meus filhos; assim tambem estou certo, que em
„tudo o referido, e em quaesquer accidentes, que
„se offereçaõ, correspondereis igualmente a esta jus-
„ta estimação, e confiança, que faço de vós, com
„que accrescentarey os motivos, que tenho para a
„particular estimação, que me deve a vossa pessoa,
„e para desejar ter occasioens de vola manifestar ca-
„da vez mais, assim a vós, como a toda a vossa
„Casa, com os effeitos da minha boa vontade. Ef-
„crita em Lisboa a 8 de Mayo de 1704.

REY.

Partio ElRey a 28 de Mayo do referido an-
no, e chegando à Villa de Santarem mandou cha-
mar a Lisboa ao Duque, ordenandolhe, que sem
dilação fosse àquella Villa, cuja noticia lhe partici-
pou o Bispo Secretario de Estado D. Antonio Pe-
reira da Sylva às dez horas da noite, o que fez pre-
sente à Rainha da Grãa Bretanha, e no outro dia
fez jornada para Santarem. ElRey o encarregou
logo da expedição das munições de guerra, e boca
para o provimento do Exercito da Beira, o que fez
promptissimamente, de sorte, que em breve tempo
conseguiu com a sua admiravel actividade distribuir

as ordens em tal fôrma, que se remetteraõ todas as cousas necessârias para aquelle grande Exercito, e puderaõ as Magestades seguir a jornada, que para elle faziaõ. A Rainha da Grãa Bretanha vendo, que o Duque naõ voltava para Lisboa, mandou a Santarem ao Conde de Sarzedas com alguns negocios, e entre elles, que representasse a ElRey seu irmaõ, que se o Duque naõ voltaße logo para Lisboa, deixaria a Regencia. ElRey, que com differente idêa tinha chamado ao Duque, escreveu à Rainha os efficazes motivos, que o moviaõ para que o Duque o acompanhasse, e resolveo, que fosse exercitar o seu posto de Mestre de Campo General junto à sua Real pessoa. Era grande o conceito, que ElRey tinha do admiravel talento, e prestimo do Duque, e assim em tudo o empregava, e se servia delle, e naquella conjuntura eraõ importantes os negocios, e por isso reflectindo depois o quanto necessitava da pessoa do Duque pelo seu zelo, amor, e experiencia, o tirou de Lisboa para o levar consigo à Campanha, na qual o Duque cheyo de annos, e de merecimentos, servio com o conselho, e com a pessoa, com o incançavel ardor do seu singular espirito. Chegou ElRey ao Exercito, como deixamos referido, e tudo o que passou nesta Campanha, no Livro VIII. Capitulo V. do Tomo VII. pag. 569. O Duque naõ só exercitava o seu posto, mas acodia a tudo, o que era de mayor serviço do Reyno, e mais conveniente para o bom successo da Campanha. No

No dia 4 de Outubro do referido anno , que o Exercito marchou em demanda do rio Agueda, que os inimigos haviaõ fortificado com trincheira levantada , e guarnecida com batarias de artilharia em diferentes sitios para disputarem a passagem do nosso Exercito, que intentava passar, e sitiar Ciudad Rodrigo, e mandando-se pôr em batalha o nosso Exercito, que até às visinhanças do dito rio tinha marchado em oito columnas, o Duque a quem ElRey havia encarregado o governo da primeira linha, não só pelo seu valor, mas para que com o seu respeito pudesse evitar algumas desordens, que em outras marchas se experimentaraõ, e o Duque por especial ordem evitara, e reconhecendo no formar da linha da vanguarda, que os Batalhoens, e Esquadroens do lado esquerdo da mesma linha, lhe faltava terreno para se acabarem de meter na fórma, e que se nella entrassem ficavaõ debaixo da artilharia, e mosquetaria dos inimigos, e sendo este o modo de se empenhar o nosso Exercito em huma acção, que entãõ não convinha, mandou ao Conde do Rio Grande, General de Batalha, que dobrasse no mesmo lado esquerdo, os Batalhoens d'elle, para que ficando assim diminuida a frente por aquella parte, se não experimentasse o damno, que sem duvida succederia, se o não previra a attençaõ, e grande conhecimento militar do Duque, atalhando-o taõ promptamente. Nesta occasiãõ se adiantou com animo valeroso, e desassombrado,

brado, avisinhando-se tanto às batarias dos inimigos, que sendo huma tão principal pessoa naquelle Exercito, nenhuma esteve nelle tão arriscada pelas muitas ballas de artilharia, que deraõ tão perto da sua pessoa, que quasi chegou a assombrar o cavallo, cobrindo-o ao Duque todo de terra; porém elle inalteravel, e com animo socegado, deu neste dia com o seu valor tão bom exemplo aos Soldados. ElRey com singulares expressões honrou ao Duque, e na mesma fórma ElRey D. Carlos, os Generaes, e Cabos principaes o congratularaõ do muito, que naquella occasião obrara a sua prudencia, e o seu valor.

Voltou ElRey D. Pedro a Lisboa, e sobrevivolhe huma queixa esteve em perigo de vida, de que melhorando ficou tão enfermo, que veyo depois a falecer a 9 de Dezembro de 1706. O Duque se achou à sua morte, tendolhe assistido sempre em toda a doença, na qual estando já desconfiado dos Medicos, no dia antecedente à sua morte, depois de ter fallado ao Principe, e Infantes seus filhos, chamou o Duque, e lhe disse: *Que lhe agradezia havello servido com amor, e lealdade, e por este motivo, e que por outros lhe encommendava assistisse a seus filhos, e servisse ao Principe com as largas experiencias, que tinha das cousas do Reyno, e lhe encommendava favorecesse os seus criados em tudo aquillo, que elles necessitassem do seu favor.* O Duque lhe beijou a mão, rendendolhe as graças pela merce, que

que lhe fazia , honrando-o com tanta benignidade , merecida porém do amor , com que sempre lhe assistira , tendo a honra de o trazer nos braços , e servido como devia , e pediaõ as suas obrigações , como dissemos no Tomo VII. pag. 652 ; depois acompanhou o cadaver delRey à sepultura , e foy o Executor do seu Testamento , e o Marquez de Alegrete , deixandolhe ElRey encarregado muitas cou-
tas particulares , que só fiava do seu zelo , e amor.

Sobio ao Throno o Principe D. Joaõ , a quem o Duque havia assistido desde os seus primeiros annos com grande cuidado da sua creação , e reconhecimento do Principe , que com a sua incomparavel viveza soube comprehender logo qual era o seu talento , e assim o tratou com especial attenção , e respeito aos seus annos , e merecimentos , servindo-se da sua pessoa com grande satisfação , porque verdadeiramente o Duque D. Nuno foy quem teve a intima confiança de todos os nossos Principes , justamente recompensada no mais profundo respeito , amor , e fidelidade. Tinha o Duque huma chave negra do Paço , que trazia consigo , servindo-se della assim no Quarto delRey , como da Rainha , de quem era Mordomo môr , a qual depois da morte delRey D. Pedro levou a ElRey D. Joaõ , dizen-
dolhe , que aquella chave do Paço , que elle tinha em seu poder , lhe havia dado a Rainha D. Luiza sua avó , e que ElRey seu pay , que Deos tinha no Ceo , lhe ordenara a conservasse , permittindolhe o

Tom.X.

Rr

usar

usar della, e que agora a offerencia a Sua Magestade, que lhe ordenou usasse della na mesma fórma, que em tantos annos o fizera. Depois quando o Conselho de Estado foy a primeira vez à presenca delRey no dia 19 de Dezembro de 1706 tocou ao Duque como mais antigo, e pela preferencia do seu titulo, o expor a ElRey o sentimento, com que o Conselho de Estado chegava à sua Real presenca pela morte delRey seu Senhor; porém que a Providencia de Deos prevenira em tão grande perda huma tão singular consolação na Real pessoa de Sua Magestade, ornada de Religião, justiça, e clemencia, e outras muitas virtudes, que fariam o seu nome glorioso nos seculos vindouros, como nelles o amor, zelo, e fidelidade, como deixamos escripto no Livro VII. Capitulo VI. pag. 15 do Tomo VIII. Neste mesmo anno nomeou ElRey ao Duque para governar as Armas dos seus Exercitos, como Mestre de Campo General junto à sua pessoa, que na do Duque reputava como igual ao de Capitão General, concedendolhe a faculdade de prover póstos, e outras prerogativas, e sem mais Patente, que a Carta seguinte:

„ Honrado D. Nuno Alvares Pereira, Duque
„ do Cadaval, Sobrinho Amigo: Eu ElRey vos
„ envio muito saudar como aquelle, que muito
„ amo, e prezo. Tendo consideração às grandes
„ qualidades, merecimentos, e serviços, que con-
„ correm na vossa pessoa, e confiando, que em tu-
„ do

da Casa Real Portug. Liv. IX. 325

„do, o que vos encarregar me servireis muito à mi-
„nha satisfação, como haveis mostrado em todas
„as occasiões. Hey por bem nomearvos para go-
„vernareis o Exercito, que mandey formar na Pro-
„vincia da Beira para haver de entrar em Castella,
„o que fareis com o posto de Mestre de Campo
„General junto à minha Real pessoa, que na vos-
„sa reputo por igual ao de Capitão General, e fio
„de quem vós sois, e do vosso valor, e experien-
„cias militares, obruereis com elle tudo, o que mili-
„tariamente entenderes, que se póde obrar para cre-
„dito de minhas Armas, conservação deste Rey-
„no, e beneficio da causa commua, e acabada a
„Campanha, que espero ser muito gloriosa pela
„vossa direcção, vos recolhereis a esta Corte, e
„quero, que governeis o dito Exercito na fórma
„sobredita por esta minha Carta sómente, sem em-
„bargo de não ser Patente passada pelo Conselho
„de Guerra, não obstante qualquer ordem, ou Re-
„gimento em contrario. Escrita em Lisboa a 30
„de Abril de 1707.

„REY.

E porque o Exercito, que o Duque havia mandar,
se formava na Beira, e tal vez se poderia ajuntar ao
do Marquez das Minas, Governador das Armas da
Provincia de Alentejo, lhe mandou escrever huma
Carta, e outra a Milord Gallovay, participandolhe,
e declarando, que ambos haviaão de estar às ordens

Prova num. 23.

Prova num. 24.

Tom.X.

Rr ii

do

do Duque, em qualquer parte, que fosse a junção dos Exercitos; preparou-se o Duque para obedecer ao que ElRey lhe mandava, e tendo feito huma grande despeza no trem da sua pessoa, e mandado as bagagens para a Provincia da Beira, onde se ajuntava o Exercito, estando para partir para aquella Provincia não teve effeito por diferentes motivos, que o suspenderão. Então escreveu o Duque hum excellente papel, que deixava por instrucção a seu filho o Duque D. Jayme, a quem ElRey encarregava o governo das Armas da Estremadura na ausencia de seu pay, nelle se vê em estylo grave, e breve a advertencia, e discricção, com que o instrue, a attenção, com que persuade, insinuando, sem o explicar, o caminho da heroicidade. Dos seus papéis, sobre diversos assumptos, se podiaõ formar alguns volumes, que seriaõ muy uteis na Republica das Lettras, não sendo de menor estimação, se se dessem à luz publica as suas Cartas familiares, que seriaõ utilissimas, não só pelo que instruem, mas pelo estylo, e modo de se explicar admiravel.

Na Corte de Vienna havia ElRey ajustado o seu casamento com a Rainha Dona Maria Anna de Austria, com quem se recebera por Procuração, e passando a Rainha a Portugal em huma Armada Inglesa, entrou no porto de Lisboa a 28 do mez de Outubro de 1708, como deixamos referido a pag. 56 do Tomo VIII. Foy o Duque seu Mordomo-môr, e logo a começou a servir com tanta felicidade,

de , que no alto conceito de Sua Magestade mereceo o Duque a mayor estimação , continuando-se-lhe , como por successão , as honras , com que as Rainhas Portuguezas honraraõ a sua grande pessoa , e nascendo desta ditosa uniaõ diversos Principes , fizerão ainda mayor a gloria do Duque ; porque tendo a honra de os trazer em seus braços , teve depois a incomparavel felicidade de ser a sua pessoa grata ao Principe D. Joseph , e na mesma fórma aos demais Infantes seus irmãos , conservando taõ viva memoria em toda a Real Casa reynante , que fuz incomparavel a gloria deste famoso Heroe ; taes eraõ as virtudes do Duque , que os annos naõ as abate- raõ , antes lhe serviaõ para mayor respeito. Naõ será facil de poder achar em toda a historia outro Vassallo , que vivendo taõ largo numero de annos , enchesse a medida delles com mayor estimação dos seus Soberanos , sendo ainda mayor o conservalla dos pays aos filhos , e netos.

ElRey D. Joaõ V. em tudo grande , com especial benignidade estimou ao Duque , honrando-o muito , de que só faremos menção das demonstra- ções da sua clemencia , que foraõ publicas a todos na Corte de Lisboa. No anno de 1716 adoeceo o Duque gravemente , ElRey levado do amor de o haver creado , o quiz visitar , e foy à sua casa a 13 de Junho do referido anno , depois de ter ido primeiro fazer oração à de Santo Antonio , que naquelle dia se festejava ; foy acompanhado do Duque

D.

D. Jayme seu Eltribeiro môr, do Marquez das Minas Dom Joaõ de Sousa seu Gentil-homem da Camera, que estava de semana, e chegando à cama, em que o Duque estava, lhe disse: *Que sentia o seu achaque, mas que esperava em Deos lhe dêsse saude, e não permittisse se experimentasse a sua falta.* Esta tão extraordinaria expressão, com que ElRey distinguio os merecimentos do Duque, agradeceo elle com o mais profundo reconhecimento, beijandolhe a mão por tão singular honra. ElRey se deteve algum espaço de tempo, conversando; na casa immediata esperava a Duqueza, e quando ElRey passou, lhe beijou a mão. A Rainha nesta occasião o mandou visitar por D. Luiz da Sylveira, Veador da sua Casa, como he costume. O Juiz do povo com o seu Escrivão lhe pediaão licença para o ver, e da parte do povo lhe significou o seu sentimento, dizendo-lhe, que pela sua saude faziaão muitas deprecacões ao Ceo; deveo o Duque sempre singulares affectos, e amor ao povo, porque em todas as occasiões os homens bons delle, como nesta, entravaõ por sua casa a quererem velo, e o Duque com o genio republicano, e verdadeiro Pay da Patria, os tratava benignamente, como se conhecera a todos; assim este amor não se acabou com a morte, porque ainda hoje dura tão vivo, como tem testemunhado em diversas occasiões, interessando-se como utilidade publica na conservação da sua Casa.

Achava-se o Duque na sua Casa de Campo de Pedrou-

Pedrouços, huma legoa distante à de Lisboa, no dia 11 de Setembro de 1725, quando na tarde, depois de dormir a sesta, foy acometido de hum accidente, que depois capitularão os Medicos por ramo de estupor, que deixandolhe livre o entendimento, lhe troceo a boca para a parte esquerda, e lhe embaraçou de forte a falla, que se percebiaõ com difficuldade as palavras, e buscando na confissão o primeiro remedio, mandou chamar ao Convento de S. Joseph de Riba-Mar, que fica em muy pouca distancia de Pedrouços, ao Padre Fr. Domingos de S. Joseph seu Confessor, Religioso de vida muy exemplar, e com elle se confessou com grandes demonstrações de verdadeiro Christão; desaliõbrada a consciencia, começou a brilhar o valor, e a prudencia: mandou chamar a seu filho o Duque D. Jayme, e voltando para Lisboa, junto na carruagem com o mesmo Confessor, encontrou em Alcantara ao filho, e tanto, que o vio, lançandolhe a benção, lhe disse estas palavras: *Está acabado, porque já he tempo*; e chegando a casa, vindo-o receber sua neta D. Anna de Lorena, lhe disse: *Que era chegada a hora, e que já era tempo*. Ajuntaraõ-se os Medicos cuidando nos remedios; concorreo na noite ao seu Palacio hum grande numero de pessoas da primeira grandeza, e muitos Fidalgos, e todos os seus parentes, e na presença de todos repetio por muitas vezes: *Que estava acabados os seus dias, que conhecia, que morria, que não cuidassem de mais remedios,*

dios, que da disposiçõ para a jornada, que queria receber os Sacramentos. No dia seguinte, em que os Medicos lhe applicaraõ alguns remedios, observando nas horas a correspondencia do tempo do accidente, temendo a repetiçã, convieraõ, em que tomasse o Santissimo Viatico, naõ só pelo perigo, mas por satisfazer às instancias, e desejo do Duque, que lhe administrou o Paroco da Freguesia de Santa Justa, donde sahio às tres horas, e meya da tarde; o Duque, que sempre esteve todo em si, o veyo esperar com hum tocha na maõ à primeira falla com cappa vermelha da mesma Irmandade, de que elle era Juiz perpetuo; e depois de adorar ao Senhor, o foy acompanhando até à sua camera, em que estava o Altar, e pondo-se de joelhos recebeo o Santissimo Viatico com grande devoçã, voltou acompanhando-o sómente até à porta da referida casa, porque o Padre Pedro de Almeida, da Companhia de Jesus, Varaõ douto, lhe aconselhou, que até alli bastava, e elle com admiravel acordo disse à Duqueza, que mandasse dar ao Paroco hum porçã de dinheiro para que a distribuisse pelos pobres da Freguesia. Concorreo toda a Corte à casa do Duque, era grande o concurso da Nobreza, dos Prelados das Religioens, e dos particulares, a que o Duque attendeo, sabindo à falla, e abraçando a muitos delles, a todos pedio perdaõ.

Era já o fim da tarde, e quasi noite, quando ElRey o foy ver, junto com o Infante D. Antonio,

nio , acompanhados sómente dos Gentis-homens da Camera de semana , o Marquez de Alegrete Fernão Telles da Sylva, e o Conde de S. Miguel Thomás Botelho de Tavora. O Duque sahio a recebello a porta da segunda falla encoestado no Padre Pedro de Almeida, e chegando a ElRey lhe beijou a mão de joelhos, a que Sua Magestade correspondeo, lançandolhe o braço, e ajudando-o a levantar, o levou pela sua Real mão, dizendolhe : *Duque, Duque venha para dentro.* Entrando na camera, se sentaraõ todos, ElRey com hum particular affecto lhe disse: *O quanto estimava vello com alguma melhoria, que lhe desejava muita saude pelas razoes do parentesco, pelo haver creado, pelos conselhos, que sempre lhe dera, e pelo exemplo, que naquella hora lhe estava dando; e durando a pratica meya hora, antes de se despedirem, disse o Duque: Que desejava a Sua Magestade as melhores felicidades neste Mundo, e a mayor do outro, que lhe pedia perdaõ do mal, que o havia servido, e da negligencia, com que se houvera em lhe obedecer, como era justo, mas que sempre o servira com amor sincero, e com grande zelo do Reyno, e de seus Vassallos.* ElRey lhe respondeo com grande ternura estas palavras dignas do seu incomparavel espirito: *Nem eu, nem o Reyno pôde agradecer ao Duque o bem que os tem servido, só Deos lho pôde pagar; mas ainda espero em Deos, que lhe ha de dar saude, para todos terem o gozto de o verem.* Ultimamente lhe disse o Duque, que es-

To.n.X,

Ss

p.ra-

perava, que Sua Magestade se lembrasse do Duque Dom Jayme, e da sua Casa, a que ElRey satisfez com a incomparavel honra destas palavras : *Que não era necessario aquella recomendação, porque huma, e outra cousa tinha muito na lembrança, pois tanto lhe importava.* Levantou-se ElRey, e abraçando ao Duque huma, e muitas vezes, se apartou dos seus braços com tanta ternura, que as lagrimas foram a mais viva expressão, com que Sua Magestade honrou ao Duque, cedendo então a mesma Magestade ao humano, na obrigação do amor, e criação, que lhe devia. O Infante D. Antonio com mais affectos, que palavras, explicou com repetidos abraços, e lagrimas o seu sentimento, e sahindo para fóra, voltando para o Conde de S. Miguel lhe disse : *Notavel valor ! singular constancia ! o Duque foy homem na vida, e morre com o mesmo valor.* Antes, que ElRey, e o Infante se despedissem, veyo a Duqueza com algumas de suas netas, que se achavaõ com ella, a beijar a mão a Sua Magestade, e Alteza ; quando entraraõ, ElRey se levantou da cadeira, e as recebeu com as honras, que lhe permite, dizendo à Duqueza com grande benignidade : *O quanto sentia aquella occasião, mas que esperava em Deos, que a havia de livrar daquelle cuidado para gosto de todos.* Quando ElRey se despedio ordenou ao Duque, que não sahisse da camera, e porque nas salas de fóra se achava toda a Corte, e hum grande numero de Officiaes de Guerra, e Ministros de

de Justiça, foy o acompanhamento muy luzido, servindo oito Moços da Camera do Duque com tochas, e com a véla accesa, conforme o costume, o Marquez de Alegrete.

O Infante D. Francisco chegou pouco depois delRey já ter sahido, o Duque o veyo receber à casa de fóra, e beijandolhe a mão, o abraçou, e entrando para dentro esteve com elle hum quarto de hora, em que com grandes expressões repetia: *A grande estimação, que sempre fizera da sua pessoa, pois lhe devia a criação, e o ensino; o Duque agradecondolhe tanta honra, lhe disse: Que era escusada para hum pouco de barro tão inutil como o seu; a que o Infante respondeo: Que o barro do Duque era tão differente de todos, como se conhecia, e que por essa causa eraõ precisas todas aquellas demonstrações para lhe segurar o seu sentimento; e apartando-se com muitas lagrimas, lhe disse: Que senão entendera, que lhe poderia dar molestia, viria todos os dias; e tão enternecido ficou o Infante, que quando fallou à Duqueza não podia articular bem as palavras. Com estas tão publicas demonstrações honrou ElRey, e os Infantes seus irmãos ao Duque, a quem os Medicos receitaraõ o remedio das Caldas, e nos não dilatamos em referir os particulares casos, que succederaõ depois do primeiro accidente, porque nas *Ultimas Acções*, que delle escreveo o Duque Dom Jayme seu filho por ordem delRey nosso Senhor, se podem ver, escritas com tanta elo-*

quencia, como verdade, o que podemos asseverar por sermos presentes à mayor parte dellas; porque em toda a jornada das Caldas affilimos ao Duque, e depois em quanto viveo, recebendo da sua grandeza especiaes honras. Naõ foraõ os banhos remedio efficaz para o restituir ao estado passado, com tudo, ainda que o remedio dos banhos o debilitou, e era repugnado do genio, recuperou logo o desembaraço da voz, ficando-lhe clara, e intelligivel, de sorte, que no anno seguinte montou a cavallo, com admiração dos que o viraõ, podendo nelle o valor dar forças à natureza debilitada com os muitos annos, e achaques. Fez o seu ultimo Testamento a 15 de Fevereiro de 1726, em que se vê a sua piedade, e grandeza do seu animo sempre desaffogado; nelle manda vincular todos os seus bens ao Morgado da Casa, e tudo o que se achasse em dinheiro, joyas, ouro, e prata ao tempo da sua morte, em virtude da faculdade, que ElRey Dom Pedro lhe concedera por hum Alvará feito a 5 de Novembro de 1698 a favor do Duque D. Luiz, o qual por sua morte o mesmo Rey confirmou, querendo, que valesse, e se verificasse no Duque D. Jayme, ou outro qualquer filho, que haja de succeder no Morgado; foy feito o Alvará a 17 de Março do anno de 1706.

Prova num. 25.

Em todo este tempo viveo o Duque com hum presente lembrança da morte, entendendo, que cada dia, que se dilatava mais a vida, era o ultimo,
com

com tanta resignação, que podia servir de idéa ao mais perfeito Religioso, continuando sempre aquella admiravel virtude da caridade com os pobres com immensas esmolas, com que soccorria publica, e secretamente aos necessitados. Finalmente de hum accidente, que elle conheceo era mortal, dizendo estas palavras: *In manus tuas Domine, comendo spiritum meum*, faleceo a 29 de Janeiro do anno de 1727, tendo de idade oitenta e oito annos, dous mezes, e vinte e quatro dias, deixando de vida tão larga, gloriosa memoria. Sendo feito o seu enterro com o apparato devido à grandeza da sua pessoa, e à de General, foy levado ao Convento de S. João Euangelista de Evora, onde jaz.

Foy o Duque de corpo agigantado com admiravel proporção, gentil presença, rosto comprido, olhos vivos, que se dissimulavaõ com o uso dos oculos, nariz bem proporcionado, boca grossa, e bem feita, com beiços rubicundos, cabello proprio, de que usou até quasi os ultimos dias da sua vida, e de aspecto tão respeitoso, que entre muita gente se distinguia o altissimo nascimento da sua pessoa, estimada, e honrada dos Reys com não vulgares favores; conseguiu em toda a familia Real hum singular carinho, devido ao grande amor, que toda lhe deveo: nunca usou de modas, vestio com asseyo, mas honestamente, e sem cuidado. Conservou a sua Casa com muito luzimento, e tal grandeza, que se distinguia no modo do serviço, e apparato

parato della em todas as occasioens. Era ornado de excellentes virtudes, porque sobre o valor, teve o animo taõ constante, que era superior às mesmas adversidades, de forte, que naõ só os mayores contratempos politicos, mas ainda os golpes mais sensiveis da natureza, na morte de seus filhos já adultos, e casados, e de suas filhas, que muito amava, puderaõ perturbar o seu grande coração: nos negocios era activo, prompto, e resolutivo, e amante da justiça; o seu voto era proferido com energia, e escrito com eloquencia, em estylo grave, e profundo; no ministerio, que manejou taõ largos annos, se houve com satisfação dos pertendentes pelo seu admiravel desinteresse, com que conseguiu hum amor dos povos, que conservaõ ainda hoje saudosa a sua memoria, fazendo-a ainda mais estimavel o seu animo pio, e caritativo, teve huma singular compaixão dos pobres, com quem dispendia sommas muy consideraveis de dinheiro; porque todos os ordenados, que tinha dos lugares politicos, e soldo dos militares, se separavaõ em huma caixa, que chamava das Almas, de quem teve grande compaixão, applicando por ellas todas as immensas esmolas, que dava, e muitas Missas, que continuamente mandava dizer, e à sua intercessão confessava livrallo Deos de varios perigos, em que na vida se vira. Teve huma cordeal devoção à Virgem Nossa Senhora, e ao Santissimo Sacramento do Altar, que o acompanhava em quanto pode,

pode, e venerava com hum profundo respeito, e à Santa Sé Apostolica, cujos supremos Pontifices o attenderaõ com diversos Breves, em que o exhortavaõ amparasse com seu respeito alguns negocios, que entre a Corte de Roma, e a nossa se tratavaõ, de que nasceo em outras occasioens o congratularemno do seu zelo. Foy acerrimo defensor da immuniidade Ecclesiastica, que naõ queria, que se profanasse sem verdadeiro motivo, e sem que por isso ficasse leza a regalia da Coroa, cuja authoridade procurou sempre. O Tribunal do Santo Officio lhe deveo muita eslimaçaõ, naõ só servindo-o com o respeito da Fé, por entender ser o seu ministerio utilissimo, mas honrando os seus Ministros com tal affecto, que parecia o seu Protector. O Estado Ecclesiastico, e Regular venerou com huma viva memoria da representaçaõ de cada hum, estimando a todos, e principalmente aos que se distinguiaõ em o modo de vida, tendo com muitos particular tracto, e amidade; a todas as Communidades pobres naõ só da Cidade de Lisboa, mas muitas outras de diversos Conventos pobres de fóra soccorria com grandiosas esmolos, de que a folha, que pertencia ao trigo, que se fazia, passava de oitenta moyos, que se repartiaõ todos os annos, de sorte, que já parecia ordinaria, que o Duque lhes dava por obrigaçaõ, e naõ esmola espontanea, que a sua caridade lhe administrava. A sua vida foy sempre occupada, nella comprehendendo cinco Reys em Portugal,

gal, dos quaes servio a quatro, e outras tantas Rainhas, com amor, fidelidade, e satisfação das mesmas pessoas Reaes. Desde muy moço começou a ser Ministro, e assistir às Magestades, não só nos negocios do Reyno, mas nos particulares da Casa Real, e da mais intima confiança, de sorte, que ao Duque se recorria continuamente, ou fossem materias importantes, ou domésticas; porque no seu talento cabia tudo, e era para tudo; elle formou Regimentos para quasi todas as Conquistas, e foy continuamente Conferente por largos annos dos Ministros de Roma, França, e Castella, e outros muitos negocios, além dos do Gabinete, nos Tribunaes, e de outros do Reyno, de que servirá de demonstração o passar ElRey hum Decreto para que o Duque fosse à Junta dos Tres Estados todas as vezes, que entendesse era do Real serviço, para tratar as materias da administração da Junta, e poder aconselhar a ElRey, foy passado a 3 de Julho de 1693. Não se tinha applicado às sciencias, porém a clareza do juizo, e a continuação do trato com muita gente erudita, lhe fazia comprehender com admiravel percepção ainda as mais difficiliosas, de sorte, que as experiencias observadas com maduro conceito em hum talento sublime, o fizeraõ hum dos mais habéis politicos, que teve no seu tempo a Europa. Teve larga lição da Historia, que leo com gosto, e proveito, e sempre se applicava com muita curiosidade ao antigo; assim ajuntou huma grande collecção

Prova num. 26.

lecção de papeis singulares, de que seu filho formou hum Gabinete delles excellentes manuscritos de muita estimaçãõ, em que se conservaõ as Memorias, que elle escreveo, em dezoito volumes, de que em diversas partes temos feito mençaõ. Finalmente a sua gloria será immortal; porque quando na sua dilatada vida não tivera tantas acções, que lhe lavraraõ eminente lugar no Templo da Heroicidade, bastavaõ as suas ultimas acções, em que brilhou a piedade Christãa com tanta edificaçãõ da Corte; assim concluiremos este breve elogio da sua vida com o caso, que lhe succedeo com o Marquez de Fronteira, com quem havia pouco tempo se congratara de huma leve desconfiança. No tempo, que lhe deu o primeiro accidente, soube o Duque, que o Marquez estava na sua falla, e sahindo da camera, o fez chamar, e enternecido, lhe disse: *Que lhe pedia lhe perdoasse pelas Chagas de Christo*, a que o Marquez correspondeo com admiravel modo, e se lhe lançou aos pés quasi de joelhos, e com muitas lagrimas, e soluços, lhe disse: *Que não tinha nada, que lhe perdoar, porque sempre fora seu amigo, e elle estava desejando muita saúde, e muitas felicidades na sua Casa*; este caso publico na presença de grande parte da Corte, foy igualmente louvado de todos, como pedia huma tal demonstraçãõ, em que se não pode distinguir em quem foy mayor o merecimento, porque o Marquez tambem foy ornado de muitas virtudes, e daquelles Senhores, que nas Cortes

Tom.X. 11 dilin-

distinguem os merecimentos. Finalmente a sua memoria será gloriosa nos Fastos Portuguezes , e as suas acções dignas de serem imitadas de todos aquelles a quem a fortuna distinguir no nascimento para poderem servir a patria , conseguindo na posteridade bom nome , que com o sangue illustre se faz respeitado. E nós agora eternizaremos a do nosso Heroe com a especial advertencia , com que a Magestade do Grande Rey Dom João V. honrou as suas cinzas no anno de 1729 quando esteve na Cidade de Evora , como dissemos no Tomo VIII. pag. 282 , na tarde de 11 de Janeiro do referido anno foy ao Convento de S. João Evangelista onde o Duque jaz com seu filho o Duque Dom Luiz Ambrosio de Mello , e lançandolhe agua benta , mandou aos Religiosos , que o tinhão recebido com as ceremonias costumadas , que cantassem hum Responso pelas almas dos Duques , o que elles fizeram com toda a solemnidade. A Rainha D. Maria Anna sua esposa , dotada de insigne piedade , que estimou muito o Duque , na referida occasião praticou o mesmo no dia 13 de Janeiro , e depois de lançar agua benta na sua sepultura , ordenou aos Religiosos lhe cantassem pela sua alma hum Responso ; e na mesma tarde foy o Serenissimo Infante Dom Francisco a lançarlhe agua benta. Estas demonstrações , com que as Magestades honraram publicamente as cinzas do Duque D. Nuno , são igualmente hum testemunho da piedade dos Reis , e dos

dos grandes merecimentos de hum tal Vassallo, a quem servirá de Epitaphio aquelle excellente, que lhe dedicou o singular engenho de André da Cruz, de nação Inglez, que imprimio o Duque D. Jayme nas suas *Ultimas Acções*, com outros admiraveis.

Immortalibus Aris

Excellentissimi, ac Nobilissimi Herois, & Domini

D. Nonii Alvaresii Pererü de Mello,

I. Ducis Cadavalensis, IV. Marchionis Ferrerii,

V. Comitis Tentugalensis,

Nulli ætatis sue virtutibus, & meritis secundi

Potentissimorum Lusitanie Regum

A' Consiliis Supremis, Militum summi Præfecti,

In bona senectute fato functi.

Et in hoc æterni sui nominis Mausoleo collocati.

Quis, Qualis, Quantus Vir Sacra hac conditur Urnâ

Nomen, Virtutes, & sua Facta sonant.

Magnanimus, Sapiens, Felix, Pius, integer Heros

Dux, Pater innumeris Primus, & Unus erat.

Res, Reges, Populos defendit, amavit, & auxit,

Consilio, imperio, pectore, Corde, manu.

Non hunc Terrarum curæ, non Ardua fatigant;

Nonius æternæ præmia pacis habet.

Obiit die XXIX. mensis Januarii

M. DCC. XXVII.

Tom. X.

Tt ii

Ca-

Casou tres vezes, a primeira no anno de 1660 a 29 de Dezembro com D. Maria de Faro, IX. Condesa de Ojemira, viuva de Dom. Joaõ Forjaz Pereira Pimenrel, VIII. Conde da Feira, e era filha herdeira de Dom Francisco de Faro, VII. Conde de Ojemira, do Conselho de Estado, Presidente do Conselho Ultramarino, e Ayo del Rey D. Affonso VI. e da Condessa D. Marianna da Sylveira, como se disse a pag. 681 do Tomo IX. Morreo a 3 de Fevereiro de 1664, e jaz no Convento de Nossa Senhora da Luz, onde ella ordenou no seu Testamento a sepultassem; o qual fez a 30 de Janeiro com grande devoção, como se vê dos muitos legados pios, que distribuiu, mandando dizer quinze mil Missas, e tres quotidianas, e outras muitas esmolas; deixou por sua universal herdeira a sua filha a Condessa de Tentugal, no caso de se não lograr o parto, de que estava prenhada de hum filho, e o Paul de Muja com todas as suas pertencas ao Duque seu marido: desta esclarecida uniaõ nascerão

18 D. JOANNA DE FARO, Condessa de Tentugal, e de Odemira, e Senhora de toda a mais Casa de sua mãy, e morreo na flor da idade, não contando mais que oito annos: faleceo no de 1669, pelo que veyo o Duque seu pay a ser herdeiro de todos os seus bens, que não eraõ Morgados, que buscaraõ diversas linhas, como dissemos.

18 DOM N. que morreo de tenra idade.

DOM

18 DOM N. que morreo de ten-
ra idade.

Casou segunda vez a 7 de Fevereiro de 1671 com a Princeza Maria Angelica Henriqueta Catharina de Lorena, que foy segunda Duqueza de Cadaval; e neste mesmo anno a 3 de Agosto foy a primeira vez ao Paço a beijar a mão à Rainha D. Maria Francisca de Saboya, então Princeza, que lhe conferio as honras de Duqueza, que então determinou o Principe Regente, tendo ouvido o Conselho de Estado para a formalidade do tratamento, que se praticou nesta fôrma: apeou-se a Duqueza no pateo do Paço da Corte-Real, tomando as armas os Soldados da guarda, e acompanhando-a os seus criados até à porta, em que a Rainha lhe deu audiencia, a qual já estando occupada das Damas, e Officiaes da Casa, e a Rainha debaixo de docel em pé, entrou a Duqueza, e depois das primeiras corteziás, na ultima, chegando já perto da Rainha, deu tres passos, e o Porteiro da Camera Jeronymo de Abreu de Mendoça chegou a almofada para a Duqueza se sentar, que poz sobre o estrado, no canto da parte direita da mão da Rainha, de sorte, que não ficou com as costas para a casa, porém em distancia, que podiaõ fallar; a Rainha se sentou, e mandou, que fizesse o mesmo a Duqueza, e depois de hum breve discurso, a Duqueza se despedio, e levantando-se a Rainha, praticando o mesmo de quando entrara, e depois de feitas as continencias pela Duqueza,

queza, se acabou a audiencia. Era filha de Francisco de Lorena, Conde de Harcourt, de Rieux, de Rochefort, de Montlaur, e de S. Romaife, Marquez de Maubec, Barão de Aubenas, Senhor de Montpzat, que faleceo a 27 de Junho de 1694, e de sua mulher Anna de Ornano, Condeffa de Montlaur, Marqueza de Maubec, e Baroneza de Aubenas, filha herdeira de Henrique Francisco Affonso de Ornano, Senhor de Mazargnes, primeiro Estribeiro de Gastaõ de França, Duque de Orleans, e de Margarita de Montlaur: era filho de Carlos de Lorena, II. do nome, Duque de Elbeuf, Par de França, Conde de Harcourt, dele Isubonne, e de Rieux, Cavalleiro das Ordens del Rey, Governador de Picardia, que faleceo em Pariz a 5 de Outubro de 1675, e de Catharina Henriqueta, legitimada de França, filha de Henrique IV. Rey de França, e de Gabriella de Estreës, Duqueza de Beaufort, sendo a Duqueza por esta linha prima segunda da Rainha D. Maria Francisca, que a fez sua Camereira môr, a quem servia com tanta fatisfação, que a Rainha a foy visitar: achava-se em Belem a Duqueza na Quinta, que então era do Conde de S. Lourenço, tomando o nojo da morte de seu cunhado D. Theodosio, a Rainha querendo com huma demonstração publica mostrar o quanto estimava a Casa do Duque, a 17 de Julho de 1672, em hum Sabbado, foy a S. Joseph de Riba-Mar, e na volta visitou a Duqueza, que tratou com especial

Sancte Marthe; *Hist. General de France*, tom. 2. liv. 26. cap. 2. pag. 169.
 P. Ansel, *Hist. General de France*, tom. 2. pag. 250, e tom. 3. pag. 496.

cial carinho , e affabilidade. Não durou muito esta esclarecida união , porque a Duqueza faleceu de sobre parto a 10 de Junho de 1674 , tendo tido os filhos seguintes :

18 D. ISABEL DE LORENA , Marqueza de Fontes , de quem fallaremos no Capitulo XVI.

18 D. FRANCISCO , nasceu Conde de Tentugal a 7 de Junho de 1674 , e pouco depois de ter recebido o Sagrado Baptismo , voou à Eternidade tres dias antes , que a Duqueza sua mãe.

Casou terceira vez a 25 de Julho de 1675 com a Princeza Margarida Armanda de Lorena , que nasceu a 17 de Novembro do anno de 1662 , prima segunda de sua segunda mulher. Faleceu em Lisboa a 15 de Dezembro de 1730 às onze horas da noite , não tinha cumprido treze annos quando veyo para Portugal ; foy casada mais de quarenta com grande união , e reciproca correspondencia , de sorte , que ella referia muitas vezes , que o Duque a não tratava sómente como mulher , mas como filha , porque a havia creado ; o Duque a estimou com veneração , a que ella correspondia com hum natural respeito , sem affectação. Foy dotada de prudencia , Religião , e authoridade , muy devota , esmolera , e de admiravel consciencia , com talento não só para o governo da sua Casa , de que teve inteira administração em quanto viveo ; porque o Duque seu filho lha deixou na mesma forma , em que ella a governara na vida do Duque seu marido , mas
ainda

ainda para os negocios mais graves, e importantes; teve hum notavel horror a tudo, que era peccado, de forte, que com advertencia, o não faria venial; o seu Confessor nos affirmou nunca tivera consciencia de peccado mortal. Finalmente nella brilharão todas aquellas partes para ornar huma Heroína: a grande devoção, que teve à Virgem Santissima na Sagrada Imagem do Mosteiro da Madre de Deos, lhe fez esquecerse de acompanhar, depois da morte, ao Duque seu marido no enterro da sua Casa, e pedir às Religiosas sepultura na sua Igreja, o mais perto, que pudesse ser do Altar da Virgem Santissima; as Religiosas, que lhe foraõ obrigadas, como a singular bemfeitora, lha deraõ debaixo do Altar da Senhora, onde jaz. Era filha de Luiz de Lorena, Conde de Armagnac, de Charny, e de Brienne, Visconde de Marfan, de Neublaut, de Coullige, de Binand, Cavalleiro da Ordem do Santo Espirito, Graõ Senescal hereditario de Borgonha, Governador da Provincia de Anjou, e da Cidade, e Castello de Angres, Par, e Estribeiro mór de França, que morreo a 13 de Junho de 1718, e de Madame Catharina de Neuville, Dama do Paço da Rainha Dona Maria Theresa, filha de Nicolao de Neuville, Duque de Ville-Roy, Par, e Marechal de França, Cavalleiro da Ordem do Santo Espirito, neta de Henrique de Lorena, Conde de Harcourt, e de Armagnac, Charny, e Brienne, Estribeiro mór de França, bisneta de Carlos, I. Duque de Elbeuf, Par,

da Casa Real Portug. Liv. IX. 347

Par, e Caçador môr de França, ramo da Sereníssima Casa dos Duques de Lorena, e de Madama Margarida de Chabot, terceira neta de Renato de Lorena, Marquez de Elbeuf, e de Madama Luiza de Rieux-Harcourt, e quarta neta de Claudio de Lorena, Duque de Guise, Conde de Aumale, Marquez de Elbeuf, Cavalleiro do Santo Espirito, Par, e Caçador môr de França, e da Princeza Antonia de Borbon, filha de Francisco de Borbon, Conde de Vandoma, visavô delRey Henrique IV. de França, e na sua linha se conserva a Coroa reynante de França. Era o Duque de Guisa filho de Renato, II. Duque de Lorena, e na sua descendencia se conserva esta Sereníssima Casa de Lorena, hoje com a soberania do Graõ Ducado de Toscana, e de Guisa, que nos ramos de Elbeuf, Harcourt, e Armagnac, se estabeleceo em França com a estimação devida à sua altíssima origem, gozaõ naquella Corte o tratamento de Alteza, e as prerogativas de Principes Estrangeiros. Desta esclarecida uniaõ nascerão os filhos seguintes:

18 D. FRANCISCO DE MELLO, que nasceo Conde de Tentugal, e vendo a primeira luz do dia a 5 de Abril do anno de 1677, acabou de tenra idade em 1678, havendolhe ElRey D. Pedro mandado por hum Decreto de 28 do referido anno dar o assentamento, que por filho do Duque lhe pertenciz.

18 D. CATHARINA DE LORENA, nasceo a Tom.X. Uu 25

Calmet, Hist. de Lo-
raïne, tom 1.º p.º 175.
Imhoff, Exactissim
Familiarum in Guis,
Tab. IV. e V. in Ge-
neal. Famil. Lotharin-
gica.
P. Anselm, Hist. Ge-
neal. de la Maison Ro-
yaie de France, tom. 3.
pag 500.
Ru croquis, Geneal.
Imp Reg. Ducum, &c.
at Tab 159.
Sponero, Theatrum
Nobilitatis Europæ,
part. 3.º pag. 8.

25 de Julho de 1678, e com quatorze dias de nascida passou a viver eternamente.

18 D. LUIZ AMBROSIO DE MELLO, II. Duque do Cadaval, como se dirá no Capitulo XIII.

18 D. ANNA DE LORENA, nasceu a 19 de Setembro de 1681, Condessa de S. Joaõ, por casar com Luiz Bernardo de Tavora, V. Conde de S. Joaõ, de cuja descendencia tratámos no Livro VI. Capitulo V. pag. 222 do Tomo V.

18 D. EUGENIA DE LORENA, nasceu a 4 de Setembro de 1683, foy Condessa de Villar-Mayor, e Marqueza de Alegrete. Casou a 8 de Setembro do anno de 1698 com Manoel Telles da Sylva, IV. Conde de Villar-Mayor, III. Marquez de Alegrete, de sua fecundidade dissemos no Livro VIII. Capitulo III. pag. 609, do Tomo IX.

18 D. JAYME DE MELLO, III. Duque de Cadaval, que occupará o Capitulo XIV.

18 D. ALVARO DE MELLO, nasceu a 10 de Novembro do anno de 1685. Teve as honras, e assentamento, que lhe conferio ElRey D. Pedro como filho do Duque, era de gentil presença, de genio docil, e ornado de partes, que promettiaõ grandes esperanças; contando dezaseis annos faleceo de bexigas.

18 D. JOANNA DE LORENA, nasceu a 31 de Março de 1687, he Condessa de Alvor, mulher de Bernardo de Tavora, II. Conde de Alvor, Mordomo mór da Princeza do Brasil, e a sua descendencia

cia se póde ver no Livro VI. pag. 230 do Tomo V.

18 D. RODRIGO DE MELLO, de quem trataremos no Capitulo XV.

18 D. FILIPPA DE LORENA, nasceu a 31 de Março de 1694, foy Condeffa de Penaguiaõ, por casar com seu sobrinho Joachim de Sá e Menezes, entaõ Conde de Penaguiaõ, depois Marquez de Fontes, e Abrantes, e morreo a 29 de Outubro de 1713 do terrivel mal de bexigas, como adiante diremos.

Teve o Duque D. Nuno fóra do matrimonio em Isábel de Araujo os filhos seguintes:

18 D. MARIA THERESA DE MELLO, que nasceu a 5 de Janeiro de 1660, e esteve contratada com D. Estevão de Faro, filho do VII. Conde de Odemira, e por elle morrer anticipadamente antes de se effeituár o matrimonio, como deixamos escrito no Tomo IX. pag. 687, tomou a resolução de ser Religiosa no Mosteiro de Santa Clara de Lisboa, onde professou, e morreo no anno de 1724 a 18 de Janeiro; foy muy estimada de seu pay, e parentes, porque era entendida, e com singulares partes.

18 D. THERESA MARIA DE MELLO, que nasceu a 19 de Junho do anno de 1666, que creando-se da idade de cinco annos no Mosteiro das Flammengas de Alcantara, junto a Lisboa, da primeira Regra de Santa Clara, nelle tomou o habito, e professou no anno de 1683, e depois foy Abbadessa.

Tom.X.

Uu ii

D.

18 D. NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO, nasceu em Julho do anno de 1668. Acompanhou ao Duque seu pay no anno de 1682 quando foy na Armada Real por Embaixador à Corte de Turim; e sendo destinado para a Igreja, estudou na Universidade de Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro da mesma Universidade, onde entrou no anno de 1685. O Duque seu pay lhe fez merce dos Prestimonios da sua Casa. Foy Conego da Sé de Evora, e Deão de Portalegre, Deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, em que entrou a 8 de Junho de 1693, e Inquisidor de Coimbra, em que foy aposentado, Deputado da Junta dos Tres Estados, Sumilher da Cortina dos Reys D. Pedro II. e D. João V. Reytor da Universidade de Coimbra, em que sendo proposto pela Universidade, conforme os seus Estatutos, ElRey D. Pedro o proveo no dito cargo por Decreto mandado à Mesa da Consciencia, e Ordens de 13 de Setembro de 1703, e dando-se ElRey Dom João V. por bem servido do cuidado com que satisfazia as suas obrigações, o reconduzio com o titulo de Reformador da Universidade, a que são annexas mayores preeminencias deste grande emprego, por Decreto de 16 de Janeiro de 1707. ElRey Dom João V. o nomeou Bispo de Lamego, de que tirando Bullas Apostolicas, foy sagrado na Capella Real a 19 de Março de 1710, pelo Cardeal da Cunha, então Bispo Capellão mór. No anno, que
Ita-

da Casa Real Portug. Liv. IX. 351

Italia se vio taõ ameaçada da Corte Ottomana, que com formidavel poder pertendia invadir a Christandade, mandou o Bispo hum subsidio espontaneo ao Papa Clemente XI. que lho agradeceo com hum Breve passado em Roma a 5 de Junho de 1717; e adoeccendo fez seu Testamento a 5 de Março, deixando por seu universal herdeiro ao Duque seu irmão, e dispondo muitos legados pios, porque como tinha muitas rendas proprias, que não pertenciaõ à Mitra, foy muy importante o seu testamento. Faleceo em Lamego a 8 de Março de 1733; mandou-se sepultar na sua Cathedral em sepultura raza, aonde jaz com este Epitafio.

Epistola, & Brevia fecit Clementis XI. Pass. Romæ 1729.

Aqui jaz D. Nuno Alvares Pereira de Mello, filho de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque do Cadaval, Bispo que foy deste Bispado.

A Du-

Luiz de Lorena, Conde de Armagnac, de Charny, Par, e Eitribreiro mór de França, Cavalleiro das Ordens del-Rey, + a 13 de Julho de 1718.

Henriq. de Lorena, Conde de Harcourt, de Armagnac, &c. Cavalleiro das Ordens del-Rey, Par, e Eitribreiro mór de França, + a 25 de Julho de 1666.

A Cond. Margarida Filippa de Cambout, + a 9 de Dezembro de 1674.

Carlos de Lorena, Duque de Elbeuf, Par, e Eitribreiro mór de França, Cavalleiro das Ordens del-Rey, + em 1606.

A Duquesa Margarida Chabot, + a 29 de Setembro de 1652. II.

Carlos de Cambout, Marquez de Coiffin, Cavalleiro das Ordens del-Rey, + em 1648.

A Marquessa Filippa de Burges.

Reynro de Lorena, Marquez de Elbeuf, Cavalleiro das Ordens del-Rey, General das Gales, + em 1566.

A Marquessa Luiza de Rorox, Condessa de Harcourt.

Leonoro Chabot, Conde de Charny, Eitribreiro mór de França, + em Agosto de 1597.

Francisco, Senh. de Cambout, de Coiffin, Grao Capador de França, + a 11 de Outubro de 1615.

Luiza du Pleffis, Senhora de Beçay.

Carlos de Burges, Senhor de Severy em Lorena; Governador de Normey.

Joanna Lefcoet, Senhora de Moglaye.

Nicolao de Neufville, Senhor de Ville-Roy, e de Alincourt, + a 12 de Novembro de 1617.

Magdalena de Aubespine, + a 17 de Mayo de 1596.

Nicolao de Harlay, Barão de Sancy, nomeado Cavalleiro do S. Espirito.

A Baroneza Maria Moreau.

Antonio de Blanchetort, Senhor de Janvrin.

Christina de Aguerre.

Francisco de Bonne, Duque de Lefdiguières, Par, e Condestavel de França, + a 18 de Set. de 1616.

A Duquesa Claudia de Berenger, + em 1608, 1. mulher.

Claudio de Lorena, I. Duq. de Guise, &c. filho de Reynr, II. Duque de Lorena, + a 12 de Abril de 1550.

A Duq. Antonina de Boubi, filha de Francisco, Cond. de Vand., + 1585.

Claudio, Sen. de Rieux, Conde de Harcourt, + a 19 de Mayo 1532.

Sulana de Bourbon, 2. mulher, filha de Luiz de Bourbon, Principe dela Roche-Sur-Yon.

Filippe de Chabot, Senh. de Brion, Conde de Charny, + em 1543.

A Condessa Francisca de Longvy, filha de João, Senhor de Givry.

Joachim, Senhor de Rye, Cavalleiro do Tul-6.

Antonina Longvy, Senhora de Givry.

Reynro, Sen. de Cambout, Caval. das Ordens del-Rey, + em 1477.

Francisca Baye, Senh. de Coiffin, fil. de Franc. Baye, Senh. de Menon.

Luiz du Pleffis, Senh. de Richeheu, Senescal de Tolosa, + em 1551.

Francisca de Hochehouert, filha de Antonio, Barão de Montego, Senescal de Tolosa.

Monf. de Burges, Senhor de Severy.

Madame de Burges.

Nicolao de Lascoet, Senhor dela Preve.

Madame de Lascoet.

Nicolao de Neufville, Senhor de Ville-Roy, + em 1553.

Dionysia de Muleau, filha de Marcos, Senhor de Champrond.

Claudio de Aubespine, Senhor de Chateaufort.

Joanna Boichetel, sua primeira mulher.

Roberto de Harlay, Sen. de Sancy.

Jaqueline de Mora mvelher, filha de Guitheme, Senhor de Maulefmandre, &c.

Rodolfo Moreau, Senhor de Trebulay.

Jacoba Toornier.

Gilberto de Blanchetort, Sen. de S. Juvrin, Grande Marichal de Logis.

Maria de Crequy, filha de João, Senhor de Crequy, Principe de Poix.

Claudio de Aguerre, Senhor de Vienne-le-Châtel.

Joanna de Hageft-Moyencorut.

João de Bonne, Senhor de Lefdiguières, &c. + em 1548.

Francisca Castellane, filha de Claudio, Senhor de Yvera.

André Berenger, Senhor de Guay, &c.

Magdalena de Berenger.

A Duq. D. Margarida de Lorena, mulher do Duque D. Nuno Alvar. Pereira de Melho.

A Condessa Catharina de Neufville, + a 25 de Deza. de 1707.

Nicol. de Neufville, Duque de Ville-Roy, Par, e Marichal de França, + a 18 de Novemb. de 1685.

Carlos de Neufville, Marquez de Ville-Roy, Cavalleiro das Ordens del-Rey, + a 17 de Janeiro de 1643.

A Marquessa Jaqueline de Harlay.

A Duq. Magdalena de Crequy, + a 31 de Janeiro de 1675.

Carlos, Senhor de Crequy, Principe de Foux, Duque de Lefdiguières, Par, e Marichal de França, + a 17 de Março de 1638.

A Duquesa Magdalena de Bonne.

CAPITULO XIII.

De D. Luiz Ambrosio de Mello, II. Duque de Cadaval.

18 **M** Alograda a esperança do primeiro fructo da esclarecida união do Duque D. Nuno, e da Duquesa D. Margarida, deu esta à luz no dia 7 de Dezembro de 1679 a D. Luiz Ambrosio de Mello, que a natureza ornou com excellentes partes, com gentil presença, estatura proporcionada, cabello fermoso, e castanho, admiravel talento, muy agudo, e prompto, dado à lição dos livros, a que se applicava com felicidade, e lia nas linguas Latina, Hespanhola, e Franceza, que fallava com propriedade, era inclinado à caça, ao jogo das armas, e manejo dos cavallos, e de tudo sabia usar com moderação, desembaraço, e agilidade. Ajuntando a partes tão proprias do seu altissimo nascimento hum genio agradavel, e benigno, com huma natural generosidade, com tantas virtudes, que se fazia amavel, conseguindo huma geral estimação entre os grandes, e as gentes, de forte, que não cabendo na sua curta vida tempo para empregos, foy universalmente applaudido. Contava pouco mais de quinze annos quando ElRey D. Pedro o creou Duque, e lhe fez a especial merce de
lhe

lhe conceder a Senhora D. Luiza sua filha para esposa, cujas vodas se celebraraõ a 14 de Mayo de 1695, como deixamos referido no Capitulo XVIII. do Livro VIII. pag. 460 do Tomo VIII.

ElRey D. Pedro, que estimou muito ao Duque D. Luiz, havendo de entrar na Cavallaria da Ordem de Christo, determinou de o armar Cavalleiro pelas suas Reaes mãos, o que fez no Paço da Corte-Real, no seu Oratorio privado, no primeiro de Fevereiro de 1698; estava ElRey sentado, e presente o Dom Prior da Ordem Militar de Christo, o Doutor Fr. Martinho Pereira, Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra; assistiaõ a ElRey o Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes, Gentil-homem da Camera de semana, o Conde de Vianna D. Joseph de Menezes, Estribeiro môr, e Lourenço Pires Carvallho, Sumilher da Cortina, e posto o Duque de joelhos, ElRey lhe tirou a Espada, que tomou em hum prato Fernaõ Telles da Sylva, III. Conde de Villar-Mayor, e pondo-a no prato, em que estava o Capacete, e Esporas, benzeo tudo o Dom Prior, e armando-o ElRey na forma, que mandaõ os Estatutos da dita Ordem, lhe calçaraõ as Esporas o Duque seu pay, e Francisco de Tavora, I. Conde de Alvor, do Conselho de Estado, e assistindo com tochas o Marquez de Fontes Rodrigo Annes de Sá, o Conde de S. Joaõ Luiz Bernardo de Tavora, o Conde de Alvor Bernardo Filippe Nei de Tavora, e Manoel Telles

Telles da Sylva, primogenito do Conde de Villar-Mayor. Dentro do Oratorio, por ser pequeno, não entraraõ, além dos referidos, mais que o Bispo de Elvas D. Bento de Bêja de Noronha, e à porta estavaõ outras pessoas de grande representaçaõ. Acabada a cerimonia beijou o Duque D. Luiz a mãõ a ElRey, o Duque seu pay, e os mais Senhores, que alli estavaõ. A Rainha D. Maria Sofia assistio a este acto na Tribuna com o Principe do Brasil D. João, o Infante D. Francisco, a Senhora D. Luiza, e a Duquesa de Cadaval com suas filhas, que depois todas beijaraõ as mãos às Magestades, que lhe fizeraõ as costumadas honras, que lhe permitissem. Em diversas occasioens mostrou ElRey o quanto estimava ao Duque D. Luiz, e quando poderia desfrutar o muito, que lhe promettia a natural inclinaçaõ delRey, achando-se em o mais vigoroso tempo da sua florecente idade, foy accommettido do terrivel mal de bexigas, de que morreo a 13 de Novembro de 1700, sem deixar successaõ. A Senhora D. Luiza sua esposa lhe assistio com huma fineza tal, que não houve persuasaõ alguma, que a pudesse apartar da sua assistencia, em quanto lhe durou a vida, sentindo com grande violencia a sua falta, que se duvidou pudesse resistir a taõ sensivel golpe, e por essa causa se não achou capaz de logo se recolher ao Paço, o que fez depois, como fica dito. Foy geralmente sentida a morte do Duque; ElRey seu sogro o não visitou na doença por ser

Tom.X. Xx mal

mal contagioso o das bexigas, sentindo muito a sua morte, porque o ellimou como filho; encerrou-se tres dias, e tomou luto de cappa comprida por tempo de hum mez, e outro aliviado de cappa curta, sendo geral a toda a Corte, de que lhe fez aviso o Secretario de Estado Mendo de Foyos Pereira a 14 de Novembro do referido anno. Jaz em Evora no Convento de S. João Euangelista, enterro dos seus mayores, aonde na Credencia da Capella môr está em hum jaspe este breve Epitafio:

Aqui jaz D. Luiz Ambrosio de Mello, II. Duque do Cadaval, genro del-Rey D. Pedro II. Faleceo a 13 de Novembro de 1700.

CAPITULO XIV.

De Dom Jayme de Mello, III. Duque do Cadaval.

18 **P**Ara succeder na grande Casa do Cadaval nasceo D. Jayme de Mello no primeiro de Setembro do anno de 1684, sendo terceiro filho na ordem do nascimento do esclarecido thalamo do Duque D. Nuno, e da Duquesa D. Margaida, a quem a excella memoria do Serenissimo D.

D. Jayme, unico do nome, Duque de Bragança, seu quarto avô, deu o nome, e o Ceo destinou para successor da Casa, e virtudes de seu grande pay, pela intempestiva morte do Duque D. Luiz Ambrosio de Mello, como dissemos no Capitulo precedente.

ElRey D. Pedro creou Duque a D. Jayme, de que se lhe passou Carta a 25 de Abril de 1701. Achava-se seu pay precilado de lhe dar sem dilação estado, e não se deteve muito na escolha da esposa, depois de reflectir, que nenhuma cousa lhe poderia ser tão conveniente, como de conservar na sua Casa hum Princeza, que sobre o Real sangue, com que a engrandecia, era ornada de excellentes virtudes: pelo que se resolveo em pertender para esposa do Duque Dom Jayme a Senhora D. Luiza, viuva do Duque seu irmão, e supplicando a ElRey esta merce, liberalmente lha concedeo, e para facilitar a difficuldade da dispensa o mandou representar pelo seu Minitro ao Papa Clemente XI. a quem juntamente o pedio por hum Carta de 5 de Novembro de 1701, e à sua instancia mandou expedir graciosamente o mesmo Pontifice hum Bulla a 13 de Novembro do referido anno, em que benignamente dispensou o impedimento no primeiro grau de afinidade; mandoulhe significar o Papa pelo seu Nuncio, que residia nesta Corte, D. Miguel Angelo Conti, que depois veyo a ser successor na Cadeira de S. Pedro, o muito, que se interessava em satisfazer a ElRey.

Tom.X.

Xx ii

Naõ

Salazar, *Glor. de la Casa Farnese*, 5.º to. pag. 228.

P. Anselme; *Hist. Geneol. de la Maison Royale de France*, tom. 1.º pag. 175, e 177.

· Não costuma a Santa Sé Apostolica conceder semelhantes graças senão a grandes Reys , como escreveu o eruditissimo Chronista de Hespanha D. Luiz de Salazar e Castro , e haviaõ sido dispensados Henrique VIII. Rey de Inglaterra, quando casou com a Infanta de Hespanha D. Catharina, viuva do Principe Artur seu irmão , e Joaõ Casimiro, Rey de Polonia, para a Rainha Maria Luiza Gonzaga, que tinha sido casada com ElRey Ladislaõ Segismundo seu irmão , a Serenissima Casa de Parma, quando por morte do Principe Duarte Farnese ficou viuva a Princeza Dorothea Sofia de Neoburg, e casou com seu cunhado Francisco Farnese, VIII. Duque de Parma, e Placencia, e o Duque D. Jayme , como temos referido ; todos estes quatro exemplos produzio aquelle estimadissimo Author nas glorias da Casa Farnese , para mostrar o quam estimada fora a graça , que se concedeo à Casa de Parma. Esta Real alliança, segunda vez concedida à Casa do Cadaval, já grande pela origem, e pelos parentescos com os Principes de Bragança , coroados Reys de Portugal, a elevaraõ ao ultimo ponto da gloria, a que póde aspirar a grandeza de hum Vassallo com o seu Soberano : o que tambem ao mesmo tempo se praticava na Corte de França , onde Luiz XIV. o Grande casou suas filhas legitimadas com os Principes do sangue, a Maria Anna de Bourbon com Luiz Armando de Bourbon, Principe de Conty , e Luiza Francisca de Bourbon

Bourbon com Luiz , Duque de Bourbon , e Francisca Maria de Bourbon com Philippe , Duque de Orleans , filho do Duque de Orleans seu irmaõ , e primeiro Principe do sangue.

Determinou ElRey Dom Pedro fazer huma promoçaõ de Conselheiros de Estado no anno de 1704 , que declarou em Abril , estando em a Villa de Santarem , como dissemos no Livro VIII. Capitulo V. pag. 547 do Tomo VII. e dous mezes antes , estando em Lisboa , nomeou ao Duque Dom Jayme do seu Conselho de Estado , naõ comprindo ainda vinte annos. Declarada a guerra da grande alliança em Lisboa a favor delRey D. Carlos III. com quem ElRey D. Pedro se havia de achar na Campanha da Beira , e tendo nomeado os Senhores , que o haviaõ de acompanhar , e a outros , que concedeo o poderem acharse nella , como voluntarios , de hum , e outro modo privou ao Duque D. Jayme poder ir à Campanha , porque positivamente lhe ordenou ficasse em Lisboa , para o que lhe escreveo a Carta seguinte :

„Honrado Duque , Dom Jayme , Sobrinho
„Amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar , co-
„mo aquelle , que muito amo , e prezo. Ainda
„que me fora muito agradavel a vossa companhia
„nesta occasiaõ , em que passo às Fronteiras com
„ElRey Catholico , meu muito amado , e prezado
„bom Irmaõ , e Sobrinho , posto que estou certo ,
„que em toda a parte , e em qualquer occasiaõ me
„assisti-

„assistireis com grande valor, e fidelidade, que pe-
„de o devido, que comigo tendes, e as muitas obri-
„gações, com que nascestes, e me seria muito util
„a vossa assistencia, como me segura o conhecimen-
„to, que tenho da vossa pessoa. Como he preciso,
„que nesta Corte fiquem as que forem de tal gran-
„deza, confiança, e valor, que possa sahir livre do
„cuidado, que me pudera causar a defensão della,
„deixando eu aqui o Principe, e Infantes, meus
„muito amados, e prezados filhos, e ficando a Rai-
„nhã da Grã Bretanha, minha muito amada, e
„prezada Irmã, he inexcusavel privarme do gosto,
„que tinha de levarvos em minha companhia, e
„ordenarvos, que fiquéis nesta Cidade, em que a
„conjuntura presente faz não ser menos necessaria a
„vossa assistencia, do que na Campanha, e me será
„muito agradavel o serviço, que estou certo me fa-
„reis nella, havendo para isto occasião. Escrita em
„Lisboa a 9 de Mayo de 1704.

„REY.

Obedeceo violentado o Duque D. Jayme ao Real preceito, porém succedendo logo mandar chamar de Santarem ao Duque seu pay, interpretando a ordem com o novo motivo del Rey chamar ao Duque, a quem tambem tinha mandado ficar em Lisboa, foy na sua companhia, entendendo, que El Rey o haveria assim por bem; porque havendo resolvido a mudança da assistencia do Duque seu pay, o fa-

o faria tambem com elle, principalmente expendo-lhe os motivos, que o obrigavaõ para não deixar de ir à Campanha, e chegando à Real presença, ElRey lhe ordenou, que voltasse logo para Lisboa, e querendo o Duque D. Jayme manifestarlhe a justa razão, que lhe assistia, para que Sua Magestade lhe concedesse a licença para o acompanhar, ElRey o não quiz ouvir, e com severidade, o mandou se recolhesse logo a Lisboa. Foy o motivo desta resolução delRey o muito, que estimava sua filha, que levava muito a mal a vontade, que o Duque tinha de ir à Campanha, e havendo communicado a ElRey o desprazer, que lhe causava aquella resolução, que augmentava o não haver mais que dous annos, que durava aquella alliança, e havia tão poucos padecera com grande excessõ a falta do Duque Dom Luiz, agora já tinha por fatal a ausencia do Duque seu esposo, que ElRey por a consolar evitou no modo, que temos dito; assim não podemos decidir em quem foy mayor o sacrificio, na obediencia do Duque, ou em ElRey o amor, com que estimava perpetuar esta grande Casa.

Succedeo depois a ultima doença, de que ElRey faleceo, a que o Duque D. Jayme se achou, e chegando à sua Real presença com aquelle justo sentimento, que pedia o amor, e obrigação, e beijandolhe a mão, ElRey o abraçou com grande affecto, e carinho, e lhe encorremendou, que na sua falta

falta consolasse muito à Senhora D. Luiza , e com outras palavras de grande honra , o despedio ; depois o Duque acompanhou o Real cadaver, quando foy levado de Alcantara a S. Vicente de Fóra. Estimou ElRey muito ao Duque com especial affecto, porque nelle concorriaõ sobre a sua grande pessoa muitas partes do proprio genio ; assim crescia a estimaçaõ por ser agradavel o Duque, de estatura agigantado , com gentil presença , vivo , robusto , e desembaraçado , dístico no manejo das armas , jogando-as com todo o primor , com grande exercicio , e sciencia na nobre arte de andar a cavallo , em que observados os preceitos, he composto , e bizarro , praticando os mais difficeis , e primorosos pontos desta difficilima arte sem affectação , e tanto a tempo, que pareceo, que os brutos com elle tiveram mais livre instincto no modo , com que obedecem à mão da sua redea , não só dentro na picaria , mas nas festas , e cavalladas , justas , canas , e outros semelhantes , e nobres exercicios , em que entra o difficil , e arriscado de tourear, no qual não só conseguio executar destro , e bizarro , mas com fortuna , levando geralmente as attensões.

No divertimento da caça , que seguiu com genio , mas com moderação , he igualmente destro na montaria , que na volateria , usando taõ airoso , e destramente da lança , como da espingarda , com hum admiravel promptidaõ , e ventura : todas estas partes dignas de hum taõ graõ Senhor , executadas

no

no vigoroso tempo da mocidade, eraõ gratas a El-Rey, que entre ellas divisava o seu habil talento, accrescentavaõ a estimaçaõ, e augmentavaõ o amor; e assim foy justamente sentida do Duque a sua morte, que no amor perdeo pay.

Sobio ao Throno El-Rey D. Joaõ V. ornado de admiraveis virtudes, e coroando-se no primeiro de Janeiro de 1707 se achou o Duque Dom Jayme neste acto, sendo o primeiro, que jurou; depois se seguiuõ os Grandes, sem preferencia, como refere o Auto do Levantamento, que entaõ se imprimio. Conservou o novo Rey o mesmo affecto, com que seus pays, e avós distinguiraõ a Casa do Cadaval, o que os Senhores della reconheceraõ com taõ profundo respeito, que nenhuma obediencia podia ser mais fiel; porque nenhuma cousa estimaraõ mais que o gozto de servir. El-Rey dotado de huma admiravel viveza, e sabedoria, o reconheceo sempre assim.

Determinou El-Rey no anno de 1711 estar algum tempo no Lugar de Azeitaõ com o motivo, que temos referido no Tomo VIII. pag. 104, entre os poucos Senhores, que nomeou para o acompanharem, foy o Duque D. Jayme; deste Lugar passou El-Rey à Villa de Setuval, aonde fazendo entrada publica, levou o Duque de redea o cavallo, em que El-Rey hia, que por entaõ estar em administraçaõ a Casa de Aveiro, a cujos Duques pertence a Alcaidaria môr, nomeou para exercitar a sua occupaçaõ

Tom. X.

Yy

ao

ao Duque D. Jayme seu cunhado. Neste mesmo anno a 18 de Dezembro se achou o Duque no bautizado da Serenissima Senhora D. Maria Barbara, que nascendo Princeza do Brasil, o he hoje das Asturias; neste acto levou o Duque o Salleiro; e no anno seguinte a 28 de Novembro no bautizado do Principe D. Pedro, tambem teve o mesmo exercicio.

Era no principio do anno de 1713 quando El-Rey se achava na Villa de Salvaterra com a Rainha, e toda a Casa Real, e querendo ver a Villa de Santarem, foy preciso honrar aos moradores de hum taõ antiga, e nobre Villa, que lhe pediraõ fosse a sua entrada publica, entaõ o acompanhou o Duque juntamente com seu pay, e D. Rodrigo de Mello seu irmaõ. Neste mesmo anno, vagando o lugar de Estribeiro môr pela morte do Conde de Vianna, que succedeo a 30 de Setembro, querendo ElRey servirse neste emprego do Duque D. Jayme, o nomeou seu Estribeiro môr no primeiro de Outubro do referido anno, com especial demonstração de affecto, e honrosas expressões da sua benignidade. Augmentava-se a felicidade do Reyno na fecundidade do Real thalamo, porque nascendo a 6 de Junho o Serenissimo Principe do Brasil Dom Joseph, foy bautizado a 27 de Agosto de 1714, e neste acto se achou o Duque levando o Massapão, e o Senhor D. Miguel seu cunhado o Salleiro. Com o mesmo emprego se achou tambem, quando no
-anno

anno de 1716 a 7 de Junho foy baptizado o Infante D. Carlos, e depois o acompanhou à sepultura ao Convento de S. Vicente de Fóra no anno de 1736. Havendo-se achado a 29 de Agosto de 1717 no baptizado do Infante D. Pedro, em que teve a referida occupação. E finalmente no ultimo fruto do Augusto thalamo dos mesmos Reys, quando se administrou o Sagrado Bautifmo ao Infante D. Alexandre a 6 de Dezembro de 1717, levou o Duque a Vêla, e depois no anno de 1728, sendo hum dos que pegaraõ no caixaõ, o levou à sepultura no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra.

Concluidos os Tratados das reciprocas allianças entre a nossa Corte, e a de Madrid, assentaraõ os Reys de Portugal, e Hespanha de se a vistarem no rio Caya no anno de 1729, e se fazerem as trocas das Princezas do Brasil, e Asturias, como dissemos no Tomo VIII. Nesta occasiaõ acompanhou o Duque a ElRey, levando huma luzida comitiva de criados, e exercitando o seu officio de Escribeiro mór com muita authoridade, e em toda a jornada, fazendo com grande providencia assislr, e accommodar a numerosa comitiva dos Criados de taõ diversos fóros da Casa Real, com naõ pouco trabalho, em que brilhou, a pezar da mesma inveja, o seu excellento prestimo, e animo grande, com que se empregou sempre no Real serviço, sem mais outra memoria, do que o ardente zelo, e desinteresse, com que o executava. Acompanhou depois

as Magestades, e Altezas na volta para Lisboa no dia, em que fizeraõ a entrada publica nesta Corte, como fica referido no Tomo VIII. pag. 300; e seguindo-se do Real thalamo dos Augustos Principes do Brasil preciosos frutos da nossa mayor dita na fecundidade desta Real uniaõ, nasceo a prodigiosa Princeza da Beira D. Maria Anna Francisca Isabel, que sendo bautizada a 9 de Janeiro de 1734, levou nesta occasiaõ o Cirio o Duque, exercendo a mesma occupação no dia 21 de Novembro de 1736, em que se solemnizou o Bautismo da Serenissima Infanta D. Maria Anna Francisca Dorothea, naõ havendo occasiaõ de obsequio, ou de dissabor, em que o Duque naõ servisse sempre com aquelle ardor, e zelo, herdado de seus preclarissimos predecessores.

A grande pessoa do Duque, o prestimo, e modo do seu serviço, o habilitou tambem no alto conceito da sábia Rainha D. Maria Anna de Austria, para que depois, passados annos, querer no seu serviço ao Duque D. Jayme no emprego de seu Mordomo môr. Neste lugar, que vagara pelo Duque seu pay, desejou a Rainha logo occupar ao Duque D. Jayme; porém sobrevindo entaõ alguns motivos, se suspendeo a idéa, que depois veyo a ter effeito, sendo nomeado Mordomo môr em 13 de Fevereiro de 1739, com a prerogativa de haver de preceder a todos os Officiaes da Casa da Rainha, sendo esta declaração, porque o Duque, como Criado

do delRey, precedia aos da Rainha, e nas funções publicas fóra de Casa, o Estribeiro môr logra a precedencia aos de mais Officiaes da sua Casa, o qual precisamente havia de disputar a sua prerogativa; o Duque por evitar contendas representou a incompatibilidade do lugar, que elle tinha na Casa delRey, com o de Mordomo môr da Rainha; porém ElRey satisfazendo a vontade, que a Rainha tinha, de que o Duque a servisse, evitando anticipadamente a questaõ, determinou a preferencia.

Havia ElRey D. Joaõ V. no anno de 1715 nomeado ao Duque Presidente do Tribunal da Mesa da Consciencia, e Ordens, lugar, que occupou vinte annos, para ser o exemplar mais digno de hum perfeito Ministro; porque a independencia, e affabilidade o farão eternamente memoravel com os Ministros, e com as partes, porque com exemplo, poucas vezes visto, não houve em tão longo tempo pessoa alguma, que do seu ministerio se queixasse; attendendo igualmente a huns, e outros, fazia que promptamente se differisse, evitando a sua integridade algumas vezes as defordens, que nos homens são inevitaveis, mas com tal prudencia, que ainda os admoestados deixava obrigados; porque nunca attendeo mais que ao merecimento, ou justiça das partes, sendo esta sómente o soborno, com que pode o mayor respeito inclinar a sua rectidão; e por isso o seu voto, muitas vezes singular, era attendido da Magestade, que tinha ca-

bal

bal conceito do seu desinteresse, e zelo, ornado com o brilhante de tão excelsa virtude, unio a natureza outras admiraveis.

Sendo a mais publica, e a que mais distingue aos poderosos a compaixão, e piedade com os necessitados, elle a exercita, soccorrendo-os tão liberalmente, que he verdadeiro successor de seu grande pay; de sorte, que em a sua falta a não experimentarão os pobres, nem menos conhecerão diminuição nos soccorros tão grande numero de Comunidades Religiosas, como as que se ajudaão amanter com as grandiosas esmolas da Casa do Cadaval: esta virtude, a mayor entre todas, que he acompaixão do proximo nas esmolas, fará gloriosa em huma perpetua duração esta grande Casa. Assim entre as maximas do grande, e sabio Duque D. Nuno, nenhuma fará mais esclarecida a sua memoria, do que a religião, e piedade tão bem imitada no Duque seu filho, que he o brilhante de todas as mais, em que o seu exemplo o deixou tão instruido, e por isso não a ordem da natureza, mas a da altissima Providencia o destinou fiel imitador, e successor daquelle insigne Heroe, conservando como hereditario o brio, valor, desinteresse, prudencia, e outras virtudes praticadas sem affectação; e para que este retrato fosse em tudo igual ao original, até a natureza lhe ministrou os mesmos accidentes, tão parecidos, que já mais se fallará com o Duque D. Jayme, que não traga à memoria ao Duque seu pay; assim

assim o observou tambem a incomparavel advertencia do Grande Rey D. Joaõ V. em alguns factos, dizendo, que pareciaõ coufas de seu pay, dignas por certo de serem praticadas, e invejadas de todos.

Bastando para coroar aquelle Heroe as suas Ultimas Acções, que o Duque D. Jayme escreveo com elegancia, eternizando huma, e outra memoria pelo beneficio da impressaõ no anno de 1730, como dissemos, porque tambem na curiosidade o o soube imitar, augmentando os muitos manuscritos, que herdara, com outros muitos de grande estimaçaõ, de que formou hum exquisito Gabinete com excellentes Originaes, e diversos papeis estimaveis, de que muito nos servimos nesta Obra, como em diversas partes confessamos agradecidos à especial merce, com que este Principe nos honra, e a toda a Familia Theatina; e na mesma fórma a outras diversas desta Corte, conservando trato, e amizade com os homens doutos, que o seu talento sabe desfrutar, com admiravel percepçaõ nas sciencias, que não póde professar, merecendonos, que nos não esqueçamos das suas estimaveis fadigas; porque além das Ultimas Acções, de que fizemos já mençaõ, tem escrito Memorias da Fundaçãõ do Real Convento de Mafra, e as Memorias da Jornada, que Suas Magestades fizeraõ na occasiaõ das trocas dos casamentos de seus filhos, e outros semelhantes tratados, com que evitando o ocio, entretem utilmente o tempo.

De

De taõ louvaveis virtudes se orna D. Jayme de Mello, III. Duque do Cadaval, V. Marquez de Ferreira, VI. Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, e Guerra dos Reys D. Pedro II. e Dom Joaõ V. seu Estribeiro môr, e Mordomo môr da Rainha Dona Maria Anna de Autria, Senhor das Villas de Buarcos, Tentugal, Villa-Nova de Ancyos, Rabaçal, Arega, Alvayazere, Penacova, Mortagua, Ferreira de Aves, Villa-Alva, Agua de Peixes, Muja, Cadaval, Peral, Cercal, Noudar, e Barrancos, Alcaide môr das Villas, e Castellos de Olivença, e Alvor, Commendador das Commendas de S. Isidro, da Villa de Eixo, Santo André de Moraes, Santa Maria de Marmeleiro, S. Matheus do Sardoal, na Ordem de Christo, da de Grandola na de Santiago, e da de Noudar na de Aviz, e outras muitas terras, que possue o Duque com grandes prerogativas, herdadas dos seus mayores, apresentando muitas Igrejas, e Prestimonios, e as Alcaidarias môres do Cadaval, e Villa-Ruyva, com as datas dos Officiaes de Justiça, e Fazenda, e apresentação dos Ouvidores, para o que tem hum Ouvidor da sua Casa, lugar, que occuparaõ sempre Ministros Togados de grande litteratura, e he hoje o Doutor Fernando Affonso Giraldes, Desembargador dos Aggravos, e Juiz dos Cavalleiros das Ordens Militares deste Reyno, Ministro de grande inteireza, e letras.

Toda esta grande Casa, que logra o Duque
D.

D. Jayme com trato magnifico, faz ainda mais distincta as inclinações dos seus divertimentos, mantendo hum grande numero de cavallos de regallo, que se exercitaõ na famosa picaria, que elle fez construir na sua Casa de Campo de Pedrouços, que fica em pouca distancia de Lisboa, que não cede a muitas das celebres, que se vem em diversos Reynos, a qual frequenta em certos dias da semana com a companhia de muitos Senhores parentes, amigos, curiosos, que se entretem, vendo, e trabalhando elles mesmos os cavallos com muito primor; porque além do Duque ser eminente na arte da Cavallaria, tem excellentes Mestres desta mesma Academia, que se conserva com largas despezas, não perdendo por ella a inclinação da caça, entretendo tambem Falconeiros para a volateria, e muitos Caçadores para toda a outra na sua Villa de Muja, sendo estes divertimentos seguidos, ainda que com gosto, sem excessõ, que perturbassẽ nunca as proprias obrigações, satisfeitas com taõ prodigioso genio, que conseguiu o ser bemquisto universalmente, alcançando mais pela affabilidade, do que tal vez poderia ter pela elevada representação do seu alto nascimento, porque o respeito, que a fortuna lhe prevenio neste, poderia não merecer no amor, e estimação das gentes, de que será a mais evidente prova, e o mayor elogio da sua pessoa, e Casa, o que não ha muitos annos vimos na Corte de Lisboa, em que ella, e todo o Reyno com hum espe-

Tom. X.

Zz

cial

cial affecto se interessava na sua conservação, como de causa commua precisa à utilidade da Republica, cousa de tanta gloria para a Casa do Cadaval, como já mais vista; porque revestidos igualmente todos de hum desejo, amavaõ a sua posteridade, naõ soffrendo, que o Duque retardasse o seu casamento, que depois vendo effeituaado, tanto applaudiaõ, sendo inexplicavel o alvoroço, quando nasceo o successor de taõ grande Casa, benemerita de taõ singular attençaõ.

Em o anno de 1732 faleceo a 23 de Dezembro a Senhora Dona Luiza, como deixamos escrito no Tomo VIII. pag. 471, de que o Duque ficou taõ penetrado, por naõ ficar daquella Real uniaõ posteridade, que esteve irresoluto na eleiçaõ de esposa, até que passados alguns annos, com approvaçaõ, e licença del Rey, tratou o seu casamento em França na mesma Casa de Lorena, de que era a Duqueza sua mãy, e se ajustou com grande satisfacão daquelles parentes com sua sobrinha Henriqueta Julia Gabriella de Lorena, chamada Madamoiselle de Braine, filha de seu primo com irmaõ Luiz de Lorena, Principe de Lambesch, Conde de Orgon, de Brione, e de Braine, Baraõ de Pontarcay, Marquez de Coislin, Baraõ dela Roche-Bernard, e de Ponteau, Senhor das terras de Bron, de Limolan, e de Beaumanoir, e outros Lugares, Governador da Provincia de Anjou, e da Cidade, e Cidadella de Angres, e Ponte de Cee; servio na guerra,

ra , sendo Brigadeiro dos Exercitos delRey , e se achou na batalha de Malpaquet a 11 de Setembro de 1709 , donde deu de seu valor excellentes provas , recebendo tres cutiladas de hum alfange na cabeça , como em outras occasioens , em que se distinguio ; e de sua esposa a Princeza Joanna Henriqueta de Durfort , filha de Jaques Henrique de Durfort , Duque de Duraz , que sendo Mestre de Campo de hum Regimento de Cavallaria , com que servia na guerra , morreo em Mons , naõ contando mais que vinte e sete annos , no mez de Setembro de 1697. Passou-se o ajuste a hum Tratado , sendo Procurador do Duque seu tio o Principe Carlos de Lorena , Conde de Armagnac , e de Charay , Par , e Estribeiro môr de França , Cavalleiro Commendador das Ordens delRey , Tenente General dos seus Exercitos , Governador , e Tenente General da dita Magestade na Provincia de Picardia , Artois , Bullonois , e Paizes Conquistados , Grande Senescal hereditario de Borgonha , Governador da Cidade , e Cidarella de Montrevil sobre o mar. Dotaraõ os Principes de Lambesch a sua filha com cento e cincoenta mil libras tornezas da moeda de França , pagas de contado. O Duque lhe deu , por modo de arrhas , dez mil cruzados de renda cada anno para lograr , no caso de sobreviver ao Duque , ainda que fique na companhia de seus filhos , ou delles se aparte , e o Senhorio de huma das Villas da Casa , qual ella escolher , que gozará em sua vida , com toda a adm-

Anselme, *Hist. General.*
Duchés non Paris, tom.
5. pag. 758.

Prova num. 17.

Tom.X. Zz ii nif.

niftração da data dos Offícios, Igrejas, e Benefícios, e o Palacio ornado com a grandeza devida a esposa do Duque, e outras clausulas estipuladas em semelhantes Tratados, que se outorgou em Pariz a 11 de Mayo de 1739. No dia seguinte se celebraraõ com grande magnificencia os desposorios no Palacio do Principe Carlos, com quem a nova Duqueza do Cadaval se recebeo, em virtude de outra Procuração, que elle tinha para aquelle acto; e poucos dias depois sahio de Pariz, fazendo jornada por terra, que com particularidade descrevem as Memorias daquelle anno. Entrou a 25 de Junho em Portugal pela Praça de Almeida, na Provincia da Beira, cujas armas governava o General de Batalha Jacintho Lopes Tavares, que lhe fez todos os obsequios devidos à sua grande pessoa, e por ser esposa do Duque, donde depois continuou a sua jornada, e se encontrou com o Duque na sua Villa de Tentugal, sendo recebida, e tratada com grandes demonstrações de gosto; e passando a Lisboa a 11 de Agosto, foy conduzida magnificamente à sua Casa de Campo de Pedrouços, pouco distante da Corte, e no dia 3 de Setembro foy ao Paço, aonde recebeo da Rainha nossa Senhora as honras de Duqueza com a formalidade, que já temos referido, são concedidas à dignidade do seu caracter, e por elle lhe permite a mesma Rainha as entradas na sua Camera nas occasioens, que tem a honra de a ir ver. Assim he a Duqueza universalmente applaudida, porque

a na-

Mercuré de France Setembro 1739, pag. 2260.

a natureza a dotou liberalmente de agradável fermosura, com hum genio prodigioso, docil, e attento, animada de singularissima viveza, revestida de gravidade nas occasioens, mas em todas benigna, divisandolhe sublime talento, com entendimento claro; nella brilha no animo pio, e devoto a Religião, com outras partes, em que não tem menor lugar a prudencia, e a generosidade, que a farão recommendavel na sua esclarecida posteridade; porque sendo abençoada por Deos tão ditosa união, começa a ser mais applaudida pela fecundidade, de que até o presente tem,

19 D. NUNO CAETANO ALVARES PEREIRA DE MELLO, que nasceu a 17 de Novembro de 1741 Conde de Tentugal, e foy bautizado no Oratorio do Paço pelo Eminentissimo Cardeal Patriarca em 3 de Janeiro de 1742, sendo seus Padrinhos ElRey D. João V. e a Rainha D. Maria Anna de Austria, estando presentes o Principe, e Princeza do Brasil, o Serenissimo Infante Dom Antonio, e os Criados das Reaes pessoas, levado nos braços da Camareira môr D. Anna de Lorena sua prima com irmãa; assim se vay creando para successor de tão grande Casa.

19 D. JOANNA CAETANA DE LORENA DE MELLO nasceu a 9 de Setembro de 1743.

Teve o Duque filhos não legitimos:

D. JAYME, e D. MARGARIDA, que falecerão meninos.

D.

D. MARGARIDA DE MELLO nasceu a 16 de Fevereiro de 1711, e faleceu de bexigas a 7 de Janeiro de 1728.

D. LUIZ DE MELLO nasceu a 11 de Novembro de 1712, e faleceu a 22 de Outubro de 1722.

D. EUGENIA DE MELLO nasceu a 14 de Setembro de 1715, he Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

D. ANNA CATHARINA DE MELLO nasceu a 25 de Novembro de 1716, he Freira no dito Mosteiro.

D. NUNO ALVARES PEREIRA DE MELLO nasceu a 15 de Fevereiro de 1720, he Cavalleiro da Ordem de Christo, segue a vida Ecclesiastica; seu pay lhe fez merce dos Prestimonios da sua apresentação; estuda com conhecido aproveitamento na Universidade de Evora, aonde se graduou Mestre em Artes, e depois em Theologia; fez diversos actos litterarios com applauso do Corpo daquela Universidade, promettendo os seus estudos fazonados frutos da sciencia porque se anima de huma summa viveza, que nelle brilhou desde os primeiros annos.

D. PEDRO DE MELLO faleceu menino.

D. FRANCISCO DE MELLO nasceu no anno de 1721, e faleceu no dito anno.

D. THEODOSIO DE MELLO nasceu no anno de 1722, e faleceu no dito anno.

D. ISABEL DE MELLO nasceu a 31 de Agosto de 1723.

da Casa Real Portug. Liv. IX. 379

D. JOANNA DE MELLO, nasceu a 28 de Novembro de 1724, e faleceu a 24 de Setembro do anno seguinte.

D. RODRIGO DE MELLO, nasceu a 15 de Setembro de 1726.

D. MANOEL DE MELLO, nasceu a 10 de Agosto de 1728.

D. MARIA DE MELLO, nasceu a 31 de Março de 1730.

DONA LEONOR DE MELLO, nasceu a 17 de Março de 1732, e faleceu de tenra idade.

D. ALVARO DE MELLO, nasceu a 24 de Outubro de 1734.

D. JOSEPH DE MELLO, nasceu no anno de 1738.

Mada-

D. Henriqueta Julia Gabriella de Lorena, mulher do Duque de Cadav. D. Joaze.

Luiz de Lorena, Principe de Lambeth, nasc. a 13 de Fevereiro de 1692.

Henrique de Lorena, Conde de Brogne, Cavalleiro das Ordens del Rey de França, e seu Eitribreiro mór, n. a 15 de Novembro de 1661, + a 3 de Abril 1712.

A Condesa Magdalena de Espinay, + a 12 de Dezembro 1714.

A Princeza Joanna Henriqueta Margar. de Durlfort, n. em 1692.

Jaques Henrique de Durlfort, Duque de Duras, n. a 29 de Dezembro de 1670, + em 1697.

A Duq. Luiza Magdalena de la March.

Luiz de Lorena, Conde de Armagnac, Eitribreiro mór de França, n. a 7 de Dezembro de 1641, + a 13 de Junho de 1718. A Condesa Catharina de Neufville, + a 25 de Dezembro de 1707.

Luiz, Marquez de Eitpinay Duretal, &c. + a 18 de Fevereiro de 1708.

A Marquiza Maria Francisca de Cousin de S. Deniz.

Jaques Henrique de Durlfort, Duque de Duras, Marichal de França, Cavalleiro das Ordens del Rey, n. a 29 de Outubro de 1625, + a 12 de Outubro de 1704. A Duq. Margarida Felice de Levis.

Henrique Roberto Eischallart, Conde de la March.

A Condesa Joanna de Saveuse Bouquainville.

Henrique de Lorena, Conde de Harcourt, n. a 29 de Março de 1601, Eitrib. mór de França, Cavalleiro das Ordens del Rey, + a 25 de Jul. 1666. A Condesa Filippa de Cambout.

Nicolas de Neufville, Duque de Ville-Roy, Par, e Marichal de França, + a 18 de Nov. 1685. A Duquiza Margarida de Crequy, + a 13 de Jun. de 1675.

Filippe Manoel, Marquez de Brocon, e Elpinay.

A Marquiza Magdalena de Warignies.

Filippe de Cousin, Senhor de S. Luiz de Chaputieres.

Maria de Rouville.

Guido Aldonço de Durlfort, Marquez de Duras, + a 8 de Janeiro de 1665. A Marquiza Isabel de la Tour.

Carlos de Levis, Duque de Vantadour, Par de França, + a 19 de Mayo 1649. A Duq. Maria de la Guiche de S. Geran, + a 23 de Jul. 1701.

Maximiliano Eischallart, Marquez de la Boulaye.

A Marquiza Luiza de la March.

Henrique de Saveuse, Barão de Cordonnay, Senhor de Bouquainville. A Baroneza Magdalena Viole.

Carlos de Lerna, Duque de Elbeuf, Par, e Eitribreiro mór de França, &c. n. a 18 de Outubro de 1556, + em 1605.

A Duquiza Margarida de Chibor. Carlos de Cambout, Marquez de Cousin, &c. A Marquiza Filippa de Bourges, primeira mulher.

Carlos de Neufville, Marquez de Ville-Roy, + a 18 de Janeiro de 1642.

A Marquiza Jaquellina de Harlay. Carlos, Senhor de Crequy, Duque de Leldiguiers, Par, e Marichal de França, + a 17 de Março 1638. A Duquiza Magdalena de Bonne.

Francisco de Espinay, Marquez de Broon, + em 1598.

A Marq. Silvia de Rohan-Gueme.

Tanguy de Warignies, Senhor de Blainville, Barão de Bisan.

A Baroneza Antonina Dupare.

Souard de Cousin.

Madame de Cousin.

Hercules Luiz, Marquez de Rouville, Senhor de Meux.

A Marquiza Maria Joanna de Basse, Senhora de Bois.

Jaques de Durlfort, Marquez de Duras, + a 3 de Abril de 1626.

A Marquiza Margarida de Montgommery.

Henrique de la Tour, Duque de Bovillon, + a 5 de Março 1623. A Duquiza Isabel de Nailau-Orange, + a 3 de Setembro de 1624.

Annas de Levis, Duque de Vantadour, Par de França, + em 1622.

A Duquiza Margarida de Montmorency, + a 5 de Dezembro de 1660.

João Francisco de la Guiche de S. Geran, Marichal de França.

Sufana de Epauls.

Filippe Eischallart, Senhor de Boulaye.

Maria Hurault de Marais.

Henrique Roberto de la March, Conde de Bisan, + a 7 de Novembro de 1652.

A Condesa Margarida de Auton.

Luiz de Saveuse, Senhor de Bouquainville de Comblin, &c.

Anna de Hellin.

Nicolas Viole, Senhor de Hautis Jogen.

Margarida de Cordei.

CAPITULO XV.

De Dom Rodrigo de Mello.

18 **F**Oy o ultimo filho varaõ dos Duques D. Nuno, e D. Margarida de Lorena D. Rodrigo de Mello; vio a primeira luz do dia em Lisboa a 17 de Outubro de 1688. Teve as Commendas de S. Salvador de Pena-Mayor na Ordem de Christo, e a de Noudar, e Barrancos na de Aviz. A natureza o ornou de taõ excellentes partes como de esclarecido sangue, porque foy de gentil presença, robusto, e com taõ admiravel genio, que se fazia amavel de todos os que o tratavaõ, porque era agradavel no modo, a que ajuntava todas aquellas partes dignas do seu alto nascimento, sendo dístico, e bizarro no manejo dos cavallo, e no exercicio da caça incançavel, e na guerra valeroso, de que deu naõ vulgares provas na Campanha do anno de 1704, em que se achou com o Duque seu pay na Beira, onde foraõ acompanhando a ElRey D. Pedro, como dissemos.

As partes de D. Rodrigo eraõ taõ estimaveis, que sobornaraõ ao amor de seus Excellentissimos pays, de sorte, que pertenderaõ deduzir à posteridade mais huma linha da grande Casa do Cadaval na pessoa de D. Rodrigo; e assim determinando de

Tom.X.

Aaa

lhe

lhe dar estado, escolheo o Duque para esposa a sua neta D. Anna de Lorena, filha de seu genro o Marquez de Abrantes, entao de Fontes, em quem concorria belleza, e tantas virtudes em poucos annos, que ja eraõ abonadoras dos mayores acertos da prudencia, que o tempo veyo a manifestar. Celebrouse o contrato do seu casamento a 7 de Março de 1711, dandolhe o Duque as Commendas de Noudar, e Barrancos; e o Marquez de Fontes a sua filha trinta mil cruzados em dinheiro, de que não teria arrhas, mais que a satisfação inteira do dote, no caso da restituição, e mais a legitima de sua mãy, e hum legado, que tivera de sua visavó a Condeessa de Penaguiaõ, com a condição de no caso, de que D. Anna sobrevivesse a seu esposo, lhe ficaria inteiramente a administração da Commenda de Noudar em sua vida, para o que houve faculdade Real, da qual ella depois, quando se veyo a verificar a condição, cedeo por hum certa convenção, que fez com seu avô, que se outorgou por hum contrato em publica fôrma a 26 de Novembro de 1725. E quando viviaõ na mais ditosa uniaõ, faleceo Dom Rodrigo de bexigas na Villa de Torres Vedras no primeiro de Julho de 1713, com grande sentimento da Corte; porque as naturaes partes, de que se adorava, o tinhaõ feito taõ bem quisto, como amado: e deste illustrissimo conforcio nasceraõ

19 D. MARGARIDA DE LORENA, que nascendo a 14 de Dezembro de 1711, com poucos
mez23

mezes do Mundo, passou a viver eternamente no Ceo a 14 de Março de 1712.

19 D. MARIA MARGARIDA DE LORENA, nasceu a 2 de Fevereiro. Casou com seu tio, e primo com irmão Joaquim Francisco de Sá Almeida e Menezes, IV. Marquez de Fontes, e depois de Abrantes, como adiante se verá.

CAPITULO XVI.

De Dona Isabel de Lorena, Marquieza de Fontes.

19 **A** Onze de Janeiro do anno de 1674 deu à luz a Duqueza D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, segunda esposa do Duque D. Nuno, a D. Isabel de Lorena, como dissemos no Capitulo XII. A natureza a dotou de fermosura, e de todas as partes, com que entre as mais Senhoras se distinguia, e fazia merecedora das atenções de todas. Concertaraõ seus pays o seu casamento com Joaõ Rodrigues de Sá e Menezes, II. Marquez de Fontes, VI. Conde de Penaguiaõ, Senhor de Sever, &c. que estando desposado com esta Senhora, faleceo, antes de se effectuar o matrimonio, a 10 de Março de 1688. E depois se ajustou o mesmo casamento, que se veyo a effectuar com seu irmão Rodrigo Eannes de Sá Almeida e

Tom.X. Aaa ii Me-

Menezes, que nasceu a 19 de Outubro de 1676; e foy III. Marquez de Fontes, e I. de Abrantes, VII. Conde de Penaguiaõ, Senhor das Villas do Sardoal, dos Conselhos de Sever, Penaguiaõ, e outras terras, que depois de servir na guerra do anno de 1704 com o posto de Mestre de Campo de Infantaria, foy Gentil-homem da Camera del Rey D. Joaõ V. seu Embaixador Extraordinario ao Papa Clemente XI. para cujo effeito embarcando no porto de Lisboa a 16 de Janeiro de 1712, voltou para o Reyno por terra, entrou em Lisboa a 9 de Abril de 1718. Era o Marquez ornado de virtudes, e erudição, com que mereceo especiaes attensões da Corte, e distinctos favores, e honras do Papa; El-Rey se deu por tão satisfeito desta missão, que attendendo aos merecimentos, e serviços do Marquez, e especialmente aos que lhe fizera nesta Embaixada, lhe fez merce por Decreto de 24 de Julho de 1718 do Senhorio da Villa de Abrantes, de que se intitularia Marquez, concedendolhe a honra do tratamento de sobrinho nas Cartas, e que conservaria a mesma antiguidade, que lograva para a preferencia no de Fontes; e que o Marquezado do de Abrantes, e Senhorio da dita Villa, e o tratamento de sobrinho, lograria elle, e todos os seus successores de juro, e herdade para sempre, dispensando por tres vezes da Ley Mental, e da mesma sorte todos os bens, e merces da Coroa, que possuia a sua Casa antes desta merce; e que o titulo
de

de Conde de Penaguião ficasse pertencendo aos primogenitos dos Marquezes de Abrantes, e dandolhe os Padroados das Igrejas, as jurisdicções todas daquelle Villa, com a prerogativa de elles, e seus successores nomearem os officios de Justiça, e Ouvidor Letrado; e nas Commendas, e bens de Ordens Militares, que lograva, lhe concedeo mais quatro vidas, fazendolhe merce de novo das Commendas de S. Pedro de Cavalleiros, do Padroado Bergantim, e da de Santa Maria de Mascarenhas na Ordem de Christo. Depois lhe deu o lugar de Vêdor da Fazenda, que o Marquez exercitou com inteireza, e prestimo, porque foy dotado de hum grande talento, logrando por elle muito a graça delRey, a quem servia com tanta satisfação, que sem embargo de ser muy occupado no ministerio do Reyne, quando se ajustaraõ os reciprocos casamentos dos Principes do Brasil, e Asturias, foy o Marquez de Abrantes nomeado por Embaixador Extraordinario à Corte de Madrid, para a cerimonia de ir pedir a Serenissima Infanta de Hespanha Dona Maria Anna Victoria para esposa do Principe do Brasil, onde deu a sua entrada publica a 25 de Dezembro do anno do 1727 com magnifica pompa. ElRey D. Philippe V. lhe conferio a insigne Ordem do Tufão de Ouro. Voltou o Marquez acompanhando, e servindo a Serenissima Princeza do Brasil; porém desta jornada se recolheo o Marquez tão opprimido de queixas, que augmentando-se sempre, veyo a falecer

cer de hum accidente apopleptico na sua Villa de Abrantes a 30 de Abril de 1733, onde jaz. Foy o Marquez Varaõ grande, ornado de muita sciencia, erudição, e hum dos sabios Senhores, que concorreraõ no seu tempo, e como tal, hum dos cinco Censores, que ElRey nomeou na instituição da Academia Real da Historia no anno de 1720, em cujas Collecções se vem muitos papeis seus de grande eslimação, como será sempre conservada a sua memoria; delle fizemos menção entre os Genealogicos no Apparato desta Historia no num. 200, e no Tomo IV. pag. 104 na Collecção das Moedas, e Medalhas, de que foy taõ curioso, como erudito. Faleceo a Marqueza D. Isabel de Lorena em Evora a 26 de Novembro de 1699, e jaz no Convento dos Eremitas de Santo Agostinho em huma Capella, que o Marquez seu esposo lhe mandou lavar de finissimos marmores; e desta illustrissima uniaõ nascerão os filhos seguintes:

19 D. ANNA DE LORENA, nasceo a 3 de Setembro de 1691, e casou com seu tio D. Rodrigo de Mello, como se disse no Capitulo precedente; he ornada de taõ excelsas virtudes, que se naõ pôde discernir em qual se excede; porque a gravidade, prudencia, e Religião se vem exercitadas com admiração, porque a natureza a dotou de muitas partes, dignas do seu esclarecido nascimento. Nos primeiros annos da sua florida idade seguiu a Musica com galla, e sciencia, exercitando-se nas artes liberaes, porque

porque escreveo com desembaraço, e singular perfeição, entretendo-se tambem no debuxo, e pintura, que executa com mimo, e bom gosto; em quanto o tempo lhe dava lugar, se applicava à lição dos livros, que lê na lingua propria, Castelhana, Franzeza, e Italiana, não lhe sendo desconhecida a Latina, sendo o brilhante hum genio brando, e suave com exercicio da vida devota, sem que falte às obrigações do seu estado, que conservado com respeito, não se dá condição mais benigna, e chea de grande caridade; de sorte, que a sua prudencia, e talento soube unir ao respeito da sua grande pessoa, e dos seus empregos hum tal modo, que não sendo explicavel, he tão prodigioso nos efeitos, que não se diminuindo nunca em cousa alguma, deixa a todos satisfeitos. Estas virtudes, que occultas praticava no retiro da sua honestissima viuvez, rompe-rao o mesmo segredo, em que se escondia, sendo manifestas na Real presença delRey D. João V. quando a escolheo para Camereira mór da Princeza do Brasil. Diferentes pensamentos eraõ, os que neste tempo occupavaõ a sua idéa, porém fogeitando a propria vontade à obediencia, com que respeitava seu pay, fez sacrificio da mesma honra, entrando a servir de Camereira mór da Princeza do Brasil, a quem assiste com tanta satisfação, sendo-lhe tão agradavel o seu serviço, e tão alto o conceito, que justamente formou do seu prestimo, que a escolheo para Aya da prodigiosa Princeza da Beira,

ra, e das Sereníssimas Inf.antas suas filhas, em quem admirará o Mundo os effeitos de tão bem lograda creação. E quando parecia, que não podiaõ caber mais honras, do que as que lograva no Paço da Sereníssima Princeza do Brasil, a Augusta Magestade da Rainha D. Maria Anna de Austria a escolheo para sua Camereira môr, conservando ao mesmo tempo tão grandes occupaões, logra o Real agrado, e esta eleição de huma tão sábia, virtuosa, e prudente Rainha, he a demonstração mais evidente das excellentes virtudes, que apontamos sômente da Camereira môr D. Anna de Lorena.

19 JOACHIM FRANCISCO DE SA' ALMEIDA E MENEZES, II. Marquez de Abrantes, adiante.

19 D. MARIA SOFIA DE LENCASTRE, nasceu a 18 de Agosto de 1696, a quem a natureza ornou de tantas virtudes, que não cedeo mais, que no tempo a sua Excellentissima irmã, equivocando-se com tanta semelhança, que parecendo-se nos dotes da natureza, se competem nas virtudes. Casou com Dom Pedro de Lencastre, V. Conde de Villa-Nova, Commendador môr da Ordem de Aviz, de quem no Livro XI. faremos menção.

19 D. LUIZA MARIA DE FARO, que faleceu de tenra idade a 10 de Dezembro de 1697.

* 19 JOACHIM FRANCISCO DE SA' ALMEIDA E MENEZES, nasceu a 8 de Janeiro de 1695, VIII. Conde de Penaguiaõ, IV. Marquez de Fontes, e he II. de Abrantes, Gentil-homem da Camera da Magest.

Magestade delRey D. João V. Senhor das Villas de Abrantes , e seus Padroados , e Sardoal , e dos Concelhos de Sever, Penaguiaõ, Fontes, Gondim, Gondemar, de Villa-Nova de Aguiar de Sousa, de Bouças, de Gaya, e da Honra de Sobrado, Capitão môr, e Alcaide môr da Cidade do Porto, e das Fortalezas de S. João da Fós do Douro, e de Nossa Senhora das Neves em Lessa de Matosinhos, Alcaide môr de Abrantes, Punhete, Amendoa, e Massão, Commendador das Commendas de Santiago de Cassem, de S. Pedro de Faro da Ordem de Santiago, de Santa Maria de Mafcarenhas, e S. Pedro de Macedo na Ordem de Christo ; no tempo que seu pay residio em Roma esteve naquella Corte , e vendo depois diversas da Europa, se recolheo a Portugal, ornando-se de todas aquellas partes dignas da sua pessoa.

Casou a primeira vez no primeiro de Dezembro de 1711 com sua tia D. Filippa de Lorena, que morreu na flor da idade a 29 de Outubro de 1713.

Casou a segunda vez a 22 de Dezembro de 1726 com sua sobrinha, e prima com irmã Dona Maria Margarida de Lorena, a quem a natureza liberalmente adornou de fermosura, filha de seu tio Dom Rodrigo de Mello, e de D. Anna de Lorena sua irmã; e desta esclarecida uniaõ até o presente não tem havido successão.

A Camereira mór Dona Anna de Azevedo, mullher de D. Rodrigo de Mello.

Rodrigo Annes de Sá, III. Marquez de Fontes, I. de Abrant, VII. Conde de Penaguão, Cavalheiro do Tufão, + a 30 de Abril de 1733.

Francisco de Sá e Menezes, I. Marq. de Fontes, IV. Conde de Penaguão, Camereiro mór delRey Dom Afonso VI. + em 1677.

A Marquiza D. Joana de Lencastre, + 1712.

A Marquiza D. Isabel de Lurena.

Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, I. Duque do Cadaval, IV. Marquez de Ferreira, V. Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, &c. + em 19 de Janeiro de 1717.

A Duquesa D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, + no 1. de Fevereiro de 1664.

João Rodrigues de Sá e Menezes, III. Conde de Penaguão, Camereiro mór delRey Dom João IV. + 1658.

A Condesa D. Luíza Maria de Faro.

Dom Rodrigo de Lencastre, Comendador de Coruche, + a 21 de Fevereiro de 1657.

D. Maria de Noronha.

Dom Francisco de Mello, III. Marquez de Ferreira, IV. Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, + a 17 de Maio de 1645.

A Marquiza Dona Joana Fimentel.

Francisco de Lorena, Conde de Rieux de Biarcourt, &c. + a 17 de Junho de 1694.

Anna de Ornano, Condesa de Montlaur, Marquiza de Maubec, + em Setembro de 1675.

Francisco de Sá de Menezes, II. Conde de Penaguão, Camereiro mór, + em 1621.

A Condesa D. Joana de Castro, + a 3 de Set. de 1634.

D. Luiz de Ataíde, V. Conde de Atouguia.

A Condesa D. Filipa de Vilhena, Camereira mór.

Dom Lourenço de Lencastre, Comendador de Coruche, D. Ignez de Noronha, + a 2 de Novembro de 1651.

João da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, do Conselho de Estado, + em 1651.

A Condesa D. Marianna de Castro.

Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, III. Conde de Tentugal, + a 28 de Fevereiro de 1597.

A Condesa D. Marianna de Castro.

D. Antonio Pimentel, IV. Marquez de Távora, + a 18 de Março de 1627.

A Marquiza D. Isabel de Moscoia.

Carlos de Lorena, Duque de Elbeuf, Par de França, &c. + a 5 de Nov. 1657.

A Duquesa Catharina Henriqueta, aglutinada de França, + a 20 de Jan. 1663.

Henrique Francisco Affonso de França, Caval. da Ord. delRey, Senh. de Mazarguen, Margrã de Raymond de Montlaur, Senhora de Sarpeze.

João Rodrigues de Sá, I. Conde de Penaguão, Camereiro mór, D. Isabel de Mendoga, fil. H. de D. João de Almeida, Alca. mór de Abrant, João Gonçalves de Ataíde, IV. Conde de Atouguia, + em 1628.

A Condesa D. Maria de Castro, + a 25 de Mayo 1634, fil. de Maxim Affonso de Miranda, Guarda mór.

João Gonçalves de Ataíde, IV. Conde de Atouguia.

A Condesa D. Maria de Castro.

D. Jeronimo Coutinho, do Conselho de Estado, + a 22 de Jul. 1630.

D. Luíza de Faro, filha de D. João de Faro.

D. João de Lencastre, Comendador de Coruche.

D. Paula da Sylva, fil. de Lourenço Vires de Távora, Senh. de Cujanca.

Ruy Telles de Menezes, VIII. Senhor de Unhão.

D. Marianna da Sylveira, filha de Valco da Sylva, Comend. de Argum.

Diogo da Sylva, VIII. Senhor de Vagos, + em 1595.

D. Margarida de Menezes, Senh. de Aveiras, filha de D. João Tello.

Ruy Telles de Menezes, VIII. Sen. de Unhão, + a 13 de Mayo 1616.

D. Marianna da Sylveira, fil. de D. Valco da Sylva, Comend. de Argum.

D. Francisco de Mello, II. Marquez de Ferreira, + em Dez. de 1588.

A Senhora D. Eugenia, fil. do Duque de Bragança D. Jaime, + a 12 de Agosto de 1559.

D. Rodrigo de Moscoia Otero, V. Conde de Alameda.

A Conde D. Isabel de Castro, fil. de D. Fernando, IV. Conde de Lemos.

D. Henrique Fimentel, III. Marquez de Távora.

A Marq. D. Joana de Tol. fil. de D. Garcia, IV. Marq. de Villa-Franca.

D. Lopo de Moscoia, VI. Conde de Alameda.

A Conde D. Ignor de Sançov, fil. de D. Francisco, IV. Marq. de Lencastre.

Carlos de Lorena, I. Duque de Elbeuf, &c. + em 1605.

A Duq. D. Leonor de Chabot, filha de Leonor, Conde de Charry, + a 19 de Setembro de 1622.

Henrique IV. Rey de França, + a 14 de Mayo de 1610.

Cabriella de Elstres, Duquesa de Beaufort.

Affonso Corse Ornano, Marichal de França, Caval. da Ord. delRey, Maria de Raymond, filha de Luiz, Marquez de Maubec.

Luiz de Raymond, Conde de Montlaur.

A Condesa Margarida de Maugiron.

CAPITULO XVII.

De D. Joseph de Mello, Arcebispo de Evora.

15 **E**Ntre os filhos, que da sua illustrissima fecundidade produzio a Casa de Ferreira, nenhum contribuiu mais para a estimaçãõ, e grandeza da sua Casa, que D. Joseph de Mello; porque elle mereceo por si mesmo a mayor attençaõ, ornando-se de sabedoria, e tantas virtudes, que ellas o elevaraõ à grande Dignidade da Igreja Metropolitana de Evora, naõ servindo de obstaculo o viver alguns tempos desconhecido de quem era, para que o seu generoso espirito se abatesse, antes brilhou com mayor força a gloria do seu nascimento, e a grandeza dos seus esclarecidos progenitores na pessoa deste grande Prelado, fazendo recommendavel a sua memoria na Igreja de Evora, que regeo com tanta prudencia, e sabedoria, que he elle hum dos Pastores de mayor merecimento, que occuparaõ a Cadeira desta antiquissima Diocesi.

Foy filho do Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, primeiro do nome, nasceo na Cidade de Evora, foy creado incognitamente na Villa de Moura sem ser conhecido por filho de seu pay; e assim passou a estudar a Coimbra entre a familia de seu irmaõ D. Joaõ de Bragança com o nome de Joseph

Torres, *Discurs. Genealog. da Casa de Bragança*, p. 125, citado no anno de 1636.

seph Pimenta, como escreve Affonso de Torres, Author coetaneo daquelle mesmo tempo, em que permanecco até que seu pay morreo, que o deixou declarado por filho; e supposto, que a authoridade de Affonso de Torres não necessita de Documentos, que corroborem a sua verdade, e muito mais quando escrevia do tempo, em que vivia, com tudo accrescentarey, que o Marquez no Codicillo, que fez em Evora a 7 de Novembro de 1588, estando gravemente enfermo da doença, de que faleceo, faz menção de todos os seus filhos, e nomea os illegitimos nesta ordem: D. Joseph, D. Francisco, e D. Maria, Freira em Cellas de Coimbra, os quaes todos eraõ havidos na mesma mãy, que elle mesmo manda recolher no Mosteiro das Freiras de Tentugal, e que não bastando, o que ella tem para o dote, que lhe dera sua irmã D. Isabel, o Conde de Tentugal, no caso de elle falecer, lhe dê tudo o que for necessario para ser Freira, e acaba com estas formies palavras: *E teráõ sempre lembrança della.* Este Codicillo Original com o Testamento, de que já fizemos menção, está junto a hum feito de partilhas dos filhos do Conde de Tentugal Dom Nuno Alvares, e se conserva no Cartorio da Casa do Duque do Cadaval.

Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 306.

O Padre Francisco da Fonseca escreveo com differente modo a creação de D. Joseph, e para cahir em huma historia, que refere, diz: que depois de estudar a Latinidade na Univerfiade de Evora, estu-

estudara Theologia Moral, e tivera huma das Capellanías, a que chamaõ *Partidos*, que fundara o Infante Cardeal para remedio de Estudantes pobres; beneficio, de que tanto se esquecera depois de ser Arcebispo, que pertendera extinguir as ditas Capellanías por inuteis; porque dellas não sahira nunca Ministro idoneo para a Igreja, a que se lhe oppuzera o Syndico da Univerlidade, dizendo, não ser verdadeiro aquelle artigo; porque mostraria, que além de muitos Parocos, que tiveraõ o partido, tambem o occupara hum Arcebispo de Evora, que se fosse necessario, nomearia. Esta insolente reposta do Syndico escreveu o Padre Fonseca, sem reparar, que semelhante atrevimento, não podia ter lugar com hum Arcebispo sério, revestido de authoridade, e de excellentes costumes, como foy D. Joseph de Mello, e que não podia haver Syndico tão insensato, que quizesse insultar a hum Prelado tão grave, e elevado, como foy este. Depois refere, que seu pay o reconhecera, e mandara estudar a Coimbra, e lhe negociara o ser Agente em Roma.

Não podemos deixar de nos admirar, que o Padre Fonseca, tendo assistido tantos annos em Roma, escreva, que o Marquez de Ferreira procurara por despacho de seu filho, ainda que natural, o ser Agente dos negocios de Portugal em Roma; porque parece, que o Padre Fonseca não devia ignorar estando naquella Corte, onde compoz, e imprimio o tal livro, qual era a graduação de Agente, para

para o pedir o Marquez de Ferreira para seu filho; e sem violencia podemos crer, que não permitiria o Marquez, se fosse vivo, que elle aceitasse semelhante commissão, nem D. Joseph de Mello deixava de o reconhecer, representando-o em huma Carta de officio escrita em Roma para ElRey, em que lhe dizia não ser emprego da esfera da sua pessoa. Quando D. Joseph de Mello passou a Roma encarregado dos negocios de Portugal, havia dezafeis annos, que o Marquez seu pay era falecido, com que claramente se verifica, que não podia o Marquez ser medianoiro daquelle despacho. Desta forte se vê a grande equivocação do Padre Fonseca, que preocupado, do que escreveu o Padre Manoel Fialho, com mais synceridade, que averiguação, nos dá aquella noticia, sem nella fazer reflexão; e assim como se enganou com esta, entendemos lhe succedee o mesmo no mais, que relata da primeira creação deste insigne Prelado.

Passou D. Joseph a puericia com honesta educação, sendo tal a modestia, e gravidade natural, que eraõ fiadores, de que a seu tempo fossem fazonados os frutos, porque teve hum talento sublime, que o distinguio entre os seus condiscipulos; estudou a Latinidade com a proveitamento, e passando às sciencias, se graduou em Canones na Universidade de Coimbra, fazendo os primeiros aëtos com notavel credito dos seus estudos; e passando aos que chamaõ *Grandes*, e *Exame Privado*, conseguindo
ainda

ainda mayor estimação no publico applauso dos alumnos daquella florentissima Universidade , porque não foraõ vulgares as demonstrações da sua applicação. O Padre F. Joaõ do Sacramento na sua Chronica diz, que fora Porcionista do Collegio de S. Pedro ; porém no Catalogo, que fez o Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal , Collegial do mesmo Collegio , que anda na Collecção da Academia do anno de 1725 não faz menção d'elle , e he certo, que não lhe esqueceria a pessoa de Dom Joseph de Mello , em quem concorriaõ qualidades, letras, e grande dignidade, com que illustrava o mesmo Collegio.

Chronica dos Carmelitas
Descalçs. tom. 2. liv. 5.
cap. 19. pag. 363.

Conhecido já Dom Joseph de Mello por filho do Marquez de Ferreira, se achou não só com as virtudes, de que se ornava, mas com a obrigação, em que o punha a grandeza dos seus progenitores, para que fosse differente a sua idéa. Passou à Corte de Madrid a dar-se a conhecer ao Monarca, que dominava Portugal, onde depois de quatro annos de assistencia, o nomeou ElRey seu Agente pela Coroa de Portugal na Corte de Roma. Não era este o emprego, que D. Joseph podia esperar, porque não era correspondente à sua pessoa, como elle depois em huma Carta sua o lembrou a ElRey, da qual já fizemos menção. Entaõ se vio obrigado a aceitar o Ministerio, por não se expor ao desagrado delRey, que ainda que de taõ admiravel natural, que mereceo o nome de *Bom*, os Ministros, que governa-

verna-

vernavão com diferentes maximas, tiverão pelo seu mayor fim abater a Nobreza Portugueza. Eraõ importantes os negocios, que havia na Curia, e assim recebidas as instrucções lhe foy ordenado, que partisse com a brevidade possivel, o que executou logo a 28 de Junho de 1604; entrou em Roma, onde então residia na Cadeira de S. Pedro o Papa Clemente VIII. Neste tempo era Embaixador delRey Catholico D. Joaõ Fernandes Pacheco, V. Marquez de Vilhena, e Duque de Escalona, que era casado com a Senhora D. Serafina, filha do Duque de Bragança D. Joaõ, I. do nome, de quem fizemos menção no Capitulo XVI. do Livro VI. donde a pag. 275 dissemos, que D. Joseph de Mello, sendo Arcebispo de Evora, os recebera, o que não pôde ser, porque naquelle tempo era Arcebispo o Senhor D. Theotonio, e assim reparamos aquella grande equivocação; e a razão do parentesco, que tinha com a Marqueza, deu occasião de ser tratado com grandes demonstrações de amizade, e de parentesco; e depois de descansado, no quinto dia depois da sua chegada, foy D. Joseph com o Embaixador a beijar o pé ao Papa, e lhe entregou as Cartas delRey, que mostrou especial benevolencia da pessoa, e commissão: continuou as visitas dos Cardeaes, e entregando as Cartas de particulares recomendações, foy de todos tratado, como merecia a authoridade da pessoa, differente à do lugar, para o que contribuiu muito o parentesco da Embaixatriz a
Senhora

Senhora D. Serafina, que tambem estava em Roma.

Começou logo naquella Corte, aonde bem se sabe avaliar o prestimo, a conhecerse qual era o de D. Joseph, porque o talento era grande, agitado de viveza natural, que com a gravidade elle moderava de sorte, que attento à politica Romana, obrava com tal prudencia, que já mais o opprimiaõ os negocios; porque sempre adiantado, previa qual podia ser o caminho da destreza, com que o pertendiaõ embaraçar, a que elle com sagaz politica rebatia com tão attenta arte, que já mais deixou de obrigar; assim no tempo, que residio na Corte de Roma, concluiu diversos negocios importantes, e com bastante contrariedade. Era grande a com que o Papa estava contra D. Pedro de Castilho, Bispo de Leiria, a quem ElRey nomeara Inquisidor Geral, e o Pontifice negava a confirmaçaõ, por queixas de hum Rodrigo de Andrade, que dizia haverem prezo sua mulher nos carcerees do Santo Officio, por elle impetrar perdaõ geral para os delinquentes do Judaismo. Este negocio seguiu D. Joseph não só com prudencia, de que se revestia sempre, mas com valor, obrando com tão acertada politica, que mitigou o ardor do Papa, que chegou a ameaçallo com o Castello de Santo Angelo, se lhe não entregasse o Proceßo daquella Ré, ou lhe não cumpria o que lhe havia segurado, a que respondeu tão constante, e com tal modo, valendo-se de

Tom.X.

Ccc

toda

toda a arte, e attençaõ, que soube moderar o Pontífice de maneira, que concedeo a renuncia a Dom Pedro de Castilho do Bispado de Leiria, e lhe passou as Bullas do lugar de Inquisidor Geral, e a Martin Affonso Mexia as do Bispado de Leiria, as quaes remetteo, como se vê da sua Carta escrita a 14 de Dezembro de 1604. Não só nesta occasião, mas em outras, trabalhou com ardente zelo pela defensão do Tribunal do Santo Officio, cujo recto procedimento pudera convencer a emulaçã dos perturbadores da verdadeira Fé, aos quaes elle entã obrigou a retirar de Roma.

Ao seu cuidado devemos o tratar-se da Canonizaçã da Rainha Santa Isabel, que estava em silencio, o que consta de huma Carta Original da sua propria mã para ElRey, que se conserva na Livraria dos manuscritos do Duque de Cadaval, com outras muitas do ministerio, de que transcreveremos o precifo:

Os dias passados escrevi a Vossa Magestade, como achara cá huns papeis sobre a Canonizaçã da Rainha Santa Isabel, cujo Corpo está no Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, e que tinha fallado aos Ministros, aqui correm com as informações para este acto. Todos me dizem, especialmente o Doutor Francisco Penha, que he o Decano da Rota, que se Vossa Magestade fosse servido se tratasse disso, seria facil fazer-se, pois da vida, e milagres della Santa consta claramente da sua grandeza, e agera com a eleição

ção do novo Papa seria mais fácil, e que para isso se começar a fazer, era necessário, que Vossa Magestade escrevesse a Sua Santidade, e lhe pedisse mandasse passar seus Breves para se começarem a fazer as informações, e amim mandarme corresse com elles; e o custo não poderá ser muito a respeito de tão grande obra, especialmente tratando-se hoje actualmente de se canonizar a Beata Francisca, que foy humma mulher particular Romana, e está muito avante para se fazer cedo.

Não só nesta Catta, mas em outra tambem para ElRey se vê a sua devoção, e o que se interessava em promover a gloria da Nação, no universal culto da Santa Rainha, nella diz as palavras seguintes: Pelo ordinario de 16 de Outubro de 1606 aviso a Vossa Magestade, que hum André Dias da Cruz, que diz he Procurador das Canonizações do Veneravel Pedro Gonçalves Telmo, e de S. Gonçalo de Amaraute, me escreveu o Correyo passado, e remetteo certos papeis para se pedir a Sua Santidade hum Breve Commissario para se ordenar, e fazer processo dos milagres destes Santos, e humma Provisão de Vossa Magestade estampada, em que me ordena faça tudo o que for necessario neste negocio para o bom effeito desta santa obra; mas como Sua Santidade se foy estar em Frascati este mez, não se pôde fazer nada: finto por extremo se trate destes, e não da Rainha Santa, sendo Santa, e Rainha. Não pode D. Joseph de Mello dar a ultima conclusão a este negocio; po-

rém adiantou-o de forte, que conseguiu ver, passado tempo, logrado o fruto das suas diligencias, e devoção; porque depois, sendo já Arcebispo, o Papa Urbano VIII. escreveu no Catalogo dos Bemaventurados a Santa Rainha, noticia, que recebeo com affecto correspondente à sua devoção, não só applaudida, e venerada com extraordinaria solemnidade na sua Cathedral, mas ordenou se fettejasse em todo o Arcebisado.

Na Cidade de Roma era da administração do governo dos Ministros da nossa Coroa o Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes, que então se achava muy falto de meyos para a sua subsistencia, acodio D. Joseph de Mello com exemplarissima devoção, e muita generosidade. Assistia de ordinario aos Officios Divinos, e sempre às visitas dos enfermos, e ao soccorro dos pobres peregrinos, despendendo naquella Casa largas esmolas à propria custa, compadecido dos necessitados; e como naturalmente era caritativo, e generoso, não podia soffrer ver a penuria, em que se achava a Casa de Santo Antonio, por a Igreja não ser capaz, e falta de officinas; e assim revestido do zelo da Nação, o representou a ElRey por huma Carta de 16 de Novembro de 1604, logo no primeiro anno do seu ministerio, em que lamentava o ver o quanto florescia os Hospitaes das outras Nações, e o estado, em que se achava o nosso, tal vez por os Ministros o não representarem a Sua Magestade, pedindolhe algu-
ma

ma merce para o ampliarem, nem lembrarem algumas, que os Reys D. Sebastião, e Dom Henrique fizeraõ em seus tempos, supplicando ao Papa lhes concedessem dez mil cruzados para ajuda de se fazer aquella Igreja, dos terços dos Bispados vagos, no tempo, em que o estivessem, os quaes Breves elle supplicava faculdade delRey para os renovar, no que o Papa viria facilmente, pedindolhe da sua parte, por saber a necessidade daquella Casa, e quam bem se expendiaõ as esmolas pelas visitas, que lhe mandava fazer. Esta instancia repetio D. Joseph por outras vezes, porém não teve effeito no seu tempo, que depois se augmentou, e muito mais depois, que os Reys naturaes se restituiraõ ao dominio destes Reynos, porque he o Hospital de Santo Antonio huma das mais ricas Casas pias, que tem Roma.

Tambem com a dominação estrangeira decahiraõ em Roma da authoridade devida os Ministros da Coroa de Portugal, o que D. Joseph achou em tal estado, que não pode accommodar a sua pessoa a praticar o mesmo; porque já mais tinhaõ audiencia senaõ depois dos das Republicas, e Principes de Italia. Tratou com o Marquez de Villena, Embaixador de Castella, e outros Confidentes delRey Catholico esta sem razaõ, e assentou com approvação de todos, de que entrasse nas audiencias ordinarias immediato ao Marquez Embaixador. Era Agente do Archiduque Alberto, Governador de Flan-

Flandres, D. Pedro de Toledo, que sentido da preferencia, recorreo ao Marquez Embaixador, estando presente D. Alonfo Manrique, Arcebispo eleito de Burgos, que abstiveſſe a D. Joseph do praticado, para que recorrendo hum, e outro Agente a ElRey, elle determinaffe aquella dependencia: e intereſſando neſte negocio o Cardeal de Avila, introduzio ao Papa, que o Marquez de Vilhena ſe fazia taõ abſoluto, que pertendia ter authoridade dentro no meſmo Sacro Palacio, com taõ bom ſucceſſo, que o Papa ſe preoccupou tanto de deſconfiança, que mandou dizer a Dom Joseph pelo ſeu Meſtre da Camera, que ſe abſtiveſſe de lhe fallar mais naquella hora. Inſtjou D. Joseph com toda a diligencia para moſtrar, que aquella hora lhe competia, e ſuppoſto reforçou as ſuas razoens com a eloquencia, e agudeza do ſeu admiravel talento, naõ lhe valeraõ por entaõ; mas repetindo com nervoſa inſtancia a injuria, que lhe faziaõ, veyo finalmente a melhorar da precedencia. Na meſma Corte ſe achava tambem quaſi ſem Proteſtor a Coroa de Portugal, porque no tempo, que era Embaixador na Curia o Duque de Seſſa pela Coroa de Caſtella, foy nomeado Proteſtor o Cardeal de Torrenova, em que durou ſómente hum anno por falecer, e em ſeu lugar introduzio o Marquez de Vilhena ao Cardeal Duarte Farnefe, primo com irmaõ de ſua mulher a Senhora D. Seraſina, com quem tambem D. Joseph tinha parenteſco, ainda que remoto, pela

la mesma Casa de Bragança, e como o Cardeal se havia ausentado da Corte por certos motivos, de que se entendia não voltaria a Roma, em quanto durasse o Pontificado do Papa Clemente VIII. cuidou D. Joseph em lhe dar substituto, sem embargo de haver o Cardeal Farneze deixado ao Cardeal Palavicino encarregado daquella commissão. Porém D. Joseph, ainda que não duvidou, de que era este Confidente, reconhecia nelle huma tal pusillanidade, que se determinou na escolha de Camillo Burguez, de quem tinha largas experiencias do seu prestimo, assim convindo o Marquez Embaixador, fez que ElRey lhe commettisse a Protecção.

Era passado hum anno, que D. Joseph residia na Corte de Roma, quando faleceo o Papa Clemente VIII. a 3 de Março de 1605, havendo logado por treze annos, e hum mez a Cadeira de S. Pedro, a quem succedeo Leão XI. sendo eleito no primeiro de Abril do mesmo anno, morreo a 27 do referido mez, e anno; e feita nova eleição, lhe succedeo o Cardeal Camillo Burguez com o nome de Paulo V. eleito a 17 de Mayo de 1605, em quem concorriaõ grandes virtudes, porque era douto, brando, zeloso, pio, e assavel. Havia o Papa tido com Dom Joseph, antes da sua exaltação, boa amizade, de que se não esqueceo; porque sem elle lho lembrar, o habilitou de motu proprio, para todos, e quaesquer Benefícios Ecclesiasticos, ordenando-

nandolhe , que participasse a ElRey aquella graça , insinuandolhe ao mesmo tempo , que gostaria o empregasse nos mayores lugares ; por quanto por experiencia reconhecia não haver algum , de que não fosse merecedor.

Com o novo Pontificado , em que D. Joseph reconhecia a benignidade do Pontifice , entrou em alguns requerimentos de importancia , não pessoas , mas do ministerio ; entre elles referiremos os seguintes , que foram de grande utilidade. Havia já no tempo , que tivera o mesmo emprego em Roma o Doutor Gonçalo Mendes de Vasconcellos , que foy Conego de Évora , intentando ElRey fundar na Universidade de Coimbra hum Collegio para estudarem os Freires das Ordens Militares de Santiago , e Aviz , apontando para este fim , que a Sé Apostolica lhe concedesse para a fabrica desta obra os frutos de certos Benefícios , que os Bispos , e Archebispos de Portugal pertendem haver para os seus Seminarios ; porém a Sagrada Congregação dos Bispos , e Regulares , sem embargo das diligencias daquelle Ministro , não differio à supplica ; seguirão-se com a mesma o Doutor Martim Affonso Mexia , depois Bispo das Igrejas de Leiria , Lamego , e Coimbra , e tambem hum dos Governadores do Reyno pelos annos de 1621 , juntamente com D. Diogo de Castro , Conde de Basto , e D. Nuno Alvares de Portugal ; porém nem elle , nem o mesmo Marquez de Villena puderão conseguir o despacho desta

della supplica , que no Pontificado referido alcançou D. Joseph, mandando-selhe passar as letras desta graça , concedida em fórma de Breve , a 23 de Agosto de 1605 , devendo-se a D. Joseph aquelle utilissimo Collegio, de que tem sahido grandes Letrados em todos os tempos , occupando as Cadeiras daquella Universidade , e depois os Tribunaes , de sorte, que o Collegio dos Militares se faz benemerito de toda a estimação.

Com o mesmo successo conseguiu tambem a fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação de Lisboa das Commendadeiras da Ordem Militar de S. Bento de Aviz. Alcançando do Papa a commutação da vontade da Infanta D. Maria, filha delRey D. Manoel, que entre as muitas disposições pias, que ordenou no seu Testamento , foy a de hum Mosteiro de Religiosas da Ordem Monacal do Principe dos Patriarcas S. Bento , que o Papa Paulo V. à instancia da bem fundada supplica de Dom Joseph, mudou do Instituto Monacal para o Militar do mesmo Santo , cuja Regra professa a Ordem de Aviz ; foy passado o Breve a 27 de Setembro de 1606, ainda que a sua execução esteve suspena até o anno de 1614, em que teve principio na Igreja de S. Mattheus junta com o Palacio dos Condes de Monsanto, de cuja Casa era D. Luiza de Noronha, tirada do Mosteiro da Esperança da mesma Cidade , onde era professa , para primeira Commendadeira , e Fundadora della nobilissima

Tom.X.

Ddd

Com-

Communidade , composta de Senhoras de qualidade, que entraraõ logo , professando a Regra de S. Bento , segundo a Ordem Militar , e nella permaneceraõ até 15 de Setembro de 1630 , em quanto se edificou o Mosteiro no lugar , em que hoje existem , que sendo abrazado do violento fogo , totalmente foy reformado pela generosa piedade do Grande D. João V.

Naõ deixou D. Joseph de Mello de tratar os negocios sempre com grande diligencia , conseguindo com a sua politica o bom successo , dos que lhe foraõ encarregados ; porém violentado de hum emprego , que reconhecia naõ ser decente à sua pessoa , ainda que por esta lograsse na Corte toda a estimaçaõ , naõ vivia satisfeito , pelo que pedio a El-Rey o livrasse daquella assistencia. Succedeo neste tempo morrer em Agosto de 1607 seu irmaõ D. Constantino de Mello , cujo golpe lhe foy muy sensivel , assim pelo sangue , como pela boa amizade , que com elle tivera , sendolhe ainda mais pezado pelo interessê da sua Casa , que entaõ principiava , por elle ser o filho quarto da Casa de Ferreira , como dissemos no Capitulo VI. de quem ficaraõ cinco filhos , e huma Senhora viuva , que naõ contava mais que vinte e oito annos , que lembrava a Dom Joseph o quanto a sua Casa necessitava da sua pessoa , por naõ ter quem se interessasse nas suas dependencias. Com esta occasiaõ instou D. Joseph novamente a El-Rey , pedindolhe licença para se recolher

colher ao Reyno, lembrandolhe ao mesmo tempo os merecimentos de D. Constantino, os quaes fazião a sua Casa benemerita da Real attençaõ. O Padre Fr. Joaõ do Sacramento, que tratou com muita exacção a vida deste Prelado, se equivocou em chamar Marquez a D. Constantino. Conseguida a licença, participou ao Papa a sua ausência, e despedindo-se, mostrou o Papa o quanto o estimava, nas expressões, com que o honrou, e lhe fez hum precioso presente de Reliquias, que depois collocou em diversos Santuarios deste Reyno; e deixando em Roma honrada memoria, sahio desta Cidade no primeiro do mez de Outubro de 1608, e havendo residido nella pouco mais de quatro annos, neste curto espaço conheceo tres Pontifices, vendo a morte, e exaltação de dous; e se recolheo ao Reyno, fazendo caminho por Madrid.

Tendo assistido algum tempo na Corte de Madrid, se recolheo à Cidade de Evora, donde sendo bem recebido dos parentes, e amigos, passado algum tempo o nomeou ElRey Bispo de Miranda, por ser promovido desta Igreja para o Arcebispado de Evora D. Diogo de Sousa; o Catalogo dos Bispos de Miranda não aponta o tempo, em que D. Joseph entrou nesta Diocese, mas que a governara até o anno de 1617, tempo, em que já havia annos, que era Arcebispo de Evora; porque falecendo D. Diogo de Sousa, foy promovido à aquella Diocese; e sendo confirmado pelo Papa Paulo V. mandou

Tom.X

Ddd ii

to-

*Collecção da Acad. Real
do anno de 1722.*

*Chronica dos Carmelitas,
Disculçõs, tom. 2. h. 4.
5. cap. 22. p. 25. 378.*

tomar posse por Diogo de Miranda Henriques , Deuõ da mesma Sé , a 12 de Setembro de 1611. Deteve-se em Lisboa o Arcebispo até que chegasse o Pallio de Roma , e recebido , dispoz a jornada para a sua Igreja. Entrou na Metropoli a 4 de Novembro pelas sete horas da noite , sem nenhuma pompa , por andar de luto pela morte da Rainha D. Margarida de Austria , que faleceo a 3 de Outubro , e indo na sua companhia o Marquez de Ferreira seu sobrinho , e a Condesa de Tentugal D. Marianna de Castro , foy coufa de admiração , que ao mesmo tempo , que entrou na Cidade , correo hum Cometa , que allumiou toda a Cidade , semelhante de outro , que se observou em Mayo do mesmo anno : foy geral o applauso dos Cidadoens , e Nobreza de Évora , que com extraordinarias demonstrações manifestaraõ o gosto , com que applaudiaõ a exaltação de hum Prelado taõ benemerito , em quem concorriaõ , além de tantas circumstancias , tambem a de ser seu natural , e filho da Casa de Ferreira , a quem os Eborenses em todo o tempo conservaraõ hum particular respeito , e em pouco comecaõ a ver o fruto dos seus applausos ; porque foy D. Joseph de Mello hum dos mais insignes Prelados , que governaraõ a Metropolitana Igreja de Évora.

Começou o Arcebispo o seu governo com suavidade , dando muitas esmolas aos pobres , e apascentando o seu rebanho com vigilancia , para que com a refórma dos costumes se extirpasssem os abusos ,

abusos, e se dissipassem os vícios. Havia no Arcebisado grande falta de Constituições, porque sendo as primeiras feitas pelo Cardeal Infante D. Afonso, sendo Bispo daquella Igreja, as quaes reformou no Synodo, que fez, sendo Arcebispo D. João de Mello, e imprimio no anno de 1565. O Padre Fr. João do Sacramento diz, que era tio do Arcebispo D. Joseph, mas foy equivocação; porque com elle não tinha parentesco algum, mais que o appellido, que tomou de sua mãy D. Brites de Mello, mulher de Pedro de Castro, Alcaide mór de Melgaço, a qual supposto era da familia de Mello, era differente ramo do da Casa de Olivença. A falta, que havia de Constituições, supprio o Arcebispo, e as mandou imprimir no anno de 1622, estando em Madrid a negocios da sua Igreja, como elle refere na Provisão, que nellas fez imprimir, e repartio pelo Arcebisado, para que cada hum dos Parocos não ignorasse qual era a sua obrigação, e a que tinha de por ellas reger os seus freguezes; porque nem estes deixariaõ de cumprir, com o que eraõ obrigados, nem elles excederiaõ as Leys, como muitas vezes succede.

Era de recta intensão, com grande zelo do culto Divino, e não menos da justiça, que com equidade, e amor exercitou, com grande compaixão do proximo; assim elle foy amparo dos necessitados, que soccorreo com largas esmolas, não havendo afiligido, que não achasse na sua generosida-
de

de prompto o remedio à sua afflicção. Aos Parocos da sua Diocese tinha ordenado lhe participassem a necessidade occulta dos seus freguezes, que por recolhidos, ou por pejo, não a podiaõ manifestar, aos quaes soccorria com todo o segredo. As esmolas publicas, e ordinarias, gostava muitas vezes de fazer pela propria mão; mas exercitando-se em tão louvavel virtude com tanta affabilidade, que causava admiração o ver o Prelado cercado dos mendigos, consolando-os com a esmola, e com a mandado das palavras, sendo igualmente attendidos da sua caridade os despreziveis, e mais humildes de traje, sem que a immundicia dos vestidos o desviasse de os tratar como bom Pastor. O seu animo pio, e devoto se dá bem a conhecer no caso seguinte. Succedeo no anno de 1614 na Cidade do Porto o execrando, e sacrilego roubo do Santissimo Sacramento, que a 11 de Mayo se fez na Sé daquella Cidade. Conternado o Arcebispo com a abominação do successo, incitado da sua fé, e piedade, ordenou huma Procissão de penitencia, em que na adoração do mesmo Santissimo Sacramento, se desaggravasse a injuria da offendida Magestade. Compunha-se do Clero, e Irmandades, o Cabido com o seu Prelado revestido de Pontifical, todos com muita devoção; fizeraõ-se publicas penitencias com muita edificação, e ultimamente prégoou o Bispo Dom Fr. João Soares, seu Coadjutor, com grande fruto dos ouvintes; porque foraõ grandes as demonstrações de com-

compunção no povo, que apiedade do Arcebispo sabia estimar.

No anno de 1619 passou ElRey Dom Philippe III. a Portugal a jurar seu filho herdeiro destes Reynos, e fez caminho por Evora, onde se deteve alguns dias; e indo a darlhe as boas vindas, ElRey o mandou cobrir, e fez especiaes honras à sua pessoa, como parente da Casa Real. Foy ElRey à Sé, o Arcebispo o esperou com o seu Cabido, e grande acompanhamento, no taboleiro da Igreja com a Reliquia do Santo Lenho. Passou ElRey para Lisboa, e nas Cortes, que se celebraraõ nesta Cidade, foy hum dos Prelados, que nella se acharaõ. No anno de 1629, a instancias deste Reyno, ordenou ElRey Dom Philippe IV. huma Junta de Prelados na Villa de Thomar, para consultarem entre si o remedio, que poderia haver para a extincção da gente de nação Hebreia, que cada dia se multiplicava neste Reyno; nella se achou o Arcebispo com muito zelo, ponderando, que de semelhantes Concilios se tirou sempre remedio contra as heresias; e assim com muito gosto se foy àquella Villa, com todo aquelle acompanhamento, que era devido a Prelado de tanta authoridade. E podendo-se escusar (como advertio Affonso de Torres no seu Elogio) da jornada, como fizeraõ outros Prelados, o não fez; porque o zelo do serviço de Deos, de que se revestia, o obrigou a não faltar; de que se infere a averfaõ, que tinha a gente taõ infiel, e se

Lavanha, Viagem de
Rey D. Philippe, pag.
64.

Torres, Diss. Geral.
m. 6.

se observou , que nunca no seu Arcebisado ordenara para Clerigo de Missa quem fosse de raça Hebreia , zelo tão admiravel , que he o mayor elogio , que se póde dizer deste grande Prelado , em tudo igual ; porque não se mostrou menos zeloso no serviço do Reyno no anno de 1625 , dando generosamente tres mil cruzados para a restauração da Bahia , e despezas da jornada ; e como era o tempo tão exausto de cabedaes , foy tão consideravel o donativo , como tambem no anno de 1630 outro de seis mil cruzados para os aprestos das Armadas.

Não se esquecia o Arcebispo com estas cousas das obrigações de vigilante Prelado na refórma dos costumes ; e assim os benemeritos tinhão certo o accommodamento na preferencia para os lugares , e Igrejas , que distribuia com admiravel prudencia. Entre as virtudes , de que este Prelado se ornou , foy huma a generosidade , e grandeza de animo , em que eternizou igualmente a sua memoria , do que nas meritorias , e pias ; porque ornou os insignes Santuarios da sua Cathedral , reedificou o Palacio dos Arcebispos , e quasi veyo a ser o seu Fundador , reduzindo-o à symetria , em que hoje se vê , com o Escudo das suas Armas na porta principal. Fundou a Igreja , augmentou o dote do Collegio de S. Manços para donzellas orfãs , a que havia dado principio o Veneravel Arcebispo Dom Theotonio , seu predecessor , e tio , ao qual deu Estatutos , que incorporou em huma Provisão passada a 20 de Setembro

tembro de 1625. A Casa de Campo dos Arcebispos no sitio de Valverde, que até aquelle tempo era huma fabrica pouco decente, e hum inculto bosque, elle poz em fórma, que he verdadeiramente Quinta magnifica para a recreação dos Prelados de Evora. No anno de 1625 adoptou por sua a fabrica do Convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços, e os Padres lhe deu o Padroado com a Capella môr para seu enterro, em que mandou lavrar huma sumptuosa sepultura, sentido, de que o Marquez de Ferreira seu sobrinho não consentisse, que a fizesse na Capella môr de S. João Euangelista, onde desejava jazer entre os Senhores daquella Casa: fez o portico da Igreja, e outras obras, e lhe deu todos os paramentos necessarios para a celebração dos Officios Divinos, conforme o tempo; introduziolhe no Claustro huma fonte de agua perenne, e continuou diversas officinas; instituiu seis Missas quotidianas na mesma Casa, e para a sua estabilidade, deixou imposta a sua subsistencia no vinculo de certas herdades, que, com faculdade da Sé Apostolica, eraõ proprias, e annexara ao Morgado do Maranhão, que era da Casa de seu irmão D. Constantino, cuja linha legitima se extinguiu, e por isso passou ao Duque de Cadaval, e na sua Casa se conserva este Padroado, e Morgado. Finalmente não se achará facilmente Casa Religiosa, e pia, em toda a Diocese de Evora, que não seja devedora a singulares be-

neficios deste insigne Prelado, que tendo governado pacifica, e acertadamente, deixando da sua magnificencia eternos monumentos, e da sua piedade huma geral edificação, conservada mais na tradiçãõ, do que na historia: finalmente adoecendo gravemente no fim de Janeiro de 1633, reconhecendo ser aquella enfermidade o correio da morte, se preparou para ella com tanta constancia, como verdadeiro filho da Igreja Catholica; e havendo feito tudo, o que era concernente ao ultimo fim, com geral edificação dos seus subditos, faleceo a 2 de Fevereiro do referido anno, dia dedicado à Purificação da Immaculada Virgem, de quem foy muy cordeal devoto; havendo governado vinte e dous annos, com inteireza, justiça, zelo, e piedade, deixando huma geral saudade na sua Diocesi; porque os pobres perdiaõ Pay, e todos os benemeritos hum bom Protector; e sendo enterrado com pompa entre as saudosas lagrimas, dos que sentiaõ a falta do seu bemfeitor, piamente se pôde crer, foy gozar do premio eterno, promettido aos que bem servem. Jaz na Igreja do referido Convento, onde tem o seguinte Epitafio:

Scpultura de D. Joseph de Mello, filho do Marquez de Ferreira D. Francisco, primeiro deste nome, Bispo, que foy de Miranda, Arcebispo de Evora,
Fun-

da Casa Real Portug. Liv. IX. 419

*Fundador do Padroado deste Convento,
com seis Missas quotidianas, e tres Of-
ficios cada anno por sua alma, de seus
Pays, Irmãos, Padvoeiros, successo-
res, e Parentes. Faleceo a 2 de Fe-
vereiro do anno 1633.*

CAPITULO XVIII.

*De D. Constantino de Bragança, do Conselho
de Estado.*

15 **N**O Capitulo VI. dissemos, que entre os filhos, que tiveraõ os segundos Marquezes de Ferreira, fora o quarto na ordem do nascimento D. Constantino de Bragança, Commendador de Moureiras na Ordem de Christo, humas das grande rendimento da appresentação da Casa de Bragança. Achou-se com ElRey D. Sebastião no anno de 1578 na batalha de Alcacer, onde depois de ter naquella dia obrado com grande valor, foy cativo, e resgatado entre os oitenta Fidalgos, como refere Jeronymo de Mendoça. No anno de 1592 o achamos no livro das Moradias, vencendo de Cavalheiro Fidalgo sete mil e duzentos e cinquenta reis. Os merecimentos de D. Constantino,

Tom. X. Ece ii que

*Jornal de Africa, liv.
2. pag. 84*

*Nobiliario de Figueroa,
e Torres, etc.*

que igualavaõ à grandeza do seu nascimento, o habilitavaõ para os empregos: assim a 26 de Fevereiro do anno de 1601 se lhe passou Carta do Conselho, donde ElRey diz: *Meu muito amado, e prezado sobrinho*; depois o foy do Conselho de Estado, e Presidente da Junta, que se instituiu em tempo del-Rey Dom Filippe III. para a cobrança do tributo, que lançou à gente de Nação.

O Senhor D. Constantino seu tio, que o estimava muito, o instituiu seu herdeiro; assim teve o Morgado do Maranhão, ao qual seu irmão o Arcebispo de Evora D. Joseph de Mello unio diversas herdades com obrigação de certas Missas, e Suffragios na Igreja de Nossa Senhora dos Remedios da Cidade de Evora, que elle edificara, vinculando ao dito Morgado o Padroado, que andou na sua descendencia, até que acabando-se a legitima em D. Gaspar Constantino, II. Conde de Assumar, passou o Morgado, e Padroado, e todos os mais bens, que tinha neste Reyno o I. Conde de Assumar ao Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e havendo D. Constantino conseguido estimação no reynado de quatro Reys, a quem servio, porque foy dotado de prudencia, e outras virtudes, faleceo em Lisboa a 16 de Agosto do anno de 1607, tendo feito o seu Testamento, de que foy executor D. Francisco de Bragança seu primo com irmão, e sendo depositado na Igreja de Santo Eloy dos Conegos de S. João Euangelista, como consta do livro dos

Faria, *Illustração da Casa de Bragança*, p. 1922.

Sainste Manhe, *Hist. Genealog.* tom. 2. p. 745.

P. Anselme, *Hist. Genealog.* tom. 1. p. 643.

Imhoff, *Stemm. Reg. Luf. ad Tab.* pag. 27.

dos Obitos da Freguesia de Santiago, foram levados os seus ossos para a Villa de Estremoz, e depois para a Igreja de N. Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços da Cidade de Evora, de que era Padroeiro, onde no cruzeiro da parte do Euangelho se vê na parede em hum painel de jaspes brancos, e pretos o seguinte Epitafio:

Aqui jaz D. Constantino de Bragança, filho do Marquez de Ferreira, e de D. Eugenia, filha do Duque de Bragança D. Gemes, e de sua mulher D. Brites de Castro, filha de D. Fernando de Castro, e de D. Ijabel Pereira, e D. Maria de Castro sua filha. Estes ossos se trasladarão de Estremoz para esta sepultura, e Cappella môr a 26 de Julho de 1639 annos.

Esta sepultura lhe mandou lavrar seu filho o Conde de Assumar Dom Francisco, como se lê na mesma Capella môr da parte do Euangelho, na seguinte Inscriptão:

D. Francisco de Mello, Conde de Assumar por merce delRey Filippe IV. Monarca de Hespanha, e III. Rey de Por-

Portugal, Mordomo mór da Rainha D. Isabel, Gentil-homem da Camera de S. Magestade, dos seus Conselhos de Estado, e Guerra da Monarchia, e do Estado Supremo da Coroa de Portugal, Embaixador aos Principes de Italia, ao Emperador Fernando, Extraordinario ao Papa Urbano VIII. Plenipotenciario para o Tratado da paz universal, Governador das Armas de Sua Magestade em Lombardia, e General dos seus Exercitos em Alemanha, Viso-Rey, e Capitão General do Reyno de Sicilia: no anno de 1639, aos quarenta e dous da sua idade, mandou fazer esta sepulcra, como Padroeiro deste Convento de Nossa Senhora dos Remedios para D. Constantino de Bragança seu pay, filho do I. Marquez de Ferreira D. Francisco, e D. Eugenia, filha do Duque de Bragança D. Jaymes. Faleceo a 25 de Agosto de 1607, e para D. Ignez de Castro sua mãy, filha de D. Fernando

da Casa Real Portug. Liv. IX. 423

do de Castro, que faleceo a 29 de Novembro de 1622, e para D. Maria de Castro sua irmã, e todos se trasladarão em 30 de Julho de 1639.

Casou duas vezes, a primeira com Dona Maria de Mendoça, que faleceo a 16 de Setembro de 1590, jaz em Evora no enterro da Casa de Ferreira, com este Epitafio:

Aqui jaz Dona Maria de Mendoça, filha de D. Fernando de Menezes, primeira mulber de D. Constantino, filbo do Marquez Dom Francisco, de quem não teve filtos. Faleceo a 16 de Setembro de 1590.

Era viuva de D. Luiz de Menezes; que morreo na batalha de Alcacer sem successão, filho primogenito de D. Aleixo de Menezes, Ayo del Rey D. Sebastião, e filha de Dom Fernando de Menezes, Commendador, e Alcaide môr de Castello-Branco na Ordem de Christo, Embaixador a Roma, e de Dona Filipa de Mendoça sua mulher, filha de D. Francisco de Sousa, Senhor das Quintas de Calhaziz, e Monfallim, e Vedor da Casa del Rey Dom João III. e desta uniaõ não ficou posteridade.

Ca.

Cafou segunda vez com Dona Brites de Castro, filha de D. Fernando de Castro, Capitão de Chaul, e de sua mulher Dona Isabel Pereira, filha de D. Luiz Pereira, Regedor da Casa da Supplicação, e de Dona Brites da Sylveira, de quem teve os filhos seguintes:

16 D. FRANCISCO DE MELLO, I. Conde de Assumar, de quem faremos menção no Capitulo XIX.

16 D. FERNANDO DE MELLO; que seguiu a vida Ecclesiastica: estudou na Universidade de Coimbra com tanto aproveitamento, que sendo laureado na faculdade dos Sagrados Canones, conseguiu reputação de letrado, distinguindo-se tanto, que foy nomeado para aquella celebre Junta, que se fez em Thomar dos Bispos no anno de 1629; e escolhendo-se Doutores Theologos, e Canonistas para se acharem nella, foy hum delles D. Fernando, cuja eleição acredita muito as suas letras, que eraõ taõ publicas, que o habilitaraõ, sendo muito moço para huma Junta taõ authorisada, composta dos mais insignes Prelados do Reyno. Foy Deaõ da Cathedral de Evora, Capellaõ mór delRey, e Bispo eleito do Porto, e faleceo em Madrid no anno de 1635.

16 DOM ALVARO DE MELLO, Cavalleiro; Commendador, e Graõ Cruz na Ordem de S. Joaõ de Malta: foy Mestre de Campo do Terço da Armada do Brasil, aonde passou no anno de 1632 à restau-

restituição de Pernambuco, e no de 1636 era Chefe de huma Esquadra, que do porto de Lisboa sahio a correr a Córta: neste anno passou à Bahia com gente, e soccorro para Pernambuco: servio em Malta, sendo General de Batalha, achando-se na occasião, que aquella Ilha estava ameaçada dos Turcos. Depois militou em Flandres com o posto de General de Artilharia, no tempo que governava seu irmão, com quem se achou no anno de 1643 na batalha de Recroy. Foy tambem Governador das Galés de Napoles, e Mordomo da Rainha Dona Maria Anna de Austria na Corte de Madrid, que ficou seguindo depois da Acclamação do Grande D. João IV. e lá foy nomeado Graó Prior do Crato, e Conde de Moura: morreo deixando filhas, que foram Freiras.

16 D. JOÃO DE MELLO, foy o quarto filho na ordem do nascimento, como refere o insigne Joseph de Faria; nasceu na Villa de Estremoz no anno de 1601, seguiu as letras, e estudou na Universidade de Coimbra, sendo Porcionista no Collegio Real de S. Paulo, onde entrou a 30 de Novembro de 1618, e fez com applauso os actos litterarios, conforme o Estatuto da Universidade. Foy Arcediago do Bago na Sé de Evora, e Arcediago de França na Sé de Viseu; e teve os Beneficios de S. João de Coruche, S. Salvador de Béja, Ferreira, e outros muitos, com que fazia huma boa renda, que elle com louvavel resolução largou pelo Habito dos

Tom.X.

Fff

Car-

Faria, *Illustração da Casa de Bragança*, n. 1925.
Barboza, *Catalogo do Collegio de S. Paulo*.

Cronica dos Carmelitas Descalços, tom. 2.

Carmelitas Descalços, que tomou no anno de 1623; e seguindo esta vida sempre com a mesma vocação, foy hum exemplar Religioso, observante do seu Sagrado Instituto: e ajuntando a outras virtudes humildade profunda, havendo edificado aos seus, cheyo de merecimentos, acabou com a opiniaõ, que merecia, a sua vida no anno de 1638 na Corte de Madrid, aonde fora chamado por obediencia do Geral para satisfazer às instancias do Conde seu irmaõ.

16 D. MARIA DE CASTRO, que morreo moça sem estado.

D. Bri-

CAPITULO XIX.

De D. Francisco de Mello, I. Conde de Affumar, e Marquez de Vilbescas.

16 **V**Io a primeira luz no anno de 1597 D. Francisco de Mello, primeiro filho de D. Constantino de Bragança, e de sua segunda mulher D. Brites de Castro; e assim foy seu successor, sendo hum dos famosos Varões, que produzio a esclarecida Casa de Ferreira, ornado de valor, e sublime talento, como acreditou nos grandes empregos militares, e politicos, que manejou no curso da sua vida, que não foy muy dilatada.

Passou D. Francisco de Mello à Corte de Madrid, como dissemos no Liv. VI. Cap. XVIII. pag. 486. do Tomo VI. o seu alto nascimento, em que brilhava hum espirito grande, o elevou aos mayores empregos daquella vasta Monarchia. Succedeo D. Francisco a seu pay no Morgado do Maranhão, e na Commenda de Moreiras, e teve mais a de São Vicente de Vimiofo, São Salvador de Elvas, e outras duas, todas da Ordem de Christo: servio à Rainha D. Isabel de Borbon, sendo seu Mordomo môr, conforme refere o Padre Anselmo na Historia Genealogica da Real Casa de França, porém entendendo, que foy equivocação, porque foy só Veador,

P. Anselmo, *Hist. Geneal. de la Maison de France*, tom. 1. 1.º p. 644.

Cancellar do dito Rey,
liv. 22, pag. 360.

Prova num. 28.

dor, a que chamaõ os Castelhanos Mordomo. Foy Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe, que o creou Conde de Assumar em Portugal, de que se lhe passou Carta feita em Madrid a 30 de Mayo de 1630. Antes desta merce lograva D. Francisco a honra do tratamento de Parente delRey, prerogativa devida a seu nascimento, como se vê de hum Alvará, feito em Madrid a 22 de Março de 1638, no qual diz: *Hey por bem declarar, que D. Francisco de Mello, meu muito amado sobrinho, Conde de Assumar, se lhe continue com o tratamento de Parente, que tinha antes de lhe haver dado o titulo de Conde, e que o assentamento, que ha de vencer, seja de Conde Parente, &c.* Depois o fez Marquez de Tordelaguna em Castella, e de Vilhescas: foy tambem Visconde de Casada, Senhor de Barajas de Mello em Castella, e de Assumar em Portugal.

O grande talento do Conde de Assumar com alto nascimento, o inculcava para os mayores lugares, de que dava taõ excellente conta, que successivamente passava de huns para outros, sendo empregado no serviço delRey Catholico com satisfacção; porque elle foy Embaixador Extraordinario ao Papa Urbano VIII. e ao Emperador Fernando III. Embaixador aos Principes de Italia, Plenipotenciario para o Tratado da Paz Univerfal, Governador das Armas em Lombardia, General do Exercito Hespanhol em Alemanha, Governador de Milão, e dos Estados de Flandres, em que succedeo

cedeo ao Cardeal Infante Dom Fernando , Vice-Rey , e Capitaõ General de Sicilia, Aragaõ, e Catalunha, e dos Conselhos de Estado, e Guerra da Monarchia Hespanhola, e do Estado Supremo da Coroa de Portugal, em quanto esteve no dominio de Castella, em cujo serviço ficou depois da Acclamação do Grande Rey D. Joaõ IV. taõ esquecido do amor da Patria, como do sangue Real da Serenissima Casa de Bragança, que perseguiu quanto pode na pessoa do Infante D. Duarte, como deixamos referido no Livro VI. Capitulo XIX. do Tomo VI. pag. 603 ; sendo taõ abominavel esta ingratitude, que bastou para eclypsar a memoria gloriosa de hum Vataõ famoso, porque foy valeroso, magnifico, prudente, e generoso, com hum talento politico admiravel, como mostrou em tantas occasiões, em que nelle brilhou o valor, e a fortuna em prosperos successos nos Estados de Flandres, sem que se lhe diminuissê a reputação a adversidade, que experimentou na perda da batalha de Rocroy a 17 de Mayo de 1643 ; porque o Conde D. Francisco de Mello foy hum dos mais excellentes Generaes daquelle seculo. Faleceo em Madrid no anno de 1651, contando cincoenta e quatro annos de idade, immortalizando o seu nome no templo da heroicidade. O Doutor D. Joaõ Cramuel Lobkowitz, bem conhecido pelas suas muitas obras, imprimio no anno de 1643 em Lovaina hum Livro, que dedicou a seu filho D. Gaspar Constantino, em obsequio

sequio do Conde D. Francisco seu pay , em que lhe chama Hercules de Mello , no qual mostra o propinquo grão de parentesco , em que se achava com todos os Soberanos da Europa em linhas abertas em laminas de cobre , feito com singular pompa , com o titulo seguinte:

*Excellentissima
Domus de Mello
Ab Imperatoribus
Romanis , Constantinopolitanis
Hispanis , Francis ,
Saxonibus , Franconibus ,
Suevis , Bavaris ,
Austriacis ;
A' Regibus
Castellanis , Legiouensibus ,
Lusitanis , Algarbis ,
Aragonibus , Siculis ,
Gallis , Anglis , Saxonibus
Per Genealogicos Gradus deducta ;
Cum Summis
Imperatoribus
Regibus ,
Et Principibus Europæ
Composita.
Stylo Joannis Cramuel Lobkovitz.*

Casou com D. Antonia de Vilhena , filha de Henrique

rique de Sousa, I. Conde de Miranda, Senhor das Villas de Vouga, Oliveira, Podentes, e outras muitas, Alcaide mór de Arronches, Comendador de Alvallade na Ordem de Santiago, Governador perpetuo da Relação do Porto, do Conselho de Estado, e de sua mulher Dona Mecia de Vilhena, filha herdeira de Fernaõ da Sylva, Comendador de Alpalhaõ na Ordem de Christo, e de sua mulher Dona Brites de Vilhena, e desta illustissima uniaõ nascerão os filhos seguintes:

Moreira, Theatro Hist. Genral. de la Casa de Sousa, pag. 794.

16 D. GASPAR CONSTANTINO, II. Conde de Assumar, Marquez de Vilhefcas, Capitulo XX.

16 D. BRITES APOLONIA DE VILHENA, casou com Dom Joaõ Miguel Fernandes de Heredia, I. Marquez de Mora, filho herdeiro do Conde de Fuentes em Aragaõ, de quem nasceo

17 D. JOAÕ FERNANDES DE HEREDIA, que foy unico, e Conde de Fuentes, Marquez de Mora, sendo Mestre de Campo de Infantaria do Terço de Aragaõ no recontro de barranco em Catalunha, foy mal ferido, e ficando prizoneiro dos Francez, morreo das feridas no anno de 1678.

Casou com Dona Francisca de Figueiroa Lasso de la Vega, filha de Dom Pedro Lasso de la Vega, II. Conde de los Arcos, e IV. de Hanhover, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, com exercicio, e Capitaõ da sua Guarda Hespanhola, e naõ tiverão successão.

16 D. MECIA DE MELLO, casou com Dom Pedro

Pedro de la Cueva Ramires de Zuniga, III. Marquez de Flores Davilla, Senhor de Castellejo, e Villa-Rubia, Ceila, e Aldeguella, Commendador de la Reyna na Ordem de Santiago, e foy sua primeira mulher, de quem não teve successão.

16 D. MARIA THARESA DE VILHENA, que foy a terceira filha na ordem do nascimento. Casou com D. Diogo de Avilla, I. Marquez de Navalmorquende, Senhor de Montalvo, de Cardiel; e de Villatoro, e tambem não tiverão successão.

D. Antónia de Vilhena, mulher de D. Francisco de Mello, f. Cond. de Allumar.

Henrique de Sousa, primeiro Conde de Miranda, Governador da Relação do Porto, do Conselho de Estado.

A Condesa D. Mécia de Vilhena, f.

Vasco de Sousa.

D. Guiomar da Sylva.

Fernão da Sylva, Comendador de Alpalhaço.

D. Brites de Vilhena.

Henrique de Sousa, Senhor de Oliveira de Baixo, Anadél mór dos Espingardeiros no anno de 1519.
Dona Francisca de Mendoga.

Belchior de Sousa Tavares, Comendador da Ordem de Christão.
Dona Guiomar da Sylva Freire.

Antonio da Sylva, Alcaide mór, e Comendador de Alpalhaço.

D. Mécia de Tavora.

Manoel de Sousa, Alcaide mór de Arronches.

D. Isabel de Paiva.

Diogo Lopes de Sousa, Senhor de Miranda, &c. Mordomo mór da Casa Real.
D. Isabel de Noronha.
Jorge da Sylveira, Vedor da Fazenda do Senhor D. Diogo, Duque de Viseu.
Dona Margarida de Mendoga.

Gonçalo Tavares, Senhor de Mura.
D. Catharina de Castro.

Gomes Freire de Andrade, Senhor da Commenda de Sola, hereditaria.
D. Cecilia da Sylva.

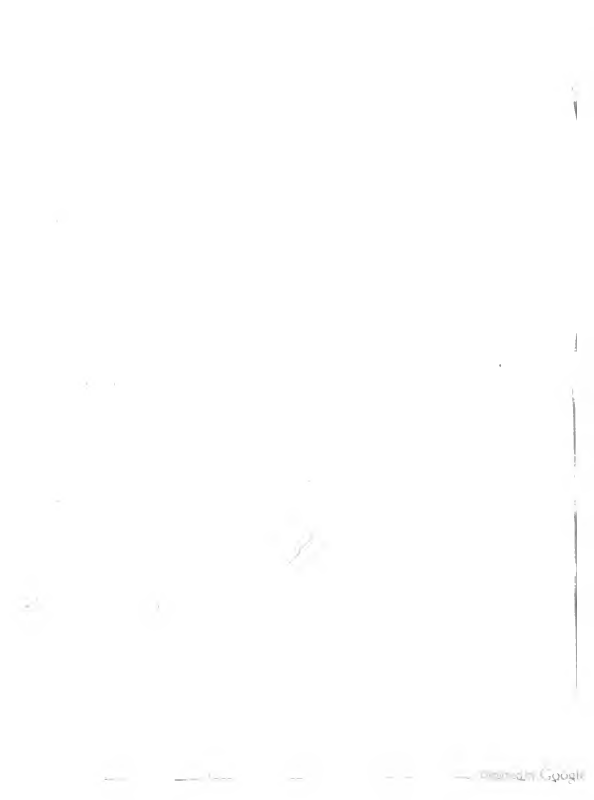
Josão da Sylva, Senhor da Chamusca, e Ulme.
D. Joanna Henriques, terceira mulher.

Fernando Vaz de Sampaio, Senhor Villa-Fior.
D. Leonor de Tavora.

André de Sousa, Alcaide mór de Arronches.
D. Maria Manoel.

D. Alvaro da Costa, Armeiro mór.
D. Brites de Paiva.

D. Alvaro de Sousa, Senhor de Miranda, Mordomo mór de Rey D. Duarte, &c. em 1471.
D. Maria de Castro, filha de Dom Fernando de Castro.
D. Pedro Vaz de Mello, Conde de Atalaya, Reged. da Casa do Cav. D. Maria de Noronha, filha de D. Henrique de Noronha.
Fernão da Sylveira, Senhor de Sazedas, Coudel mór, Regedor das Justicias.
D. Isabel Henriques, filha de D. Fernando Henriq. Sen. das Alcaçovas.
Duarte Furtado de Mendoga, Comendador do Torraço, Sen. de Aiva.
D. Genebra de Mello, fih. de Vasco Martins de Mello, Alc. m. de Évora.
Pedro Tavares, Alcaide mór de Pousalegre, &c.
D. Isabel de Sousa, filha de Gonçalo Rodrigues de Sousa.
Diogo Lopes de Sousa, Mordomo mór da Casa Real.
D. Isabel de Noronha.
Luiz Freire de Andrade.
D. Mécia da Cunha, filha de Fernando de Sá, Alcaide mór do Porto.
Josão de Sousa, o Romanico, Comendador de Sola.
N.
Ruy Gomes da Sylva, Senhor da Chamusca, e Ulme.
D. Branca de Almeida, filha de Diogo Fernandes de Almeida, Alcaide mór de Abrantes.
Dom Fernando Henriques, Senhor das Alcaçovas.
D. Branca de Sousa.
Vasco Fernandes de Sampaio, III. Senhor de Villa-Fior.
D. Mécia de Mello, filha de Vasco Martins de Mello, Alc. m. de Évora.
Pedro Lourenço de Tavora, Senhor do Mogadouro.
D. Ignez de Sousa, filha de Fernando de Sousa.
Diogo Lopes de Sousa, Mordomo mór da Casa Real.
D. Isabel de Noronha.
Manoel de Mello, Alcaide mór de Elvas.
D. Brites da Sylva.
Martim Rodrigues de Lemos, Senhor do Nino do Açor, &c.
Isabel Gonçalves da Costa, filha de Alvaro da Costa.
Gil Eannes de Magalhaens.
Isabel de Paiva, filha de Vicente Alvares de Paiva.



CAPITULO XX.

*De Dom Gaspar Constantino de Mello, II.
Marquez de Vilhescas.*

16 **F**Oy o unico filho varaõ do esclarecido conforcio do Marquez Dom Francisco de Mello, Dom Gaspar Constantino de Mello, II. Marquez de Vilhescas, e Conde de Assumar, Senhor de Baraxas de Mello, e do Morgado do Maranhão, Gentil-homem da Camera delRey Catholico com exercicio: morreo apressadamente a 18 de Agosto de 1683. Casou com Dona Antonia Ninho Henriques, filha de Dom Garcia Ninho de Ribera, II. Conde de Villa-Umbrosa, e de Dona Francisca de Porres Henriques de Gusmaõ, Marqueza de Quintana, e Condesa de Castro-Novo; e naõ tiveraõ filhos, havendo tido sóra do matrimonio em Dona Maria Ruis, mulher nobre, o filho seguinte:

17 **D. JOSEPH FRANCISCO DE MELLO**, que nasceo no anno de 1676, e foy III. Marquez de Vilhescas, Senhor de Baraxas de Mello, succedendo a seu pay, no que tinha em Castella; porque o Morgado do Maranhão, Villa de Assumar, e outros bens, que possuiria em Portugal, passaraõ ao Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira de
Tom.X. Ggg Mel-

Mello : assim que cumprio dezaseis annos, passou a servir a Catalunha em Novembro de 1694, em companhia do Marquez de Gastanhaga, Vice-Rey, e Capitão General daquelle Principado : depois continuando o serviço, occupou varios postos, servindo na guerra ; e foy Brigadeiro dos Exercitos delRey Catholico, e Governador da Praça de Albuquerque, e depois General de Batalha dos seus Exercitos, e Governador Militar, e Politico da Praça, Villa, e Partido de Alcantara.

Casou na Cidade de Badajoz com Dona Anna de la Rocha Calderon Cordova e Chaves, filha de Dom Joseph de la Rocha Calderon Cordova e Chaves, Regedor perpetuo de Badajoz, onde foy duas vezes Corregedor Interino, e Capitão de huma das Companhias da Guarnição da Praça; e no anno de 1712 foy Deputado da Provincia da Estremadura, nas Cortes, que se celebraraõ em Madrid no dito anno; e de sua mulher Dona Maria Moreno, neta de Dom Diogo de la Rocha Calderon, e de D. Brites Chaves e Figueiroa, de quem tem

18 D. MARIA ANTONIA JOSEFA DE MELLO PORTUGAL VILHENA ROCHA E CALDERON.

18 D. JOSEFA MATILDE DE MELLO PORTUGAL VILHENA ROCHA E CALDERON.

18 D. JOSEPH GASPAR ANTONIO FRANCISCO DE MELLO PORTUGAL VILHENA ROCHA E CALDERON.

18 D. PAULO ANTONIO JOSEPH DE MELLO

LO

da Casa Real Portug. Liv. IX. 439

LO PORTUGAL VILHENA ROCHA E CALDERON.

18 D. PEDRO JOSEPH ANTONIO DE MEL-

LO PORTUGAL VILHENA ROCHA E CALDERON.

18 DOM DIOGO ANTONIO FRANCISCO DE

MELLO PORTUGAL VILHENA ROCHA E CALDE-
RON.

18 DOM FERNANDO JUSTO GERMAN DE

MELLO PORTUGAL VILHENA ROCHA E CALDE-
RON.

Tom.X.

Ggg ii

TA.

E PORTUGAL.

XI de Mello, filha H. de D. Ro-
lo, Conde de Olivença.

XII D. Brites de Vilhena. Ca-
sou com D. Jorge, Duque
de Coimbra, Meitre de
Santiago.

D. Joanna de Vilhena, * a 24
de Julho de 1559. Casou com
Dom Francisco de Portugal I.
Conde de Vimioio.

D. Maria Manoel de Vi-
lhena. Casou com Dom
João da Sylva II, Conde
de Portalegre.

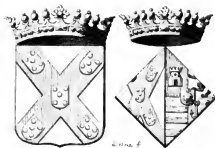
XI I. Dona Isabel,
Freira em Jesus
de Setúbal.

I. D. Joanna, Frei-
ra em Jesus de Se-
túbal.

II. D. Alvaro de Mel-
lo, Clerigo, * no an-
no de 1578.

II. D. Maria de Mello. Casou
com D. Constantino de Bragan-
ça, Vice-Rey da India.





HISTORIA
GENEALOGICA
DA CASA REAL
PORTUGUEZA.
PARTE II.

CAPITULO I.

De D. Jorge de Portugal, 1. Conde de Gelves.



DENTRE as felicidades , com que a Divina Providencia premiou as excellentes virtudes do Senhor D. Alvaro , he muy especial a de estabelecer em seus filhos duas taõ poderosas Casas em Portugal , e Castella , com que dilatando a sua posteridade , fez ainda mais gloriosa a sua memoria em taõ esclarecidos descendentes.

*Richershusio , Cereal.
Imp. Reg. &c. ad Tab.
63.*

cayde de los Alcazeres de la Ciudad de Sevilla, digo, por quanto con licencia de Su Magestad fueren fechos, y otorgados ciertos capitulos, e aciento sobre razon del desposorio, e casamiento entre mj, y la Señora D. Guiomar de Ataide, Dama de la Reyna de Francia, e sobre Dote, y arrás, y otras cosas. Celebrou-se a escritura, sendo procurador de D. Jorge o Commendador Joaõ Rodrigues Marsino, e de Dona Guiomar Antonio de Azevedo, Embaixador delRey de Portugal Dom Joaõ III. naquella Corte. Foy o dote seis contos de maravediz, que lhe deu o Emperador; hum a Rainha de França seiscentos vinte nove mil e cem maravediz em joyas, perolas, vestidos, e adornos da sua pessoa; e quinhentos e sessenta mil reis, que lhe deu ElRey de Portugal, com que se completaraõ oito contos, obrigando-se Dom Jorge a lhe dar hum conto de maravediz de arrhas; para o que com faculdade Real obrigou os bens do Morgado, e do dote, no caso de o haver de restituir com todas as clausulas costumadas em semelhantes contratos: foy este feito em Toledo no ultimo de Janeiro do anno de 1526, e assinado pelos Procuradores, sendo presente o Doutor Beltran, do Conselho de S. Magestade, e Francisco de los Covos, seu Secretario: naõ durou muitos annos esta uniãõ, porque Dona Guiomar morreu no fim do anno de 1529, como se vê do ajuste, que os Condes de Penella seus pays, fizeraõ com Dom Jorge sobre o dote, e arrhas desta Senhora; porque

porque no anno de 1530 a 7 de Fevereiro se habilitaraõ em Lisboa, como herdeiros da sua filha; do referido ajuste consta, que deixara por herdeiro a seu marido da terça, tiradas algumas disposições, que havia feito. No dito anno de 1529 foy Dom Jorge revestido da dignidade de Conde de Gelves, por Carta passada em Barcelona a 20 de Junho.

Naõ ficaraõ desta esclarecida uniaõ filhos, porque o Conde de Gelves passou logo às segundas vodas com Dona Isabel Colon, filha dos primeiros Duques de Veragua, Almirantes das Indias. Celebrou-se o Tratado em Sevilha a 3 de Mayo do anno de 1531 no Alcacer Real daquela Cidade, em presenca do Conde, e Agostinho Bivado, e Francisco de Aguilar, Procuradores de Dona Maria de Toledo, Vice-Reyna de Indias, Tutora, e Administradora do Almirante seu filho, para poderem contratar, e concluir o casamento de Dona Isabel Colon sua filha, a quem dotou com oito contos de maravediz, e o Conde lhe deu de arthas hum conto com todas aquellas clausulas precisas para a validade do tal contrato.

Viveraõ os Condes em taõ conforme uniaõ; que a 14 de Outubro do anno de 1539 instituiaraõ em seu filho primogenito Dom Alvaro de Portugal hum Morgado na sua Villa de Gelves dos bens, que possuiaõ, e podiaõ vincular, que eraõ o herdamento de Artelina, Villa-Nova del Ariscal, com os seus herdamentos de Almudano, e Torrequemada :
o que

o que annexaraõ com as mesmas condições do Morgado, que nelle instituirãõ seus pays Dom Alvaro, e Dona Filippa de Mello na Cidade de Sevilha, e na Villa de Carmona com diversas propriedades, e fazendas, que haviaõ comprado ao Mosteiro de São Bento de Valhadolid, juro, e certas rendas na Cidade de Sevilha, os quaes doaraõ neste vinculo a seu filho Dom Jorge; porque os bens, e senhorios, que tinhaõ em Portugal, pertenciaõ a D. Rodrigo de Mello seu filho, I. Marquez de Ferreira: foy feita a escriptura a 20 de Dezembro do anno de 1502. A este Morgado uniraõ os Condes agora, o que de novo fizeraõ dos seus bens, a qual chamaõ à sua successãõ seus descendentes legitimos; e no caso de não ficar fi ho, ou neto do ultimo possuidor, manda succeder a linha feminina; e extinta esta, chama a do Marquez de Ferreira Dom Rodrigo seu irmão, e a sua descendencia, para herdeiros do Morgado. No referido anno de 1539 a 16 de Outubro, estando o Conde com perfeita saude, fez o seu testamento em Sevilha, do qual se vê bem a sua Christandade, e Religiaõ, no modo com que ordena as suas cousas. Viveo depois o Conde alguns annos, porque a 23 de Setembro de 1543 achando-se gravemente enfermo em Sevilha, fez hum Codicillo referindo-se ao dito testamento. Desta doença entendemos faleceo o Conde; porque nas memorias, que desta grande Casa nos remeteo a generosa benignidade de seu quinto neto, e suc-

Tom.X.

Hhh

cessor

cessor Dom Pedro Nuno Colon e Portugal, VIII. Duque de Veragua, ministrados pela prudencia de taõ excellente, e sabio varaõ, naõ nos daõ mais noticias do Conde D. Jorge, que foy ornado de tantas virtudes, e merecimentos, que lhe adqueriraõ estimagaõ dos Principes do seu tempo, a quem servio na paz com applauso, e na guerra com reputaçaõ. Achou-se na occasiaõ, em que se celebrou o Tratado do matrimonio da Infanta Dona Catharina com ElRey Dom Joaõ III. e foy Dom Jorge dos Senhores, que affinaraõ, como testemunha nomeada pelo Emperador D. Carlos seu irmaõ estando em Burgos. Jaz em Gelves no enterro, que naquella Villa tem a sua Casa.

Casou, conforme a escriptura de que acima fizemos mençaõ, no anno de 1526 com Dona Guiomar de Ataide, filha de Dom Joaõ de Vasconcellos e Meneses, II. Conde de Penella, Senhor da Enxara, Mafra, e do Morgado de Soalhaens, &c. Vêdor da Fazenda delRey Dom Joaõ III. e da Condesa Dona Maria de Sousa, filha de D. Joaõ de Sousa, Capitaõ dos Ginetes; aqual faleceo no fim do anno de 1529, havendo feito seu testamento, em que entre outras obras pias, foy a de mandar edificar huma Capella com grande despeza na Villa de Gelves, para o enterro dos Senhores desta Casa: o que o Conde seu esposo executou, como se vê no seu testamento, de que fizemos mençaõ; e assim entendemos, que nella jaz.

Casou

Cafou segunda vez no anno de 1531 com Dona Isabel Colon, filha terceira de Dom Diogo Colon, I. Duque de Veragua, Marquez de Jamaica, II. Almirante, e Vice-Rey de Indias, Aguafil mayor da Chancellaria da Cidade de S. Domingos, e da Duqueza D. Maria de Toledo, filha de D. Fernando de Toledo, Commendador mór de Leaõ, Senhor de Vilhorias, Caçador mór delRey Dom Fernando o Catholico, seu primo com irmaõ, e filho segundo do I. Duque de Alva Dom Garcia Alvares de Toledo, e de Dona Maria Henriques sua mulher, meya irmã da Rainha de Aragaõ D. Joanna Henriques, mãy do dito Rey, que era filha de D. Fradique Henriques, Almirante de Castella: era o Duque Dom Diogo Colon, filho do Grande Dom Christovaõ Colon, Descobridor, e I. Almirante, e Vice-Rey das Indias Occidentaes, e de sua primeira mulher D. Filippa Moniz Perestrelo, Portugueza: e desta esclarecida uniaõ nascerão os filhos seguintes:

Herrera, *Hist. de las Indias Occidentales*, Dec. 1. liv. 1. c. 7. pag. 11. em Madrid 1729. Haro, part. 2. cap. 29. pag. 302.

14 D. ALVARO DE PORTUGAL, II. Conde de Gelves, Capitulo II.

14 D. JORGE DE PORTUGAL, de quem se fará menção no Capitulo X.

14 D. DIOGO DE PORTUGAL, como se verá no Capitulo XI.

14 DOM ANTONIO DE PORTUGAL, que foy Religioso da Ordem dos Prégadores.

14 D. LUIZ DE PORTUGAL, de quem não Tom.X Hhh ii lbe.

fabemos mais, que morrera sem estado, nem geração.

14 D. MARIA.

14 D. Filippa.

14 D. ISABEL, que não tomaraõ estado.

CAPITULO II.

De Dom Alvaro de Portugal, II. Conde de Gelves.

14 **N**A Cidade de Sevilha nasceo Dom Alvaro de Portugal, e como primogenito succedeo na Casa, e Morgado de seus illustissimos pays: foy II. Conde de Gelves, Senhor desta Villa, e de Villa-Nova de Aliscar, Alcaide mór dos Reaes Alcaceres de Sevilha, e Almirante das Indias, como pertensor à Casa de Veragua, que pleiteou, como logo veremos. Era ornado de todas aquellas obrigações, em que o punha o seu esclarecido sangue; assim servio ao Catholico Rey Dom Filippe II. nas occasiões, que se offerece-
raõ no seu tempo, no qual vindo a falecer Dom Luiz Colon, II. Duque de Veragua, e III. Almirante de Indias sem filho legitimo, pertendeo, como varaõ, succeder na Casa de Veragua.

Havia esta tido principio naquelle celebre He-

rôe Dom Christovão Colon, I. Almirante das Indias; e tendo sido estabelecida com tanto esplendor, e oppulentos Morgados nos seus successôres, em poucas gerações se extinguiu a varonia da primeira linha com a morte do Almirante Dom Luiz Colon seu neto, com a qual foraõ diversos oppositores, que contenderaõ: a saber, duas filhas do referido Almirante Dom Luiz, que eraõ Dona Maria Colon, que foy primeira filha, Religiosa no Mosteiro de São Quiricio de Valhadolid, e Dona Filippa Colon, mulher de seu primo com irmaõ Dom Diogo Colon, filho de Dom Christovão Colon, irmaõ do Almirante Dom Luiz, em cuja vida mercera, o qual casando, como dissemos, com Dona Filippa Colon, naõ tiveraõ successão; com que nelles se acabou a segunda linha masculina do Almirante Dom Christovão Colon. Foraõ mais oppoentes D. Christovão Colon de Cardona, Almirante de Aragão, como filho de Dona Maria Colon, e de D. Sancho de Cardona, Almirante de Aragão, a qual era a primeira irmã do Almirante Dom Luiz, e neta do Instituidor, por ser filha de D. Diogo Colon, I. Duque de Veragua, e II. Almirante de Indias, e de D. Maria de Toledo sua mulher: oppoz-se tambem Dona Joanna Colon de Toledo, segunda filha do Duque D. Diogo, que foy mulher de Dom Luiz de la Cueva; e como dissemos D. Alvaro de Portugal, Conde de Gelves, filho de D. Isabel Colon, irmã inteira das referidas.

Correo
a cau-

a causa, e conseguindo la tenuta (como dizem os Castellhanos) no Conselho Real a beneficio de D. Diogo Colon, marido de Dona Filippa Colon, acabou o pleito; porém falecendo o dito Dom Diogo sem successão no anno de 1578, se introduzio com segundo pleito Dona Francisca Colon na Audiencia de Santo Domingos de Indias, pedindo a posse, e os bens, como immediata a seu irmão D. Diogo Colon, ultimo Almirante de Indias, ambos filhos de D. Christovão Colon, a qual era casada com Dom Diogo Ortegô, Ouvidor de Quito; e ao mesmo tempo pedia o mesmo o Almirante de Aragaõ D. Christovão Colon de Cardona, a quem foy sentenceada a posse da Casa de Veragua no anno de 1579. Depois desta sentença entrou a oppor-se o Conde de Gelves D. Alvaro, e na revista foy sentenceada, e confirmada ao Almirante de Aragaõ. E sendo appellada esta sentença, sahio oppondo-se à mesma Casa Dona Maria Colon de Toledo, mulher de D. Luiz de Avila, outra filha de Dom Christovão Colon, e irmã do ultimo Almirante D. Diogo, a quem foy primeiramente julgada, juntamente com seu filho D. Christovão Colon, o qual havia nascido no anno de 1579 depois da morte de seu tio o Almirante D. Diogo, em cuja vacancia pertendia succeder, como varão mais proximo do ultimo possuidor. Porém no anno de 1580 foraõ confirmadas as duas sentenças a favor do Almirante de Aragaõ D. Christovão, remetendo-se ao Conselho

felho de Indias o conhecimento deste pleito; e succedendo falecer o referido Almirante de Aragaõ D. Christovaõ no anno de 1583 sem successão, pertencendo a posse sua irmã Dona Maria Colon, Marqueza de Guadaleste, mulher do Marquez D. Francisco de Mendoça, Almirante de Aragaõ; sendo igualmente oppositores à mesma posse D. Jorge Alberto de Portugal, III. Conde de Gelves, e D. Anna Francisca Colon de Toledo, e D. Joanna Colon de la Cueva, mulher de D. Francisco de Cordova, Marquez de Villar-Mayor, a qual era neta de D. Joanna Colon de Toledo, e de seu marido D. Luiz de la Cueva, como acima dissemos, de quem nasceo Dona Maria Colon de la Cueva, que casou com D. Carlos Arelhano, que haviaõ litigado na posse, e de quem era filha a pertensora Dona Joanna Colon de la Cueva: finalmente se veyo a decidir a causa no anno de 1586 a favor da Marqueza de Guadaleste Dona Maria Colon. Appellaraõ todos os referidos esta sentença, ajuntando-se mais hum novo oppoente, que foy D. Carlos Colon de Cordova, e Boca-Negra, Marquez de Villar-Mayor, como filho de Dona Joanna Colon, Marqueza de Villar-Mayor, que tanto, que nasceo se oppoz em seu nome, e direito. Mas no anno de 1605 foy revogada a sentença por quatorze Juizes do Conselho de Indias, afficiados com alguns do Conselho Real de Castella, dando-se em revista a D. Nuno Colon e Portugal, irmão inteiro do Conde de Gelves D. Jorge

Jorge Alberto, que falecera, e segundo filho do Conde D. Alvaro, e foy IV. Duque de Veragua, e Almirante de Indias, como adiante se verá. E tornando segunda vez a appellar esta sentença de revista Dona Francisca Colon de Toledo, a Marqueza de Villar-Mayor Dona Joanna, e o Marquez de Villar-Mayor D. Carlos seu filho com a pena, e fiança de las mil y quinientas, se confi mou por sete Juizes no Conselho Real à linha de Gelves. Depois se suscitaraõ outros litigios sobre a successaõ do Almirantado de Indias, e Ducado de Veragua, allegando huns direitos, porque foraõ excluidos, e condemnados todos os litigantes pelos Juizes, que naõ importa ao nosso assumpto referir mais, que como a linha de Gelves veyo a succeder na Casa de Veragua, sendo sentençados a favor desta linha os Morgados no anno de 1606, por ser a successaõ de simplez masculinidade; e condemnados por seis sentenças a favor desta linha os ascendentes dos mesmos novos oppoentes, como se o direito, que allegavaõ naõ eltivera excluido, e abandonado. E por ultimo diremos, que o Almirante Dom Christovaõ Colon teve faculdade Real no anno de 1497, para vincular em Morgado todos os seus bens. Neste mesmo anno dispoz o seu testamento, que naõ chegou a outorgar-se em publica fórma, e foraõ só huns apontamentos, que naõ produziaõ fé. No anno de 1502 dizem fizera outro, o qual já mais appareceo, mas sim hum Codicilo, ou Testamento do
 anno

anno de 1506, porque se governou a successão, do qual o Original está no Convento das Covas de Sevilha, de que se tiraraõ copias authenticas; porque os Ministros, que foraõ Juizes nesta causa deraõ seis sentenças, tres na Audiencia de São Domingos, e as tres no Conselho, e em mil y quinientas, a qual os interessados na posse guardaõ como titulo unico de Morgado, sendo a clausula, porque se determinaraõ os Ministros em seis sentenças diferentes a favor desta linha, a verba do allegado Testamento, que he a seguinte: *Yo constitui a mi caro hijo D. Diego por mi heredero de todos mis bienes, y officios, que tengo de juro de heredad, de que hize mayordazgo. Y non aviendo el hijo heredero varon, que herede Don Fernando por la misma guisa. Y non aviendo hijo heredero varon, que herede Don Bartolame mi hermano, por la misma guisa; y por la misma guisa, si no huviere hijo heredero varon, que herede otro mi hermano, que se entienda assi de uno en otro el parente mas ligado a mi linea; y esto sea para siempre, y no herede muger, salvo si no faltasse, no se fallar hombre: y si esto acaescesse sea la muger mas cercana a mi linea.* De que se tira, que toda esta Casa era de rigorosa, e simplez masculinidade; porque extintas as duas linhas masculinas do Almirante Dom Christovaõ Colon, e naõ continuando outras, seus irmãos Dom Bartholomeu, e D. Diogo, que morreraõ sem successão, passava ao varaõ da linha de sua primeira neta o Almirante de Aragaõ, a quem

foy sentençaada, e depois ao varaõ da Casa de Gelves, que preferia por varaõ a todas as outras, que elle excluira por femininas.

Naõ chegou a ver o Conde Dom Alvaro de Portugal o fim de huma taõ importante causa, porque no anno de 1581, estando na sua Villa de Gelves gravemente enfermo, outorgou o seu Testamento a 22 de Setembro; nelle se intitula Almirante de Indias; e tendo disposto como Christaõ com grande piedade nos legados, e declarado diversas disposições nos Codicillos, que fez nos dias 26, e 28 do referido mez, veyo a morrer a 29 de Setembro de 1581, como se vê da abertura do seu Testamento. Jaz no enterro da sua Casa na Villa de Gelves.

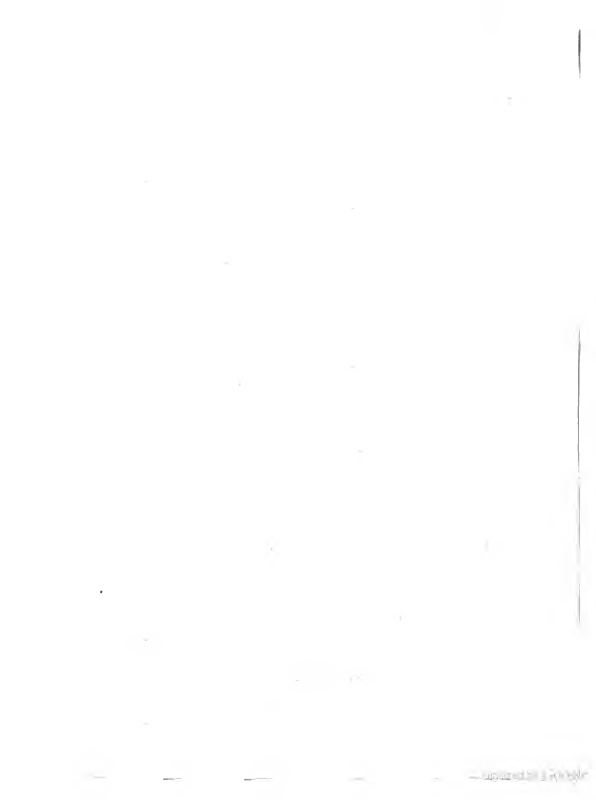
Casou com Dona Leonor de Milá, a quem os nobres Nobiliarios appellidaõ de Cordova e Aragaõ; porém no contrato do seu casamento achamos com o mesmo nome, e appellido de sua avô materna. Teve de dote trinta mil ducados de ouro, que valiaõ onze contos duzentos e cincoenta mil maravediz, para cuja segurança obteve faculdade Real do Emperador Carlos V. passada em Valhadolid em Agosto de 1555, que anda incerta na escriptura da tal authentica, que temos em nosso poder, como todos os mais documentos, que allegamos. Era filha de Dom Alvaro de Cordova, Senhor de Valençuela, Estribeiro môr delRey Dom Filippe II. sendo Principe (filho dos quartos Condes de Cabra) e de Dona Maria de Aragaõ, filha de Dom Nuno Ma-

da Casa Real Portug. Liv. IX. 457

Manoel, Senhor das Villas de Salvaterra de Magos, e das Aguias, Guarda môr da pessoa delRey Dom Manoel, e Almotace môr do Reyno, e de sua mulher Dona Leonor de Milá, como veremos no Livro XII. Capitulo IV. 2. IV. e deste esclarecido conforcio nasceraõ os filhos seguintes:

15 D. JORGE ALBERTO DE PORTUGAL, III. Conde de Gelves, como se verá no Capitulo III.

15 D. NUNO ALVARES PEREIRA COLON E PORTUGAL, Capitulo IV.



CAPITULO III.

De D. Jorge Alberto de Portugal, III. Conde de Gelves.

15 **S**uccedeo ao Conde D. Alvaro de Portugal seu filho primogenito D. Jorge Alberto Colon de Portugal, que nasceo em Sevilha, e foy bautizado na Sé daquella Cidade a 11 de Setembro de 1566, e III. Conde de Gelves, Senhor desta Villa, e de Villa-Nova de Aliscar, Alcaide môr dos Alcaceres de Sevilha: seguiu a mesma opposiçaõ, que seu pay havia principiado da Casa de Veragua, que não chegou a possuir. Contava quinze annos quando lhe faltou seu pay, tendo ajustado o seu casamento com D. Bernardina Vincentelo, a quem seus pays deraõ em dote hum Morgado, que instituirãõ na pessoa de sua filha, de que o capital foraõ duzentos e quarenta mil ducados, que faziaõ a somma de noventa contos de maravediz, como consta da escriptura da dita instituiçaõ, e dote, que se outorgou em Sevilha a 2 de Setembro do anno de 1581, que anda nos seus descendentes. O Conde lhe deu de arrhas dez mil ducados, precedendo toda a faculdade necessaria para a validade deste contrato. Não foy larga a duraçaõ da vida do Conde, porque não contando mais, que vinte

Memorias da Casa de Veragua m. 6

vinde e tres annos , faleceo na sua Villa de Gelves a 29 de Abril de 1589 , havendo feito o seu Testamento , estando em Sevilha determinado a ir a huma expedição do serviço delRey , nelle se vê a grandeza de animo , e piedade nos legados: foy feito a 12 de Abril de 1588.

Casou no anno de 1581 com D. Bernardina Vincentelo , irmã de D. Joaõ Vincentelo , pay do I. Conde de Cantilhana , e filha de D. Joaõ Antonio Corço Vincentelo , Senhor das Villas de Cantilhana, Brnes, e Villa-Verde , e de sua mulher Dona Brizida Corço , filha de Joaõ Antonio Corço , natural do Reyno de Corcega , a qual faleceo em Toledo a 7 de Novembro de 1625 , donde fez o seu Testamento a 22 de Mayo do referido anno. Havia esta Senhora depois da morte do Conde D. Jorge Alberto , casado segunda vez com o Marquez de Villa-Misar , e de quem ficando viuva , casou terceira vez com D. Fernando de Toledo , Senhor de Igares , do Conselho de Sua Magestade Catholica , e seu Embaixador à França: porém de nenhum destes matrimonios teve filho , e do primeiro teve

16 D. LEONOR FRANCISCA DE PORTUGAL, que foy IV. Condeffa de Gelves , e succedendo em toda esta Casa , e no Morgado , que em sua mãy instituirão seus avôs maternos , casou duas vezes , a primeira com Dom Fernando de Castro , Gentilhombre da Camera delRey Catholico ; e por este casamento foy Conde de Gelves: era filho de D. Dom
Fer-

da Casa Real Portug. Liv. IX. 463

Fernando Ruiz de Castro, IX. Conde de Lemos, como fica escrito no Livro VIII. Capitulo X. pag. 158 do Tomo IX. de cuja uniaõ foy unica

17 D. CATHARINA DE PORTUGAL E CASTRO, V. Condeffa de Gelves, que casou com seu tio D. Alvaro Jacinto Colon e Portugal, V. Duque de Veragua com a successaõ, que se verá no Capitulo V.

A Condeffa Dona Leonor faleceo a 19 de Abril de 1618, havendo casado segunda vez com D. Diogo Pimentel, Commendador de Villa-Nova de la Fuente na Ordem de Santiago, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, Capitaõ da Guarda Hespanhola, Assistente de Sevilha, Castellaõ de Milaõ, General da Cavallaria, e das Armas daquelle Estado, Vice-Rey da Nova Hespanha, do Conselho de Estado, a quem deraõ o titulo de Marquez de Gelves: era filho segundo de D. Pedro Pimentel, II. Marquez de Tavara, Mordomo mór da Rainha Dona Anna de Austria; e teve de seu segundo marido a

17 D. LEONOR PIMENTEL DE PORTUGAL; de quem os Nobiliarios naõ fazem mençaõ; porém o Testamento de sua mãy diz: *Yten declaro, que del matrimonio con el dicho Señor Marques mi Señor tenemos por hija legitima, y natural a D. Leonor Pimentel de Portugal*: e lhe deixou a terça de todos os seus bens, e a recommenda muito à Condeffa Dona Catharina de Portugal, successora dos seus

seus Morgados com outras disposições feitas com prudencia, e piedade: foy feito em Madrid a 17 de Abril de 1618. Não sabemos se esta Senhora tomou estado.

CAPITULO IV.

De D. Nuno Colon e Portugal, IV. Duque de Veragua, e V. Almirante de Indias.

15 **N**O Capitulo II. dissemos, que fora o segundo filho, que nascera do esclarecido thalamo dos Condes de Gelves D. Nuno Alvares Pereira, appellido, que parece lhe deraõ seus pays em memoria do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira seu esclarecido ascendente; porque com elle o nomea seu pay no seu Testamento, e no de seu irmaõ na mesma fórma; por cuja morte devolvendofelhe o direito da Casa de Veragua, achamos no Tratado do seu casamento nomeando-se D. Nuno Colon e Portugal: nasceu este Senhor em Sevilha, foy Cavalleiro da Ordem de Calatrava; e como varaõ da primeira linha do Almirante Dom Christovaõ Colon, lhe foy sentenceada esta poderosa Casa como mais proximo ao Instituidor, como deixamos referido. O Conde D. Alvaro seu pay instituiu em D. Nuno hum Morgado, para se manter com a decencia, que era precisa à sua pessoa.

foa. Depois que D. Nuno se achou por morte do Conde Dom Jorge Alberto seu irmão o varaõ immediato a succeder na Casa de Veragua, tratou de tomar estado, o que se tratou com Dona Aldonça Portocarrero, Senhora de qualidade, e rica; porque foy dotada com trinta mil ducados, que montavaõ onze contos duzentos e cincoenta mil maravediz, e lhe deu de arrhas quatro mil ducados, que faziaõ a somma de hum conto e quinhentos mil maravediz, com todas aquellas clausulas, e condições usadas em semelhantes Tratados para sua validade: foy outorgado na Villa de Madrid a 8 de Abril do anno de 1593.

Finalmente depois das largas contendias, que referimos, foy Dom Nuno Colon e Portugal IV. Duque de Veragua, e la Mota, Marquez de Jamaica, V. Almirante de Indias, &c. em cuja posse entrou no anno de 1606; e logrando taõ poderosa Casa, que desfrutou por muitos annos, achando-se gravemente enfermo, tendo communicado as suas disposições, e ultima vontade a Dom Pedro de Cordova seu primo, Gentil-homem da boca delRey Catholico, Cavalleiro da Ordem de Calatrava, lhe deu poder para por elle fazer o seu Testamento, conforme o Direito, e Leys municipaes de Castella, nomeando por Testamenteiros a Dom Duarte, Marquez de Frechilha, e Malagon, e a Dom Pedro de Toledo, Marquez de Villa-Franca, do Conselho de Estado, e ao Lecenciado Sancho Tom.X. Kkk Flo.

Haro, liv. 9. cap. 29.
Fº 304.

Memorias da Casa de
Veragua m. 6.

Flores, do Conselho de Indias, e a D. Alvaro Colon, Marquez de Jamaica seu filho, e ao dito D. Pedro de Cordova : foy feito em Madrid a 5 de Março de 1622, e a 8 do referido mez fez hum Codicillo, em que deixava na mesma força, e vigor a Dom Pedro de Cordova o poder outorgar, e fazer o seu Testamento, em que havia nomeado os Testamenteiros: accrescentou por Testamenteiro ao Duque de Sessa, e Baena, Marquez de Poza. Pouco se dilatou a vida do Duque, porque a 9 de Março do referido anno de 1622 faleceo, e foy depositado no Convento da Encarnação, que fundara sua tia Dona Maria de Aragoão.

Casou no anno de 1593 com Dona Aldonça Portocarrero, filha de Diogo de la Bastida Espinosa, e de sua mulher D. Luiza Portocarrero e Gusmaão, filha de Alonso Peres de Esquivel e Gusmaão, Vinte e Quatro de Sevilha; e tiveraõ a successão seguinte :

16 D. ALVARO JACINTO COLON E PORTUGAL, V. Duque de Veragua, que occupará o Capitulo V.

16 D. CHRISTOVAÕ COLON E PORTUGAL, a quem seu pay nomea no seu Testamento por seu herdeiro, juntamente com o Marquez de Jamaica, e Dona Leonor, seus irmãos. Foy Gentil-homem da boca delRey Catholico; e seguindo a vida Militar, foy servir no theatro da guerra daquelle tempo em Flandres, donde morreo sem tomar estado, nem deixar geração.

D.

16 DONA LEONOR MARIA DE PORTUGAL; Dama da Rainha Dona Isabel de Borbon, a quem o Duque seu pay no seu Testamento melhorou com o terço, e remanescente do quinto dos seus bens, e não sabemos, que tomasse estado.

E teve sendo viuvo illigitimas

16 D. LUIZA DE PORTUGAL.

16 D. CATHARINA DE PORTUGAL, a quem o Duque seu pay deixou dotes para Freiras, e encarregado a seus Testamenteiros o seu estado.

CAPITULO V.

*De D. Alvaro Jacinto Colon e Portugal, V.
Duque de Veragua.*

16 **S**uccedeo na Casa de seus excellentissimos pays Dom Alvaro Jacinto e Portugal, e foy V. Duque de Veragua, e de la Vega; Marquez de Jamaica, Conde de Monte-Alegre, VI. Almirante das Indias, e pelo seu casamento Conde de Gelves, e de todos os mais Estados desta Casa. A grande representaçã do Duque com hum genio generoso, o fizeraõ bem quisto, e merecedor dos empregos, que occupou, porque servio a ElRey Dom Filippe IV. e foy seu Gentil-homem da Camera; e não se satisfazendo sómente com taõ gran-

Tom.X.

Kkk ii

de

de honra como a de servir à sua Real pessoa , o fez nos seus Exercitos em Milaõ , e Flandres , onde tendo occupado diversos póstos , foy ultimamente Capitão General da Armada , que passava a Flandres. Achava-se o Duque em Cadiz para embarcar na referida Armada , e antes fez como Christão o seu Testamento na dita Cidade a 7 de Março de 1636 , em que se vê em muitos legados pios a sua caridade , e a grandeza do seu animo. Nomeou por Testamenteiros , e Executores do seu Testamento a Dom Pedro Nuno Colon , Conde de Gelves , Marquez de Jamaica , a Dom Fernando Francisco de Portugal , a Dona Catharina de Lacerda , Condeffa de Lemos , a D. Leonor de Portugal , Marqueza del Ariscal , a Dom Augostinho Homo-Dei , Marquez del Ariscal , a Dona Ísabel de Portugal , e Dona Anna Francisca de Portugal suas tias , e a Dom Diogo de Portugal seu tio , a Thomás Manara , e o Padre Diogo Melendez da Companhia , para que declarasse qualquer duvida do seu Testamento. Embarcou o Duque na Capitania da Armada , com que passava a Flandres ; e adoecendo com poucos dias de viagem , fez hum Codicillo a 18 de Abril da 1636 : adiantava-se a doença , e parece , que por alguma inconstancia do tempo tomou a Capitania o Porto de Lisboa. Desembarcou o Duque , e sendo aposentado no Mosteiro da Santissima Trindade , em poucos dias faleceo a 26 de Abril do dito anno de 1636 , contando trinta e oito annos de idade:

idade: sendo depositado na Igreja, foy depois trasladado, e levado ao enterro da sua Casa na Villa de Gelves a 28 de Julho de 1640, onde jaz.

Casou no anno de 1614 com sua sobrinha D. Catharina de Portugal e Castro, V. Condesa de Gelves, e Senhora desta Casa, como filha herdeira da Condesa Dona Leonor, como dissemos. Dotou-se com todos os bens, e rendas pertencentes ao Morgado, Estado, e Condado de Gelves, e tudo o mais, que possuia por outros Morgados com diversas clausulas: deu-lhe o Duque de arrhas doze mil ducados, que valiaõ quatro contos e quinhentos mil maravediz de moeda de prata; e entre outras clausulas se assentou, que em todo o tempo, que as duas Casas de Veragua, e Gelves andassem em hum só possuidor nos descendentes deste matrimonio, seria obrigado a usar dos appellidos Colon, e Portugal, e trazer as Armas de ambas as familias. Foy feito este Tratado em Madrid a 19 de Setembro de 1624, sendo testemunhas o Marquez de Frechilla Dom Duarte, do Conselho de Estado, Dom Pedro de Toledo, Marquez de Villa-Franca, do Conselho de Estado, e Dom Fernando de Toledo, Senhor de Ygales. Era a Condesa filha dos quartos Condes de Gelves, como dissemos no Capitulo III. Faleceo de sobreparto em Sevilha a 18 de Novembro de 1634: foy depositada na Casa Professa da Companhia; e desta esclarecida uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

D.

D. PEDRO NUNO COLON DE PORTUGAL, VI. Duque de Veragua, como veremos no Capitul. VI.

D. FERNANDO FRANCISCO COLON DE PORTUGAL, de quem o Duque seu pay se lembrou no seu Testamento, melhorando-o no terço, e quinto de todos os seus bens; deixando-o herdeiro juntamente de todos os demais com o Duque seu irmão. Seguiu a vida Militar, e morreo em Burdeos sem ter tomado estado.

17 D. LEONOR DE PORTUGAL, que foy Dama do Paço, e casou com D. Augostinho Homodei, Marquez de Villa-Nova del Ariscal, e la Piovera, Cavalleiro Milanez (filho de D. Carlos Homodei, Marquez de la Piovera, e da Marqueza Brites Lurana) o qual depois de viuvo desta Senhora, foy por sua segunda mulher Marquez de Almonacid; e por morte della casou terceira vez com Dona Maria Lasso de la Vega, filha dos terceiros Condes de Anhover com successão; e de sua primeira mulher teve

18 D. N.

18 D. N. que ambas foraõ Freiras no Mosteiro da Conceição das Bernardas em Madrid, a que vulgarmente chamaõ o Mosteiro de Pinto.

17 DONA LEONOR DE PORTUGAL, que naõ contando de vida mais que dous dias, foy enterrada juntamente com a Duqueza sua mãy no anno de 1634.

D. Ca.

Dona Catharina de Portugal e Castro, V. Condessa de Gelves, mulher de D. Alvaro, V. Duque de Vragua.

D. Fernando de Castro, Gentil-homem da Camera del Rey Catholico, IV. Conde de Gelves.

D. Fernando Rodrigues de Castro, IX. Conde de Lemos, + em Outubro de 1601.

A Condessa D. Catharina de Zuniga e Sandoval.

Dom Pedro Fernandes de Castro, VIII. Conde de Lemos, Vilhalva, &c. + em Agosto de 1590.
A Condessa Dona Leonor de la Cueva, + em 1552.

Dom Francisco de Sandoval e Roxas, IV. Marquez de Denia.

A Marqueza D. Isabel de Borja.

D. Jorge Alberto de Portugal, III. Conde de Gelves.

D. Alvaro de Portugal, II. Conde de Gelves.

A Condessa Dona Leonor de Mila.

Dona Leonor Francisca de Portug. Condessa de Gelves.

A Condessa D. Bernarda Viçoso.

Josão Antonio Corio Vicenzo, Senhor das Villas de Cantilhana Dunes, e Villa-Verde.

D. Brizida Corio.

D. Fernando Rodrigues de Castro, VII. Conde de Lemos, + em 1576.

D. Theresia de Andrade e Ulhoa, III. Condessa de Andrade, &c.

D. Behran de la Cueva, III. Duque de Albuquerque, + em 1559.

A Duqueza D. Isabel Telles Giraõ.

D. Luiz de Sandoval e Roxas, III. Marquez de Denia.

A Marqueza D. Catharina de Zuniga.

S. Francisco de Borja, Preposito Geral da Companhia, antes VI. Duq. de Gandia, + a 10 de Outubro de 1572.

A Marqueza D. Leonor de Castro, + em 1528.

D. Jorge de Portugal, I. Conde de Gelves.

A Condessa D. Isabel Colom.

D. Alvaro de Cordova, Senhor de Valenzuela, Eltribeirmor dell'ey Philippe, D. Maria de Aragoã.

N. Corio.

N.

Josão Antonio Corio.

N.

O Senhor D. Diniz, + a 9 de Mayo de 1516.

D. Brues de Castro, VI. Condessa de Lemos.

D. Fernando de Andrade, II. Conde de Vilhalva, &c.

D. Theresia de Zuniga Ulhoa, II. Condessa de Monte Rey.

D. Francisco Fernandes de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.

A Duqueza D. Francisca de Toledo.

D. João Telles Giraõ, Conde de Urenha.

A Condessa D. Leonor de Velas.

D. Bernardo de Sandoval e Roxas, II. Marquez de Denia.

A Marqueza D. Francisca Henriques.

D. Francisco de Zuniga, Conde de Miranda.

A Condessa D. Maria Henriques.

D. João de Borja, III. Duque de Gandia.

A Duqueza D. Joanna de Aragoã.

D. Alvaro de Castro.

D. Isabel de Mello.

O Senhor D. Alvaro.

A Condessa D. Filippa de Mello.

D. Diogo Colon, I. Duque de Vragua, II. Almirante de Indias.

A Duqueza D. Maria de Toledo, filha de D. Fernando, Comendador mór de Leão.

D. Diogo Fernandes de Cordova, III. Conde de Cabra.

A Condessa D. Francisca de Zuniga e Lacerda.

D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaerra, &c. Guarda mór dell'ey D. Manoel.

D. Leonor de Mila.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

CAPITULO VI.

De D. Pedro Nuno Colon de Portugal e Castro, VI. Duque de Veragua, &c.

17 **F**Oy o primeiro fruto da esclarecida união do Duque D. Alvaro Jacinto, e da Duqueza Dona Catharina, como dissemos D. Pedro Nuno Colon de Portugal e Castro, que nasceu Marquez de Jamaica na Corte de Madrid a 13 de Dezembro de 1618; e sendo criado com a decencia, e cuidado devido a successor de tão grande Casa, elle pelos merecimentos proprios, se fez tão recommendavel, que mereceo especial memoria entre os Senhores da Casa de Veragua; porque as proprias virtudes o distinguiraõ entre as grandes pessoas, que concorreraõ no seu tempo, porque todo o que lhe durou a vida, occupou em serviço do seu Monarca, e gloria da Patria.

Succedeo por morte do Duque seu pay nos Estados da sua Casa, e foy VI. Duque de Veragua, e de la Vega, Conde de Gelves, Marquez de Jamaica, Conde de Monte-Alegre, e VII. Almirante das Indias; e quando o Duque Dom Pedro podera no ocio da Corte desfrutar as oppulentas rendas de tão poderosa Casa, tendo por menos tanta grandeza, se não ornasse a sua pessoa de merecimentos

mentos propios , com que distinguisse a sua memoria, fazendo-a gloriosa pelo seu valor, assim como era pelo alto nascimento , determinou a passar voluntario a servir nos Exercitos delRey Catholico. Contava dezoito annos de idade no anno de 1636, quando arrebatado do ardor do seu generoso espirito, lembrando-se sómente da gloria, que podia conseguir pelo seu braço no duro serviço de Marte, se esqueceo, do que conseguia na sua illustrissima posteridade ; e dilatando a resolução do seu casamento, deu principio à vida Militar, que seguiu sempre, servindo em Argel, Catalunha, Milão, e depois em Flandres; distinguindo-se tanto, que os seus relevantes merecimentos foraõ os que elevaraõ a sua grande pessoa aos mayores póstos da Monarchia; porque nos diversos theatros da guerra, que a Coroa de Hespanha naquelle tempo sustentou, militou o Duque D. Pedro, occupando em Flandres o posto de Mestre de Campo de Infantaria, e General de Batalha, achando-se em muitas occasiões, em que conseguiu reputaçãõ, e nome. El-Rey Dom Filippe IV. o nomeou Thenente Coronel do Regimento da sua guarda, quando passou no anno de 1660 à entrega da Rainha de França sua filha, mulher delRey Luiz XIV. Passou a servir no Exercito contra a Coroa de Portugal, donde foy mandado com o posto de Mestre de Campo General Interino do Exercito de Flandres: depois de ter servido nelle, foy nomeado Capitão

pitaõ General da Armada dos meſmos Eſtados , e ultimamente vagando pelo Duque de Aveiro o poſto de Capitaõ General da Armada do Mar Oceano , foy nelle provido o Duque por Patente , feita em Madrid a 19 de Fevereiro de 1666 ; e havendo embarcado com grande oſtentaçaõ , porque era magnifico , foraõ excessivas as deſpezas , que fez no ſerviço delRey , que ſempre attento aos ſeus merecimentos , o creou Cavalheiro da inſigne Ordem do Toſaõ ; e querendo de novo mostrarlhe a ſua inclinaçaõ , e que lhe era agradavel o ſeu ſerviço , nomeou ao Duque por Vice-Rey , e Capitaõ General , e Preſidente da Audiencia Real de Mexico , de que ſe lhe paſſou Patente a 10 de Junho de 1672. Havia o Duque feito antes de embarcar o ſeu Teſtamento em Madrid a 22 de Abril do referido anno , em que ſe vê a grandeza do ſeu animo nos largos legados , a piedade com que unio mais tres Capellães aos muitos , que os ſeus mayores instituirãõ na ſua Igreja de Gelves , e outros legados pios : nomeou por Teſtamenteiros o Condeſtabel de Caſtella , o Duque de Albuquerque ſeu cunhado , o Almirante de Caſtella , o Marquez de la Fuente , todos do Conſelho de Eſtado , e o Conde de Lemos. Naõ pode lograr por muito tempo aquelle Eſtado a ſua-vidade do ſeu governo , e os acertos , com que diſpunha a felicidade dos ſubditos , porque faleceo em Mexico a 13 de Dezembro de 1673 ; e ſendo trasladado para Heſpanha , jaz no enterro de ſeus

excellos progenitores em a Igreja de Gelves.

Salazar, Casa de Lara,
tom. 2. liv. 8. cap. 14.
pag. 209.

Casou duas vezes, a primeira no anno de 1645 com Dona Isabel de la Cueva, viuva de D. Jorge Manrique de Cardenas, Duque de Naxera, e Maqueda, &c. do Conselho de Estado, e General do Mar Oceano, que faleceo a 30 de Outubro de 1644. Celebrou-se o Contrato deste matrimonio com a comminaçãõ, de que pagaria vinte mil ducados o contrahente, que se arrependesse. Dotou-se a Duqueza Dona Isabel com cem mil ducados; o Duque lhe prometteo tres mil ducados para os gastos da sua Camera, que venceria do dia, que se effectuasse o matrimonio; e que no caso de o Duque morrer primeiro, ella gozaria além dos frutos do seu dote, para sustentar a grandeza da sua pessoa; quatro mil ducados todos os annos; e que por sua eleição escolheria huma das Villas, e Lugares do Duque seu esposo para nelle viver com administração, e jurisdicçoens civil, e crime da dita Villa; havendo faculdade Real; a que elle se obrigou para a segurança do dote, e mais clausulas contendas no referido Tratado, que se fez em Madrid a 8 de Fevereiro de 1645. Doze annos durou esta uniaõ, e estando o Duque seu esposo em Milaõ, adoeceo gravemente a Duqueza Dona Isabel; e communicando à Duqueza sua mãy a sua ultima vontade, mandou passar em publica fórma huma Procuraçãõ, em que lhe dava authoridade para fazer o seu Testamento, a qual se estendia tambem

ao Duque seu esposo, e ao Lecenciado Dom Gaspar Tello de Soto, Advogado dos Reaes Conselhos, e deixou por seu universal herdeiro ao Marquez de Jamaica seu filho: foy feito em Madrid a 16 de Abril de 1657; e falecendo a Duqueza, foy depositada no Convento dos Agostinhos, chamado de Dona Maria de Aragaõ. Era filha de D. Francisco de la Cueva, VII. Duque de Albuquerque, Conde de Ledesma, Marquez de Cuelhar, do Conselho de Estado, e da Duqueza D. Anna Henriques de Cabrera, filha de Dom Luiz Henriques, VII. Almirante de Castella, Duque de Medina de Rio Secco, &c. e da Duqueza Dona Victoria Colona, como se disse na pag. 394. do Tomo IX. Desta esclarecida uniaõ só se logrou o filho seguinte:

18 D. PEDRO MANOEL COLON EE PORTUGAL, VII. Duque de Veragua, que será assumpto do Capitulo VII.

Casou segunda vez em 5 de Janeiro de 1663 com Dona Maria Luiza Castro e Portugal, que faleceo a 10 de Setembro de 1670; era filha dos XII. Condes de Lemos, como se disse na pag. 165 do Tomo IX. e desta illustrissima uniaõ nascerão os filhos seguintes:

18 D. ALVARO COLON DE CASTRO E PORTUGAL, Senhor de Setenil, e do Morgado, que nelle instituiu de certos bens a Duqueza sua mãy, estando em a Cidade de Cadiz, a que o Duque seu pay vinculou outros debaixo das mesmas condições,
Tom.X. Lii ii e vo-

e vocações, com que o fizera à Duqueza sua esposa, com a obrigação de elle vincular as suas legitimas paterna, e materna ao referido Morgado. Foy Quatralvo das Galés de Hespanha, no tempo que era General dellas o Duque seu meyo irmão. Morreo em Barcelona a 29 de Setembro de 1699 apressadamente sem ter tomado estado, nem deixado geração.

18 D. FRANCISCA MARIA DE PORTUGAL, foy Dama da Rainha D. Maria Luiza de Orleans, em cujo serviço morreo no Paço de Madrid sem ter tomado estado, em Novembro de 1680.

18 D. CATHARINA COLON DE CASTRO E PORTUGAL, foy Dama da mesma Rainha. Casou a 29 de Setembro de 1685 com Dom Isidro de Zuniga Avelhaneda, X. Conde de Miranda, VI. Duque de Penharanda, Grande de Hespanha, Marquez de la Bandega, de Miralho, de Valdonquillo, Visconde de Valduerna, Senhor de Casas de Aça, e de Vales, de Fuente, Almexir, e outras terras; e morreo no anno de 1691 sem deixar filhos, como escrevemos na pag. 557. do Tomo IX. e ficando a Duqueza viuva, tomou o Habito das Carmelitas Descalças em Madrid a 29 de Janeiro de 1696, adonde professou, viveo, e faleceo a 27 de Fevereiro de 1700.

A Du-

A Duqueza D. Isabel de la Cueva, mulher do Duque D. Pedro Nuno Colon de Portugal.

D. Francisco de la Cueva, VII. Duque de Albuquerque, 8cc. do Conselho de Estado, * em Agosto de 1637.

Dom Beltrao de la Cueva, VI. Duque de Albuquerque, Vice-Rey de Aragão, * a 13 de Março de 1612.

A Duqueza Dona Isabel de la Cueva, segunda mulher,

Dom Diogo de la Cueva, Comendador de la Puebla de Sancho Peres da Ordem de Santiago.

D. Maria de Cardenas.

D. Francisco Fernandes de la Cueva, IV. Duque de Albuquerque.

A Duqueza Dona Maria Fernandes de Cordova.

D. Luiz Henriques, VI. Almirante de Castella, III. Duque de Medina, * a 27 de Mayo de 1596.

A Duqueza Dona Anna de Mendosa, * a 24 de Junho de 1595.

D. Luiz Henriques, VII. Almirante de Castella, Duque de Medina de Rio Seco, * a 17 de Agosto de 1600.

A Duqueza Dona Anna Henriques de Cabrera, * 19 de Agosto de 1648, terceira mulher.

A Duqueza D. Victoria Colona, * aos 28 de Dezembro de 1633.

Marco Antonio Colona, Duque de Talhacoz, e Paliano, Condestavel de Napoles, Cavalleiro do Toisao, * no 1. de Agosto de 1586.

A Duqueza Felicia Urfino.

D. Francisco Fernandes de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.

A Duqueza D. Francisca de Toledo.

D. Joao de Castella, Comendador de la Puebla, e Treite de Santiago.

D. Maria de Cardenas.

D. Beltrao de la Cueva, III. Duque de Albuquerque, * em 1559.

A Duqueza D. Isabel Giron.

D. Luiz Fernandes de Cordova, II. Marquez de Comares.

A Marquiza Dona Francisca de Zuniga.

D. Luiz Henriques, V. Almirante de Castella, 8cc. * a 24 de Setembro de 1572.

A Duqueza D. Anna de Cabrera e Mondica, Condesa de Modica, * a 13 de Outubro de 1518.

D. Diogo Furtado de Mendosa, Conde de Saldanha, * em 19 de Março de 1566.

A Condesa D. Maria de Mendosa.

Afcario Colona, Condestavel de Napoles, Duque de Talhacoz, 8cc. * a 24 de Março de 1557.

A Duqueza D. Joanna de Aragão.

Jeronymo Urfino, Senhor de Braciano, Conde de Anguilara.

Francisca Sforcia.

D. Beltrao de la Cueva, I. Duque de Albuquerque, * em Nov. 1492.

A Duqueza D. Beata de Menoça, filha de D. Diogo, I. Duque do Infantado.

Dom Garcia Alvares de Toledo, I. Duque de Alva.

N.

D. Alfonso de Castella, o Santo.

D. Joanna de Zuniga, Senhora de Vilhavaquerin, filha de D. Diogo, I. Conde de Nieva.

N.

N.

D. Francisco Fernandes de la Cueva, II. Duque de Albuquerque.

A Duqueza D. Francisca de Toledo.

D. Joao Telles Giron, Conde de Urenha.

A Condesa Dona Leonor de Velaço.

D. Diogo Fernandes de Cordova, I. Marquez de Comares.

A Marquiza Dona Joanna Pacheco, filha de D. Diogo de Escalona.

D. Diogo Fernandes de Cordova, III. Conde de Cabra.

A Cond. D. Francisca de Zuniga, filha de D. Diogo, Sen. de Vilhorias.

D. Fernando Henriques, Almirante de Castella, 8cc.

A Duqueza D. Maria Giraõ, filha de D. Joao Telles, Conde de Urenha.

D. Joao de Cabrera, Conde de Modica.

A Condesa Dona Anna de Mondica.

D. Inigo Lopes de Mendosa, IV. Duque do Infantado, * em 1566.

A Duq. D. Isabel de Aragão, filha de D. Henrique, Duq. de Segorbe.

D. Rodrigo de Mendosa, Marquez de Genete.

A Marq. D. Leonor de Lacerd, filha de D. Luiz, I. Duq. de Medina Celi.

Fabricio Colona, Condest. de Napoles, * em 15 de Março 1520.

A Duqueza Igenes de Monte Fierro, filha de Frederico, Duq. de Urvieto.

D. Fernando de Aragão, I. Duque de Montalto.

D. Castelhana de Cordova, irmã de D. Diogo de Somar.

João Jordão Urfino, Senhor de Braciano, 8cc.

Felicia de la Rovere, filha do Papa Julio II.

Bocio Sforcia, II. Conde Soberano de Santa Flora.

A Condesa Constancia Farnese, irmã de Pedro Luiz, Duque de Parma.

CAPITULO VII.

*De D. Pedro Manoel Colon e Portugal, VII.
Duque de Veragua.*

18 **N** Asceo a 25 de Dezembro do anno de 1651, Marquez de Jamaica Dom Pedro Manoel Colon Portugal de la Cueva e Henriques, como primeiro, e unico filho do Duque D. Pedro Nuno, e da Duqueza Dona Isabel, sua primeira mulher. Succedeo nesta grande Casa no anno de 1673, e foy VII. Duque de Veragua, e de la Vega, Conde de Gelves, Marquez de Jamaica, e Vilhamilhar, Grande de Hespanha da primeira classe, e Almirante de Indias: começou a servir a Coroa de Hespanha desde os seus primeiros annos. Foy Mestre de Campo em Flandres, donde do seu valor, e prudencia deu não vulgares mostras, o que o tempo acreditou de forte, que não teve algum de vida, que não empregasse em serviço, e utilidade da Patria. As virtudes com que ornou a sua grande pessoa, o fizeram benemerito dos mayores lugares da Monarchia Hespanhola. El Rey D. Carlos II. o creou Cavalleiro da insigne Ordem do Toisão, de que foy revestido a 18 de Agosto de 1675, com a especialidade de ser o mesmo Colar, que vagara pela morte do Duque seu pay. O prestimo,
e ta-

e talento do Duque D. Pedro Manoel era tão distincto, que elle era o memorial, que acordava os seus merecimentos; porque no Estado de Milão servio com o posto de Capitão General da Cavallaria no Reyno de Galliza, sendo empregado o Marquez de Falces, que o governava na Embaixada de Alemanha, passou o Duque Dom Pedro Manoel por Governador, e Capitão General daquelle Reyno, de que se lhe passou Patente em Madrid a 24 de Agosto de 1677: poucos annos esteve neste Reyno, porque ElRey o promoveo a Vice-Rey, e Capitão General do de Valença, de que teve Patente passada no Bom Retiro no primeiro de Dezembro de 1679: depois occupou o posto de Capitão General das Galés de Hespanha, que servio com tão grande cuidado, que mereceo lhe conferisse ElRey o Vice-Reynato de Sicilia, de que se lhe passou Patente em Madrid no primeiro de Fevereiro de 1696, onde luzio a prudencia, e o valor do Duque, de sorte, que ElRey D. Filippe V. o nomeou do seu Conselho de Estado no anno de 1701, estando ainda em Sicilia; e dando-lhe por acabado o tempo deste lugar, restituido à Corte de Madrid, o occupou no importante, e honorifico emprego de Presidente do Conselho de Ordens, por Carta de 9 de Dezembro de 1703, sendo ao mesmo tempo Ministro da Junta do Real Gabinete do mesmo Rey, que o estimou muito, porque a sua grande pessoa, e relevantes serviços, e fidelidade em hum tempo, que
esta

esta vacillou muito naquella Corte , o fizeraõ justamente grato à Magestade Catholica , como se vê na Carta, que escreveo a ElRey Luiz XIV. seu avo, a favor da pertençaõ do Duque, de que logo faremos mençaõ , e dizia assim :

„ La satisfacion , que tengo de la conducta ;
„ y zelo del Duque de Veragua , me obliga a es-
„ crevir esta Carta a V. Magestad tocante a sus
„ intereses. La Isla de Jamaica tocò otras vezes a
„ su Casa ; y haviendose cedido a los Ingleses en un
„ Tratado de Paz, desea se le reintegre en la poses-
„ sion della , mediante otro nuevo Tratado. Ha
„ encargado a su hijo (que està actualmente en
„ Francia) se confiera con el Marques de Torfi , a
„ fin de ver si esto será possible. Y assi suplico a V.
„ Magestad ordene a este Ministro , que exami-
„ ne este negocio con el Marquez de Jamaica : y
„ puedo assegurar a V. Magestad, que todo lo que
„ se hiziere por el Duque de Veragua, será mui bien
„ empleado ; respecto de que no hay persona , que
„ parezca mas interesada de nuestros comunes inte-
„ resses, que el Duque. Yo estoy muy contento ,
„ que esta ocasion me franquee, la de renovar a V.
„ Magestad las contestaciones de mi respecto , y
„ del amor, que no puedo dexar de repetir siempre a
„ V. Magestad. = PHELIPE. = Ma-
„ drid, 5 de Septiembre de 1705.

A Casa de Veragua benemerita pelos grandes
serviços feitos à Coroa de Hespanha, se achava def-
tituida

tituida de huma grande porção dos seus Estados, porque sendo muiy larga a liberalidade com que os Reys Catholicos D. Fernando, e D. Isabel premiarão os serviços, que esperavaõ do Almirante Dom Christovaõ Colon, antes que passasse a primeira vez às Indias, lhe fizeraõ huma Doação a mayor, que já mais se encontra na Historia: foy feita em Santa Fé de la Vega de Granada a 17 de Abril do anno de 1492, que em summa continha a merce do posto de Almirante de todas as Indias, com as mesmas prerogativas, e preeminencias, salarios, e empções, que gozava D. Alonfo Henriques, Almirante de Castella, e de mais a de Vice-Rey, e Governador General de todas as Indias; e que para melhor governo dellas, proporia a ElRey tres pessoas de cada officio, e emprego de todas aquellas Conquistas, e que estes escolheriaõ huma das propostas. Que o Almirante Colon teria para si a dizima de tudo o que ficasse liquido de quaesquer mercadorias, ou fossem perolas, pedras preciosas, ouro, prata, especiarias, ou outros quaesquer generos de qualquer especie que fossem, que se comprassem, ou trocassem, ou houvesse em todo o districto das Indias. Que o Almirante por si, e pelos seus Thenentes conheceriaõ de todos os pleitos, e differenças, que se moveissem entre os commerciantes, e o não poderia fazer outra alguma pessoa. Que todos os navios que se armassem para o dito commercio, e negocio, cada, e quando, e quantas ve-

zes se armassem, podesse elle, se quizesse, contribuir com a oitava parte dos gastos da armação, e que por esta causa levaria elle Almirante a oitava parte de toda a ganancia da tal Armada. Este contrato, ou doação confirmaraõ depois os mesmos Reys em Burgos a 23 de Abril do anno de 1497, quando o Almirante voltou da primeira viagem, que fez às Indias, em virtude do qual logrou o Almirante Dom Diogo Colon, filho de Dom Christovão tudo o referido com algumas terras, casas, engenhos de açúcar na Ilha de Santo Domingos, com outras cousas mais. Porém ficando viuva Dona Maria de Toledo, mulher do Almirante D. Diogo, e sendo tutora de seu filho D. Luiz, gozou, e possuio tudo, e governou aquelles Reynos como Vice-Reyna, e administradora de seu filho Dom Luiz, até que vindo a Hespanha por causa de diversas differenças, controvérsias, e demandas, que lhe suscitaraõ, se comprometeo no Cardeal D. Fr. Garcia de Loaysa, fazendo o mesmo o Emperador Carlos V. e sendo o dito Cardeal Juiz arbitro, proferio sentença a 28 de Junho de 1536; e entre as muitas cousas que declarou, foraõ as seguintes:

Memorias da Casa de
Veragua.

Que em recompensa de Vice-Rey, e Capitão General perpetuo de todas as Indias, e Ilhas adjacentes, e propostas de pessoas para os Officios, se lhe desse a Ilha de Santiago, chamada Jamaica, com a jurisdicção civil, e crime, alta, e baixa, me-

Tom.X.

Mmm

ro

ro mixto Imperio , com o titulo de Duque , ou Marquez, que elegeria a Vice-Reyna, como tutora de seu filho , e com tudo quanto pertencia a S. Magestade de minas, de frutos , pastos , que em a Ilha houvesse de qualquer genero , e qualidade que fossem, em virtude do que se lhe passou Carta de Marquez de Jamaica, feita em Valhadolid a 19 de Janeiro de 1537. Dando-lhe pela mesma sentença do Cardeal ao Almitante D. Luiz, e a todos os seus successores perpetuamente o titulo de Almirante de Indias , na forma que lhe fora concedido ; e por equivalente da dizima , e parte dos frutos , gozaria dez mil ducados de prata doble de renda em cada hum anno , assentados na parte, que apontasse a Vice-Reyna em nome de seu filho , e demais sete mil ducados de doble , em recompensa de vinte e cinco leguas de terra em quadrado , cedidos na Provincia de Veragua, e outros direitos, de que cedera. E ultimamente depois da referida sentença, ElRey D. Filippe II. lhe fez ceder ao Almirante Dom Luiz todo o referido a favor da Coroa, deixando-lhe somente os titulos de Almirante, Duque, e a Ilha de Jamaica, na fórma que a possuía, os dez mil ducados , que já tinha, e os sete mil ducados, de que se lhe passaraõ os despachos em 2 de Outubro de 1574.

Nesta conformidade gozou a Casa de Veragua da Ilha de Jamaica com o titulo de Marquezado , concedendo-lhe a todos os successores toda a jurisdicção

dicção util, e direitos da dita Ilha, Minas, &c. não ficando a ElRey mais, que a suprema jurisdicção. Este rico Estado, que a Casa de Veragua possuiria cento e vinte annos pelo contrato referido do Almirante D. Christovão Colon, e os Reys Catholicos, e pela sentença dada pelo Cardeal de Loaysa, veyo a perder por se apoderarem della os Ingleses; porque no anno de 1638 passou àquelles mares por Cabo de huma Esquadra Jakson, a qual havia sido feita à despesa de armadores particulares, que invadindo aquella Ilha, se vierão depois a estabelecer nella de sorte, que ElRey Dom Carlos II. lha veyo a ceder no Tratado da paz, celebrado com a Coroa de Inglaterra no anno de 1670 com grande prejuizo da Casa de Veragua, que o Duque Dom Pedro Manoel procurou resarcir com algum equivalente, para o que buscou agora a protecção delRey Christianissimo, e depois continuou o Duque Dom Pedro Nuno com grande efficacia na paz de Utrecht, em virtude dos Officios, que ElRey mandou passar aos seus Plenipotenciarios naquelle congresso o Duque de Ossuna, e Marquez de Monte-Leon; porém todos foraõ sem effeito, porque não tiverão recompensa alguma por humataõ justa acção. Finalmente tendo o Duque Dom Pedro Manoel pela authoridade da sua pessoa, e pelo seu talento conseguido respeito, e reputação nos mayores lugares da Monarchia Hespanhola, morreu a 9 de Setembro de 1710, e jaz no enter-

Memorial do Duque
de Veragua, dado na
Paz de Utrecht.

ro dos seus mayores em Gelves.

Casou no anno de 1674 com Dona Theresá Marina de Ayala Fonseca Toledo Fajardo e Mendoza, cujo Tratado se celebrou a 30 de Agosto do referido anno, em que se dotou com cem mil ducados de Velhon, e huma Commenda em Indias de renda de quatro mil ducados de prata, que lhe havia deixado sua tia Dona Antonia de Mendoza, Condesa de Benavente, Camereira mór da Imperatriz Dona Margarida de Austria, obrigando-se o Duque de Albuquerque à satisfação do dote, como Procurador de seu sobrinho o Duque de Veragua, com todas aquellas clausulas, e prevençoens costumadas em tão grandes Senhores. Veyo Dona Theresá Marina a herdar as Casas de seus pays, e foy V. Condesa de Ayala, e de Vilhalonso, Marqueza de la Mota, e de São Leonardo, que morreo a 11 de Junho de 1714, e jaz em Gelves. Era filha de Dom Fernando de Ayala Fonseca e Toledo, III. Conde de Ayala, Senhor de Coca, Alaejos, Vilhorias, e Doncos, Commendador dos Bastimentos de Castella, e Treze na Ordem de Santiago, Gentil-homem da Camera com exercicio del Rey Catholico, dos seus Conselhos de Estado, e Guerra, Vice-Rey de Sicilia, e primeira filha de sua segunda mulher Dona Catharina Fajardo de Mendoza, Dama da Rainha Dona Marianna de Austria, filha de Dom Gonçalo Fajardo, I. Marquez de S. Leonardo, Védor del Rey D. Filippe IV. Alcaide

Casa de Lara, tom. 2.
liv. 12. cap. 4. §. 5.
128. 558.

da Casa Real Portug. Liv. IX. 489

caide môr de Murcia , e de Cartagena , e de D. Ifabel Manrique de Mendoça , VII. Condeffa de Castro Xeriz , e Vilhazopeque , &c. e desta uniaõ nãsceraõ

* 19 D. PEDRO NUNO COLON DE PORTUGAL , VIII. Duque de Veragua , como se verá no Capitulo VIII.

* 19 D. CATHARINA VENTURA , Capitulo IX.

CAPITULO VIII.

*De D. Pedro Nuno Colon de Portugal, VIII.
Duque de Veragua.*

19 **S**uccedeo nos Estados, e Casa de Veragua aos Duques D. Pedro Manoel Colon, e Dona Theresa Marina de Toledo D. Pedro Nuno Colon de Portugal Ayala Fonseca Toledo Valcarzer Ulhoa e Fajardo, que nasceu em Madrid a 17 de Outubro do anno de 1676, e foy VIII. Duque de Veragua, e de la Vega, Marquez de Jamaica, de la Mota, e Saõ Leonardo, VIII. Conde de Gelves, de Ayala, e Villalonso, Almirante, e Adiantado das Indias, Senhor de Gelves, Villanova del Ariscal, dos herdamentos de Torquemada, e Alonvedano, com os seus Padroados das Villas de Ayala, Lodio, Orozeo, Urcabuztaiz, e de Arrastaria, e Villa de Arziniega, com as Igrejas, e Padroados da Villa de Coca, e dos Lugares do seu districto, e jurisdicção com o Padroado, e das Villas de Aloejos, Castrejon, e Val de Fuentes, e Padroeiro das Igrejas, e Hospital da Villa de Vilhorias, com o Padroado da sua Parochia, da Villa de Doncos em Galliza, com o Padroado da sua Igreja, e de las Villas de la Mota, Vilhalonso, S. Zebrian de Mazote, e Morales, com o Padroado das suas

suas Igrejas, e do Convento de Santo Ildefonso, da Ordem dos Prégadores na Cidade de Toro, da Villa de São Leonardo com as suas Aldeas, com o seu Padroado, e da Villa de Alverca de las Torres, e Padroeiro da sua Igreja, Commendador de Azuaga, e da Granja na Ordem de Santiago, Gentil-homen da Camera delRey Catholico D. Filippe V. que reconhecendo o talento, de que era dotado, o nomeou Vice-Rey, e Capitão General do Reyno de Sardenha, onde brilha a sua fidelidade, e resolução a pezar de toda a industria dos do partido Austriaco no anno de 1708, quando a Armada Ingleza, que mandava o Almirante Lake, foy sobre aquelle Reyno, de que o Duque, então Marquez de Jamaica, era Vice-Rey, vio a infidelidade dos seus, a falta de tropas, e meynos, sem os quaes era impossivel a defensão; porque os naturaes se achavaõ corrompidos da industria dos mesmos, que os haviaõ de incitar à defensão, cedeo ao poder, e violencia, porque era impraticavel permanecer em parte alguma sem tropas, pelo que se rendeo ao General, que em hum Navio de Guerra o mandou a Alicante; e o mesmo praticou com os poucos, que sahiraõ daquela Ilha, que se reduziraõ ao Conde de Castilho, D. Joseph Massones, e dous Capitães de Infantaria, e dos Ministros Togados somente D. João Antonio de Navas, aos quaes ElRey D. Filippe V. remunerou com premios, fazendo ao Conde de Castilho Gentil-homem da sua Camera, e a D. Joseph Massones

*Comment. de la Guerra
de España, liv. 9.º pag.
119.*

nes creou Marquez de Isla Rosa, e pelo mesmo motivo a D. Vicente Bacelar, Marquez de S. Philippe, que depois nos Commentarios da Guerra de Hespanha, fallando de Cerdeña, não podendo negar as virtudes do Duque, o taxa de inclinado a enthesourar riquezas, como se conservar as proprias fosse furtar as alheyas, e diz assim: *No dexaba de padecer su oculto incendio Cerdeña, donde era a este tiempo Virrey Don Pedro de Portugal Colon, Marquez de Jamaica, hombre sumamente avisado, ingenioso, astuto, e inteligente, inclinado al negocio, y a tesorar riquezas, no havia muchos meses, que havia sucedido al Marquez de Valero, y comprendid luego, no solo los genios de los Sardos, si no tambien sus particulares inclinaciones. Esto decimos contra los que creen aya sido engañado del Marquez de Villazor, y del Conde de Monsanto, de los quales entendio el desasecto, pero no podia mas, ni juzgò podia sacar la cara contra ellos sin Tropas, que no las havia en el Reyno, y por esso las pedio reiteradamente de la Francia, y España; pero Amelot despreciò, no el riesgo, sino el Reyno, &c.* Deste caracter, que formou hum tão sabio Author, se vê qual era o do Duque, entãõ Marquez de Jamaica, que já na Corte de Pariz, onde residio algum tempo, havia conseguido credito, e reputaçãõ, de sorte, que elle veyo ao depois a ser hum dos mais habeis Ministros da Corte de Hespanha.

A grande pessoa do Duque de Veragua, or.
Tom.X. Nnn nada

nada de talento, prudencia, e fidelidade, em tempo que ella tanto se havia corrompido na mesma Corte de Madrid, o fizeraõ attendido da Magestade Catholica para os mayores negocios da Monarchia, que era a sua conservação; foy o Duque nomeado Consielheiro de Guerra, de cujo Conselho veyo a ser Decano, que exercitou com grande zelo. Foy primeiro Ministro da Marinha, e Ministro do Real Gabinete delRey Dom Filippe, para o universal governo daquella Monarchia, em que o seu zelo foy o brilhante, que resplandecia entre as muitas virtudes, de que este grande Senhor era dotado. Faleceo em Madrid a 4 de Julho de 1733, sendo elle o ultimo varaõ desta esclarecida Casa.

Casou a 17 de Abril de 1702 com a Duqueza Dona Maria Francisca de Cordova Aragaõ, que morreu a 28 de Mayo de 1712; e ficando o Duque viuvo, naõ tornou a casar, sem embargo de naõ ter successaõ legitima. Era filha de Dom Felix Fernandes de Cordova Cardona e Requesens, IX. Duque de Sessa, de Baena, e Soma, XII. Conde de Cabra, &c. e da Duqueza Dona Margarida de Aragaõ sua segunda mulher, Dama da Rainha D. Maria Luiza de Orleans, filha do VI. Duque do Segorbe D. Luiz Ramon, e de sua segunda mulher Dona Maria Theresa de Benavides, filha de Dom Diogo de Benavides, VIII. Conde de Santo Estevaõ del Puerto, &c. e desta esclarecida uniaõ teve os filhos seguintes:

D.

da Casa Real Portug. Liv. IX. 497

20 D. PEDRO ANTONIO COLON DE PORTUGAL, nasceu a 17 de Mayo de 1707, Marquez de Jamaica, e morreo a 16 de Junho de 1711.

20 D. MARIA THERESA COLON DE PORTUGAL, nasceu a 23 de Novembro de 1709, e morreo a 31 de Março de 1714.

20 D. ANTONIO FELIX COLON DE PORTUGAL, nasceu a 10 de Janeiro de 1711. Foy Marquez de Jamaica, e morreo a 20 de Janeiro de 1714. Teve illegitimo

20 D. PEDRO MANOEL COLON DE PORTUGAL, havido em Dona Leonor Romani, que nasceu a 26 de Dezembro de 1699.

A Duqueza D. Maria Francisca de Cordova, e Arago, mulher de D. Pedro Nuno, VII. Duque de Vengra.

D. Felix Fernandez de Cordova, IX. Duque de Sella, e Baena, * em Julho de 1709.

Dom Francisco Fernandes de Cordova, VII. Duque de Sella, e Baena, &c., * a 12 de Setembro de 1688.

A Duqueza D. Isabel Fernandes de Cordova.

D. Antonio Fernandes de Cordova, VII. Duque de Sella, &c. Almirante de Naples, * em 20 de Janeiro de 1659. A Duqueza Dona Theresia Pimentel, * a 10 de Agosto de 1682.

D. Affonso Fernandes de Cordova, V. Marquez de Priego, V. Duque de Feria.

A Marquiza Dona Joanna Henriques.

D. Luiz Fernandes de Cordova, VI. Duque de Sella, Almirante de Naples, * a 14 de Nov. de 1642. A Duqueza Dona Marianna de Roxas, Marquiza de Pozo.

D. Antonio Affonso Pimentel, IX. Conde de Benavente, Merdono mór da Rainha. A Condesa D. Maria Ponce de Leão, primeira mulher.

Dom Pedro Fernandes de Cordova, IV. Marquez de Priego, * a 24 de Agosto de 1606. A Marquiza D. Joanna Henriques.

D. Fernando Henriques, IV. Marquez de Tarifa.

A Marquiza D. Anna Giraõ.

D. Luiz Fernandes de Cordova, Conde de Prades, e Ampurias. A Condesa D. Anna Henriques.

D. Pedro Fernandes de Cordova, IV. Marquez de Priego, &c.

A Marquiza D. Joanna Henriques.

D. Francisco de Benavides, VII. Conde de Santo Estevão, * a 16 de Setembro de 1640. A Condesa D. Brizanda Bazar.

D. Jeronymo Corelha e Mendoza, IX. Conde de Concentayna, Marquez de Almera. D. Jeronyma de Avila, VI. Marquiza de las Navas.

D. Antonio Fernandes de Cordova Cardona, IV. Duque de Sonja, V. de Sella, &c., * a 6 de Jan. de 1606. A Duqueza D. Joanna de Carcona e Arago, filha do M. de Comares. D. Francisco de Roxas, III. Marquez de Pozo, &c.

A Marq. D. Francisca Henriq. filha de D. Luiz Henriq. Alm. de Castella. D. João Affonso Pimentel, VIII. Conde de Benavente. D. Catharina de Quinhones, Condesa de Luna.

Dom Rodrigo Ponce de Leão, III. Duque de Arcos. A Duq. D. Theresia de Zuniga, filha de D. Francisco, V. Duq. de Bejar. D. Affonso Fernandes de Cordova, Marquez de Priego.

D. Cathar. de Cordova, III. Marq. de Priego, filha de D. Pedro Fern. de Cordova, II. Conde de Feria. D. Fernando Henriques de Ribera, II. Duque de Alcalá, &c.

A Duqueza D. Joanna Cortez, filha do I. Marquez de los Valhes. D. Fernando Henriques de Ribera, II. Duque de Alcalá, III. Marquiza de Tania.

A Duqueza D. Joanna Cortez. D. Pedro Giraõ, I. Duque de Oñisna, V. Conde de Urenha.

A Duq. D. Leonor, filh. de D. Alfonso, VI. Duque de Medina Sidonia. D. Diogo Fernandes de Cordova, III. Marquez de Comares, &c.

D. Joanna de Cordova, IV. Duqueza de Segorbe, e Cardona, &c. D. Luiz Henriques, VII. Almir. de Castella, * a 27 de Mayo de 1596. A Duq. D. Anna de Mend. filh. de Diogo Furtad. Conde de Saldanha.

D. Affonso de Cordova, Marquez de Priego. D. Catharins Fernandes de Cordova, III. Marquiza de Priego.

D. Fernando Henriques de Ribera, II. Duque de Alcalá.

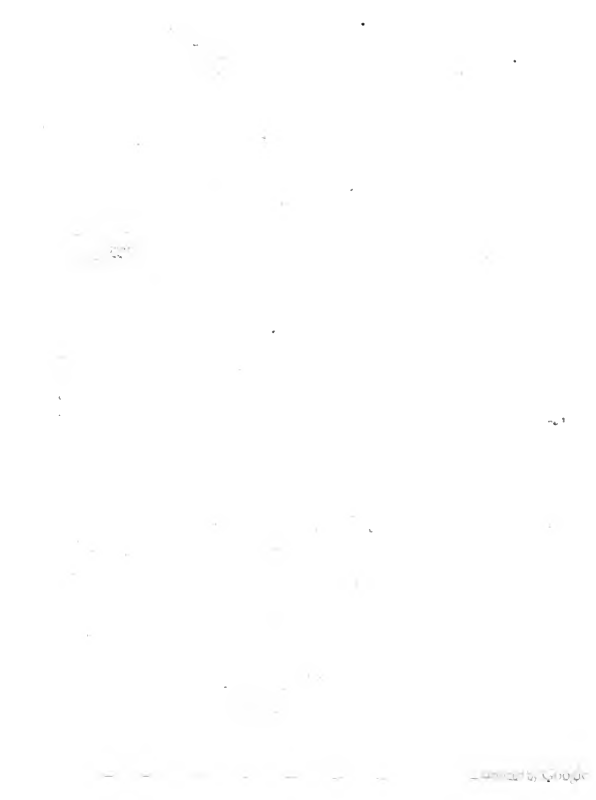
A Duqueza D. Joanna Cortez.

D. Diogo de Benavides, VI. Conde de Santo Estevão, * em 1587. A Cond. D. Leonor de Avila e Tol. filh. de D. Pedro, II. Marq. de Navas. D. Alvaro Bazar, I. Marquez de Santa Cruz.

A Marq. D. Maria Manoel de Benavides, filha de Dom Francisco de Benavides, V. Conde de S. Estevão.

D. Ximen Perez Corelha, VI. Conde de Concentayna. A Condesa D. Irires de Mendoza, filha de D. Bernardo de Mendoza.

D. Antonio de Avila, IV. Marquez de las Navas. A Marq. D. Maria Pimentel, fil. de D. Antonio, IX. Conde de Benav.



CAPITULO IX.

*De Dona Catharina Ventura de Portugal, IX.
Duquesa de Veragua, &c.*

19 **N**asceu D. Catharina Ventura de Portugal a 14 de Julho do anno de 1690, filha dos VII. Duques de Veragua, como se disse no Capitulo VII. deste Livro. Casou duas vezes, a primeira a 15 de Agosto de 1709 com D. Francisco de Toledo, Conde de Vilhada, que nasceu a 14 de Julho de 1690, e faleceu a 25 de Setembro de 1710, sem deixar successor. Era filho de D. Antonio de Toledo Osório, Commendador de Azuaga na Ordem de Santiago, e de Dona Anna Maria Pimentel de Cordova Henriques, VIII. Marqueza de Tavera, como deixamos escrito na pag. 144. do Tomo IX. Casou segunda vez a 31 de Dezembro de 1716 com Jacobo Fitz Jayme Suard, entao somente Duque de Lyria, e depois IX. Duque de Veragua, e II. de Berwick, de Lyria, Conde de Thimouth, Barão de Xarica, e mais Estados, que teve o Duque seu pay, Grande da primeira classe, Cavalleiro do Tosaõ, e da Ordem de Santo André da Russia, onde foy Embaixador, e Plenipotenciario na Corte de Petrisbug, e depois na de Vienna, Mestre de Campo

Campo General dos Exercitos del Rey Catholico, e ultimamente seu Embaixador, e Plenipotenciario na Corte de Napoles, aonde faleceo a 2 de Junho de 1738. Era filho de Jacobo Fitz Jayme, Duque de Berwick, Cavalleiro da Jarretiera, Par, e Marichal de França, Cavalleiro das Ordens del Rey (filho de Jacobo II. de Inglaterra) e de sua mulher Honoria Burk, como escrevemos na pag. 343. do Tomo I. desta Historia. Foy a Duqueza D. Catharina Ventura Dama da Rainha Dona Isabel Farnese; e tendo sobrevivido algum tempo ao Duque, morreo no anno de 1740; e desta esclarecida uniaõ nascerão os filhos seguintes:

19 D. JACOBO FRANCISCO STUARD; que nasceo a 11 de Outubro de 1717, e morreo a 16 de Julho de 1718.

19 D. JACOBO FRANCISCO STUARD PORTUGAL COLON TOLEDO AYALA E ULHOA, que nasceo a 28 de Dezembro de 1718, acompanhou ao Duque seu pay na Corte de Vienna, e depois de gyrar por outras, se recolheo à sua. He X. Duque de Veragua, de la Vega, de la Mora, III. de Bervick, e de Lyria, Marquez de Jamaica, de la Mota, de Vilhamifcar, e Saõ Leonardo, X. Conde de Gelves, de Thimouth, de Ayala, e de Vilhalonso, Baraõ de Xerica, Senhor de Coca, Alaejos, e todos os mais Estados, que possuirão os Duques seus pays, Almirante, e Adiantado mayor de Indias, Gentilhomem da Camera del Rey Catholico D. Filippe V.

V. com exercicio, Coronel do Regimento de Infantaria de Asturias. Casou com D. Maria Theresá, irmã de Dom Fernando da Sylva e Toledo, Duque de Huescar, Conde de Galve, como deixamos referido no Livro VIII. pag. 314. do Tomo IX.

19 D. PEDRO DE ALCANTARA STUARD E PORTUGAL, que nasceu a 7 de Novembro de 1720, que se creou em hum Collegio de Pariz.

19 D. CATHARINA STUARD, que nasceu a 21 de Abril de 1723, e morreu no primeiro de Julho de 1734.

19 DOM VENTURA ANTONIO FRANCISCO STUARD E PORTUGAL, nasceu a 21 de Abril de 1724, que tambem se educou no mesmo Collegio de Pariz.

19 D. MARIA DE GUADALUPE STUARD E PORTUGAL, que nasceu a 3 de Mayo de 1725.

Jacobo Fitz
Jayme Stuart, Du-
que de Ly-
ria.

A Duqueza
Honoria Ho-
urk, * a 16
de Janeiro de
1698, viú-
va do Conde
de Lucan.

Jacobo II. Rey
de Inglaterra, *
a 16 de Setembr.
de 1701.

Arabella Churchil,
irmã do
grande Daq.
de Marlborough.

Carlos I. Rey de
Inglaterra, decola-
do a 30 de Jan-
eiro de 1649.
A Rainha Henri-
queta Maria de
França, * a 10
de Setembro de
1669.

Jacobo Stuart I. Rey
de Inglaterra, &c. *
em 27 de Março de
1625.
A Rainha Joanna de
Dinamarca.

Henriq. IV. o Gran-
de, Rey de França,
* a 4 de Mayo de
1610.
A Rainha Maria de
Medicis, * a 3 de
Julho de 1642.

João Churchill.

Sira Winston H.

O Cavalleiro João
Dracke.

Leonor Boteller. H.

Ricardo IV. Conde
Clanricard em Islan-
do, e de Santo Al-
bano em Inglaterra,
Visconde de Tun-
bridge, e de Galli-
way, &c.
Francisca de Walfin-
ghan. H.

Ulick Bourek V.
Conde, e Marquez
de Clanricard, *
em 1657.

Guilherme Bou-
urek VI. Conde
de Clanricard.

Anna Compton.

Guilherme Compton
Conde de Northam-
pton, Cavalleiro do
Banho, * a 24 de
Junho de 1630.
A Condesa Isabel
Spencer. H.

Helena Maccar-
ty, segunda mu-
lher.

Donagh II. Conde
Chancarty, Gien-
ral contra Olive-
rio Cromwel em
1650.

Leonor irmã de
Jayme Butler II.
Duque de Or-
mond.

Cormac II. Barão
de Muskerry, I. Cô-
de, e Visconde de
Clincarty, * 1640.
A Condesa de Clancarty N.

Thomás Conde de
Oflory, Cavalleiro
da Jarreteira, Contra
Almirante de Ingle-
terra, * a 10 de
Agosto de 1680.
Amalia de Nassau.

Henrique Stuart, Duque de Roth-
say, depois Rey de Escocia, * a
10 de Fevereiro de 1567.
Maria, Rainha de Escocia, * a 29
de Julho de 1564.
Frederico II. Rey de Dinamarca,
* em 1588.
A Rainha Sofia de Mecklenburgo,
* em 1631.

Antonio de Borbon, Rey de Na-
varra, * a 17 de Novembro. 1562.
Joanna de Albret, Rainha de Na-
varra, * a 9 de Julho de 1572.

Francisco de Medicis, Grão Duque
de Toscana, * a 9 de Out. 1587.
A Grão Duqueza Joanna de Aus-
tria, * a 6 de Abril de 1578.

Caspar Churchill de Bradford.

Isabel Chaplet, filha de João Cha-
plet de Herrington.

Henrique Winston Cavalleiro.

N.

Francisco Dracke, famoso Capitão.

N.

João Boteller.

Isabel irmã de Jorge Williers, Du-
que de Buckingham.

Ulick III. Conde de Clanricard, fi-
lho de Ricardo, e neto de Uheey
Bourek, criado Conde de Sanricard
por Henrique VIII. * em 1544.
N.

Francisco de Walsingham, Secreta-
rio de Estado do Rainha Isabel.
N.

Henrique Compton, Barão de Nor-
thampton, * em Dezembro 1588.
Francisca filha de Francisco, Con-
de de Huoriondon.

João Spencer, Cavalleiro, e Vere-
dor da Camera de Londres.

N.

Cormac I. Barão de Muskerry, *
em 1616.

N.

N.

N.

N.

Jayme Conde de Oflory, Marquez,
e Duque de Ormond, * em 1688.

Isabel Preston, filha de Ricardo,
Conde de Desmont, * em 1686.

Luiz de Nassau, filho nat. de Ma-
ricio, Princ. de Orange, Conde de
Nassau, Sen. de Olyek, Leck, &c.
Isabel Condesa de Hornes.

CAPITULO X.

De Dom Jorge de Portugal.

14 **N**O Capitulo I. desta Parte dissemos ,
que dos Condes Dom Jorge de Portugal, e Dona Isabel Colon, fora segundo filho D. Jorge de Portugal, de quem não temos mais noticias, que de casar com Dona Genebra Boti , filha de Jacome Boti, Cavalheiro Florentino, que viveo em a Cidade de Cadiz; e de sua mulher Dona Anna Francisca Fonti, filha de Rafael Fonti, Vinte e Quatro de Xerez , Vereador de Cadiz, Cavalheiro Catalão , e de Dona Paula Bernarti; e tiverão os filhos seguintes:

15 D. JORGE DE PORTUGAL, que morreo moço sem successão.

* 15 D. DIOGO DE PORTUGAL, de quem logo se dirá.

15 D. ALVARO DE PORTUGAL, que foy Cle. rigo; e depois querendo viver em mayor perfeição, tomou a Roupeta de Santo Ignacio, entrando na Companhia.

15 D. CHRISTOVAO DE PORTUGAL, tomou o Habito da Religião de S. Jeronymo.

15 D. ISABEL DE PORTUGAL, foy Freira na Madre de Deos de Sevilha,

Tom.X.

Ooo

D.

* 15 D. DIOGO DE PORTUGAL, succedeo na Casa de seu pay: Viveo tambem em a Cidade de Sevilha.

Casou com Dona Guiomar Colon de Toledo sua prima segunda, filha do Licenciado Ortegon, e de Dona Francisca Colon de Toledo, filha de Dom Christovaõ Colon, e neta de Dom Diogo Colon, I. Duque de Veragua, e da Duqueza Dona Maria de Toledo sua mulher, bisavos de Dom Diogo de Portugal, que como descendente pertendeo succeder na Casa de Veragua; e foy hum dos oppoentes na causa, que ultimamente foy julgada a favor de Dom Nuno de Portugal, IV. Duque de Veragua, seu primo com irmão: deste matrimonio nascerão

16 D. DIOGO DE PORTUGAL, cuja descendencia não alcançamos.

16 D. FRANCISCA DE PORTUGAL.

16 D. ANNA FRANCISCA DE PORTUGAL, casou com D. Diogo de Cardenas, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Mestre de Campo General de Portugal, e General de Guipuscoa, irmão de Dom Lourenço de Cardenas, VII. Conde de la Puebla del Maestre; e tiverão

17 D. CATHARINA DE CARDENAS E PORTUGAL, que foy a primeira, e casou com D. Francisco Tutavilla, Duque de S. German em Napoles, Commendador de Penhaverde na Ordem de Santiago, Capitão General da Estremadura na guerra de
Por.

Portugal, que se achou na batalha do Canal, que os Hespanhoes perderão. Foy Vice-Rey de Valença, e Catalunha, do Conselho de Estado, e morreu apressadamente em Madrid a 30 de Janeiro de 1679, e não tiverão successão.

17 D. FRANCISCA DE CARDENAS E PORTUGAL, casou com seu parente D. Francisco Tello de Portugal, o qual casamento se annullou depois.

CAPITULO XI.

De Dom Diogo de Portugal.

14 FOY terceiro filho dos primeiros Condes de Gelves, como dissemos, D. Diogo de Portugal, que foy Vinte e Quatro de Sevilha. Casou com Dona Isabel Boti sua cunhada, filha de Jacome Boti, e de Dona Anna Francisca Fonti, e tiverão

* 15 D. DIOGO DE PORTUGAL, adiante.

* 15 D. ISABEL DE PORTUGAL, casou com Dom João Guterres de Toledo, Cavalleiro da Ordem de Santiago, Mestre de Campo do Terço de Sevilha, o qual era seu sobrinho, filho de D. Francisco Tello de Sandoval, a quem chamaraõ o *de Guelbar*, e de sua mulher Dona Lucrecia de Castro, e prima com irmãa, que tambem o era da ditto Tom.X.

Ooo ii ta

ta D. Isábel de Portugal, por ser filha de D. Luiz de Medina e Castro, e de D. Magdalena Boti, irmã de sua mãe, e tiveraõ

16 D. LUCRECIA DE CASTRO.

16 D. ISABEL DE PORTUGAL, cujo estado não chegou à nossa noticia.

16 D. FRANCISCO TELLO DE PORTUGAL, que foy herdeiro, e successor da Casa de seu pay, foy II. Marquez de Sauzeda, Titulo, e Casa, em que succedeo ao Marquez D. Diogo de Portugal, seu primo com irmão: foy Cavalleiro da Ordem de Alcantara, Mestre de Campo, e Vinte e Quatro de Sevilha.

Casou com D. Maria de Gusmaõ e Saavedra, filha de D. Joaõ de Gusmaõ, e Saavedra, I. Marquez de Moscoso, e de sua mulher D. Luiza de Neve Ramires, e tiveraõ a

17 D. ISABEL TELLO DE PORTUGAL, que foy unica, e successora na Casa de seu pay, Marquiza de Peradas.

* 15 D. DIOGO DE PORTUGAL, filho primeiro, e herdeiro de D. Diogo de Portugal, e de sua mulher D. Isábel Boti, succedeo na sua Casa; foy Cavalleiro na Ordem de Santiago.

Casou com D. Isábel de Medina e Gusmaõ, filha de D. Francisco de Medina seu primo com irmão, Senhor de Castrejon, Juliana, e el Serrado, Vinte e Quatro de Sevilha, (filho de D. Luiz de Medina e Castro, Vinte e Quatro de Sevilha, Senhor de Castrejon,

trejon, &c. e de D. Magdalena Boti, irmã de D. Isabel Boti, mãy do dito D. Diogo) e de D. Beatriz Carrilho de Gusmaõ, filha de D. Joaõ Ramires de Gusmaõ, IV. Senhor de Castanhat, e tiveraõ

16 D. DIOGO DE PORTUGAL, que foy unico, e succedeo na Casa de seu pay, foy Cavalleiro na Ordem de Alcantara; e depois de ter servido na guerra com reputaçã, e occupado varios póstos, Governador de Gibraltar, Mestre de Campo General, e Governador das Armas da Estremadura, do Conselho de Guerra, e I. Marquez de Sauzeda, Titulo, que pela sua pessoa, e serviços, lhe deu ElRey Carlos II. Morreo sem successaõ, e na sua Casa, e Titulo succedeo D. Francisco Tello de Portugal, seu primo com irmão, como atraz se disse.

GENEA

XIII

Dom Jorge de Poi
irmão de D. Fernar

XIV

D. Alvaro de Portugal II, Conde de Gelves. Casou com D. Leonor de Cor-
dova e Arcozão, filha de D. Alvaro de Cordova, Senhor de Valença, Es-D. Antonio,
da Ordem de





Adm.

HISTORIA
GENEALOGICA
DA CASA REAL
PORTUGUEZA.
LIVRO X.

CAPITULO I.

Do Senhor D. Affonso, Marquez de Valença Conde de Ourem.



ENDO sido dilatada a successão, que fez tão fecunda, e gloriosa a Serenissima Casa de Bragança, como temos visto na narração dos livros precedentes: ainda nos resta por escrever huma das suas illustres linhas, que deduz o seu principio na origem desta excelsa Casa; e he derivada sem controversia do primo-

vo em tempo, que eraõ passados quasi cem annos; que tinha sido entregue a diversas pessoas, de que algumas o guardaraõ com taõ pouco cuidado, que foraõ immensos os papeis, que se desencaminharaõ, e Reliquias insignes, que se distribuiaraõ, e passaraõ a diversos possuidores, o que com lastima referimos; porque nos Archivos saõ os papeis para utilidade publica, e nos curiosos se guardaõ com avareza, e com ella se perdem as noticias, de que agora nos lamentamos.

Foy o Senhor D. Affonso Conde de Ourem por renuncia do grande Condestavel seu avô; porque quando largou o Mundo, e passou a viver sómente para Deos, repartio os seus grandes Estados por seus netos; e he a primeira memoria, que temos sua do anno de 1422: consta da Doação do Condado, e Villa de Ourem, Porto de Moz, e seus Termos, e Padroados, com todas as terras, que tinha na Provincia da Estremadura, e em Lisboa, com o Palacio, que possuia nesta Cidade, e Judiaria, com todas as rendas, e Reguengos do Termo da dita Cidade, que comprehendem a Charneca, Sacavem com a sua barca, Camarate, Cathejal, Unhos, Friellas, a Ribeira do Sal, o Lugar, e Reguengo de Colares, as rendas, e direitos de Rio-Mayor, e do Reguengo de Alviella, Termo de Santarem, e outros, que constaõ da dita Doação, de que logo o fez meter de posse com todas as jurisdicções Civeis, e Crimes, Senhorios dos Castellos, Padroados

Prova num. 1.

Tom. X.

Ppp

das

- das Igrejas, tudo de juro, e herdade, mero, e mis-
to imperio: foy feita em Borba a 4 de Abril da Era
de 1460, que he anno de Christo de 1422, com as
mesmas clausulas acima referidas; que no caso de
naõ ter filhos, e descendentes legitimos, passaráõ
os taes bens a seu irmaõ o Senhor Dom Fernando.
Esta Doação confirmou depois ElRey D. Duarte,
estando em Santarem, a 24 de Novembro do anno
de 1433, que he o primeiro do seu reynado; e no
mesmo anno, no dia seguinte, lhe fez merce da
Agua de Alviella, e suas prayas, desde a Igreja de
S. Vicente de Casavel, com todo o seu territorio,
até onde entra no Tejo. Fez-lhe tambem merce de
lhe confirmar, que os Corregedores, Ouvidores, e
Juizes, naõ tomassem conhecimento das appella-
ções, e aggravos das suas terras, da mesma sorte,
que as gozara o Condestavel, e que os seus Almo-
xarifes pudessem conhecer dos feitos, na mesma fór-
ma, que o conheciaõ os delRey: foy feita no mes-
mo dia 25 de Novembro de 1433. O mesmo Rey,
no anno seguinte, lhe fez merce a 22 de Fevereiro,
estando em Santarem, de certa graça para elle, e
a sua familia, quando viesse a Lisboa, confirman-
dolhe todas aquellas merces, em que succedera ao
Condestavel seu avô, feitas por ElRey D. Fernan-
do, e ElRey D. Joaõ I. de gloriosa memoria, tam-
bem seu avô. No Livro VI. Capitulo III. pag. 112
do Tomo V. escrevemos a queixa, que os Condes
de Barcellos, Ourem, e Arrayolos tiveraõ sobre
ElRey

Prova num. 2.

Prova num. 3.

Prova num. 4.

ElRey D. Duarte promulgar huma Ley, que derogava o artigo das Cortes, que celebrara em Santarem, em que se determinara, que nenhuma pessoa de qualquer qualidade, e ainda de grande categoria, pudesse nas suas terras privilegiar a pessoa alguma, em que exceptuaraõ a Rainha, os Infantes irmãos delRey, e os referidos Condes, da qual depois pela dita Ley ficaraõ excluidos o Conde de Barcellos, e seus filhos, aos quaes pela representaçaõ, que lhe fizeraõ, declarou ElRey, que o tal artigo das Cortes devia ser observado com o mesmo vigor, que se promulgara, sem embargo da revogaçaõ, que elle nesta parte fizera; e assim lhe devia ser guardado, como nas Cortes se determinara: foy feita a Carta em Obidos a 12 de Setembro de 1434.

Determinou ElRey Dom Duarte mandar ao Concilio Geral, que havia congregado o Papa para a Cidade de Ferrara, huma solemne Embaixada no anno de 1435, e entre as grandes pessoas, que naquelle tempo havia no Reyno, elegeo ao Conde de Ourem com universal applauso; porque nelle concorria a grandeza da sua pessoa pelo parentesco taõ chegado, que tinha com ElRey seu Amo, e outras especiosas circumstancias, que o preferiraõ para huma missaõ, onde se haviaõ de juntar as pessoas mais conspicias, e escolhidas de toda a Christandade. Era o Conde dotado de hum sublime talento, que ornava de valor, e prudencia, como mostrara por muitas vezes nos negocios mais gra-

Tom. X.

Ppp ii

ves

Prova num. 5.

ves do Reyno, que havia tratado, e em que conseguiu reputação, e universal applauso no povo. Para esta Embaixada nomeou ElRey por companheiro ao Conde, com igual carácter, a D. Antaõ Martins de Chaves, Bispo do Porto, (e depois Cardeal) e com elles mandou homens doutos em diversas faculdades, como foraõ o Mestre Fr. Gil Lobo, da Ordem de S. Francisco, Fr. Joaõ de S. Thomé, da Ordem de Santo Agostinho, o Doutor Vasco Fernandes de Lucena, e o Doutor Diogo Affonso Mangaancha, grandes Letrados no Direito Canonico, e Civil, e outras muitas pessoas nobres. A 11 de Janeiro do referido anno sahio o Conde de Ourem de Lisboa com huma pomposa comitiva, digna de hum taõ grande Senhor, como elle era, e da representação do carácter, de que se revestia.

*Chronica del Rey Don
Duarte, cap. 4.
Ruy de Pina, Chroni-
ca do dito Rey, cap. 8.*

Governava naquelle tempo a Santa Igreja Romana o Papa Eugenio IV. que succedera ao Papa Martinho V. que tinha convocado o Concilio para a Cidade de Basilea, porém achava-se taõ afflicto, como pedia a causa; porque contra elle se tinha levantado o mesmo Concilio, com tanto desacordo, como desamparo; porque convieraõ depois em privar ao Papa do Summo Pontificado, levantando hum schisma, que foy o vigesimo oitavo, que padecce a Igreja, com grande prejuizo da Christandade. Nelle foy eleito Amadeo VIII. a quem chamaraõ o *Pacifico*, primeiro Duque de Sahoya, Estado, que no anno de 1416 fizera erigir em Ducado a Sahoya,

boya, o qual tendo filhos, abdicou de si o governo, que gozara muitos annos, e se retirou a Ripaille, huma pequena Cidade de Chabalais, e fez edificar hum magnifico Palacio, que chamou Ermo, para viver em tranquillidade Santa, e só para si, fóra dos cuidados, e dependencias dos seus Estados, e fazendo vida eremitica, passava com suavidade o tempo. Neste succedeo no Concilio de Basilea o desaccordo, com que se augmentaraõ as duvidas, de sorte, que o Arcebispo de Arles, e outros, o enredaraõ de sorte contra o Papa Eugenio IV. que levantaraõ contra elle hum Antipapa, que elegeraõ a 5 de Novembro de 1439, que foy Amadeo de Saboya, que com o nome de Felix V. foy coroado em Basilea a 24 de Junho de 1440 pelo Cardeal de Arles; porém depois da morte do Papa Eugenio, succedendolhe o Papa Nicolao V. por intervençaõ de algumas Potencias, acabou o schisma, que havia durado nove annos, com abdicar Felix de si a Dignidade em 1449; e o verdadeiro Pontifice Nicolao V. lhe enviou o Capello de Cardeal, e o fez Deaõ do Sacro Collegio, e Legado de Alemanha, que elle naõ logrou muito tempo, por morrer em Genebra a 7 de Janeiro de 1451, com reputaçãõ de vida Santa.

Cluichenon; *Histoire*
de Savoye, tom. 1. p.
484.

Seguindo pois a jornada do Conde de Ourem, de que nos apartámos para dar huma breve noticia da Igreja, chegou o Conde a Bolonha a 25 de Julho, onde estava o Papa; entrou acompanhado da sua

sua

sua luzida comitiva, que constava de cento e vinte pessoas a cavallo, todos bem vestidos. O Conde hia bem montado com hum sayo de borcado com o capello chapado, com tres Pagens, com sayos de borcado, montados em bons cavallos com excellentes jaezes. Huma legoa fóra da Cidade o vieraõ receber muitos Arcebispos, Bispos, Prelados, Senhores, e outra muita Nobreza, e acompanhando-o até à sua casa. Passados tres dias teve audiencia do Papa; foraõ com elle os Bispos do Porto, o de Viseu, que era D. Luiz do Amaral, ao qual havia mandado ElRey D. Joaõ I. por seu Embaixador ao Concilio de Basílea no anno de 1433, ultimo da vida del-Rey, agora se havia unido aos nossos Embaixadores, porém com errado conselho, não se servindo do seu exemplo, se veyo depois a oppor ao Papa Eugenio IV. legitimo Pontifice, e sendo parcial dos Schismaticos, seguiu ao Antipapa Felix V. que ainda que invalidamente o creou Cardeal em Abril de 1443, porém o Papa Eugenio o privou do Bispoado de Viseu. Não podemos affirmar o anno, mas que não foy no de 1435 se mostra por acompanhar ao Conde, a quem seguiu em quanto esteve na residencia de Basílea; e segundo o que aponta o Excellentissimo Bispo, nomeado de Elvas, o Padre Joaõ Col no seu Catalogo, nos não parece ser o que elle conjectura o de 1438, senão o seguinte, que foy da eleição do Antipapa Felix; porque antes não podia ser, porque não se tinha levantado o schisma, de que
o Bis

o Bispo de Viseu foy parcial , e por isso privado do Bispado.

Estava o Papa em Consistorio, acompanhado do Sacro Collegio dos Cardeaes, que fazia o numero de dez ; entrou o Conde com os Bispos , e os Doutores Vasco Fernandes de Lucena , e Diogo Affonso ; e pôstos de joelhos , depois de compridas todas as ceremonias, devidas ao respeito do Succesor de S. Pedro , o Doutor Vasco Fernandes disse huma eloquente Oraçaõ na lingua Latina, em que referio os motivos da Embaixada, o zelo da Religiaõ Catholica dos Reis de Portugal, e a especial reverencia, com que eraõ obedientes filhos da Igreja, por cuja exaltaçaõ, e conservaçaõ, sempre trabalharaõ: e sendo ouvido com admiraçaõ, tanto, que acabou, o Papa mesmo respondeo, significandolhe o contentamento, com que os recebia, e a grande estima, em que tinha a ElRey seu amo, e com muitas palavras, que expressavaõ o paternal amor do Vigario de Christo. Acabada a funçaõ, entraraõ os Gentis-homens do Conde, e depois delles toda a mais gente, que o acompanhava, a beijar o pé ao Papa. Foy grande a estimaçaõ, que os nossos tiveraõ naquella Universidade. O Doutor Diogo Affonso, a 13 de Setembro, defendeo publicamente Conclusões de Direito Civil, e Canonico, e em outras Sciencias, e Artes Liberaes, em que ostentou com grande sciencia, e applauso da Naçaõ, que as outras louvavaõ com admiraçaõ ; porque na verdade

dade foy Diogo Affonso hum dos grandes homens em hum, e outro Direito, que conheceo o Mundo.

Prova num. 6.

Eraõ 11 de Outubro quando o Conde sahio da Curia, em que havia conseguido universal applauso, e do Papa especiaes demonstrações de benignidade, e attençaõ com o nosso Reyno, como logo diremos: partio para Basiléa, onde estava o Concilio geral, e a 2 de Dezembro entrou naquella Cidade; o que o Conde passõu nelle, e em toda a sua jornada, se contém em hum Diario, que para satisfacão da curiosidade irá lançado nas Provas, estimavel pelo syncero estylo daquelle tempo, e pela sua individuação, o qual se conserva em hum dos livros chamados de *Muitas Cousas*, que era da Serenissima Casa de Bragança, de que fizemos memoria em outra parte, dizendo os naõ tinhamos visto, os quaes hoje se conservaõ, com outros muitos estimaveis, entre os manuscritos da escolhida Livraria do Serenissimo Infante D. Antonio, que com a sua benigna, e Real grandeza, liberalmente nos concedeo os pudeffemos ver, e copiar tudo, o que delles, e dos mais manuscritos, nos pareceffe, quando nos honrou com a permissaõ de poder frequentar aquella excellente Livraria.

ElRey D. Duarte, como obediente filho da Igreja, naõ se reveffindo dos interesses, que facilita a politica, mas sómente da Religiaõ, como naquelle tempo fizeraõ muitos Príncipes, de que se origi-

originaraõ as terriveis consequencias, que temos referido, ordenou ao Conde de Ourem, que em tudo obedecesse ao Papa Eugenio. Foraõ grandes as desordens, que passaraõ em Basiléa, que obrigaraõ ao Papa a revogar a continuação do Concilio naquella Cidade, ordenando no anno de 1437 se proseguisse na de Ferrara; e pelo inconveniente de se achar pouco salutifera aquella Cidade, no anno de 1439 nomeou a de Florença; e ultimamente veyo acabar a Roma no anno de 1442.

Naõ afflitio o Conde de Ourem todo o tempo, que durou o Concilio; porque tendo satisfeito com o primeiro motivo da sua Embaixada, e dado conta ao Papa Eugenio da sua commissão, e do grande zelo, com que ElRey se interessava no serviço da Igreja, e tendo mostrado o Conde o seu sublime talento nos negocios, que tratou, em que brilhava a prudencia, de que revestia a sua grande pessoa, que ainda se fazia mais grata com a companhia de tantos homens doutos, que o seguiaõ, que fizeraõ huma distincta honra ao nosso Reyno; de sorte, que os Gregos, e mais Nações, olhavaõ para o Conde com hum muy obsequioso respeito. Havia tratado com o Papa todos os negocios da sua Embaixada, de que os principaes foraõ interessar ao Santo Padre em huma mediação, para concordar as differenças, que havia entre os Reis de França, e de Inglaterra; a dispensa dos Cavalleiros das Ordens Militares de Christo, e Aviz para poderem casar,

Tom. X.

Qq

o que

o que o Conde conseguiu, ainda que por estaõ não teve effeito, o por se em pratica esta graça. Outra lhe concedeo o mesmo Papa, que pudessẽ ungi-se os Reis de Portugal, na mesma fórma, que fora concedido a outros Reis, de que nunca os nossos usaraõ; e ultimamente lhe concedeo a Bulla da Cruzada em beneficio das Praças, e guerra de Africa; a qual graça mandou logo o Papa por D. Gomes Ferreira, Portuquez, Conego Regrante de Santa Cruz de Coimbra, a quem o mesmo Papa havia feito Abbade de Santa Maria de Florença, da Ordem Camaldulense, para compor, e reformar algumas dissensoens daquelles Monges, e agora mandou por seu Legado a Portugal a ElRey D. Duarte com a concessaõ da Bulla da Cruzada. Estava ElRey em Elstremoz, onde o recebeo com a satisfação, que pedia a concessaõ de hum taõ especial thesouro de graças, e indulgencias; e vagando o Priorado mór de Santa Cruz, fez, que nelle fosse eleito a 17 de Abril de 1437, com que remunerou a sua Legacia.

Chronica del Rey Dom Duarte, cap. 7. pag. 20.

Chronica dos Conegos Regrantes, liv. 9. cap. 26. pag. 256.

Tendo o Conde de Ourem dado fim aos negocios da sua instrucçaõ, pelo que respeitava ao Concilio, e Santo Padre, se ausentou, não sem sentimento do Papa, e Sacro Collegio, que desejavaõ muito, que o Conde se demorasse; porque com o seu respeito, e dos homens doutos, que o acompanhavaõ, se serviaõ com utilidade a Igreja. Tinha o Conde novas ordens de passar com o mesmo caracter à Alemanha ao Emperador Segismundo, e os prin-

principaes pontos da sua Embaixada eraõ, que o Emperador com ElRey D. Duarte fõssem medianeiros para comporem aos Reys de França, e Inglaterra, que com viva guerra consumiaõ as suas forças, e cabedades; porém naõ teve effeito este negocio com a morte do Emperador Segismundo, que aconteceu no anno de 1437; e succedendolhe no Imperio o Emperador Alberto, foy taõ contrastada a sua posse, que mayores cuidados do socego proprio, que do alheyo, naõ davaõ lugar a mais, que a desejar a paz em os seus Estados. O outro negociado consistio em concordar aos Prelados, e Principes, que tinhaõ abandonado o verdadeiro Pontifice, seguindo ao Antipapa Felix: porém estes negocios involveraõ taes demoras, que o Embaixador, com ordem da Corte, se despedio; e apartado da sua grande comitiva, com o desejo de adorar os Lugares da nossa Redempção, passou a Jerusalem; e depois de ter visitado os Santos Lugares, e feito gyro por diversas Cortes, se recolheu ao Reyno, e ao que parece, reynando já ElRey D. Affonso V. porque ElRey D. Duarte morreo no de 1438. Era Regente do Reyno o Infante Dom Pedro, com quem ao principio teve boa correspondencia, como se vê daquella occasião, em que seu pay, seguindo o partido da Rainha vluva D. Leonor, pertendeo impedir ao Regente o passar o Douro, e elle prudentemente o persuadio ao contrario; e vendo o Infante o pouco fructo daquelle negocio, o quiz fazer

Tom. X.

Qqq ii já

já violentamente à força de armas; o que vendo o Conde de Ourem, como prudente, com palavras de sumiſſão, como devidas ao Regente, alcançou delle licença para ir fallar a ſeu pay, de quem conſeguiu buscar ao Infante, evitando por eſte meyo huma deſgraça. Havia ſeguido o partido da dita Rainha D. Affonſo Senhor de Caſcaes, perſuadido de ſua mulher D. Maria de Vaſconcellos, e ſeu filho D. Fernando de Vaſconcellos; de forte, que deixando o Reyno, ſe paſſaraõ ao de Caſtella: pelo que foraõ conſcificados os bens de D. Affonſo, e de ſua mulher para a Coroa; e ElRey D. Affonſo fez delles merce ao Conde de Ourem; foy feita em Redargaens a 29 de Março de 1441. Succedeo depois no anno de 1443 vagar por morte do Senhor Dom Diogo, Meſtre de Santiago, filho do Infante D. Joaõ, o grande poſto de Condeſtavel de Portugal; pertendeo o Conde de Ourem eſta Dignidade, como por ſucceſſão de ſeu avô o Condeſtavel Dom Nuno, e fallando com o Regente ſobre eſta materia, lhe respondeo, que ElRey fizera della merce a D. Pedro ſeu filho; e ao meſmo tempo lhe trouxe à memoria as merces, que já lhe tinha feito; mas ſe por ventura elle tinha alguma cedula da ſucceſſão daquelle poſto, elle lha faria comprir. Deſde entaõ ficou taõ deſavindo o Conde com o Infante D. Pedro, que foy elle grande parte das deſgraças, que depois ſuccederaõ.

Era grande a privança, que o Conde de Ourem

*Chronica del Rey Dom
Affonſo V. cap. 9. pag.
17.
Torre do Tombo, liv.
2. dos Affys, pag. 152.
ver.*

rem teve com ElRey D. Duarte; porém não foy menor, a que conseguio com ElRey D. Affonso V. que fez delle grande estimação, e confiança. Quando no anno de 1451 a Infanta Dona Leonor, Emperatriz de Alemanha, havia de ser conduzida a Italia, para ser entregue ao Emperador Federico III. seu esposo, pertendeo o Infante D. Fernando, seu irmão, se lhe encarregasse esta conducção, o que ElRey Dom Affonso não permittio, por se achar o Infante sem filho varão: pelo que escolheu ao Conde de Ourem, em quem concorria ser então pela sua Casa, que representava a mayor pessoa do Reyno depois da familia delRey, com quem se achava em grao tão propinquo de parentesco, ajuntando a esta tão distincta prerogativa do sangue, as com que se ornava de valor, prudencia, e authoridade. Neste mesmo anno o creou ElRey Marquez de Valença, fazendolhe Doação desta Villa com todos os seus Termos: foy feita a Carta em Lisboa a 11 de Outubro do anno de 1451; e foy o primeiro Marquez, que houve neste Reyno. No Capitulo IX. do Livro III. pag. 553 deixamos referido o modo, com que a Emperatriz sahio de Lisboa, a quem o Marquez de Valença conduzio, com huma luzida comitiva, acompanhado de Fidalgos, e de muita gente nobre, brilhando entre as galas, a grandeza do Conductor.

Voltou o Marquez ao Reyno, e nas Cortes, que ElRey D. Affonso celebrou em Lisboa no an-

Chronica delRey Dom Affonso V. cap. 24.

Torre do Tombo, liv. 3. dos Alzibis p. 176.

no

Goes, Chron. do Prin-
cipe Dom João, cap. 3.
p. 5.

no de 1455, foy hum dos Senhores, que nellas se acharaõ presentes, em que foy jurado Principe herdeiro do Reyno seu filho D. João, tendo neste acto o Marquez a espada do Principe, que era nascido de poucos dias, como refere o Chronista Damiaõ de Goes. Depois no anno de 1457, quando o Papa Callixto III. concedeo a Cruzada ao mesmo Rey, que com animo guerreiro fez todas as prevenções necessarias para formar hum Exercito, com que determinava passar em huma Armada à Africa: a que se aprestou na Cidade do Porto, foy encarregada ao cuidado, e diligencia do Marquez, que sempre foy empregado no serviço del Rey, até que faleceo na Villa de Thomar a 29 de Agosto do anno de 1460. Naõ casou; o Duque seu pay tinha concertado o seu casamento com a Senhora D. Filippa, filha do Infante D. João, e da Infanta Dona Isabel sua irmã, a qual por morte do Marquez naõ quiz admittir semelhante pratica, permanecendo no estado de donzella, como dissemos no Capitulo V. do Livro III. pag. 158 do Tomo III. desta Historia. Fr. Jeronymo Roman refere, que no tempo, em que o Marquez se achava doente, e desconfiado dos Medicos, naõ faltara quem o advertisse, que recebesse a D. Brites de Sousa, de quem tinha hum filho, o que o Marquez estranhara, dizendo: *Naõ sou homem de esfera, que me case desta maneira.* Algumas memorias affirmão, que o Marquez a recebera occultamente; porém Ruy de Pina, e Da-

Damiaõ de Goes, a quem seguio Fr. Jeronymo Roman, affirmão o contrario, sem embargo da instancia, com que ElRey Dom João II. obrigou a seu filho, que fosse Clerigo; que publicava, que o Marquez seu pay fora casado com D. Brites de Sousa, que era filha de Martim Affonso de Sousa, Fronteiro môr, e de sua mulher D. Violante de Tavora, filha de Pedro Lourenço de Tavora, Senhor de Mogadouro, de quem teve a

12 D. AFFONSO, Bispo de Evora, como se verá no Capitulo II.

Foy o Marquez de Valença ornado de excellentes virtudes; porque em hum genio vivo, brillou hum talento admiravel, cheyo de prudentes maximas; de forte, que foy estimado não só dos proprios Soberanos, mas de muitos outros Principes da Europa, com quem tratou nas occasioens, que sahio do Reyno, como se vio no Concilio de Basilea, em que a prudencia, e Religião do Marquez, conseguio applauso, a que ajuntou generosidade, e magnificencia, na conducção da Emperatriz. Fundou a Igreja Collegiada de Ourem, onde foy enterrado em huma Capella, donde depois foy trasladado, com grande solemnidade, a 8 de Junho de 1487 para huma sepultura, que lhe mandou lavar o Duque de Bragança D. Fernando II. do nome, e por lhe faltar a vida, a mandou acabar El-Rey D. João II. O Bispo de Evora Dom Affonso veyo assistir a este acto, e o acompanharão Louren-

Goes, *Chron. do Principe D. João*, cap. 17, pag. 69.
Ruy de Pina, *Chronica del Rey D. Affonso V.*, cap. 12, pag. 110.
Roman, *Historia da Casa de Bragança*, cap. 25, part. 3.

ço Rodrigues, Chantre da Sé de Evora, Thefou-
reiro, e Conego da de Coimbra, Joaõ Bannes, Li-
cenciado em Canones Capellaõ delRey, Esteuaõ
Nogueira tambem Capellaõ delRey. Fez o Of-
cio, e cantou a Missa Joaõ de Deos, Bacharel em
Canones Prior da Collegiada, assistido das Digni-
dades, e Conegos della, e de outros Sacerdotes au-
thorizados, Priores de outras Igrejas; pegaraõ no
Ataude duas Dignidades, e quatro Fidalgos, e
acompanhado de vinte e quatro Gentis-homens,
com tochas accesas, o collocaraõ em o Tumulo,
que está na Capella môr, em que se lê o seguinte
Epitafio:

*Aqui jaz o Illustrê Principe Dom Af-
fonso, Marquez de Valença, Conde de
Ourém, Primogenito de Dom Affonso,
Duque de Bragança, e Conde de Bar-
cellos, e neto delRey Dom Joaõ de glo-
riosa memoria, e do virtuoso, e de gran-
des virtudes Dom Nuno Alvares Pe-
reira, Condestabre de Portugal. Fale-
ceo em vida de seu Padre, antes de lhe
dar a ditta berança, de que era her-
deiro, o qual foy Fundador desta Igre-
ja, em que jaz, cuja fama, e feitos
oje*

D. Agostinho Manoel,
Vida del Rey D. João
 II, pag. 100.

Rey D. João II. restituíffe a Casa de Bragança ao Duque D. Jayme. Passado muy pouco tempo deste negoçado, obrigou ElRey a D. Affonso, a quem era pouco affecção, a que seguisse a vida Ecclesiastica, que elle abraçou com resolução; e ordenado de Sacerdote, sendo muy moço, o nomeou no Bispa-do de Evora, livre de pensão alguma, no anno de 1485, e foy hum dos insignes Prelados, que occuparaõ a cadeira desta antiga Igreja.

Era o Bispo D. Affonso ornado de excellentes virtudes, que elle soube exercitar com admiração; porque sobre a esféra da grandeza, que lhe déra o nascimento, a natureza o dotou de hum sublimo talento, que elle com as sciencias adiançou, conseguindo o nome de Sabio entre os do seu tempo, escrevendo os livros *De Indulgentiis*, e *de Numismate*, que dedicou ao mesmo Rey.

Refende, *Chronica do*
dito Rey, cap. 20, pag.
 74.

No anno de 1490 foy hum dos Grandes do Reyno, que acompanharaõ a Princeza D. Isabel, filha dos Reys Catholicos, mulher do Principe D. Affonso, quando entrou neste Reyno por Elvas, onde tratou ao Bispo com especies honras, por ser parente seu taõ chegado. Depois no anno de 1500, quando foy entregue na Raya a Rainha D. Maria, segunda mulher delRey D. Manoel, entre os Senhores, que foraõ esperar a Rainha, foy D. Affonso, e a acompanhou até a Villa de Alcaccer, onde ElRey a esperava. Naquelle dia, que se contavaõ 30 de Outubro do referido anno, os recebeu o Bis-

Chronica del Rey Dom
Manoel, I. part. cap.
 46.

Dita *Chronica*, cap. 83.

o Bispo D. Affonso, na fórma do Ceremonial Romano. No anno de 1521 se achou tambem entre os Prelados, e Senhores, que assistirão à morte do mesmo Rey em Lisboa.

Foy Prelado de grande authoridade, pio, e zeloso do Culto Divino, que promovia com grande cuidado da sua Igreja, que ornou com excellentes, e riquissimos ornamentos; compassivo, e liberal com os pobres; Protector, e asylo dos benemeritos; terror dos mal procedidos; e favorecedor dos estudiosos, e applicados. Do seu generoso animo deixou na sua Igreja, em magnificas obras, hum eterno padrao da sua grandeza, como testemunhaõ ainda hoje os Escudos das suas Armas, que se vem em diversas partes, dignas da grandeza de hum tao grande Senhor, como elle foy: a morte lhe naõ deixou acabar a obra do sumptuoso Collegio, que tinha principiado, e dotado de grossa renda. No seu tempo logrou a sua Diocesi hum singular Pastor, experimentando igualmente o Clero, que os Regulares, na sua benigna condiçaõ Pay, e Protector; assim no seu felicissimo governo se augmentaraõ as Familias Religiosas, fundando-se em Evora quatro Conventos de Religiosos, para o que elle concorreo com animo devoto. O dos Conegos de S. Joaõ Evangelista em o anno de 1485; o de Santa Catharina em 1490; o do Paraíso em 1499, ambos de Religiosas do Patriarca S. Domingos; e o das Religiosas Maltezas em Estremoz no de 1517, ou 1518; e

Tom. X.

Rrr ii

fe

*Affonso de Torres ;
Discurso Genealog. da
Casa de Bragança, pag.
41.*

Fonseca, Evora Gloriosa, pag. 153.

se reedificou quasi todo o de Nossa Senhora da Graça. Finalmente, tendo apascentado o seu rebanho com amor, como mostrou nas muitas visitas, que fez à sua larga Diocese, em que deixava do seu zelo em todas as partes utilissimas ordens, para promover, e conservar o Culto Divino, reformando abusos, conservou na disciplina Ecclesiastica a Religião, e respeito do estado Clerical; e deixando das suas virtudes saudosa memoria, cheyo de annos, e merecimentos, faleceo a 24 de Abril de 1522; e sendo sepultado com magestosa pompa, por ordem de D. Francisco de Portugal I. Conde de Vimioso, na Capella môr de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Evora, nella jaz em huma magnifica sepultura metida na parede, ornada de finissimos marmores, e tem o seguinte Epitaphio:

Aqui jaz o Reverendissimo, e muito Illustrissimo Senhor Dom Affonso de Portugal, filbo do Marquez de Valença, Bisneto delRey Dom João o primeiro, de boa memoria, e berdeiro da Casa de Bragança: foy Bispo desta Cidade; porque além da sua devoção, quiz ElRey Dom João o II. que fosse Clerigo. Faleceo a 24 dias de Abril de 1522.

Teve

Teve o Bispo D. Affonso trato com Filippa de Macedo no tempo, em que ainda era secular; era filha de Joaõ Gonçalves de Macedo, da familia de seu appellido, nobre, e antigo, de quem descendem Fidalgos honrados, em que se conserva a sua Casa, e de Liabel Gomes Rebello, sua segunda mulher, filha de Joaõ Gomes Rebello, Senhor do Conselho de Caria. Era Joaõ Gonçalves de Macedo Senhor das Villas de Melgaço, Sanheris, Outeiro, e Aldea de Pindello, Camereiro delRey D. Joaõ I. que lhe fez merce de tres mil libras de renda na Mouraria, e Portagem de Evora, por equivalente das dizimas, e Portagem de Bragança, em que succedera a seu pay Martim Gonçalves de Macedo, e lhas cedeo em 27 de Julho de 1423. Desta Filippa de Macedo disseraõ alguns, que fora casada clandestinamente com D. Affonso, e hum Author, naõ muy exacto nas suas Obras, fallando do Bispo D. Affonso, diz: *Sendo secular, parece, que casado com a Senhora D. Filippa de Macedo*, o que he inverosimil pelo tempo, sem fundamento; porque se Filippa de Macedo fora casada com D. Affonso, naõ passara às segundas vodas, sendo vivo seu primeiro marido, ainda que Bispo, e se conservara, ainda que separada, educando huns filhos de taõ alta esfêra, como os que tivera de Dom Affonso de Portugal, que o Bispo legitimou por ElRey D. Manoel, declarando, que foraõ havidos em mulher solteira, ao tempo, que elle naõ era Ecclesiastico, como adiante:

Purificação, Chronica
des Eremitas, tom. 2.
liv. 7.

ante:

ante se dirá. He materia sem controversia, que depois de ter estes filhos, casou Filippa de Macedo com Ruy Drago, homem principal, e honrado, que alguns se persuadirão era Castelhana, e que viera a este Reyno com Pedro de Mendanha, a servir a ElRey D. Affonso V. porém a Historia daquelle tempo não faz menção d'elle, e já no nosso Reyno havia este appellido. O insigne Joseph de Faria, Secretario de Estado, tem por verosimil, que era Portuguez, e parente de João Pires Drago, Criado do Infante D. Pedro, (filho delRey Dom João I.) e tão seu confidente, que d'elle fiara o recado, que mandou ao Infante D. Henrique, seu irmão, a participarlhe as queixas, que tinha delRey D. Affonso V. pedindolhe o soccorresse, de que se tira ser pessoa de grande confiança. Deste matrimonio teve Filippa de Macedo hum filho, que tomou o appellido de Portugal, e se chamou Ruy Drago Portugal, que foy Commendador na Ordem de Christo. Do Bispo D. Affonso teve os filhos seguintes:

13 D. FRANCISCO DE PORTUGAL, I. Conde de Vimioso, que occupará o Capitulo III.

13 D. MARTINHO DE PORTUGAL, Arcebispo do Funchal, de quem tratarey no Capit. XIII.

13 D. BRITES DE PORTUGAL, que sendo moça, não elegeo estado; e tendo hum grande dote, que constava de cincoenta mil cruzados, que seu pay lhe dera para seu casamento; e dos seus bens

bens instituiu hum Morgado, que nomeou em D. Affonso de Portugal, II. Conde de Vimioso, seu sobrinho. Este Morgado confirmou ElRey Dom João III. em Evora a 26 de Junho do anno de 1530.

CAPITULO III.

*De Dom Francisco de Portugal I. Conde
de Vimioso.*

13 **S**obre o esclarecido fundamento, que temos visto nos Capitulos precedentes, tem a sua origem a grande Casa de Vimioso, a que deu principio D. Francisco de Portugal; appellido, de que usou como descendente dos Reys deste Reyno, honra permittida só aos que por varonia gozaõ do sangue Real, como advertio com a sua costumada reflexaõ, e prudencia, o insigne Affonso de Torres nos *Discursos Genealogicos da Casa de Bragança*, de que tantas vezes temos nesta Obra feito mençaõ. Seu pay o habilitou para seu herdeiro, pedindo a ElRey D. Manoel lho legitimasse, o que ElRey fez em fôrma especiosa, declarando por asseveraçaõ de seu pay, que o houve sendo secular: foy a Carta passada em Lisboa a 15 de Fevereiro de 1505, a qual ElRey D. João III. estando em Evora, confirmou de motu proprio, declarando, que D. Francisco, (já entaõ Conde) seu primo, devia succeder.

Prova num. 7.
Prova num. 8.

succeder em todos os bens da Coroa, que tinha, e que dalli em diante tivesse, com clausulas de muita estimação: foy feita em Evora a 19 de Mayo de 1534.

*Cities, Chronica del Rey
Don Manoel, part. 1.
cap. 26.*

Foy D. Francisco de Portugal creado com as estimações do parentesco da Casa Real Portugueza: assim no anno de 1498, em que ElRey D. Manoel passou a Castella a ser jurado Principe herdeiro daquella Monarchia, entre os Senhores, que o acompanharaõ, foy D. Francisco de Portugal. Era naquelle tempo a guerra de Africa o theatro, em que o valor dos Portuguezes brilhava; e querendo D. Francisco naõ deixar de seu nome ociosa memoria, determinou servir naquella guerra, a que o levava igualmente a inclinação, do que o exemplo daquelles Heroes, de que tinha o sangue, e Dom Francisco pertendeo imitar com admiravel constancia. Passou no anno de 1509 à Africa; entrou em Arzilla, sendo hum dos primeiros depois de Nuno Fernandes de Ataide, que assistio naquella Praça, e hum dos mais celebres Fronteiros, que ella teve. Servia D. Francisco, naõ só com a sua pessoa, mas com oitenta Infantes, e mais de cincoenta Cavallos à sua custa, sendo Governador o Conde de Borba D. Vasco Coutinho; e com esta gente servio todo o tempo, que assistio nesta Praça, e durou o sitio, que lhe poz ElRey de Fés, achando-se nas occasiões de mayor perigo, que naquelle tempo aconteceraõ, em que sempre acompanhou ao Governador

dor Conde de Borba. Desejava Dom Francisco de Portugal, antes de se recolher ao Reyno, deixar em alguma acção, propria do seu valor, especial memoria. Alcançou licença do Conde de Borba para com a sua gente fazer huma entrada. Reconhecia o Conde Governador na pessoa de D. Francisco valor, e prudencia, para fiar delle qualquer empreza; assim com satisfação propria concedeo licença a D. Francisco, que ajuntou aos seus alguns Cavalleiros, igualmente valerosos, que praticos do terreno; e dando sobre o lugar de Benagarsate, o destruiu. Os Mouros lhe disputaraõ a acção, porque eraõ muitos; mas finalmente cedendo ao valor a multidão, os nossos os venceraõ matando muitos, voltaraõ para a Praça gloriosos, trazendo dezaseis cativos; esta acção seria mais applaudida senaõ contrapuzera o gosto o dissabor, de que dando os inimigos huma pedrada taõ forte no capacete a Dom Francisco, perdeo os sentidos, pondo-o em risco de perder tambem a vida, se o naõ salvara nos seus braços D. Alvaro de Abranches, igualmente valeroso, que fino na amizade, o recolheo aos hombros à Praça, donde o General o congratulou depois da vitoria, e do estrago, que fizera em diversas povoações dos Mouros. E tendo passado hum anno, que assistia em Arzilla, se restituio ao Reyno com a sua gente, deixando na Praça glorioso nome. Já neste tempo, parece, era D. Francisco casado com D. Brites de Vilhena, filha de Ruy Teles.

Tom. X. Sss de

*Chronica do dito Rey,
cap. 8. e 9.*

de Menezes, Senhor de Unhaõ, Cepaes, Gestaço, Meinedo, e da Ribeira de Joas, Commendador de Chuípe, Mordomo mór das Rainhas D. Maria, e D. Leonor, e de sua mulher D. Guiomar de Noronha, filha de Dom Pedro de Noronha, Mordomo mór delRey D. Joaõ II.

Segunda vez tornou D. Francisco de Portugal à Africa no anno de 1513, quando o Duque de Bragança D. Jayme passou a conquistar a Cidade de Azamor. Conseguida felizmente esta empreza, como deixamos referido, e sobrevindo ao Duque a causa, que o precisou voltar ao Reyno, com mais brevidade, do que tinha determinado, deixou o governo daquella Cidade a D. Francisco, a quem entregou juntamente toda a grande casa, e familia, que deixava em Azamor. Lograva já neste tempo D. Francisco a prerogativa de ser do Conselho delRey, como se vê de hum Alvará, porque ElRey lhe concede o não entrar Corregedor nas suas terras de Loufada, Penella, Vilhachãa, e Larim, que havia comprado ao Duque de Bragança; o que ElRey approvou, dandolhe tambem a isenção, que o Duque tinha, para nellas não entrar Corregedor: foy passado em Almeirim a 13 de Janeiro de 1515.

Eraõ já neste tempo notorios os merecimentos, e relevantes serviços, que Dom Francisco de Portugal tinha feito à Patria, que juntos à sua grande pessoa, e à prerogativa do parentesco, que tinha com ElRey Dom Manoel, o creou Conde.

Achava-

Prova num. 9.

Achava-se Dom Francisco viuvo, e sem successão masculina; porque de sua mulher D. Brites de Vilhena não ficara mais, que huma unica filha; assim era preciso passar a segundas vodas: pelo que El-Rey tratou de o casar, creando-o para este fim Conde, dando por motivos desta merce o grande parentesco, que tinha com D. Affonso, Bispo de Evora, seu primo, e os finalados serviços de Dom Francisco, e tambem pelo motivo do seu casamento, dizendo: *Havendo tambem respeito o elle casar com Dona Joanna de Vilhena, filha de Dom Alvaro, meu primo, que Deos perdoe, e a ella ser tanto chegado o nosso sangue, por onde he rezaõ, que tenhamos muito cuidado della, e de sua honra, e encaminhamento, e pela muito boa vontade, que lhe temos, e assy a elle Dom Francisco por todas estas rezoens, e pelo que esperamos, que elle ao diante nos sirva, e por folgarmos de lhe fazer merce, por esta prezente Carta lhe damos titulo de Conde de Vimioso, e o fazemos Conde della, &c.* Foy feita a Carta em Almeirim a 2 de Fevereiro de 1516. Havia esta Senhora; no tempo, que seus pays assistiraõ na Corte dos Reys Catholicos, sido Dama da Rainha D. Isabel, que lhe fez merce de tres contos de maravediz para o seu casamento, de que se lhe passou Cedula em Segovia a 27 de Novembro de 1503. Não pudemos descobrir o contrato deste casamento, que se effeitou com grande satisfação de huma, e outra parte, do qual se seguiu larga, e illustrissima poste-

Prova num. 10.

Prova num. 11.

Tom. X.

Sss ii

rida-

ridade. Neste mesmo anno entrou o Conde de Vimioso a servir o officio de Vêdor da Fazenda, que occupava D. Martinho de Castellobranco, I. Conde de Villa-Nova, lugar, que cedeo a favor do Conde de Vimioso, por certa convenção, que entre si fizerao, que ElRey approvou, de que se lhe passou Carta em Lisboa a 28 de Junho de 1516.

Prova num. 12.

Determinou ElRey D. Manoel passar a terceiras vodas no anno de 1518, e quando participou à Corte, que estava desposado com a Rainha D. Leonor, foy o Conde hum dos Grandes, que entao beijarao a maõ a ElRey. Depois lhe fez merce da Commenda, e Alcaidaria mór do Castello de Thomar na Ordem de Christo: foy a Carta passada em Evora a 22 de Novembro de 1520, e nella diz: *Esguardando nós os muitos servizos, que a nós, e à dita Ordem tem feito D. Francisco, Conde de Vimiozo, meu muito amado sobrinho, Cavalleiro da dita Ordem, &c.* Governando já ElRey D. Joao III. fez Villa o Lugar das Pias, Termo de Thomar, e lhe fez tambem merce da Alcaidaria mór da dita Villa das Pias, como se vê em huma Postilla, que o declara, feita a 21 de Janeiro de 1539. No anno de 1521 se achou a morte do mesmo Rey, que ellimou tanto ao Conde, como merecia o zelo, e amor, com que o servio, que ElRey reconheceo tanto, que no seu Testamento encomenda ao Principe D. Joao, que em quanto viver o Conde, se sirva delle no lugar de Vêdor da Fazenda, juntamente

Prova num. 13.

mente com o Barão de Alvito : são as palavras tão expressivas , e de tanta honra , que as transcreveremos , e diz assim : *Item por aver assun por bem do Principe , meu filho , e mais proveito de sua fazenda , e bom despacho pera as partes , e assi por ser tempo de meus negocio eucomendo , e mando , que somente sirvaõ de Vedores da Fazenda o Conde de Vimiozo , e o Barão , e outros nenhuns não , isto em quanto o Principe não tiver o governo , porque depois que o tiver , dehy por diante servirã o seu Vedor da Fazenda com estes dous aqui nomeados , os quaes encomendo muito ao Principe , meu filho , que se queira delles uisso servir , por serem pessoas , que o bem am de fazer , e com o seu descanço , e toda feldade.* Depois no mesmo Testamento nomea para a Regencia do Reyno , na memoridade do Principe , ao Arcebispo de Braga Dom Diogo de Sousa , o Bispo de Viseu D. Diogo Ortiz , o Conde de Tarouca , seu Mordomo môr , o Conde de Villa-Nova Dom Martinho de Castello-branco , Camereiro môr do Principe , e juntamente o Conde , e ao Barão , dizendo : *E porque as cousas da Fazenda louvores a Nosso Senhor são tão grandes , e tão tocantes , e misturadas , com o governo de nossos Reynos , e isto mesmo pelo Conde de Vimiozo , e o Barão de Alvito , serem nossos Vedores della , e taes pessoas , que na dita governança poderam , e suberam bem servir , como a serviso do Principe , e bem destes Reinos compre , avemos por bem , que elles ambos entrem na dita governança com os quatro acima nomeados ,*

Provas da Histor. Genealogica da Casa Real, Tom. II, pag. 339, e 341.

des, e todos sejs governarão, e determinarão as cousas do governo, &c.

- Succedeo no Throno ElRey D. João III. que igualmente estimou ao Conde, servindo-se delle todo o tempo, que lhe durou a vida; porque o prestimo, inteireza, e zelo do Conde, se fazia necessario para os mayores negocios da Monarchia; a actividade era grande, e o talento sublime, de sorte, que o seu voto era admiravel nos negocios mais importantes. ElRey o fez do seu Conselho, e Veador da sua Fazenda, respeitando as veneraveis cans do Conde, tanto pela sua pessoa, como pelos seus grandes merecimentos; assim que o mesmo Rey lhe concedeo hum Privilegio muy singular neste Reyno, de que pudesse cobrar as dividas da sua Casa com a mesma execucao, que se cobravaõ as dividas Reaes, de que se lhe passou Carta, feita em Lisboa a 10 de Agosto de 1532. Fez-lhe tambem
- Prova num. 14. merce da Villa de Aguiar da Beira; e porque algumas Villas tinhaõ privilegio de serem realengas, e o era a de Aguiar, o que ElRey para a dar ao Conde revogou, quando lhe fez merce della: foy a Carta passada em Evora a 26 de Fevereiro de 1534; ao que os moradores se oppuzeraõ, embargandolhe a posse com diversos requerimentos: pelo que ElRey, por hum Alvará, mandou ao Doutor Gaspar Dias, seu Desembargador, metesse de posse ao Conde; foy passado em Lisboa a 20 de Mayo de 1539.
- Prova num. 15.
- Prova num. 16.

Era

Era grande a authoridade do Conde de Vimioso : assim era attendida a sua pessoa ; porque todas as suas acções regulava pela equidade da razaõ ; e para prova da sua inteireza referirey a contenda, que naquelle tempo se ventilou entre elle, e o Conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos. Era a questaõ sobre qual havia de preceder hum ao outro : eraõ grandes os contendores, descendentes ambos da Casa Real ; porque o Conde de Penella allegava ser descendente por varonia delRey D. Pedro I. de quem era quarto neto, e o Conde de Vimioso, que era tambem por varonia terceiro neto delRey D. Joaõ I. pelo que se achava dentro no quarto grao de consanguinidade, conforme o Direito Canonico, com ElRey Dom Joaõ III. : de mais, que era bisneto do Duque de Bragança o Senhor D. Affonso, avô da Infanta D. Brites, avô do mesmo Rey ; assim pelas repetições do parentesco, e grao, era mais propinquo parente da Casa Real Reynante. Passou este negocio a litigio, em que cada huma das partes expoz a razaõ da sua pertençaõ com os fundamentos, que temos referido ; e tendo corrido a causa perante ElRey, foy sentenciada na sua presença, com assistencia do Infante D. Luiz, e do Infante D. Henrique, seus irmãos, e com os Ministros de letras, que foraõ o Licenciado Christovaõ Esteves, Desembargador do Paço, e Petições, e os Doutores Pedro Nunes, e Antonio de Leaõ, Desembargadores dos Aggravos, o Licencia-

cenciado Alvaro Martins, Juiz dos Feitos da Coroa, e o Doutor Mem de Sá, do seu Desembargo, e se proferio a sentença seguinte.

„Acorda ElRey, noſſo Senhor, com o Infan-
„te Dom Luiz, e Infante Dom Anrique, ſeus ir-
„mãos, e com os do ſeu Desembargo abaixo aſſi-
„nados, que viſtas as razoens, que o Conde do Vi-
„mioſo deu pera haver de preceder ò Conde de Pe-
„nella, e como o Conde de Penella não quiz a el-
„las reſponder, ſendo para iſſo requerido por man-
„dado do dito Senhor, e como conſta, e he noto-
„rio, o Conde do Vimiozo deſcender delRey D.
„Joaõ I. deſte nome, e ſer ſeu Trefnetto, por
„onde he no quarto grao com o dito Senhor; e
„bem aſſy o dito Conde de Vimiozo ſer Biſneto do
„Duque Dom Aſſonſo, que foy Avô da Infanta
„Dona Beatriz, Avô de Sua Alteza, pero que he
„antre o terceiro, e quarto grao com Sua Alteza.
„E como o Conde de Penella deſcende delRey D.
„Pedro, e he ſeu quarto Neto; por onde he com
„o dito Senhor em quinto grao, por o qual aſſy
„por o dito Conde de Vimiozo ter dous parenteſ-
„cos com o dito Senhor, e cada hum delles em
„mais propinquo grao, que o Conde de Penella,
„que não tem ſenaõ hum ſó parenteſco com o di-
„to Senhor, e em mais remoto grao. E viſtas as
„determinaçoes feitas por ElRey D. Aſſonſo nas
„Cortes de Coimbra, da maneira, que ſe devia ter
„nas precedencias dos Grandes, e peſſoas de Titu-
„lo

„lo de seus Reynos, com o mais, que deste cazo
 „constou; declara, e determina, que o Conde de
 „Vimiozo deve preceder, e preceda ao Conde de
 „Penella em todos os assentos, e autos, em que as
 „precedencias entre as taes pessoas se devem guar-
 „dar. = REY. = INFANTE DOM LUIZ. = IN-
 „FANTE DOM ANRIQUE. = Christophorus L.^{us} =
 „Petrus. = Antonius. = Alvarus R.^{us} de Alma-
 „da. = Mem de Sã. =

Deſta ſentença faz menção o Doutor Jorge
 de Cabedo, Defembargador do Paço, nas ſuas *De-* Prova num. 17.
cifoens, Parte 2. Aresto 73; e o Conde de Vimio-
 ſo pedio a ElRey lha mandaffe paſſar por Carta ſua,
 a qual foy feita em Lisboa a 23 de Julho do anno
 de 1533; e depois, à inſtancia do meſmo Conde de
 Vimioſo, ſe paſſou hum Alvará ſobre eſta meſma Prova num. 18.
 determinação, e ſentença, em Evora a 21 de No-
 vembro do referido anno de 1533. Não havia ain-
 da comprido por eſte tempo o Principe D. Manoel
 tres annos, nem havia ainda ſido jurado herdeiro do
 Reyno, quando ElRey ſeu pay lhe deu para ſeu
 Camereiro môr ao Conde de Vimioſo, de que ſe
 lhe paſſou Carta em Evora a 4 de Agoſto de 1534, Prova num. 19.
 cujo Original eu tenho; porém falecendo eſte Prin-
 cipe, exercitou o meſmo emprego com o Principe
 D. Joaõ, como deixamos eſcrito no Livro IV. Ca-
 pitulo XV. pag. 547 do Tomo III. donde por equi-
 vocação allegámos a dita Carta de Camereiro môr,
 ſendo paſſada para o Principe ſeu irmão; e ſuppoſ-
 Tom. X. Tit to,

Prova num. 10.

Prova num. 21.

to, que por esta certamente servio ao Principe D. Joaõ, com tudo, a data accusa a equivocação; porque este Principe nasceo no anno de 1537, de que nós synceramente nos accusamos, reparando assim o erro, em que entaõ cahimos, desejando reflectir nos mais; porque nenhuma cousa mais estimamos, do que a verdade, despídos de toda a vaidade, que obriga a querer desculpar, e não emendar os defeitos. No referido anno de 1534 fez ElRey graça ao Conde de o isentar de pagar dizima de todas as mercadorias, e cousas, que elle mandasse vir de fóra, nem direitos da Portagem, ou outro algum imposto; juntamente o livrou dos direitos da Chancelaria de todas as merces, e graças, que lhe fossem feitas, nem ainda do que fosse costume pagar o tal direito: foy passada em Evora a 20 de Outubro do referido anno. Deulhe o Padroado da Igreja de N. Senhora da Graça da Cidade de Evora dos Religiosos de Santo Agostinho. Foy muy especial a attenção, com que ElRey tratou ao Conde D. Francisco nas prerogativas das merces referidas, com que honrava a sua pessoa com tanta distincção: porém como os seus merecimentos eraõ tantos, não bastavaõ aquellas, que eraõ sómente de privilegio; mas que fossem tambem uteis à sua Casa: pelo que lhe fez Doação da Villa de Vimioso, e seu Termo, com toda a jurisdicção Civel, e Crime, mero, e mixto Imperio, com todas as rendas, fóros, e direitos Reaes, que nella tinha, com o Padroado das Igre-

Igrejas da dita Villa, e seu Termo, reservando sómente a correição, e alçada. Foy esta Carta de Doação feita, estando ElRey em Evora, a 28 de Março de 1534; e já lhe havia feito merce da Alcaidaria mór da dita Villa, de que se lhe passou Carta, feita em Lisboa a 12 de Mayo de 1530. E por outra Carta da mesma data lhe fez merce da Villa de Aguiar da Beira, com as mesmas clausulas, que a referida Doação de Vimioso, com o seu Castello, Alcaidaria, e direitos da dita Villa: concedeolhe mais outras merces devidas aos grandes serviços, que tinha feito a esta Coroa.

Prova num. 22.

Prova num. 23.

Foy o Conde D. Francisco Varão grande, sábio, prudente, ornado de tantas virtudes, que não he facil distinguir, na que mais se excedeo; porque o importante lugar de Vedor da Fazenda, que exercitou por tantos annos successivos em dous Reynados, administrou com tanto zelo, e desinteresse, como em utilidade do Erario Real. A generosidade do seu animo brilhou em toda a occasião em utilidade da Republica, como experimentaraõ os benemeritos, que publicamente favorecia, e não menos em beneficio dos pobres; de sorte, que lhe succedeo encher a bolsa de ouro, e prata, e despejalla no mesmo dia: já mais deixou de soccorrer aos necessitados. Constandolhe, que a Santa, e louvavel Irmandade da Misericordia se achava falta de meyo, para assistir aos pobres, levado da sua caridade, lhe deu tres mil cruzados em ouro em tanto segredo, que

Tom. X.

Ttt ii

se-

senaõ se foubesse quem era o Bemfeitor , e por muito tempo foy occulto o nome de quem lhe déra taõ grandiosa esmola , ardendo sempre no seu generoso coraçãõ a compaixaõ dos miseraveis ; assim que tinha feito voto a Deos secretamente de dar tudo , o que lhe pedissem por seu amor , o que depois da sua morte referio o seu Confessor. Da sua mesa mandava sempre huma gallinha àquelles , que sabia , que sobre a pobreza , ajuntavaõ com a velhice enfermidades. A sua Casa , que se compunha com grande authoridade , e grandeza , era regulada com tal compaixaõ do proximo , que entre os Criados della escolhia o mais authorisado , para lhe encarregar a occupaçaõ de Enfermeiro , com obrigaçaõ de lhe dar conta , naõ só dos doentes da sua familia , mas da propria Parochia , que a todos assistia com tanta liberalidade , como compaixaõ. Da sua piedade será eterno padraõ o Mosteiro de Religiosas Dominicãs de Santa Catharina de Sena de Evora , a quem generosamente deu , naõ só o sitio para se fundar , mas com largas , e repetidas esmolas adiantou aquella fabrica , sem mais obrigaçaõ , que pedir-lhe a Capella môr da Igreja , e que lhe rezassem hum Padre nosso , e huma Ave Maria , quando acabasse o Coro a Prima. As Religiosas depois da sua morte , taõ gratas , como attentas , offereceraõ o Padroado à Condesa sua mulher , com dous lugares perpetuos , com a quarta parte do dote ; regalia , que na sua Casa se conserva. Era pio ,

Sousa , *Historia de S. Domingos*, tom. 3.º cap. 22.º pag. 266.

pio, e devoto, dado à oração, observante dos preceitos da Igreja; de forte, que quando já a idade avançada o impossibilitava para o jejum, que não podia frequentar, se quartava na mesa, e se mortificava com tanta sobriedade, que desta não tirava pouco merecimento; assim quando os Medicos, attendendo à sua muita idade, lhe prohibião o uso do peixe, não entrava na sua mesa, nos dias prohibidos, regalos, nem iguaria, e sómente gallinha cozida, sem nenhum tempero, dizendo, que era o que bastava para observar, o que os Medicos lhe tinham ordenado. Era revestido de huma tal seriedade, modestia, e gravidade em todas as suas acções, que brilhando nelle a prudencia, conseguio tanto respeito, que no seu tempo foy conhecido com o distincto nome de *Catao Portuguez*, como refere o Chronista Damiao de Goes. Delle dizia o grande Dom Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, de quem fora intimo amigo, quando morreo, que não ficava com quem estar mal, nem bem. Foy naturalmente eloquente, explicando-se por modo sentencioso, que fazia mais plausivel a graça, e enfasi no modo de dizer; e assim foraõ celebres os seus ditos, estimados como apophthegmas de hum antigo Sabio. Entre tanta discrição, não podia deixar de ser favorecido das Musas; delle se conservaõ algumas Poefias, entre ellas saõ muy celebres humas Redondilhas muy sentenciosas, que principiaõ:

Refende, *Chronica del-Rey Dom João I.* cap. LV. pag. 39.

Goes, *Chron. do Principe D. João*, cap. 17.

Que

*Que grande sem saboria
He ver Mundo, e conhecello,
Que grande graça seria
Quanto se calla dizello.*

Seu neto Dom Henrique de Portugal imprimio no anno de 1695 hum livro com o titulo: *Sentenças de D. Francisco de Portugal, I. Conde de Vimioso*, junto com o qual estaõ outras Redondilhas, muito sentenciosas, que principiaõ:

*Que grande espanto he cuidar
Como se sohem o Mundo,
Quam perto está de palmar;
Quem as cousas vê ao fundo.*

Entre os Authores Portuguezes fez delle menção Joaõ Franco Barreto na sua *Bibliotheca* manuscrita; e agora se verá ainda com mayor individuação, louvado pela laboriosa curiosidade do erudito Abbade de Sever Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*, que está imprimindo, de que já gozamos o primeiro Tomo desta estimada, e precisa Obra, para todos os curiosos applicados. Finalmente, taõ cheyo de annos, como de merecimentos, desenganado do Mundo, largou o serviço do Paço, e assistencia da Corte, e foy viver ao sitio de Belem por algum tempo; e passando depois para Evora, faleceo nesta Cidade a 8 de Dezembro de 1549, sendo a sua morte igualmente sentida pelos

necessi-

da Casa Real Portug. Liv. X. 555

necessitados, que pela Nobreza, que o respeitava taõ attenta a sua pessoa, como às suas excellentes virtudes. Jaz em sepultura raza no meyo da Capella môr de Nossa Senhora da Graça da mesma Cidade, onde se lê este curto Epitaphio :

*Aqui jaz Dom Francisco de Portugal,
Conde de Vimioço, por amor de Deos
hum Pater noster; e huma Ave Maria
pela sua alma. Faleceo a 8 dias do mez
de Dezembro do anno de 1549.*

Casou duas vezes, a primeira com D. Brites de Vilhena, filha de Ruy Telles de Menezes, V. Senhor de Unhaõ, Gestaço, Meinedo, e Cepaes, Commendador de Ourique na Ordem de Santiago, Mordomo môr da Rainha D. Maria, e de sua filha a Emperatriz D. Isabel, Governador da Casa do Infante Dom Luiz, e seu Camereiro môr, e Guarda môr, do Conselho delRey D. João III. e de Dona Guiomar de Noronha sua mulher, filha de D. Pedro de Noronha, Senhor do Cadaval, Commendador môr da Ordem de Santiago, Mordomo môr delRey D. João II. e seu Embaixador a Roma, e de sua mulher D. Catharina de Tavora, filha herdeira de Martim de Tavora, Reposteiro môr delRey D. Afonso V. Deste matrimonio nasceo unica

.* 14 D. GUIOMAR DE VILHENA, mulher de D.

D. Francisco da Gama , I. Conde da Vidigueira ,
Capitulo IV.

Casou segunda vez com D. Joanna de Vilhena sua prima segunda , filha terceira do Senhor D. Alvaro , e de sua mulher D. Filippa de Mello , Senhora do Condado de Olivença , e de Ferreira de Aves. Foy a Condesa Dona Joanna Matrona esclarecida , não menos por virtude , do que pelo seu altissimo nasçimento ; e vivendo no estado conjugal em santa conformidade , se exercitava com obras virtuosas , e de perfeita caridade , vagando a Deos em oração no seu oratorio ; e como a Mulher Forte do Euangelho , se applicava ao governo domestico da sua casa , trabalhando por suas proprias mãos , as quaes liberalmente abria em soccorro dos miseraveis : visitava aos pobres enfermos , a quem por suas proprias mãos ministrava os regalos , e tambem os remedios , com admiravel caridade ; e empregando-se voluntariamente em diversas devoções , as veyo a fazer obrigatorias ; para o que tomou o habito de Freira Mantelata , (depois de viuva) da Ordem de Santo Agostinho , que professou solemnemente , e observou com notavel pontualidade ; e tendo-se exercitado em rigorosas penitencias , continuando com fervor a oração , e o ufo do Santissimo Sacramento do Altar , chea de annos , e merecimentos , acabou em paz a 24 de Julho de 1559. Della fazemos menção no *Agiologio Lusitano* no referido dia ; e jaz no Mosteiro da Graça de Evora , adonde , parece , mandou pôr o seguinte Epitafio : Aqui

Sousa, *Agiologio Lusitano*, tom. 4.º no dia 24 de Julho.

*Aqui jaz D. Joanna de Vilbena, Con-
deſſa de Vimioſo. Por amor de Deos
hum Pater noſter, e huma Ave Maria
por ſua Alma. Faleceo a 24 de Julho
de 1559, e acabou na Ordem de San-
to Agoſtinho.*

Deſta eſclarecida uniaõ nãſceraõ os filhos ſeguintes:

14 D. AFFONSO DE PORTUGAL, II. Conde de Vimioſo, que occupará o Capitulo V.

14 D. JOAÕ DE PORTUGAL, nãſceo em Evo-
ra, paſſou a eſtudar Theologia, e Canones na Uni-
verſidade de Coimbra, e nella ſegraduou pelos an-
nos de 1550. ElRey D. Joaõ III. o nomeou Biſpo
da Guarda no anno de 1556, de que foy confirma-
do pelo Papa Paulo IV. e nelle entrou no ſeguin-
te. Principiou o governo da ſua Dioceſi, viſitan-
do peſſoalmente algumas Igrejas. Fez humã con-
cordata com o ſeu Cabido no anno de 1560. Con-
vocou Synodo para Abrantes no anno de 1565; e
na Guarda celebrou outro no anno de 1570. Auſen-
tou ſe do Reyno no anno de 1576, parece, que
por algumas contendãſ com o Cardeal Infante D.
Henrique, depois Rey, deixando por Governador
do Biſpado a Luiz Henriques de Moura, ſeu Pro-
viſor, e os Miniſtros da ſua Relaçã, que o rege-
raõ até o anno de 1580, que morreo ElRey Dom
Henrique; e nas alteraçõs do Reyno ſeguiu com

Tom. X,

Uuu gran.

grande resolução o partido do Prior do Crato Dom Antonio ; e querendo por esta causa, depois de tudo perdido, ausentar-se em habito mudado , e desconhecido, o prenderão em Arrayolos; e prezo foy levado a Castella, e recluso em hum Mosteiro de Calatrava. O Papa Gregorio XIII. à instancia del-Rey Filippe II. lhe nomeou por Juiz, para conhecer dos excessos, crimes, e rebelião, de que o accusava o Procurador da Coroa, ao Bispo de Placencia, Nuncio em Hespanha ; e excedendo os limites da sua commissão, lha revogou o Papa por outro Breve de 18 de Mayo de 1582 ; commettendo o conhecimento deste Processo ao Bispo de Leiria D. Fr. Antonio de Santa Maria, e por seu impedimento ao Bispo de Viseu D. Jorge de Ataide. E finalmente, sendo por sentença privado do Bispado, veyo a morrer na reclusão de idade de setenta annos. Ainda vivia no anno de 1592 ; porque a 5 de Março passou ElRey Filippe huma ordem ao Corregedor de Evora, para que as rendas do Morgado de Dom João de Portugal, Bispo, que fora da Guarda, se entregassem para sua sustentação, recomendando a brevidade, por ser preciso à necessidade, em que elle se achava no Mosteiro de Calatrava no Reyno de Castella. O Senhor D. Antonio na Carta, que escreveu ao Papa Gregorio XIII. faz larga menção dos trabalhos do Bispo.

14 D. MANOEL DE PORTUGAL, de quem se tratará no Capitulo XII.

CAPÍ-

CAPITULO IV.

De Dona Guiomar de Vilbena.

* 14 **D**ona Guiomar de Vilbena morreo pelos annos de 1585: jaz na Vidigueira, no enterro da sua Casa, no Convento dos Carmelitas: foy dotada de bom entendimento, e muy virtuosa; compoz hum livro de Considerações pias sobre passos da Vida de Nossa Senhora, que se imprimio. Casou com Dom Francisco da Gama, II. Conde da Vidigueira, Senhor da dita Villa, e da de Frades, Almirante da India Oriental, e Escribeiro mór delRey Dom Joaõ III. officio, que comprou a Dom Pedro Mascarenhas; edificou com sua mulher o Mosteiro de Nossa Senhora da Assumpção de Capuchos da Provincia da Piedade, junto da sua Villa da Vidigueira, no anno de 1545: era filho do grande Dom Vasco da Gama, I. Conde da Vidigueira, e primeiro Almirante, e Descobridor da India Oriental, e de sua mulher Dona Catharina de Ataide, filha de Alvaro de Ataide, Senhor de Penacova, Alcaide mór de Alvor; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 15 **D. VASCO DA GAMA**, III. Conde da Vidigueira.

Tom. X.

Uuu ii

D.

* 15 D. FRANCISCO DE PORTUGAL, Comendador da Fronteira, 2. II.

15 D. MANOEL DA GAMA, foy Clerigo, e Prior da Vidigueira, e teve outros Beneficios. Nas alterações do Reyno, pela morte do Cardeal Rey, seguiu o partido do Prior do Crato; pelo que esteve muitos annos prezo em Aviz. Teve filhos bastardos, entre os quaes foy D. FRANCISCO DA GAMA, que passou à India no anno de 1577, e lá casou com D. Francisca Mascarenhas, filha de D. Diogo Mascarenhas, de que teve filhos, de que se não continuou descendencia. D. N. . . DA GAMA, Religioso de S. Domingos, e D. BERNARDA DA GAMA, Freira na Castanheira.

15 D. MIGUEL DA GAMA, servio na India com reputação, e delle faz honrada memoria Diogo do Couto, Chronista daquelle Estado; e voltando ao Reyno rico, se retirou a viver na Vidigueira, onde morreo, sem casar, nem deixar successão; e empregando os seus cabedaes em obras de piedade, deixou a sua fazenda à Misericordia de Lisboa.

* 15 D. JOAÕ DA GAMA, Capitão de Malaca.

15 D. MARIA DE VILHENA, primeira mulher de D. Antonio de Ataide, II. Conde da Castanheira, de quem já fallámos no Tomo II. pag. 531. Deste matrimonio nascerão

16 D. ALVARO DE ATAIDE, que não succedeo na Casa por morrer moço em vida de seu pay.

D.

16 D. ANNA DE ATAIDE, foy Dama da Rainha D. Catharina, e casou com D. Henrique de Portugal, Commendador de Pernes, seu tio, e primo com irmão de sua mãe, como adiante se dirá.

* 15 D. CATHARINA DE ATAIDE, casou com Dom Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde, &c. III.

15 D. PAULA DE PORTUGAL, casou com D. João de Almeida, Commendador do Sardoal na Ordem de Christo; acompanhou a El Rey D. Sebastião à Africa, e morreo na batalha de Alcacer a 4 de Agosto de 1578, e não tiverão filhos.

15 DONA ANNA DE ATAIDE, foy Freira em Santa Clara de Lisboa.

* 15 D. VASCO DA GAMA, foy III. Conde da Vidigueira, Senhor de Villa de Frades, Almirante da India, Estribeiro mór del Rey D. João III. e do Principe D. João na occasião do seu casamento, do Conselho de Estado del Rey Dom Sebastião, a quem acompanhou em ambas as jornadas de Africa; e foy morto na batalha de Alcacer a 4 de Agosto de 1578.

Casou com D. Maria de Ataide, irmã de seu cunhado, e filha de D. Antonio de Ataide, I. Conde da Castanheira, Senhor de Póvos, e Chelleiros, Alcaide mór de Colares, e da Condesa D. Anna de Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro, &c. e tiverão os filhos seguintes:

D.

16 D. ANTONIO DA GAMA, sendo successor da Casa, deixou o Mundo, e foy Religioso de S. Francisco na Provincia da Piedade, onde acabou com demonstrações de perfeito Religioso.

* 16 D. FRANCISCO DA GAMA, IV. Conde da Vidigueira.

16 D. JORGE DA GAMA, servio com muito valor na India, onde morreo honradamente, pelejando com os inimigos do Estado, solteiro, e sem successão.

16 D. LUIZ DA GAMA, foy Capitão mór do mar da India, e da Fortaleza de Ormuz. Casou naquella Estado com D. Maria Rolim, viuva de Diogo Lopes Coutinho, Capitão de Ormuz, filha de Diogo Rolim de Moura, Capitão das Fortalezas de Cranganor, e de Dio, e de D. Anna de Carvalho sua mulher, e não teve filhos deste matrimonio. Houve bastardo a D. CHRISTOVAO DA GAMA, que passou à India no anno de 1619.

16 D. JOAO DA GAMA, que tinha entrado na Companhia, foy depois Clerigo, Esmoler mór delRey Dom Filippe III. que o nomeou Bispo de Miranda, e depois sagrado: morreo em Miranda, onde jaz sepultado.

* 16 D. VIOLANTE DE ATAIDE, mulher de D. Alvaro de Menezes, Senhor de Alfayates, adiante.

16 D. GUOMAR DE VILHENA, D. EUFRASIA DE ATAIDE, D. ANNA, D. PAULA, e D. BARBARA, todas Freiras no Mosteiro da Castanheira, da Ordem de S. Francisco. D.

* 16 D. FRANCISCO DA GAMA, nasceu no anno de 1565, succedeo na Casa por seu irmão mais velho se meter Frade. Foy IV. Conde da Vidigueira, Senhor da Villa de Frades, Almirante da India, Alcaide môr de Niza, e Commendador na Ordem de Christo. Acompanhou a ElRey D. Sebastião na jornada de Africa, e ficou cativo na batalha de Alcacer. ElRey D. Filippe lhe fez merce, por huma Carta passada em Lisboa a 31 de Mayo de 1583, attendendo aos merecimentos do Conde, e aos de quem elle descendia, de lhe tirar a sua Casa, por tres vezes, fóra da Ley Mental. Foy depois duas vezes Vice-Rey do Estado da India; e sahindo do Porto de Lisboa em 10 de Abril do anno de 1596, de idade de trinta e hum annos, havendo pouco, que ficara viuvo de sua primeira mulher; e havendo invernado em Mombaça, chegou a Goa a 22 de Mayo; e fazendolhe entrega do governo o Vice-Rey Mathias de Albuquerque, aos 25 do dito mez, fez a sua entrada publica em o primeiro de Junho, dia da Santissima Trindade, com grande pompa, e apparato, e satisfação de todo o povo, que nelle esperavaõ a fortuna de seu bisavô, que havia cem annos, que naquelle mesmo mez tinha descoberto a India, que governou, naõ sem emulos da sua gloria, até o de 1600. Este governo escreveo Diogo do Couto na *Decada XII.* que se imprimio em Pariz no anno de 1645. Voltando ao Reyno, depois de diversos empregos politicos, tornou

Chancellar, delRey Filipe I. liv. 4.º pag. 133.

Confo, Decada XII. liv. 1.º cap. 4.

nou por Vice-Rey da India no anno de 1622; e sahindo de Lisboa a 18 de Março, depois de varios successos, entrou o Conde em Goa em Setembro; e tendo governado o Estado com prudencia, e com fortuna, que pedia o tempo tão calamitoso com a guerra dos Hollandezes, até o anno de 1627, passou ao Reyno, tendo sido o XXVI. no numero dos Vice-Reys. Foy Presidente do Conselho da India, que se creou de novo, e do Conselho de Estado, Gentil-homem da Camera delRey D. Filipe IV. morreo, indo para Madrid, na Villa de Oropeza em Julho de 1632. Jaz na Capella môr da sua Villa da Vidigueira, onde tem este Epitafio:

Aqui jaz D. Francisco da Gamã, IV. Conde da Vidigueira, Almirante da India, Vice-Rey della duas vezes, Presidente do seu Conselho, Gentil-homem da Casa de Sua Magestade, e do Conselho de Estado, que havendo servido cincoenta e seis annos, começando de quatorze, foy cativo na batalha de Alcacere. Veyo a acabar em Oropeza, mal satisfeito do seu Rey. Foy trazido aqui a 30 de Mayo de 1640.

Casou duas vezes, a primeira com D. Maria de Villena,

lhena, irmã de D. Luiz de Menezes II. Conde de Tarouca, e filha de D. Duarte de Menezes, Senhor de Tarouca, e Penalva, &c. Capitão de Tangere, Governador do Reyno do Algarve, Vice-Rey da India, e de sua mulher D. Leonor da Sylva, filha de Diogo da Sylva, Alcaide mór de Lagos, Comendador de Mesejana na Ordem de Santiago, e Embaixador ao Concilio de Trento. E deste matrimonio nascerão

17 D. VASCO DA GAMA, morreu menino.

17 D. MARIA DE VILHENA, que foy primeira mulher de Dom João de Ataide, IV. Conde da Castanheira, seu primo segundo, sem successão. Casou segunda vez a 25 de Novembro de 1606 com D. Leonor Coutinho. Era muy dada à lição dos livros; compoz hum livro de Cavallarias com o titulo de *D. Belindo*, que se conserva manuscrito, em diversas copias, com grande estimação, pelo estylo, e engenhosa arte, com que está escrito. Era filha de Ruy Lourenço de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, Governador de Tangere, e do Algarve, Vice-Rey da India, e do Conselho de Estado, e de D. Maria Coutinho sua mulher, filha de D. João de Almeida, Capitão de Dio. E deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 17 D. VASCO DA GAMA, I. Marquez de Niza, e V. Conde da Vidigueira.

* 17 D. MARIA COUTINHO, nasceu a 12 de Setembro de 1607, Condessa de Villa-Franca, se-
Tom. X. Xxx gunda

gunda mulher de Dom Rodrigo da Camera III. Conde de Villa-Franca.

* 17 D. EUFRASIA MARIA DE TAVORA, nasceu a 11 de Abril de 1609. Casou a 8 de Setembro de 1627 com D. Luiz Lobo, VIII. Barão de Alvi-to, I. Conde de Oriola, como se dirá no Livro XI. Capitulo XIV.

17 D. CATHARINA, que nasceu a 14 de Julho de 1610, e faleceu duas horas depois de nascida.

17 D. GUIOMAR, nasceu a 3 de Março de 1614.

17 D. THERESA MARIA COUTINHO nasceu a 5 de Agosto de 1616, casou com D. Jorge Manoel de Albuquerque, Senhor do Morgado dos Albuquerque em Azeitão, Commendador de S. Mamede de Traviscofo na Ordem de Christo. Estava em a Corte de Madrid, quando foy a Acclamação de Rey D. João IV. El Rey Philippe o fez, depois da separação, Conde de Lavradio em Portugal; e da sua successão diremos no Liv. XII. Cap. IV. §. II.

17 DONA IGNEZ DOMINGAS nasceu a 11 de Agosto de 1619, faleceu a 19 de Novembro do mesmo anno.

17 D. ANNA MARIA nasceu a 21 de Novembro de 1621, e faleceu sem estado.

* 17 D. VASCO LUIZ DA GAMA nasceu a 14 de Dezembro de 1612. Foy I. Marquez de Niza, V. Conde da Vidigueira, Senhor da dita Villa, e das de Frades, e Torvoens, Almirante da India, Em-

Embaixador Ordinario del Rey D. João IV. à Corte de França, adonde passou segunda vez por Embaixador Extraordinario. Foy Deputado da Junta dos Tres Estados, do Conselho de Estado, e Guerra del Rey D. João IV. e depois del Rey D. Affonso VI. e D. Pedro II. sendo Principe Regente, e hum dos Ministros do Despacho das Juntas nocturnas, na Regencia da Rainha D. Luiza; nomeado Embaixador Extraordinario de Obediencia ao Papa Urbano VIII. e Innocencio X. e foy hum dos Plenipotenciarios da Paz deste Reyno com o de Castella no anno de 1668; Vêdor da Fazenda, Estribeiro môr da Rainha D. Maria Francisca Isábel de Saboya. Foy Ministro de grande talento, como mostrou nos negocios politicos na Corte, e nas missões de França, onde brilhou o seu zelo, actividade, e resolução, expondo os proprios interesses pelo serviço, e saúde da patria. Morreo a 28 de Outubro de 1676. Casou em 29 de Dezembro de 1632 com a Marqueza D. Ignez de Noronha, que depois de viuva, foy Freira Carmelita Descalça. Era filha segunda de Simão Gonçalves da Camera, III. Conde da Calheta, Capitão Donatario da Ilha da Madeira, e da Condesa D. Maria de Menezes, e Vasconcellos sua primeira mulher, filha de Ruy Mendes de Vasconcellos, I. Conde de Castello-Melhor. E deste matrimonio teve os filhos seguintes:

* 18 DOM FRANCISCO LUIZ BALTHESAR DA GAMA, II. Marquez de Niza.

Tom. X.

Xxx ii

D.

18 D. LEONOR nasceu a 7 de Outubro de 1640, e falleceu a 2 de Fevereiro de 1642.

18 D. SIMÃO DA GAMA nasceu a 25 de Julho de 1642. Foy Porcionista no Collegio de S. Pedro na Universidade de Coimbra, de profissão Theologo, e depois Collegial, em que entrou em 31 de Janeiro de 1661, Conego da Sé de Lisboa, Deputado do Santo Officio da Inquisição de Evora, em que entrou a 26 de Setembro de 1674, e depois na de Coimbra, em que entrou a 30 de Setembro de 1682. Foy Reytor naquella Universidade, por Provisão de 2 de Julho de 1679; Bispo do Algarve, nomeado por ElRey D. Pedro, de que tomou posse a 21 de Novembro de 1685, em que fez varias obras; e sendo promovido para Arcebispo Metropolitano de Evora, tomou posse a 19 de Novembro de 1703. Em 6 de 1704, em 31 de Março, foy nomeado do Conselho de Estado. Morreo em Lisboa a 5 de Agosto do anno de 1715; mandou-se sepultar na sua Sé, onde jaz.

18 D. JOÃO DA GAMA, nasceu a 26 de Outubro de 1651. Foy Arcediago de Fonte Arcada na Sé de Braga: morreo moço.

* 18 D. MARIA CAETANA DE MENEZES nasceu a 15 de Agosto de 1653; Condesa da Ponte, mulher de Garcia de Mello e Torres II. Conde da Ponte, de quem adiante se fará menção.

* 18 D. FRANCISCO LUIZ BALTHESAR ANTONIO DA GAMA, nasceu no primeiro de Março de 1636.

1636. Foy em vida de seu pay Conde da Vidigueira, merce feita pelos serviços do Marquez seu pay, por ElRey D. Joaõ IV. em que lhe deu o titulo de juro, e herdade para sempre, para todos os seus successores, conforme a Ley Mental, com a especiosa clausula, que seu filho varão logo por sua morte se chamasse, pela Carta daquella merce, Conde da Vidigueira; e assim dalli por diante todos os successores, e herdeiros da Casa, segundo a fórma da Ley Mental, sem que para isso lhe fosse necessario outra Carta, nem Provisão, nem licença dos Reys seus successores; e que o filho herdeiro da Casa succederia nesta fórma: e os Védores da Fazenda, que eraõ, e ao diante fossem, lhe passariaõ Padraõ em fórma aos successores de Conde da Vidigueira para o assentamento, que vencem os Condes deste Reyno. Foy feita esta Carta em Lisboa a 24 de Outubro de 1646. Esta merce, de que temos poucas semelhantes, foy bem merecida dos serviços de seu pay, a quem succedeo na Casa, e foy II. Marquez de Niza, Senhor da dita Villa, e da de Frades, e Torvoens, Almirante da India, Commendador da Commenda de Santiago de Béja na Ordem de Christo, Mestre de Campo da Infantaria em Alent-jó, General da Cavallaria da Provincia da Beira, póstos, com que servio na guerra, achando-se em acções, de que conseguio reputaçãõ: na paz foy Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, e do Conselho de Guerra, e General das

Chancellaria delRey D.
Joaõ IV. liv. 17. page
285.

Armas.

Armas de Peniche no anno de 1701, quando se recebeu alguma invasão dos inimigos desta Coroa nas nossas Costas; e ultimamente do Conselho de Estado, e Guerra dos Reys D. Pedro II. e D. João V. Morreo em a Cidade de Evora a 10 de Agosto de 1707.

Casou duas vezes em vida de seu pay, a primeira em 12 de Fevereiro de 1654 com D. Helena da Sylveira e Noronha, que morreo sobre parto a 21 de Setembro de 1656, irmã do I. Marquez de Fronteira, filha de D. Fernando Mascarenhas, I. Conde da Torre, Commendador do Rosmaninhal, e de Fonte-Arcada na Ordem de Christo, Governador de Tangere, e de Ceuta, Presidente da Camera de Lisboa, e do Conselho de Estado, e da Condesa Dona Maria de Noronha, filha de D. Rodrigo da Sylveira, I. Conde de Sarzedas, de quem teve unica

* 19 D. MARIA JOSEFA DE NORONHA nasceu a 4 de Setembro de 1656, Condesa de Coculim, mulher de seu sobrinho, e primo com irmão D. Francisco Mascarenhas, I. Conde de Coculim. Casou segunda vez em 21 de Novembro de 1657 com D. Brites de Villhena, que morreo a 8 de Março de 1709, filha de Dom Vasco Mascarenhas I. Conde de Obidos, Vice-Rey da India, e Brasil, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, do Conselho de Estado, &c. e da Condesa D. Joana de Villhena, sua segunda mulher, filha de seu irmão

irmaõ D. Joaõ Mascarenhas, III. Conde de Santa Cruz; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 19 D. VASCO LUIZ DA GAMA III. Marquez de Niza.

19 D. CHRISTOVAõ JOSEPH DA GAMA nasceu em Lisboa a 14 de Novembro do anno de 1664; estudou em Coimbra, e foy Porcionista no Collegio de S. Pedro, e Conego na Sé de Lisboa, Prebenda, que depois renunciou; e servio na guerra, sendo Coronel de hum Regimento de Infantaria; foy Veador da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, Commendador na Ordem de Christo, e Alcaide môr de Cintra: faleceo a 16 de Outubro de 1724.

Casou duas vezes, a primeira no primeiro de Abril de 1699 com sua prima D. Filippa Marianna Coutinho, que morreo a 12 de Abril de 1700, a qual era já viuva de seu tio D. Martinho Mascarenhas, irmaõ de D. Fernando Mascarenhas II. Conde de Obidos, Meirinho môr do Reyno, e filha herdeira de D. Francisco Mascarenhas, Senhor, Commendador, e Alcaide môr de Almourol, e de Trancozõ, Estribeiro môr da Rainha D. Maria Sofia de Neoburg, Governador da Ilha da Madeira, e de sua mulher Dona Joanna Coutinho, Senhora da Casa de Almourol, filha de Dom Pedro Coutinho; e tiveraõ unico

* 20 D. LUIZ MANOEL FRANCISCO COUTINHO

NHO DA GAMA nasceu ao primeiro de Janeiro de 1700; succedeo por morte de sua mãy na sua Casa, e por merce de Sua Magestade em todos os bens da Coroa, e Ordens: era Senhor de Pay de Pele, Alcaide mór de Trancofo, e Almourol, Commendador da dita Villa, e da de Golegãa, e S. Martha de Niza, e Santa Maria da Deveza de Castello de Vide: era immediato successor da Casa de sua tia D. Filippa de Noronha, irmã do I. Conde de Armamar, por ser bisneto de sua irmã Dona Maria de Castro, mulher de Dom Pedro Coutinho; porém com anticipada morte acabou a 2 de Setembro de 1704.

Casou segunda vez em 20 de Mayo de 1703 com D. Marianna de Lencastre, que morreo no anno de 1704, viuva de Ayres de Sousa de Castro, Comendador de Alcaçova de Santarem, Governador de Pernambuco, e Deputado da Junta dos Tres Estados. Era filha de Simão de Vasconcellos e Sousa, Governador da Casa delRey D. Pedro, sendo Infante, e de sua mulher D. Joanna de Tavora, Dama da Rainha D. Luiza, e Camerista da Rainha de Inglaterra D. Catharina, filha de João Gomes da Sylva Regedor das Justicas, de quem teve

20 D. MARIA DA PORTA DE LENCASTRE; que nasceu a 23 de Junho do anno de 1704; foy Dama da Rainha D. Marianna de Austria. Casou primeira vez com D. Antonio de Lencastre, filho herdeiro de D. Rodrigo de Lencastre, Commenda-

dor

dor de Coruche, que a poucos mezes de casado, morreo de bexigas.

Casou segunda vez a 26 de Julho de 1732 com Antonio Joaõ Joseph Joachim de Saldanha, Gentil-homem da Camera do Infante Dom Manoel, filho herdeiro de Ayres de Saldanha de Albuquerque, Gentil-homem da Camera do Infante D. Antonio, Governador do Rio de Janeiro, como se disse a pag. 357 do Tomo V. desta Historia.

19 D. ESTEVAO DA GAMA nasceu em Lisboa a 6 de Agosto de 1666; estudou em Coimbra, e foy Porcionista do Collegio de S. Pedro; e deixando os estudos, passou à India por Capitão mór da Armada do anno de 1694, e de lá ao governo de Sofala, adonde brevemente morreo solteiro a 9 de Junho de 1695.

19 D. JOSEPH DA GAMA nasceu em Penamacor, na Provincia da Beira, a 13 de Novembro de 1668; seguiu a vida Ecclesiastica; foy Porcionista no Collegio de S. Pedro de Coimbra, Deputado do Santo Officio de Evora, e Lisboa, Arcediago de Tavira na Sé de Faro, Sumilher da Cortina del Rey D. Pedro II. faleceo a 23 de Março de 1743.

19 D. MARIA JOSEFA MARGARIDA DE LENCASTRE nasceu na Villa da Vidigueira a 11 de Fevereiro de 1671, faleceo a 24 de Outubro de 1673.

19 D. FERNANDO DA GAMA nasceu na Villa da Vidigueira a 19 de Março de 1674, faleceo em Dezembro de 1677.

Tom. X.

Yyy

D.

19 D. IGNES DE NORONHA nasceu a 23 de Março de 1675, foy Religioſa no Moſteiro do Sacramento de Lisboa, onde occupou por diverſas vezes o lugar de Priorreſſa.

19 D. LUIZ JOSEPH DA GAMA nasceu na Villa da Vidigueira a 22 de Agoſto de 1681; ſervio na guerra ſendo Capitaõ de Cavallos, e Coronel Brigadeiro da Cavallaria, com que conſeguiu reputação de valeroſo, e eſtimação dos Generaes Portuguezes, e Eſtrangeiros. Padeceo huma queixa trabalhosa, de que ſe quiz ir curar a França; e embarcando em hum navio, foy tomado pelos Saletinos, e levado cativo a El Rey de Maquinez; e conſeguindo liberdade, antes de lhe chegar o dinheiro, que esperava de Lisboa, para ſatisfação do ſeu reſgate, o abonou hum Capitaõ de hum navio Francez, que ſe achava no porto de Salé, que generoſamente obrigou a ſua peſſoa, e navio, à quantia do ſeu reſgate. Depois de poſto em liberdade, embarcando, foy novamente aprezado por hum Coſſario de Tangere, e levado àquella Cidade, donde eſcrevendo a Salé, ſe approvou o ajuſte do reſgate, foy mandado a Cadiz livre; chegou a Lisboa muy debilitado em Outubro de 1714. A generoſa piedade do Grande Rey D. Joaõ V. lhe deu onze mil patacas para o ſeu reſgate. Foy Governador da Praça de Moura, e morreo a 13 de Outubro de 1717, eſtando deſtinado para caſar com ſua ſubriinha, herdeira da Caſa da Vidigueira, e Niza, D. Maria da Gama. D.

19 D. IGNACIO XAVIER DA GAMA nasceu no Lugar de Belem junto a Lisboa a 3 de Dezembro de 1682, e faleceu a 21 de Setembro de 1683.

* 19 D. VASCO JOSEPH LUIZ BALTHASAR DA GAMA nasceu em Lisboa a 12 de Agosto de 1662, foy III. Marquez de Niza, VII. Conde da Vidigueira, e Almirante da India, Senhor das Villas da Vidigueira, Frades, e Trovoens, Commendador de S. Vicente de Vimioso, e da de Santiago de Béja na Ordem de Christo, e da Alcaidaria mór, e Capitania de Niza, Padroeiro da Matriz da Vidigueira, de que apresenta o Prior, Beneficiados, e Thefoureiro, e Padroeiro de Nossa Senhora do Carmo, e Capuchos da dita Villa, e da Villa de Frades dos Capuchos, e do de Arrabidos de Palhaes. Servio na guerra sendo Coronel do Regimento de Infantaria de Moura, e depois Tenente General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, póstos, que exercitou com o valor herdado dos seus mayores, que tanta materia tem dado à nossa Historia, como gloria ao Reyno, e Nação. Achou-se em honradas occasioens, na tomada da Praça de Valença de Alcantara, Albuquerque, e outras. Foy Mordomo mór da Princeza do Brasil: faleceu a 4 de Outubro de 1735.

Casou em 17 de Agosto de 1709 com D. Barbara de Lara, Dama das Rainhas Dona Maria Sofia de Neoburg, e D. Maria Anna de Austria, a qual faleceu a 6 de Dezembro de 1738. Era filha primeira

Tom. X.

Yyy ii de

de D. Luiz Alvares de Castro II, Marquez de Caícaes, e da Marqueza D. Maria Joanna Coutinho, filha de D. Antonio Luiz de Menezes I. Marquez de Marialva; e desta esclarecida união nasceo unica

20 D. MARIA JOSEFA FRANCISCA XAVIER BALTHASAR DA GAMA, que vio a primeira luz do dia a 8 de Fevereiro do anno de 1712, he IV. Marqueza de Niza, e herdeira desta grande Casa; e estando desposada com seu tio D. Fernando de Noronha, Conde de Monsanto, não teve effeito, por elle morrer a 13 de Dezembro de 1722. Casou em 12 de Junho de 1729 com Nuno da Sylva Telles, filho segundo do Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, e de sua mulher a Marqueza D. Eugenia de Lorena; e foraõ recebidos por seu tio o Bispo de Portalegre D. Alvaro de Noronha no Oratorio da Casa da Junqueira, o qual morreo a 17 de Novembro de 1739, de quem teve

21 D. BARBARA MARIA XAVIER BALTHASAR DA GAMA, que nasceo a 7 de Junho de 1730, e está concertado o seu casamento com Francisco da Sylva Tello e Menezes, VI. Conde de Aveiras, XVI. Senhor de Vagos.

21 D. VASCO DA GAMA, que nascendo a 22 de Junho de 1731, faleceo a 17 de Agosto de 1732.

21 D. VASCO JOSEPH JERONYMO BALTHASAR DA GAMA, nasceo a 30 de Setembro de 1733.

21 D. EUGENIA FRANCISCA XAVIER BALTHASAR DA GAMA, nasceo a 19 de Março de 1735.
D.

21 D. MANOEL JOSEPH FRANCISCO XAVIER DOMINGOS BALTHASAR DA GAMA, nasceu a 24 de Mayo de 1736, morreu a 14 de Dezembro de 1739.

21 D. FRANCISCO JOSEPH DE SALES XAVIER BALTHASAR DA GAMA, nasceu a 18 de Janeiro de 1738.

Casou a Marqueza D. Maria segunda vez a 27 de Agosto de 1741 com Joaõ Xavier Fernando Telles, V. Conde de Unhaõ, de quem fizemos mençaõ no Livro VIII. Capitulo II. pag. 85 do Tomo IX. e deste esclarecido conforcio tem até o presente a

D. ANNA VICTORIA TELLES, que nasceu a 21 de Setembro de 1742.

* 19 D. MARIA DE NORONHA filha de Dom *Condes de Coculim.* Francisco II. Marquez de Niza, e da Marqueza D. Helena de Noronha, Condeffa da Vidigueira, sua primeira mulher, de quem foy herdeira, casou com seu primo com irmaõ D. Francisco Mascarenhas, que nasceu no anno de 1662, e foy I. Conde de Coculim, na India Oriental, Senhor de Veroda, e Coculim na India, pelos serviços de D. Filipe Mascarenhas, Vice-Rey daquelle Estado, que naõ tendo successaõ, deixou por herdeiro ao Marquez de Fronteira seu sobrinho, instituindo huma Casa em hum filho seu segundo, a qual se verificou no dito D. Francisco, que foy tambem Commendador de S. Joaõ de Castellãos, e S. Martinho de Cambres no Bispaado de Lamego, e de S. Martinho de

de Pina no de Viseu, todas da Ordem de Christo. Embarcou na Armada de Saboya, sendo Governador de huma das naos de guerra della. Foy Capitão de Cavallos na Corte; muy erudito, e favorecido das Musas; eloquente na lingua Latina, que fallava com facilidade; nella compoz hum Panegyrico em verso heroico a ElRey Luiz XIV. de França, que se imprimio em Pariz no anno de 1684: morreo moço. Era irmão de D. Fernando Mascarenhas, II. Marquez de Fronteira, e filho segundo de Dom Joaõ Mascarenhas, I. Marquez de Fronteira II. Conde da Torre, Senhor da Gocharia, &c. e da Marqueza Dona Magdalena de Mendoça, filha de Francisco de Sá e Menezes II. Conde de Penaguião, Camereiro mór delRey Dom Joaõ IV. E desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

* 2º D. FILIPPE MASCARENHAS II. Conde de Coculim.

2º D. JOAÕ MASCARENHAS foy Porcionista no Collegio Real de S. Paulo de Coimbra, em que entrou a 22 de Dezembro de 1697; e seguindo as letras, foy Desembargador do Porto, e da Relação de Lisboa, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, de que tomou posse a 12 de Julho de 1722; Provedor das Capellas delRey D. Affonso IV. Cavalheiro da Ordem de Christo; e largando a vida Ecclesiastica, que seguia, em que foy Thesoureiro mór da Sé do Algarve, e tinha outros Beneficios, casou no anno de 1717 na Cidade da Bahia,

hã, Estado do Brasil, com Dona Joanna da Sylva Guedes de Brito, herdeira de huma grande fazenda naquelle Estado, filha de Antonio da Sylva Pimentel, Senhor do Engenho de Azupe, e de D. Isabel de Sousa Guedes de Brito, e morreu em Lisboa a 25 de Junho de 1729, e não deixou successão.

20 D. HELENA morreu menina.

20 D. MARIANNA MASCARENHAS, que cegou de huma doença, e se recolheu no Mosteiro do Sacramento de Lisboa, onde foy Freira.

* 20 D. FILIPPE MASCARENHAS, nasceu em 7 de Julho de 1680, Senhor das Aldeas de Veroda, e Coculim, e de toda a mais Casa, e Commendas do Conde seu pay. Servio na guerra sendo Coronel de Infantaria, distinguindo-se no assalto de Valença de Alcantara no anno de 1705, em que foy rendida: faleceu a 13 de Mayo de 1735, havendo casado com D. Catharina Ursula de Lencastre filha dos II. Condes de Sarzedas; e a sua successão fica escrita no Livro VI. Capitulo V. pag. 246 do Tomo V.

* 18 D. MARIA CAETANA DE MENEZES nasceu a 15 de Agosto de 1653, filha de Dom Vasco Luiz da Gama I. Marquez de Niza, e da Marqueza D. Ignez de Noronha. Casou a 2 de Fevereiro de 1671 com Garcia de Mello de Torres II. Conde da Ponte, Alcaide mór de Terena, Commendador de Santa Maria de Montemôr o Novo, e S. Pedro,

Condes da Ponte.

Pedro Fins de Bragança na Ordem de Christo, que faleceu no anno de 1702, filho de Francisco de Mello de Torres I. Marquez de Sande, I. Conde da Ponte, do Conselho de Estado, e Guerra, Embaixador Extraordinario a Inglaterra, e França, hum dos mayores Ministros, que vio Europa no seu tempo; e de sua mulher, e sobrinha D. Leonor Manrique, filha herdeira de Affonso de Torres seu primo com irmaõ, Commendador de Montemôr o Novo, insigne Genealogico, e saõ os seus livros dos melhores, que nesta materia se tem escrito; deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

19 FRANCISCO DE MELLO, morreo menino.

* 19 ANTONIO JOSEPH DE MELLO DE TORRES Conde da Ponte.

19 JOSEPH DE MELLO DE TORRES, Cavalleiro de S. Joaõ de Malta.

19 FRANCISCO XAVIER DE MELLO foy Collegial do Collegio de S. Pedro de Coimbra, em que entrou em 21 de Outubro de 1718, Doutor em Canones, e Lente da dita faculdade na mesma Universidade, Conego de Evora: morreo moço a 23 de Agostto de 1721.

19 DONA IGNEZ FRANCISCA DE NORONHA, Freira Carmelita Descalça no Mosteiro de Evora.

19 D. JOANNA MARGARIDA DE MENEZES, que vive recolhida no Mosteiro das Commendadeiras de S. Bento de Aviz de Lisboa.

D.

19 D. LEONOR THERESA , Carmelita Descalça no Mosteiro dos Cardaes de Lisboa.

19 D. THERESA , Religiosa no Mosteiro do Sacramento de Lisboa.

* 19 ANTONIO DE MELLO DE TORRES nasceu a 13 de Junho do anno de 1686. He III. Conde da Ponte, Senhor das Villas de Sande, e da Ponte, Alcaide mór de Terena, Commendador das Commendas de S. Salvador de Fornellos, e Santiago de Grillo no Arcebispado de Braga, de S. Pedro Fins no Bispado do Porto, S. Miguel dos Fornos, e S. Martinho de Freixedas no de Viseu, Nossa Senhora dos Açougues de Evora, na Ordem de Christo; Vedor da Casa da Princeza do Brasil. Casou no anno de 1703 com D. Anna Maria Coutinho, Dama do Paço, filha de D. Luiz Alvares de Castro, II. Marquez de Cascaes, VII. Conde de Monsanto, do Conselho de Estado, &c. e da Marquiza D. Maria Joanna Coutinho, filha do I. Marquez de Marialva, e até ao presente não tem successão.

* 17 D. MARIA COUTINHO, filha primeira de D. Francisco Coutinho, IV. Conde da Vidigueira, e da Condessa Dona Leonor Coutinho sua segunda mulher, como dissemos. Foy Dama da Rainha D. Isabel de Borbon, mulher delRey D. Filippe IV. que foraõ Padrinhos do seu casamento, que se celebrou em publico no Paço de Madrid, sendo Ministro deste Sacramento o Patriarca de Indias; e assis-

Tom. X.

Zzz

tiraõ

Condes de Villa-Fran-
ca.

tiraõ com as Magestades a Infanta D. Maria, depois Rainha de Hungria, e Bohemia, e os Infantes D. Fernando, e D. Carlos seus irmãos.

Casou em o primeiro de Junho de 1628 com Dom Rodrigo da Camera, III. Conde de Villa-Franca, IX. Governador, e Donatario da Ilha de S. Miguel, Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe IV. e do Conselho delRey D. Joaõ IV. Commendador na Ordem de Christo: morreo no anno de 1672 no Cabo de S. Vicente no Reyno do Algarve. Era filho de D. Manoel da Camera, II. Conde de Villa-Franca.

* 18 D. MANOEL LUIZ BALTHASAR DA CAMERA, I. Conde da Ribeira Grande.

18 D. CARLOS GASPAR DA CAMERA nasceu a 4 de Novembro de 1632. Foy Arcediago de Fonte Arcada na Sé de Braga, Doutor em Theologia na Universidade de Coimbra, Collegial do Collegio de S. Pedro, em que entrou a 22 de Junho de 1660, e Lente de Theologia na dita Universidade, onde morreo em Agosto de 1666.

18 D. FRANCISCO BELCHIOR DOMINICO DA CAMERA nasceu a 12 de Agosto de 1639; morreo moço no anno de 1652.

18 D. VASCO DIOGO DA CAMERA nasceu a 14 de Novembro de 1634. Foy Sumilher da Cortina do Principe Dom Pedro, Regente; Lente na Universidade de Coimbra, com boa opiniaõ: morreo moço.

D.

18 D. LEONOR DE VILHENA nasceu a 12 de Abril de 1629; morreu estando contrahida para casar com D. Jorge de Ataíde, herdeiro da Casa da Castanheira.

18 D. EUFRASIA MONICA nasceu a 2 de Novembro de 1633.

18 DONA JOANNA DOMINICA nasceu a 23 de Mayo de 1635,

18 D. FRANCISCA DOMINICA ANTONIA nasceu ao primeiro de Janeiro de 1638. Freiras no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

* 18 D. MANOEL LUIZ BALTHASAR DA CAMERA nasceu a 5 de Janeiro de 1630, succedeo na Casa do Conde seu pay. ElRey D. Affonso IV. lhe mudou o titulo de Villa-Franca pelo do Conde da Ribeira Grande, por merce feita a 28 de Setembro de 1662, com todos os bens, que a sua Casa tinha de juro, para todos os seus descendentes, conforme a Ley Mental; assim foy VIII. Capitão General hereditario da Ilha de S. Miguel, e da Cidade de Ponta Delgada. Servio na guerra, e foy Mestre de Campo do Terço de Setuval; morreu a 29 de Dezembro do anno de 1673.

Condes da Ribeira Grande.

Casou com Dona Mecia de Mendoça, irmã do I. Marquez de Arronches, e do Cardeal de Sousa, Arcebispo de Lisboa, e Capellaõ mór, como se verá no Livro XIV. e tiverão os filhos seguintes:

* 19 D. JOSEPH RODRIGO DA CAMERA, II. Conde da Ribeira Grande.

Cl. Tom. X.

Zzz ii

D.

19 D. DIOGO DA CAMERA, morreo de tenra idade.

19 D. FRANCISCA DE MENDOÇA nasceu a 9 de Março de 1656. Casou em 5 de Agosto de 1676 com D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde de Atalaya, de quem daremos noticia no Livro XII.

19 D. IGNEZ DE MENDOÇA, Freira na Madre de Deos de Lisboa, onde se chamou Sor Ignez de Jesus.

19 D. MARIANNA DE MENDOÇA, Freira nas Carmelitas Descalças de Carnide, onde se chamou Sor Maria do Espírito Santo.

19 D. LEONOR DE MENDOÇA, que morreo de curta idade.

* 19 D. JOSEPH RODRIGO DA CAMERA nasceu na Ilha de São Miguel a 5 de Mayo de 1665. Foy II. Conde da Ribeira Grande, XI. Donatario, Governador, e Capitão General hereditario da Ilha de S. Miguel, onde viveo alguns annos, com toda a sua Casa; Ouvidor Geral da dita Ilha, Alcaide môr do Castello de S. Braz, Commendador das Commendas da Lezíria do Porto de Muja, e das Hervagens da dita Ilha de S. Miguel na Ordem de Christo. Foy Governador da Torre de Belem algum tempo, Gentil-homem da Camera do Infante D. Francisco, Deputado da Junta dos Tres Estados, e Presidente do Senado da Camera de Lisboa, nomeado no anno de 1717. Faleceo a 7 de Março de 1724.

Casou

Casou em 16 de Mayo de 1684 com D. Constança Emilia de Rohan, por Procuração, que teve o Duque de Rohan, no Palacio delRey de França Luiz XIV. que foy Padrinho, e a Rainha sua mulher Madrinha: faleceo em 17 de Setembro de 1709. Era irmã de D. Pelagia de Rohan, Condeſſa da Calheta, e filha de Francisco de Rohan, Principe de Soubize, e da Princeza Anna de Rohan sua segunda mulher, como diſſemos no Livro VIII. Capitulo II. §. I. pag. 236 do Tomo IX. Deste illustrissimo matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 20 DOM LUIZ DA CAMERA, III. Conde da Ribeira Grande.

20 D. MANOEL DA CAMERA nasceo a 6 de Junho de 1690, morreo de bexigas a 2 de Dezembro de 1707.

20 DOM FRANCISCO ESTEVAO XAVIER DA CAMERA nasceo na Cidade de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel em 3 de Agosto do anno de 1691. Estudou em Coimbra, onde foy Porcionista do Collegio de S. Pedro, em que foy aceito a 13 de Novembro de 1710, Conego da Santa Igreja Patriarcal; e largando a vida Ecclesiastica, passou a Castella, onde servio nas Guardas delRey, sendo dos que chamao Isentos, e depois Coronel de hum Regimento de Cavallaria, com que se achou em diversas Campanhas em Italia, acreditando sempre o seu valor, o seu esclarecido nascimento.. Faleceo em Madrid a 22 de Dezembro do anno de 1742. Casou:

fou com D. Francisca de Castro, filha de João Correa de Lacerda, Capitão de Cavallos na Corte, e de sua mulher D. Luiza Fontouro, de quem teve

21 D. JOSEPH DA CAMERA nasceu a 30 de Julho de 1721.

21 D. LUIZ ARMANDO DA CAMERA nasceu a 28 de Outubro de 1722, Cavalleiro de Malta; morreo na batalha de Monte Santo, junto ao rio Panaro na Lombardia, a 8 de Fevereiro de 1743.

20 D. DUARTE RODRIGO DA CAMERA nasceu na Cidade de Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, em 13 de Outubro de 1693. Foy Cavalleiro da Religião de Malta, em que não professou. Servio na ultima guerra com valor, sendo Capitão de Cavallos em hum dos Regimentos da Corte, e he V. Conde de Aveiras, por casar com D. Ignez Joachina da Sylva, V. Condesa de Aveiras, e herdeira desta grande Casa, Gentil-homem da Camera do Infante D. Francisco, a qual faleceo a 20 de Agosto de 1742, deixando unico a FRANCISCO DA SILVA TELLO E MENEZES VI. Conde de Aveiras, e XVI. Senhor de toda esta grande Casa, em que sua mãy havia succedido, como diffemos no Livro VI. Capitulo V. pag. 335 do Tomo V. e está concertado o seu casamento com D. Barbara Mecia da Gama, filha dos IV. Marquezes de Niza.

20 DOM CARLOS MATTHEUS DA CAMERA nasceu na dita Cidade de Ponta Delgada em 20 de Setembro do anno de 1701, e faleceo em 3 de Novembro de 1710. D.

20 D. VASCO DA CAMERA nasceu em Belem, junto a Lisboa, em 18 de Mayo de 1705. He Alcaide mór das Villas da Certão, e Pedrogão Pequeno, Commendador de S. Pedro de Babe na Ordem de Christo, Capitão de Cavallos, e Ajudante das Ordens do Governador das Armas de Alentejo o Conde de Atalaya, seu primo, e cunhado. Casou a 4 de Março de 1726 com D. Magdalena Luiza de Lencastre, Dama do Paço, filha de Pedro de Figueiredo de Alarcão, Senhor do Morgado de Ora, e de sua mulher D. Francisca Ignez de Lencastre e Noronha, filha de D. Miguel Luiz de Menezes I. Conde de Valadares, e de sua mulher D. Magdalena de Lencastre e Abranches, filha herdeira de Dom Alvaro de Abranches, Governador das Armas da Provincia do Minho, e do Conselho de Estado, &c. de quem tem tido os filhos seguintes:

21 D. FRANCISCA DA CAMERA nasceu a 27 de Outubro de 1726, e morreu a 20 de Março de 1729.

21 D. JOSEPH DA CAMERA nasceu a 25 de Janeiro de 1729, e morreu a 9 de Outubro de 1737.

21 D. CONSTANÇA DA CAMERA nasceu a 15 de Dezembro de 1730, e faleceu a 7 de Outubro de 1732.

21 D. PEDRO DA CAMERA nasceu ao primeiro de Junho de 1732.

21 D. HENRIQUE DA CAMERA nasceu a 20 de Julho de 1734, e morreu a 6 de Mayo de 1735.

D.

21 D. LEONOR DA CAMERA nasceu a 6 de Janeiro de 1736.

21 D. MARIA DA CAMERA nasceu a 23 de Fevereiro de 1737, e sendo baptizada, faleceu.

20 D. DIOGO DA CAMERA nasceu em Lisboa, como alguns dos seus irmãos, em 14 de Dezembro de 1706; e estudando em Evora no Collegio da Purificação, tomou com grande fervor a Roupeta da Companhia em 24 de Mayo de 1724, onde com louvavel exemplo segue o seu Santo Instituto.

20 D. ANNA XAVIER DE ROHAN nasceu a 3 de Março de 1686. Casou com D. Luiz Carlos de Menezes V. Conde da Ericeira, e I. Marquez de Lourical, como referimos no Capitulo V. do Livro VI. pag. 388 do Tomo V.

20 D. MARIA DE ROHAN nasceu a 13 de Julho de 1687, morreu pouco depois de nascida, tendo recebido a agua do Baptismo.

20 D. MECIA DE ROHAN, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, nasceu a 8 de Janeiro de 1689. Casou com seu primo com irmão D. Joaõ Manoel VI. Conde de Atalaya, de quem no Livro XII. desta Obra daremos noticia.

20 D. IGNEZ MARIA DE ROHAN nasceu na Cidade de Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, a 21 de Agosto de 1692; morreu na flor da idade.

20 D. ANTONIA MARIA DE ROHAN nasceu na Cidade de Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, em

em 18 de Junho de 1695. Casou com D. Henrique Francisco da Costa Conde de Soure, de quem adiante faremos menção.

20 D. LEONOR DE ROHAN nasceu a 6 de Junho de 1697, e faleceu pouco depois de baptizada.

20 D. LEONOR DE ROHAN nasceu a 23 de Agosto de 1699, faleceu estando recolhida no Mosteiro da Esperança de Lisboa em 30 de Dezembro de 1705.

20 D. IGNACIA XAVIER DE ROHAN nasceu também como os mais na Cidade de Ponta Delgada a 28 de Agosto de 1700. Foy Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. Casou com Dom Luiz de Portugal, Commendador de Cassella na Ordem de Santiago, como adiante diremos.

* 20 D. LUIZ DA CAMERA nasceu em Lisboa a 18 de Janeiro de 1685. Foy em vida de seu pay III. Conde da Ribeira Grande, em cuja Casa, e Commendas veyo a succeder; foy também Commendador de Torrados na Ordem de Christo, e Alcaide mór de Amieira: servio na guerra, e se achou na batalha de Almança, em que foy ferido, e depois prisioneiro no anno de 1707; e tendo occupado varios postos, foy Mestre de Campo General, e defendeo a Praça de Campo-Mayor do sitio, que no anno de 1712 lhe puzeraõ os Castelhanos, com admiravel successo, em que mostrou valor, e experiencia; desta acção corre huma Relação im-

Tom. X.

Aaaa

pressa

preſſa no anno de 1714, em que largamente ſe pôde ver o que o Conde neſta occaſiã obrou. Depois no anno de 1714 foy nomeado Embaixador Extraordinario a França; reſidio em Pariz mais de ſete annos com grande luzimento, e eſtimaçã, moſtrando em toda a parte o ſeu preſtímo; porque foy ornado de muitas virtudes, com que adquirio reputaçã; e voltando ao Reyno morreo a 3 de Outubro de 1723.

Cafou a 15 de Março de 1711 com a Condeſſa D. Leonor de Menezes, que o acompanhou na jornada de França, filha de D. Jeronymo Caſimiro de Ataide, IX. Conde de Atouguia, e da Condeſſa D. Marianna de Tavora. E deſte matrimonio nãſcerãõ os filhos ſeguintes:

* 21 D. JOSEPH DA CAMERA, adiante.

21 D. ARMANDO GASTAÕ JERONYMO CASIMIRO DA CAMERA nãſceo em Pariz a 26 de Setembro de 1715, e faleceo em Lisboa do terrivel mal de bexigas a 3 de Setembro de 1722.

21 D. LUIZ MIGUEL PEREGRINO DA CAMERA nãſceo em Pariz a 29 de Setembro de 1716, foy ſeu Padrinho ElRey Luiz XV. de França, e Madrinha a Duqueza de Orleans; o Cardeal de Rohan ſeu tio fez a cerimonia de lhe pôr os Santos Oleos na Capella Real do meſmo Rey. Eſtudou em Coimbra, e he Conego da Baſilica da Santa Igreja de Lisboa.

21 D. CARLOS FILIPPE DA CAMERA nãſceo em

em Pariz a 12 de Agosto de 1717, e foy seu Padrinho o Duque de Orleans, Regente daquella Monarchia, Madrinha a Duqueza Isabel Carlota de Baviera; faleceo de bexigas em Lisboa a 5 de Setembro de 1722.

21 D. GUIDO DA CAMERA nasceo em Pariz a 30 de Junho de 1718, he Conego da Basilica da Santa Igreja de Lisboa.

21 D. LUIZA LEONOR DA CAMERA nasceo em Pariz a 14 de Agosto de 1720, e morreo em Lisboa a 22 de Agosto de 1740.

21 D. JERONYMO CASIMIRO ANICETO DA CAMERA nasceo em Lisboa a 17 de Abril de 1722, e morreo a 19 de Novembro de 1723.

21 D. DUARTE MAXIMO MANOEL DA CAMERA nasceo em Lisboa a 29 de Mayo de 1723, e morreo a 12 de Julho do dito anno.

21 D. JOSEPH DA CAMERA nasceo a 23 de Mayo de 1712 na Corte de Lisboa. He IV. Conde da Ribeira Grande, XI. Donatario, e Capitaõ General hereditario da Ilha de S. Miguel, Ouvidor geral da dita Ilha, Alcaide mór do Castello de S. Braz, Commendador das Commendas de Porto de Muja, e das Hervagens na mesma Ilha, na Ordem de Christo, e Senhor de todos os mais Estados, em que succedeo a seu avô, e he Capitaõ de Dragoens na Provincia de Alentejo, e actualmente governa a dita Ilha, para onde passou com toda a sua Casa no anno de 1742.

Tom. X.

Aaaa ii

Ca-

Casou em 20 de Julho de 1728 com D. Margarida de Lorena, filha de Bernardo de Tavora, e de D. Joanna de Lorena, II. Condes de Alvor, e tiveraõ até o presente

22 D. LUIZ DA CAMERA, que nasceu a 25 de Dezembro de 1729, e faleceo em Outubro de 1734.

22 D. JOANNA DA CAMERA nasceu a 26 de Fevereiro de 1731, que he presumptiva herdeira desta grande Casa.

§. II.

*Alcaides mōres de Al-
sejatis.*

* 16 **D**ONA VIOLANTE DE ATAIDE, que foy primeira filha de D. Vasco da Gama III. Conde da Vidigueira, e da Condessa D. Maria de Ataide, como já deixamos dito. Casou com D. Alvaro de Menezes, Senhor de Alfayates, e do Reguengo de Arronches, Alcaide mōr de ambas estas Villas; tinha sido Pagem da Campainha del-Rey D. Sebastiaõ, e por morte de seu irmaõ Dom Luiz de Menezes, veyo a ser herdeiro de D. Aleixo de Menezes, Ayo delRey D. Sebastiaõ, aquelle prudente Varaõ, que tendo occupado na Corte os mayores lugares, deixou na nossa Historia honrada memoria, e de sua segunda mulher D. Luiza de Noronha, filha de D. Alvaro de Noronha, Governador de Azamor; e tiveraõ estes filhos:

17 D. ALEIXO DE MENEZES, que succedeo na

na Casa de seu pay, e foy Senhor de Alfayates, e do Reguengo de Arronches, e Alcaide mór das ditas Villas, e dos mais bens da Coroa, de que se lhe passou Carta de confirmação em 20 de Julho de 1594; e com admiravel resolução deixou tudo, e tomou o Habito do Patriarca S. Francisco.

17 D. MARIA DE ATAÍDE, que lhe succedeo no Morgado, que seu bisavô D. Alvaro de Noronha instituiu. Casou com Dom Pedro Manoel II. Conde de Atalaya, e da sua illustre posteridade daremos conta no Livro XII. como tambem da Casa dos Marquezes das Minas, em que por esta linha lhe entrou tambem o Real sangue da Casa de Bragança, que por evitar repetições omittimos, não só neste lugar, mas em muitos, como com pouco cuidado pôde perceber o Leitor.

* 17 D. LUIZA DE MENEZES, que foy segunda filha. Casou com Lourenço de Sousa da Sylva, Conde de Santiago. Aposentador mór delRey, Commendador de Santiago de Beduido, e de Guillhofrey na Ordem de Christo, Senhor da Villa de Alfayates, e do Reguengo de Arronches, por merce delRey D. Filipe III. quando vagaraõ para a Coroa, por se meter Frade seu cunhado. Esta Senhora depois de viuva, foy Dóna de Honor, e Guarda mayor da Rainha D. Luiza, e Aya dos Infantes seus filhos, e o foy depois da Infanta D. Isabel Josefa; e tiveraõ os filhos seguintes:

18 MANOEL DE SOUSA, que morreu menino.

ALEI-

Casa de Sylva, tom.
2. liv. 12. cap. 10.

* 18 ALEIXO DE SOUSA Aposentador mór.

* 18 MANOEL DE SOUSA DA SYLVA, de quem trataremos adiante.

18 D. VIOLANTE, D. ANNA, de quem não sabemos estado.

* 18 DONA FILIPPA DE MENEZES mulher de Ambrosio de Aguiar Coutinho da Camera.

* 18 ALEIXO DE SOUSA DE MENEZES, foy Aposentador mór delRey, e Commendador das Comendas, e mais Casa de seu pay, em que succedeo. Casou com D. Luiza de Tavora, filha de Luiz de Miranda Henriques, Estribeiro mór delRey, Commendador de Cabeço de Vide, Alter Pedrozo, e da Defeza do Hospital na Ordem de Aviz, e de D. Guiomar Guedes de Tavora, Senhora de Murça, Bruchaes, Val de Passô, e outras terras, filha de Pedro Guedes, Senhor de Murça, Governador da Relação do Porto, Presidente da Camera de Lisboa, e Vêdor da Fazenda delRey D. Philippe III. de quem teve unico

* 19 LOURENÇO DE SOUSA DE MENEZES succedeo na Casa de seu pay, foy I. Conde de Santiago de Beduido, por merce delRey D. Afonso VI. de que se lhe passou Carta a 12 de Novembro de 1667, que está no liv. 28 da sua Chancellaria, pag. 444, Aposentador mór delRey, Senhor de Estreita, e Commendador de Santiago de Beduido, e de Guilhofrey na Ordem de Christo. Servio na guerra com os pólos de Capitão de Cavalios, Mestre de

de Campo de Infantaria, General de Batalha do Exercito de Alentejo, e General da Cavallaria do Algarve, com grande satisfação. Morreo no anno de 1675; não possuio o Senhoiro da Villa de Alfayates, e o Reguengo de Arronches, em que pretendia succeder a sua avó D. Luiza de Menezes na merce, que lhe pertencia, por se não ter findo a demanda, que sobre esta merce lhe fez o Procurador da Coroa.

Casou duas vezes, a primeira com Dona Joanna da Sylva, Dama da Rainha Dona Luiza Francisca de Gusmao, filha de Joao de Saldanha da Gama, e de D. Margarida de Vilhena sua mulher, sem successão.

Casou segunda vez com D. Luiza Maria de Mendoça, Dama da dita Rainha, filha de Nuno de Mendoça II. Conde de Val de Reys, Alcaide mór da Cidade de Faro, e das Villas de Loulé, e Albufeira, Commendador de Armamar, e outras Commendas na Ordem de Christo, do Conselho de Estado, e Guerra, Gentil-homem da Camera do Principe D. Theodosio, Mordomo mór da Infanta D. Isabel, Governador do Reyno do Algarve, Presidente da Camera de Lisboa, e do Conselho Ultramarino, e da Condessa D. Luiza de Castro e Moura; e deste matrimonio nascerão estes filhos:

* 20 ALEIXO DE SOUSA DA SYLVA E MENEZES II. Conde de Santiago.

20 D. LUIZA DE MENEZES, Dama da Rainha

nha Dona Maria Sofia de Neoburg. Casou em 25 de Outubro de 1700 com D. Pedro de Castellobranco, III. Conde de Pombeiro, Capitão da Guarda de S. Magestade, Senhor de Bellas, &c. a qual morreu a 21 de Abril de 1707, sem successão.

20 D. VIOLANTE DE MENDOÇA, recolhida nas Commendadeiras da Ordem de Aviz na Encarnação de Lisboa, onde morreu moça.

* 20 ALEIXO DE SOUSA DA SILVA E MENEZES nasceu a 10 de Mayo de 1675, he II. Conde de Santiago, Senhor de Esterreja, Alcaide mór, e Senhor de Alfayates, e do Reguengo de Arronches, Alcaide mór de Erveredo, Padroeiro da Capella mór de Santa Cruz do Castello de Lisboa, Aposentador mór del Rey, Commendador de Santiago de Biduido, e de Santa Maria de Castello Bom na Ordem de Christo, Deputado da Junta dos Tres Estados, em que entrou em 7 de Setembro de 1715. Casou em Abril de 1695 com D. Leonor de Menezes, filha primeira de Dom Fernando Mascarenhas II. Marquez de Fronteira, III. Conde da Torre, do Conselho de Estado, Vedor da Fazenda, Presidente do Paço, Mordomo mór da Rainha D. Maria Anna de Austria, e da Marqueza D. Joanna Leonor de Menezes, filha de D. Jeronymo de Ataíde, Conde de Atouguia, do Conselho de Estado, &c. de quem tem tido larga successão.

21 D. MARIA morreu menina.

21 D. JOANNA DE MENEZES casou com D. Braz

Braz da Sylveira , Mestre de Campo General dos Exercitos de Sua Magestade , que governou as Armas da Provincia da Beira , do Conselho de Guerra , de quem em outro lugar faremos memoria.

21 D. LUIZA morreo menina.

21 D. ANTONIA , Freira na Esperança de Lisboa , morreo antes de professar.

21 LOURENÇO , }
21 FERNANDO , } morreraõ meninos.

21 D. N. . . . }
21 D. N. . . . } gemeas , morreraõ meninas.

21 D. VIOLANTE DE SAO BRAZ , Religiosa professa no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

21 D. ISABEL ,

21 D. JOACHINA ,

21 D. FRANCISCA , todas Freiras no dito Mosteiro.

21 LOURENÇO DE SOUSA DA SYLVA III. Conde de Santiago.

21 RODRIGO DE MOURA TELLES , foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra, Doutor em Canones , Arcediago de Barroso , e he Principal da Igreja de Lisboa , de que tomou posse a 15 de Janeiro de 1739.

21 FERNANDO DE SOUSA DA SYLVA , Prelado da Santa Igreja de Lisboa.

21 FRANCISCO MANOEL DA SYLVA , tambem Prelado na dita Igreja.

21 NUNO ALEIXO DE TAVORA , que he Co-
Tom. X. Bbbb nego

nego da Basilica Patriarcal da Santa Igreja de Lisboa.

21 JOAÕ DA SYLVA DE MENEZES, Conego na dita Basilica.

21 D. CATHARINA, que faleceo de curta idade.

21 JOSEPH DA SYLVA, que tambem morreo menino.

21 D. MAGDALENA, que tambem morreo em mantilhas.

21 D. ANNA CATHARINA DE MENEZES; Dama do Paço; casou a 4 de Julho de 1736 com Luiz de Saldanha, como dissemos no Liv. VI. pag. 304 do Tomo V.

* 21 D. LUIZA ROMUALDA DE MENEZES, casou a 5 de Agosto de 1737 com D. Antonio de Almeida, a qual com pouco tempo de casada, ficou viuva a 15 de Outubro do dito anno.

21 D. MARIA BARBARA DE MENEZES,

21 D. LUIZA,

21 D. JOSEFA,

21 D. THERESA,

21 ANTONIO DA SYLVA, que faleceraõ de tenra idade.

21 LOURENÇO ANTONIO DE SOUSA DA SYLVA DE MENEZES nasceo no anno de 1708, e he III. Conde de Santiago, e Capitaõ do Regimento de Dragoeiros da Provincia da Beira.

* 19 MANOEL DE SOUSA DA SYLVA, filho segundo

gundo do Aposentador mór Lourenço de Sousa, e de sua mulher D. Luiza de Menezes, como dissemos. Foy Commendador do Casal na Ordem de Aviz, e de S. Martinho do Bispo na Ordem de Christo; servio de Aposentador mór na menoridade de seu sobrinho Lourenço de Sousa de Menezes I. Conde de Santiago; foy Mestre Salla do Principe D. Theodosio, Vêdor da Casa da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya; morreo no anno de 1670.

Casou duas vezes, a primeira com D. Catharina de Menezes, filha de Antonio da Gama Lobo Pereira, Commendador de Santo André de Pinhel na Ordem de Christo, e de D. Helena Mascarenhas sua mulher, de quem não teve filhos.

Casou segunda vez com D. Joanna de Mendoça, filha herdeira de Diogo de Mendoça, Commendador do Casal na Ordem de Aviz, Governador, e Capitão General do Estado do Brasil, e de D. Maria da Cunha sua segunda mulher; e deste matrimonio teve

* 19 D. LUIZA MARIA DE MENDOÇA E EÇA.

19 D. MARIA MAGDALENA DE MENDOÇA casou no anno de 1670 com Lourenço de Mendoça, III. Conde de Val de Reys, de quem adiante daremos noticia.

* 19 D. LUIZA MARIA DE MENDOÇA E EÇA, *Senhores de Entre-rios, mem, e Cavado,* filha primeira, succedeo na Casa, e na merce da Commenda, que teve para seu casamento. Casou no anno de 1676 com Antonio Felix Machado II.

CGI Tom. X.

Bbbb ij Mar-

Marquez de Monte-Bello no Estado de Milão, Senhor de Entre-Homem, e Cavado em Portugal, Alcaide mór de Mourão, &c. que foy Governador de Pernambuco; e por este casamento Commendador, e Alcaide mór do Casal, e do Seixo do Ervedal na Ordem de Christo, filho de Felix Machado da Sylva e Vasconcellos I. Marquez de Monte-Bello, Senhor de Entre-Homem, e Cavado, Commendador de S. João de Couceiro na Ordem de Christo, e de D. Violante de Orofco, Dama da Emperatriz D. Maria, filha de D. Rodrigo de Orofco I. Marquez de Mortara, Governador de Alexandria de la Palha, e da Marqueza D. Viçoria Porcia, Dama da Rainha D. Margarida de Austria, e filha de Hermes, Conde de Porcia, e de Brugnara no Friuli, e da Condeffa Magdalena de Lamberg sua mulher, filha de João, Barão de Lamberg, e deste matrimonio nasceraõ estes filhos:

* 20 FELIX JOSEPH MACHADO.

20 MAMOEL DE SOUSA, foy Conego na Sé de Braga, e deixando a vida Ecclesiastica, seguiu a Militar, e morreo sem geração.

*Senhor da Torre de
Coelheiros,*

20 D. JOANNA DE MENDOÇA nasceo a 25 de Março de 1678. Casou com Simão de Mello Cogominho, Senhor dos Morgados da Porta, e da Torre de Coelheiros, e Mouras, que faleceo a 10 de Novembro de 1735.

21 João de Mello Cogominho nasceo a 25 de Setembro do anno de 1712, succedo nos Morgados;
e Casa

e Casa de seu pay, e faleceo no anno de 1741 a 21 de Outubro, havendo casado com Dona Theresia Anastasia de Sottomayor, de quem não teve successão.

21 ANTONIO DIOGO DE MELLO COGOMINHO, nasceu a 9 de Janeiro de 1715.

21 DIOGO DE MELLO COGOMINHO nasceu a 3 de Abril de 1717.

21 D. VICTORIA PORCIA DE MENDOÇA casou no anno de 1737 com João Rodrigo Brandaõ Pereira de Lacerda, que vive na Cidade do Porto.

* 20 FELIX JOSEPH MACHADO DE MENDOÇA CASTRO E VASCONCELLOS nasceu a 22 de Março de 1677. Foy VI. Senhor de Entre-Homem, e Cavado, Senhor de Jaraz, e outras terras; em Barroso de Villela, Honra de Pino, Paço em Lanhoso, Lugares de S. Fins, Matosinhos, Anhan-tes, Casales, Realengos, em Barroso de Scipioens, Sapelos, Bobadella, Sidaos, Nogueira, Villela, Tamega, e Dornellas, Alcaide mór de Mouraõ, Commendador, e Alcaide mór das Villas do Casal, e Seixo de Ervedal na Ordem de Aviz; servio na guerra do anno de 1703, e foy Coronel de hum Regimento de Infantaria, em que mostrou valor. Foy nomeado Governador de Pernambuco no anno de 1711, em que com desinteresse satisfez o pa-ra que ElRey o mandara àquella Conquista, so-ciegando as dissensões, que entre os moradores della se tinhaõ fomentado por discordias particulares.

Voltoou

Voltou ao Reyno, e faleceo a 15 de Julho de 1731. Casou a 23 de Julho de 1702 com Dona Eufrazia de Menezes, Dama da Rainha D. Maria Sofia, filha primeira de D. Luiz Balthazar da Sylveira, Vedor da Casa da Rainha Dona Maria Anna de Austria, Commendador na Ordem de Christo, e de D. Luiza Bernarda de Menezes, filha do I. Marquez das Minas; e deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

21 ANTONIO FELIX MACHADO nasceo a 7 de Junho de 1703, que morreo no anno de 1708.

* 21 LUIZ CARLOS MACHADO.

21 D. LUIZA VICENCIA PORCIA DE MENEZES nasceo a 5 de Abril do anno de 1709. Esteve recolhida no Mosteiro da Encarnação de Lisboa. Casou com Bernardino de Sousa Tavares e Tavora, a qual faleceo sobre parto a 3 de Outubro de 1741 com successão.

* 21 LUIZ CARLOS MACHADO nasceo a 3. de Outubro de 1704, succedeo na Casa de seu pay; morreo, havendo casado em 31 de Mayo de 1724 com D. Isabel Henriques, filha terceira de D. Jorge Henriques, Senhor das Alcaçovas, e de Dona Magdalena de Borbon sua mulher, filha dos III. Condes de Avintes, a qual depois de viuva casou com seu tio Dom Lourenço de Almeida, como diremos; e teve de seu primeiro marido

22 JOSEPH FRANCISCO DE PAULA MACHADO nasceo a 5 de Mayo de 1725.

JORGE

21 JORGE FRANCISCO DE PAULA MACHADO nasceu a 5 de Outubro de 1726.

22 D. MAGDALENA DE BORRÓN nasceu a 21 de Mayo de 1728.

22 N. . . . nasceu em 1729.

* 18 D. FILIPPA DE MENEZES, filha do Aposentador mór Lourenço de Sousa da Sylva, e de sua mulher D. Luiza de Menezes, como em seu lugar se disse.

Almotacés Mórtes

Casou duas vezes, a primeira com Ambrosio de Aguiar Coutinho e Camera, Senhor da Capitania do Espírito Santo no Brasil, e foy sua segunda mulher, a qual por sua morte casou com Francisco de Faria, Almotacé mór do Reyno, de quem não teve successão; e de seu primeiro marido teve

* 19 ANTONIO LUIZ COUTINHO DA CAMERA nasceu no anno de 1638, que foy unico, e succedeo na Casa, e Morgado de seu pay, e na Capitania do Espírito Santo, que vendeo à Coroa. Foy Almotacé mór do Reyno por renuncia, que com mercede del Rey fez nelle seu padraсто, e parente Francisco de Faria, Commendador de S. Miguel de Bobadella na Ordem de Christo; servio de Aposentador mór por seu primo o Conde de Santiago; servio nas Armadas, foy Capitão de Mar, e Guerra, Governador de Pernambuco, Capitão General do Estado do Brasil, e ultimamente Vice-Rey da India, para onde partio em 28 de Março de 1698. Todos estes lugares administrou com grande justiça, inteireza,

reza,

reza, e notavel desinteresse, virtude, que praticou toda a sua vida, que acabou, vindo da India, mais cortado das semrazoens, com que offenderaõ o seu brio, e pundonor, que sempre conservou illeso, do que por effeito dos annos, e dos achaques; morreo no anno de 1702 taõ cheyo de merecimentos, como de desgostos.

Casou em Janeiro de 1674 com D. Constança de Portugal, que morreo em o anno de 1678, filha de Luiz da Sylva Tello II. Conde de Aveiras, e da Condessa D. Maria de Portugal sua primeira mulher, filha do I. Marquez de Cascaes, de quem teve

* 20 JOAÕ GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO, Almotacé môr.

20 PEDRO GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO, que nasceo a 29 de Junho do anno de 1676, acompanhou de poucos annos a seu pay à Bahia, e depois à India; servio nas Armadas, e depois na guerra contra Castella; foy Coronel da Cavallaria, e Ajudante General, e se achou em muitas occasioens, em que se distinguio, mostrando naõ só valor, mas prestimo; depois da paz foy Coronel de hum Regimento de Infantaria da guarnição da Corte: embarcou particularmente na Armada, que foy ao Levante em soccorro dos Venezianos no anno de 1716, e em todas as occasioens adquirio reputação de valeroso, e soube conseguir applauso, e estimação na Corte, naõ só pelo seu nascimento, mas pelas

pelas partes, com que se ornou; porque sobre talento, ajuntou singular promptidão, e graça natural no modo de dizer, explicando-se grave, e discretamente sem affectação. ElRey lhe fez mercede do posto de General de Batalha no anno de 1741 com o governo das Armas do Minho, que actualmente exercita com geral satisfação.

20 LUIZ GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO foy Cavalleiro de S. João de Malta, e largando o Habito, passou a servir à India no anno de 1702, onde occupou os postos de Mestre de Campo de Infantaria de Goa, General da Provincia do Norte, Governador de Moçambique, e dos Rios de Sena; lá casou com D. Maria Coelho, filha de Nicolao Coelho da Costa, hum Fidalgo, que vivia em Damao, de quem não teve successão; morreu no anno de 1727.

* 20 JOAÕ GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO nasceu a 7 de Mayo de 1675; succedeo na Casa de seu pay, e he Almotacé mór do Reyno, Comendador de Santiago de Ronfe, S. Miguel de Bobadella, S. Salvador de Mayorca, todas na Ordem de Christo. Acompanhou a ElRey D. Pedro II. no anno de 1704 na Campanha da Beira, sendo não menos ornado de virtudes, que seu irmão, assemelhando-se muito a elle na discrição, graça, e promptidão. Casou em 19 de Mayo de 1698 com D. Luiza de Menezes, Dama da Rainha D. Maria Sofia de Neuburg, que faleceo a 8 de Abril de 1723, filha de D.

Tom. X.

Cccc

Lou-

Lourenço de Almada, Mestre Salla da Casa Real, e de D. Catharina Henriques sua mulher; e tiverão os filhos seguintes:

21 GONÇALO DA CAMERA COUTINHO, que morreo menino a 23 de Outubro de 1704.

21 ANTONIO CAETANO DA CAMERA COUTINHO, morreo menino.

21 LOURENÇO GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO, que he successor da Casa.

21 LUIZ GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO, que passou a servir à India, e lá tomou o Habito da Ordem de S. Francisco.

21 JOSEPH DA CAMERA, Religioso da Ordem dos Prégadores.

21 D. JOANNA CATHARINA DE MENEZES nasceu a 23 de Junho de 1700. Casou com Luiz Victorio de Sousa, Correyo mór do Reyno, de quem tem os filhos seguintes:

22 JOSEPH ANTONIO DE SOUSA COUTINHO DA MATTA, que succedeo na Casa, he Correyo mór.

22 DUARTE DE SOUSA COUTINHO,

22 D. MARIA DE CASTRO.

22 D. ISABEL CAFARO.

21 D. MARIA ROSA DE MENEZES casou em 25 de Fevereiro de 1726 com D. João Manoel de Menezes, filho herdeiro de D. Francisco Furtado de Mendoga, e de D. Margarida Machado da Sylva, filha de Ruy Pereira Sottomayor, Alcaide mór de Caminha, de quem tem successão

Lou-

21 LOURENÇO GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO successor do Almotacé mór, cujo officio já serve nos seus impedimentos.

Casou a 4 de Fevereiro de 1739 com D. Leonor Josefa de Tavora, sua prima com irmã, Dama da Rainha Dona Maria Anna de Austria, filha de D. Luiz de Almada, Mestre Salla da Casa Real, e de sua mulher D. Francisca Josefa de Tavora, de quem tem até o presente

22 D. FRANCISCA JOSEFA DE TAVORA, que nasceu a 27 de Dezembro de 1739.

22 JOÃO GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO nasceu em Mayo de 1742.

§. III.

* 15 **D**OM FRANCISCO DE PORTUGAL filho *Commendadores da*
segundo de D. Francisco de Gama II. *Fronteira.*
Conde da Vidigueira, e da Condesa D. Guiomar de Vilhena, como deixamos escrito, tomou o nome em memoria de seu avô o Conde D. Francisco. Foy Commendador da Fronteira na Ordem de Aviz, Estribeiro mór do Principe D. João, e de seu filho ElRey D. Sebastião, de quem foy também Vedor da Fazenda, seu Sumilher, e do seu Conselho de Estado; acompanhou ao dito Rey à Africa em ambas as jornadas, e ficando cativo na batalha de Alcace-re, morreo em Féz no anno de 1579.

Casou com Dona Luiza Giraldes, irmã de Francisco.

Tom. X.

Cccc ii

cisco

cisco Giraldes, Commendador da Ordem de Christo, Embaixador a França, e Inglaterra, do Conselho da Fazenda, e Governador do Brasil, filhos de Lucas Giraldes, Moço Fidalgo da Casa del-Rey, havidos em D. Margarida Paes, mulher nobre, filha de Bernardim Paes, e tiverão os filhos seguintes:

* 16 D. LUCAS DE PORTUGAL, Commendador da Fronteira.

16 D. JOÃO DE PORTUGAL passou com seu pay à Africa, e com elle foy cativo na batalha de Alcacere, e morreo em Féz.

16 D. SEBASTIAO DE PORTUGAL morreo moço.

16 D. FILIPPE DE PORTUGAL achou-se com seu pay, e irmãos na batalha de Alcacere, em que ficou cativo, e sendo resgatado morreo em Tangere.

* 16 D. VASCO DA GAMA, de quem se fará adiante memoria.

16 D. PAULO DA GAMA passou à India no anno de 1596 com seu primo o Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama: servio naquelle Estado; fez algumas viagens à China, e morreo em Malaca, tendo casado com D. Luiza da Sylva, filha de João da Sylva, Governador de Malaca, e de D. Ignez Freire, de quem não teve filhos; porém teve dous bastardos, que morrerão desgraçadamente, vindo da India, em huma nao, que se queimou junto à barra de Lisboa.

D.

16 D. MARGARIDA DE VILHENA casou com D. Diogo de Menezes, filho herdeiro de D. Fernando de Menezes, Alcaide môr, e Commendador de Castello-Branco na Ordem de Christo, e não tiveram successão.

16 D. CATHARINA DE ATAIDE casou duas vezes, a primeira com Fernão Gomes da Grãa, Guarda môr da Casa da India, e Armadas, de quem foy segunda mulher, sem successão. Casou segunda vez com Luiz Ribeiro Pacheco, Senhor do Morgado das Cachoeiras, Commendador de Santa Maria de Villa-Nova na Ordem de Christo, de quem teve unico a BERNARDIM RIBEIRO PACHECO, que morreu moço sem successão.

16 DONA MARIA DE PORTUGAL, Freira no Mosteiro de Odivellas da Ordem de S. Bernardo.

16 D. GUIOMAR DE VILHENA, Freira em S. João de Setuval da Ordem de S. Domingos.

16 D. FRANCISCA DE ATAIDE, Freira em Santa Clara de Lisboa da Ordem de S. Francisco.

* 16 D. LUCAS DE PORTUGAL acompanhou a seu pay na jornada de Africa, e junto com elle, e seus irmãos foraõ cativos na batalha de Alcacere; succedeo depois na Casa, foy Commendador de Fronteira na Ordem de Aviz, Senhor do Prazo da Marinha.

Casou com D. Antonia da Sylva, filha de D. Antão de Almada, Capitão môr de Lisboa, e de D. Vicencia de Castro, filha de Ruy Pereira da Sylva; Guarda

Guarda môr do Principe D. Joaõ, e de D. Isabel da Sylva, Senhora do Morgado de Monchique, e tiveraõ os filhos seguintes:

* 17 D. FRANCISCO DE PORTUGAL:

* 17 D. ISABEL DA SYLVA mulher de seu primo com irmão D. Antaõ de Almada, Senhor de Pombalinho. Teve bastardos.

17 D. ALVARO, Frade de S. Francisco.

17 D. JOAÕ, e D. VASCO DE PORTUGAL; que morreraõ moços sem geraçaõ.

17 D. MARGARIDA, e D. ARCHANGELA; que morreraõ Freiras em Estremoz.

* 17 D. FRANCISCO DE PORTUGAL foy Commendador da Fronteira na Ordem de S. Bento de Aviz; servio nas Armadas, e foy Capitão de Mar, e Guerra, e recusou ser Capitão môr das naos da India: achou-se no anno de 1625 na restauraçã da Bahia. Foy muy entendido, grande cortezaõ, e Poeta, como mostraõ as suas Obras, que imprimio em Madrid no anno de 1614 em hum Tomo de quarto, além de outras muitas Obras suas a diversos assumptos; a sua vida se imprimio no anno de 1652 em hum livro, que seu filho dedicou ao Principe D. Theodosio: morreo em Junho do anno de 1632.

Casou com D. Cecilia de Portugal, filha de Antonio Pereira de Berredo, Commendador de S. Joaõ da Castanheira, e de S. Gens de Arganil na Ordem de Christo, Governador, e Capitão General da Ilha da

Guerreiro, *Jornada*,
pag. 17.

da Madeira, e da Praça de Tangere, General da Armada de Portugal, e de D. Marianna de Portugal sua mulher, de quem teve os filhos seguintes:

18 D. LUIZ DE PORTUGAL, que succedeo na Casa de seu pay, e foy Commendador de Fronteira, e Mestre Salla da Casa Real, Deputado da Junta dos Tres Estados; muy celebre pela graça, e distincção, com que fallava, e pela promptidão no modo de dizer.

Casou com D. Filippa de Mello, filha de D. Francisco de Almeida, Commendador de S. Salvador de Ribas de Baço, e de Santa Maria de Mesquitella na Ordem de Christo, Governador, e Capitão General de Mazagaõ, e Ceuta, e de D. Angela de Mello sua mulher, filha de André Pereira de Miranda, Senhor de Carvalhaes, Ilhavo, e Verdemilho: deste matrimonio não teve successão, pelo que deixou por seu herdeiro a seu sobrinho D. Luiz de Portugal da Gama.

18 D. ANTONIO DE PORTUGAL, que foy Religioso da Ordem dos Prégadores.

18 D. DIOGO DE PORTUGAL servio nas Armadas, e morreo affogado na perdição do General Tristaõ de Mendoça, no anno de 1642 na Barra de Lisboa, sendo Capitão de Infantaria.

18 D. LOURENÇO DE PORTUGAL, Cavalleiro de S. Joaõ de Malta, que desgraçadamente mataraõ em huma noite de hum tiro em Lisboa a 15 de Março de 1657.

D.

18 D. CARLOS DE PORTUGAL, Frade da Ordem de Christo no Convento de Thomar.

18 D. MARIA DE PORTUGAL casou com D. Paulo da Gama, primo com irmão de seu pay, e da sua successão diremos adiante.

18 D. MARIANNA, e D. MAGDALENA DE PORTUGAL, não tomaraõ estado.

* 16 D. VASCO DA GAMA, filho quinto de D. Francisco de Portugal, Commendador de Fronteira, e de D. Luiza Giraldes sua mulher, passou à India, e lá servio, e casou duas vezes, a primeira com D. Maria Godim, filha de Antonio Godim, de quem teve

17 D. FRANCISCO DE PORTUGAL, que viveo na India, onde casou com D. Joanna da Sylva, filha de sua madrastra D. Maria do Amaral, e de seu primeiro marido Ruy Dias da Cunha, de quem teve duas filhas, que vindo da India, acabaraõ desgraçadamente na nao, de que era Capitaõ mór Vicente de Brito, que se perdeu na Costa de França no anno de 1627.

Casou segunda vez com D. Maria do Amaral, viuva de Ruy Dias da Cunha, e filha de Gaspar do Amaral, de quem teve

* 18 D. PAULO DA GAMA nasceu na India, e veyo para o Reyno, adonde succedeo no Morgado da Boa-Vista, instituido por D. Estevão da Gama, Governador da India, irmão de seu bisavô o II. Conde da Vidigueira, e faleceo a 8 de Outubro de 1660.

Casou

Casou com D. Maria Antonia de Portugal, filha de seu primo com irmão D. Francisco de Portugal, Commendador da Fronteira, como fica escrito, de quem teve

18 D. MARIANNA, nasceu no anno de 1653, e morreo sem estado.

18 D. VASCO DA GAMA nasceu em 1634; servio na guerra da Acclamação, e foy Capitão de Cavallos no Exercito de Alentejo, e se achou no sitio de Badajoz no anno de 1658; e pelo desafio, que teve com D. João Lobo da Sylveira, VIII. Barão de Alvito, seu primo terceiro, e sahindo ao campo cada hum com seu Padrinho, os tres ficaraõ mortos no campo, e D. Vasco muy mal ferido. Passou depois a Inglaterra, e de lá para a India no anno de 1660; e casou naquelle Estado com D. Isabel Corte-Real, filha de Manoel Corte-Real, que foy Governador da India, e de D. Francisca da Cunha sua segunda mulher, e morreo sem filhos.

18 D. FRANCISCO DE PORTUGAL nasceu em 1636; servio na guerra, e morreo moço a 27 de Abril de 1660.

18 D. ANTONIO DE PORTUGAL nasceu em 1637, morreo moço.

18 D. LUCAS DE PORTUGAL nasceu no anno de 1638, foy Religioso da Companhia, donde sahio, e foy Clerigo.

* 18 D. LUIZ DE PORTUGAL.

18 D. CECILIA DE PORTUGAL, que morreo
Tom. X. Dddd no

no anno de 1665, sendo casada com Diogo Luiz Ribcero Soares, Commendador na Ordem de Christo, sem successão.

* 18 D. LUIZ DE PORTUGAL nasceu em 1645; por morte de seus irmãos succedeo na Casa, e herdeiro de seu tio D. Lucas de Portugal, e foy Commendador da Fronteira: servio no tempo, que não havia guerra, e foy Capitão de Infantaria; morreo moço.

Casou no anno de 1675 com Dona Ignez da Sylva, que foy Senhora de Honor da Rainha D. Maria Anna de Austria; morreo a 8 de Março de 1729, filha de Dom Diogo de Almeida, Commendador de S. Salvador de Ribas de Basto, e de Santa Maria de Mesquitella na Ordem de Christo, e de D. Luiza Maria da Sylva sua mulher, filha de D. Antão de Almada. E deste matrimonio teve

19 D. MARIA MAGDALENA DE PORTUGAL, que succedeo na Casa, e na administração da mesma Commenda. Casou com Bernardo de Vasconcellos e Sousa, filho segundo dos III. Condes de Castello-Melhor, e da sua successão temos dito no Livro VIII. Capitulo II. pag. 293 do Tomo IX.

Senhores de Pombalinho.

* 17 D. ISABEL DA SYLVA filha de D. Lucas de Portugal, Commendador da Fronteira, e de D. Antonia da Sylva sua mulher, como fica dito no num. 16.

Casou com D. Antão de Almada seu primo com irmãos, Senhor de Pombalinho, e dos Lagares del-Rey

Rey junto a Lisboa, Commendador dos dous terços de S. Vicente de Vimioso na Ordem de Christo, Embaixador Extraordinario del Rey Dom João IV. (de quem foy hum dos principaes Acclamadores) a Carlos I. Rey de Inglaterra, aonde passou no anno de 1641, e voltando ao Reyno, servio com grande satisfação: faleceo em 1644. Deste matrimonio teve os filhos seguintes:

18 D. LOURENÇO DE ALMADA morreo na Armada, que se perdeu na Costa de França no anno de 1627, não tendo mais que vinte e dous annos.

* 18 D. LUIZ DE ALMADA:

18 D. ANDRÉ DE ALMADA, que foy Religioso da Ordem Militar de Christo no Mosteiro de Thomar.

18 D. LUIZ DE ABRANCHES servio muitos annos no Brasil, Indias, e Catalunha, e tambem contra Portugal por Castella, onde se deixou ficar no tempo da Acclamação del Rey D. João IV. em que seu pay teve tanta parte, e lá morreo solteiro.

18 DOM FRANCISCO DE ALMADA servio na guerra de Alentejo, e foy Capitão de Infantaria; foy prisioneiro na batalha de Montijo no anno de 1641. Depois tomou a Roupeta da Companhia de Jesus, em que viveo com muito exemplo. Foy Lente de Prima de Theologia no seu Collegio de Coimbra; morreo em Roma, sendo Assistente da sua Provincia, no anno de 1683.

*Franco, Synopsis An-
nal. Societ. Jesu, pag.
375.*

Tom. X.

Dddd ii

D,

18 D. MANOEL, D. ALVARO, e D. FERNANDO DE ALMADA morrerão moços.

18 D. VICENTE, D. LUCAS, e D. JOÃO DE ALMADA morrerão meninos.

* 18 D. ANTONIA DA SYLVA casou com Trifão da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Feres.

* 18 D. LUIZA MARIA DA SYLVA foy Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmão. Casou com D. Diogo de Almeida.

* 18 D. CATHARINA DE TAVORA casou com Antonio de Eça de Castro.

18 D. FRANCISCA, D. MARIA, D. VICENCIA, e D. JOANNA, que morrerão moças sem estado.

* 18 D. LUIZ DE ALMADA succedeo na Casa, foy Senhor de Pombalinho, Commendador na Ordem de Christo; e sendo Governador da Comarca de Coimbra morreo em Condeixa no anno de 1660. Casou duas vezes, a primeira com D. Anna de Vilhena, viuva de Simão de Mello de Sampayo, Commendador de S. Salvador do Campo de Neira na Ordem de Christo, e filha de D. Bernardino de Menezes, Commendador de Proença, e da Torre de Moncorvo na mesma Ordem, e de D. Lourença de Vilhena sua mulher, irmã do Aposentador môr Lourenço de Sousa da Sylva; porém deste matrimonio não teve successão.

Casou segunda vez com D. Luiza de Menezes, sobrinha de sua primeira mulher, que ficando viuva; casou

casou segunda vez com Francisco de Sá e Menezes; Vereador da Camera de Lisboa, herdeira de seu cunhado D. Francisco de Menezes, Alcaide mór, e Commendador de Proença, e de Moncorvo, e de D. Filippa de Mello, filha de Christovão de Almada, Senhor de Carvalhaes, Ilhavo, Verdemilho, Provedor da Casa da India. E deste matrimonio teve os filhos seguintes:

19 DOM ANTAO DE ALMADA E MENEZES, que tendo succedido na Casa de seu pay, morreu moço a 4 de Novembro do anno de 1669 sem casar.

19 D. FRANCISCO DE MENEZES morreu de pouca idade.

* 19 D. LOURENÇO DE ALMADA:

19 D. JOSEPH DE ALMADA foy Chantre de Viseu, e depois Arcipreste da Sé de Lisboa, Sumilher da Cortina dos Reys D. Pedro II. e D. João V. morreu nas Caldas no anno de 1709.

19 D. FILIPPA DE MELLO foy segunda mulher de seu tio Christovão de Almada, Senhor das Villas de Carvalhaes, Ilhavo, e Verdemilho, &c. com successão, que se verá no Capitulo XIII. do Livro XI.

19 D. ISABEL FRANCISCA DA SYLVA foy Dama da Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboya. Casou com Rodrigo Sanches Farinha e Bae-na, Commendador da Commenda de Santo André da Esgueira na Ordem de Christo, e Donatario de Seixo Amarello na Comarca da Guarda, Alcaide mór

môr das Ilhas do Fayal, e Graciosa, Senhor, e Administrador do Morgado da Quinta de Palma, Termo de Lisboa, que faleceu a 18 de Setembro de 1730, e tiveraõ unico a

20 MANOEL JOSEPH, que morreo moço sem estado.

* 19 D. LOURENÇO DE ALMADA succedeo a seu irmaõ D. Antaõ da Almada na Casa, foy Senhor de Pombalinho, e do Reguengo dos Lagares delRey, Commendador de S. Vicente de Vimioso, e Alcaide môr de Proença a Velha na Ordem de Christo, Mestre Salla dos Reys D. Pedro II. e D. Joaõ V. Foy Deputado da Junta dos Tres Estados, Governador da Ilha da Madeira, do Reyno de Angola, e ultimamente do Estado do Brasil, Presidente da Junta do Commercio; morreo a 2 de Mayo do anno de 1729.

Casou em 28 de Outubro de 1671 com D. Catharina Henriques Dama da Rainha D. Maria Francisca, e faleceu a 16 de Mayo de 1721, filha de Dom Joaõ de Almeida, Vêdor da Casa Real, e de D. Violante Henriques, irmãa do III. Conde dos Arcos. E deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

* 20 D. LUIZ DE ALMADA.

20 D. JOAÕ DE ALMADA, que foy Conego da Sé de Lisboa, Cavalleiro da Ordem de Christo; morreo a 26 de Julho de 1725.

20 D. ANTAÕ, e D. FRANCISCO morreraõ meninos.

D.

* 20 D. VIOLANTE HENRIQUES, Dama do Paço, casou com Tristaõ de Mendoça, Commendador de Santa Maria da Vanca na Ordem de Christo, de quem adiante se fará mençaõ.

20 D. LUIZA DE MENEZES, Dama do Paço, casou com Joaõ Gonçalves da Camera, Almo-cé mór do Reyno, como fica dito.

20 D. JOANNA MARIA DE PORTUGAL casou em 2 de Fevereiro de 1702 com Joaõ Pedro Soares, Provedor da Anfandegas de Lisboa, a qual morreo sem successão.

* 20 D. LUIZ DE ALMADA servio nas Armas, foy Capitaõ de Mar, e Guerra, e depois Mestre de Campo de Infantaria da Cidade do Porto, posto com que servio na guerra. Quando o Marquez de Arronches foy por Embaixador à Alemanha, passou à Corte de Vienna D. Luiz na sua companhia por ordem delRey D. Pedro; e depois de ter corrido varias Cortes de Europa, se recolheo ao Reyno. Foy Mestre Salla da Casa Real, Senhor de Pombalinho, e dos Lagares delRey, Alcaide mór de Proença, Commendador de S. Miguel de Acha, e do Vimioso na Ordem de Christo; morreo a 21 de Dezembro de 1735.

Casou duas vezes, a primeira em 18 de Fevereiro de 1703 com D. Francisca Josefa de Tavora, filha de Tristaõ Antonio da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Pires, e de D. Leonor Thomasia de Tavora, irmã do II. Marquez de Tavora, de quem teve
D.

* 21 D. LOURENÇO DE ALMADA, adiante.

21 D. MARIA JOSEFA DE TAVORA, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, e Camerista do Infante D. Pedro; faleceu a 30 de Julho de 1731.

* 21 D. LEONOR JOSEFA DE TAVORA nasceu a 2 de Fevereiro de 1711, foy Dama da mesma Rainha. Casou em 4 de Fevereiro de 1739 com seu primo com irmão Lourenço Gonçalves da Camera Coutinho, filho herdeiro de João Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacé mór do Reyno, como dissemos.

21 D. JOSEPH DE ALMADA nasceu a 20 de Janeiro de 1712, e he Capitão de Infantaria de hum dos Regimentos da Corte.

Casou segunda vez com D. Violante de Portugal, sua prima com irmã, viuva de João Sanches de Bacna, e filha de D. Luiz de Almeida, e de D. Maria Josefa de Mello, filha do I. Conde das Galveas, a qual faleceu a 10 de Outubro de 1730, de quem teve

21 D. FRANCISCO JOSEPH DE ALMADA nasceu a 31 de Dezembro de 1716.

21 D. ANTAO DE ALMADA nasceu a 19 de Abril de 1718. Estuda em Coimbra, e he Porcionista do Collegio de S. Paulo.

21 DOM DINIZ DE ALMADA nasceu a 15 de Março de 1720, e morreu menino.

21 D. ANNA LUDUVINA DE ALMADA E PORTUGAL nasceu a 14 de Junho de 1722.

D.

21 D. ANGELA JOACHINA DE ALMADA E PORTUGAL nasceu a 12 de Outubro de 1723.

21 D. LUIZA, que nasceu a 17 de Setembro de 1725, e morreu a 13 de Março de 1731.

21 D. CATHARINA HENRIQUES DE ALMADA nasceu a 2 de Abril de 1727.

21 DOM DINIZ DE ALMADA nasceu a 7 de Mayo de 1728, segue as letras, e he Porcionista do Collegio de S. Paulo de Coimbra.

* 21 D. LOURENÇO JOSEPH DE ALMADA nasceu a 20 de Setembro de 1705, succedeo na Casa de seu pay.

Casou com sua prima com irmã D. Maria de Penha de França de Mendoça, Dama do Paço, filha de Tristaõ de Mendoça, Commendador de Avanca, e de sua segunda mulher D. Violante Henriques, de quem teve unica a

22 D. VIOLANTE DE ALMADA HENRIQUES, que nasceu a 8 de Julho de 1722.

* 20 D. VIOLANTE HENRIQUES, filha primeira de D. Lourenço de Almada, e de D. Catharina Henriques.

Casou com Tristaõ de Mendoça de Albuquerque, Commendador de Avanca na Ordem de Christo, que servio na guerra, e occupou varios póstos; e ultimamente foy Tenente General da Cavallaria da Provincia da Estremadura: morreu no anno de 1727, de quem teve

20 ANTONIO DE MENDOÇA, que casou em
Tom. X. Eccc vida

vida de seu pay em 17 de Junho de 1714, e morreo sem deixar geraçã de sua mulher, e prima Dona Theresã de Noronha, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, e filha de D. Bernardo de Noronha, e de D. Maria Antonia de Almada, Senhora das Villas de Carvalhaes, e Ilhavo, &c. a qual ficando viuva, casou segunda vez com Sebastião Joseph de Carvalho, que he actualmente Enviado na Corte de Londres.

21 LOURENÇO DE MENDOÇA FURTADO E ALBUQUERQUE casou com D. Ignez Joanna de Vilhena, filha de D. Antonio Carcamo, e de D. Josefa de Vilhena, filha de D. Lourenço de Sottomayor, e de sua mulher D. Ignez de Vilhena, de quem teve

22 D. JOSEFA, que nasceu no anno de 1733.

22 D. VIOLANTE MARIA CATHARINA nasceu a 3 de Abril de 1737.

21 JOSEPH DE MENDOÇA.

21 LUIZ DE MENDOÇA.

21 D. MARIA DE PENHA DE FRANÇA DE MENDOÇA, que casou, como já dissemos, com seu primo D. Lourenço de Almada.

Morgado de Payo Pires.

* 18 D. ANTONIA DA SILVA, filha primeira de D. Antão de Almada, Senhor de Pombalinho, e de D. Isabel da Silva sua mulher. Casou com Tristão da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Pires, e das Cachoeiras, filho de Luiz da Cunha, Senhor do dito Morgado, e de D. Joanna de Meneses, filha de Bernardim Ribeiro Pacheco, Senhor

nhor do Morgado das Cachoeiras , Commendador de Villa-Cova na Ordem de Christo , Capitaõ môr das naos da India , e de Dona Maria de Vilhena sua mulher , filha de D. Manoel de Menezes , que no anno de 1495 era Camereiro môr , e Governador da Casa do Senhor D. Duarte , filho do Infante Dom Duarte , o qual era filho de D. Jorge de Menezes , Senhor de Cantanhede ; e tiveraõ os filhos seguintes :

19 LUIZ DA CUNHA morreo moço , sem succeder na Casa de seu pay , em 26 de Mayo de 1644 na batalha de Montijo.

19 MANOEL DA CUNHA.

19 MATHIAS DA CUNHA , servio na guerra , e foy Capitaõ de Cavallos , e Commissário da Cavallaria , e Coronel do Regimento da Armada , depois Governador do Rio de Janeiro , e ultimamente Governador , e Capitaõ General do Estado da Bahia , onde morreo.

19 D. ISABEL DA SYLVA casou com D. Manoel de Soufa e Sylveira , Alcaide môr , e Governador de Thomar na Ordem de Christo , e da de Orlhas , e Pias , que servio na guerra de Alentejo , e era filho de D. Joaõ de Soufa da Sylveira , appellido , de que ufou por succeder no Morgado de seu avô materno Luiz da Sylveira , e foy Commendador , e Alcaide môr de Thomar , e casado com D. Joanna da Sylva , filha de D. Diogo de Menezes , Governador do Brasil : naõ teve deste matrimonio

Tom. X.

Eccc ii

filhos

filhos D. Manoel de Sousa, pelo que os seus Morgados passaraõ a sua irmã D. Elvira de Mendoça, Condessa de Pontével, que fundou, e dotou com religiosa piedade a Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, huma das Parochias da Cidade de Lisboa.

* 19 MANOEL DA CUNHA foy Senhor do Morgado de Payo Pires, e Védor da Casa da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya; morreo a 7 de Março de 1693. Casou com D. Francisca Joanna de Albuquerque, Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, irmã de Simaõ Correa da Sylva, VII. Conde da Castanheira, do Conselho de Estado, e Védor da Fazenda, e filha de Martim Correa da Sylva, Alcaide mór de Tavira, e Commendador de Santiago de Penamacor, e de outras da Ordem de Christo, Governador de Mazagaõ, e do Algarve, e de Dona Violante de Albuquerque sua mulher: nasceraõ deste matrimonio a filha, e filho, que se segue.

20 D. VIOLANTE DE ALBUQUERQUE morreo moça sem chegar a tomar estado.

* 20 TRISTAÕ ANTONIO DA CUNHA nasceo no anno de 1663. Foy Cavalleiro na Ordem de Santiago, e Commendador de Santa Maria de Tavira na dita Ordem, e de Santa Maria de Nine na Ordem de Christo; morreo em vida de seu pay em 4 de Março de 1693.

Casou no anno de 1681 com D. Leonor Thomasia
ce

de Tavora, e morreo a 12 de Agosto de 1725, filha de Luiz Alvares de Tavora, 1. Marquez de Tavora, e da Marqueza Dona Ignacia de Menezes, de quem teve os filhos seguintes:

* 21 MANOEL IGNACIO DA CUNHA.

21 LUIZ ALVARES DE TAVORA nasceu em 1684, morreo moço em 25 de Março de 1716.

21 MATHIAS DA CUNHA nasceu no anno de 1687, servio na guerra contra Castella; achou-se no sitio de Badajoz em Outubro de 1705, em que humma bala de artilharia lhe levou a perna esquerda, em attençaõ do que ElRey Dom Pedro lhe deu a Commenda de S. Martinho de Moreira na Ordem de Christo, e depois foy Coronel de Infantaria: feita a paz com Castella, passou à Alemanha a servir na guerra ao Emperador Carlos VI. e se achou nas batalhas de Temesvar, e Belgrado, e em outras occasioens; e depois na guerra de Italia, servindo sempre com valor, e estimagaõ, foy General de Batalha, e he Mestre de Campo General dos Exercitos da Rainha de Hungria, em cujo serviço ficou depois da morte do Emperador seu pay.

21 D. FRANCISCA JOSEFA DE TAVORA nasceu no anno de 1689, casou com D. Luiz de Almada, como já diffemos.

21 D. VICENCIA DE MENEZES morreo antes de chegar a tomar estado; e D. ANNA LEONOR DE TAVORA nasceu em 1691, que foy a ultima, morreo de curta idade.

* 21 MANOEL IGNACIO DA CUNHA DE MENEZES nasceu em 1682. He Senhor do Morgado de Payo Pires, e das Cachoeiras, Commendador de Santa Maria de Nine, e de S. Pedro de Marialva na Ordem de Christo, e de Santa Maria de Tavira na de Santiago, Alcaide mór de Tavira, e Senhor dos Salgados da dita Cidade, e da de Lagos. Servio na guerra sendo Coronel do Regimento de Infantaria da Praça de Almeida, e se achou nos sitios de Salya-terra, e Badajoz, e em outras occasioens de honra. Casou em Fevereiro de 1706 com D. Theresá Josefa de Menezes, que faleceu a 9 de Agosto de 1724, filha de Dom Joseph de Menezes, Governador da Torre Velha, Védor da Casa das Rainhas D. Maria Sofia, e D. Maria Anna de Austria, e de D. Brites de Mendoga sua mulher, filha de Henrique de Sousa Tavares I. Marquez de Arronches, &c. e deste matrimonio nascerão estes filhos.

22 D. BRITES DE MENEZES nasceu em 1707, faleceu sem estado.

22 D. LEONOR BENTA DE MENEZES, que nasceu em 11 de Julho de 1708.

* 22 JOSEPH FELIX DA CUNHA DE MENEZES com quem se continúa.

22 D. IGNACIA BRIZIDA DE MENEZES nasceu a 8 de Outubro de 1711.

* 22 JOSEPH FELIX DA CUNHA DE MENEZES nasceu a 20 de Dezembro de 1712, he Capitão de Infantaria no Regimento de Setuval. Casou a 2 de Mayo

Mayo de 1740 com D. Constança de Menezes, filha de D. Luiz de Menezes I. Marquez de Lourical, de quem tem

23 D. ANNA DA CUNHA, que nasceu a 24 de Fevereiro de 1741.

23 MANOEL DA CUNHA DE MENEZES, que nasceu a 13 de Janeiro de 1742.

23 LUIZ DA CUNHA nasceu a 16 de Mayo de 1743.

* 18 D. LUIZA MARIA DA SYLVA, filha segunda de D. Antão de Almada, e de D. Isabel da Sylva sua mulher; foy Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmão. Casou com D. Diogo de Almeida, Commendador de S. Salvador de Ribas de Basto, e de Santa Maria de Mesquitella, e da de duas Igrejas, todas na Ordem de Christo; morreu em Fevereiro de 1696: filho herdeiro de D. Francisco de Almeida, Commendador das mesmas Commendas, Governador, e Capitão General das Praças de Mazagaõ, e de Ceuta, irmão de D. Luiz de Almeida, avô do I. Conde de Avintes, e tiveram as filhas seguintes:

Commendadores de Ribas de Basto,

19 D. ISABEL DA SYLVA filha primeira, e herdeira da Casa de seu pay, e na administração das ditas tres Commendas por merce delRey D. Pedro II. Casou duas vezes, a primeira no anno de 1668 com D. Miguel da Sylveira, Alcaide môr da Cidade da Guarda, Commendador de S. Pedro Fins, e de outra Commenda na Ordem de Christo; foy
Capitão

Capitão de Cavallos da Guarda de seu primo, e cunhado o Marquez de Tavora, e Tenente General da Cavallaria da Provincia de Traz os Montes. Morreo a 16 de Julho de 1692; e ficando viuva sem successão, casou segunda vez com Francisco de Tavora I. Conde de Alvor, do Conselho de Estado, Presidente do Conselho Ultramarino, tambem sem successão.

* 19 D. ANGELA DE MELLO Viscondessa de Affeca, mulher do Visconde Martim Correa de Sá, adiante.

19 D. IGNACIA DA SYLVA morreo sendo Dama da Rainha D. Maria Francisca.

19 D. IGNEZ DA SYLVA casou com D. Lucas de Portugal, Commendador da Fronteira, de quem temos dado noticia.

19 D. MARIA DA SYLVA, que depois de ser Freira em Santos, passou para o Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa da primeira Regra de Santa Clara.

19 D. CECILIA DA SYLVA Freira em Santos da Ordem de Santiago; foy cega, e morreo a 15 de Fevereiro do anno de 1728.

Visconde de Affeca.

* 19 D. ANGELA DE MELLO, que depois de viuva foy Senhora de Honor da Rainha D. Maria Sofia; faleceo a 6 de Setembro de 1720. Casou em Agosto de 1666 com Martim Correa de Sá I. Visconde da Ponte de Affeca, o qual tendo servido na guerra, e achado nas batalhas do Ameixial, e
de

da Casa Real Portug. Liv. X. 629

de Montes-Claros, foy feito Visconde no anno de 1666. Morreo em Setuval no anno de 1674 sendo Coronel do Regimento de Infantaria daquella Villa. Era filho de Salvador Correa de Sá e Benavides, Alcaide môr do Rio de Janeiro, Commendador das Commendas de S. Salvador da Alagoa, e S. João de Cassia na Ordem de Christo, Governador de Angola, que restaurou do poder dos Hollandezes; duas vezes Governador do Rio de Janeiro, General da Armada do Commercio; do Conselho de Guerra: faleceo em o primeiro de Janeiro de 1688, e jaz na Sacriltia do Mosteiro dos Carmelitas Descalços de Nossa Senhora dos Remedios; e de D. Catharina de Velasco sua mulher. Deste matrimonio nascerão estes filhos:

20 SALVADOR CORREA DE SA' foy II. Visconde de Affeca, e succedeo na Casa de seu avô, e foy Alcaide môr do Rio de Janeiro, e Commendador na Ordem de Christo nas ditas Commendas; morreo moço, sem casar.

* 20 DIOGO CORREA DE SA' III. Visconde de Affeca.

* 20 D. MARIA ANTONIA DA SYLVA casou com Martinho de Sousa de Menezes, Copeiro môr.

20 D. THERESA DA SYLVA, Freira Carmelita Descalça no Mosteiro de Santo Alberto de Lisboa, aonde foy Priora.

20 D. MARIA ANTONIA DA SYLVA, foy Dama da Rainha D. Maria Sofia de Neoburg, a qual
Tom. X. Ffff fale-

faleceo no anno de 1708. Casou em 27 de Julho de 1698 com Martinho de Sousa de Menezes, V. Copeiro mór, Alcaide mór da Guarda, Comendador de S. Pedro de Calvello, de Santiago de Caçadora na Ordem de Christo, Padroeiro do Convento dos Capuchos do Soveral, e III. Conde de Villa-Flor, em que succedeo por ser filho de Luiz de Sousa, IV. Copeiro mór, Alcaide mór da Guarda, e de sua mulher D. Marianna de Noronha, filha de D. Sancho Manoel I. Conde de Villa-Flor, do Conselho de Estado, e Guerra, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, a quem ElRey D. Affonso VI. creou Conde; e faltando a successão masculina, o pertendeo seu neto o Copeiro mór, e alcançou por huma demanda, em que venceu ao Procurador da Coroa, por ser este titulo dado de juro, e herdade, dispensando na Ley Mental ao Conde D. Sancho seu avô, e faleceo a 11 de Novembro de 1733; e teve da Condeffa D. Maria Antonia, sua primeira mulher, os dous filhos seguintes:

* 21 LUIZ MANOEL DE SOUSA.

21 D. ANNA MARIA DA SYLVA, Religiosa no Mosteiro de Sacavem da primeira Regra de Santa Clara.

* 21 LUIZ MANOEL DE SOUSA DE MENEZES, he IV. Conde de Villa-Flor, VI. Copeiro mór, e Senhor de toda a mais Casa de seu pay, &c. Casou em Fevereiro de 1724 com D. Antonia Henriques,

ques, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de D. Jorge Henriques, Senhor das Alcaçovas, e de sua mulher D. Magdalena de Borbon, filha dos II. Condes de Avintes, de quem tem

21 ANTONIO DE PAULA MANOEL DE SOUSA DE MENEZES, que nasceu a 12 de Janeiro de 1725, e

21 JORGE FRANCISCO MANOEL DE SOUSA, que nasceu a 15 de Novembro de 1726.

20 DIOGO CORREA DE SA, he III. Visconde de Affeca, Commendador das Commendas de S. Salvador de Minhotas, e de S. João de Cassia no Bispado de Coimbra, Senhor de Tanquinhos, e do Couto de Penaboa, e das Villas de S. Salvador, e S. João no Brasil, Alcaide mór de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Foy Academico da Academia dos Generosos, em que a sua Musa foy huma das mais applaudidas entre os insignes Poetas, que nella concorrerão; porque o Visconde além de discricião, e graça natural, foy sempre applicado às Sciencias, e Historia; e assim he hum dos Socios do numero da Academia Real da Historia, que ElRey nomeou, quando se instituiu no anno de 1721; da sua eloquencia se vem nas Collecções da mesma Academia diversas Obras.

Casou em 10 de Abril de 1697 com D. Ignez de Lencastre, filha de Luiz Cesar de Menezes, Alferes mór de Portugal, e de D. Marianna de Lencastre, filha de D. Rodrigo de Lencastre, Commendador

Tom. X.

Ffifii

dador

dador de Coruche. E deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

21 MARTIM CORREA DE SA'.

21 LUIZ JOSEPH CORREA nasceo a 15 de Novembro de 1698. Foy Porcionista do Collegio de S. Pedro da Universidade de Coimbra, e depois de ter feito os primeiros actos, largou esta vida pela Militar: passou ao Rio de Janeiro, onde sentou praça, e voltando ao Reyno, continuou o serviço, e he Capitão de Infantaria do Regimento da Marinha.

21 SALVADOR CORREA DE SA' nasceo a 24 de Março de 1701, entrou na Religião de S. Jeronymo de curta idade; e assim que professou, foy mandado para o seu Collegio de Coimbra, onde estudou Filosofia, e Theologia com tal aproveitamento, que ficou capaz de a ensinar; graduou-se Doutor em Theologia na Universidade da dita Cidade, e he oppositor às Cadeiras da sua faculdade, em que ostentou, em diversas opposições, com applauso; foy Lente de Prima de Theologia no seu Collegio da dita Universidade; he Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Synodal do Patriarcado, Consultor da Bulla da Cruzada, e Geral da sua Ordem, eleito em 16 de Abril de 1742, ornado de prudencia, e acobalhimento para com os subditos, de erudição sagrada, e profana nas Academias.

21 JOSEPH CORREA DE SA' nasceo a 16 de Julho

Julho de 1704, e quando cumpria vinte annos, passou a servir à India, onde occupou os postos de General da Provincia de Bardez, Governador dos Rios de Sena. Casou naquelle Estado com D. Maria Caetana Juliana Telles de Menezes, filha primeira de Ruy Telles de Menezes, como já disse-mos a pag. 319 do Tomo V. de quem tem successão.

20 D. MARIANNA DE LENCASTRE nasceu no primeiro de Novembro de 1721, morreu sem estado.

21 D. ANGELA JOANNA DE MELLO nasceu a 14 de Dezembro de 1706. Casou com D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho, pertencor à Casa da Feira; deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

22 D. ALVARO PEREIRA, que morreu de tenra idade. — D. DIOGO PEREIRA FORJAZ COUTINHO nasceu a 23 de Mayo de 1726. — D. RODRIGO FORJAZ PEREIRA nasceu ao primeiro de Setembro de 1727. — D. MANOEL PEREIRA, e D. IGNEZ MARIA ISABEL DE LENCASTRE, que ambos morrerão de tenra idade, e outros.

21 FRANCISCO CORREA DE SA' nasceu em 25 de Agosto de 1708, Religioso de S. Jeronymo no Mosteiro de Belem.

21 D. ANNA JOACHINA DE LENCASTRE nasceu a 20 de Março de 1710. Casou em 9 de Julho de 1732 com João Pereira da Cunha Feiraz, do
ordm. Com.

Conselho de Sua Magestade, e seu Secretario de Guerra, Commendador na Ordem de Christo, &c. que faleceo a 13 de Abril de 1738 sem successão.

21 D. THERESA DE LENCASTRE nasceu a 15 de Setembro de 1711. Casou a 28 de Dezembro de 1732 com Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, que servio no Paço de Moço Fidalgo à Rainha D. Maria Anna de Austria, Alcaide mór de Sines, Senhor do Couto de Oucil, e das Villas de Santo Antonio de Alcantara, e Santa Cruz de Cammuna no Estado do Maranhão, e Capitão General dellas, Commendador de Santa Maria da Villa de Cea, S. Martinho das Moutas, e Santo Ildefonso de Val de Telhas, todas na Ordem de Christo, a qual faleceo a 30 de Outubro de 1733 sobre parto da filha, que lhe nasceu no referido anno.

21 CAETANO CORREA DE SA' nasceu a 20 de Novembro de 1712. Passou a servir à India no anno de 1727, e lá teve o posto de Capitão de Mar, e Guerra, e casou com D. Francisca Pereira de Lacerda.

21 SEBASTIAO CORREA DE SA' nasceu a 17 de Janeiro de 1714, e casou na Villa de Guimarães, na Provincia do Minho, a 16 de Agosto de 1734 com D. Clara de Aboim de Amorim Pereira de Brito, filha herdeira de D. Lourenço de Amorim, Commendador de Ayres na Ordem de Christo, Alcaide mór de Monção, Sargento mór de hum Regimento de Cavallaria, de quem tem
D.

22 D. IGNEZ LUIZA DE LENCASTRE, que nasceu a 16 de Mayo de 1735. — D. MARIA ANTONIA nasceu a 16 de Julho de 1736. — D. MARIANNA ANTONIA DE LENCASTRE nasceu a 16 de Julho de 1736. — D. LUIZA JOANNA, nasceu a 13 de Outubro de 1737. — JOAÕ CORREA DE SA' nasceu a 24 de Junho de 1739. — LOURENÇO MANOEL nasceu a 5 de Março de 1741. — D. ANNA JOACHINA nasceu a 5 de Outubro de 1742.

21 MANOEL CORREA DE SA' nasceu a 9 de Agosto de 1716, morreu de tenra idade.

21 D. ROSA MARIA DE VITERBO DE LENCASTRE nasceu a 14 de Setembro de 1718. Casou na Villa de Guimaraens no anno de 1730 com Francisco Filippe de Sousa da Sylva Alcaforado, que nasceu a 28 de Novembro de 1702, filho herdeiro de Rodrigo de Sousa da Sylva Alcaforado, Mestre de Campo de hum Regimento de Auxiliares na Provincia do Minho, onde vive na Villa de Guimaraens, e de sua mulher Dona Isabel Francisca Marinho de Lobera e Sylva, filha de Jeronymo Brandaõ da Sylva, e de sua mulher Dona Petronilha Maria de Andrade Lemos e Sottomayor, de quem tem até o presente

22 D. MARIA IGNEZ ISABEL DE LENCASTRE E SOUSA, que nasceu em o primeiro de Dezembro de 1731. — RODRIGO DE SOUSA DA SYLVA ALCAFORADO, que nasceu a 26 de Março de 1733. — JOAÕ DE SOUSA nasceu a 28 de Mayo de 1734. —
JOAÕ

JOACHIM DE SOUSA nasceu a 13 de Setembro de 1735: está recebido na Religião de Malta. — D. ANNA ISABEL DE LENCASTRE E SOUSA nasceu a 6 de Fevereiro de 1737. — AMARO DE SOUSA nasceu a 13 de Janeiro de 1738. — D. IGNEZ RITA DE LENCASTRE E SOUSA nasceu a 28 de Janeiro de 1739. — D. ISABEL FRANCISCA nasceu o primeiro de Outubro de 1740. — D. ANTONIA, que nasceu a 19 de Setembro de 1741.

21 MARTIM CORREA DE SA' nasceu a 20 de Janeiro de 1698. He successor da Casa de seu Pay, e Capitão de Infantaria.

Casou a 5 de Novembro de 1739, com sua prima com irmã Dona Marianna de Lencastre, Dama do Paço, filha de João de Saldanha da Gama, Gentil-homem da Camera do Infante D. Antonio, Vice-Rey da India, e de sua mulher D. Joanna Bernarda de Lencastre.

* 18 D. CATHARINA DE TAVORA, filha terceira de D. Antão de Almada, e de Dona Isabel da Sylva, casou com Antonio de Eça de Castro de quem teve

* 19 D. ISABEL SENHORINHA DE CASTRO, mulher do General Diogo Luiz Ribeiro Soares.

19 D. MARIA DO CÉO nasceu do mesmo parto com sua irmã D. Isabel, he Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa, onde foy duas vezes Abbedessa, muy entendida, e discreta com admiravel engenho, della correm impressos diversos li-

VROS

vros em próza, e em verso, com galante estylo, difficção, e agudeza; e sobre partes tão singulares da natureza, que polio a sua lição, he de vida exemplar, e de grande observancia da sua Regra.

* 19 D. FRANCISCA BENTA DE TAVORA casou com Manoel Ferreira de Eça, Senhor da Casa de Cavalleiros, na Provincia do Minho.

* 19 D. ISABEL SENHORINHA DE CASTRO casou com Diogo Luiz Ribeiro Soares, que foy Tenente General da Cavallaria da Corte, General de Batalha, e General da Artilharia do Reyno do Algarve, e Tenente General da Artilharia do Reyno, e do Conselho de Guerra, Commendador das Commendas de Santa Maria de Azave, e de Santa Maria de Monte Alegre, na Ordem de Christo, de quem teve

* 20 JOACHIM MANOEL RIBEIRO SOARES.

20 D. MARIA CATHARINA DE TAVORA nasceu a 24 de Novembro de 1695, e faleceu a 21 de Novembro de 1734.

Casou em 2 de Fevereiro de 1714 com Manoel Lobo da Sylva seu primo com irmaõ, Commendador de Santa Maria de Moncorvo, de Santiago de Adeganha na Ordem de Christo, da do Forno dos Cavalleiros em Setuval da Ordem de Santiago; Senhor do Morgado da Mouga no Termo de Montemor o Novo; servio na Guerra do anno de 1704 occupando varios póstos; foy Coronel de Cavallaria, Brigadeiro na Provincia de Alentejo, General

Tom. X.

Gggg

ral

ral de Batalha com o governo do partido de Beja, onde faleceu a 26 de Janeiro de 1740: era filho de Luiz Lobo da Sylva, Commendador na Ordem de Christo, Governador, e Capitão General do Reyno de Angola, e de sua mulher D. Margarida da Sylva irmã de Diogo Luiz Ribeiro Soares, filho de Manoel Ribeiro Soares, e de sua muler D. Marianna da Sylva, de que teve a

21 LUIZ DIOGO LOBO DA SYLVA, que succedeo na Casa, — JERONYMO VICENTE LOBO, — e D. ISABEL.

* 20 JOACHIM MANOEL RIBEIRO SOARES nasceu em Março de 1700; em vida de seu pay servio no Paço de moço Fidalgo no quarto da Rainha; depois succedeo na sua Casa, e morgados; he Commendador das Commendas de Santa Maria de Azave, na Provincia da Beira, e Santa Maria de Monte Alegre, na de Traz os Montes, na Ordem de Christo; he Capitão de Cavallos na Provincia da Beira.

Casou em 21 de Outubro de 1723 com D. Thereza Barbara de Menezes, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de D. Luiz Baltezar da Sylveira, seu Veador, e de D. Luiza Bernarda de Menezes, irmã do II. Marquez das Minas, de quem teve

21 D. ISABEL DAS MONTANHAS E DA DIVINA PROVIDENCIA RIBEIRO SOARES nasceu a 2 de Julho de 1724. Casou como herdeira a 17 de Julho

lho de 1742 com D. Joseph de Noronha, filho dos V. Condes de Arcos, de quem tem

22 JOACHIM SOARES RIBEIRO, que nasceu a 16 de Mayo de 1743.

21 D. LUIZA JOACHINA DA DIVINA PROVIDENCIA nasceu a 18 de Outubro de 1726.

* 19 D. FRANCISCA BENTA DE TAVORA, filha de Antonio de Eça de Castro, e de D. Catharina de Tavora. Casou com Manoel Ferreira de Eça, Senhor do Morgado, e Casa de Cavalleiros, a qual faleceu a 13 de Agosto de 1727, e tiveraõ

* 20 GREGORIO FERREIRA DE EÇA.

20 ANTONIO DE EÇA DE CASTRO nasceu a 2 de Julho de 1686; he Arcediago da insigne Collegiada de Guimaraens. — D. JOAÕ DO LORETO nasceu a 29 de Agosto de 1687. — MARTIM FRANCISCO PEREIRA DE EÇA, adiante.

20 D. CATHARINA MARGARIDA DE TAVORA nasceu em Novembro de 1690, e faleceu a 31 de Dezembro de 1730. Casou com Antonio de Sousa de Macedo, Barão da Ilha Grande de Joanne, e Senhor da dita Ilha no Estado do Graú Pará, de jurro, e herdade, Alcaide mór de Freixo de Nomaõ, na Ordem de Christo Commendador de Santiago de Souzel, e de Portancho na de Santiago, e de Santa Eufemia de Penella na de Aviz; morreu a 30 de Novembro de 1738, tendo os filhos seguintes:

21 LUIZ DE SOUSA DE MACEDO herdeiro da sua Casa. — MANOEL XAVIER DE SOUSA DE MACEDO.
Tom. X. Gggg ii CEDO.

CEDO. — GONÇALO DE SOUSA DE MACEDO, Cavalleiro de S. Joaõ de Malta. — D. MARIA THERESA DE TAVORA, e D. LUIZA VICTORIA DE TAVORA, Freiras na Annunciada de Lisboa, e outros, que morrerão de tenra idade.

20 FR. ESTEVAO DE EÇA nasceo no anno de 1691; he Religioso Eremita de Santo Agostinho. — JOSEPH FILIPPE DE EÇA passou a servir à India, e lá morreo. — D. MARGARIDA, e D. ANTAO DE EÇA, morrerão meninos.

20 GREGORIO FERREIRA DE EÇA nasceo a 23 de Junho de 1685, Senhor do Morgado de Cavalleiros, e de toda a mais Casa de seus pays. Casou a 21 de Fevereiro de 1730 com D. Luiza Gera, Dama Camerista da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de Antonio Hantz Witho, Senhor de Gera, e da Condesa Leonor Isabel de Katzianer, filha de Segismundo Fernando de Katzianer, Conde de Katzenstein, e de sua mulher a Condesa Isabel, Senhora de Scherffenberg, filha de Jacobo Barão livre de Katzianer, e neta de Joaõ Erasmo, Senhor de Gera, de Shaxenberg, e de Eschelberg, e de sua mulher Benigna de Pappenheim, filha de Weith, Senhor de Pappenheim, e segunda neta de Joaõ Christovaõ, Senhor de Gera, nobre, e antiga familia na Franconia, que depois se estabeleceo no Estado de Austria sobre o Ems no anno de 1486, de quem teve

21 JOAÕ MANOEL FERREIRA DE EÇA, que
nas.

nasceu a 8 de Fevereiro de 1731, e falleceu de tenra idade.

21 MARTIM FRANCISCO PEREIRA DE EÇA nasceu em Novembro de 1689. Casou com D. Maria Michaela Pereira da Sylva, filha herdeira de Antonio Pereira Pinto da Sylva da Casa de Britian-dos, e de sua mulher D. Violante Maria de Sousa de Tavora, filha de Luiz Pinto de Sousa, Senhor do Morgado de Balsemao, e de sua mulher D. Maria de Castro e Vilhena, de quem teve

21 ANTONIO PEREIRA PINTO DE EÇA, que casou em Braga com Dona Antonia de Sousa, filha herdeira de Diogo de Sousa, e de sua mulher D. Catharina Monte Negro.

21 D. FRANCISCA DAMIANA DE TAVORA casou com André de Carvalho.

21 D. VIOLANTE MARIA DE TAVORA casou com Joseph de Mello.

* 15 D. JOAÕ DA GAMA filho quinto de D. Francisco da Gama, II. Conde da Vidigueira, e da Condesa D. Guiomar de Vilhena, como se disse, passou à India no anno de 1570, e foy Capitão de Malaca; e voltando para o Reyno em huma nao, que fez à sua custa, perseguido de tormentas, foy dar comsigo em Indias, e se perdeu junto a Mexico. Casou com D. Joanna de Menezes, filha de D. Jorge de Menezes, a quem chamaraõ o *Baroche*, por destruir esta Cidade na India, aonde foy Capitão de Goa, Dio, Cochim, S. Thomé, e Ceilaõ, deixando

xando naquellas partes muy estimada memória , e de D. Leonor de Aguiar sua mulher , de quem teve

* 16 D. VASCO DA GAMA.

16 D. PEDRO DA GAMA , que foy illegitimo ; e casou com D. Joanna Henriques , e segunda vez com D. Francisca Escocia , e de nenhum destes matrimonios ha hoje descendencia.

* 16 D. VASCO DA GAMA , foy Commendador na Ordem de Christo , Capitaõ de Chaul , e Capitaõ môr de huma Armada , em que morreo affogado por causa de huma terrivel tormenta.

Casou em Portugal , onde esteve muitos annos , com D. Branca da Gama , filha do Doutor Luiz da Gama Pereira , Desembargador do Paço , Comendador de Santo André de Pinhel na Ordem de Christo , e de D. Violante Freire sua mulher , filha herdeira de Joaõ Freire de Andrade , filho de Christovão Freire de Andrade , Governador , e Capitaõ de Çasim , e de D. Violante Lobo , filha de Antonio Lobo , Alcaide môr de Monçarás , e tiveraõ os filhos seguintes :

17 D. JOAÕ DA GAMA succedeo na Casa de seu pay , e nas Quintas de Palhaes , e Runa , que lhe deixou sua tia D. Paula de Portugal , irmã de seu avô o III. Conde da Vidigueira. Foy Capitaõ môr das naos da India , no anno de 1642 morreo em Moçambique , adonde se perdeu a nao Capitania S. Bento , em que hia embarcado ; naõ casou , nem teve geraçaõ.

D.

17 D. LUIZ DA GAMA foy Clerigo, Arce-diago da terceira Cadeira na Sé de Lisboa.

17 D. VIOLANTE MARIA DE PORTUGAL morreo estando ajustado o seu casamento com D. Jorge Mascarenhas, que depois casou com sua irmã.

* 17 D. JOANNA DE MENEZES veyo a ser herdeira da Casa. Casou com D. Jorge Mascarenhas, que já havia estado contratado para casar com sua irmã, de quem foy segunda mulher, e era filho de D. Fernão Martins Mascarenhas, e de D. Maria da Sylva, filha de Dom Jorge de Menezes, Senhor de Alconchel, e Feroselhe, e de D. Guiomar da Sylva; e neto de D. Francisco Mascarenhas I. Conde de Santa Cruz, Vice-Rey da India, e Governador de Portugal, e da Condesa D. Leonor de Ataide; e tiverão

18 D. BRANCA MASCARENHAS, que não casou, e tinha a Commenda da Ilha para seu dote, a qual herdou seu irmão.

* 18 D. FERNAO MARTINS MASCARENHAS, que succedeo na Casa, e foy Commendador na Ordem de Christo; não casou, e teve illegitimo o filho, e filha, que se seguem.

19 D. PEDRO MASCARENHAS, que succedeo na Casa, e casou em vida de seu pay com D. Leonor Josefa de Vilhena, filha de Dom Lourenço de Sottomayor, e de D. Ignez de Vilhena Sottomayor, de quem não teve filhos.

D.

19 D. BRANCA DA SYLVA MASCARENHAS
casou com Francisco Botelho da Sylva.

§. IV.

*Condes de Villa-Verde
Atarqueses de Anjeja.*

* 15 **D**ONA CATHARINA DE ATAIDE nasceu segunda filha de D. Francisco da Gama II. Conde da Vidigueira, e da Condessa Dona Guiomar de Villena, como se disse. Casou com D. Pedro de Noronha VII. Senhor de Villa-Verde, que depois de ter servido em Ceuta com D. Affonso de Noronha, acompanhou a ElRey D. Sebastião à Africa, e morreu na batalha de Alcacer a 4 de Agosto de 1578, e foy sua segunda mulher; era filho de D. Pedro de Noronha VI. Senhor de Villa-Verde, Vedor da Fazenda da Rainha D. Catharina, e de D. Violante de Noronha sua mulher, filha de Francisco da Sylveira, Senhor de Sarzedas, e Coudel môr, neto de D. Martinho de Noronha, e de D. Guiomar de Albuquerque, Senhora de Villa-Verde, filha herdeira de Fernão de Albuquerque, Senhor de Villa-Verde, e bisneto de D. Pedro de Noronha, Commendador môr da Ordem de Santiago, Senhor do Cadaval, Mordomo môr delRey D. João II. e de D. Catharina de Tavora sua mulher, filha herdeira de Martim de Tavora, Reposteiro môr delRey D. Affonso V. Era o Commendador môr D. Pedro de Noronha neto de D. Affonso, Conde de Gijon, e Noronha, filho delRey D.

D. Henrique II. de Castella, e da Condeffa D. Isabel, filha delRey D. Fernando de Portugal; desta esclarecida uniaõ nascerão os filhos seguintes:

16 D. PEDRO DE NORONHA, que passando com seu pay à Africa, morreo com elle na batalha de Alcacere a 4 de Agosto de 1578.

* 16 D. FRANCISCO LUIZ DE NORONHA, Senhor de Villa-Verde.

16 D. FRANCISCO DE NORONHA morreo menino.

16 D. FRANCISCO DE NORONHA, tambem do mesmo nome, que seu pay poz successivamente a tres filhos por devoção a S. Francisco, foy Religioso da Companhia de Jesus.

16 D. JOAÕ DE NORONHA foy Cavalleiro da Ordem de Christo, em que teve huma Commenda, que servio em Africa. Casou tres vezes, e de nenhuma deixou successão; teve hum filho bastardo, de que já hoje tambem se extinguiu a geração.

16 D. FERNANDO DE NORONHA foy Cavalleiro da Ordem de S. Joaõ de Malta; passou à India no anno de 1596 com seu primo com irmão o IV. Conde da Vidigueira, Vice-Rey daquelle estado; lá servio com reputação, e foy Capitão de Çofalla, e depois Governador de S. Thomé, onde morreo.

16 D. CHRISTOVAÕ DE NORONHA passou tambem à India com seu irmão D. Fernando, adonde servio alguns annos com distincção, e recebeu
Tom.X. Hhhh mui-

muitas feridas em honradas occasiões; e voltando ao mesmo Estado por Capitão mór da Armada do anno de 1618, veyo de lá prezo por mandado do Vice-Rey o Conde de Redondo; e assim morreu no Castello de Vianna. Casou na India com D. Catharina da Gama, filha de Ruy Mendes, e de D. Joanna da Gama, de que teve filhos, que acabaraõ sem successão.

* 16 D. BRITES DE ATAIDE casou com Dom Manoel de Sousa de Tavora.

16 D. ARCHANGELA MARIA DE PORTUGAL casou com o General D. Affonso de Noronha; nomeado Vice-Rey da India, como fica escrito no Livro VI. Capitulo V. pag. 210 do Tomo V.

16 D. LUIZA DE NORONHA foy Freira no Mosteiro da Annunciada de Lisboa; e D. MAGDALENA DE MENEZES no Mosteiro de Arouca da Ordem de S. Bernardo.

* 16 D. FRANCISCO LUIZ DE NORONHA E ALBUQUERQUE, appellido, de que usou pela pertençaõ, que teve de succeder no Morgado de Affonso de Albuquerque no anno de 1596: quando os Inglezes fizeraõ huma invasaõ neste Reyno, foy elle hum dos quatro Capitaens de Cavallos, que se fizeraõ para a defenfa d'elle. Foy VIII. Senhor de Villa-Verde, e Commendador de Aljezur na Ordem de Santiago. Casou com D. Catharina de Vilhena e Sousa sobrinha, filha herdeira de seu cunhado D. Manoel de Sousa e Tavora, e de sua irmã

mãa D. Brites de Ataide, de quem teve os filhos seguintes :

* 17 D. PEDRO DE NORONHA IX. Senhor de Villa-Verde.

17 D. MANOEL DE NORONHA foy Religio: so da Companhia, e depois Clerigo, e Prior da Castanheira, e de Villa-Verde, Prior mór da Ordem de Santiago, e Reformador da Universidade de Coimbra, sendo Prior mór, Bispo eleito de Viseu; e depois no anno de 1668 nomeado de Coimbra, de que foy confirmado pelo Papa Clemente X. de que teve Bullas Apostolicas, e tomou posse do Bispado por seu Procurador D. Luiz de Sousa, Chantre entã na mesma Sé, e depois Bispo de Lamego, e Arcebispo Primaz; porém não chegou a governar, nem a sagrar-se, porque anticipando-lhe a morte, morreu em Lisboa a 11 de Mayo de 1671 de setenta e sete annos de idade.

17 D. MARTINHO DE NORONHA morreu menino.

17 D. LUIZ DE NORONHA, que depois de servir nas Armadas da Costa, se fez Clerigo, e foy Prior de Villa-Verde, onde morreu.

17 D. BRITES DE VILHENA casou com D. Thomás de Noronha, o qual depois foy III. Conde dos Arcos por o seu segundo casamento, e deste não teve successão.

* 17 D. MARIA DE ATAIDE casou com Lourenço de Mendoça, adiante.

Tom. X.

Hhhh ii

D.

* 17 D. PEDRO DE NORONHA E SOUSA foy IX. Senhor de Villa-Verde, e do Morgado, que instituio seu avò materno, pelo que se appellidou Souza, Commendador, e Alcaide mór de Aljezur na Ordem de Santiago. Casou com D. Juliana de Noronha, a quem ElRey D. Affonso VI. fez merce da Casa de Angeja a 24 de Março de 1662 em tres vidas, que vagara para a Coroa, por morrer sem successão seu irmão Francisco Moniz, Senhor de Angeja, fillos ambos de Vasco Moniz, IV. Senhor de Angeja, Bemposta, Affequins, Figueiredo, Pinheiro, e de D. Violante de Menezes sua mulher, Dama da Infanta D. Maria, filha delRey D. Manoel, que era filha de D. Fernando de Noronha, Commendador de Villa-Cova na Ordem de Christo, Camereiro mór do dito Rey, Capitão, e Governador de Azamor, e de D. Joanna de Menezes sua segunda mulher, filha de Mattheus da Cunha, Senhor de Pombeiro; e deste matrimonio nascerão os fillos seguintes:

18 D. FRANCISCO LUIZ DE NORONHA nasceu a 3 de Julho de 1623, foy X. Senhor de Villa-Verde, e da mais Casa de seu pay, e morreo solteiro sem successão.

18 D. VASCO DE NORONHA succedeo a seu irmão na Casa, e foy XI. Senhor de Villa-Verde, que logrou tambem pouco, por morrer moço sem geração.

18 D. VASCO DE NORONHA morreu moço.
D.

18 D. FERNANDO DE NORONHA morreu a 26 de Agosto de 1643, jaz em Villa-Verde.

* 18 D. ANTONIO DE NORONHA XII. Senhor, e I. Conde de Villa-Verde.

18 D. VIOLANTE DE MENEZES morreu menina.

18 D. LUIZA MARIA DE MENEZES foy Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmao, casou com D. Joao da Sylva, II. Marquez de Gouvea, Conde de Portalegre, Mordomo mo'r da Casa Real, do Conselho de Estado, de quem foy sua segunda mulher, sem successo.

18 D. CATHARINA BARBARA DE NORONHA Condesa de Alegrete, casou com Mathias de Albuquerque, unico Conde de Alegrete, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, que mandou no tempo da guerra depois do anno de 1640, em que mostrou sciencia, valor, e adquirio grande reputação; foy Commendador na Ordem de Christo, e do Conselho de Estado: era filho segundo de Jorge de Albuquerque, Senhor da Capitania, e Estados de Pernambuco, e de D. Anna da Sylva, filha de Dom Alvaro Coutinho, Commendador de Almourol, e da Golegia na Ordem de Christo, porém não tiveram filhos; e esta Senhora muitos annos depois de viuva foy Camereira mo'r da Rainha D. Maria Sofia, e Marqueza de Alenquer. Faleceo a 15 de Mayo de 1703.

* 18 D. FRANCISCA DE NORONHA Condesa, e Mar-

Marqueza de Soure, casou com D. João da Costa, I. Conde de Soure, como diremos adiante.

* 18 D. ANTONIO DE NORONHA, sendo o ultimo na ordem do nascimento, succedeo na Casa por morte de seus irmãos. Foy XII. Senhor de Villa-Verde, e I. Conde da dita Villa por merce delRey D. João IV. de que se lhe passou Carta a 10 de Dezembro de 1654, que está no livro 26 da sua Chancellaria pag. 32, a quem havia servido de Moço Fidalgo da Campainha, e foy muy favorecido do dito Rey. Foy tambem Commendador de Aljezur na Ordem de Santiago, e de S. Salvador de Moncoos na Ordem de Christo; morreo a 14 de Janeiro do anno de 1675: era muy devoto, applicado ao estudo Genealogico, de que deixou escritos alguns livros, com excellente methodo, e averiguação; e sem duvida não vimos cousa melhor, do que os seus, e he para se sentir, que delles se perdesse grande parte, do que tinha escrito.

Casou com a Condessa D. Maria de Menezes, que faleceo a 22 de Mayo de 1664, filha de D. Duarte Luiz de Menezes, III. Conde de Tarouca, e da Condessa D. Luiza de Castro, filha de D. Estevão, Conde de Faro; e tiverão os filhos seguintes:

* 19 D. PEDRO ANTONIO DE NORONHA II. Conde de Villa-Verde, I. Marquez de Angeja.

19 D. CATHARINA LUIZA DE NORONHA nasceu a 2 de Agosto de 1657, morreo na flor da idade a 21 de Outubro de 1682, e D. JULIANA DE

No-

NORONHA, que nasceu a 15 de Agosto de 1658, e morreu menina.

* 19 D. PEDRO ANTONIO DE NORONHA ALBUQUERQUE E SOUSA nasceu em 13 de Junho do anno de 1661. Foy I. Marquez de Angeja, II. Conde de Villa-Verde, XIII. Senhor desta Villa, e dos Lugares de Lapaduço, Portella do Sol, Rechaldeira, e das Villas de Angeja, Bemposta, e Pinheiro, e dos Lugares de S. Martinho de Salreo, Fermelans, Fermelainha, Canellas, Pinheiro, e Branca, Alcaide môr, e Commendador de Aljezur na Ordem de Santiago, e de Santa Maria de Penamacor, e do Prestimonio de S. Salvador de Moucos na Ordem de Christo, e dos Padroados de S. Joaõ da Praça de Lisboa, e da Parochia de Villa-Verde, e dos Mosteiros de Nossa Senhora dos Anjos da dita Villa, e de Santo Antonio de Aveiro, Vêdor da Fazenda, do Conselho de Estado, e Guerra, Moromo môr da Princeza do Brasil.

Não tinha cumprido trinta annos no de 1692 quando passou por Vice-Rey, e Capitão General ao Estado da India, e chegando a Goa, tomou posse a 24 de Mayo de 1693 depois de huma larga, e perigosa viagem. Foy este o primeiro posto, em que o Conde de Villa-Verde começou a servir com admiravel intelligencia; despedio Armadas, em que as nossas armas conseguiraõ ventajosos successos ao Estado; visitou as Fortalezas do Norte, e nesta occasião fez dar à costa muitas das embarcações dos inimi-

*Giro del Afondo del:
Dottor D. Gio Fran-
cesco Gemelli Careri,
tom. 3. pag. 46, en.
Venezia 1719.*

inimigos, e fogindolhe huma Esquadra dos Arabios, se recolheo a Bejapor, onde deraõ à costa algumas embarcações, e outras foraõ no mesmo porto queimadas; nesta viagem, correndo a Costa, abrazou, e assolou algumas embarcações de inimigos, castigando assim a infidelidade, que tinhaõ commettido contra o Estado; e voltando a Goa, começou a entender nos negocios politicos, e pertencentes à justiça, e defensão daquelle Estado: recebeo Embaixadas, e mandou outras aos mayores Principes da Asia. No tempo, que governava a India, passava a Bengalla huma Esquadra Franceza, que forçada dos contratempos de taõ larga viagem, tomou Goa, e Surreate; o Conde obrigado naõ só da hospitalidade, a que naõ devia faltar, mas tambem da generosidade, de que era dotado, tratou aos Cabos, e Officiaes das naos com tantas demonstrações de Senhor, que naõ faltando às obrigações do posto, os despedio taõ satisfeitos da boa hospedagem, que dando conta a França, Luiz o Grande o mandou agradecer ao Senhor Rey D. Pedro pelo seu Embaixador Monsieur de Rulhe, para o que pedio audiencia, a qual acabada, em cerimonia, foy a casa do Conde a visitar a Condessa sua mulher da parte delRey de França, o que repetio depois do Conde de Villa-Verde chegar da India, da parte delRey seu amo; porque aquelle grande Monarca em tudo advertia, fazendo a sua gloria na estimação das gentes: e tendo em cinco annos, tres mezes, e vinte dias

dias mostrado neste primeiro emprego actividade, e talento; entregando o governo ao Vice-Rey Antonio Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacé mór, que passara a lhe succeder, voltou ao Reyno no anno de 1699 em Outubro. ElRey D. Pedro II. satisfeito do bem, que o Conde o tinha servido na India, com novos empregos deu occasião, de que se fossem fazendo publicas as admiraveis virtudes do Conde de Villa-Verde. Na occasião em que se fortificou a Marinha, por receyo, de que huma grande Potencia pudesse intentar algum de sembarque no porto de Lisboa, lhe encarregou a Torre de Belem, e ao mesmo tempo o fez Vedor da sua fazenda da repartição dos Armazens, e India; e logo foy hum dos Ministros, que assistiraõ na sua Camera ao despacho; depois o occupou no posto de General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, com Patente de Mestre de Campo General. Com este posto se achou naquella gloriosa Campanha do anno de 1706, em que o nosso Exercito entrou em Madrid, no que o Conde teve huma grande parte, como em todas as demais occasioens, que nella, e nas seguintes se offereceraõ; e passando o nosso Exercito a Valença, e Catalunha, continuou o Marquez com tanta reputação o serviço, que adquirio entre os Generaes Estrangeiros estimação, pelo valor, e actividade, com que obrava nas occasioens de mayor perigo, como se vio depois da perda da batalha de Almança, na retirada, que fez

Tom. X.

Iiii

com

com as nossas Tropas, com tanto acordo; que esta acção foy estimada com grandes louvores do Conde, augmentandolhe sempre a reputação, que ainda fazia mais luzida a benignidade da sua pessoa, com que se fez universalmente amado dos Soldados. Esta virtude mostrou sem alteração em todos os grandes lugares, que occupou; porque soube unir na inteireza de Ministro, piedade, e compaixão dos miseraveis. Tendo voltado do Principado de Catalunha ao Reyno, foy nomeado a 4 de Janeiro de 1710 Governador das Armas da Provincia de Alentejo, e no seu tempo não tiverão as nossas armas successo adverso. No anno de 1712 pela morte de seu filho D. Henrique de Noronha, Monteiro mór do Reyno, exercitou este officio, até que ElRey, necessitando de mandar ao Estado do Brasil huma pessoa, em quem concorressen as virtudes, que requeriaõ os graves negocios daquelle Estado, foy escolhido entre tantos benemeritos, com tal approvação, que ainda dos pertendentes foy applaudida a eleição, por necessitar o Estado do Brasil de huma pessoa de caracter, e respeito, que com a autoridade compuzesse alguns dissabores, e alterações dos moradores da Cidade da Bahia; e assim foy nomeado Vice-Rey, e Capitão General de Mar, e Terra do Brasil, com intendencia, e superioridade em todas as Capitanias da America. Já havia alguns dias, que ElRey D. João V. attendendo aos merecimentos, e serviços do Conde, entre outras mer-

ces,

ces, que lhe fez, o creara Marquez de Angeja, de que se lhe passou depois a Carta a 21 de Janeiro de 1714. Embarcou para aquelle Estado; e tendo tido prospera viagem, entrou na Cidade da Bahia, e tomou posse do governo a 13 de Junho do referido anno, e em pouco, socegados os animos daquelles fieis Vassallos, se converteraõ em suavidade todas aquellas mesmas causas, que perturbavaõ o socego publico, e ainda o domestico dos moradores daquella Cidade. Fez executar, e praticar o tributo de dez por cento; deu fórma à arrecadação; creou Officiaes para esta dizima; arbitrou salarios; e com outras disposições precisas estabeleceo, e fez observar as ordens delRey, ficando este naõ só obedecido, mas utilizado o serviço, e os Vassallos satisfeitos, vendo a suave authoridade, com que o Marquez Vice-Rey tratava o augmento do Estado, premiando os benemeritos, e fazendo castigar os criminosos. E sendo incançavel na vigilancia, mandou continuar as obras, e fortificações, para segurança, e defensão da Cidade da Bahia; augmentou a de S. Pedro, levantada em hum dos arrebaldes; ampliou a de S. Marcello edificada no mar; deu nova fórma à de Nossa Senhora de Monte Carmello, chamada do *Barbalho*; e do que o seu zelo obrou naquelle Estado, passando da memoria, em que hoje se conserva no amor daquelles povos, pela equidade da justiça, generosidade, e desinteresse do seu governo, passará aos vindouros, naõ como tradiçãõ, mas

Tom. X.

liii ii

na

Rocha Pita, *Historia da Dinastia*, lv, X.

na irrefragavel verdade da *Historia da America*, que em elegante estylo escreveo o Coronel Sebastião da Rocha Pita, natural da Cidade da Bahia, de quem para ultima satisfação, poremos as mesmas palavras desse Author: *Depois de quatro annos, e dous mezes de excellentissimo governo, o entregou a seu successor; deixando eternas memorias, e sandades no Brasil.* Finalmente no anno de 1718 voltou o Marquez a Lisboa, padecendo na saude em diversos achaques, os effeitos das fadigas, e trabalhos de tão largas viagens; continuou a exercer o lugar de Vedor da Fazenda da repartição do Reyno, que se lhe conservou todo o tempo, que duraraõ as suas largas missões. E porque a sua pessoa, entre tantas benemeritas da Corte, se distinguio no admiravel exercicio das virtudes, ainda na consiliaõ daquellas mesmas pessoas dignas dos mayores lugares da Corte, foy nella recebida com applauso a nomeação, que Sua Magestade fez a 26 de Janeiro de 1727 da pessoa do Marquez para Mordomo mór da Princeza do Brasil Dona Maria Anna Victória, (lugar, que primeiro exercitou no serviço da Princeza das Asturias D. Maria Barbara, no tempo, que esteve nesta Corte, antes de passar para a de Castella) e em todo o tempo, em toda a idade soube adquirir a estimação dos Reis, pela representação da sua Casa, e familia, e pelo amor, e zelo do seu serviço; de forte, que sendo o Marquez nisto vigilante, se não fez pezado, nem aos povos, nem aos Soldados; porque

que com animo benigno ouvia com agrado as partes, favorecia aos benemeritos, estimava aos homens de honra, soccorrendo com generosidade aos necessitados; porque com grandeza de coração teve huma natural franqueza para fazer merces, sendo franco nas de graça, quando não deviaõ ser reguladas pela justiça. Assim foy o Marquez ornado de excellentes virtudes, com que se fez universalmente amado das gentes, e estimado dos seus Soberanos, a quem servio com admiravel prestimo; e desinteresse; começando a exercitar-se em negocios Politicos, e Militares no mais florecente vigor da sua idade, com genio às bellas letras, entre as occupações, se applicava à lição da Historia, e da Genealogia, a que teve muita inclinação. Finalmente o Marquez de Angeja, entre os Senhores do seu tempo, foy hum dos mais respeitados, pela natural benignidade, e grandeza de animo, Religiaõ, e piedade, com que generosamente soccorria aos necessitados, e aos Conventos pobres da Corte, a que deu grandes esmolas. Faleceo em Lisboa a 10 de Julho de 1731.

Casou no anno de 1676 com a Marqueza D. Isabel Maria Antonia de Mendoça, que morreo a 5 de Março do anno de 1725, filha primeira de Henrique de Sousa Tavares da Sylva, I. Marquez de Aronches, III. Conde de Miranda, Governador do Porto, do Conselho de Estado, e Senhor da grande Casa de Sousa, e da Marqueza Dona Marianna de
Cas-

Castro, de quem temos feito menção diversas vezes, e a faremos mais larga no Livro XIV. desta Obra. Deste esclarecido matrimonio tiverão os Marquezes fecundissima descendencia nos filhos seguintes:

* 20 D. ANTONIO DE NORONHA, III. Conde de Villa-Verde.

20 D. MARIANNA FRANCISCA XAVIER DE NORONHA nasceu a 10 de Janeiro de 1678, foy Condessa da Calheta. Casou no anno de 1690 com Affonso de Vasconcellos Sousa e Camera Conde da Calheta, e morreo no anno de 1693 sem deixar filhos, como se disse no Tomo IX. pag. 235.

20 D. LEONOR DE NORONHA nasceu em Fevereiro de 1682. Foy Dama da Rainha D. Maria Sofia, he Condessa de Val de Reys, mulher de Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, de quem adiante trataremos.

20 D. HENRIQUE DE NORONHA nasceu em 20 de Setembro de 1683. Foy Porcionista do Collegio de S. Pedro de Coimbra, aceito a 13 de Outubro de 1695, e passou a Collegial a 15 de Fevereiro de 1706. Era de profissão Canonista, Doutor nesta faculdade, em que acabado de graduar, lhe fez ElRey merce do lugar de Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que entrou depois de fazer no mesmo Tribunal exame vago, e ler de *jure aperto*; e depois de assistir alguns annos no mesmo Tribunal o largou, e a vida Ecclesiastica, que se-
guia,

guia; em que tinha diversos Benefícios, por casar com sua sobrinha D. Maria de Mello; pelo que foy Monteiro môr do Reyno, e era filha herdeira de Francisco de Mello, Monteiro môr do Reyno, &c. e de D. Catharina de Noronha sua mulher; morreo sem successão em 10 de Agosto de 1722. Teve illegitimos a

21 D. MANOEL DE NORONHA, que he Frade da Ordem Terceira de S. Francisco.

20 D. JOSEPH DE NORONHA.

20 D. LUIZA DE NORONHA nasceu a 23 de Março de 1685. Foy Dama da mesma Rainha, he Marqueza de Cascaes, por casar com o Marquez D. Manoel de Castro, Senhor desta grande Casa; e da sua esclarecida successão temos dado noticia no Tomo II. pag. 550.

20 D. DIOGO DE NORONHA nasceu a 12 de Novembro de 1688. He III. Marquez de Marialva, &c. por casar com a Marqueza Dona Joachina de Menezes, Senhora desta Casa, como fica escrito no Livro VI. Capitulo V. pag. 285 do Tomo V.

20 D. LUIZ DE NORONHA morreo de tenra idade.

20 D. MARIA DE NORONHA morreo menina.

20 D. CATHARINA DE NORONHA nasceu a 25 de Novembro de 1689. Casou com Francisco de Mello, Monteiro môr do Reyno, cuja successão deixamos referida no Tomo V. pag. 350.

D.

* 20 D. ANTONIO DE NORONHA nasceu a 24 de Outubro de 1680. Foy II. Marquez de Angeja, Commendador de Santa Martha de Alvarenga na Ordem de Christo; succedeo na Casa, e Estados ao Marquez seu pay: servio na guerra contra Castella, em que occupou os postos de Coronel de Infantaria, Tenente General da Cavallaria, General de Batalha, e Mestre de Campo General, e com este posto passou a governar a Provincia do Minho no anno de 1716. Foy do Conselho de Guerra, e verdadeiro imitador das virtudes de seu grande pay, não só no valor, mas na natural affabilidade, com que dignamente se fez estimado. Morreo em Vianna a 18 de Julho de 1735.

Casou a 28 de Fevereiro de 1713 com D. Luiza Josefa de Menezes, filha de D. Joanna Rosa de Menezes, Condessa de Tarouca, e do Conde Joao Gomes da Sylva, como no Tomo IX. pag. 693 deixamos referido, e teve os filhos seguintes:

21 D. N. nasceu a 15 de Agosto de 1714, e recebendo o Baptismo, viveo poucas horas.

21 D. MARIA ROSA DE NORONHA nasceu a 5 de Agosto de 1715, e casou a 20 de Junho de 1728 com Joseph de Vasconcellos e Sousa, Conde de Castello-Melhor, como deixamos escrito no Tomo IX. pag. 238.

21 DOM PEDRO JOSEPH DE NORONHA III. Marquez de Angeja.

D.

20 D. JOANNA FRANCISCA DE NORONHA nasceu a 26 de Janeiro de 1718. Casou com Lourenço de Mendoça, V. Conde de Val de Reys, seu primo com irmão, como adiante se verá.

20 D. ISABEL FELICIANA DE NORONHA nasceu a 20 de Fevereiro de 1719, e morreu a 24 de Setembro de 1720.

20 D. THERESA JOSEFA DE NORONHA nasceu a 11 de Janeiro de 1721. Casou com D. Alvaro de Noronha, filho herdeiro dos III. Condes de Valadares, de quem no Livro III. Capitulo VIII. pag. 525 do Tomo II. fizemos menção.

20 DOM JOSEPH DE NORONHA nasceu a 24 de Janeiro de 1722, e morreu a 21 de Julho de 1724.

20 D. ISABEL JOSEPH DE NORONHA nasceu a 3 de Abril de 1723, e morreu a 22 de Setembro de 1725.

20 D. JOÃO JOSEPH ANSBERTO DE NORONHA nasceu a 8 de Agosto de 1725; he Conde de S. Lourenço, por casar a 5 de Março de 1742 com D. Anna de Mello da Sylva, VI. Condessa de S. Lourenço, e Senhora de toda esta illustrissima Casa, de quem no Tomo IX. pag. 702 fizemos menção, e desta união tem até o presente a

21 JOSEPH DE MELLO DA SYLVA, que nasceu a 31 de Janeiro de 1743.

20 DOM FRANCISCO JOSEPH DE NORONHA nasceu a 20 de Fevereiro de 1728.

Tom. X.

Kkkk

D.

20 D. JOSEFA DE NORONHA nasceu a 11 de Agosto de 1731.

* 20 D. PEDRO JOSEPH DE NORONHA nasceu a 17 de Agosto de 1716. He III. Marquez de Angeja, e Senhor de todos os mais Estados, e Comendas, que teve o Marquez seu pay; e seguindo com o seu exemplo a vida Militar, assentou Praça na Provincia do Minho, e foy Capitão de Infantaria, donde passou com o mesmo posto para hum dos Regimentos da Corte.

Casou em vida de seu pay a 31 de Outubro de 1733 com D. Maria de Lorena, filha dos III. Marquezes de Alegrete, como fica escrito no Tomo IX. pag. 618, a qual faleceu a 17 de Janeiro de 1742; tendo desta esclarecida uniaõ havido os filhos seguintes:

21 D. MARIA EUGENIA DE NORONHA nasceu a 3 de Agosto de 1735.

22 D. ANTONIO JOSEPH XAVIER DE NORONHA nasceu na Villa de Vianna do Minho no primeiro de Outubro de 1736.

21 D. MARIA JOSEFA XAVIER DE NORONHA nasceu na mesma Villa a 2 de Agosto de 1737.

21 D. JOSEFA XAVIER DO CARMO E NORONHA nasceu em Lisboa a 6 de Junho de 1740.

21 D. JOSEPH XAVIER DE NORONHA nasceu em Lisboa a 24 de Abril de 1741.

Condes de Soure.

* 18 D. FRANCISCA DE NORONHA, filha III. de Dom Pedro de Noronha IX. Senhor de Villa-Verde,

Verde, e de Dona Juliana de Noronha sua mulher, como dissemos, casou com D. João da Costa I. Conde de Soure, que nasceu no anno de 1610, e foy Governador das Armas da Provincia de Alentejo, do Conselho de Guerra, Embaixador Extraordinario a França, Gentil-homem da Camera del-Rey Dom Pedro sendo Infante, Commendador, e Alcaide môr de Castro Marim, de S. Pedro das Varzeas na Villa de Soure, e de Santa Maria de Bezelga na Ordem de Christo, Presidente do Conselho Ultramarino, e hum dos insignes Generaes, que teve este Reyno no seu tempo. Achou-se na Acclamação del-Rey D. João IV. neste felice dia teve huma grande parte; passou a servir a Alentejo com hum Terço de Infantaria, e no anno de 1642 foy creado do Conselho de Guerra, e nomeado General da Cavallaria do Exercito de Alentejo, posto, que não aceitou; e sendo nomeado Governador das Armas da Provincia da Beira, de que tirou Patente, não teve effeito; porque El-Rey o queria na Provincia de Alentejo, em que exercitou o posto de General da Artilharia, achando-se na Campanha, em que o nosso Exercito ganhou as Praças de Val Verde, e Alconchel, e outras; e no anno de 1644, em que se ganhou a batalha de Montijo, à sua diiigencia, e valor se deveo o bom successo deste dia, conseguido à custa do seu proprio sangue, sahindo com huma ferida perigosa na cabeça, e depois de recebida, com admiravel acordo, recuperou algu-

55. Tom. X. Kkkk ii mas

mas peças de meyo canhaõ, que os inimigos hiaõ levando do corpo da batalha ; elle foy o primeiro General da Artilharia , que houve neste Reyno, que elle poz no ufo , em que se praticava nas mais partes : occupou depois o posto de Mestre de Campo General do mesmo Exercito , e governando as Armas em Alentejo , logrou felicissimos successos ; e assim deixou de seu nome entre os Soldados gloriosa memoria. ElRey D. Joaõ o fez Conde de Soure em Outubro de 1652 ; estimou muito a sua pessoa, de que fazia tanta confiança, como mostrou na sua morte, chamando-o à sua presença ; fallou com elle largo tempo , apontandolhe meyos utilissimos, para evitar alguns accidentes, que podiaõ occorrer depois da sua morte, e segurandolhe a grande confiança, que sempre fizera do seu zelo, valor, e prudencia, lhe ordenou partisse logo para Alentejo. O Conde brotandolhe pelos olhos correntes de lagrimas, com finissimas expressoens da sua obediencia, fidelidade, e affecto, separado delRey, sem dilaçaõ, partio logo para Alentejo com o posto de Governador das Armas, de que a inveja, e a emulaçaõ o privou. Foy muitos annos Conselheiro de Guerra , e nos seus votos conseguiraõ grandes melhoras os interesses publicos. No Conselho de Ultramar, de que foy Presidente, experimentaraõ as Conquistas acertos nas suas pervenções. No anno de 1659 passou por Embaixador Extraordinario a França, no tempo mais contrario às conveniencias de

Portugal Restaurado,
tom. 1. liv. 12. p. 397.

de Portugal ; porém poderosa a sua actividade, contra a industria dos Ministros Castelhanos, e Francezes, para divertirem os soccorros, que conseguio, para a defensão do Reyno, servindo de admiração a sua prudencia a toda a politica do Cardeal Mazariño; então imprimio aquelle celebre Manifesto, que escreveo Duarte Ribeiro de Macedo, Secretario da Embaixada. Affistio com admiravel resolução às ultimas resoluções da Rainha D. Luiza, Regente do Reyno; e foy desterrado por zeloso, e constante; teve singular eloquencia, graça natural em tudo o que referia; lançava os papeis com grande propriedade; algumas vezes lhe fez damno a confiança do merecimento proprio; porém sempre em occasioens de se empregar em utilidade commua; na amfide constantissimo, e igualmente offendido da ingratitude; porém de sorte, que antepoz muitas vezes a Ley Divina aos impulsos humanos. O seu divertimento era a lição das letras, e das Mathematicas, applicado à Historia, e Genealogia; nelle se unirão todas aquellas virtudes, de que se deve compor hum Varão perfeito, para poder ser numerado entre os do Templo da Heroicidade: morreu a 22 de Janeiro de 1664, jaz na Capella mór de Santo Antão o Velho de Lisboa dos Religiosos de S. Agostinho, Padroado da sua Casa, com seus pays, e avós. Deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 18 D. GIL EANNES DA COSTA II. Conde de Soure.

D.

18 D. PEDRO DA COSTA, que não contão-
do mais que tres annos morreo.

18 D. ALVARO DA COSTA, que morreo de
seis annos.

* 18 D. RODRIGO DA COSTA.

18 D. JULIANA DE NORONHA, Condesa de
Aveiras, nasceu a 27 de Setembro de 1653. Casou
com João da Sylva Tello III. Conde de Aveiras,
como dissemos no Livro VI. Capitulo V. pag. 333.
do Tomo V.

18 D. HELENA DE NORONHA morreo de três
annos, e seu irmão D. ANTONIO DA COSTA tam-
bem morreo de tenra idade.
Teve illegitimos:

18 D. GIL EANNES DA COSTA, que mor-
reo menino, e D. FRANCISCA DE VILHENA, Re-
ligiosa no Real Mosteiro de Odivellas, da Ordem
de S. Bernardo, onde foy Abbadessa.

* 18 D. GIL EANNES DA COSTA nasceu em
Elvas no anno de 1652. Foy II. Conde de Soure
por Carta de 20 de Março de 1664; succedeo na
Casa, Morgados, e Commendas de seu pay; foy
Vereador da Camera de Lisboa no tempo, que ser-
viaõ esta occupação Senhores de igual cathegoria;
morreo moço a 26 de Janeiro de 1680.
Casou no anno de 1671 com Dona Maria Louren-
ço de Portugal, que faleceo a 28 de Novembro de
1741, contando noventa e hum annos de idade, fi-
lha de Luiz da Sylva Tello II. Conde de Aveiras,
XII.

XII. Senhor de Vagos, Regedor das Justiças, e Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, e da Condesa D. Joanna de Portugal sua primeira mulher, filha de Alvaro Pires de Castro I. Marquez de Cascaes, VII. Conde de Monsanto; deste escla- recido matrimonio nasceo unico

* 19 D. JOAÕ JOSEPH DA COSTA E SOUSA, que nasceo a 13 de Março de 1677. Foy III. Conde de Soure por Carta de 21 de Fevereiro de 1682, Alcaide môr, Commendador, e Senhor de Castro-Marim, e das Commendas de S. Pedro das Varzeas de Soure, e de Santa Maria de Bezelga, e do Prestimonio de Pouza-Flores na Ordem de Christo; e pelo seu casamento Senhor da Villa da Azambujeira, e dos Morgados de Patalim, e Provedor das Obras do Paço. Desde os seus primeiros annos começou a seguir a Milicia; servindo na paz, foy Capitão de Infantaria do Regimento da Armada, em que foy provido a 22 de Abril de 1699; embarcou nas Armadas de guarda Costa, e desde então começou o Conde a servir de exemplar aos mais Senhores da sua idade; porque nelle luzio sempre huma modestia chea de virtudes, e admiraveis partes, que naturalmente conciliava os animos, dos que o tratava- va. A 29 de Julho de 1702 foy nomeado Coronel do Regimento da Praça de Almeida, e passando em Dezembro a governar esta Praça, nella assistio somente dous mezes, por ElRey D. Pedro o mandar recolher à Corte; e sendo no anno de 1704 pro-

promovido a hum dos Regimentos da Guarda da Corte, que entaõ se achava de soccorro na Praça de Campo-Mayor, para donde logo quiz marchar; ElRey D. Pedro lho embaraçou, para que servisse o seu officio de Provedor das Obras, que necessitava da sua presença. Acabadas estas dependencias, passou a Alentejo, e do caminho foy por hum Expresso mandado voltar para a Villa de Abrantes, para dar expedição às Tropas, que haviaõ de marchar por aquella parte das mais Provincias. Quando o Conde partio da Corte já estava rota a guerra, e os Castelhanos tinhaõ tomado as Praças de Salvaterra, e Segura. Naõ podia já o Conde executar naquella parte o projecto, que levava; e assim empregou a sua actividade em livrar das mãos dos inimigos os mantimentos, e munições, que estavaõ em Villa-Velha, o que conseguiu com grande admiração, e louvor delRey; porque a sua industria soube ter intelligencia no Exercito dos inimigos, com grande despeza da sua fazenda; e por mais que se lhe quiz satisfazer da fazenda Real, pela admiravel providencia delRey Dom Pedro, que lhe mandou escrever, que semelhantes cousas, naõ se conseguiaõ sem muita despeza, o recusou, e juntamente o governo daquella Villa, que elle fortificou, e poz em estado de se poder defender, pedindo a ElRey por premio, que o deixasse achar na Campanha da Beira, para onde ElRey tinha marchado. A sua pessoa foy taõ grata aos naturaes, como

como aos Estrangeiros ; de forte , que os Generaes Inglezes escreveraõ à sua Corte , o que a sua Naçaõ devia ao Conde , que a Rainha Anna lhe mandou agradecer. Milord Galoway o estimou muito , e com elle teve especial trato , confiandolhe os negocios mais importantes , servindo-se da sua direcçaõ. Servio na guerra todo o tempo , que lhe durou a vida ; achou-se no sitio de Valença , e Albuquerque , abrindo as trincheiras , para se começar o sitio , com tanto risco da sua pessoa , que ella servia de exemplo ao Soldados da fortuna , com quem dispendia liberalmente , para assim incitar o brio com o premio. Na Campanha do anno de 1706 , sendo General de Batalha , se achou no sitio de Alcantara : tomou Moraleja ; e no choque de Broffas seguiu o inimigo largo caminho : na passagem do rio Tietar o fez a nado com a espada na mão , seguido do Regimento de seu primo com irmão Luiz da Sylva Conde de Aveiras , e das Companhias de Cavallos de D. Luiz da Gama , e Manoel da Costa , e a este exemplo todo o Exercito : o inimigo , que estava entrincheirado , desamparando o posto , se retirou. Em toda esta gloriosa Campanha , desde que o nosso Exercito sahio de Alentejo , e se alojou em Madrid , até passar ao Reyno de Valença , não deixou o Conde de se achar em todas as occasioens de risco , que os nossos tiveraõ. Era dotado de valor sem affectaçãõ ; com grande actividade para executar ; muy dado à liçaõ da Historia , e Politica , que lia nas linguas La-

tina, Italiana, Franceza, e Hespanhola, de que tinha bastante noticia, com applicaçõ às Filosofias modernas, especialmente à experimental, e às Mathematicas, Geografia, Hydrografia, Nautica, e Architectura, não só Militar, mas tambem a Civil; era naturalmente generoso, compassivo, e pio, magnifico, de coração grande, e sem mais ambição, do que a gloria do bom nome, agradável no trato; mas de sorte, que não se facilitava, fazendo-se amavel: das suas virtudes pudera fazer huma larga narração; porque o tratey muitos annos, e lhe devi huma singular merce, nascida de huma natural inclinação, que me fará sempre faudosa a sua memoria, sem que fique suspeitosa esta breve noticia; porque he escrita em tempo, que todos o conhecerão. Não occupou mayor posto, do que o de General de Batalha; porque faltandolhe cedo a vida, morreo de idade de vinte e nove annos em Denia a 20 de Novembro de 1706, com todos os Sacramentos, de huma maligna, digno pelas admiraveis partes, e virtudes de a lograr mais dilatada: era de estatura agigantada, mas com membros proporcionados, de gentil presença, alvo, os olhos azuis, vivos, e feições grossas. Foy depositado no Convento de S. Francisco da Cidade de Denia até que se traslade, como he razaõ, para donde jazem os seus antepassados, na Capella môr de Santo Antão dos Eremitas de Santo Agostinho de Lisboa, de que era Padreiro.

Casou

Casou a 19 de Julho de 1693 com D. Luiza Francisca de Tavora, Dama da Rainha D. Maria Sofia de Neoburg, mais dotada de discrição, que fermosura, com singulares partes de Senhora, grande amor a seu marido, de quem foy extremosamente amante; de sorte, que se entende, que a sua falta lhe abbreviou a vida; porque não durou mais que seis mezes, acabando a 18 de Mayo de 1707: era filha, e de quem veyo a ser herdeira por morte de seu irmão Gonçalo Joseph Carvalho, de Henrique Carvalho e Sousa, Senhor de Azambujeira, Provedor das Obras do Paço, Commendador na Ordem de Christo, e de Dona Helena de Tavora, filha de Luiz Francisco de Oliveira e Miranda, Senhor dos Morgados de Oliveira, e Patameira, &c. e desta união teve os filhos seguintes:

20 D. JOSEFA DE TAVORA nasceu a 30 de Setembro de 1694, e morreu menina.

20 D. GIL EANNES DA COSTA nasceu a 9 de Fevereiro de 1696, morreu de onze mezes.

20 D. GONÇALO JOSEPH DA COSTA nasceu a 5 de Fevereiro de 1697, e morreu a 3 de Setembro de 1699.

* 20 D. HENRIQUE JOSEPH FRANCISCO DA COSTA CARVALHO IV. Conde de Soure.

20 D. MARIA nasceu a 17 de Agosto de 1706; e com huma hora de vida voou ao Ceo.

* 20 D. HENRIQUE JOSEPH FRANCISCO JOACHIM LAMBERTO DA COSTA SOUSA CARVALHO

Tom. X.

LIII ii

nas

nasceu a 17 de Setembro de 1699, he IV. Conde de Soure, Provedor das Obras dos Paços, e Casas de Campo Reaes, Senhor da Villa da Azambujeira, dos Morgados de Patalim, Commendador, Alcaide môr, e Senhor da Villa de Castro Marim, de S. Pedro das Varzeas de Soure, Santa Maria de Bezelga na Prelazia de Thomar, da das Pias, e de Santa Olaya no Bispado de Viseu, todas na Ordem de Christo, e do Prestimonio de S. Salvador de Fria-mundo; e seguindo com emulação o exemplo de seu pay, e avós, com propensão à milicia, assentou praça de Soldado, e ElRey lhe fez merce de huma Companhia de Cavallos na Provincia de Alentejo, e depois da Patente de Coronel da Cavallaria com o exercicio do referido posto.

Casou duas vezes, a primeira em 13 de Julho de 1714 com D. Theresá Ignacia de Moscosó, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de Vasco Fernandes Cesar de Menezes I. Conde de Sabugosa, Alferes môr de Portugal, e de D. Juliana de Moscosó sua mulher; e morreu de parto a 10 de Mayo de 1715 sem deixar geração.

Casou segunda vez em 26 de Abril de 1716 com D. Antonia de Rohan, Dama da dita Rainha, filha de D. Joseph Rodrigo da Camera II. Conde da Ribeira, e da Condesa D. Constança Emilia de Rohan, de quem tem até o presente a successão seguinte:

21 D. JOÃO ANTONIO FRANCISCO DOMINGOS

GOS

606 BENTO DA COSTA nasceu a 7 de Fevereiro de 1717, que he Capitão de Cavallos do Regimento de Moura, e Ajudante das Ordens de seu tio o Conde de Atalaya, Governador das Armas da Provincia de Alentejo.

21 D. CONSTANÇA MARTINHA DOMINGAS FRANCISCA DA COSTA nasceu a 30 de Janeiro de 1718, morreu de bexigas a 18 de Julho de 1730.

21215 D. JOSEPH THOMAS DA COSTA nasceu a 18 de Novembro de 1720, morreu em Fevereiro de 1722.

21 D. LUIZA FRANCISCA DOMINGAS DA COSTA nasceu a 11 de Fevereiro de 1723, morreu na flor da idade a 17 de Mayo de 1740.

21 D. JOSEPH ANTONIO FRANCISCO BATHASAR DOMINGOS DA COSTA nasceu a 3 de Mayo de 1726, he Cavalleiro de S. João de Malta, e serve em Alentejo.

21 D. GIL EANNES DA COSTA nasceu a 6 de Setembro de 1729; estava destinado, e aceito na Religião de Malta: faleceu a 27 de Novembro de 1737.

21 D. FRANCISCO MARIA DA COSTA nasceu a 4 de Outubro de 1739, e faleceu em Novembro de 1742.

* 18 D. RODRIGO DA COSTA nasceu a 10 de Novembro de 1657, filho quinto de Dom João da Costa I. Conde de Soure, e da Condessa D. Francisca de Noronha, succedeo em hum Morgado da
Costas,

Costas, que vagou por morte de D. Maria de Noronha, (filha de D. Gil Eannes da Costa, do Conselho de Estado, e Presidente da Camera de Lisboa, e de D. Margarida de Noronha) mulher de Pedro de Alcaçova, Commendador da Idanha a Nova na Ordem de Christo, Alcaide mór de Campo-Mayor, e Ouguela, conforme a instituição do dito Morgado, que nomeou em D. Rodrigo, com administração de huma Capella, que fez dos seus bens livres. Foy Governador da Ilha da Madeira, de que tomou posse em 20 de Outubro de 1690, que governou até o anno de 1697; no de 1702 passou por Governador, e Capitão General do Estado da Bahia, que occupou até o de 1705; e voltando ao Reyno, foy mandado por Vice-Rey da India no anno de 1707; todos estes lugares exercitou com grande justiça, inteireza, e independencia, e com admiravel desinteresse: morreu a 16 de Novembro de 1722.

Casou com sua sobrinha D. Leonor Josefa de Vilhena em 23 de Outubro de 1695, que foy Dama das Rainhas D. Maria Francisca de Saboya, e D. Maria Sofia de Neoburg, filha de Manoel de Mello, Porteiro mór, e hum dos Capitaens da Guarda Real, Regedor das Justiças, e depois Graõ Prior do Crato, e de D. Francisca de Sousa e Tavora sua mulher, e sobrinha, filha herdeira de seu cunhado Alvaro de Sousa, Senhor do Morgado de Alcube, Commendador de S. Salvador de Anciães na Ordem

dem de Christo, e de Dona Leonor de Vilhena sua mulher, irmã de Manoel de Mello seu genro, e filha de Luiz de Mello, Porteiro mór, e Capitão da Guarda Real, Alcaide mór de Serpa, e de Dona Guiomar de Vilhena sua mulher, filha de D. Manoel da Camera II. Conde de Villa-Franca; e deste matrimonio nasceraõ

* 19 D. JOÃO MANOEL DA COSTA:

19 D. MANOEL ALEXANDRE DA COSTA, estudou na Universidade de Coimbra, e se doutorou em Canones; foy oppositor às Cadeiras desta faculdade, e Abbade da Igreja de Santa Cruz na Provincia do Minho, e he Principal da Santa Igreja de Lisboa, em que entrou a 13 de Janeiro de 1739.

19 D. MARIA BONIFACIA DE VILHENA casou a 7 de Janeiro de 1731 com Antonio de Mello de Castro com successão.

* 19 D. JOÃO MANOEL DA COSTA succedeo na Casa, e Morgado de seu pay, foy Commendador na Ordem de Christo, e Coronel do Regimento de Infantaria da Praça de Cascaes; morreo a 22 de Março de 1737. Casou a 27 de Fevereiro de 1724 com D. Anna Theresá de Moscoso, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, filha de Ayres de Saldanha de Albuquerque, Gentil-homem da Camera do Infante D. Antonio, Governador do Rio de Janeiro, e de D. Maria Leonor de Moscoso, irmã de Dom Martinho Mascarenhas, Marquez de Gouvea, e Mordomo mór, &c. de quem teve

D.

20 D. MARIA LEONOR DA COSTA E MOSCOSO, que nasceu em Dezembro de 1724, foy sua herdeira, e casou a 19 de Março de 1741 com Francisco Xavier de Tavora, filho de Manoel Carlos da Cunha e Tavora IV. Conde de S. Vicente, e da Condesa D. Isabel de Noronha, de quem tem até o presente

21 D. JOÃO JOSEPH DA COSTA, que nasceu a 4 de Março de 1742.

20 D. LEONOR DA COSTA, segunda filha de Dom João Manoel da Costa, morreu no anno de 1740.

Condes de Val de Reys.

* 17 D. MARIA DE ATAIDE, filha segunda de D. Francisco Luiz de Noronha, VIII. Senhor de Villa-Verde, e de D. Catharina de Vilhena e Sousa sua mulher, como fica dito. Casou com Lourenço de Mendoça, descendente por varonia da antiquissima familia de Mendoça, e filho herdeiro de Nuno de Mendoça I. Conde de Val de Reys, Commendador de Santa Maria de Villa-Cova, e S. Miguel de Armamar na Ordem de Christo, Gentilhombre de Boca do Cardeal Archiduque Alberto, Governador, e Capitão General da Praça de Tangere, Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, eleito Vice-Rey da India, que não aceitou; do Conselho de Estado, e Governador de Portugal com Dom Antonio de Ataide I. Conde de Castro-Dairo, e da Condesa D. Guiomar da Sylva, filha de Luiz da Sylva, Senhor de Lamarosa, Commendador

dados de N. Senhora de Companhia na Ordem de Christo, e de D. Isabel Pereira de Miranda, filha de Francisco Pereira de Miranda e Berredo, Capitão de Chaul, de quem teve os filhos seguintes:

18 NUNO DE MENDOÇA II. Conde de Val de Reys.

18 FRANCISCO DE MENDOÇA, que passando à Índia servio naquelle Estado, e foy morto no anno de 1644 em Negumbo, na guerra de Ceilão contra os Hollandezes, sem deixar geração.

18 D. BRITES DE VILHENA, Freira no Mosteiro de Almofter da Ordem de S. Bernardo.

18 D. JOANNA, Freira no Mosteiro do Calvário de Lisboa da Ordem de Santa Clara.

18 D. CATHARINA, que não tomou estado,

18 D. ANTONIA, e D. MARIANNA morrerão meninas.

18 NUNO DE MENDOÇA nasceu em 31 de Dezembro de 1612, foy II. Conde de Val de Reys, Commendador das Commendas de Santa Maria de Villa-Cova, S. Miguel de Armamar, S. Salvador de Montecorvela, e Santo André de Theozello da Ordem de Christo, Alcaide mór de Faro, Loulé, e Albofeira no Reyno do Algarve, Gentil-homem da Camera do Principe D. Theodosio, Governador, e Capitão General do Reyno do Algarve, Presidente do Senado da Camera de Lisboa, e do Conselho Ultramarino, Mordomo mór da Infanta D. Isabel Josefa, do Conselho de Estado, e Guerra

Tom. X.

Mmmm dos

dos Reys D. Affonso VI. e D. Pedro II. e nomeado Védor da Fazenda, de que não chegou a tomar posse; morreu em 15 de Março de 1692.

Casou com D. Luiza de Castro e Moura, filha herdadeira de Ruy de Moura Telles, Senhor da Povoação, e Meadas, Commendador da Ordem de Christo, Governador, e Capitão General de Mazagaão, do Conselho de Estado, Estribeiro mór da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaão, Védor da Fazenda; e Presidente do Desembargo do Paço, e Gentil-homem da Camera delRey D. Pedro sendo Infante, e de D. Luiza de Castro sua mulher, filha de D. Francisco Rolim de Moura XIV. Senhor da Azambuja, como dissemos no Liv. VI. Capitulo V. pag. 268 do Tomo V. e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 19 LOURENÇO DE MENDOÇA III. Conde de Val de Reys.

19 RUY DE MOURA TELLES nasceu em 26 de Janeiro de 1644, estudou em Coimbra Direito Canonico, e foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo, em que entrou no anno de 1658; e graduado Doutor no anno de 1667, passou a residir na Sé de Evora, de que era Conego, e Thesoureiro mór, e foy nomeado por ElRey D. Pedro II. em Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, de que tomou posse no anno de 1677, precedendo o exame vago; no anno seguinte o fez o dito Rey seu Sumilher da Cortina, e vagando o lugar de Rey-
tor

tor da Universidade de Coimbra, foy eleito Rey-tor, e confirmado por Provisão do anno de 1690 do dito Rey. No anno de 1691 o nomeou Bispo de Lamego, que recusou, e continuando o governo da Universidade, foy hum dos mais memoraveis, que ella teve, pela prudencia, vigilancia, e inteireza. No anno de 1694 foy nomeado Bispo da Guarda, e confirmado pelo Papa Innocencio XII. foy sagrado na Igreja do Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa a 14 de Novembro do dito anno, por D. Fr. Joseph de Lencastre, Inquisidor Geral; e entrou na sua Diocese em Junho de 1695, que visitou pessoalmente. No anno seguinte a 3 de Julho foy hum dos Prelados, que assistiraõ à ultima trasladação do Corpo da Rainha Santa Isabel na Cidade de Coimbra. Achou-se em Lisboa no anno de 1697 nas Cortes, que entaõ se celebraraõ; e sendo nomeado Arcebispo de Braga, Primaz de Hespanha, e confirmado pelo Papa Clemente XI. entrou na sua Igreja a 25 de Novembro de 1704, sendo já do Conselho de Estado, a qual governou com grande zelo, justiça, e inteireza, sendo continuo nas visitas, fazendo muitas pessoalmente, e obras magnificas, com que engrandeceo aquella Cidade; na sua pessoa foy exemplarissimo Prelado, e naõ menos a sua Casa, e Familia; acerrimo defensor da isençaõ da sua Igreja, e em tudo dignissimo da grande Dignidade, que logrou; porque foy incançavel nas obrigações de Pastor; e tendo recebido os Sacramentos, e ex-

hortado ao seu Cabido, lhe encomendou a paz, e uniaõ entre si, e a conservaçaõ dos privilegios daquella Cathedral: com geral edificaçaõ, e sentimento dos seus morreo a 4 de Setembro do anno de 1728, e jaz na sua Cathedral na Capella de S. Giraldo, e será sempre saudosa a sua memoria.

19 D. LUIZA MARIA DE MENDOÇA, Dama da Rainha D. Luiza. Casou em 30 de Outubro de 1667 com Lourenço de Sousa de Menezes I. Conde de Santiago, Aposentador mór delRey, como já dissemos.

* 19 D. MARIA DE ATAIDE, Dama da mesma Rainha. Casou com Luiz Guedes de Miranda Henriques, Senhor de Murça.

19 D. LUIZA MARIA DA CONCEIÇÃO, Religiosa no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa da primeira Regra de Santa Clara, donde entrando de oito annos no de 1664, depois de cincoenta e dous annos de clausura, a nomeou seu irmaõ o Arcebispo Primaz, para Fundadora do Mosteiro da Villa de Guimaraens, e nelle viveo vinte e tres annos, com grande exemplo; e tendo estabelecido a primeira Regra de Santa Clara naquella Mosteiro no rigor da sua observancia, acabou no primeiro de Abril de 1739, deixando da sua vida saudosa memoria.

19 D. MARGARIDA, Freira no mesmo Mosteiro da Madre de Deos.

19 D. BRITES, e D. CATHARINA morreram
menis.

meninas, recolhidas no Mosteiro do Salvador de Lisboa.

19 D. JOANNA, e D. MARIANNA, Freiras no Mosteiro da Esperança de Lisboa, da Ordem Seráfica.

19 ANTONIO, e D. BRITES, morteraõ de tenra idade.

19 LOURENÇO DE MENDOÇA nasceu em 27 de Janeiro de 1642. Foy III. Conde de Val de Reys, Senhor da Povia, e Meadas, e do Morgado da Quarteira, Alcaide mór de Moura, das Cidades de Faro, de Loulé, e Albofeira, Commendador de Santa Maria de Villa-Cova, S. Miguel de Armamar, S. Salvador de Montecorvela, e Santo André de Theozello na Ordem de Christo, Deputado da Junta dos Tres Estados, Regedor das Justiças, lugar, que exercitou quatorze annos, com grande authoridade, e inteireza, do Conselho de Estado, e Guerra, dos Reys D. Pedro II. e D. João V. servio alguns annos de Almotacé mór do Reyno na ausencia de seu parente Antonio Luiz Coutinho da Camera, Vice-Rey da India; morreo a 26 de Outubro de 1707.

Casou em 15 de Janeiro de 1669 com Dona Maria Magdalena de Mendoça, que morreo no primeiro de Abril de 1706, e era filha de Manoel de Sousa da Sylva, Mestre Salla do Principe D. Theodosio, Vedor da Casa da Rainha Dona Maria Francisca de Saboya, e Aposentador mór, como já se disse:
deste.

deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 20 NUNO DE MENDOÇA IV. Conde de Val de Reys.

20 JOÃO DE MENDOÇA nasceu em Estremoz a 12 de Junho de 1673. Foy Porcionista do Collegio de S. Paulo, em que entrou em Janeiro de 1690, Arce-diago da Sé da Guarda no de 1694; no mesmo anno Conego, e Thesoureiro môr da Metropolitana Igreja de Evora, por promoçãõ de seu tio Ruy de Moura ao Bispado da Guarda. E tendo feito todos os actos na faculdade dos Sagrados Canones, se graduou Doutor em 17 de Julho de 1698, e no mesmo anno o proveo ElRey em huma Conduçta com privilegios de Lente; e depois de ter ostentado na Universidade com grande applauso, em que mostrou, assim nesta, como em muitas occasioens, o seu magisterio, a sua grande erudiçãõ, e larga noticia da Jurisprudencia, e sendo hum dos mayores Letrados do seu tempo; leo a Cadeira de Clementinas, depois a de Sexto, igualado à de Decreto, e Vespera; recusou o lugar de Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, de que ElRey lhe fazia merce nos annos de 1703, e 1706 por continuar o serviço da Universidade nas Cadeiras. Foy Deputado do Santo Officio, nomeado no anno de 1704, e servio nas Inquisiçõs de Lisboa, e Coimbra, Sumilher da Cortina, em que entrou no anno de 1709, e sendo nomeado Bispo da Guarda, e confirmado pelo Papa Clemente XI. foy sagrado a 30 de Abril

*Catalogo dos Bispos da
Guarda.*

de

de 1713 na Igreja de Nossa Senhora da Graça pelo Cardeal da Cunha, sendo Assistentes D. Fr. Joseph de Oliveira, Bispo de Angola, e D. Fr. Antonio Botado, Bispo Titular de Hypponia; e recolhido à sua Diocese, visitou pessoalmente todo o Bispado, e o governou até o anno de 1717, em que a 30 de Mayo partio para Roma a fazer a visita *ad limina Apostolorum*, e chegando a 23 de Novembro à Corte de Roma, o Papa Clemente XI. o nomeou Assistente do Solio Pontificio, que aceitou com beneplacito de Sua Magestade, e se lhe passou Breve a 21 de Mayo de 1718, que Sua Santidade lhe mandou por Monsenhor Batelli seu Secretario de Breves aos Principes; residio na Curia até o primeiro de Junho de 1720, em que voltando para o Reyno, entrou no seu Bispado a 23 de Agosto, sem fazer o caminho pela Corte. Residio na sua Diocese com grande edificação, pelo exemplo da sua pessoa, reforma nos costumes, e abusos; porque foy vigilantissimo do bem das suas ovelhas, grande esmolero, e dignissimo da Dignidade, que logrou, e benemerito das mayores do Mundo: faleceo a 2 de Agosto de 1736 na Villa de Castello-Branco.

20 RUY DE MOURA TELLES, foy Thesoureiro môr da Sé de Evora por renuncia de seu irmão; residio algum tempo na Corte de Roma, e passando depois a outras, morreo na de Londres no anno de 1738.

20 ANTONIO DE MENDOÇA, e D. LUIZA DE CASTRO morteraõ de curta idade. Nu-

* 20 NUNO DE MENDOÇA nasceu a 7 de Junho de 1670, IV. Conde de Val de Reys, Senhor da Povoia, e Meadas, e da Beatria de Lordello junto ao Porto, Alcaide mór das Cidades de Faro, e de Loulé, das Villas de Albufeira, e Moura, Comendador de Santa Maria de Villa-Cova, S. Miguel de Armamar, S. Salvador de Montecorvela, e de Santo André de Theozello na Ordem de Christo, e Deputado da Junta dos Tres Estados: faleceu na sua Quinta de Villa-Longa a 3 de Janeiro de 1732. Casou em 31 de Outubro de 1700 com D. Leonor Maria Antonia de Noronha, Dama da Rainha D. Maria Sofia, filha de D. Pedro Antonio de Noronha I. Marquez de Angeja, II. Conde de Villa Verde, &c. e da Marqueza D. Isabel de Mendoça sua mulher, e tiveram os filhos seguintes:

21 D. MARIA DE MENDOÇA nasceu a 4 de Fevereiro de 1701, e morreu a 21 de Outubro de 1720 sem ter elegido estado.

21 D. ISABEL DE MENDOÇA nasceu a 16 de Setembro de 1702. Casou com Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, Senhor da Ilha Deserta, e de Regalados, como em seu lugar se dirá.

21 LOURENÇO DE MENDOÇA nasceu a 4 de Fevereiro de 1704, e morreu a 19 de Agosto do anno seguinte:

* 21 LOURENÇO FILIPPE DE MENDOÇA V. Conde de Val de Reys.

21 PEDRO GUALBERTO DE MENDOÇA nasceu

ceo a 12 de Julho de 1706, he Religioso da Ordem de Cister.

21 ANTONIO ROLIM DE MOURA nasceu a 12 de Março de 1709, he Senhor da Casa da Azambuja por renuncia de seu parente D. Joaõ Rolim de Moura, ultimo varão legitimo desta antiga Casa, que ElRey lhe confirmou.

21 D. JOACHINA MARIA DE MENDOÇA nasceu a 15 de Fevereiro de 1711.

21 D. JOSEFA DE MENDOÇA nasceu a 23 de Junho de 1712.

21 D. FRANCISCA DE MENDOÇA nasceu a 20 de Agosto de 1713, todas tres Religiosas no Mosteiro da Annunciada de Lisboa da Ordem do Patriarca S. Domingos.

21 D. CAETANA DE MENDOÇA nasceu a 29 de Novembro de 1714.

21 JOAÕ DE MENDOÇA nasceu a 25 de Abril de 1717, Religioso da Ordem de S. Jeronymo.

21 D. THERESA DE MENDOÇA nasceu a 20 de Novembro de 1718.

21 D. LUIZA DE MENDOÇA nasceu a 11 de Abril de 1720.

21 D. MARIA ANTONIA GERTRUDES DE MENDOÇA casou a 30 de Junho de 1743 com Francisco Vicente Furtado de Mendoça Castro do Rio, filho herdeiro de Luiz Xavier Furtado de Mendoça Castro do Rio IV. Visconde de Barbacena, e da Viscondessa D. Ignez Francisca Xavier de Neronha.

Tom. X. Nnnn Jo-

21 JOSEPH FRANCISCO DE MENDOÇA, que estuda em a Universidade de Coimbra com grande aproveitamento, e he Porcionista do Collegio Real de S. Paulo.

* 21 LOURENÇO FILIPPE DE MENDOÇA E MOURA nasceu a 26 de Mayo do anno de 1705. He V. Conde de Val de Reys, Senhor das Villas da Povoação, e Meadas, Val de Reys, e da Beatria de Lordello junto ao Porto, Alcaide môr de Loulé, Faro, e Albufeira no Algarve, e de Moura, Commendador das Commendas de Santa Maria de Villa-Cova, S. Salvador de Montecorvado no Bispado do Porto, Santo André de Tiozelo no de Miranda, e S. Miguel de Armamar, todas na Ordem de Christo, e da Chouparia na Ordem de Santiago; e serve na Provincia de Alentejo, e he Capitão de Cavallos. Casou em 24 de Fevereiro de 1732 com D. Joanna de Noronha sua prima com irmãa, filha de D. Antonio de Noronha, II. Marquez de Angeja, e da Marqueza D. Luiza Josefa de Menezes sua mulher, de quem até o presente tem os filhos seguintes:

22 NUNO JOSEPH FULGENCIO AGOSTINHO JOÃO NEPOMUCENO DE MENDOÇA E MOURA, que nasceu a 16 de Mayo do anno de 1733.

22 ANTONIO JOSEPH CHRYSOSTOMO DE MENDOÇA nasceu a 27 de Janeiro de 1735.

22 JOSEPH MARIA PEDRO DE BORJA DE MENDOÇA nasceu a 10 de Outubro de 1737.

22 D. LUIZA JOSEFA MARIA GERTRUDES ANTO-

ANTONIA DE MENDOÇA nasceu a 17 de Novembro de 1738.

22 JOACHIM DE MENDOÇA.

* 19 D. MARIA DE ATAÍDE, foy Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmao, filha segunda de Nuno de Mendoça II. Conde de Val de Reys, e da Condesa D. Luiza de Castro e Moura, como já dissemos. Casou no anno de 1673 com Luiz Guedes de Miranda Henriques, Senhor de Murça, Agua-Revis, Val de Passos, e outras terras, Commendador de Cabeço de Vide, Alter Pedrozo, e Deseza do Hospital, e Groiva na Ordem de Aviz, Estribeiro mór delRey, de que teve mercede, e nuncá exercicio, filho de Pedro Guedes de Mendoça Henriques, Senhor das referidas terras, e Estribeiro mór delRey D. Joao IV. e de D. Maria Josefa de Mendoça e Albuquerque, filha que veyo a ser herdeira de Pedro de Mendoça, Alcaide mór de Mourao, Commendador de Villa-Franca na Ordem de Christo, e de D. Joanna de Mendoça, filha de Dom Pedro de Abranches, Mestre Salla delRey D. Joao III. Commendador de Anciaens, e Anhaes na Ordem de Christo, e Alcaide mór de Santiago de Cassem, de quem teve

20 PEDRO GUEDES DE MIRANDA, que morreu moço.

* 20 JOAO GUEDES DE MIRANDA HENRIQUES MENDOÇA E ALBUQUERQUE, que succedeo na Casa de seu pay, e na de sua avó paterna, e he Senhor

Tom. X. Nnnn ii de

de Murça, e mais terras, Commendador de Cabeço de Vide, &c. na Ordem de Aviz.

Casou no anno de 1694 com D. Francisca de Noronha, filha de Joaõ da Sylva Tello III. Conde de Aveiras, e da Condesa D. Juliana de Noronha, filha do I. Conde de Soure, de quem teve

21 LUIZ GUEDES DE MIRANDA HENRIQUES.

21 JOSEPH GUEDES, que morreu menino.

21 D. JULIANA DE NORONHA morreu menina.

21 LUIZ GUEDES DE MIRANDA HENRIQUES, que he successor, e Capitão de Dragoens na Provincia de Alentejo.

Casou no anno de 1741 com D. Magdalena Mascarenhas, filha de D. Joaõ Mascarenhas, e de Dona Helena de Lencastre III. Marquezes de Fronteira.

CAPITULO V.

De D. Affonso de Portugal II. Conde de Vimiofo.

14 **F**Oy o primeiro fruto do esclarecido thalamo dos Condes de Vimiofo D. Francisco, e D. Joanna de Vilhena D. Affonso de Portugal, que nasceu no anno de 1519, e sendo educado com a prudencia do Conde seu pay, seguiu com generosa emulação as suas virtudes, ajuntando

do à inclinação das armas o amor das bellas letras, em que se adiantou tanto na lingua Latina, que mereceo, que o insigne Jeronymo Osorio lhe escrevesse huma elegante Carta estando em Bolonha; e quando não tiveramos tantos documentos do talento de D. Francisco, bastava sómente a correspondencia, que teve com este erudito, para acreditar a sua curiosidade, e applicação.

Não contava mais que dezaseis annos, quando no de 1536, levado do ardor do seu generoso espirito, querendo do seu nome deixar gloriosa memoria, alcançou licença delRey para acompanhar ao Infante D. Luiz na empresa de Tunes, como refere o Chronista Francisco de Andrade, numerando a D. Affonso entre os Fidalgos, que foraõ com o Infante com licença delRey, e a hum irmão seu, de quem diz não soubera o nome, o conta entre os Fidalgos, que o seguiraõ sem licença, que entendido ser D. Manoel de Portugal; porque o outro irmão era Dom João de Portugal, que seguiu a vida Ecclesiastica, e soy Bispo da Guarda. Achou-se D. Affonso com o Infante naquella gloriosa facção; o Emperador Carlos V. o honrou muito, e reconhecendo os merecimentos da Casa, que representava, o distinguio com a especial demonstração de o mandar entrar no seu Conselho de Guerra; e supposto os poucos annos não permittiaõ, que votasse em materia tão séria, como a que se tratava, com esta demonstração parece quiz o Emperador, que

*Andrade, Chronica do
Rey D. João III, parte
3. cap. 15. pag. 41.*

que D. Affonso se instruisse, ouvindo os votos de tantos homens grandes, cheyos de experiencias militares, como os que se acharaõ naquella felicissima empreza.

Prova num. 24.

Continuou Dom Affonso em se distinguir na Corte; assim teve as entradas livres com seu irmão D. Manoel; de sorte, que com os seus merecimentos, e serviços se adiantava aos annos; porque não tinha mais que vinte e cinco, quando ElRey o nomeou do seu Conselho, dizendo na Carta: *Que esguardando eu os serviços, e merecimentos de Dom Affonso de Portugal, meu amado sobrinho, pelos quaes, e qvallidades de sua pessoa he rezaõ, que receba de mim honra, merce, e acrescentamento, e confiando delle, e de sua bondade, e saber, que me suberaa bem aconselhar, e dar conselho verdadeiro, e fiel, e tal como deve, e por folgar de lhe fazer merce tenho por bem, e o faço do meu Conselho.* Foy a Carta feita em Almeirim a 11 de Fevereiro de 1544.

Prova num. 25.

Estava D. Affonso, por ordem delRey, destinado para casar com huma filha do Duque de Bragança D. Jayme, quando arrastado de amorosa paixão, contratou o seu casamento com D. Luiza de Gusmaõ, Dama da Infanta D. Maria, em cuja attençaõ a Rainha de França D. Leonor sua mãy fez merce a D. Luiza, por hum muy honrado Alvará, de dous mil cruzados para o seu casamento, feito em Puisi a 18 de Julho de 1547. Causou este ajuste bastante dissabor ao Conde seu pay; porque ainda que esta

esta Senhora era de illustrissimo nascimento , havia muita differença ao esplendor a que o elevava no casamento de huma filha do Duque de Bragança , em quem concorriaõ tantas circumstancias , como deixamos referido no Livro VI. do Tomo V. e VI. desta Obra. Era filha herdeira de Francisco de Gusmaõ , Mordomo môr da dita Infanta , Senhor da Capitania da Villa de Machico , e da Villa de Santa Cruz na Ilha da Madeira , as quaes deu em dote a sua filha. Destas Villas havia ElRey D. Joaõ feito Doação ao famoso D. Antonio da Sylveira , em remuneração da admiravel constancia , e valor , com que defendeo a fortaleza de Dio , huma das mais importantes do Estado da India , naquelle apertado sitio , que lhe poz Solimaõ Baixá do Cairo , Turco afamado , com hum formidavel Exercito , de que a industria , e valor de D. Antonio a livrou com tanto acordo , que não só defendeo a Fortaleza com parte dos muros por terra , chegando os Turcos amontar a artilharia nos baluartes ; porém peleijou com tal constancia , e ordem de dia , e de noite com os Turcos , que fez taõ grande damno nos inimigos , que Solimaõ se resolveo a levantar o sitio ; porque não perecesse nelle toda a sua gente. Esta defesa , que foy huma das mais prodigiosas , que se lem na Historia , conseguida pelo valor , e industria de D. Antonio da Sylveira , em que as nossas Armas triunfaraõ da numerosa multidão dos barbaros , remunerou ElRey com a Capitania , e jurisdicção
das

- das Villas de Machico, e Santa Cruz, e seus Termos, para elle, e todos os seus descendentes por linha direita masculina. Foy feita a Doação em Lisboa a 19 de Mayo de 1541. Esta Capitanía vendeo D. Antonio da Sylveira a Francisco de Gusmão, precedendo licença delRey, pelo valor de trinta e cinco mil cruzados, com as mesmas clausulas, com que ElRey lha dera. Foy feita a Escritura na Cidade de Lisboa a 17 de Setembro do anno de 1548, e agora a deu em dote a sua filha D. Luiza de Gusmão para casar com D. Affonso de Portugal, o que ElRey confirmou por huma Carta com as mesmas clausulas de ser para elle, e todos os seus descendentes por linha direita masculina, como a havia possuido o referido D. Antonio da Sylveira. Foy feita em Almeirim a 2 de Fevereiro de 1549. Obrigando-se D. Affonso, com faculdade Real, às arrhas, conforme a Ley do Reyno, de que se lhe passou Alvará a 29 de Dezembro do anno de 1549.

Goes, Chron. do Príncipe D. João, cap. 17.

- Neste mesmo anno morreo o Conde D. Francisco, e succedeo em toda a sua Casa, e Estados D. Affonso, e foy II. Conde de Vimioso, Senhor das Villas de Aguiar, e de Vimioso, Alcaide mór da dita Villa, e Commendador, e Alcaide mór de Thomar, e das Pias, e outras, e pelo seu casamento Senhor da Capitanía de Machico. ElRey o occupou no lugar de Vedor da Fazenda, que havia vagado pelo Conde seu pay, cuja successão lhe estava promettida, que elle exercitou com tanta prужa-

dencia, como utilidade da mesma fazenda. No anno de 1557 havia ElRey determinado, que a Infanta Dona Maria sua irmã passasse a Castella a versar com sua mãe a Rainha de França, e nomeou ao Conde de Vimioso para a acompanhar; estando já aprestado com aquelle luzimento, que pedia huma jornada tão especial, se frustrou, por succeder neste tempo morrer ElRey D. João no mesmo anno, e o Conde foy hum dos Senhores, que pegaraõ no Ataude, e que o acompanharaõ à sepultura. Succedeo no Throno de Portugal ElRey D. Sebastião, e no Auto do Levantamento, foy tambem o Conde de Vimioso hum dos Senhores, que se acharaõ presentes. Passados poucos mezes, a Rainha D. Catharina, Regente do Reyno, tornou a nomear ao Conde para acompanhar a Infanta D. Maria na referida jornada, de que o Conde se escusou com o motivo, que não se achava em estado de fazer novas despezas, para huma occasião tão publica; porque toda a que havia feito, que era grande para esta mesma jornada, lhe era inutil pela differença do tempo: pelo que no presente lhe não era possível fazer novos gastos, pelos muitos, com que nas funções publicas havia empenhado a sua Casa, de que não recebera remuneração, nem despacho. A Rainha, que desejava muito, que elle acompanhasse a Infanta, lhe mandou propor pelo Duque de Aveiro, e pelo Secretario Pedro de Alcaçova satisfazer a sua queixa, com logo o despachar, offere-

Barbosa, *Memorias del Rey D. Sebastião*, tom. 1. pag. 25, e 49.

Tom. X.

Oooo

cen-

cendolhe o titulo com diversas merces para seu filho, entre ellas as Villas de Vimioso, e Aguiar, de juro, com as Alcaidarias mōres de Thomar, e Terena, com a clausula de largar o officio de Védor da Fazenda, o que o Conde não aceitou. Chegaraõ neste tempo a Badajoz as Rainhas de França, e Hungria, esta cunhada, e a outra irmã da Rainha Dona Catharina; e com esta noticia era preciso se apressasse a jornada da Infanta. Achava-se o Conde de cama neste tempo, e ferido, se bem não encontramos a causa desta ferida; porém não padece duvida, por elle o relatar em huma petição à Rainha, quando esta ordenou ao Secretario Pedro de Alcaçova buscasse ao Conde, e lhe significasse o quanto a obrigaria com esta jornada, e a consternação de haver de buscar outra pessoa para ella, e o prejuizo, que receberia o serviço delRey na sua escusa, e que ultimamente lhe lembrava, que elle era filho de seu pay, e quam poucos mezes havia, que El-Rey falecera, e outros motivos, com que obrigou ao Conde, honrando-o de sorte, que aceitou a commissão, de que a Rainha se deu por tão satisfeita, que mandou ao Secretario Pedro de Alcaçova lhe escrevesse da sua parte o muito, que lhe agradecia a sua resolução. Tratou o Conde com aquella actividade, de que era dotado, de se preparar para a jornada com tanto cuidado, como se a houvera pertendido, antepondo o Real serviço às justificadas queixas, com que a recusava, e em muy pouco tempo

tempo com novas despezas empenhou a sua Casa, e se preparou com huma luzida comitiva, e ainda que toda coberta de luto, foy grande o apparato, e magnificencia, com que se poz a caminho; e partindo no referido anno, voltou no seguinte com a Infanta, sendo o Conde a parte principal, que persuadio, e pode acabar com a Infanta a tornar para Portugal; porque levada do carinho, e amor de sua mãy, quiz ficar na sua companhia. As Rainhas tratao ao Conde com singular distincão, que elle lhe sabia bem merecer. A Rainha D. Catharina lhe agradeceo com tantas expressões o effeito desta missão, que quando chegou a darlhe della conta, ao beijar da mão, com admiravel benignidade lhe lançou os braços ao pescoço, dizendo, que era grande o conceito, que delle fazia; mas que confessava, que não chegara a sua idéa acomprehender, o que experimentara. Com honras tão especiaes foy gratificado sómente o Conde, sem embargo, que a Rainha o tinha mandado segurar, que quinze dias depois da sua volta ao Reyno daria satisfação às suas pertencões. Porém as cousas se moverão de sorte, que não passou muito tempo, que não visse o Conde dar a Alcaidaria môr de Terena a Pedro da Cunha, Senhor de Gestaço, e Panoyas. Passados alguns dias se deferio ao Conde differentemente, do que elle merecia, de que se deu por tão sentido, que não tirou os despachos em todo o tempo, que durou a Regencia da Rainha; depois obri-

Tom. X. Oooo ii gado

gado de vehemente escrupulo, os tirou com hum protesto: a Rainha lho agradeceo, porque estimava muito ao Conde, reconhecendo a sua razaõ, prestimo, e desinteresse; porẽm como os seus serviços eraõ taõ relevantes, era justo o sentimento; porque parecia naõ se attendia ao seu merecimento, e ficava de alguma sorte offendido o brio, com os aceitar; porẽm o Conde era de tal christandade, que naõ quiz defraudar a seus filhos com recusar o despacho, a que já tinhaõ adquirido direito. Mas para em tudo mostrar o justificado da sua queixa, fez depois huma representaçaõ à Rainha em hum memorial, de que a substancia era, pedir-lhe lhe mandasse passar huma Certidaõ de tudo o que elle nelle relatava, a que a Rainha deferio, mandandolha dar pelo seu Secretario Francisco Cano, que atestou a lera à mesma Rainha, e asseverara, que de tudo, o que referia, estava lembrada. Naõ se contentou com menos o Conde; porque como naõ tinha ambiçaõ, satisfez-se com deixar huma tal, e taõ honrada memoria aos seus successores, por equivalente das riquezas, que merecia.

Naõ embaraçaraõ taõ justificadas queixas o animo do Conde; porque o seu generoso coraçãõ inalteravel à mesma fortuna, o naõ perturbava cousa alguma, para deixar de servir com o mesmo zelo, e amor, com que até alli o havia feito. Entrou El-Rey no sexto anno da sua idade no de 1559, e considerando-se ser tempo de lhe dar Mestre, se propoz

Prova num. 29.

poz aos do Conselho votassem neste importante negocio, de que dependia na Real educaçã a felicidade de todo o Reyno. A Rainha o fez, parecendo-lhe ser conveniente para Mestre delRey o Mestre Fr. Luiz de Granada, ou Fr. Luiz de Montoya, este Religioso Eremita de Santo Agostinho, e o outro da Ordem dos Prégadores, em quem concorriaõ sobre virtude solida, grande litteratura. O Infante Cardeal D. Henrique foy de parecer se escolhesse hum Religioso da Companhia de Jesu, que naquello tempo principiava a florescer; voto, que seguiu D. Martinho Pereira, e outros Fidalgos. O Conde de Vimioso serio, e prudente, disse se podia escolher hum Cavalhero secular, que naõ fosse da primeira nobreza, bem instruido na lingua Latina, e Humanidades, e ornado de virtudes dignas para hum taõ importante assistencia, a quem se poderia gratificar o seu cuidado com premio proporcionado à cathegoria da sua pessoa, de forte, que se desse por satisfeito. Lourenço Pires de Tavora com differente idéa era de parecer se mandasse buscar fóra do Reyno huma pessoa erudita, e ornada de virtudes dignas de poder assistir a ElRey. D. Alcix de Menezes, Ayo delRey, que se naõ achou no Conselho, votou por escrito largamente com aquella prudencia, de que era dotado; e naõ convindo em Religioso, em pouco se differençou o seu voto do do Conde de Vimioso; concluiu, que devia ser hum Fidalgo, em quem concorressen partes dignas de

*Barbosa, Mem. de
Rey D. Sebastião, tom.
1. pag. 202.*

de tão importante emprego: porém prevalecendo a inclinação do Infante Cardeal à Companhia, foy nomeado para o Magisterio o Padre Luiz Gonçalves da Camera, no qual concorriaõ com illustre nascimento letras, talento, e costumes santos, que o faziaõ merecedor daquelle emprego, o qual se achava em Roma, donde o mandaraõ, que se recolhesse ao Reyno para assistir a ElRey. Celebrou depois ElRey as primeiras Cortes do seu Reynado no anno de 1562. Entre os Senhores, e mais pessoas, que entaõ se acharaõ presentes, foy hum delles o Conde de Vimiofo, tambem dos consultados sobre o seu casamento, o que fez por huma Carta, em que lhe dava individual conta, do que se passava sobre esta materia, para o que queria ouvir o seu parecer: foy feita a Carta em Lisboa a 10 de Outubro de 1567, e se conserva no Cartorio da Casa de Vimiofo o Original, e traz copiada o Abbade de Severinas *Memorias* do dito Rey no Tomo II. pag. 689.

Prova num. 30. No referido anno por hum Alvará passado em Almeirim a 19 de Fevereiro lhe fez merce, de que os seus Ouvidores das Villas de Vimiofo, e Aguiar da Beira, pudessem assistir fóra dellas, naõ passando de seis legoas; e já por outro Alvará, feito em Lisboa a 20 de Setembro de 1564, lhe havia feito outra muy especial de poder caçar hum dia cada semana às lebres com dous galgos, e às perdizes com hum Açor.

Prova num. 32. Depois por outro Alvará feito a 8 de Setembro de 1569 em Leiria, lhe concedeo aposentadoria, e tudo

do o que lhe fosse preciso nas suas jornadas. E entre outras isenções, e prerogativas, he para reflectir, a merce de poder andar em andas, e a Condessa sua mulher quando fossem de jornada, o que então era prohibido, e sómente permittido às pessoas Reaes, e se concedeo ao Conde por doente, foy passada em Cintra a 26 de Agosto de 1570. Prova num. 16.

Entrou ElRey D. Sebastião na idade precisa para tomar o governo do Reyno no anno de 1568, e o Conde o servio na mesma fórma, com que havia servido ao Principe seu pay, e a ElRey seu avô; continuou no lugar de Vêdor da Fazenda, que exercitou mais de trinta annos, com tal inteireza, justiça, e satisfação, do que obrava, como se vê do caso seguinte. Mandou ElRey tirar huma residencia de todos os Ministros da Fazenda, e depois reflectindo no brioso genio do Conde de Vimioso, lhe mandou dar hum genero de satisfação do bem, que o tinha servido, agradecendolhe o seu zelo, de que o Conde se deu por tão pouco obrigado, que respondeo ao Ministro, que da parte delRey lhe fallava, que se não satisfaria de nenhuma sorte, quando aquella demonstraçõ delRey não fosse publica por huma sentença, de que constasse aos vindouros, que a sua honra não ficara manchada na visita, que ElRey mandara tirar do procedimento dos seus Ministros, a que ElRey satisfez com o Alvará seguinte:

„Eu ElRey faço saber, que eu vi particular-
„mente

„mente com o Cardeal Infante Dom Enrique meu
„thio, e com Martin Gonçaves da Camara do
„meu Conselho, e meu Escrivão da Puridade, e
„com o Doutor Paulo Affonso do meu Conselho,
„e Desembargo do Paço, a resposta, e justificações,
„que Dom Affonso de Portugal Conde do Vi-
„cioso, meu muy amado sobrinho, Vêdor de mi-
„nha fazenda, me deu, ao que tocava em a visita da
„residencia, que por bem da justiça, mandey tirar
„de todos os Officiaes della, e achei em todas as
„couzas, tudo o que sempre delle experimentei; e
„assim lho tenho dito de palavra, e achei, que por
„via de rigor, e justiça, tinha bem juridicamente
„satisfeito, e mostrado em todas as couzas, que me
„tinha servido, como delle esperava, e com toda a
„pureza, verdade, e diligencia. E por me pedir
„com muita instancia, que se dêsse no caso publi-
„camente sentença, para que a todos, e em todo o
„tempo fosse notorio, que me servira bem, e fiel-
„mente, e como quem elle he. E me pareceo,
„que o devia declarar, e por este meu Alvará de-
„claro, ser assi por sentença dada em minha presen-
„ça, e com conhecimento verdadeiro, e bastante
„exame da causa. E este quero, que não passe pe-
„la Chancellaria, sem embargo da Ordenação, que
„manda, que os meus Alvarás, que por ella não
„forem passados, não se guardem: assim sem embar-
„go da Ordenação do livro terceiro, que diz, que
„as sentenças, e couzas julgadas passem por minha
„Chan-

„Chancellaria. Jorge da Costa o fez em Cintra a
„13 dias do mez de Agosto de 1574.

REY.

Este Alvará he hum testemunho, não só da re-
stidaõ, e independencia do Conde, mas de qual era
a sua authoridade, e a estimaçaõ, que ElRey fazia
da sua pessoa, que se vio obrigado a proferir a refe-
rida sentença, para deixar o Conde à sua posteri-
dade hum irrefragavel documento das suas virtudes,
que unidas à grandeza do seu nascimento, fizeraõ
taõ esclarecido o seu nome.

Determinou ElRey D. Sebastiaõ passar segun-
da vez à Africa no anno de 1578. O Conde de Vi-
ñiofo o acompanhou, levando comsigo tres filhos,
D. Francisco de Portugal, successor da sua Casa, e
a D. Luiz, e D. Manoel de Portugal, e com to-
dos se achou o Conde na batalha, em que mostrou
valor, que deu a conhecer a grandeza do coraçãõ,
que o animava, e o Real sangue, de que descen-
dia, obrando acções de eterna memoria, a qual me-
recia differente attençaõ. Hum illustre Author em
o livro, que imprimio no anno de 1589 com dis-
tincto nome, pertendeo deslustrar a recta intençaõ
do Conde, dizendo, que por adular a ElRey, e se
augmentar na sua graça com sagacidade, e astucia,
lhe aconselhara não sómente a jornada de Africa;
mas que com novo arbitrio lhe persuadia a fizesse
por terra para que saltandolhe os viveres, ElRey

Tom. X.

Fppp

ten-

*Jeronymo de Franchi,
Contrario dell' Unio-
ne del Regno di Portu-
gello, pag. 44.*

sentindo-se , culpasse a Pedro de Alcaçova , por quem corriaõ os aprestos das municações de boca , e de guerra do Exercito , e perecesse tudo. Porém este Author taõ mal affecto ao nosso Reyno , de que escreveo com nenhuma averiguação dos successos , que entaõ passaraõ , e que por destreza , ou ignorancia desfigurou huns , e a outros pintou como lhe pareceo , formando todos pelo seu arbitrio: pelo que tem nesta parte taõ pouco credito , como em tudo o mais , que refere naquelle Tratado , que dirigio a sua adulação por particulares interesses. Pois he certo , que o Conde expondo a hum perigo , que quasi era inevitavel a todo o Exercito , sacrificava nelle a sua pessoa , e a de seus filhos , antes que pudessem chegar os incomodos à delRey , a quem sempre servio leal , e como quem elle era , como se vio no conflicto da batalha , em que o Conde com os seus filhos soffreraõ com constancia a adversidade da fortuna , derramando o seu sangue com admiravel desprezo da vida. Muitos dos nossos Autores dizem , que o Conde morrera na batalha , porém foy engano ; porque temos documentos , que nos mostraõ o contrario , como he huma sentença do Desembargo do Paço , de que foy Secretario Pedro Sanches Farinha , em que os seus descendentes provarãõ ficara vivo , e que por esta causa naõ caducara a sua Casa. He outro huma Carta delRey D. Henrique escrita ao seu Embaixador de Marrocos D. Francisco da Costa , pela qual lhe recomen-

Faria , *Euroya*, tom. 3.
pag. 47.

Prova num. 34

da particularmente o que tocava ao Conde de Vimiofo, que se achava desconhecido: foy feita em Lisboa a 18 de Abril de 1579. Morreo finalmente em Africa depois do referido anno. Hum esclarecido descendente, e presumptivo herdeiro da fua Casa, poem a fua morte no anno de 1584, dizendo: que as ultimas noticias, que houveraõ fua, eraõ de 20 de Setembro daquelle anno, sobrevivendo defta forte a feú filho, o que se ajulta, com o que dizemos no Capitulo fequinte. Foy o Conde D. Affonso ornado de excellentes virtudes, com admiravel talento para os negocios politicos, como mostrou no Confeelho de Eftado, o qual tendo principio no feú tempo, foy elle hum dos Senhores, que entaõ occuparaõ efte preeminente lugar, votando com tanta propriedade, como zelo, o qual em tudo, o que obrava refplandencia; o que bem acreditou na administração do grande lugar de Védor da Fazenda, que occupou largo numero de annos, com tanta inteireza, como definteresse; porque efte brilhou no Conde de forte, que já mais houve quem fe atrevesse a arguillo. O Infante D. Luiz, dotado de excellas virtudes, eftimou muito ao Conde, com taõ alto conceito da fua prudencia, e talento, que naõ só nas materias graves, e de confequencia o confultava; mas ainda nas domesticas, e de mayor confiança queria ouvir o feú parecer. Servio na Campanha com valor, e reputaçãõ, deixando da fua constancia fingular exemplo; porque diante dos feus

Inftreção do Conde de Vimiofo para feú filho, pag. 14.

olhos vio a seu filho morto aos pés delRey, este perdido desbaratado acabando na batalha, elle em huma escravidão, que tolerou com animo superior às mesmas adversidades; porque tudo superava com a grandeza do seu coração, que brilhou em todas as suas acções; porque no trato da sua Casa era luzido, e nas occasioens publicas magnifico, sem que tivesse ajuda de custo, nem merces, com que recompensasse aquellas despezas, em que o generoso animo do Conde não fallaria, senão obrigado de escrupulo de ter dissipado a sua Casa, chegando a vender muitas propriedades: pelo que fez da sua propria mão huns apontamentos para ajuntar ao seu Testamento, em que relatava os seus serviços, dizendo: que nem das promessas, porque a Infanta D. Maria beijara a mão aos Reys, fora inteirado, nem dos serviços, que nos ultimos annos da sua vida fizera o Conde seu pay, sendo taes, que mereciaõ deixassê na sua Casa por elles huma distincta memoria. Assim pedia a ElRey se informasse de quaes foraõ aquelles serviços, e os merecimentos do Conde seu pay, tendo attençaõ à representaçaõ da sua Casa, e do que tinha obrado no seu serviço, pelo que a empenhara, e dissipara. Neste papel se vê qual era o talento do Conde, pois queria com esta declaraçaõ satisfazer à justiça de seus filhos, comprindo com as obrigações de bom Christão: pelo que mandava aos seus Testamenteiros o requeressê a ElRey. Foy feita em Salvaterra

no

Prova num. 35.

no primeiro de Novembro de 1573. E para mais distincta demonstração de qual foy o seu desintereffe, e o seu brio, daremos fim à gloriosa memoria do Conde D. Affonso com huma acção verdadeiramente digna da sua grande pessoa, mais para louvar, do que para se praticar. Quando ElRey D. Sebastião estava nas vésperas de passar à Africa, disse ao Conde lhe dèsse os papeis dos seus serviços para o despachar, a que elle lhe respondeo com animo grande, que como Sua Magestade estava resóluto naquella empreza, se Deos lhe dèsse nella a vitoria, tempo lhe ficava para lhe fazer merce: porém se o fado fosse contrario, contra o que desejavaõ, pouco importava se acabasse a sua Casa. Com esta constancia fallava o Conde, Varão digno de ser numerado entre os esclarecidos, que venera o Mundo. Desta pratica, que teve com ElRey, vimos huma certidão original, que o atteste de D. Luiz de Noronha, do Conselho de Estado, irmão do primeiro Duque de Caminha, e depois VII. Marquez de Villa-Real.

Casou no anno de 1549 com D. Luiza de Gusmão, Dama da Infanta D. Maria; e ficando a Condeessa viuva, veyo com o tempo a experimentar as inconstancias da fortuna na tormenta, que padecio a Casa de Vimioso na revolução de Portugal, por seguir seu filho D. Francisco de Portugal o partido do Senhor D. Antonio Prior do Crato, como no Capitulo seguinte diremos: pelo que incorreo toda esta
escla-

esclarecida Casa na indignação delRey Dom Philippe II. Achava-se a Condeſſa de Vimioſo retirada no Lugar de Aldea-Gavinha, poucas legoas diſtante de Liſboa, donde foy mandada buscar por hum Official de Guerra chamado Jeronymo de Mendoça, acompanhado de cincoenta Arcabuzeiros, ſeis Cavallos, e tres carroças; notificoulhe a ordem, dizendolhe, que ElRey era ſervido, que foſſe para a Villa de Arronches. Obedeceo a Condeſſa, e com pouca preparaço principiou a jornada com ſete filhas, e ſeus filhos Fr. Joaõ de Portugal, da Ordem dos Prégadores, D. Luiz, e D. Nuno de Portugal de curta idade, e todos entraraõ em huma das carroças, na ſegunda ſe accommodaraõ dezaſeis criadas, e na terceira Jeronymo de Mendoça, que de caminho havia de fazer outras ſemelhantes diligencias. Foraõ à Alenquer, onde tomou na ſua carroça a D. Anna da Sylveira, mulher de Diogo Botelho, hum Fidalgo Criado do Infante Dom Luiz, parcial do Prior do Crato, com duas cunhadas, que faziaõ cumplice do meſmo crime; e paſſando à Aſinhaga tomou a D. Maria de Vilhena mulher de Manoel da Sylva, Commendador de Caſtelejo na Ordem de Chriſto, Fidalgo deſcendente por varonia da familia do ſeu illuſtre appellido no ramo da Chamuſca, que depois acabou tragicamente na Ilha Terceira, e era filha de Ruy Telles da Sylva, Alcaide mór da Covilhã, e ſem embargo da ſua illuſtre qualidade, lhe naõ deraõ tempo algum

gum para se preparar ; a Condeſſa a agazalhou na ſua carroça , e com baſtante deſcomodo foraõ todas levadas à Villa de Arronches , onde o Conductor declarou , que a ordem delRey era de as levar a Heſpanha ; e chegando a Ciudad Real , deixou a D. Maria de Vilhena em hum apoſento , pouco decente à ſua peſſoa ; mas com ordem , que a melhorassem : em Almagro deixou a D. Anna da Sylveira , e ſuas cunhadas foraõ recolhidas em Toledo , cada huma em ſeu Moſteiro differente , e no de S. Domingos Fr. Joaõ ; e paſſando ao Lugar de S. Torcato , no ſeu Caſtello foy reclusa a Condeſſa com ſuas filhas , ſeu filho Dom Nuno , e as criadas , com ordem de naõ fallarem , nem eſcreverem a peſſoa alguma , o que já com outras ſe havia praticado ; na caſa havia Tribuna para a Igreja para ouvir Miſſa ; naõ lhe permittiraõ criado Portuguez , e ſómente hum para ſervir de fóra : a eſta eſtreiteza foy reduzida a Condeſſa de Vimioſo , e ainda foy mayor na aſſiſtencia ; porque era muy curta a deſpeza , para huma peſſoa de taõ alta eſféra , com taõ illuſtre , e dilatada familia , no que naõ padeceraõ poucos deſcomodos , e trabalhos , que duraraõ longo tempo. Era filha de Francisco de Guſmaõ , Mordomo môr da Infanta D. Maria , e de Joanna de Blafvet , que foy Camereira môr da dita Infanta , a quem foy muy aceita , e eſtimada , e toda a ſua conſiança ; porque tinha ſido Criada antiga da Rainha ſua mãy , a quem acompanhou ſendo ſua Dama , quando paſſou a Portugal ,

rugal a casar com ElRey D. Manoel, e voltando para Castella a deixou encarregada da creação da Infanta, sendo sua Aya, e era Senhora de Limale, e Bierges em Flandes, filha de Filippe Blafvet, Senhor das ditas terras, e de Joanna de Tserclaes, filha de Everardo de Tserclaes IV. Senhor de Croe, e Hembrel, que morreo na batalha de Nanci com o Duque Carlos, e de Catharina de Riet, filha de Monsieur Gouzier, Chancellor de Brabante; Everardo era filho de Everardo de Tserclaes, Senhor de Cariemberg, e de Catharina Taye sua mulher: Francisco de Gusmao era irmão de Dom Diogo de Gusmao I. Conde de Teva, filhos de D. Joao Ramires de Gusmao, Mariscal de Castella, Senhor de Teva, e Ardales, (progenitor dos Condes de Teva, Marquezes de Ardales, e hoje já com differente varonia) e de D. Catharina Ponce de Leon, filha de D. Joao Ponce de Leon II. Conde dos Arcos, e de sua segunda mulher D. Leonor Nunes Gudiol, progenitor dos Duques de Arcos: nascerão deste matrimonio os filhos seguintes:

15 D. FRANCISCO DE PORTUGAL Cap. VI.

15 D. JOAO DE PORTUGAL foy Religioso da Ordem dos Prégadores; tomou o habito na Cidade de Evora, onde havia nascido, e seguindo esta vida com grande edificacao, foy exemplarissimo, douto, virtuoso, e mortificado. Leo muitos annos Theologia, não só na sua Provincia, mas em muitas de Hespanha, com singular applauso; e graduado Mestre

Harotom. 1. liv. 5. cap.
12.
Salazar de Mendoza,
Chronica dos Ponce de
Leon, Elog. 16. 5. 5.

tre na sua Religiaõ : foy Deputado do Conſelho Geral do Santo Officio, e do de Sua Mageſtade, de quem tambem foy Prégador, e Vigario do obſervantiſſimo Moſteiro do Sacramento; e tendo edificado os ſeus com exemplo, e virtudes, foy eleito Biſpo de Viſeu, e entrou naquella Cidade a 14 de Junho de 1626; e ſendo recebido com grande alvoroço, pelo conceito, que ſe tinha da ſua peſſoa, virão logo excedida a ſua meſma expectação, vendo hum Biſpo do ſeu alto nacimiento, humilde, compaſſivo por natureza, muy eſmolero, grande zelador da honra de Deos, e bem das ſuas ovelhas, exercitado em todo o genero de virtudes: acabou com opiniaõ de Santo a 26 de Fevereiro de 1629 com univerſal ſentimento da ſua Diocēſi, contando de idade ſetenta annos, empregados a mayor parte em douts, e ſantos exercicios: a ſua morte foy univerſalmente ſentida; os pobres choravaõ a ſua falta, como de verdadeiro pay, e acclamando a ſua virtude, o appellidavaõ pelo *Biſpo Santo*. Foy acerrimo defenſor da immuniidade Eccleſiaſtica, e taõ amante da patria, que padecēo alguns peizados diſſabores, por ſe não accommodar o ſeu entendimento com o que entaõ ſe praticava, que ſoſfreo com admiravel conſtancia, ſendo deſterrado para Caſtella, por entender, que não tocava eſta Coroa a ElRey Philippe. Eſcreveo diverſas Obras, a ſaber: quatro Tomos com o tititulo de *Gratia creata, & increata*, de que ſe imprimiraõ ſómente os dous ultimos, a

Tom. X.

Qqqq

pri-

Lima, *Agiologio Dominico* no dia 16 de Fevereiro, *Catalogo dos Deputados do Conſelho Geral* no tom. 1. da Collecção da *Academia Real*, *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 4. liv. 11. cap. 10, e 11.

primeira vez no anno de 1617 , Obra admiravel , em que se vê , o que se perdeu nos primeiros dous , que se não imprimiraõ , por conterem a materia de *Auxiliis* , sobre a qual tinha a Sé Apostolica mandado pôr silencio. Hum douto *Cathecismo* para os Curas da sua Diocese instruirem os seus freguezes na Doutrina Christãa , e se imprimio em Lisboa no anno de 1626. Outro livro , que intitoulou *Casamento Christoã*. Outro dos *Louvores da Virgem Nossa Senhora*. Os seus Originaes diz Joã Franco Barreto na sua *Bibliotheca Lusitana* , que se conservavaõ no Mosteiro do Sacramento. Delle trataõ , como de Varaõ Santo , o *Agiologio Lusitano*, e *Dominico*, e como tal jaz na sua Sé, onde tem este breve Epitafio , sendo merecedor de mais larga memoria , que nelle se expressa a sua virtude.

*Sepultura do Padre Mestre Dom Frey
João de Portugal , Bispo que foy de
Viseu , faleceo a 26 de Fevereiro de
1629.*

15 D. LUIZ DE PORTUGAL III. Conde de Vimiofo Capitulo VII.

15 D. ALVARO DE PORTUGAL , de que não achamos mais noticia , de que morrer indo para Roma.

*Jornal de Africa, liv.
1. cap. 6. pag. 39.*

15 DOM MANOEL DE PORTUGAL , que se achou com seu pay , e irmãos na infelice batalha de Alca-

Alcacer, onde morreo a 4 de Agosto de 1578.

Chronica del Rey Dom Schaffiaõ, cap. 60.

15 D. NUNO ALVARES DE PORTUGAL, e da sua success.õ se dará conta no Capitulo XIII.

15 D. MARIA DE PORTUGAL, Freira na Annunciada de Lisboa da Ordem de S. Domingos.

15 D. CONSTANÇA DE GUSMAÕ, Freira na Madre de Deos de Lisboa, onde se chamou de Jesus.

15 D. FILIPPA DE VILHENA entrou no Mosteiro de Santa Catharina de Evora, e se chamou Soror Filippa de Jesus Maria, e perseverando nelle sem que fosse Religiosa por profissãõ, compria com as obrigações do estado, e com desejos de vida mais austera quando estava aceita no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa, se resolveo a ser companheira da Condessa sua mãy no Mosteiro do Sacramento, onde professou, e foy Prioressa, em que mostrou grande zelo da observancia; porque foy muy devota, dada à oração, com dom de lagrimas, a que juntava vigílias, jejuns, e cilícios, com que affligia o seu delicado corpo; foy muy fermosa, e entendida, bem instruida na Latinidade, dada à lição da Escriitura Sagrada, de que sabia usar, applicando muitas vezes palavras com muita propriedade; finalmente chea de merecimentos foy a gozar das delicias de seu Esposo a 23 de Dezembro de 1614 com melhor Coroa, do que lhe promettia o Mundo; na que seu irmaõ D. Francisco lhe tinha concertado com o Senhor D. Antonio acclamado Rey

Historia de S. Domingos, part. 4. liv. 3. cap. 8. pag. 548.

Tom. X.

Qqqq ii de

de Portugal, quando se viſſe na poſſe pacifica do Reyno de a tomar por eſpoſa.

15 D. ESTEFANIA DE PORTUGAL, Religioſa no meſmo Moſteiro, onde morreo antes de profeſſar, comprindo dezanove annos.

15 D. JOANNA DE PORTUGAL foy Freira, e Prioreſſa do Moſteiro de Santa Catharina de Sena de Evora, de donde veyo fundar o Moſteiro do Sacramento de Lisboa, e ſe chamou Soror Joanna de Jeſus; morreo no anno de 1604.

15 D. JERONYMA DE PORTUGAL foy Freira em Santa Clara de Evora da Ordem Serafica.

15 D. GUIOMAR, D. VICENCIA, e D. MARGARIDA DE PORTUGAL, cujo eſtado ignoramos.

D. Luiza

Dona Luíza de Gusmão, mul. de D. Afonso de Portugal, II. Cond. de Vimiofo.

Francisco de Gusmão, Mor. domo mór da Infanta Dona Maria.

João Ramires de Gusmão, Mariscal de Castella, Senhor de Teva, e Ardeal.

Dona Catharina Ponce de Leão.

Joanna de Bisfvel, Senhora de Limalle, &c.

Filippe de Bisfvel, Senhor de Limalle, e Bierges.

Joanna de Tierclax.

João Ramires de Gusmão, Comendador mór de Calatrava.

D. João Ponce de Leão, II. Conde de Arcos, Senhor de Cadiz, e Marchena, * 1409.

A Cond. D. Leonor Nunes Guidel.

N.

N.

Everardo de Tierclax, IV. Senhor de Croe, e Hamirel.

Catharina de Riet.

João Ramir, de Gusmão, Senhor de Villa-Vrde.

D. Elvira Afon de Aza, ou Biedma.

N.

N.

D. Pedro Ponce de Leão, Conde de Medeluna, e L. de Arcus, * em 1448. A Camella D. Maria de Ayala.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

Everardo de Tierclax, Senhor de Camberberg.

Catharina Taye.

Crouziens Chancellor de Barbanie, * em 1447.

N.

Pedro Soares de Toledo, Senh. de Bolanhos, Camer. del Rey D. Pedro. D. Maria Ramires de Gusmão, filha de D. João Ramires de Gusmão, Rico-homem.

João Gonçalves Daza.

D. Maria Afon de Biedma.

N.

N.

N.

N.

D. Pedro Ponce de Leão, IV. Senhor de Marchena, Rico-homem, * em 1386.

D. Sancha de Haro, e de Baeca, filha de João Rodrigues de Baeca.

Pedro Lopes de Ayala, Senhor de Ayala, e Salvaterra, Rico-homem.

D. Leonor de Gusmão, filha de Pedro Soares de Toledo.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

N.

Figure 1

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

322

323

324

325

326

327

328

CAPITULO VI.

*De Dom Francisco de Portugal successor da
Casa de Vimioso.*

15 **A** Natureza, que distingue os Senhores da Casa de Vimioso com esclarecido nascimento, os ornou tambem de excellentes virtudes, para que nos contrastes da fortuna pudessem resistir taõ animosamente, que se não abatesse a estimacão, e esplendor dos seus mayores, que com tanta gloria fundaraõ esta Casa, que agora veremos combatida de adversidades na pessoa de D. Francisco de Portugal. Os nossos Authores, e Estrangeiros o nomeaõ com o titulo de Conde de Vimioso, dignidade, que elle não chegou a lograr; porque delle se não acha Carta do seu assentamento na Chancellaria dos Reys D. Sebastião, e D. Henrique, nem nas que passaraõ os Governadores do Reyno. O Conde D. Luiz seu irmão, quando succedeo na Casa, tirou huma certidaõ para os seus requerimentos, que lhe passou Christovão de Benavente, Escrivão da Torre do Tombo, em 22 de Mayo de 1592, em como seu irmão não havia succedido nos bens da Coroa, a qual está no Cartorio da mesma Casa; o que confirma o que deixamos escrito, de que o Conde seu pay sobrevivera a seu fi-
lho

Prova num. 37.

lho D. Francisco, a quem ElRey D. Sebastião tinha feito a merce para depois da sua morte, e o declara a Carta da merce do titulo ao Conde D. Luiz, como se verá no Capitulo seguinte. Assim não chegou a succeder na Casa de Vimioso pelos infelices successos da sua vida, que acabou com tragico fim, como veremos; mas com tanta constancia, e christandade, que pôde o seu nome fazer gloriosa emulação entre as heroicas acções dos seus esclarecidos ascendentes; o valor, e constancia o coroaraõ de huma immortal gloria.

Não nos daõ as memorias, que achamos de D. Francisco de Portugal, noticia dos seus primeiros annos; porque a primeira, que temos sua, he do anno de 1574, em que ElRey D. Sebastião passou à Africa; e depois na segunda, quando no anno de 1578 acompanhou ao mesmo Rey naquella infelice expedição. Era grande o conceito, que ElRey tinha de D. Francisco de Portugal; assim o escolheo na occasião da batalha para o lugar de mayor honra, e perigo, que era o seu lado. Neste dia obrou D. Francisco acções de grande esforço, e bizarría; porém superando a desgraça ao valor, finalmente perdida a batalha, e declarada pelos Mouros a victoria, ficou Dom Francisco cativo, e mais morto com a desgraçada morte delRey, do que vivo para as esperanças da liberdade, que depois o Xarife lhe veyo a conceder. Neste tempo mandou chamar a D. Francisco, que reconhecendo qual era a sua tyrannia,

*Chronica del Rey Dom
Sebastião, cap. 26, e
57.*

rannia , não duvidou , de que com elle a quizesse executar ; para o que se preparou como verdadeiro Christão , esperando naquella visita o fim da sua vida. Não succedeo o que prudente temia ; porque o Barbaro , então mais ambicioso de dinheiro , do que de sangue , contratou com elle o resgate da sua pessoa em vinte mil cruzados , que elle promptamente achou em Mercadores Judeos , que lhe assitiraõ com largueza com os seus cabedaes todo o tempo do seu cativoiro. Tambem se refere , que o mesmo Rey , em obsequio do de Castella , lhe dava sem interesse a liberdade , e que elle resolutamente , a não quizera aceitar , não querendo merce taõ especial , que não fosse do seu proprio Rey. Todo o tempo , que durou o cativoiro , mostrou D. Francisco na grandeza do seu animo a piedade Christãa , que professava ; porque com valor animava a alguns afflictos Fidalgos a soffrer o duro jugo do cativoiro com constancia , e aos demais soccorria com generosa caridade , para que fossem menos penosas as faltas , que padeciaõ. Alguns se accommodaraõ em sua casa , levados da sua natural affabilidade , e cortezia , a quem dava mesa ; nella havia Missa todos os dias , e Sermoens nos que eraõ de festa , sendo o seu mayor cuidado , ser o amparo de toda a pessoa nobre , que a infelicidade conduzira a arrastar as cadeas de taõ penoso cativoiro. Era taõ universalmente estimada a sua pessoa , que foy elle hum dos Senhores , que os Cativos elegeraõ , para vir ao Reyno

*Mendoça, Jernala da
Africa, pag. 132.*

Reyno a tratar o resgate de todos ; porque entendiaõ , que a viveza , e adividade de D. Francisco de Portugal , naquella negociaçaõ , havia de supprir com a grandeza do seu coraçã todas aquellas difficuldades , que costumaõ ser remoras dos negocios , o que com evidencia logo se vio ; porque foub e elle compor as cousas de forte , que chegou ao ajuste do resgate com os Mouros , que já seguros nos interesses da sua ambiçaõ , se alargaraõ na liberdade dos Cativos , e se seguio começarem os nossos a experimentar algum pequeno alivio no cativeiro. Assim ordenaraõ huma Igreja para celebrarem os Officios Divinos , e poderem nella em santos exercicios servirem ao culto do verdadeiro Deos , alcançando da sua misericordia o compadecerse des seus trabalhos. Nesta pia acçaõ foy D. Francisco hum dos que com mais zelo se mostraraõ ; porque resgatou os ornamentos , e vestiduras sagradas por grande preço , que no campo foraõ tomadas.

Chegado o tempo determinado de D. Francisco de Portugal voltar para o Reyno , partio em companhia do Duque de Barcellos D. Theodosio , na qual vinhaõ alguns Fidalgos , que chegando à Cidade de Tetuaõ , estiveraõ em perigo de padecer grandes trabalhos por seis , ou sete mil cruzados , que deviaõ a huns Mercadores Judeos. Tendo D. Francisco de Portugal noticia do que passava , chamou dous Mercadores da mesma naçaõ , por quem corriaõ os seus negocios , e lhe ordenou , que toma-

sem

sem sobre a sua pessoa aquella divida, o que elles fizeram, ficando assim desobrigados della os Fidalgos, que ignoravaõ, o que passava; e quando se consideravaõ sem remedio, consternados da afflicção do estado, em que se viaõ, sem esperanças da liberdade por ser muy dilatado o recurso, chegou D. Francisco a elles, dizendolhes, que podiaõ embarcar-se todas as vezes, que quizessem; porque estavaõ desobrigados da divida, que lho embarçava, ficando admirados, naõ da sua generosidade, porque o seu grande coração era conhecido; mas que em tempo taõ calamitoso, e salto de cabedaes, pudesse fazer huma acção de taõ larga liberalidade: porém como aos animos grandes nada os pôde estreitar, nem diminuir, a mesma generosidade lhe dá meyo de a poder exercitar; porque em huns he natureza, o que em outros naõ passa de admiração. Assim valeo D. Francisco àquelles Fidalgos, sem mais estimulo, que a sua generosa compaixão; e da mesma forte valeo, e soccorreo a muitos homens nobres, que trazia à sua conta, obrando neste cativoiro muitas acções generosas, e christãs, dignas de eterno louvor, em que dispendeo mais de cem mil cruzados da sua fazenda. Em fim sabindo deste Lugar, se apartou do Duque em hum chamado o *Negraõ*, tres legoas de Ceuta, e foy embarcar nas galés, de que era General o Marquez de Santa Cruz, e sem entrar naquella Praça, seguiu a sua jornada para o Reyno, e tomando o porto de S. Lucar, foy recebido

Tom. X.

Rrrr

bido

bido do Duque de Medina Sidonia com generosas demanstrações de grandeza, muy proprias da sua pessoa, e da do hospede. Refere-se, que o Duque sem reбуço lhe introduzira na conversação o direito, e justiça, com que ElRey D. Philippe II. pretendia succeder na Coroa de Portugal, com cujo dominio se adiantaria muito em conveniencias, e prerogativas a sua Casa, se elle empregasse a sua pessoa no serviço de seu Amo, que grato lhe havia de corresponder, ao que D. Francisco altivo, e destintereñado respondeo: que em Portugal havia Rey proprio, e natural: que certamente se persuadia, de que ElRey D. Philippe reconhecido no Mundo pe'o renome de *Prudente*, sem embargo do desejo da pertença, justamente o havia de accusar, de ter entrado em taõ feyo negociado; pois levado da conveniencia propria se esquecera, que era Vassallo de hum Rey vivo, a quem era obrigado, e de que tinha a honra de ser parente. Outras memorias, que temos, escritas em tempo muy visinho a este, referem, que elle se vira com ElRey Dom Philippe, e que este o recebeo com especiaes, e distincas honras, e com tantas expressoens de affecto, e promessas, como quem conhecia o quanto importava grangear o seu animo; porque era tal a sua pessoa, que da sua vontade podiaõ pender novidades, que lhe dessem cuidado. Porém D. Francisco com coração desprezador de interesses, antepondo os da patria ao socego proprio, vendo como podia refarcir a perda

Torres, *Discurso Genealogico da Casa de Bragança m. l.*

da do Rey natural , pelo estrangeiro , dizem , que buscou ao Duque de Bragança , em quem pela Senhora Dona Catharina era indubitavel o direito da Coroa , e lhe disse a quizesse disputar , não só pelas Allegações , e Manifestos com ElRey Filippe ; mas buscando nas armas a ultima razaõ ; que escusando-se o Duque , se deliberou a seguir ao Prior do Crato D. Antonio , o que fez taõ constante , que por elle veyo a perder a vida.

O Prior do Crato , que se fez acclamar Rey em Santarem no anno de 1580 , fez seu Condestavel a D. Francisco de Portugal , e com elle passou a Lisboa com intento de occuparem a Capital do Reyno , oppondo-se ao Duque de Alva , que com hum Exercito marchava a senhorear esta Cidade , e estava acampado junto ao Lugar de Alcantara , que fica em pouca distancia da referida Cidade. Era D. Francisco Condestavel , e Capitão General daquella pouca gente , que tumultuosamente seguia a voz do Senhor D. Antonio ; chamou a Conselho , e vendo , que não tinhaõ outro remedio mais que exporem as suas pessoas , ao que determinasse a fortuna , resolveraõ aventurar-se , pelejando com os Castelhanos ; mas taõ infelizmente , que foraõ rotos , e póstos em fogueira , e os demais prisioneiros. Dom Francisco taõ cheyo de zelo , como de valor , obrou acções de eterna memoria ; porque na ponte com hum montante nas mãos , igualmente persuadia obrando , e animando com palavras aos seus , de-

Tom. X.

Rrrr ii sorte ,

Saavedra, Chronica del Rey D. Filipp II. pag. 1121.

Herrera, Historia de Portugal, y Conquista de las Islas, pag. 13. impr. em 1591.

forte, que pela sua parte sustentou por largo espaço o pezo dos inimigos, impedindolhe a passagem da ponte.

Retirou-se o Prior do Crato, e D. Francisco ferido na cabeça, e buscando incognitos caminhos não frequentados, conferiraõ sobre o que era mais conveniente no estado, em que se achavaõ. Determinou o Prior do Crato, que D. Francisco passasse a França a sollicitar soccorros daquella Monarchia, persuadido, de que na Villa de Vianna se poderia conservar occulto até à volta de Dom Francisco, de quem se apartou na Cidade do Porto; porém em pouco se defenganou; e andando vagando pelo Reyno, não muy seguro, fogio para França. D. Francisco revestido do zelo, com que se enganava, entendendo podia libertar a Patria da dominação estrangeira, com hum Rey natural, e do sangue dos seus proprios Monarchas, animosamente se poz a caminho: atravessou toda a Hespanha vestido no trage Italiano; com o nome de Trivulcio disfarçava a sua pessoa, acompanhado de seis criados: esteve em Madrid: passou a Catalunha; no caminho lhe acontecerão alguns casos, que o puzeraõ em perigo; porque hum Castelhana, que o encontrou, o conheceo, e saudou-o com o seu proprio nome; e querendo os seus criados tirarlhe a vida, pelo perigo, em que consideravaõ a de seu Amo, sendo descoberto, elle generosamente o embaraçou, e para segurar a todos o quiz levar na sua companhia. Este

te

te mesmo Castelhana o poz em segundo perigo ; porque jogando , e perdendo , duvidaraõ os interessados da satisfação ; e elle por se abonar como experimentado disse , que o pediria ao Conde , (que com este titulo era conhecido , e tratado.) Levados da curiosidade os circunstantes , perguntaraõ quem era o Conde : respondeo ser o de Vimiofo ; e como era taõ conhecido o nome , deraõ parte , ajuntaraõ-se as Justiças , alvorotou-se a terra para o quererem prender. Avisado a tempo , se salvou D. Francisco , embarcando em huma sétia , que promptamente lhe preveniraõ : porém no mar encontrou huma galeota de Mouros , que o perseguio , de que os mesmos Castelhanos , seus inimigos , involuntariamente o soccorrerãõ , livrando-o do perigo , em que estava a sétia , e dando caça com as suas embarcações à dos Mouros , bastou para ser livre : entrou no porto de Marselha.

Quando imaginava D. Francisco , que o Prior do Crato estaria ainda em Portugal , teve noticia , de que se achava tambem em França quinze legoas de Pariz ; e com tanta generosidade , como zelo , levantou para a sua pessoa huma guarda de cem Alabardeiros vestidos à Tudesca , na fórma , que entãõ usavaõ os nossos Reys ; porque como a tal reconhecia ao Prior do Crato , com quem se avistou , e tratou-o com todo o respeito , e ceremonias devidas à Magestade do seu Soberano , com naõ pouca admiração dos Francezes. O Prior do Crato o encarregou ,

Earia, *Europe Portu-
guese*, tom. 5. pag. 87.
O Con te de Vamiolo
na *Instrucçãõ*, pag. 55.
Sainte Martine, *Hist.
de la Mayson de Fran-
ce*, tom. 2. pag. 660,
e 667.
P. Anselme *Hist. Ge-
neal. de France*, tom.
2. pag. 138, e 139.

gou, de que passasse logo à Corte de Pariz revesti-
do do caracter de seu Embaixador, para dar conta
a ElRey Henrique III. do estado das suas per-
tenções. Alguns Authores referem, que D. Anto-
nio tratara estes negocios com a Rainha Catharina
de Medicis, entendendo ser entao Regente de Fran-
ça; porém padeceraõ equivoçaõ; porque ainda que
a Rainha teve por tres vezes a Regencia daquella
Monarchia, sendo a ultima pela morte de seu filho
Carlos IX. que foy a 30 de Mayo de 1574, na au-
sencia de seu filho Henrique, que lhe succedera, e
se achava naquelle tempo Rey de Polonia, donde
secretamente sahio, para tomar posse da Coroa de
França, e vindo sem demora, foy depois coroado
em Reims a 13 de Fevereiro de 1575, tempo em
que ainda governava ElRey D. Sebastiaõ, e mui-
to depois foraõ no anno de 1580 as revoluções de
Portugal, que levaraõ a Dom Francisco a França;
nesto Reyno intentaraõ alguns emissarios de Hes-
panha combater a fidelidade, que professava ao
Prior do Crato; porém D. Francisco, que ardia em
verdadeiro amor da Patria, desprezou constante to-
das as promessas. Estando em Pariz lhe succedeo
hum caso, que acredita bem a sua generosidade, e
o elevado do seu espirito. Era D. Francisco inclina-
do naturalmente ao exercicio, e manejo dos caval-
los, e hum dos insignes cavalleiros daquelle tempo:
teve appetite de comprar hum cavallo de estimaçaõ,
que tinha o Duque de Nevers, ajustou-se a venda
em

em mil escudos: mandou o Duque o cavallo montado pelo seu Estribeiro, e disse aos hospedes, com quem estava à mesa: o cavallo logo voltará; porque quem o queria comprar, não tinha com que satisfazer o preço. Soube logo D. Francisco o que o Duque dissera; vio o cavallo; mandou aprear o Estribeiro, e que se lhe contassem os mil escudos, e lhe disse, que montasse o cavallo; porque lhe fazia merce delle. Espalhou-se o successo, e foy celebrada a generosidade de D. Francisco, que em toda a parte a mostrou, e o seu talento, não só em França, mas na Corte de Inglaterra, aonde passou com a mesma pertença à Rainha Isabel, que então governava, de quem foy recebido com especial acolhimento. O Prior do Crato, que era dotado de excellentes partes, animava com a sua eloquencia as suas pertencções, de forte, que sahio de França com hum Armada de cincoenta e oito navios, que tinhaõ mais de sete mil homens à ordem de Philippe Strozi, e do Senhor de Brisfaes, e foraõ em demanda das Ilhas Terceiras. No mesmo tempo navegava para as Ilhas hum poderosa Armada Hespanhola, que mandava D. Alvaro Bazan Marquez de Santa Cruz; e chegando a Armada Franceza primeiro, que a Hespanhola, depois de varios acontecimentos se avistaraõ ambas, hia embarcado Dom Francisco, na Capitania: e assentando-se na peleja, pelo receyo, de que os inimigos se engrossassem; porque segundo os avisos, que tinhaõ, ainda lhe faltavaõ

Faria, *Europa*, tom. 3.
pag. 90.

Cabrera, *Chronica del-
Ay D. Felipe*, pag.
1146.

Herrera, dita *Historia*,
pag. 181.
Torres no livro alliga-
do.

faltavaõ navios, dos que se tinhaõ armado em Lis-
boa, e Andaluzia: passou D. Francisco para a Al-
mirante, em que vinha o Senhor de Brisaes, e fa-
vorecida do vento entrou na peleja, o que fez vi-
gorosamente; e depois de cinco horas de hum hor-
roroso combate, em que D. Francisco pelejou com
esforço desesperado, tendo recebido diversas feri-
das, e tres distinctas balas de mosquete, com que se
debelitaraõ as forças, mas naõ o coração, foy ren-
dida a Almirante; e podendo fogir Brisaes, ficou
Dom Francisco de Portugal prisioneiro; porém taõ
mal ferido, que depois da batalha, que foy a 26 de
Julho de 1582, em tres dias acabou a vida, com
grande sentimento do Marquez de Santa Cruz seu
parente, General da Armada Castellhana, e de toda
a Nobreza, que o acompanhava. O corpo foy sal-
gado, e envolto em hum seiraõ para ser sepultado
na Ilha; mas correndo ventos contrarios com tem-
po tormentoso, começou a sentirse a corrupção, e o
sepultaraõ no mar, merecendo pelas suas excellen-
tes virtudes, que descansassem as suas cinzas em dife-
rente monumento, e naõ como outras, que ja-
zem em Urnas de alabastro, deixando da sua vida
ociofa memoria. Assim acabou desgraçadamente
D. Francisco de Portugal, Varaõ de eximia virtu-
de, attento, valeroso, agradavel; de sorte, que o
seu respeito foy grande servidor das Damas, e ou-
tras Senhoras do seu tempo, que foraõ applaudidas
da sua bella Musa. Foy reveffido de admiravel zelo
da

da Patria, com quem pode mais o amor, do que todas as promessas de Castella, e bemquisto, e cheyo de affabilidade ; assim mereceo universal applauso ; dizendo-se, que nelle se achavaõ todas aquellas partes, de que se devia compor hum perfeito Cortezaõ entre os Grandes ; estimado naõ só da sua Naçaõ, mas da Franceza, e ainda dos Mouros ; porque em toda a parte se mostrava benemerito da fortuna, que taõ pouco o servio ; mas taõ constante nas adversidades, que estando para morrer declarou a seu Confessor, que se a resoluçaõ, que tomara de seguir ao Prior do Crato, era offensa commettida contra Deos, lhe pezava muito havello conhecido Rey ; porém, que se o naõ era, nenhum arrependimento tinha de se ver naquelle estado ; porque a elle o naõ conduzira a cobiça, nem outro algum respeito, que naõ fosse o amor da Patria, o zelo do bem commum, e a gloria da Naçaõ Portugueza ; assim com fervorosas instancias recorria a Deos, pedindolhe misericordia. Finalmente acabou em religiosa christandade, e ainda que com infelice successo, com gloriosa fama. Os seus Estados lhe foraõ confiscados para a Coroa, e depois restituídos, como adiante veremos. Naõ casou, porque morreo muy moço, nem deixou geraçaõ. Foy erudito, e bem instruido nas lingas Hebraica, Grega, e Latina ; soube a Franceza, Italiana, e Hespanhola, e a materna com propriedade, e em todas compunha com energia. Delle se conservaõ

Tom. X.

Ssss

algu-

algumas Obras Poeticas, em que se vê o espirito, e arte; entre as que compoz, que foraõ muitas, he celebre hum Soneto, que fez estando em França, que lhe adquirio grande nome, que poz em seis linguas, a saber: Grega, Latina, Franceza, Italiana, Castellhana, e Portugueza, que traduzio na Portugueza Fernaõ Alvares do Oriente, Author da *Lusitana Transformada*, e de ambos os modos se imprimiraõ, como diz Joaõ Franco Barreto na *Bibliotheca Lusitana*.

CAPITULO VII.

De Dom Luiz de Portugal III. Conde de Vimioso.

15 **A** Desgraçada morte de D. Francisco de Portugal, de quem no Capitulo VI. tratámos, habilitou a seu irmaõ D. Luiz de Portugal para successor da Casa de Vimioso. Nasceo no anno de 1555 terceiro filho dos II. Condes de Vimioso, como fica dito. Era naturalmente de hum genio pio, e devoto; e assim desde os primeiros annos começou a mostrar inclinaçõ ao estado Religioso; de sorte, que levado de hum natural impulso, largou a propria casa, buscando o Convento da Arrabida para sua habitaçõ: delle o tirou o respeito, e authoridade dos Condes seus pays com differente

ferente idéa, a que elle se resignou, seguindo a vida Militar.

No anno de 1578 se achou D. Luiz de Portugal em companhia de seu pay, e irmãos na infelice batalha de Alcacere em Africa, de que sahio gravemente ferido, depois de ter dado do seu valor extraordinarias demonstrações: foraõ muitas as feridas, e algumas de tão má qualidade, que em toda a vida sentio os seus effeitos; de sorte, que depois de Religioso, e velho, lhe era preciso suavisar com remedios os desconmodos, que sentia: assistialhe hum irmão Leigo à cura, admirado com espanto de lhe ver o corpo tão coberto de medonhas cicatrizes, o lamentava, a que o bom velho revestido do brio do seu illustre sangue, lhe respondeo: *Não se admire irmão; porque os Condes de Vimioso nunca souberão fogir.* Perdida a batalha, foy nella cativo, e sendo resgatado por seu irmão D. Francisco, voltou a Portugal, e quando deu fim a estes trabalhos, começou a padecer outros de novo, sendo desterrado com a Condesa sua mãy, e irmãos, que foraõ conduzidos a Hespanha, e presos no Castello de S. Torcaz, onde padeceraõ não só trabalhos, mas faltas, do que lhes era preciso; porque com affectado descuido não foraõ soccorridos, do que era necessario para manter huma tão illustre familia, que soffreo incriveis misérias; de sorte, que pereceriaõ, se a compaixão de algumas pessoas pias os não ajudasse a sustentar. ²¹ Nesta penosa prizaõ estiverão em

Tom. X. Ssss ii quan-

Jornada de Africa, liv. 2. cap. 6, pag. 77. verê

quanto durou a vida de seu irmão D. Francisco de Portugal, que andava em serviço do Prior do Crato, e com a noticia da sua morte, foraõ pôstos em liberdade; e voltando para o Reyno, no Lugar de Santo Antonio do Tojal, duas legoas de Lisboa, faleceo a Condeffa sua mãy; e suas filhas foraõ por ordem delRey recolhidas em diversos Conventos. Achava-se Dom Luiz destituido totalmente, e salto de todos os meynos para poder manter huma Casa, que devia ser conservada no decóro dos seus mayores; porque dandolhe a liberdade, não lhe restituiraõ a Casa, nem os bens patrimoniaes, e honras, que lograraõ seus avós, que com o tempo se lhe inteiraraõ, como veremos; porque depois obteve licença para citar ao Procurador da Coroa, para mostrar o direito, porque lhe pertenciaõ os Morgados, e outros bens, que eraõ proprios da Casa de Vimioso, por especial instituição da Condeffa D. Joanna de Vilhena sua avó, e outros, de que o Conde seu pay fora successor, que lhe pertenceraõ pela inhabilidade de seu irmão ser Religioso da Ordem dos Prégadores, dos quaes, e de tudo o mais da Casa elle era immediato successor; para o que se lhe concedeo Alvará para seguir a causa, cujo Original vimos, e se conserva no Cartorio desta Casa.

Neste tempo não tinha D. Luiz de Portugal mais Alvará de Filhamento, que o de Moço Fidalgo; e devendo ser accrescentado, como he costume, pelo augmento da moradia, o que praticaraõ sempre

sempre os filhos dos grandes Senhores , e ainda se observa no nosso tempo , tirou D. Luiz o seu filhamento com o ultimo accrescentamento de Fidalgo Cavalleiro , por se ter achado em occasião Militar , por ser esta respectiva ao tal foro , de que se lhe passou Alvará a 12 de Fevereiro de 1586 , em que ElRey diz : *Por fazer merce a D. Luiz de Portugal meu Moço Fidalgo , filho de Dom Affonso de Portugal , que foy Conde de Vimiozo , que Deos perdoe . Ey por bem , e me praz de o accrescentar do dito Foro a Fidalgo Escudeiro , com cinco mil e quinhentos de moradia , e alqueire e meyo de cevada por dia , juntamente o accrescento logo a Cavalleiro , por quanto se achou na batalha de Alcacere , onde foy cativo , &c. e que tenha , e aja daqui em diante sete mil e duzentos e cincoenta reis de moradia por mês , &c.* Esta quantia não era pequena naquelle tempo , e mayor a grandeza dos Reys ; porque com estes acostamentos comprehendiaõ toda a Nobreza da sua Corte , que se dividia em tres grãos , sendo o da primeira ordem o de Moço Fidalgo , com os accrescentamentos referidos , como já no Tomo IX. pag. 592 deixamos escrito. Continuou D. Luiz nas suas importantes pertencções , e depois de vagarosos requerimentos , se lhe passou hum Alvará , feito no primeiro de Fevereiro de 1590 : pelo que se lhe mandaraõ restituir os bens patrimoniaes , e proprios da sua Casa . Neste mesmo anno casou D. Luiz de Portugal com D. Joanna de Mendoça , filha de D. Fernan-

Prova num. 38.

do

Prova num. 39.

do de Castro Conde de Basto, que lhe deu em doze quarenta mil cruzados, a saber: doze em dinheiro, dez em joyas, ouro, prata, e moveis, e oito para se empregar em bens de raiz, e dez mil cruzados em dinheiro, pagos em tres annos, a qual Escritura foy feita em Évora a 18 de Mayo de 1590, do que depois D. Luiz lhe passou quitação em Lisboa a 19 de Fevereiro de 1591.

Prova num. 40.

Duraráo tempo os requerimentos de D. Luiz, até que no anno de 1604 se lhe restituirão os Estdos, que a sua Casa possuira da Coroa, e se verificou a merce, que ElRey D. Sebastião tinha feito a 21 de Dezembro de 1572 ao Conde D. Affonso do mesmo titulo para seu filho mais velho, que não chegou a lograr, e se verificou em D. Luiz, a quem se passou Carta de Conde de Vimioso em Lisboa a 6 de Março de 1604: na qual ElRey relatando ser esta merce feita por ElRey D. Sebastião, para o filho mais velho, que ficasse por seu falecimento, diz o seguinte: *E a não haver efeito esta merce em Dom Francisco de Portugal, filho mais velho do ditto Conde por fulecer antes de se ter por morto seu pay, que se perdeu com o dito Senhor Rey Dom Sebastião na batalha de Alcacere com tres filhos seus, e morreu em Africa, e vendo eu ora os pareceres, que por meu mandado, e delRey meu Senhor, e Pay, que sancta gloria aja, derão Letrados sobre D. Luiz de Portugal, meu muito amado sobrinho, haver de soceder no dito titulo, e nos ditos bens da Coroa, que vagarão*
por

por falecimento do dito Conde, por ser seu filho mayor depois do dito Dom Francisco capaz dos ditos bens, e tendo respeito aos grandes serviços, e merecimentos daquelles, de quem o dito Dom Luiz descende, e particularmente do dito Conde seu pay, e ao seu sangue, e devido, que comigo tem, e muitas calidades da sua pessoa, e Casa, &c. E assim por esta Carta foy feito Conde de Vimioso, e della se vê, que seu irmão D. Francisco de Portugal o não fora, sem embargo de todas as memorias daquelle tempo o darem a conhecer por Conde de Vimioso; nós o não podemos numerar entre elles, tendo visto o referido Documento; delle se vê a honra, que ElRey D. Philippe III. lhe dava no tratamento de sobrinho, com as referidas expressões, que são as mayores, que os Reys costumão fazer aos Vassallos, em que concorrem semelhantes circumstancias, e de que se tira, que nem pela desgraça, em que então se achava esta Casa contrastada da fortuna, em que se lhe dificultavaõ as merces, se lhe duvidaraõ as honras, que pela pessoa, e parentesco com a Casa Real merecia. Finalmente restituído no anno de 1604 a 6 de Março pelo referido Rey por diversas Doações, foy D. Luiz III. Conde de Vimioso, Senhor desta Villa, e da de Aguiar da Beira, e outras merces da Casa, menos a Alcaidaria mór de Thomar, sobre que contendeo largamente, e a Capitania de Machico, que ElRey D. Philippe II. havia dado a Tristaõ Vaz da Veiga por premio de lhe haver entregado

tregado a Fortaleza de S. Juliaõ da Barra de Lisboa, de que era Governador; porém depois se veyo a incorporar na Casa com os bens proprios della.

Restituido o Conde D. Luiz aos Estados da sua Casa, em que fez largas despezas, achando-se com copiosa successão, como abaixo se verá, com diferentes pensamentos das politicas do Mundo; quando parece poderia com nova fortuna aspirar àquelles lugares da Corte, para o que o habilitava o seu alto nascimento, com admiravel resolução, de commum consentimento da Condesa sua mulher, dissolveraõ o Matrimonio pelo estado Religioso; e assim fundaraõ o Mosteiro do Sacramento de Lisboa de Religiosas Recolletas da Ordem do Patriarca S. Domingos; nelle tomou a Condesa o habito, e professou, e o Conde no Mosteiro de S. Paulo de Almada, da mesma Ordem, no anno de 1607, onde cada hum viveo com grande exemplo, e edificação. Delle se conta, que em Africa fizera voto de ser Religioso, e que com a morte de seu irmão, vendo a sua Casa sem successão, se vira precisado a tomar o estado de casado, e que depois que vira seguro o estabelecimento della na successão, dera comprimento ao voto, com a resolução referida; o que sendo assim, parece, que nesta materia, sobre conselho de homens doutos, haveria dispensa da Sé Apostolica; porque sendo o Conde de costumes integerrimos, e virtuosos, não obraria cousa, em que lhe ficasse escrupulo; pois he certo, que

que depois do voto de Religião não podia celebrar o Matrimonio, e que se o fez, foy com dispensa; porém se a tivera havido, não era materia de segredo, parece seria notorio este caso, como daquelles, que merecem ser lembrados; o que he certo, que o Conde com virtuosos pensamentos quiz, livrar das pompas da Corte, recolherse à Religião, para viver em ocio santo; porque este antigo pensamento já mais lhe sahio da idéa de haver de ser Religioso, e perseverando nelle se recolhia por muitas horas ao seu Oratorio, implorando o patrocínio da Virgem Santissima, lhe rezava o Rosario com muita devoção, para que lhe facilitasse aquella pertença, sobre a qual consultou a Varoens doutos, e experimentados em virtude, que resolverão, elle a devia seguir, no que teve grande parte com o conselho seu irmão o Padre Mestre Fr. João de Portugal, Varão douto, e Santo, de quem já fizemos menção. Resolveo-se o Conde com o consentimento da Condeffa a entrarem ambos na Religião, e fundarem o Mosteiro do Sacramento, que dotaraõ por huma Doação feita a 20 de Outubro de 1605. E por outra Escriitura feita a 18 de Julho do mesmo anno desistiraõ os Condes do Padroado delle, e da Capella môr, com condição, que já mais as Religiosas o poderiaõ dar, nem enterrar nella pessoa alguma; porque entãõ logo teria reversaõ à Casa de Vimioso como bens proprios seus. Esta Casa ficou por especial graça separada da obediencia do Pro-

Tom. X.

Tttt

vincial

Historia de S. Domingos, part. 4. liv. 3. cap. 4.

vincial da Ordem, e immediata à do Geral de toda a Ordem dos Prégadores, que lhe nomea o Vigario, que he o seu Prelado; e foy o primeiro o Mestre Fr. Joaõ de Portugal, e successivamente occupado dos Padres de mayor authoridade da Provincia. Habitou-se o Mosteiro, que entaõ era junto a S. Vicente de Fóra, a 9 de Julho de 1607, trazendo para Fundadoras do Mosteiro de Santa Catharina de Sena de Evora as Madres Sor Isábel de Jesus, Sor Joanna Bautista, e Sor Filippa de Jesus, e huma Noviça chamada Sor Filippa do Sacramento, em que concorriaõ partes, que as Fundadoras punhaõ por espelho, a que se houvessem de ornar de virtudes as demais, que entrassem a habitar aquella Casa, em que se exercitaraõ com santa perfeiçaõ em todo o tempo as suas habitadoras. Achava-se a Condessa em o Lugar de Sacavem, e naõ podendo sofrer os obstaculos, que lhe dilatavaõ a sua vocaçaõ, com heroica resoluçaõ rompeo por todos, manifestando, que se recolhia ao Mosteiro. Sahio de Casa, levando consigo sua cunhada D. Filippa de Vilhena, que com naõ menos espirito seguia a mesma vocaçaõ, acompanhada do Mestre Fr. Joaõ de Portugal, e D. Nuno Alvares de Portugal. Entrou no novo Mosteiro, e tomou o habito a 23 de Agosto do referido anno, chamando-se Sor Joanna do Rosario. O Conde, que se tinha recolhido ao Convento de Bemfica, onde esteve algum tempo sem habito de Religioso, passou por ordem do Prelado para

para o de S. Paulo de Almada, onde tomou o habito no referido anno, e professou com admiravel resoluçãõ, e se chamou Fr. Domingos do Rosario, querendo sem memoria do Mundo fazerse desconhecido por nome, e appellido; e com este nome fez hum Memorial a ElRey D. Filippe III. na lingua Castellhana, com este titulo: *De Fray Domingo del Rosario, como Procurador de sus Acreedores, y del Conde de Vimioso Don Alonço de Portugal, y sus hermanos, y de los Conventos de San Pablo de Almada, y del Santissimo Sacramento de Lisboa*, o qual imprimio pelos annos de 1621 em Madrid. A esta Corte foy sete vezes levado de importantes negocios, em que fez immensas despezas. Depois de Religioso foy à Corte, e assistio no Convento de Santo Thomás da sua mesma Ordem. Neste Memorial expende as justas pertençaõs, a que a sua Casa era acrédora à Coroa: não resultou deste requerimento o effeito, que o Conde de Vimioso, ou para dizer mais propriamente Fr. Domingos do Rosario, esperava, e se recolheo a Portugal, vivendo com grande observancia da vida, que professara. Cheyo de annos, e boas obras acabou santamente em Evora aos 30 de Julho de 1637, contando oitenta e dous annos, e sendo enterrado no Capitulo dos seus Religiosos, em memoria de Varaõ taõ insigne, lhe mandaraõ pôr campa particular, e nella este bem merecido Epitaphio:

P. Fr. Dominicus do Rosario, idem in saculo D. Ludovicus de Portugal Comes Vimiosensis anno 1607. una cum uxore Comitissa D. Joanna de Mendosa illo consensu animorum quo pii vixerant, Prædicatorum Religioni se devovit. Tandem anno suæ ætatis 82. ab ortu Christi 1637. Die Julii 30. optinæ memoriæ consecratus placidissime obiit virtutum omnium monumentis ornatus, tum vero præcipuis obedientiæ, paupertatis, Religionis zeli, charitatis, & humilitatis, quibus singulariter floruit quique vivens se consepeliverat saculo. Hic defunctus in tumulo feliciter vivit Deo.

Casou com D. Joanna de Mendosa, filha de Dom Fernando de Castro I. Conde de Basso, Capitão de Evora, Alcaide mór de Alegrete, do Conselho de Estado, e da Condessa D. Filippa de Mendosa sua segunda mulher, irmã do I. Conde de Villa-Franca, e filha de D. Manoel da Camera VI. Senhor da Capitania da Ilha de S. Miguel. Já dissemos, que a Condessa D. Joanna de Mendosa na separação, que com seu marido fizera, entrara no Mosteiro do

Sacra-

Sacramento de Lisboa, onde foy Religioza, e se chamou Sor Joanna do Rosario: nelle foy tres vezes Priorissa; sendo cuidadosa das obrigações do cargo, era respeitada, e não temida; muy dada à Oração mental, e com profunda humildade, mortificando-se com aspereza, sem que o pezo dos annos a dispensasse do rigor da observancia, de que foy acerrima zeladora; com admiravel obediencia aos Prelados, cuja direcção seguio, fugeitando não só a vontade, mas o entendimento, de que foy tambem dotada, como instruida na lingua Latina: supporrou com santa constancia as adversidades, tolerando a morte dos filhos, e parentes como vontade de Deos, que em tudo queria fosse obedecido; e por este santo motivo, não aceitava pezaes, dizendo, que se não haviaõ de dar, do que Deos determinava: assim resignada na vontade Divina, acabou com grande confiança na misericordia de Deos a 21 de Mayo do anno de 1643 com mais de oitenta annos de idade, deixando da sua santa vida saudosa memoria naquella observantissima Casa. Deste esclarcido matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

Dita *Historia* liv. 3. cap. 18.

16. D. AFFONSO DE PORTUGAL IV. Conde de Vimioso, Capitulo VIII.

16. D. FERNANDO DE PORTUGAL foy Comendador de S. Martinho de Sande na Ordem de Christo; servio nas Armadas da Costa, e depois em Flandes, adonde sendo Capitão de Cavallos se achou na tomada de Juliers no anno de 1621, e no seguinte

te foy morto pelos Hollandezes a 31 de Agostto no sitio, que os Hespanhoes puzeraõ a Beguesobzom, e o seu cadaver foy resgatado por mil escudos.

16 D. MIGUEL DE PORTUGAL foy Collegial de S. Pedro na Universidade de Coimbra, aceito a 15 de Novembro de 1619, Doutor em Theologia, e Canones; servio a Inquisiçaõ, e foy Deputado de Coimbra, em que entrou a 22 de Setembro de 1622; Inquisidor na de Evora, onde entrou a 19 de Julho de 1631; era Conego Magistral da Sé daquelle Cidade, Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, de que tomou posse a 27 de Janeiro de 1635, e Bispo de Lamego, de que foy sagrado a 24 de Agostto de 1636 na Igreja das Religiozas Dominicanas do Sacramento de Lisboa, Embaixador Extraordinario del Rey D. Joaõ IV. ao Papa Urbano VIII. adonde por respeito da Coroa de Castella naõ foy admittido, e teve aquelle honrado encontro, relatado na Historia daquelle tempo, com o Marquez de los Veles, Embaixador daquelle Coroa, em que adquirio grande reputaçã. Defenganado o Bispo Embaixador, de que naõ tomavaõ os seus negocios o caminho, que deviaõ, resolveo partir para Portugal. O Papa parecendolhe suavisar os aggravos, que fazia à nossa Coroa, com permittir ao Embaixador audiencia como Bispo de Lamego, lha mandou offerecer, que elle naõ quiz aceitar, accrescentando, que naõ era aquelle o fim para que o seu Soberano o mandara à Curia com a commissaõ, que trou-

trouxera. Embarcou-se em Liorne, e com poucos dias de viagem chegou a Lisboa, onde as suas acções foraõ approvadas com o applauso, que mereciaõ, ainda que se naõ lograsse o intento da missaõ; porque o Bispo Embaixador a dispoz com prudencia, e valor. Foy do Conselho de Estado do mesmo Rey, e eleito por elle Arcebispo de Evora. Morreo em Lisboa a 3 de Janeiro do anno de 1644, e jaz na Igreja de S. Joseph de Riba-Mar, como refere a *Chronica da Arrabida*, que se equivocou no nome deste Prelado, chamandolhe D. Joaõ de Portugal.

Chronica da Arrabida,
part. 1, liv. 2, cap. 14.

16 DONA FILIPPA DE MENDOÇA, Freira no Mosteiro do Sacramento de Lisboa.

16 D. LUIZA DE GUSMAÕ, Freira em Santa Catharina de Sena de Evora, tambem da Ordem do Patriarca S. Domingos, onde se chamou Sor Luiza de Deos, a quem servio como fiel esposa, sendo observante, e penitente, e tendo feito vida santa, acabou o primeiro de Abril de 1641; della faz mençaõ a quarta Parte da *Historia* desta Provincia no Livro II. Capitulo XXXIII.

A Condes-
sa D. Joan-
na de Men-
doça, mu-
lher de D.
Luiz de
Portugal,
III. Conde
de Vimio-
ro.

D. Fernando
de Castro, I.
Cond. de Bal-
to, Capitão
de Évora, do
Conselho de
Estado, * a
17 de Outu-
bro de 1617.

A Condes-
sa D. Filippa de
Mendoça, 2.
mulher.

Dom Manoel da
Camera, IV. Do-
natario da Ca-
pitania de S. Mi-
guel.

Dona Joanna de
Mendoça.

Dom Fernando de
Castro, Capitão de
Evora.

D. Maria de Vi-
thena.

Dona Leonor de
Ataide.

D. Joanna de Fa-
ria.

Ruy Gonçalves da
Camera, III. Ca-
pitão Donatario da
Ilha de S. Miguel.

D. Filippa Couti-
nho.

Jorge de Mello,
Monteiro mór del-
Rey D. João III.

D. Margarida de
Mendoça.

D. Diogo de Castro,
Capitão de Évora.

D. Brites Pereira.

Ruy de Sousa, Sen-
hor de Beringel.

D. Branca de Vilhe-
na.

Alvaro Fernandes de
Ataide, Alcaide mór
de Alvor.

Maria da Sylva.

Anião de Faria, Al-
caide mór de Palmel-
la, &c.
Leonor Gonçalves de
Ouviera.

João Rodrigues da
Camera, II. Capitão
da Ilha de S. Miguel.

D. Ignez Pereira.

Ruy Lopes Couti-
nho.

D. Joanna Coutinho.

Martim de Mello,
Alcaide mór de Ser-
pa.

D. Filippa Pereira.

Diogo de Mendoça
Furtado, Alcaide
mór de Mourão.

D. Brites Soares.

D. Alvaro Pires de Castão, Senhor
das Alcaçovas.
D. Maria Lobo, filha de Diogo Lo-
pes Lobo, Senhor de Alvito.
Joanne Mendes da Goadá, Corre-
deador da Corte.
D. Isabel Pereira, filha de Alvaro
Pereira, Senhor de Souel, e Aguias
Bellas.

Martim Affonso de Soula.
D. Violante Lopes de Távora, fi-
lha de Pedro Lourenço de Távora,
Martim Affonso de Mello, Guarda
mór delRey D. Duarte.

D. Margarida de Vilhena, Senha
de Ferreira de Aves, filha H. de Ruy
Vaz Coutinho, Senhor de Ferreira.
João de Ataide, Camareiro mór do
Infante D. Pedro.
D. Maria Cordovellos, Sen. de Pen-
nacova, fil. de Nuno Fern. Cordov.
Pedro Gonçalves Malataya, Vedor
da Fazenda delRey D. João I.
D. Isabel da Sylva, filha de João
Gomes da Sylva, Senhor de Vagos.

Lourenço de Faria.

N.

João Gonçalves de Oliveira, Cria-
do delRey D. Affonso V.

N.

Roy Gonçalves da Camera I. Ca-
pitão da Ilha de S. Miguel, vivia em
1474.
Elvira, natural das Canárias.

Ruy Dias Pereira, o de Serpa.

N.

Lopo Affonso, Escrivão da Purida-
de delRey D. Duarte, do Conselho
delRey D. Affonso V. vivia 1449.
D. Filippa Coutinho, filha de Dom
Fernando Coutinho Marichal.
D. Gonçalo Coutinho, II. Conde
de Marialva.

A Condesa D. Brites de Mello, fi-
lha de Martim Affonso de Mello.
João de Mello, Alc. mór de Serpa,
Copeiro mór delRey D. Affonso V.
D. Isabel da Sylveira, filha de Nuno
Martins da Sylveira, Escriv. da Pur.
Henrique Pereira, Commendador
de Santiago.

D. Isabel Pereira, filh. de Diogo Pe-
reira, Commend. mór de Santiago.
Affonso Furtado de Mendoça,
Anadél mór dos Beiteiros.
D. Brites de Villargut, filha de D.
Antonio de Villargut.

Fernão Soares de Albergaria, Sen-
hor de Prado.

Maria Gonçalves, filha de Gonça-
lo Fernandes Alcatrazão.

CAPITULO VIII.

De D. Affonso de Portugal IV. Conde de Vimiofo, Marquez de Aguiar.

16 **P**Ela dimiffaõ, que o Conde Dom Luiz fez dos feus Estados, como diflemos, lhe succedeo feu filho D. Affonso de Portugal, que nafceo no anno de 1591, e foy IV. Conde de Vimiofo, Senhor desta Villa, e da de Aguiar, e da Capitanía de Machico, e de todos os mais bens, de que esta Casa fe compunha, para que fe obrigou às dividas, que nella havia, para o Conde feu pay poder profellar na Religiaõ do Patriarca S. Domingos, onde com grande edificação tinha recebido o habito; ao mefmo tempo reclamou o contrato, que havia celebrado o Conde feu pay com a Coroa, em que lhe fatisfizeraõ todas as pretenções com huma vida mais no titulo de Conde, e nas Villas de Vimiofo, e de Aguiar para o filho mais velho, que ficafse do Conde D. Affonso, como se vê de hum Alvará, feito em Lisboa a 25 de Junho do anno de 1616, que se vio obrigado a aceitar, por acabar com as demoras, e extaordinarias instancias, com que os Ministros trataraõ este negocio, que embaraçaraõ de forte, que precifamente havia de ceder da fua vocação, e perder o casamento de feu filho, que ti-

Prova num. 41.

Tom. X.

Uuuu

nha

Prova num. 41.

nha contratado com huma filha do Marquez de Castello-Rodrigo com hum grande dote, com a condição, que antes de se effeituar se cobriria Conde D. Affonso; isto obrigou a violentar a vontade do Conde D. Luiz, e ceder das suas pretensões, as quaes depois o Conde D. Affonso seguiu, offerecendo a ElRey D. Philippe III. hum Memorial, em que relatava a sua justiça, os grandes serviços de seus avós, e as prerogativas, com que a sua Casa fora attendida dos Reys seus predecessores, mostrando, que o Conde D. Luiz, aconselhado de Theologos, fizera aquella desistencia por remir a vexação, em que o puzeraõ: pelo que pedia a ElRey mandasse ver, e examinar a sua justiça, e as nullidades da desistencia reclamada, e com muitas outras razoes bem ponderadas, e reverentes, em que expõem o seu justo requerimento, de que não resultou nenhuma recompensa.

Neste mesmo anno de 1616 em 19 de Novembro se outorgou em Lisboa o Tratado do casamento do Conde D. Affonso com D. Maria de Mendoça, filha dos Marquezes de Castello-Rodrigo, que já eraõ mortos, sendo seu Procurador seu irmão D. Manoel de Moura Corte-Real Conde de Lumiares, Commendador mór de Alcantara, Gentil-homem da Camera do Principe, Capitão, e Alcaide mór das Capitania das Ilhas Terceira, Fayal, e Pico, sendo presentes o Conde de Vimiofo D. Affonso de Portugal, D. Fernando, e D. Miguel de Portugal

tugal seus irmãos. Dotou-se esta Senhora com cento e oito mil e tantos cruzados, que o Marquez seu pay lhe deixou no seu Testamento, e com as merces, que ElRey lhe fizesse em virtude de hum Alvará de lembrança, que tinha para o seu casamento, a qual quantia procedia das suas legitimas, e do legado, que a Condesa de Portalegre D. Maria Coutinho sua irmã lhe deixou, incluindo-se na dita quantia vinte e nove mil e tantos cruzados em joyas, peças de ouro, prata, tapestarias, e outros moveis; e que todos aquelles bens terião a natureza de bens dotaes, pelos quaes seriaõ reguladas as arrhas, no que não entraria o valor das merces, que lhe fizessem: e logo pela mesma Escriitura ficaraõ todos os taes bens vinculados em Morgado, para os seus descendentes, com as mesmas condições da instituição do Morgado, que fizeraõ os Condes de Vimiofo D. Francisco de Portugal, e D. Joanna de Vilhena, ao qual andaria sempre annexo este, que agora se instituirá, declarando, que no caso de não haver deste matrimonio successão, este Morgado seria unido ao que os Marquezes de Castello-Rodrigo seus pays instituirã das suas terças. E que succedendo não ficarem descendentes desta uniaõ, a Condesa D. Maria de Mendoça poderia desinembrar do referido Morgado a quantia de trinta até quarenta mil cruzados, para dispor como lhe parecesse, e havendo descendentes poderia testar a mesma Condesa o rendimento de tres annos do mes-

Prova num. 43.

Tom. X.

Uuuu ii

mo

mo Morgado. O Conde lhe deu de arrhas a terça parte do dote, conforme a Ley do Reyno, com todas as seguranças estipuladas em semelhantes contratos, e se obrigaraõ seus irmãos D. Fernando, e D. Miguel de Portugal, que no caso de morrer o Conde seu irmão, e algum delles houvesse de succeder na Casa, a pagarem o dito dote, e arrhas, o que ElRey depois incluiu em huma Carta, em que o approvou, e confirmou, como nelle se continha: foy feita em Lisboa a 24 de Janeiro de 1620.

Lavanha, Viagem del-Rey D. Filipe a Portugal, pag. 15.

Celebrou ElRey D. Filippe III. Cortes na Cidade de Lisboa no anno de 1619, e entre os Senhores, que nellas se acharaõ, foy o Conde de Vimioso, sendo hum dos Procuressores por parte da Nobreza. Obrigado das grandes dependencias da sua Casa, passou o Conde depois à Corte de Madrid, no tempo, em que já reinava ElRey Dom Filippe IV. quando chegou a noticia de os Hollandezes terem occupado a Cidade da Bahia de Todos os Santos, Capital do Estado do Brasil; revestido o Conde dos interesses da Patria, se esqueceo dos da sua Casa, mostrando, que nada podia ser mais estimavel, do que servilla, seguindo o exemplo dos seus mayores, que lhe serviaõ de estimulo à sua inclinação, e desinteresse. Embarcou naquella Armada com muito luzimento no anno de 1625, e passou à Bahia, deixando mulher, e filhos, sendo a sua resolução motivo, que obrigou, a que tanta Nobreza o seguisse. Achou-se o Conde na gloriosa restauração

ração daquella Cidade, em que se distinguio, como se esperava da sua pessoa; porque sobre valor, era dotado de admiravel talento. Voltou ao Reyno, e depois de mostrar o seu prestimo em diversos negocios, em que ElRey o occupou, intentou mandallo governar o Estado da India, que o Conde com animo indifferente não recusou, nem menos procurou adiantar o despacho, querendo sómente servir à gloria, e não ao premio; porque muito bem entendia, que as suas pretensões se querião cobrir com differentes pretextos. Temia-se no Reyno do Algarve huma invasão, a que era preciso acodir sem demora; e conhecendo-se a actividade do Conde, foy mandado à Comarca de Béja, e Campo de Ourique a fazer gente, o que executou com tão admiravel methodo, como promptidaõ; o que ElRey lhe mandou agradecer por huma Carta, como já havia feito em outras occasiões, em que o Conde se distinguira no seu serviço.

Não podia o Conde deixar de continuar com as importantes pretensões, de que se via destituida a sua grande Casa, não só na fazenda, mas ainda nas prerogativas: este negocio mandou ElRey consultar, e foraõ diversos os votos dos Ministros; porém ElRey, sem embargo da Consulta, lhe deferio em attenção da sua pessoa, e da representação da sua Casa, e pelo que havia obrado na recuperação da Cidade da Bahia, com assentamento de Conde parente, e com o titulo de Conde de juro, e herdade, confor-

Prova num. 44.

Prova num. 45.

conforme a *Ley Mental*, e com a melhora de huma Commenda de dous até tres mil cruzados, dando-lhe por equivalente as Commendas de Santiago de Andraes no Arcebispado de Braga, e a de S. Miguel de Souto no Bispado do Porto, ambas da Ordem de Christo, e com hum Alvará de Dama para casamento de huma filha, e dos bens da Coroa, e Ordens para a pessoa, que com ella casasse: feita a Portaria em Madrid a 9 de Dezembro de 1629.

No anno de 1635 succederão os tumultos de Evora, nascidos do imprudente zelo, com que o Corregedor daquella Cidade André de Moraes Sarmiento determinou lançar certo tributo, com que o povo se alterou de sorte, que foraõ grandes as desordens, que o Conde de Vimioso, que então existia nesta Cidade, e outros Senhores atalharaõ, buscando remedio para evitar o tumulto, que se achava muy crescido: ajuntaraõ-se na Freguesia de Santo Antaõ para dar remedio a taõ inconsideradas desordens, que evitaraõ com prudente direcçaõ, como já em outro lugar escrevemos.

Corria o anno de 1640, sempre memoravel nos fastos Lusitanos, em que no primeiro de Dezembro se executou felizmente a Acclamaçaõ do Grande Rey D. Joaõ IV. em Lisboa. Achava-se em Evora o Conde de Vimioso esperando esta noticia; porque quando aquelles insignes Libertadores da Patria trataraõ este importante negocio, reconhecerãõ no Serenissimo Duque de Bragança alguma repugnancia,

cia, ou nascida da prudencia, com que se havia de resolver a entrar em hum negocio tão arriscado, ou tal vez com sábia politica, que os interessados não perceberão, se quiz mostrar indifferente na resolução, para assim conhecer a constancia dos authores daquella facção, o que os poz em consternação; de sorte, que tomou Francisco de Mello, Monteiro môr, por sua conta escrever ao Conde de Vimioso, e ao Marquez de Ferreira, para que representassem ao Duque de Bragança os motivos, que tinha para aceitar a Coroa, que voluntariamente lhe offereciaõ os seus leaes Vassallos, e os Castelhanos haviaõ roubado a seu pay, e avô. O Conde por diversas vezes representou ao Duque, de sorte, que já certos da sua vontade, corria livre a communicação entre Villa-Viçosa, e Lisboa, e foy enviado Pedro de Mendoça para lhe dar conta, e humda distincta noticia, do que se passava. Fez caminho por Evora, onde communicou ao Conde, e ao Marquez de Ferreira a commissaõ, que levava, e elles escreverão com novas persuaçoens ao Duque, para que accettasse a Coroa. Executada em Lisboa a Acclamação, o participaraõ a Evora, onde o Conde com o Marquez o acclamaraõ com toda a solemnidade; e partindo para Villa-Viçosa, já nella se achavaõ, quando chegaraõ Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello a dar conta do modo, com que se conseguira tão gloriosa empreza. Determinou ElRey partir para Lisboa, para com a sua presença animar aos
seus

*Ferreira, Portug. Refe-
turallo, tom. I. pag.
202.*

seus Vassallos; entrou em hum coche; e nelle o acompanharaõ o Marquez de Ferreira, o Conde de Vimioço, Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello; assim que chegou a Lisboa o nomeou ElRey para voltar a Villa-Viçosa, para com o Marquez de Ferreira ir buscar a Rainha, o Principe, e Infantes. ElRey cuidando no modo da conservação do Reyno, entre os Ministros, que elegeo para o Conselho de Estado, foy hum o Conde, a quem tambem nomeou Capitaõ General de todo o Reyno: porém não chegou a gozar as grandes preeminencias deste posto; porque o Secretario Francisco de Lucena mudou o animo delRey, introduzindolhe com politica, que não era justo antepor com differença taõ desigual a hum Vassallo, ainda que benemerito, a outros, que tambem o eraõ, e não menos iguaes nos serviços, que no amor. Esta variedade causou no povo sentimento; porque era o Conde visto com estimação pelas virtudes, de que se ornavia, como pelo respeito da representação da sua Casa. Passou a 20 de Dezembro de 1641 a exercitar o seu posto sómente na Provincia de Alentejo, levando consigo seu filho D. Luiz de Portugal; e chegando a Elvas, elegeo aquella Cidade para Praça de Armas, e começou logo a entender na defesa da Provincia, em que as nossas Armas começaram a ver prosperos successos, ainda que a estreiteza do tempo não dava lugar, a que se augmentassem as forças, que entaõ superava o animo daquelles admiraveis

miraveis Varoens, que tanto trabalharaõ por gloria da sua Patria. Naõ deixaraõ os emulos do Conde de Vimiofo de se valer da sua ausencia, e das cavilações, de que costumaõ aproveitarse os inimigos, de que o Conde teve noticia, estando em Estremoz; e como dellas podia seguirse o aggravo de ElRey lhe tirar o posto, queria esperallo em lugar mais apartado dos Castelhanos, por lhes dilatar mais tempo o gosto de saberem, que daquella sorte lhe remunerava tanto zelo, e desvelo, executado no seu serviço; ao que ajuntava ainda outro mayor sentimento, que era o justamente recear, que os mais Vassallos delRey, vendo a offensa, com que satisfaziaõ o seu serviço, se escarmentassem no seu aggravo, e se entibiasse aquelle zelo, em que elle ardia, e desejava influir em todos para defenfa, e gloria da sua Patria. Era Governador das Armas Castelhanas o Conde de Monte Rey, que de Badajoz havia sahido com oito mil Infantes, e dous mil Cavallos, com a resolução de atacar Olivença, esperando conseguilla por assalto, sem muito custo, na supposiçaõ de achar os baluartes sem defenfa, e a guarniçaõ sem disciplina. Porém a seu custo defengano, depois de o intentar, vendo era mayor a opposiçaõ, do que suppunha, se retirou com a perda de duzentos homens mortos, e feridos, em que entravaõ Officiaes de importancia. Teve o Conde aviso do bom successo; porém naõ tardando o golpe, que temia, para que naõ celebrasse com o gos-

Tom. X.

Xxxx

to,

to , que pedia a primeira vitoria , lhe chegou ordem delRey , para que entregando o Exercito a Mathias de Albuquerque , passasse à Corte , por importar assim ao seu serviço. Entendeo-se então , que Mathias de Albuquerque fora hum dos que fulminaraõ a deposição do Conde , dizendo , que eraõ necessários melhores fundamentos para huma guerra , na qual a bisonharia dos Soldados se havia de supprir com a prudencia , e destreza do General : porém se foy certa esta destreza de Mathias de Albuquerque , depressa experimentou mayor revez da fortuna ; porque deixando o Conde a Província , e passados poucos dias do seu governo , sem haver nelles acção militar digna de memoria , o prenderaõ , havendo contra elle muito pouca prova , sendo o seu merecimento muito grande , que depois se vio ainda muito mais claramente no serviço do Reyno : porém desta sorte costuma Deos castigar as destrezas dos politicos , que pelos seus interesses não reparaõ na ruina alheya , sendo elles mesmos , os que trabalhaõ na propria ; e assim não governou por então o Exercito Mathias de Albuquerque , que para lhe succeder , nomeou ElRey por Governador das Armas a Martim Affonso de Mello , depois Conde de S. Lourenço , em quem concorriaõ muitas virtudes ; porque era dotado de valor , e desinteresse : governava a Praça de Cascaes , e havia estado alguns annos na India ; pertendeo Patente de Capitaõ General do Reyno , como havia tido o Conde de Vimiofo,

mioso, e se lhe respondeo, que quando o Conde passasse a outro emprego, se attenderia ao seu requerimento. Não teve o Conde em sua vida outra occupação, nem se deu a de Capitão General a outro Vassallo, reservando-se a authoridade, e preeminencia deste grande posto para o Principe D. Theodosio. Não mudaraõ o animo do Conde de Vimioso adversidades tão sensiveis; porque o zelo do augmento do Reyno augmentava o ardor, com que servia a gloria da Patria, como se vê do caso seguinte. Chegou à Corte o Conde de Vimioso, e visitando ao Arcebispo Primaz D. Sebastião de Mattos de Noronha, que já machinava infelmente com outros huma conspiração contra a Patria, e contra o seu proprio Rey, se persuadio a tentar o seu fidelissimo coração, para que fosse parcial na sua machina, parecendolhe, que o brio do Conde procurasse satisfazer com vingança a queixa de lhe terem tirado o governo de Alentejo, motivos, que o não deterião a ser parcial do seu dictame. E como eraõ ambos do Conselho de Estado, introduzio a pratica, discorrendo na fórma da defensão do Reyno, e nos meyo, de que necessitava, para se conseguir, e qual era o formidavel poder de Castella, a que Portugal não podia resistir, pretendendo induzillo a desconfiar da conservação. Nesta fórma declamava o Arcebispo o miseravel estado do Reyno, que não podia subsistir; assim lhe declarou toda a machina, que havia urdido, referindo os no-

mes dos conjurados , e accrescentando outros com cavilação , de que se seguiu prenderemse muitas pessoas de qualidade sem culpa. Ao Conde, em quem o brio competia com o valor , foy preciso revestirse de toda a prudencia para rebater a colera , que lhe causara taõ escandalosa pratica , e artificiofamente usando de palavras geraes , se apartou do Arcebispo; porque a sua Dignidade , e annos , não davaõ lugar ao Conde de tomar outra satisfação ; e despedido da visita , deu logo conta a ElRey , do que passava , que lhe agradeceo o zelo , como quem estimava tanto as suas virtudes : assim continuou sempre o Conde com o mesmo zelo ; porque nelle era o brillante o amor da Patria , a que não servia com outro interesse , do que a do bom nome. ElRey reconhecendo os seus merecimentos , e o quam grata lhe era a sua pessoa , em quem concorria o parentesco , que tinha com a Casa Real , entre outras merces , lhe fez a de o crear Marquez de Aguiar , por Carta feita em Evora a 8 de Setembro de 1643 , e nella diz : *Havendo respeito à pessoa , e Casa do Conde de Vimioso Dom Affonso de Portugal , meu muito amado sobrinho , do meu Conselho de Estado , e aos muitos , e muy particulares serviços , que me tem feito na defensão do Reyno , mostrando sempre a meu serviço taõ inteira lealdade , como deve a quem he , e haquelles de quem descende , e tendo outro si consideração a seus muitos merecimentos , e qualidades , por folgar em tudo de lhe fazer merce , conforme o contentamento , que*

Prova num. 46.

que sempre tive da sua pessoa, e particularmente a seu sangue, e devido, que comigo tem, e esperando delle, que me saberá merecer, e servir muito à minha satisfação, a merce, e honra, que lhe fizer, por todos estes respeitos, e pela boa vontade, que lhe tenho. Heey por bem, &c. Faleceo a 4 de Agosto de 1649; jaz em S. Joseph de Riba Mar, enterro da sua Casa. Foy dotado de excellentes virtudes, muy estimado do povo, assim por ellas, como pela memoria de seus avós, os quaes sempre foraõ unidos aos interesses da Patria. Teve muito valor, admiravel entendimento, dado à lição dos livros, generoso, e luzido na sua Casa, e mesa, grande cuidado na educação de seus filhos; teve muita bondade, que algumas vezes lhe prejudicou, mais por defeito da malicia, que se disfarça no especioso nome da politica, que no da verdade, porque só se deve regular a razão, e faltandolhe a experiencia militar, geral defeito dos mais daquelle tempo, por naõ haverem visto guerra, o que depois emendou o exercicio, e trato dos Generaes Estrangeiros. Finalmente entre tantas partes, luzio a virtude da castidade conjugal, que conservou na decencia do thalamo, sem que conhecesse outra mulher senaõ a propria. Casou com D. Maria de Mendoça. Tinha a Marquizeza D. Maria de Mendoça desde os seus primeiros annos grande inclinação ao estado de Religiosa, e obrigada das instancias de seu irmaõ, tomou o de casada, em que viveo com grande exemplo, exercitando-

citando-se em obras de muita caridade, e devoções, jejuns, e abstinencias, oração, e frequencia dos Sacramentos, creando a seus filhos em santo temor de Deos, vivendo com grande recolhimento, e reforma toda a sua Casa; e ficando viuva desembaraçada, ainda que já contava sessenta annos, no de 1650, em que tinha passado hum anno, e tres mezes, depois da morte do Marquez seu marido, em dia da Apresentação entrou no Mosteiro do Sacramento, e tomando o habito de Noviça, ficou à obediencia de sua filha a Madre Sor Margarida da Cruz, que era Mestra de Noviças, e com grande humildade seguio esta vida, exercitando-se em obras dignas do agrado de Deos, que a provou com notaveis molestias, que soffreo com grande resignação, até que corroborada com os Sacramentos, acabou com placida, e santa morte a 10 de Outubro de 1659 com sessenta e nove annos de idade, tendo antes que se recolhesse à Religião, visto casados seus filhos, e tres filhas Religiosas, e cinco criadas tambem Religiosas da mesma Ordem, e huma da de Cister; taes eraõ os exercicios, em que as applicava esta santa Matrona, fazendo da sua Casa hum Seminario de almas puras, para plantar depois na Religião. Della se refere, que havendo no Claustro hum jasmineiro grande, e viçoso, no dia da sua morte de repente se secara, tendo no dia antecedente tirado delle muitos jasmims huma Religiosa, como já succedeo muitas vezes em semelhantes casos.

Era

Era filha de D. Christovão de Moura I. Marquez de Castello-Rodrigo, Grande de Hespanha, Comendador mór da Ordem de Alcantara, Sumilhez de Corps delRey Filippe II. do Conselho de Estado, Vêdor da Fazenda, e Vice-Rey de Portugal, e da Marqueza D. Margarida Corte-Real, Senhora das Capitanias de Angra, e S. Jorge. E deste escla-recido matrimonio nascerão os filhos seguintes:

17 D. LUIZ DE PORTUGAL V. Conde de Vimioso, Capitulo IX.

17 D. CHRISTOVAÕ DE PORTUGAL, que morreu moço sem estado, nem deixar geração.

17 D. MIGUEL DE PORTUGAL VI. Conde de Vimioso, Capitulo X.

17 D. JOANNA DE MENDOÇA, Freira no Mosteiro de Santa Catharina de Evora.

17 DONA MARGARIDA, e D. BRITES, foraõ Freiras no Mosteiro do Sacramento de Lisboa.

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

322

323

324

325

326

327

328

329

330

331

332

333

334

335

336

337

338

339

340

341

342

343

344

345

346

347

348

349

350

351

352

353

354

355

356

357

358

359

360

361

362

363

364

365

366

367

368

369

370

371

372

373

374

375

376

377

378

379

380

381

382

383

384

385

386

387

388

389

390

391

392

393

394

395

396

397

398

399

400

401

402

403

404

405

406

407

408

409

410

411

412

413

414

415

416

417

418

419

420

421

422

423

424

425

426

427

428

429

430

431

432

433

434

435

436

437

438

439

440

441

442

443

444

445

446

447

448

449

450

451

452

453

454

455

456

457

458

459

460

461

462

463

464

465

466

467

468

469

470

471

472

473

474

475

476

477

478

479

480

481

482

483

484

485

486

487

488

489

490

491

492

493

494

495

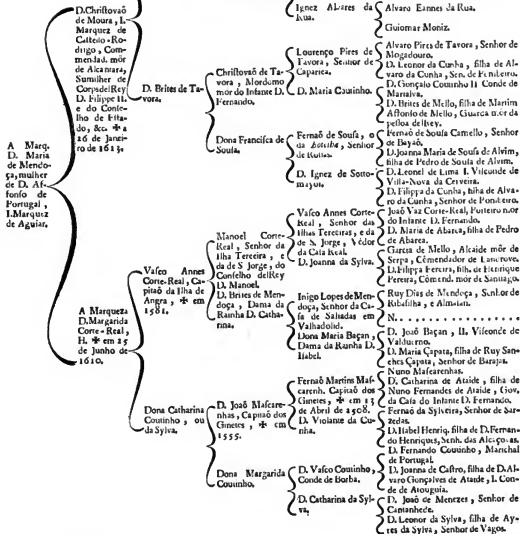
496

497

498

499

500



CAPITULO IX.

De D. Luiz de Portugal V. Conde de Vimiofo.

17 **F**Oy o primeiro fruto da esclarecida uniaõ do Marquez D. Affonso, e da Marqueza D. Maria de Mendoça, D. Luiz de Portugal, que nasceo no anno de 1620 V. Conde de Vimiofo, dignidade, que logrou ainda em vida do Marquez seu pay, a quem succedeo na sua grande Casa, e foy Senhor das Villas de Aguiar da Beira, e de Vimiofo, Donatario da Capitania de Machico, Comendador de S. Martinho de Sande, Santiago de Androes, e de S. Miguel de Souto na Ordem de Christo; e pelo seu casamento Almirante de Portugal por Carta de 9 de Setembro de 1646, Comendador, e Alcaide môr de Jurumenha, e Claveiro da Ordem de Aviz, de que se lhe passou Carta a 6 de Dezembro de 1647, e de S. Pedro de Evora da Ordem de Christo.

No anno de 1641 quando o Marquez seu pay passou a exercitar o posto de Capitão General no governo das Armas da Provincia de Alentejo, o acompanhou D. Luiz de Portugal, (ainda não era Conde) nomeado Capitão de Infantaria, e pouco depois Mestre de Campo, posto com que se achou em diversas occasioens naquella Provincia, em que

Tom. X.

Yyyy con-

Portugal Restaurado,
tom. I. liv. 4. pag. 126.

consequio reputação. Governava já a Provincia de Alentejo Martim Affonso de Mello, depois Conde de S. Lourenço, e tendo noticia, de que alguns moradores de Portalegre, faltando à fidelidade, davão avisos aos Castelhanos, e que determinavaõ introduzillos na Cidade, mandou a D. Luiz de Portugal, de cujo valor, e prudencia tinha já experiencia, para examinar este caso, e proceder como entendesse. Entrou Dom Luiz em Portalegre com o pretexto de acudir às fortificações, e levava quatro Companhias do seu Terço, e huma de Cavallos, e fazendo a diligencia confegredo, pode examinar as culpas, e os delinquentes; e castigando alguns, que o mereciaõ, ficaraõ socegados todos, e a Cidade livre do perigo, que a ameaçava. No tempo, que durou esta diligencia, entraraõ pela Serra de Marvaõ os Castelhanos, e queimaraõ as Aldeas de Pitaranha, e Gallego: teve D. Luiz aviso, e sem dilação marchou com a gente, que levara de Elvas, e alguns moradores da Cidade; seguiu os inimigos, e na sua retaguarda queimou o Lugar de Pico, e com huma grande preza se veyo retirando. Voltaraõ os Castelhanos, e D. Luiz fez alto, e mandou por alguns Mosqueteiros occupar os lados da estrada, que naquelle asperissimo sitio he muy estreita, e por isso he superior a Infantaria à Cavallaria, mandou dar huma carga sobre os Castelhanos, e ao mesmo tempo os carregou com a Tropa, que mandava o Tenente de D. Fernando Telles, Martim Domingues Banha,

e to-

da Casa Real Portug. Liv. X. 765

e tomandolhe alguns cavallos , ficaraõ mortos trinta Infantes. Retirou-se D. Luiz com a preza, e por ordem do Governador das Armas voltou a Elvas , onde lhe agradeceo o bem , que executara a commissaõ , e a felicidade do bom successo , com que o seu valor acreditara as nossas Armas. Em diversas occasioens se achou D. Luiz de Portugal , em que deu naõ vulgares mostras do seu valor , e actividade , desempenhando sempre as obrigações do seu alto nascimento.

No tempo em que ElRey Dom Joaõ creou Marquez de Aguiar ao Conde de Vimiofo , logo depois fez Conde de Vimiofo a D. Luiz , de que se lhe passou Carta a 15 de Setembro de 1644 , declarando ser de juro , e herdade , conforme a Ley Mental ; e por outra de 19 de Janeiro de 1645 se lhe passou a do assentamento de Conde Parente , com a mayor quantia , que já dissemos em outra parte , que costumaõ vencer de assentamento os Condes , que tem a prerogativa de descender da mesma Casa Real , e por isso ElRey lhe dava o tratamento de sobrinho , como se vê em diversas merces feitas ao mesmo Conde Dom Luiz , a quem tambem deu a administração da Casa de Castello-Rodrigo , que se achava na reprefália , por ser neto de D. Christovão de Moura I. Marquez de Castello-Rodrigo. Determinou ElRey no anno de 1649 dar Casa ao Principe D. Theodosio seu filho , e lhe nomeou para Gentis-homens da Camera a Henrique de Sousa

Tom. X.

Yyyy ii

Ta.

Chancel. do dito Rey ,
liv. 17. pag. 95 , e pag.
114.

Portugal Restaurado ,
tom. 1. liv. 10. p. 697.

Tavares, Conde de Miranda, e depois I. Marquez de Arronches, a Fernão Telles da Sylva I. Conde de Villar-Mayor, a Nuno de Mendoça II. Conde de Val de Reys, e a D. Gregorio Thaumaturgo de Castellobranco III. Conde de Villa-Nova, e pouco tempo depois nomeou ao Conde de Vimioso D. Luiz, e a João Nunes da Cunha, depois I. Conde de S. Vicente; destes dous sómente se acompanhou o mesmo Principe, quando no anno de 1651 passou à Provincia de Alentejo sem licença delRey seu pay, como deixamos em seu lugar referido. A este Principe servio o Conde os poucos annos, que lhe durou a vida, que acabou no anno de 1653; não se extendeo muito a do Conde, porque desgraçadamente foy morto em huma pendencia no Jogo da Péla a 2 de Abril de 1655, a que o levou o fado; porque convidando-o seu cunhado o Conde de S. João Luiz Alvares de Tavora, depois I. Marquez de Tavora, para Padrinho de hum desafío, de que eraõ Authores outros Senhores com poucos annos, que inconsideradamente se desafiaraõ, sendo o motivo huma desconfiança mal fundada: não participou o Conde este desafío a pessoa alguma mais, que a seu irmão D. Miguel de Portugal; e tanto que chegaraõ ao lugar determinado, que era o Jogo da Péla, viraõ huma multidão de gente: principiada a pendencia, intentou com o seu respeito evitalla; porém sem tirar da espada, lhe meteo hum estoque pelo peito hum atrevido Capitão parcial dos contrarios,

trarios, e sem mais dilação cahio ao mesmo tempo morto infelizmente o Conde. Sentio ElRey esta fatal desgraça com demonstrações dignas da sua severidade. Prendeo os culpados no desálio, outros se ausentaraõ; e como verdadeiro Chrislaõ, no tempo, que se achava já perto da hora da morte, chamou à sua Real presença os prezos, que eraõ Dom Miguel de Portugal, os Condes de S. Lourenço Luiz de Mello da Sylva, o de S. João Luiz Alvarés de Tavora, o de Castello-Melhor Luiz de Sousa de Vasconcellos, e Ruy Fernandes de Almada, que estavaõ em diversas prizoens. Chegaraõ à presença delRey, menos o Conde de S. João, que se dilatou por estar na Torre velha. Tanto que ElRey os vio, os chamou, e lhes disse, o quanto sentia naõ os ver, e a causa, que os tinha apartado da sua presença, exhortando-os, a que fossem amigos, e o quanto convinha ao Reyno a sua uniaõ. D. Miguel de Portugal, havendo herdado dos seus antepassados o amor do seu Principe, disse, que perdoava a todos, os que haviaõ concorrido na morte do Conde seu irmaõ; o que ElRey estimou tanto, que lhe agradeceo com especiaes honras esta generosa demonstração. He para naõ omittir, que havendo o matador fogido para a Ilha da Madeira, e tendo passado muitos annos, publicou diante de hum grande amigo seu, Criado da Casa de Vimioso, que elle fora o aggressor da morte do Conde, o qual excitado do brio, o desafiou, e o matou, pagando assim.

Dito livro tom. 1. pag.
899.

sim a semrazaõ daquelle homicidio ; porque era o Conde merecedor de mais dilatada vida. Nelle se tinhaõ esperanças , de que seria hum cabal Ministro , porque foy ornado de excellentes virtudes , valeroso , cortezaõ , liberal , benevolo no trato das gentes , de forte , que era amado de todos , bizarro , e hum dos mais excellentes Cavalleiros do seu tempo ; erudito , com muita applicaçãõ às bellas letras , instruido com primor na lingua Latina , e com muito conhecimento da Grega , favorecido das Musas , e compoz com propriedade ; finalmente a natureza o dotou de partes taõ admiraveis , que não lhe faltou mais que o tempo , para que pudessem brilhar ; porque não contou mais annos de idade , que trinta e cinco. Jaz em S. Joseph de Riba Mar.

Casou duas vezes , a primeira com D. Maria Ignez de Azevedo , filha (por morte de seu irmaõ D. Antonio de Azevedo , que morreo de curta idade) herdeira de D. Lopo de Azevedo Almirante de Portugal , Commendador de Jurumenha , e Claveiro da Ordem de Aviz , e de S. Pedro de Elvas na Ordem de Christo , Alcaide môr de Jurumenha , e de Dona Guiomar da Sylva sua mulher , filha de D. Fernaõ Martins Mascarenhas , filho segundo de D. Francisco Mascarenhas I. Conde de Santa Cruz : e deste matrimonio não teve successãõ. Morreo a 21 de Fevereiro de 1652. Foy sepultada na Capella môr do Mosteiro de S. Joseph de Riba Mar , onde passados annos , quando enterraõ ao Conde seu marido , acharaõ seu corpo incorrupto. Ca-

Casou segunda vez com D. Ignacia Maria de Tavora, a qual ficando viuva, e taõ sentida da desgraça da morte do Conde seu marido, tirou hum Alvará delRey, para accusar por seu Procurador, sem apparecer em juizo, os culpados na morte do Conde: foy passado a 12 de Julho de 1655. Porém com melhor acordo, deixando o mundo, se recolheu no Mosteiro de Odivellas, adonde depois de muitos annos morreo. Era filha de Antonio Luiz de Tavora II. Conde de S. Joaõ, e da Condeffa D. Archangela Maria de Portugal; e tambem deste matrimonio não teve successão.

Houve em D. Maria de Lanoy, filha de Roque de Lanoy, Escrivaõ de Alcaide em Lisboa, a

18 D. AFFONSO DE PORTUGAL, que se creou em casa de seu pay, e por sua morte na do Conde seu irmaõ, e morreo moço.

CAPITULO X.

De Dom Miguel de Portugal VI. Conde de Vimioso.

17 **A** Desgraçada morte do Conde D. Luiz deu a successão da sua Casa, e Morgados a seu irmaõ D. Miguel de Portugal, que nasceu no anno de 1631; porque Dom Christovaõ de Portugal, tambem seu irmaõ, e segundo na ordem do

Torre do Tombo liv.
17. da Chancellar, del-
Rey D. João IV. pag.
92.

E liv. 24. dita Chancel.
pag. 194.

do nascimento, acabou a vida moço; e por esta causa foy D. Miguel de Portugal VI. Conde de Vimioso por merce delRey D. João IV. de que tirou Carta passada em Alcantara a 18 de Junho de 1655, e nella diz: *Por ser filho do Marquez de Aguiar, meu muito amado, e prezado sobrinho, do meu Conselho de Estado, e irmão de D. Luiz de Portugal Conde de Vimioso, e por vagar para a Coroa pela Ley Mental, &c. e tendo respeito ao referido, &c. o faça Conde de juro, conforme a Ley Mental.* Depois se lhe passou na fórma costumada a de assentamento de Conde Parente a 17 de Julho de 1656, e teve tratamento de Sobrinho. Foy Senhor desta Villa, e da de Aguiar da Beira, e Capitaõ hereditario de Machico, Commendador de Santiago de Androes, S. Martinho de Sande, e S. Miguel de Souto na Ordem de Christo, Governador de Evora, do Conselho de Guerra, e Estribeiro mór da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya; e pelo seu casamento Senhor da Casa, e Condado de Basto, da Capitania de Pernambuco, e do Morgado dos Albuquerque, que ajuntando-se à sua opulenta Casa a fize-raõ mais rica, e poderosa pelas prerogativas, e jurisdicções, e extensaõ de dominios na America.

Achou-se o Conde naquella fatal pendencia do Jogo da Péla, em que com igual desembaraço, que valor, se portou o tempo, que ella durou; e sendo prezo, e depois chamado à presença delRey com os mais cumplices, que se achavaõ tambem prezos,

prezos, como já dissemos, se houve o Conde nesta occasião com tanto acordo, que fará sempre memoravel o seu nome; porque satisfazendo com o gosto delRey, perdoou generosamente aos seus inimigos, culpados na morte do Conde seu irmão, de que se esqueceo tão christãamente, que com alguns conservou depois em trato familiar, reciproca amizade.

No anno de 1663, em que D. Joaõ de Austria, Generalissimo de hum poderosissimo Exercito, sitiou a Cidade de Evora, e a rendeo, vivia neste tempo nella o Conde de Vimioso, que com admiravel actividade, e zelo pretendeo compor os animos discordes de alguns Officiaes de Guerra, para que pudessem dispor melhor a defensão; mas vendo, que a Praça se rendia, e que as suas instancias não produziaõ o effeito, que pretendia de dilatar a defensão, para dar tempo a ser soccorrida, com aquelle brio herdado da fidelidade de seus clarissimos ascendentes, desprezando as oñertas do vencedor, sahio da Cidade. Restaurada depois pelos nossos gloriosamente a Cidade de Evora, ElRey D. Affonso VI. o nomeou para a governar, dandolhe Patente de Mestre de Campo General, e do Conselho de Guerra, e a prerogativa de Governador das Armas daquella Cidade. Seguiu-se no seguinte anno porse em Campanha o nosso Exercito, e ardendo o Conde no desejo de servir à Patria, e gloria do seu nome, tendo posto a Praça de sorte, que não tinha peri-

Tom. X.

Zzzz

go,

go, pediu licença a ElRey, para se achar naquella Campanha, que lhe não concedeo, por entender, que era muy util a sua vigilante assistencia naquella Cidade.

Era Estribeiro môr da Rainha D. Maria Francisca, então Princeza de Portugal, o Conde de Obidos D. Vasco Mascarenhas, do Conselho de Estado, Varaõ de grandes merecimentos pelos seus serviços, e pessoa, e falecendo no anno de 1678, elcgeu para este authorisado emprego ao Conde de Vimioso, de que se lhe passou Carta a 2 de Setembro de 1678, que exerceo com igual satisfação da Rainha, que do Principe Regente D. Pedro, que estimou muito ao Conde, e o escolheu para Vêdor da Fazenda de sua filha a Princeza D. Isabel entre os Officiaes, de que se havia de compor a sua Casa, e o havia destinado para o posto de Regedor das Justiças, com a esperanza do Conselho de Estado; porém não duvidando o Conde o aceitar, determinou primeiro fazer huma cura, por se achar já muy falto da saúde, para poder supportar a continuada assistencia, e lida deste grande lugar; mas atenuando-se as forças, sem embargo de ser de huma natureza robusta, que destruiu com alguns excessos do comer, lhe faltou a vida, anticipando-selhe a morte, que foy a 15 de Novembro de 1687, privando ao Reyno de tão excellente Ministro; porque foy o Conde ornado de muitas virtudes, muy serio, e grave; de sorte, que recahio bem nelle a representação da

da Casa , com que soube adquirir amor , e respeito no povo de Lisboa , e ainda mayor no de Evora , onde conserva ainda hoje venerada memoria. Era versado nas linguas Latina , Franceza , Italiana , e Castellhana , que entendeo primorosamente ; de Filosofia , e Mathematica soube o que bastou , para se instruir ; muy dado à lição , em que fez admiraveis progressos em huma , e outra Historia , em que foy erudito : assim teve huma escolhida , e numerosa Livraria de livros impressos , e manuscritos , de que depois ainda nós tivemos a satisfação de vermos muitos , e importantes. Foy no trato da amizade fino , na sua casa , e mesa pomposo com numerosa familia , escolhida de pessoas nobres , conservada dos antigos criados da sua mesma Casa. Tinha , estando em Evora , trinta cavallos generosos da sua pessoa. Não teve menos propensão , e genio à caça , sem que lho diminuísse o não ser dos mais felices no exercicio de atirar ; muy dado à Musica , que entendeo scientificamente , tocando com primor alguns instrumentos , que naquelle tempo levavaõ a melhor attenção , como eraõ harpa , e viola , e todos os de tecla. Teve grande destreza no jogo da espada , a que se lhe ajuntava o ser robusto , e de forças extraordinarias , com que fazia prodigiosas experiencias ; e sobre partes tão excellentes era o brilhante a generosidade , que mostrou em muitas occasioens , e entre outras a de satisfazer dez mil cruzados , que hum criado seu de estimação ficou devendo ao Fís-

co Real, de que era Thefoureiro, sem mais culpa, do que se lhe queimarem casualmente alguns papeis, que depois faltaraõ para a sua conta; e eternamente o testemunhará o sitio do seu Palacio, de que deu toda a parte, que foy necessaria para as Cavalhariças da Rainha sua Ama, de que em tudo se mostrava o mais obsequioso Criado. Jaz em S. Joseph de Riba Mar.

Casou com D. Maria Margarida de Castro e Albuquerque sua prima segunda, Senhora ornada de muitas virtudes, em que foy o brilhante a prudencia, como mostrou com heroica fineza ir ella mesma à casa, em que se creavaõ dous filhos do Conde, e trazellos para o seu Palacio, onde os creou com a devida estimagaõ de serem seus herdeiros. Era filha herdeira de Duarte de Albuquerque Coelho, Senhor da Capitania de Pernambuco, que em Castella, depois da separaçaõ das Coroas, foy intitulado Marquez de Basso, e Conde de Pernambuco, Gentil-homem da Camera delRey D. Filippe IV. e de sua mulher D. Joanna de Castro, irmãa de D. Lourenço Pires de Castro III. Conde de Basso, e filha de D. Diogo de Castro II. Conde de Basso, Capitaõ de Evora, Commendador de Almodovar, e Garvaõ na Ordem de Santiago, Regedor das Justiças, Presidente do Desembargo do Paço, do Conselho de Estado dos Reys D. Filippe III. e IV. e Vice-Rey de Portugal, e da Condeffa D. Maria de Tavora. Faleceo a 25 de Outubro de 1689, e jaz com

com o Conde seu marido em S. Joseph de Riba Mar ; e desta esclarecida uniaõ não ficaraõ filhos; porém em D. Antonia de Bulhoens , donzella nobre , e limpa , que depois foy Freira em Santa Anna de Lisboa , filha de Antonio Ferreira Pestana , e de Antonia Ferreira , teve o Conde D. Miguel a

18 D. FRANCISCO DE PORTUGAL VII. Conde de Vimioso , II. Marquez de Valença, Capitulo XI.

18 DONA MARIA DE PORTUGAL dotada de muita discriçaõ , e talento , que sendo procurada pela Rainha D. Maria Sofia para sua Dama do Paço na vida da Condesa sua tia , e madrastra , foy depois da sua morte depositada no Mosteiro do Sacramento de Lisboa , como fiadora da Casa de seu irmão: porém ella com singular resoluçaõ trocou taõ grandes esperanças pelo estado de Religiosa , tomando na mesma Casa o habito com o nome de Sor Maria Margarida do Rosário , onde professou , e foy Prioressa , e vive com exemplar edificaçaõ.

D. Ma-



D. Maria
Marganda de Castro e
Albuquerque, mu-
lher de D. Miguel de
Portugal, VI. Con-
de de Viseu.

Duarte de
Albuquerque Coelho, Sen-
da Capitania de Per-
nambuco, l'oy
Conde da dita Capitania,
e Marquez de Balto.

Jorge de Albu-
querque Coelho
II. Senh. da Ca-
pitania de Per-
nambuco,

D. Anna da Syl-
va.

Duarte Coelho I.
Senhor da Capita-
nia de Pernambuco.
co.

D. Brites de Albu-
querque.

Gongalo Pires Coe-
lho, Senhor de Fil-
gueiras.
Helena Martins, ou
Catharina Pereira,
ou Figueiroa.

Martim Coelho, Senhor de Figuei-
ras, Ayo do Infante D. Pedro.
D. Joanna de Azevedo, filha de Lo-
po Lias de Azev. Senh. de Aguiar.

N.
N.

João de Albuquerque.

D. Leonor Lopes, filha do Desem-
bargador Lopo Gonçalves.

Affonso Lopes de Bulhão, Cidadão
de Lisboa.

Isabel Giramacho, filha de Pedro
Nunes Giramacho.

Dom Vasco Coutinho I. Conde de
Borba, Capitão de Artilha.

A Condesa D. Joanna da Sylva, fi-
lha de D. João de Azevedo, Senhor
de Cantanhede.

Fernão Martins Mascarenhas, Sen-
hor de Lavre, Capitão dos Ginetes.

D. Violante Henriques, filha de Fer-
nando da Sylva, Senh. de Azevedo.

D. Diogo Fernandes de Almeida,
Prior do Crato.

Ignês Veliz.

Dom Vasco Coutinho, Conde de
Borba.

D. Catharina da Sylva.

D. Fernando de Castro, Capitão de
Evora.

D. Maria de Vilhena, filha de Ruy
de Sousa, Senhor de Biringel.

Nuno Fernandes de Ataíde, Cap-
itão de Calim, Alcaide-mór de Alvor.

D. Joanna de Faria, filha de Ataíde
de Faria.

Ruy Gonçalves de Camara, Den-
tario da ilha de S. Miguel.

D. Filipa Coutinho, filha de Ruy
Lopes Coutinho.

Jorge de Mello, Mordomo mór,
Commendador do Pinheiro.

D. Margarida de Mendoça, filha de
Diogo de Mendoça, Alcaide mór
de Mourão.

Lourenço Pires de Tavora.

D. Maria Telles, filha de D. Gon-
çalo Coutinho, Conde de Maral-
va.

Fernão de Sousa, o da Estrela,

Senhor de Rolles.

D. Meia de Brito, filha H. de Mar-
tim Vaz Mascarenhas.

Alvaro Pires de Tavora, Senhor de
Mogadouro.

D. Joanna da Sylva, filha de D. Af-
onso de Vascon. Conde de Perella.

Mosen Ferrer, Caval. Valenciano.

D. Maria de Robles, filha H. de D.
João de Robles, Senhor da Villa de
Almeida.

D. Alvaro Cou-
tinho, Senhor de
Almoural.

Dom João Coutinho
II. Conde de Redon-
du.

A Condesa D. Isabel
Henriques.

D. Brites da Syl-
va.

D. Pedro de Almei-
da, Alcaide mór de
Torres Vedras.

D. Maria da Sylva.

Dom Fernando de
Castro, Capitão de
Evora.

D. Diogo de Castro,
Senhor da Casa de
Bulho, Capitão de
Evora, Mordomo
mór da Praxeza D.
Joanna.

D. Leonor de Ataíde.

D. Filipa da Ca-
mera.

Manoel da Camara,
Capitão da ilha de S.
Miguel.

D. Joanna de Men-
doça.

Dom Diogo de
Castro, II. Con-
de de Balto, do
Conselho de Es-
tado, Vice-Rey
de Portugal, &c.

D. Joanna de
Castro, * a
2 de Abril de
1631.

A Condesa D.
Maria de Tavo-
ra.

Lourenço Pires de
Tavora, Senhor
de Caprica, Ca-
mereiro mór do
Senhor D. Duarte,
Embaixador a
Roma.

D. Catharina de
Tavora.

Christovão de Tavo-
ra, Mordomo mór
da Infante D. Guo-
mar Coutinho.

D. Francisca de Sou-
za.

Ruy Lourenço de
Tavora, Vice-Rey
da India.

D. Joanna da Cunha,
filha da Rainha D.
Catharina.

CAPITULO XI.

De Dom Francisco de Portugal II. Marquez de Valença, e VII. Conde de Vimioço.

18 **P** Ara segurar a permanencia da Casa de Vimioço, que se vio no perigo de se lhe acabar a sua varonia no Conde D. Miguel, lhe concedeo Deos por filho a D. Francisco de Portugal, ainda que fóra do matrimonio, para com elle dilatar a antiga virtude de produzir esta grande Casa illustrissimos Varoens. Vio a primeira luz em Lisboa a 25 de Janeiro do anno de 1680, foy creado debaixo da tutella daquella prudente Matrona a Condesa Dona Maria de Castro sua tia, viuva do Conde seu pay, como quem na sua pessoa queria conservar o esplendor de seus excelsos progenitores. No testamento do Conde seu pay lhe foraõ nomeados por Tutores Manoel Telles da Sylva I. Marquez de Alegrete, entaõ Conde de Villar-Mayor, de quem já temos feito memoria, e Francisco Barreto, Conego da Sé Lisboa, Fidalgo de grandes merecimentos; porque foy Varaõ eminente em letras, ornado de excellentes virtudes, de grande honra, e desinteresse, muita gravidade, e naõ menos graça, e discriçaõ no trato familiar. Nestes espelhos começou o Conde D. Francisco nos tenros annos

nos da sua idade a ver as virtudes, de que se havia de adornar, e depois com o tempo soube tambem praticar.

Era D. Francisco de Portugal unico varão da Casa de Vimiofo, em quem o Conde seu pay à desejava conservar; e assim à sua instancia ElRey D. Pedro o habilitou, legitimando-o em fôrma especiosa, e por graça especial, por Carta de 13 de Dezembro de 1681, e por outra do mesmo dia lhe fez a merce da grandeza, com o titulo de Conde de Vimiofo, e querendo que se conservasse no mesmo esplendor, em que a tiverão seus antepassados, seguindo o mesmo costume, se lhe passou Carta do allementamento de Conde Parente, como haviaõ tido os seus mayores, com a prerogativa do tratamento de Sobrinho: assim succedeo D. Francisco de Portugal sendo VII. Conde de Vimiofo, Senhor hereditario da Capitania de Machico na Ilha da Madeira, Commendador das Commendas de S. Miguel de Chorence, de Santiago de Androes, S. Martinho de Sande no Arcebispado de Braga, todas na Ordem de Christo, e das Commendas de Almodovar, e Garvão no Campo de Ourique na Ordem de Santiago, e Padroeiro do Convento de S. Joseph de Riba Mar.

Por morte da Condeffa D. Margarida de Castro sua tia, Senhora da Casa, e Condado de Basto, e da Capitania de Pernambuco, o nomeou por seu herdeiro, e da Casa de Basto, e juntamente das acções,

Chancelaria delRey D.
Pedro II. liv. 48. pag.
27.

ções, que tinha sobre o senhorio daquella Capitania. Entrou o Conde de Vimiofo de posse da Casa de Bafo, e pelo que pertencia ao Morgado della, contenderão sobre a fucceffão alguns Fidalgos illustres; e depois de varios fucceffos, foy julgado por melhor o direito de Chriftovão de Almada, Senhor das Villas de Carvalhaes, e Ilhavo, e outras, Védor da Casa da Rainha; porém nos embargos melhorou tanto o Conde de Vimiofo, já Marquez de Valença, que revogada a fentença, lhe foy julgada a Casa de Bafo no Supremo Senado a 4 de Novembro de 1721, que depois na denegação da revista pelo Defembargo do Paço, em 4 de Novembro de 1726, lhe ficou indisputavel a posse, em que estava havia trinta e sete annos. Não teve menos contrastes sobre as pretensões, que tinha a Pernambuco, de que fua tia ultima poffuidora, e em quem fe extinguiu, não só a ultima linha, mas o fangue dos Albuquerque, Senhores daquella Capitania, o deixara por herdeiro. Foy esta contenda com a Coroa, que estava depoffe daquelle Estado desde a fua restauração: defendião os Procuradores Regios a causa acerrimamente contra o Conde de Vimiofo, que teve fentença contra, julgando-se à Coroa, e no tempo que elle entrou a pedir revista se compuzerao as partes, para o que ElRey paffou hum Alvará a 16 de Janeiro de 1716, em que dava ao Procurador da fua Coroa Francisco Mendes Galvão faculdade de poder ajuftarfe com o Conde, em

Prova num. 47.

Tom. X.

Aaaaa

hum

hum concerto , que fôsse reciprocamente conveniente a ambas as partes , em que por huma transacção , cedesse o Conde naõ só a execucao dos fructos , que lhe foraõ sentenciados, mas tambem de todo o direito , que pudesse ter à propriedade do Estado, e Capitania de Pernambuco, dandolhe por equivalente diversas merces, que foraõ o titulo de Marquez de Valença (que já seu quinto avô D. Affonso gozara) em duas vidas , e na mesma fórma no de Conde de Vimiofo , com huma vida mais nas Comendas , que a sua Casa tinha , e oitenta mil cruzados em dinheiro , pagos nos rendimentos do mesmo Estado de Pernambuco. Em virtude desse contrato se lhe passou Carta de Marquez de Valença a 10 de Março de 1716. Depois por algumas duvidas, que occorreraõ , pedio o Marquez declaracão do tratamento , e ElRey D. Joaõ V. lhe fez a merce do tratamento de Sobrinho , que todos os seus antepassados lograraõ , em virtude da prerogativa de descender por varonia do tronco da Casa Real Reynante. Assim veyo a recahir a representacão da grande Casa de Vimiofo no Marquez D. Francisco, que a natureza ornou de excellentes virtudes ; porque nelle se admiraõ em igual competencia em hum espirito vivo , a devoçao que se vio na extraordinaria pompa , com que celebrou , sendo Mordomo, o Desaggravo do Sacramento roubado na Freguesia de Santa Engracia , que foy preciso , que a Real providencia ordenasse evitar para o futuro semelhantes

lhantes despezas; a piedade continuada com os pobres, de que será eterno testemunho o povo da Cidade de Lisboa na generosidade, com que universalmente assistio a todos no anno de 1727, em que foy Provedor da Santa Casa da Misericordia, e no grande numero de Soldados, que vestio à sua custa, quando foy mandado à Comarca de Torres Vedras a fazer gente; a benignidade suave no natural agrado, com que trata a todo o genero de pessoa; a magnificencia do trato da sua Casa; a liberalidade sem limite, o luzido da propria pessoa, a verdade, e fineza da amisade; e finalmente he hum universal pregoeiro dos benemeritos: e sobre partes taõ proprias de hum grande Senhor, se admiraõ nelle as de hum natural eloquencia, unida a hum sublime talento, que com pouca applicaçã se oppoem aos mayores estudos, comõ testemunhaõ os eruditos do seu tempo, que tratou familiarmente com muita estimaçã, sendo os seus communs estudos as bellas letras, compondo na lingua Latina com eminente estylo na pureza de Marco Tulio. Das linguas Estrangeiras, a que segue com mais genio, he a Italiana; das mais tem o conhecimento, que deve ter hum polido Cortezaõ, como he este Senhor: a materna falla com tanta propriedade, e pureza, como saõ irrefragaveis testemunhos os seus discretos, eloquentes, e eruditos escritos, de que alguns se podem ver nas Collecções da Academia Real, e senãõ fora a sua modestia, pudera fazer publicos mu-

tos outros excellentes. Nesta Real Assembleia succedeo ao Conde de Monsanto D. Fernando de Noronha no anno de 1723, quasi por aclamação, e por hum geral consentimento de todos os votos; com que foy eleito, sendo dos mais dignos Collegas, e Censores desta erudita Assembleia. Porém as excessivas, e extraordinarias queixas, que ha annos padece, o tem retirado da communicação, privando aos amigos, e eruditos, que elle estima como taes, da sua amavel companhia.

Casou a 24 de Setembro de 1699 com D. Francisca Rosa de Menezes, que a Providencia ornou de esclarecidas virtudes, brilhando a prudencia, e gravidade em animo pio, e devoto, com applicação aos livros, e talento admiravel, e verdadeiramente conforto de tal esposo. He filha de Manoel Telles da Sylva I. Marquez de Alegrete, II. Conde de Villarmayor, &c. e da Marquiza D. Luiza Coutinho, de quem fizemos menção no Livro VII. Capitulo III. pag. 609 do Tomo IX. E deste esclarecido matrimonio teve a successão seguinte:

19 D. THERESA MARIA DE PORTUGAL nasceu a 13 de Setembro de 1704, não tem elegido estado.

19 D. JOSEPH MIGUEL DE PORTUGAL VIII. Conde de Vimioso, Capitulo XII.

19 D. MIGUEL DE PORTUGAL nasceu a 13 de Dezembro de 1722, estuda na Universidade de Evora com tal aproveitamento, que o tempo será o prego-

pregoeiro da sua litteratura, como já he da sua erudita applicaçã, cmeçada a seguir de tenros annos, em que logo brilhou hum talento sublime, a que elle ajuntou todas aquellas partes, que são dignas de estimaçã, e proprias do seu nascimento.

Fóra do matrimonio tem

19 D. FRANCISCO DE PORTUGAL nasceu no primeiro de Novembro de 1703, e he Religioso da Companhia de Jesu.

19 D. FRANCISCO DE PORTUGAL nasceu a 17 de Agosto de 1717, he Religioso dos Clerigos Regulares de S. Caetano.

19 D. MIGUEL DE PORTUGAL, Religioso da Companhia, que faleceo no anno de 1738.

CAPITULO XII.

De D. Joseph Miguel de Portugal VIII. Conde de Vimioso.

19 **N**Asceo a 27 de Dezembro de 1706 D. Joseph Miguel João de Portugal VIII. Conde de Vimioso, para ser digno successor desta grande Casa, tão parecido retrato de seu esclarecido pay, que nelle se virão as virtudes exercitadas de tenros annos; porque a madureza, e prudencia se adiantaraõ a abater a verdura dos annos, que costuma ser a ruina naõ só dos grandes Senhores, mas
geral-

geralmente de toda a mocidade ; porque o Conde a passou applicado à lição dos livros , de que o seu admiravel talento soube colher copiosos frutos. Estudou a lingua Latina , tendo por Mestre ao erudito Abbade de Sever Diogo Barbosa Machado , que tendo tanto de que se gloriar nas excellentes Obras , que correm suas , parece he incomparavel a gloria , que se lhe segue deste unico Discipulo , de que em breve tempo luzio o Magisterio com tanro aproveitamento , que competia com o Mestre na eloquencia , e pureza da lingua Latina. Com esta enriqueceo a Republica das Letras com os seus admiraveis *Epigrammas* , que imprimio , e tem composto muitas outras Obras : sómente faremos menção das impressas , da *Vida do Infante D. Luiz* , que imprimio no anno de 1735 , em que relatando as excellentes acções daquelle Principe , se fazem mais admiraveis pela eloquencia , com que unio a sua difficção à pureza da nossa propria lingua. Não he de menor preço na estimação dos eruditos a *Instrução* , que fez para seu filho primogenito , impressa em 1741 , em que com acertada escolha lhe deu para idéa da sua vida , as gloriosas acções Militares , e Politicas de seus excelsos progenitores , que no decurso de mais de tres seculos , em que teve principio a sua Casa , brillaraõ entre as adversidades do tempo , para os collocar no Templo da Heroicidade , como temos , ainda que brevemente , relatado. Calou em 24 de Outubro do anno de 1728 com D.

Luiza

Luiza de Lorena, filha de seu primo com irmão Manoel Telles da Sylva III. Marquez de Alegrete, e da Marqueza D. Eugenia de Lorena sua mulher, de quem tem

20 D. EUGENIA THERESA XAVIER DE PORTUGAL, que nasceu a 8 de Janeiro do anno de 1733, e faleceu a 14 de Dezembro de 1735.

20 D. FRANCISCO GREGORIO DE PORTUGAL nasceu a 8 de Abril de 1734, faleceu a 18 de Novembro do dito anno.

20 D. MARIA THERESA JOSEFA DE PORTUGAL nasceu a 27 de Março de 1735.

20 D. FRANCISCO JOSEPH MIGUEL DE PORTUGAL nasceu a 29 de Setembro de 1736.

20 D. FRANCISCA CLEMENCIA XAVIER DE PORTUGAL nasceu a 23 de Novembro de 1737, faleceu a 26 de Julho de 1739.

20 D. MANOEL JOSEPH DE PORTUGAL nasceu a 22 de Novembro de 1738.

20 D. THERESA JOANNA DE PORTUGAL nasceu a 8 de Fevereiro de 1740.

20 D. JOSEPH FILIPPE DE PORTUGAL nasceu a 22 de Abril de 1741.

20 D. MARGARIDA DE PORTUGAL nasceu a 2 de Novembro de 1742.

A Condesa D. Luíza de Lorenna, mulher de D. Joseph de Portugal, VIII. Côde de Vímiofo,

Manoel Telles da Sylva III. Marquez de Alegrete, IV. Conde de Villar-Mayor, Gentil-homem da Camera del-Rey D. João V. * a 9 de Fevereiro de 1736.

Fernando Telles da Sylva II. Marquez de Alegrete, III. Conde de Villar-Mayor, Gentil-homem da Camera, Vêdor da Fazenda, do Conselho de Estado, * a 7 de Junho de 1734.

A Condesa D. Helena de Noronha.

Manoel Telles da Sylva I. Marquez de Alegrete, II. Conde de Villar-Mayor, do Conselho de Estado, &c. * a 11 de Setembro de 1709. A Marquessa D. Luíza Coutinho.

D. Thomás de Noronha III. Conde dos Arcos do Conselho de Estado.

A Cond. D. Magdalena de Borbon.

Fernão Telles da Sylva I. Conde de Villar-Mayor, do Conselho de Estado. A Condesa D. Marianna de Mendoga.

Nuno Mascarenhas, Senh. de Palma, Alcaide mór, e Comendador de Castello de Vide. D. Brites de Menezes de Castillobranco.

D. Marcos de Noronha.

D. Maria Henriques.

D. Luiz de Lima I. Conde dos Arcos, * a 14 de Abril de 1647. A Condesa D. Victoria de Cardailhac.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello III. Conde de Tentugal. A Condesa D. Marianna de Castro Otório.

D. Antonio Pimentel IV. Marquez de Tavera. A Marquessa D. Isabel de Moscofo.

Henrique de Lorenna, Conde de Harcourt, &c. Par, e Eltribeiro mór de França. A Condesa Margarida Filippa de Cambout, * a 29 de Dezembro de 1674.

Nicolao de Neufville, Duque de Ville Roy, Par, e M. de França, * a 18 de Novembro de 1685. A Duquesa Magdalena de Bonne.

Luiz da Sylva, do Conselho de Estado, Vêdor da Fazenda, Mordomo mór, * a 18 de Set. de 1636. D. Mariana de Lencastre, Aya do Principe D. Theodósio, * 1643. Simão da Cunha, Trinchante da Casa Real. D. Luíza de Almeida.

D. João Mascarenhas, Senhor de Palma.

D. Maria da Costa.

D. Francisco de Castillobranco, Conde de Sabugal.

A Condesa D. Luíza Coutinho.

D. Thomás de Noronha.

D. Helena da Sylva.

D. Francisco da Costa, Embaixador a Marrocos.

D. Joanna Henriques.

D. Lourenço de Brito e Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira.

D. Luíza de Tavora.

Francisco de Cardailhac, Barão da Chapelle.

A Baroneza Magdalena de Borbon.

D. Francisco de Mello II. Marquez de Ferreira.

A Marquessa D. Eugenia.

D. Rodrigo de Castro Oforio V. Conde de Altimira.

A Condesa D. Isabel de Castro.

Dom Bernardino Pimentel III. Marquez de Tavera.

A Marquessa D. Joanna de Toledo.

D. Lopo de Moscofo Oforio VI. Conde de Altimira.

A Condesa D. Leonor de Sandoval.

Carlos de Lorenna, Duque de Elbeul, &c. * em 1605.

A Duquesa Margarida de Chabor, * a 29 de Setembro de 1652.

Carlos de Cambout, Marquez de Couffin, &c. * em 1648.

A Marquessa Filippa de Bourges.

Carlos Marquez de Ville Roy, Cavalheiro das Ordens del-Rey, * em 17 de Janeiro de 1642.

A Marquessa Jaelina Harlay.

Carlos, Senhor de Crequy, Principe de Poix, Duque de Lefdigueres, * a 17 de Março de 1638.

A Duquesa Magdalena de Bonne.

A Duquesa Dona Margarida de Lorenna.

Luiz de Lorenna, Conde de Armagnac, &c. Par, e Eltribeiro mór de França, * a 13 de Julho de 1718. A Condesa Catharina de Neufville, * a 15 de Dezembro de 1707.

CAPITULO XIII.

De Dom Nuno Alvares de Portugal, Governador do Reyno.

15 **D**Eixamos dito no Capitulo IV. que os Condes de Vimioso Dom Affonso de Portugal, e D. Luiza de Gusmao tiverao por filho a D. Nuno Alvares de Portugal, que o foy sexto na ordem do nascimento, Commendador das duas partes de S. Vicente de Vimioso na Ordem de Christo, de que se lhe passou Carta em 5 de Agosto de 1608; nelle concorrerao excellentes partes, porque as suas acções as ajustava sempre com honrado procedimento, que seguia mais fundado em politica christãa, do que na vã do Mundo. O seu grande nascimento o habilitava para os mayores empregos da Republica. No anno de 1613 foy occupado na Presidencia do Senado da Camara de Lisboa, em que mostrou a sua recta administração; de sorte, que mereceo no anno de 1625 serem com mayor emprego satisfeitos os seus merecimentos: pelo que foy feito Governador de Portugal, sendo hum dos tres, que entao se nomearao para o governo deste Reyno; e foraõ os outros D. Diogo de Castro, Conde de Basto, e D. Martim Affonso Mexia, Bispo de Coimbra, e Conde de Arganil. Naõ deu D. Nuno

Tom. X.

Bbbbb

fim

fim ao tempo do seu governo, porque dentro nelle acabou a vida; e sendo sepultado com as honras devidas à representaçã do lugar, que exercia, jaz no Capitulo do Mosteiro de S. Joseph de Riba Mar. Casou com D. Joanna de Mendoça Corte-Real sua prima com irmãa, Senhora do Morgado de Val de Palma na Ilha Terceira, filha de Dom Manoel de Portugal, e herdeira de D. Margarida de Mendoça Corte-Real, Senhora do dito Morgado, sua segunda mulher, como adiante se dirá; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

16 D. LUIZ DE PORTUGAL, que sendo herdeiro da Casa de seus pays, com admiravel resoluçã tomou o Habito do Patriarca S. Domingos.

16 D. MANOEL, e D. FRANCISCO DE PORTUGAL morrerão meninos.

16 D. JOÃO DE PORTUGAL succedeo na sua Casa; achou-se no anno de 1621 na restauraçã da Bahia, e morreo solteiro sem deixar geraçã.

16 D. FERNANDO DE PORTUGAL, que tambem não tomou estado.

16 D. AFFONSO DE PORTUGAL, sexto na ordem do nascimento, tendo succedido na Casa de seus pays, morreo em Evora em Janeiro de 1633, sem ter casado, nem deixar geraçã.

16 D. MARIA DE PORTUGAL, que veyo por morte de seus irmãos a succeder na Casa de seu pay, e por sua mãy no Morgado de Val de Palma. Casou com D. Alvaro Pires de Castro VI. Conde de Mon-

Monfanto I. Marquez de Cascaes , de quem teve D. JOANNA IGNEZ DE PORTUGAL , Senhora do Morgado de Val de Palma , que casou com Luiz da Sylva Tello II. Conde de Aveiras , Senhor de Vagos, &c. de quem foy primeira mulher , cuja esclarecida posteridade deixamos referida a pag. 330 do Tomo V. e a D. MECIA DE NORONHA , que morreu sem chegar a ter estado.

CAPITULO XIV.

De Dom Manoel de Portugal , Commendador de Vimiofo.

14 **E**Ntre os filhos , que procrearaõ Dom Francisco de Portugal , e D. Joanna de Vilhena , primeiros Condes de Vimiofo , foy o terceiro D. Manoel de Portugal , em quem o alto nascimento correspondeo a partes adquiridas ; porque foy bom Filofofo , cortezaõ , e entendido , excellente Poeta , e os merecimentos proprios lhe puderaõ segurar melhor fortuna ; porque teve muy pouca no adiantamento da fua Casa. Foy Commendador de Vimiofo , e de Santa Maria do Bifpado do Porto na Ordem de Chriſto ; teve as Saboarias do Porto , e huma tença , que os Condes feus pays lhe nomearaõ com faculdade delRey ; foy Provedor mór das Terças do Reyno. No anno de 1548 quando

Tom. X.

Bbbbb ii

El

Andrade, *Chronica del-Rey D. João III.*, part. 4. cap. 38.

Del Rey Dom Sebastião liv. 5. do *Regimento*, pág. 402.

ElRey Dom João III. ordenou a Casa ao Principe seu filho, lhe deu na sua Camera as entradas, juntamente com seu irmão D. Afonso. ElRey D. Sebastião o mandou por Embaixador a Castella. Por morte delRey D. Henrique, quando se tratava da successão do Reyno, seguiu o partido do Prior do Crato; e supposto depois se sujeitou à obediencia delRey Philippe, que dominava, não lhe foy grato o seu serviço, prejudicando desta sorte à fortuna merecida pelo seu admiravel talento. O insigne Luiz de Camoens o celebra com huma elegantissima Ode, que he a setima da primeira parte das Rimas, que principia:

Aqui darão de Pindo as moradoras, &c.

Compoz diversas Obras em verso, que se tem em grande estimação, a saber, huma intitulada: *Diana dos Ermitões*; outra: *Deserto do seu entendimento*. Hum livro, que contém dezasete Cantos, trata da Terra Santa, impresso em Lisboa no anno de 1605. Outro tambem impresso, que são Sentenças, e Apophthegmas, tiradas dos sete Sabios de Grecia, e outras diversas Obras, todas dignas de estimação. Fundou o Mosteiro de Jesus no Lugar de Val de Figueira no anno de 1556, que he da Provincia da Arabida, legoa, e meya da Villa de Santarem. Falleceu em Lisboa, muy velho, em 26 de Fevereiro do anno de 1606.

Casou duas vezes, a primeira com D. Maria de Menezes, irmã de D. João Tello de Menezes, Senhor de

de Aveiras, hum dos cinco Governadores do Rey-
no nomeados por ElRey D. Henrique, e filha de
D. Henrique de Menezes, Commendador da Ida-
nha a Velha na Ordem de Christo, Governador da
Casa do Civel, e Embaixador em Roma, filho se-
gundo de D. Joaõ de Menezes I. Conde de Tarou-
ca, Alferes môr de Portugal, Mordomo môr del-
Rey D. Joaõ II. e Prior do Crato, e da Condeffã
D. Joanna de Vilhena sua mulher, filha de Fernaõ
Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ; e deste ma-
trimonio teve os filhos, que se seguem:

15 D. FRANCISCO DE PORTUGAL, que sen-
do primogenito, morreo moço sem estado.

* 15 D. HENRIQUE DE PORTUGAL.

* 15 D. JOAÕ DE PORTUGAL 2. II.

15 D. AFFONSO DE PORTUGAL morreo mo-
ço sem estado, nem deixar geração.

Casou segunda vez com D. Margarida de Mendoça
Corte-Real, Senhora do Morgado de Val de Pal-
ma na Ilha Terceira, filha de Manoel Corte-Real,
Senhor da Capitania de Angra na dita Ilha, e da de
S. Jorge, do Conselho delRey D. Manoel, e de D.
Brites de Mendoça, Dama da Rainha D. Cathari-
na, e filha de Inigo Lopes de Mendoça, Senhor de
Rebacillo, (neto da Casa de Almasan) e de D.
Maria Baçan, Dama da Rainha D. Isábel, e filha
de D. Joaõ de Baçan II. Visconde de Valduerna, e
de D. Maria Çapata, filha de Ruy Sanches Çapa-
ta, Senhor de Barajas, de quem teve unica

D.

15 D. JOANNA DE MENDOÇA CORTE-REAL, Senhora do Morgado de Val de Palma, que casou, como fica dito, com D. Nuno Alvares de Portugal.

15 D. HENRIQUE DE PORTUGAL foy filho segundo: succedeo na Casa de seu pay, e foy Comendador de Santa Maria de Pernes na Ordem de Christo; e sendo muito moço, Embaixador del Rey D. Sebastião ao Emperador Rodolfo. No anno de 1578 acompanhou ao mesmo Rey à Affica, e foy cativo na batalha. Depois foy do Conselho de Estado del Rey D. Henrique, e hum dos Conselheiros, que persuadirão a dar batalha aos Inglezes, quando vieraõ a este Reyno. No anno de 1619 se achou nas Cortes, que celebrou El Rey Filippe em Lisboa, e foy hum dos Procuradores por parte da Nobreza. Edificou de novo o Mosteiro de Jesus no Lugar de Val de Figueira, junto a Santarem, da Provincia da Arrabida, que seu pay já fundara em outra parte; e morreo a 5 de Outubro de 1625, e jaz com sua mulher no dito Mosteiro.

Casou com D. Anna de Ataide, que morreo a 24 de Março de 1627, sua sobrinha, filha de D. Antonio de Ataide II. Conde da Castanheira, Senhor desta Villa, e das de Póvos, e Cheleiros, e da Condesa D. Maria de Vilhena sua primeira mulher, filha de D. Francisco da Gama II. Conde da Vidigueira, Almirante da India, e tiverão os filhos seguintes:

D.

* 16 D. MANOEL DE PORTUGAL, Commendador de Pernes.

16 D. JOÃO DE PORTUGAL foy Commendador de S. Pedro de Caluello na Ordem de Christo, e morreo sem successão estando contratado de casar com D. Antonia de Vilhena, filha de Antonio Correa Baharem, Senhor do Morgado da Marinha, e de D. Maria de Vilhena, filha de Manoel de Sousa, Trinchante do Infante D. Luiz.

16 D. PAULO DE PORTUGAL morreo solteiro sem successão.

16 D. AFFONSO DE PORTUGAL, que tambem morreo solteiro sem successão.

16 D. MARIA DE PORTUGAL, mulher de D. Luiz de Almeida, Commendador na Ordem de Christo, adiante §. III.

16 D. GUIOMAR DE VILHENA casou com D. Manoel de Ataide, III. Conde da Castanheira, seu tio, meyo irmão de sua mãy, e foy sua segunda mulher, e não tiverão successão.

16 D. MARGARIDA DE VILHENA morreo sem chegar a eleger estado.

* 16 D. MANOEL DE PORTUGAL, que foy o filho primeiro de D. Henrique de Portugal, succedeo na sua Casa, e na Commenda de Santa Maria de Pernes, de que se lhe passou Carta em 26 de Setembro de 1608: servio alguns annos em a guerra de Africa, e nas Aimadas da Costa; e no anno de 1619 se embarcou com D. Antonio de Ataide.

Casou

Casou com D. Luiza de Vilhena, que depois de viuva foy Dóna de Honor da Rainha D. Luiza, filha de D. Manoel de Castro, Senhor de Fonte Arcada, Commendador da Redinha na Ordem de Christo, e de D. Brites de Vilhena sua mulher, filha de Dom Francisco de Menezes, Governador da Casa do Civel, Commendador de Proença na Ordem de Christo, e tiveram os filhos seguintes:

17 D. HENRIQUE DE PORTUGAL, que morreu de pouca idade.

* 17 D. ALVARO DE PORTUGAL, que succedeo na Casa.

17 D. DIOGO DE PORTUGAL foy Commendador na Ordem de Christo, servio em Tangere, e foy morto pelos Mouros em huma peleja, governando aquella Praça Dom Fernando Mascarenhas, Commendador do Rosmaninhal, e I. Conde da Torre: não casou, nem teve geração.

17 D. JOÃO DE PORTUGAL estudou em Coimbra Theologia, e foy Collegial do Collegio de S. Pedro, em que entrou no anno de 1635; e succedendo a Acclamação delRey D. João, largou os estudos, e servio, embarcando na Armada, que foy a Cadiz no anno de 1641, e no seguinte passou a Elvas a servir nas Fronteiras com dous criados sem soldo; foy depois Capitaõ de Cavallos, e depois Mestre de Campo, póstos com que servio nas Campanhas até o anno de 1647, em que faleceo: pelo que ElRey fez merce a sua mãy D. Luiza de Menezes

nezes dos Cafaes de Fayro , e Martanes em Santarem , que possuía , para sua neta D. Maria Luiza , sobrinha do dito Dom João , por Alvará de 22 de Agosto do referido anno. Não casou , e teve bastardo a D. HENRIQUE DE PORTUGAL , que estando em Coimbra morreo moço a 13 de Agosto de 1662.

17 D. JORGE DE PORTUGAL , que desgraçadamente morreo affogado no Tejo , junto a Santarem , com seu irmão D. Alvaro a 6 de Agosto de 1640 : tinha sido Collegial do Collegio Real de S. Paulo.

* 17 D. ALVARO DE PORTUGAL succedeo na Casa de seu pay , e foy Commendador de Santa Maria de Pernes. No anno de 1633 servio na guerra contra os Mouros na Praça de Tangere , que governava D. Fernando Mascarenhas , depois I. Conde da Torre ; acabou infelizmente a vida affogado no Tejo , querendo acodir a salvar seu irmão D. Jorge , que se affogou , andando brincando , e nadando junto a Santarem , a 6 de Agosto de 1640.

Casou com D. Marianna de Noronha e Castro , sua prima com irmã ; que por morte de seu irmão D. Manoel de Castro veyo a ser sua herdeira : era filha de D. Alvaro de Castro , Senhor de Fonte Arcada , Commendador da Redinha , e de Dona Maria de Noronha sua mulher , filha de João de Saldanha , Commendador de S. Martinho de Santarem , e General da Armada : era D. Manoel de Castro neto de D. Alvaro de Castro , Senhor de Penedono , Com-

Tom. X.

Ccccc

men-

mendador da Redinha, do Conselho de Estado delRey Dom Sebastião, e seu Valido, (filho do Grande D. João de Castro, IV. Vice-Rey da India) e de D. Anna de Ataide sua mulher, filha de D. Luiz de Castro, Senhor da Casa de Monsanto; e ficando esta Senhora viuva, moça, e bem dotada, com admiravel resolução, viveo com grande exemplo, e gravidade em sua casa; e dos seus bens fundou a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia de Lisboa dos Clerigos Regulares, que amou como filhos; e morreo em 25 de Mayo de 1681. Mandou-se sepultar no Carneiro dos Religiosos, onde em Tumulo de pedra jazem as sua esclarecidas cinzas, a quem as suas virtudes fazem ainda mais respeitadas pelo admiravel modo de vida, que tantos annos seguio, como virtuosa Heroína. Os Clerigos Regulares para eterna memoria da sua gratidão, no pavimento do cruzeiro da Capella môr, em huma pedra lhe puzeraõ o seguinte Epitafio:

D. O. M.

Qui vivorum dominatur simul & mortuorum

Marmore sub hoc requiescunt in Cæmeterio

Resurrectionem expectantes novissimam

Illustrissimi cineres Heroine longe præclarissimæ

D. Mariæ à Norenha & Castro

D. Alvari à Portugalia olim conjugis

Quæ post charissimorum pignorum fata

Clericos Regulares quos habuit in spiritu Patres

Adop-

Adoptavit in filios.

Iis condit asceterium

In quo hanc extruxit Domum

Deo viventi

Sibi mortuae

Jubens supremis tabulis sepeliri

In eodem sepulchro, quo Clerici Regulares;

Superbum arbitrata Mausoleum,

Quod commendaret humilitas.

Denique post annos LXVII laudabiliter traductos,

Magnum sui relinquens desiderium,

Sacris ritè communita

Abijt ad meliores ipsa die Pentecostes XXV Maij

Anno à nascente Deo M. DC. LXXXI.

Hujus Cænobij magnificentissimæ Fundatrici

Clerici Regulares

In perenne gratitudinis monumentum

S. H. PP.

Desto matrimonio nasceo

18 D. MARIA LUIZA DE PORTUGAL unica,
que na flor da idade morreo, contando sómente treze annos, e nella se verificou a merce de Fayro, e Martanes, que por sua morte foy de D. Henrique seu primo; e por elle morrer, fez ElRey merce a D. Marianna de Noronha e Castro, por Alvará de 28 de Outubro de 1665, de poder testar dos ditos Casaes.

Tom. X.

Cccce ii

2. II.

§. II.

* 15 **D**OM JOAÕ DE PORTUGAL filho terceiro de D. Manoel de Portugal, e de D. Maria de Menezes sua primeira mulher; acompanhou a ElRey D. Sebastião na jornada de Africa. Os Authores apontados dizem, que fora cativo na batalha de Alcacer, depois resgatado no numero dos oitenta Fidalgos, o que não he verosimil; porque deste Fidalgo se não soube mais, e por entender ser morto, passou sua mulher às segundas vo-
das.

Casou com D. Magdalena de Vilhena, filha herdeira de Francisco de Sousa Tavares, Capitão mór do mar da India, e das Fortalezas de Cananor, e Dio, e de D. Maria da Sylva sua mulher, filha de Joaõ de Mello da Sylva, Capitão de Ceilão.

Depois casou segunda vez com Manoel de Sousa Coutinho, os quaes depois de commum consentimento; por hum estranho caso, de entenderem, que estava nullo o matrimonio, por ser vivo seu primeiro marido, tomou ella o Habito de Religiosa no Mosteiro do Sacramento de Lisboa, e elle no de S. Domingos de Bemfica com o exemplo dos Condes de Vimioso, e nunca mais se virão, nem se communicarão, nem por escrito. Deste caso se prova não ser cativo D. Joaõ de Portugal, e muito menos resgatado no numero dos oitenta Fidalgos; porque delle

*M-niço, Jornada de
Africa, cap. 8.
Torres, Nobiliario da
Caja de Bragança.*

delle se não soube mais, porque servindo a ElRey na batalha, parece depois o seguio. Tomando o Habito Manoel de Sousa, na Religião se chamou Fr. Luiz de Sousa. Compoz as Chronicas da sua Ordem; e a *Vida do Veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres*, em admiravel estylo, e singular pureza da nossa lingua; na Latina compoz algumas Obras, que não sabemos onde permanecem, entre ellas a *Vida delRey D. Joaõ III.* Foy insigne Poeta Latino, e delle se conserva em disticos a Vida de S. Domingos, que está pintada em azulejo no Claustro do seu Convento de Lisboa, adonde em cada hum se declara a acção da Vida do Santo. A deste insigne Cortezaõ no século, e bom Religioso nos Claustros, anda no terceiro Tomo da Historia, que escreveo. Desta uniaõ não houveraõ mais, que huma filha, que acabou de tenra idade; e de seu primeiro marido D. Joaõ de Portugal teve D. Magdalena de Vilhena os filhos seguintes:

16 D. LUIZ DE PORTUGAL, que sendo herdeiro da sua Casa, servio em Ceuta, onde desgracadamente andando brincando em humas escaramuças com outros Cavalleiros da Praça, meteo o ferro da lança pela testa, de sorte, que lhe tirou a vida: não casou, nem teve geração.

* 16 D. JOANNA DE PORTUGAL, veyo a ser herdeira. Casou com D. Lopo de Almeida, Alcaide mór de Alcobaga, Commendador de Loures na Ordem de Christo; e da sua posteridade se dará adiante noticia.

D.

16 D. MARIA DE VILHENA. Casou com D. Pedro de Menezes, filho de D. Antonio de Menezes, Alcaide mór de Viseu, neto do I. Conde de Linhares, e não tiveraõ successão.

* 16 D. JOANNA DE PORTUGAL, filha primeira de D. João de Portugal, e de D. Magdalena de Vilhena. Casou com D. Lopo de Almeida, Commendador de Loures na Ordem de Christo, Alcaide mór de Alcobaça, que lhe deu seu tio o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, Dõn Abba-de Commendatario de Alcobaça, filho de D. Pedro de Almeida, Commendador de Loures, Presidente da Camera de Lisboa, do Conselho de Estado, e de D. Maria Coutinho sua mulher, e prima com irmã, filha de seu tio D. Francisco Pereira, Commendador do Pinheiro na Ordem de Christo, Vêdor da Fazenda do Infante D. Luiz, Embaixador em Castella, e de D. Bernarda Coutinho sua terceira mulher, e tiveraõ os filhos seguintes:

17 D. PEDRO DE ALMEIDA, que servio em Flandes; e sendo Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria, morreo no anno de 1620.

* 17 D. JOÃO DE ALMEIDA, succedeo na Casa.

17 DOM FRANCISCO DE ALMEIDA, morreo moço.

17 D. MARIANNA DE PORTUGAL, Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

17 D. MARGARIDA DE VILHENA, Freira no Mosteiro de Santa Clara de Santarem.

D.

17. D. BARBARA COUTINHO, Freira no Sacramento de Lisboa.

17. D. JORGE, e D. FRANCISCO morrerão de tenra idade.

17. D. JOAÕ DE ALMEIDA, a quem pela sua gentil presença chamaraõ o *Fernão*, succedeo na Casa de seus pays; foy Commendador de Loures na Ordem de Christo, Alcaide mór de Alcobça, Vêdor da Casa del Rey D. Joaõ IV. e del Rey D. Afonso VI. a quem tambem servio de Reposteiro mór, e de Gentil-homen da Camera, quando a Rainha D. Luiza sua mãy lhe ordenou Casa.

Casou com D. Violante Henriques, que ficando viuva, foy Guarda mayor da Rainha Dona Maria Francisca de Saboya, a qual era irmã de D. Thomás de Noronha III. Conde dos Arcos, do Conselho de Estado, e Presidente do Ultramarino, e filha de D. Marcos de Noronha, Senhor do Morgado, e Padroado do Salvador de Lisboa, e de D. Maria Henriques sua mulher, filha de Dom Francisco da Costa, Armeiro mór del Rey, Capitão de Malaca, Governador do Algarve, Embaixador a Marrocos, e Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Aviz. Deste illustre matrimonio nascerão trinta e dous filhos, de que daremos noticia, dos que soubermos, que são os seguintes:

* 18. D. PEDRO DE ALMEIDA.

18. D. DIOGO FERNANDES DE ALMEIDA, que servio na guerra da Acclamação na Provincia de

de Alentejo com valor, e foy Capitão de Cavallos; e pelo seu casamento Alcaide mór das Villas de Santarem, Golegã, e Almeirim, Commendador de Santo André de Villa Boa de Quires, Sampayo de Farinha Podre, e S. Juliaõ de Camboes, todas na Ordem de Christo. Casou com D. Joanna Theresa Coutinho, filha herdeira de Francisco de Sousa Coutinho, do Conselho de Estado del Rey D. João IV. seu Embaixador a Suecia, Hollanda, França, e Roma, Commendador das ditas Commendas, e Alcaidarias môres, Fidalgo de grande talento, como mostrou nas Missões, que fez nos referidos Reynos, em que servio ao seu Rey com admiravel zelo, e de D. Maria de Heredia e Aguila sua primeira mulher, filha de D. Francisco de Aguila, e de D. Sabina de Heredia, Fidalgos Castelhanos, que viviaõ em Toledo; e deste matrimonio não ficou successão, sem embargo de terem dous filhos, D. FRANCISCO, e D. JOÃO DE ALMEIDA, que morrerã meninos, e deixou por seu herdeiro a seu sobrinho o II. Conde de Alumar. Fóra do matrimonio houve em Magdalena Freire de Andrade, natural de Santarem,

19 D. JOÃO FERNANDES DE ALMEIDA, que passou à India, onde servio com reputação, occupando os mayores postos do Estado, e foy Governador de Damão duas vezes, Governador, e Capitão General de Moçambique, e Rios de Zofala, General de todas as terras do Norte, e da Armada de

de alto bordo , do Estreito de Ormuz , e Mar Roxo , Vêdor da Fazenda , e do Conselho de Estado da India no anno de 1710.

19 D. DOMINGOS DE ALMEIDA , que com seu irmão passou à India , e o mataraõ os Arabes em hum combate naval.

18 D. FRANCISCO DE ALMEIDA , que tomamdo a Roupeta da Companhia de Jesu , foy Reytor do Collegio de Santarem , e de Santo Antaõ de Lisboa , Religioso de grandes virtudes.

18 D. MANOEL DE ALMEIDA morreo moço sendo Estudante.

18 D. ANTONIO DE ALMEIDA , que foy Monge de S. Bernardo.

* 18 D. LUIZ DE ALMEIDA.

* 18 D. HELENA DE PORTUGAL casou duas vezes , a primeira com Dom Antonio de Alcaçova Carneiro Carvalho da Costa , Senhor do Morgado dos Alcaçovas , e outros , Alcaide môr de Campo-Mayor , e Ouguella , Commendador da Idanha , e Marmeleiro na Ordem de Christo , que morreo no anno de 1657 , sem deixar successão deste matrimonio. Casou segunda vez com D. Francisco de Sousa , Capitaõ da Guarda Alemã de Sua Magestade , como se verá adiante.

18 D. ANNA HENRIQUES foy Dama da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya , e morreo no Paço , estando concertado o seu casamento com André de Albuquerque , Alcaide môr de Cintra ,
Tom. X. Dddd Ge-

General da Cavallaria de Alentejo, que morreo no anno de 1659 na batalha das Linhas de Elvas, deixando do seu valor, e sciencia Militar, gloriosa memoria na Historia daquelle tempo, escrita pelo II. Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes.

18 D. CATHARINA HENRIQUES, tambem Dama da dita Rainha, casou com D. Lourenço de Almada, Mestre Salla delRey; e da sua successão já demos conta a pag. 218 deste Livro.

18 DONA MARIA DE PORTUGAL, Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

* 18 D. MAGDALENA DE VILHENA, Freira no Mosteiro do Sacramento de Lisboa da Ordem de S. Domingos, onde teve mais tres irmãs; faleceo, com opiniaõ de virtude, a 9 de Novembro de 1668.

18 D. HELENA DE PORTUGAL, Freira na Madre de Deos. E outros muitos, que morrerão de tenra idade.

* 18 D. PEDRO DE ALMEIDA nasceo em Março de 1630; succedeo na Casa de seu pay, e foy Commendador de Santa Maria de Loures, e de S. Salvador de Souto na Ordem de Christo, Vêdor da Casa delRey, Vereador da Camera de Lisboa, Deputado da Junta dos Tres Estados, e Vice-Rey da India, para onde fez viagem a 19 de Abril do anno de 1677, e chegou a Goa a 28 de Outubro, e em 30 tomou posse; e por este serviço, que de novo hia fazer ao Estado da India, e pelos que fizera na guerra de Alentejo, onde occupou os póstos de Capi-

Capitão de Cavallos, e Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria, lhe fez o Principe Regente merce do titulo de Conde de Assumar, de que se passou Carta a 11 de Abril de 1677, com o Senhoria da mesma Villa, e do seu Conselho de Estado; e que desta merce não usaria, sem terem passado dous annos do seu governo, que não chegou a cumprir; porque de huma doença, que lhe sobreveio no sitio de Pate, na Costa de Africa, morreo em Moçambique a 22 de Março de 1679.

Casou com D. Margarida André de Noronha, filha de D. Fernando Mascarenhas I. Conde da Torre, e da Condesa D. Maria de Noronha, irmã de Dom Rodrigo da Sylveira I. Conde de Sarzedas; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 19 D. JOÃO DE ALMEIDA II. Conde de Assumar.

19 D. LOPO DE ALMEIDA, Cavalleiro da Ordem de Malta, Commendador de Aguas Santas, e da Vera Cruz, Balio de Negroponto, e Grao Chanceler da sua Religião em Portugal, onde foy Recebedor; servio na guerra contra Castella, e foy Coronel de hum Regimento de Infantaria, e ao presente he Veador da Casa da Princeza do Brasil, e Balio de Leça.

19 D. FERNANDO DE ALMEIDA foy Porcionista no Collegio Real de S. Paulo, Conego da Sé de Coimbra, e Deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, Sumilher da Cortina dos Reys

Tom. X.

Dddd ii

D.

D. Pedro II. e D. João V. Deputado da Junta dos Tres Estados; morreu a 9 de Novembro de 1712.

* 18 D. MARIA BENTA DE NORONHA, que foy Dama da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e casou com Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, de que adiante se fará menção.

* 18 D. JOÃO DE ALMEIDA nasceu a 26 de Janeiro de 1663, II. Conde de Assumar, foy Vedor da Casa delRey, e do seu Conselho de Estado, e Guerra, Senhor da Villa de Assumar, Alcaide mór de Santarem, Golegã, e Almeirim, Commendador de Santa Maria de Loures, de S. Salvador de Souto, de Sampayo de Farinha Podre, e de S. João de Cambres, todas na Ordem de Christo, Embaixador Extraordinario a ElRey Catholico Carlos III. Passou à India com seu pay a servir naquelle Estado, e foy Capitaõ de Infantaria, e de Mar, e Guerra da nao Nossa Senhora dos Cardaes; e depois com o dito posto se achou no sitio, e tomada de Pate na Costa de Africa, aonde desembarcou com a gente de guerra; e nesta occasião se distinguio, com mais resolução, que se podia esperar dos seus poucos annos; mas fim do esclarecido sangue dos seus mayores. Voltando ao Reyno successor da Casa de seu pay, e havendo de tirar a Carta de titulo de Conde, lha embaraçou o Procurador da Coroa, a quem venceu por huma sentença do Senado da Relação de Lisboa; porque na merce, que se fez a seu pay, se declarava no Alvará, que no titulo de Conde, Senhorio

nhorio da Villa de Assumar, e outras merces, lhe succederia seu filho D. Joaõ de Almeida, que com o Vice-Rey passava a servir no Estado da India. El-Rey D. Pedro II. o fez Deputado do Tribunal da Junta dos Tres Estados, e o nomeou hum dos Capitaens da sua Guarda de Corpo, (de que teve Patente) quando no anno de 1704 passou à Campanha da Beira em companhia delRey Carlos III. para quem o dito Rey o tinha escolhido para o holpe-dar, e lhe assistir nesta Corte, e o conduzir à Campanha, e em todo o tempo, que se detivesse neste Reyno; assistencia, que fez desde que veyo de Alemanha, e foy para Barcelona; e embarcando este Principe na Armada da Grande Alliança a 28 de Julho de 1705, nomeou ElRey Dom Pedro seu Embaixador Extraordinario ao Conde para o acompanhar: embarcou com elle, e no mar, com grande luzimento, e solemnidade, deu a sua Embaixada a ElRey com toda a formalidade, como dissemos a pag. 602 do Tomo VII. e passando a Armada a sitiar a Praça de Barcelona, assistio a todo o sitio até se ganhar aquella Cidade, Capital do Principado de Catalunha, que serendo em 14 de Outubro do referido anno; achando-se tambem na redução de toda Catalunha, e dos Reynos de Valença, e Aragão. No anno seguinte foy ElRey Carlos sitiado por ElRey Philippe V. auxiliado das Armas de França; e tendo passado quasi dous mezes de hum violento, e apertado sitio, se vio ElRey Philippe obrigado

gado a levantallo apressadamente, por ser soccorrida a Praça pela Armada dos Alliados. No anno de 1706 acompanhou a ElRey Carlos a Çaragoça, Cabeça do Reyno de Aragaõ, donde marchou a incorporar-se com o Exercito de Portugal, e dos Alliados, que mandava o Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, que se havia feito Senhor da Corte de Madrid; e voltando o Conde com o mesmo Rey ao Reyno de Valença, e dahi ao Principado de Catalunha, o seguiu em todas as Campanhas, achando-se com elle nas batalhas de Almenara, e de Çaragoça; e passou com elle a Madrid, quando no anno de 1710 occupou aquella Corte. E sendo este Principe, por morte do Emperador Joseph, eleito Emperador com o nome de Carlos VI. e precisado a haver de passar à Alemanha a tomar posse do Imperio, deixou a Emperatriz Isábel sua mulher com o governo, do que então possuía em Hespanha: o Conde lhe assistio, com o mesmo caracter de Embaixador, todo o tempo, que a Emperatriz esteve naquella Cidade, até que embarcou para passar para Alemanha. Estando ainda o Conde em Barcelona, os seus grandes merecimentos o fizeram lembrado a ElRey D. João V. que o nomeou do seu Conselho de Estado. Voltando a Portugal; e depois de instituida a Academia Real da Historia, foy por ella eleito em seu Academico, em que entrou no anno de 1721, como se vê da eloquente Oração, que fez, em que se admira o profundo do seu

*Collecção da Academia
Real do anno de 1721.*

seu talento, e gravidade de estylo taõ natural, como proprio das excellentes virtudes, de que se adornou, ajuntando a estas a da prudencia; de sorte, que foy o Conde hum dos mais celebres Ministros, e Cortezoens, que concorreraõ no seu tempo: pelo que conseguiu applauso, e respeito entre os Estrangeiros, como se pôde ver mais largamente no Elogio, que por ordem da Academia escreveo, com a sua nunca assaz louvada eloquencia, o Padre D. Joseph Barbosa. No anno de 1728, na celebração dos Desposorios dos Principes das Asturias, fez o Conde o officio de Mordomo môr, o que tambem exerceo no anno de 1729 na occasião, que Suas Magestades foraõ a Elvas para as trocas das Princezas. No mesmo anno o nomeou ElRey seu Gentil-homem da Camera, lugar, em que servio ao Principe. Faleceo em 26 de Dezembro de 1733.

Casou com sua prima com irmãa D. Isabel de Castro, Dama da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, e da Princeza sua filha, morreo em Janeiro do anno de 1724; era filha de Dom Joaõ Mascarenhas I. Marquez de Fronteira, e da Marquiza D. Margarida de Castro, de quem teve os filhos seguintes:

19 D. MAGDALENA BRUNA DE CASTRO nasceu a 6 de Outubro de 1689. Casou com D. Thomás de Noronha V. Conde dos Arcos, e faleceo a 31 de Janeiro de 1729 com a successão, que em outra parte fica dito.

D.

19 D. LUIZA DO PILAR DE NORONHA nasceu a 6 de Janeiro de 1692: foy Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria; e estando tratado o seu casamento com D. Francisco Mascarenhas III. Conde de Coculim, com heroica resolução tomou o Habito nas Capuchas da Madre de Deos de Lisboa, onde professou a 8 de Dezembro de 1718, e se chamou Sor Luiza Maria de S. Joseph.

* 19 D. PEDRO DE ALMEIDA III. Conde de Assumar.

19 D. DIOGO FERNANDES DE ALMEIDA nasceu a 21 de Abril do anno de 1698. Foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra, onde se Doutorou em Canones; foy Thesoureiro mór da Sé de Leiria, Beneficiado de S. Pedro de Torres-Novas, e de S. Miguel de Torres-Vedras, e de Santa Maria de Goes, e de Santa Maria de Aguas Santas, e de Coruche, Deputado da Inquisição de Lisboa, Academico do Numero da Academia Real da Historia, de que foy Censor, e he Principal da Santa Igreja de Lisboa; do seu talento, letras, e eloquencia, são testemunhas os excellentes papeis, que andaõ nas *Collecções*.

19 D. FRANCISCO DE ALMEIDA nasceu a 31 de Julho de 1701. Foy Porcionista do mesmo Collegio, e fazendo actos grandes na Universidade, e exame privado, veyo ser Deputado da Inquisição de Lisboa, donde passou para Promotor da de Coimbra, sendo Arcediago de S. Pedro de França na Sé de

de Viseu , Beneficiado em S. Pedro de Torres-Novas. Foy Academico do Numero da Academia Real da Historia , em que trabalhou muito , como se vê do *Apparato para a Disciplina , e Ritos Ecclesiasticos de Portugal* , que lhe estava encarregada , que imprimio em quatro volumes nos annos de 1735 o primeiro , e segundo ; no de 1736 o terceiro ; e no de 1737 o quarto , em que se admira a sua profunda erudição , a que sobre hum talento sublimè , ajuntou huma incançavel applicação , para que brilhasse na faculdade do Direito Canonico , que professou , a vastidão dos seus dilatados estudos , em muitas , e diversas Obras , com que o tempo enriquecerá a Republica das Letras , com utilidade , instrucção , e ap ovejamento dos curiosos ; e he dignissimo Principal da Santa Igreja de Lisboa.

19 D. ANTONIO DE ALMEIDA nasceu a 16 de Outubro de 1705. Foy tambem Porcionista do mesmo Collegio de Coimbra , onde se graduou em Canones: foy Arcediago de Valdijs na Sé de Lamego , e he Prelado da Santa Igreja Patriarcal.

19 D. JOSEPH DE ALMEIDA nasceu a 22 de Junho de 1714. He Cavalleiro da Ordem de S. Joao de Malta.

* 19 D. PEDRO DE ALMEIDA nasceu a 29 de Setembro de 1688. He III. Conde de Assumar , Vêdor da Casa Real , Commendador das Commendas de S. Cosme , e S. Damiao na Ordem de Christo , e de todos os mais bens da Coroa , e Or-
Tom. X. Eeeee dens,

dens, que foraõ do Conde seu pay. No anno de 1705 passou com elle a Catalunha, e servio naquella Principado na guerra contra Castella com grande prestimo, occupando varios póstos, até o de General de Batalha; com este se achou a 20 de Agosto de 1710 na batalha de Caragoça, em que elle com as Tropas Portuguezas se distinguio com applauso dos Alliados, obrando com tanto valor, como se vio na occasiaõ, em que vinte Esquadroens dos inimigos derrotaraõ seis dos Portuguezes, com que o General Hamilton lhes pertendeo ganhar o flanco; e vendo Dom Pedro de Almeida, (ainda naõ Conde de Assumar) que lhe ficavaõ na retaguarda, voltou sobre elles com tanto accordo, e a tempo, que os atacou no passo de hum barranco, com tal vigor, que foraõ poucos os que escaparaõ de mortos, feridos, ou prisioneiros. Esta acçaõ encheo de hum grande satisfação ao Marichal de Staremberg, que mandava as Tropas delRey Catholico; engrandecendolhe o valor, eraõ mayores as expressoens, com que lhe agradecia o acordo, com que elle se portara, justamente devidas à sua prudencia; porque naõ contava o Conde vinte e dous annos de idade. ElRey Catholico com particulares demonstraçoẽs o honrou muito. Achou-se depois a 10 de Dezembro do mesmo anno de 1710 na batalha de Villaviosa, em que se distinguio de forte, como se vê da Carta, que o Marichal de Staremberg escreveu a ElRey Catholico D. Carlos III. dandolhe conta da

da vitoria, que anda impressa nas Memorias de Lamberty. Continuou o Conde em servir com o mesmo prestimo, que temos visto, augmentando a gloria do seu nome com os annos, que contava de idade, até que ajustado o Tratado da suspensão de Armas, sahiraõ de Catalunha as Tropas Portuguezas a 7 de Janeiro de 1713 à ordem do Conde. Nesta dilatada, e difficil marcha, se houve de forte, que mereceo louvores dos mesmos inimigos, em que houve tantas occasioens, em que brilhou tanto a prudencia, como o valor do Conde de Assumar, de que já fizemos menção a pag. 185 do Tomo VIII. Voltando ao Reyno, foy no anno de 1717 mandado por Governador, e Capitaõ General das Minas, que governou com inteireza.

Lamberty, *Memoires pour servir à l'Histoire du XVIII. siecle*, tome 6. pag. 170.

Naõ apartaraõ os empregos de Marte ao Conde D. Pedro da inclinação dos estudos, seguida desde os primeiros annos da sua idade, naõ só para o estudo das linguas Latina, Franceza, Italina, e Hespanhola, em que se adiantou de forte, que pôde compor em todas com perfeição; mas tambem seguindo, o seu espirito animado de hum engenho sublime, naõ se satisfez com saber profundamente a arte Militar, que professava; seguiu com gosto as bellas letras, a Mathematica, Filosofia moderna, a Historia Ecclesiastica, e Profana, em que se instruiu scientificamente; de forte, que soube adornarse da mais excellente erudição, em que brilha huma singular eloquencia, de que seraõ eternos testemunhos os

Tom. X.

Eeeee ii

seus

seus admiraveis papeis, escritos na propria lingua, que andaõ nas Collecções da Academia Real da Historia, a que foy associado no anno de 1733, e he dignissimo Censor. No anno de 1735, sendo Mestre de Campo General dos Exercitos de Sua Magestade, o nomeou General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, e Director da de todo o Reyno. Casou em 20 de Fevereiro de 1715 com D. Maria de Lencastre, filha de D. Luiz de Lencastre, Comendador mór de Aviz, IV. Conde de Villa-Nova de Portimaõ, e da Condesa D. Magdalena de Noronha, e tem os filhos seguintes:

20 D. JOAÕ DE ALMEIDA nasceo a 15 de Dezembro de 1715, faleceo de curta idade.

20 D. JOSEPH DE ALMEIDA nasceo a 17 de Julho de 1717, tambem faleceo de tenra idade.

20 D. ANNA DE ALMEIDA nasceo a 24 de Fevereiro de 1723.

20 D. ISABEL DE ALMEIDA nasceo a 27 de Janeiro de 1724, faleceo de tenra idade.

20 D. MAGDALENA DE ALMEIDA nasceo a 15 de Janeiro de 1725. Casou em 10 de Janeiro de 1740 com Bernardo de Almada, Senhor de Ilhavo, Carvalhaes, &c. e faleceo na flor da idade sem successão a 12 de Fevereiro de 1742.

20 D. JOAÕ DE ALMEIDA nasceo a 7 de Novembro de 1726, que he o successor desta Illustrissima Casa, que com licença de Sua Magestade passou a Pariz, onde com grande aproveitamento se tem applicado. D.

20 D. THERESA DE ALMEIDA nasceu a 2 de Novembro de 1727, e he Religiosa Carmelita Descalça no Mosteiro dos Cardaes de Lisboa, e se chamou Sor Theresá de Jesus Maria.

20 D. MARIA DE ALMEIDA nasceu a 4 de Julho de 1730.

20 D. LUIZ DE ALMEIDA nasceu a 24 de Julho de 1731, que foy com seu irmão para Pariz, e estuda em hum Collegio.

20 D. FERNANDO DE ALMEIDA nasceu a 11 de Agosto de 1737.

20 D. DIOGO DE ALMEIDA nasceu a 16 de Abril de 1739.

* 18 D. MARIA BENTA DE NORONHA, que faleceo a 8 de Março de 1731. Casou com Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, que nasceu a 12 de Julho de 1662, Senhor das Ilhas Desertas, e Regalados, Alcaide môr de Torres-Vedras, Commendador das Commendas de Santa Maria de Casavel, Santiago de Caldellas, Santo André de Villa-Boa de Quires na Ordem de Christo, Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças de Lisboa. Foy Vêdor da Casa da Rainha D. Maria Sofia de Neoburg, e da Rainha D. Maria Anna de Austria, de quem foy Estribeiro môr. Foy muy dado ao estudo da Genealogia, que tratou com exacção, e verdade, que observou em tudo com muito brio, unido a este a vida devota, que seguiu com muito exemplo, sem que faltasse às obrigações de Cortezaõ.

Faleceo

Faleceo a 23 de Agosto de 1736; e deste matrimonio teve

* 19 LUIZ GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO, adiante.

19 PEDRO JOSEPH DA CAMERA nasceu a 7 de Dezembro de 1689, morreo de muy tenra idade.

19 JOSEPH PEDRO DA CAMERA nasceu a 28 de Julho do anno de 1691, Porcionista do Collegio de S. Paulo de Coimbra, Lente de Canones na dita Universidade, e Deputado do Santo Officio na Inquisição da mesma Cidade, Arcediago de Ribacoa na Sé de Lamego, e tinha sido Chantre da Collegiada de Santa Maria da Alcaçova de Santarem, onde nasceu, e teve outros Beneficios: faleceo a 17 de Dezembro de 1733.

19 FRANCISCO DE SALES DA CAMERA nasceu a 15 de Agosto do anno de 1695. Foy Porcionista do dito Collegio, Sumilher da Cortina del Rey D. João V. Beneficiado de Coruche, e he Principal da Santa Igreja de Lisboa.

19 JOÃO GONÇALVES DA CAMERA nasceu ao primeiro de Novembro do anno de 1699. He Cavalleiro da Ordem de S. João de Malta; no anno de 1728 foy Estribeiro mór do Grao Mestre D. Antonio Manoel, e Castellaõ das Ilhas de Malta, e Gozo.

19 MANOEL JOSEPH DA CAMERA nasceu a 13 de Abril do anno de 1705. Foy Porcionista no Collegio Real de S. Paulo de Coimbra, onde fez
actos

años grandes, e he Prelado na Santa Igreja de Lisboa.

19 MANOEL DA CAMERA, que morreo apenas nascido, tendo sido bautizado.

* 19 LUIZ GONÇALVES DA CAMERA COUTINHO nasceu a 28 de Outubro de 1688; servio na Beira, e Alentejo em diversas Campanhas, sendo de muy pouca idade. Succedeo na Casa de seu pay, e he Senhor das Ilhas Desertas, e Regalados, e dos Morgados de Taypa, e outros, Commendador das Commendas de Santa Maria de Cafavel, Santiago de Caldellas, e Santo André de Villa-Boa de Quires na Ordem de Christo, Alcaide môr de Torres-Vedras.

Casou em 28 de Outubro do anno de 1715 com D. Isabel Maria de Mendoça, filha de Nuno de Mendoça IV. Conde de Val de Reys, e da Condesa D. Leonor de Noronha, filha do I. Marquez de Angeja, de quem tem

20 D. LEONOR JOSEFA DE NORONHA nasceu no primeiro de Dezembro de 1717, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria.

20 D. MARIA THERESA DE NORONHA nasceu em 22 de Outubro de 1719; morreo a 9 de Mayo de 1720.

20 GASTÃO JOSEPH DA CAMERA COUTINHO nasceu a 25 de Dezembro do anno de 1722, que he successor da sua Casa.

20 NUNO JOSEPH DA CAMERA nasceu a 4 de Março

Março de 1724, que he Conego da Santa Igreja Patriarcal.

20 PEDRO JOSEPH DA CAMERA nasceu em 20 de Fevereiro de 1726, morreu a 21 de Dezembro do dito anno.

20 JOAÕ PEDRO DE ALCANTARA DA CAMERA nasceu em 28 de Outubro de 1728.

20 D. MARGARIDA JOSEFA DA CAMERA nasceu a 24 de Abril de 1729. — D. ANNA JOSEFA DA CAMERA nasceu a 18 de Abril de 1731. — D. MARIA DA CAMERA nasceu a 8 de Dezembro de 1732. — D. THERESA DA CAMERA nasceu a 28 de Abril de 1734. — D. JOACHINA DA CAMERA nasceu a 17 de Agosto de 1735. — JOSEPH FRANCISCO DA CAMERA nasceu a 10 de Janeiro de 1737. — D. CATHARINA DE SENA nasceu a 30 de Abril de 1743, e foy seu Padrinho ElRey D. Joaõ V. que com a sua innata generosidade a dotou para o estado de Religiosa.

* 18 D. LUIZ DE ALMEIDA, filho sexto de D. Joaõ de Almeida, Commendador de Santa Maria de Loures, e de D. Violante Henriques sua mulher; estudou em Coimbra, onde foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo; e largando esta vida pela de Soldado, foy Capitão de Cavallos na Provincia de Alentejo, Commendador de S. Salvador de Elvas na Ordem de Christo, Alcaide mór de Borba; morreu no anno de 1691.

Casou com D. Maria Josefa Joanna de Mello, que fale-

faleceo em Dezembro de 1723, filha de Diniz de Mello de Castro I. Conde das Galveas, Mestre de Campo General, e Governador das Armas da Provincia de Alentejo, do Conselho de Estado, e Guerra, &c. e de D. Angela da Sylveira sua mulher, e tiveraõ os filhos seguintes:

* 19 D. JOAÕ THEOTONIO DE ALMEIDA.

19 DOM DINIZ DE ALMEIDA nasceo a 6 de Março de 1682, e morreo menino.

19 D. DINIZ DE ALMEIDA nasceo a 8 de Dezembro do anno de 1684. Foy Cavalleiro de S. Joaõ de Malta; servio na guerra contra Castella em Catalunha nas Tropas Portuguezas, e foy Capitão das Guardas do General. Feita a paz, passou à Alemanha, e se achou nas Campanhas de Hungria do anno de 1716 com o Principe Eugenio, e na batalha de Peterwaradin, onde o Senhor Infante D. Manoel teve grande risco, elle o soccorreo com notavel valor; e na Campanha de Belgrado de 1717 servio ao Emperador Carlos VI. com a Patente de Tenente Coronel da Cavallaria; foy Gentil-homem da Camera da Emperatriz Leonor de Neoburg. El-Rey D. Joaõ V. lhe fez merce da Commenda de S. Martinho de Soeiro na Ordem de Christo, e de huma grossa penção do seu bolsinho, para se manter em Alemanha, e se exercitar naquella insigne escola. Foy Coronel da Cavallaria, e General de Batalha dos Exercitos do dito Emperador, e Gentil-homem da sua Camera.

Tom. X.

Ffff

Cafou

Casou em Portugal a 22 de Dezembro de 1736 com D. Theodora de Antas da Cunha, filha herdeira de João de Antas da Cunha, Mestre de Campo General, e Governador de Almeida, que governou por diversas vezes as Armas da Provincia da Beira, e de Dona Bernarda Luiza de Vilhena Pereira, de quem tem

20 D. JOÃO DE ALMEIDA DE ANTAS DA CUNHA, que nasceu a 13 de Novembro de 1740, e a D. BERNARDA, que nasceu em Março de 1743.

19 DOM LOPO DE ALMEIDA nasceu a 3 de Março do anno de 1686. Foy Cavalleiro de Malta, e Pagem do Graó Mestre; e voltando a Portugal, servio na guerra na Cavallaria algum tempo: passou à India, e largando a Religião de Malta, foy Cavalleiro da Ordem de Christo; servio naquelle Estado, onde occupou os mayores póstos, sendo Capitaõ môr da Armada do Norte, Governador independente da Cidade de Damaõ, Almirante, e depois Capitaõ General da Armada de Alto Bordo do Estreito de Ormuz, e Mar Roxo. Faleceo no anno de 1719. Casou no Estado da India com D. Maria Antonia Coutinho da Sylva, filha de D. Vasco Luiz Coutinho da Costa, que occupou grandes lugares no Estado, e foy Védor da Fazenda, e de D. Francisca Coutinho sua primeira mulher, como se disse a pag. 307 do Tomo V. de quem nasceu D. LUIZ CAETANO COUTINHO DE ALMEIDA, que no anno de 1742, por morte do Vice-Rey Marquez de

de Lourical, ficou governando o Estado. Casou com D. Anna Francisca de Toledo e Castro, filha de D. Antonio de Castro, de quem tem successão.

19 D. HENRIQUE DE ALMEIDA nasceu a 15 de Julho de 1690. Foy Religioso dos Eremitas de Santo Agostinho, e passou para Malta com dispensa Apostolica, e he Prior da Igreja de S. Braz de Lisboa da mesma Religiao, e Beneficiado da Igreja da Commenda de Santa Maria de Aguas Santas, tambem de Malta.

19 D. FRANCISCO DE ALMEIDA, que tambem foy Religioso Eremita de Santo Agostinho, e passou para Malta juntamente com seu irmao.

19 D. ANGELA MARIA DE PORTUGAL, filha primeira, casou com Pedro da Sylva da Fonseca, Alcaide mór de Alfeizaraõ, de quem teve SYLVARIO DA SYLVA DA FONSECA, Senhor da sua Casa, que vive em Alcobaça; casado com D. Joanna de Tavora, filha de D. Alvaro Pereira, e de sua mulher D. Ignez Antonia Barreto de Sá, de quem tem entre outros filhos

20 D. JOANNA, que nasceu em Mayo de 1728.

19 D. ANTONIO DE ALMEIDA nasceu a 28 de Outubro de 1691; morreo de tenra idade.

19 D. VIOLANTE ANTONIA DE PORTUGAL nasceu a 6 de Janeiro de 1689. Casou duas vezes, a primeira a 13 de Fevereiro de 1706 com Joaõ Sanches de Baena, Commendador de Santa Maria de Bouzella na Ordem de Christo, Capitaõ de Caval-

Tom. X.

Fifif ii

los,

los, e Governador da Fortaleza de S. Filippe de Setuval, de quem teve

20 LUIZ FRANCISCO DE ASSIZ DE BAENA nasceu a 18 de Fevereiro de 1707; succedeo a seu pay, e he Commendador de Santa Maria de Bouzella na Ordem de Christo.

20 D. MARIANA THERESA DE PORTUGAL nasceu a 10 de Março de 1708. Casou com Jeronymo Leite Pacheco, de quem teve N. que nasceu no primeiro de Julho de 1736.

20 D. JOSEPH ANTONIO DE ALMEIDA nasceu a 24 de Julho de 1709; he Prelado da Santa Igreja Patriarcal. Por morte de seu marido casou segunda vez com seu primo com irmão D. Luiz de Almada, Mestre Salla delRey, como fica escrito a pag. 620.

* 19 D. JOÃO DE ALMEIDA nasceu a 24 de Outubro de 1681; succedeo na Casa de seu pay, e na Alcaidaria de Borba, e na Commenda de S. Salvador de Elvas na Ordem de Christo, e o he tambem da de S. Francisco da Ponte do Soro, de que lhe fez merce ElRey D. Pedro II. quando seu avô o Conde das Galveas o mandou com a noticia da tomada da Praça de Albuquerque. Servio na guerra, e foy Capitão de Infantaria, e depois de Cavallos, e Commissário da Cavallaria. Depois que enviuvou, fe fez Clerigo.

Casou com D. Theresá Antonia de Castro, filha de Antonio Luiz de Béja, Coronel da Cavallaria, Cavalheiro

valleiro da Ordem de Christo, e de D. Isabel de Castro, filha de Egas Coelho, Senhor da Ilha do Mayo, de quem teve os filhos seguintes :

20 D. ANTONIO JOSEPH DE BEJA DE NORONHA E ALMEIDA.

20 D. LUIZ JOSEPH DE ALMEIDA:

20 D. VIOLANTE DE PORTUGAL casou a 26 de Setembro do anno de 1730 com Luiz Antonio de Basto Baharem, Moço Fidalgo com exercicio no Paço da Rainha D. Maria Sofia, Donatario da Villa da Praya em a Ilha Terceira, Alcaide mór da Villa de Linhares, Commendador da Commenda de Nossa Senhora da Assumpção da Ilha de Santa Maria na Ordem de Christo, Governador do Forte de Santo Antonio da Bahia de Cascaes, com Patente de Coronel, foy Capitão de Cavallos, de quem tem

20 D. MARIA ANNA DE BASTO BAHAREM, que nasceu a 11 de Janeiro de 1731. — D. LUIZA JOANNA DE PORTUGAL nasceu a 14 de Dezembro de 1731 no mesmo anno, que sua irmã. — D. THERESA LEOCADIA DE PORTUGAL nasceu a 9 de Dezembro de 1732, morreu menina. — ANTONIO DE BASTO BAHAREM nasceu a 3 de Julho de 1734, morreu de curta idade. — D. LEONOR XAVIER DE NORONHA nasceu a 28 de Mayo de 1736.

* 18 D. HELENA DE PORTUGAL, filha primeira de D. João de Almeida, Alcaide mór de Alcobaca, e de D. Violante Henriques. Casou segunda vez no anno de 1664 com D. Francisco de Sousa,

*Capitães da Guarda
Alemã.*

Capi-

Capitão da Guarda Alemã de Sua Magestade, Commendador de Santa Maria de Belmonte, S. Salvador da Infesta na Ordem de Christo, Alcaide mór do Crato, e Belver, que depois pelo seu grande talento occupou os mayores lugares da Coroa; foy Deputado da Junta dos Tres Estados, Presidente do Senado da Camera de Lisboa, e do Tribunal da Mesa da Consciencia, e Ordens, (em que lhe succedeo o Duque D. Jayme) do Conselho de Estado, e Guerra dos Reys D. Pedro II. e D. João V. Fidalgo de grandes partes; porque nelle se unirão todas as que compoem hum perfeito Cortezaõ, gravidade na pessoa, discreto na conversação, affavel no trato, inteiro, e bem intencionado; como Ministro, independente, e desinteressado: nos negocios foy de grande ponderação; porque explicando-se com eloquencia, era succinto de palavras; mas nellas penetrava a alma dos negocios, sem fastio dos Companheiros. Era muy applicado ao estudo das bellas letras, à Historia, em que a Genealogica lhe deveo muita estimação. Conseguiu universal applauso na Nobreza, de quem eraõ as suas palavras attendidas com tanta estimação, que dizia hum Fidalgo moço, muy entendido, que *D. Francisco de Sousa era hum velho, de quem os moços não fogião, e a nenhum tinhaõ mais respeito*; este conseguiu toda a sua vida, que foy larga, morrendo de oitenta annos a 5 de Fevereiro do anno de 1711: deste matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

D.

* 19 D. FILIPPE DE SOUSA.

19 D. JOÃO DE SOUSA nasceu a 6 de Janeiro do anno de 1669. Foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra, e Conego na Sé daquelle Cidade, Deputado, e Inquisidor da Inquisição de Lisboa, Abbade de Servães, Sumilher da Cortina dos Reys D. Pedro II. e D. João V. Dom Prior da insigne Collegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimaraens, eleito Bispo do Algarve, que recusou; Ecclesiastico de grandes metecimentos, por authoridade, e letras, a que unio outras virtudes proprias do seu estado.

19 D. VIOLANTE DE PORTUGAL foy Dama da Rainha Dona Maria Sofia. Casou a 12 de Setembro de 1691 com Francisco de Mello, Senhor de Ficalho, Commendador das Commendas de S. Martinho de Pinhel, e de S. Pedro de Gouveas na Ordem de Christo, e foy sua segunda mulher, de quem ficou viuva no anno de 1719 sem geração, e ella depois faleceo a 6 de Julho de 1732.

* 19 D. FILIPPE DE SOUSA nasceu em 24 de Junho do anno de 1666. Foy Capitão da Guarda Real Alemã, Alcaide mór da Certão, e de Ervededo, Commendador das Commendas de Santa Maria de Belmonte, e S. Salvador da Infesta na Ordem de Christo, Senhor da Casa, e Morgado de Calhariz, e outros. Foy Deputado da Junta dos Tres Estados; morreo em 12 de Outubro de 1714. Casou em 15 de Agosto do anno de 1690 com D. Catha-

Catharina de Menezes, filha de Manoel Telles da Sylva I. Marquez de Alegrete, e da Marqueza D. Luiza Coutinho, de quem teve os filhos seguintes:

20 D. FRANCISCO DE SOUSA nasceu a 25 de Fevereiro do anno de 1700. Foy Capitão da Guarda Real Alemã, Commendador de S. Salvador da Infesta, e de Santa Maria de Belmonte na Ordem de Christo, Alcaide môr da Certãa, Senhor, e Administrador dos Morgados de Calhariz, Termo de Setuval, e Monsali no Termo da Arruda, e Fonte do Anjo no Termo de Palmella, Padroeiro das Igreja de S. João de Vieira, e Sampayo da Eyravedea no Arcebispado de Braga, e Senhor de toda a mais Casa de seu pay, em que succedeo; e de tão admiravel capacidade, que basta dizer delle, que a Academia Real da Historia o elegeo por seu Academico; no anno de 1729 acompanhou com muito luzimento a Sua Magestade na jornada, que fez à Alentejo; morreo a 14 de Novembro de 1729. Era de admiravel genio, cortezaõ, e muy applicado; soube muito bem a Historia, e excellentemente a Geografia. O seu Elogio recitou na Academia, com a sua costumada eloquencia, o Conde da Ericeira, donde se poderá ver as muitas partes, e virtudes deste Fidalgo, que com vinte e nove annos, nove mezes, e vinte dias, encheo o curso da sua vida, com esperanças, que o faziaõ benemerito de occupar os grandes lugares, que seu avô exerceo, a quem muito imitava.

D.

* 20 D. MANOEL DE SOUSA, adiante.

20 D. LUIZ DE SOUSA nasceu a 3 de Outubro de 1704. Foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo, e Abbade de Servães; e largando esta vida pela Militar, serve nas Tropas de Sua Magestade.

20 D. JOÃO DE SOUSA nasceu a 13 de Março de 1709, he Cavalleiro de Malta, Recebedor da Religião neste Reyno, e Lugar-Tenente do Grao Prior do Crato o Serenissimo Senhor Infante Dom Pedro.

20 D. LUIZA JOANNA COUTINHO nasceu a 27 de Mayo de 1693. Foy Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, e Dama Camerista da Princeza do Brasil. Casou em 21 de Fevereiro de 1730 com Rodrigo de Figueiredo de Alarcão, Senhor do Morgado de Ota, Commendador na Ordem de Christo, Gentil-homem da Camera do Infante D. Manoel.

20 D. HELENA DE PORTUGAL nasceu a 26 de Abril de 1694, tambem Dama Camerista da dita Princeza. Casou em 17 de Outubro do anno de 1731 com Joseph de Vasconcellos e Sousa, Trinchante da Casa Real, Commendador de Santo André de Orelhão na Ordem de Christo, Senhor do Morgado de Linhares, e outros, em quem succedeo a sua mãy, filho de Manoel de Vasconcellos, como dissemos a pag. 247 do Tomo IX.

20 D. LEONOR DO SACRAMENTO nasceu a 19
Tom. X. Ggggg de

de Março do anno de 1696, Freira no Mosteiro da Esperança de Lisboa.

20 D. MARIA nasceu a 25 de Novembro de 1698; não contou mais que hum anno de vida.

20 D. MARIANNA JOACHINA DE MENDOÇA nasceu a 30 de Junho do anno de 1701, e casou com D. Antonio Joseph de Mello, de quem adiante se tratará.

20 D. VIOLANTE DE PORTUGAL nasceu em 16 de Junho de 1702, Freira no Mosteiro do Sacramento de Lisboa, da Ordem de S. Domingos, onde professou a 22 de Agosto de 1718, assistindo a Rainha, e Infantas.

20 D. ANNA MARIA nasceu a 17 de Outubro de 1705, também Freira no dito Mosteiro.

* 20 D. MANOEL DE SOUSA nasceu a 21 de Julho de 1703. Foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra, onde estudou com aproveitamento, e se graduou com applauso: foy Arcediago da Collegiada de Guimaraens; e quando pudera nesta vida ter grandes adiantamentos, pela morte de seu irmão, succedeo na sua Casa, e he Capitão da Guarda Real Alemã, Commendador de Santa Maria de Belmonte, e de S. Salvador da Infesta na Ordem de Christo, Alcaide mór da Certão, &c. Casou na Corte de Vienna no primeiro de Agosto de 1735 com a Princesa Marianna Leopoldina de Holstein, filha de Frederico Guilherme, Duque de Holstein, herdeiro de Noruega, e da Duqueza Maria

ria Antonia Josefina de Sanfre, como dissemos a pag. 647 do Tomo II. desta Obra; e desta esclarecida uniaõ tem até o presente

21 D. FILIPPE JOAÕ DE SOUSA nasceo a 23 de Junho de 1736.

20 D. FREDERICO DE SOUSA nasceo a 2 de Dezembro de 1737.

21 D. FRANCISCO MARIA DE SOUSA nasceo a 8 de Setembro de 1739; faleceo a 14 de Julho de 1743.

21 D. AUGUSTO ANTONIO DE SOUSA nasceo a 12 de Janeiro de 1741.

§. III.

* 16 **D**ONA MARIA DE PORTUGAL, filha primeira de Dom Henrique de Portugal, Commendador de Pernes, e de D. Anna de Ataide sua mulher. Casou com D. Luiz de Almeida, Commendador na Ordem de Christo, e filho herdeiro de D. Antonio de Almeida, Vêdor da Casa da Rainha D. Catharina, mulher delRey D. Joaõ III. e de D. Brites da Sylva sua segunda mulher, filha de Francisco Correa, Senhor de Bellas, de quem, entre outros filhos, que morrerão sem successão, teve

* 17 D. ANTONIO DE ALMEIDA, que foy unico, Commendador de S. Martinho de Lardosa, Soalhira, e Bempoita na Ordem de Christo; morreu desgraçadamente de huma pedra perdida, que lhe

Tom. X.

Ggggg ii

deu

deu na cabeça, indo a cavallo pelo pé do Castello de Lisboa, em 12 de Março de 1627.

Casou com D. Magdalena de Ataíde, irmã de D. Fernando Mascarenhas I. Conde da Torre, do Concelho de Estado, e filha de D. Manoel Mascarenhas, Commendador de Rosmaninhal, e Senhor da Torre, e Morgado da Gocharia, e de D. Francisca de Ataíde, irmã de D. Francisco Manoel, e D. Pedro Manoel, Condes de Atalaya, e tiveram os filhos seguintes:

* 18 DOM LUIZ DE ALMEIDA I. Conde de Avintes.

18 D. HENRIQUE DE ALMEIDA, foy Cavalheiro de S. João de Malta.

* 18 D. PEDRO DE ALMEIDA, adiante.

18 D. ANTONIO DE ALMEIDA sem geração.

* 18 D. FRANCISCA DE ATAÍDE casou com Antonio Pinto Coelho, Senhor de Figueiras, adiante.

18 DONA MARIA DE PORTUGAL casou com Luiz Gomes Coronel de Sá e Menezes, filho herdeiro de Luiz Nunes Coronel, e de D. Mariana de Menezes, filha de Francisco de Sá e Menezes, Alcaide môr, e Commendador de Sines na Ordem de Santiago, irmão de João Rodrigues de Sá e Menezes, Conde de Penaguiaõ, Camareiro môr del-Rey, e tiveram a D. MARIA DE PORTUGAL; que succedeo na Casa, e Morgado de seu pay, e de seu tio Francisco de Sá de Menezes, e casou com Manoel Correa de Lacerda, e tiveram FRANCISCO LUIZ COR-

CORREA DE LACERDA. — JOSEPH CORREA DE LACERDA, Capitão de Infantaria, que morreu moço. — CARLOS CORREA DE LACERDA, que parece casou, cuja successão não chegou à nossa noticia. — FR. ANTONIO, Frade Trino, que morreu desgraçadamente em 20 de Agosto de 1710. — PEDRO CORREA, — MANOEL CORREA, que morreu sem estado. — D. MARIA DE PORTUGAL, Freira no Mosteiro de Odivellas, insigne Cantora, faleceu a 30 de Março de 1732. — D. THERESA CATHARINA DE PORTUGAL, e outras, que morrerão, — e a D. ISABEL BRASIA DE PORTUGAL, que casou com seu primo Ruy Dias Pereira de Lacerda, Senhor do Morgado de Baleizaõ, e Tenente Coronel da Cavallaria da Corte, sem successão. — D. FRANCISCA JOANNA DE PORTUGAL, que casou com Fernão de Lima Brandaõ, filho herdeiro de Joseph de Lima Brandaõ, havido em D. Theresá Gerarda de Sá, de quem teve JOSEPH JOACHIM FRANCISCO DE LIMA BRANDAÕ E ALCAÇOVA, que nasceu a 25 de Setembro de 1711, e casou com D. Joanna Xavier de Brito do Rio, filha herdeira de Luiz de Brito do Rio, e de sua mulher D. Bernarda Luiza Coutinho, filha de Vital de Betancourt, e de D. Maria do Canto, e até o presente não tem successão, — e a D. MARTINHO ANTONIO DE PORTUGAL, que nasceu a 7 de Abril de 1713, que faleceu. — FRANCISCO LUIZ CORREA DE LACERDA, que foy o primogenito, e successor dos Morgados da

da Casa de sua mãe D. Maria de Portugal; e casou com sua prima com irmã D. Isabel de Castro, filha de João Correa de Lacerda, Capitão de Cavallos da Guarnição da Corte, e de D. Luiza Carneiro Fontoura, filha herdeira de Diogo Carneiro Fontoura, Porteiro da Camera delRey D. Pedro, sendo Principe, de quem teve unico a MANOEL JOACHIM CORREA DE LACERDA SA' E MENEZES, que nasceu a 18 de Mayo do anno de 1711, que foy successor da sua Casa, e casou com D. Bernarda Gabriella de Vilhena e Sousa, que nasceu em Guimaraens a 10 de Julho de 1705, filha de Rodrigo de Sousa da Sylva, Senhor da Casa de Villa-Pouca, Mestre de Campo de Auxiliares no Minho, e de sua mulher Dona Isabel Francisca Marinho e Lobeira, filha de Jeronymo Brandaõ, e de sua mulher D. Petronilha de Andrade Lemos e Sottomayor, filha de D. Pedro Marinho Lobeira, Senhor da Serra, Tragoa, e Alvellos em Galliza, de quem teve LUIZ JOSEPH CORREA DE LACERDA SA' E MENEZES, que nasceu em Lisboa a 11 de Setembro de 1728. — JOÃO CORREA DE LACERDA nasceu no Porto a 15 de Janeiro de 1731. — D. ANNA ISABEL DE PORTUGAL, que nasceu em 28 de Julho de 1733. — D. FRANCISCA XAVIER DE CASTRO nasceu no Porto a 9 de Abril de 1735, — e a JOSEPH CORREA DE LACERDA, que nasceu na dita Cidade a 18 de Setembro de 1736.

Condes de Avintes.

* 18 D. LUIZ DE ALMEIDA, filho primeiro de D.

D. Antonio de Almeida, succedeo na sua Casa, e foy I. Conde de Avintes, Commendador de S. Martinho de Lardosa na Ordem de Christo, do Conselho de Guerra, Governador do Rio de Janeiro, Governador, e Capitão General de Tangere, o ultimo desta Coroa, e depois do Reyno do Algarve, e tinha servido na guerra de Alentejo, sendo Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria: morreu no anno de 1671.

Casou com D. Isabel de Castro sua parenta, filha herdeira de D. Joaõ de Almeida, a quem chamaraõ o *Sabio*, Senhor do Couto de Avintes, e de D. Jeronyma de Castro sua mulher, filha de Dom Joaõ Soares de Alarcão, Senhor da Villa de Rey, Alcaide mór de Torres-Vedras, Commendador de S. Pedro da mesma Villa na Ordem de Christo, Mestre Salla da Casa Real, e de D. Isabel de Castro sua mulher, irmã de D. Jorge Mascarenhas I. Marquez de Montalvão, Conde de Castelnovo, Vedor da Casa del Rey, General da Armada, Vice-Rey do Brasil, Mestre de Campo General da Corte, e Estremadura, do Conselho de Estado, e Presidente do Ultramarino; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 19 D. ANTONIO DE ALMEIDA II. Conde de Avintes.

19 D. JOAÕ DE ALMEIDA foy Frade de S. Bernardo.

19 D. MIGUEL DE ALMEIDA foy Commendador

dador de S. Miguel de Borba de Godim na Ordem de Christo; passou à India, onde servio, e occupou varios póstos, e ultimamente morreo, sendo Governador do Estado, tendo sido casado com Dona Paula Iria Corte-Real, filha de Manoel Corte-Real e Sampayo, que tambem tinha sido Governador da India, e de D. Francisca da Cunha sua primeira mulher, de quem teve a D. ANTONIO DE ALMEIDA, que foy seu herdeiro; e servindo no Estado, o mataraõ à treizaõ sendo moço; e tinha casado em Bagaim com D. N. . . . de Menezes, filha de Joanne Mendes de Menezes, Capitaõ môr de Chaul, e de D. Senhorinha de Tavora sua mulher, filha de Bernardim de Tavora, Senhor das Aldeas de Bombaim, e naõ tiveraõ successaõ; e a D. MARIA ROSA DE PORTUGAL, que por morte de seu irmaõ succedeo na Casa, e casou com seu primo com irmaõ D. Lourenço de Almeida, que foy à India a casar com ella, com quem voltou para o Reyno, e da sua successaõ se dirá adiante.

19 D. JOSEPH DE ALMEIDA.

19 D. FRANCISCO DE ALMEIDA, Eremita de Santo Agostinho, foy Provincial da sua Religiaõ, e Provisor do Crato.

19 D. MAGDALENA FRANCISCA DE ATAIDE nasceu em 1643, Freira no Mosteiro de Santa Clara de Santarem.

19 D. JERONYMA LOURENÇA DE CASTRO morreo sendo Dama da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ. D.

19 D. MARIA ROSA DE PORTUGAL casou com Manoel de Sampayo, Senhor de Villa-Flor, de quem foy primeira mulher, e morreo sem successão; e seu marido casou segunda vez com D. Joanna Luiza de Noronha, filha de João de Saldanha, Commendador de S. Martinho da Torre de Santarem, e Santa Maria de Africa, na Ordem de Christo, Deputado da Junta dos Tres Estados.

* 19 D. ANTONIO DE ALMEIDA foy II. Conde de Avintes, Commendador de S. Martinho de Lardosa na Ordem de Christo; tinha servido na guerra da Acclamação, sendo Tenente General da Cavallaria do Reyno do Algarve, de que depois foy Governador, e Capitão General na paz, e do Conselho de Guerra; e no anno de 1704 Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, posto com que servio na Guerra, e ultimamente do Conselho de Estado: morreo a 10 de Dezembro de 1715, tendo servido com reputação; porque foy dotado de valor, e talento Militar; favorecido das Musas, e grande Cortezaõ.

Casou com D. Maria Antonia de Borbon, filha de D. Thomás de Noronha III. Conde dos Arcos, do Conselho de Estado, e Presfidente do Conselho Ultramarino, e da Condessa D. Magdalena de Borbon e Lima sua segunda mulher, e tiveraõ os filhos seguintes:

* 20 DOM LUIZ DE ALMEIDA III. Conde de Avintes.

Tom. X.

Hhhhh

D;

* 20 D. MAGDALENA DE BORBON nasceu em 1671 em o mez de Dezembro. Casou com D. Jorge Henriques, Senhor das Alcaçovas, adiante.

* 20 D. ISABEL DE BORBON casou com Pedro de Mello de Castro II. Conde das Galveas, como veremos.

* 20 D. THERESA DE BORBON casou duas vezes, a primeira com D. Alvaro da Sylveira; e a segunda com Diogo de Mendoça Corte-Real, de ambos com successão, como se dirá adiante.

20 D. ANTONIA DE BORBON casou com D. Affonso de Menezes e Magalhaens, Senhor da Ponte da Barca, Souto de Rebordãos, Terra, e Castello da Nobrega, Torre, e Morgado de Fonte-Arcada, sem successão.

20 D. JERONYMA DE BORBON casou em 14 de Mayo de 1698 com Francisco Joseph de Sampaio, Senhor de Villa-Flor.

20 D. CATHARINA DE BORBON casou com Pedro Alvares Cabral, Alcaide mór de Belmonte, Senhor de Azurara, a quem Sua Magestade enviou à Corte delRey Catholico com o caracter de Plenipotenciario em Janeiro do anno de 1729, de quem até o presente não tem successão.

20 D. BERNARDA DE BORBON, que morreo sem ter elegido estado.

20 D. THOMAS DE ALMEIDA nasceu em Lisboa a 11 de Setembro de 1670. Depois de estudar Humanidades, entrou na Philosophia no Collegio de Santo

Santo Antão, e passou a Coimbra, e foy Porcionista no Collegio Real de S. Paulo, em que entrou no anno de 1688; e tendo estudado com aproveitamento, e feitos os seus actos com applauso na faculdade dos Sagrados Canones, logo foy nomeado Deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, em que entrou a 21 de Junho de 1695. Neste mesmo anno leo no Desembargo do Paço de *jure aperto*, e fez exame vago, hum dos actos mais rigorosos, que tem a litteratura em Reyno algum; e foy mandado por Desembargador da Relação do Porto, de que tomou posse a 27 de Agosto do referido anno, para depois occupar os mayores lugares de letras do nosso Reyno; porque passou para Desembargador da Casa da Supplicação, que começou a exercitar a 22 de Abril de 1698, sendo empregado na serventia da Mesa dos Aggravos. Ao mesmo tempo, foy Prior de S. Lourenço por apresentação de seu primo com irmão D. Thomás de Lima XII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, de cuja Casa teve diversos Beneficios simples, da sua apresentação, e outros: nesta Igreja deixou diversos monumentos da sua piedade, e devoção na Capella dedicada a Santo Thomás de Villanova, e os dous Altares collateraes, dedicados ao Senhor Jesus, e ao mysterio da Conceição da Senhora, de quem sempre foy especial devoto. Passou a Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens; e neste Tribunal começou a servir a 13 de Agosto de 1703, tendo tomado

Tom. X.

Hhhhh ii

pri-

primeiro o Habito da Ordem da Cavallaria de Christo, como he costume nos Ministros daquelle Tribunal, serem Cavalleiros de hum das Ordens Militares deste Reyno; e ao mesmo tempo era Sumilher da Cortina do Senhor Rey D. Pedro II. e vagando o grande lugar de Chanceller mór do Reyno, logo lembrou ao mesmo Rey a pessoa de Dom Thomás de Almeida, em quem, além do illustre nascimento, concorrião letras, e outras virtudes, que o distinguiraõ em todo o tempo, e entrou a exercitar a 24 de Novembro de 1704. Neste mesmo anno, quando ElRey D. Pedro passou à Campanha, e deixou o governo do Reyno à Rainha da Grãa Bretanha sua irmã, nomeou a D. Thomás de Almeida, para servir de Secretario das Mercês, e Expediente pelo Secretario Diogo de Mendoça, o que fez com tal modo, e acolhimento das partes, que hum, e outra Magestade se deraõ por tão bem servidas, que voltando ElRey da Campanha, entrou o Secretario Diogo de Mendoça a servir o seu lugar das Mercês, e D. Thomás o de Secretario de Estado, por passar para o Bispado do Algarve o Secretario D. Antonio Pereira da Sylva, Bispo de Elvas; juntamente servio o de Provedor das Obras do Paço, e Casas de Campo Reaes, na menoridade de D. Henrique da Costa IV. Conde de Soure. Faleceo o Senhor Rey D. Pedro, e sobio ao Throno o Grande D. João V. e na sua Coroação se achou o Secretario de Estado, e conseguindo tão alto conceito

ceito na Real comprehensão de Sua Magestade o pouco tempo, que lhe assistio nesta occupação, que elle foy depois o demonstrador do quanto este Sabio Monarca o estimava. Todos estes lugares occupou, e servio com prestimo, e zelo, distinguindo-se o seu admiravel talento, ornado de profunda litteratura, nos negocios de mayor supposição, em hum tempo, em que a guerra da Grande Alliança estava no mayor vigor, e os Ministros Estrangeiros não descansavaõ: porém entre toda esta grande machina, que se movia pela voz do Secretario de Estado, brilhou nelle a attenção, e affabilidade, dom, que sempre o distinguio, para ser em toda a parte venerado, e respeitado, como já advertio com a sua admiravel elegancia o Padre D. Joseph Barbosa naquella estimavel Obra das Memorias do Collegio de S. Paulo, quando fallando da sua affabilidade disse: *A sua pessoa, e a sua affabilidade, pela qual se pôde dar com justissima razão a este grande Prelado aquella mesma anthonomia, que se deu ao Emperador Tito: Delicias do genero humano*; nesta merecida expressão se vê o merecimento da sua grande pessoa, e a erudição do Author. Estas admiraveis partes, de que se adornava o Secretario de Estado D. Thomás de Almeida com a gravidade do estado Clerical, em que os costumes foraõ sempre irreprehensiveis, o lembraõ ao Senhor Rey D. Pedro para o Bispado de Lamego, em que sendo confirmado pelo Papa Clemente XI. foy sagrado na Igreja do Con-

vento

vento de Nossa Senhora da Graça em 3 de Abril de 1707, em 2 de Mayo entrou pessoalmente na sua Diocesi, em que residio vinte e hum mez, onde deixou nas suas ovelhas faudosa memoria da sua caridade, e diversos monumentos da sua piedade, que se vêem naquella Sé, que engrandecem a generosidade do seu bom coração. Neste tempo, querendo ElRey, que se visitasse o Collegio de S. Paulo de Coimbra, commetteo esta diligencia ao Bispo de Lamego, por huma Carta sua de 30 de Março de 1708; porque da sua inteireza tinha muita experiencia: desta visita resultou o augmentar o mesmo Rey as rendas ao Collegio, de que tinha sido Alumno; e para huma evidente demonstração da sua recta intençaõ, referirey o que lhe succedeo no tempo, que governava esta Igreja. Teve noticia das grandíssimas contendas, que o Bispo de Viseu D. Jeronymo Soares trazia com o seu Cabido, e querendo evitallas, passou àquella Cidade a buscar ao Bispo, que não esperando huma tal visita, tanto que o soube, o veyo receber ao caminho; e tratando da discordia, veyo a ser o arbitro de tão inveterada dissensão, com a sua prudencia, letras, e admiravel modo, poz termo aos pleitos, com satisfação dos litigantes, que não cessavaõ de engrandecer o generoso espirito do Bispo de Lamego, que ElRey permudou para a Diocesi do Porto, que vagara por D. Fr. Joseph de Santa Maria, por Carta de 30 de Abril de 1709; e successivamente por outra de 6 de Mayo do mesmo anno

anno o encarregou do lugar de Governador da Realçaõ, e Armas daquella Cidade, em que fez a sua entrada publica a 3 de Novembro, com extraordinaria pompa, e gottio daquella nobre Cidade, em que este Illustrissimo, e esclarecido Bispo conserva saudosa memoria na suavidade da administração da justiça, no amor das ovelhas, e em outros diversos monumentos, que eternizará na posteridade o seu esclarecido nome.

Erigida a Santa Igreja Patriarcal de Lisboa; foy nomeado seu primeiro Patriarca, e do Conselho de Estado; nesta famosa Cidade fez a sua entrada publica a 13 de Fevereiro de 1717 com magnifica, e magestosa pompa; e como a esta excelsa Dignidade ficou annexa a de Capellaõ mór, lhe concedeo ElRey D. Joaõ V. e aos seus successores, novas honras, e todas as prerogativas, que são concedidas, e elle permite nos seus Reynos aos Cardeaes da Santa Igreja Romana, por Decreto mandado à Mesa do Desembargo do Paço de 13 de Fevereiro do mesmo anno; e com a sua incomparavel generosidade, e devoçaõ, lhe fez huma larga, e ampla Doaçã, de que já fizemos em outra parte mençaõ, de diversas rendas, separadas das Ecclesiasticas, para poder manter huma Casa com grandeza, e apparato da sua alta Dignidade, que elle conserva em luzida, e numerosa familia, como se vio em as occasioens, que administrou o Sacramento do Baptismo a diversos Infantes; e no anno de 1728 a 11 de Janeiro

*História Genealog. da
Casa Real, liv. 8. cap.
6. pag. 230 do tom. 8.*

Janeiro na Santa Igreja Patriarcal , a pompa , com que recebeu a Serenissima Senhora Infanta D. Maria Barbara com o Serenissimo Principe das Asturias D. Fernando ; e no outro dia teve audiencia de Suas Magestades , do Principe do Brasil , e da Princeza das Asturias , e mais pessoas Reaes , de quem foy favorecido com especiaes honras , assentando-se em cadeira de espaldas , conduzido à audiencia pelo Conde de Pombeiro , Capitaõ da Guarda Real , e D. Lourenço de Almada , Mestre Salla , havendo sahido da sua casa com o seu magnifico estado ; com elle passou à Provincia de Alentejo no anno de 1729 quando foraõ as trocas das Princezas ; e na Sé de Elvas lançou as benções nupciaes aos Principes do Brasil , e foy tratado em todas as Cidades , Villas , e Praças de Armas com todas aquellas honras , que a Magestade inventou para distincão da mayor grandeza. Depois o Papa Clemente XII. por nomina delRey , creou ao Patriarca Cardeal a 20 de Dezembro de 1737 , declarando , que esta Dignidade ficaria perpetua nos Patriarcas seus successores , os quaes sendo preconizados em Consistorio , seriaõ immediatamente creados Cardeaes no seguinte.

Esta excella Dignidade tem o nosso Eminentissimo Prelado exercitado com geral fatisfação do seu rebanho , porque as suas excellentes virtudes o fazem amavel ; já mais se difficultou para ouvir geralmente a todos , achando nelle urbano trato os Grandes , e affavel acolhimento os pobres , que soccorre

foccorre generosamente, o Clero, e os Regulares, Pastor, e Pay; e assim será eternizado o seu nome, com saudosa memoria, em todas as Familias Religiosas do Patriarcado de Lisboa, donde serão eternos padroens do seu pio, e generoso animo a Casa de S. Vicente de Paulo dos Clerigos da Misericórdia, que com largas despezas tem tão adiantado. O Mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios de Campo-Lide de Religiosas Trinas, que havendo mais de hum seculo, que se tinha ideado, e em tão largo numero de annos, não pode chegar ao fim de se povoar, pode a sua actividade, vencendo não pequenos obstaculos, que em 25 de Julho de 1721 entra sem as Fundadoras, e se povoasse de Religiosas, a quem fez Constituições, para o melhor governo da Comunidade, que vive em grande obervancia, e perfeição do seu Instituto, com grande estimação da Corte, e do seu benigno Prelado, que as foccorre com largas esmolas, compaixão, que experimenta todos os Conventos pobres, e ainda os que não são da sua subordinação. No mesmo sitio erigio a Parochia de Santa Isabel, concorrendo para o material da nova Igreja com muito cuidado, e despeza; e querendo em obra tão pia ter parte a generosa piedade do nosso grande Rey, deu para ella huma grande esmola. No sitio de Santo Antonio do Tojal, na Quinta dos antigos Arcebispos, levantou hum sumptuoso Palacio; fez trazer de larga distancia agua por aqueductos ao Lugar; reedificou a Igreja, e estabele-

Tom. X.

liiii

leceo

lecco nella huma Collegiada, onde se celebraõ os Officios Divinos com muita perfeiçaõ. Naõ distante, na Villa de Alhandra, de que he Donatario, comprou huma Quinta, sõmente para dar agua ao povo daquella Villa, edificandolhe huma fonte para a sua commodidade, e gratuitamente lhe fez Doação da mesma Quinta, para no seu rendimento se conservar a fonte. No sitio de Marvilla reedificou a antiga Quinta da Mitra Archiepiscopal de Lisboa, e fez todo de novo o seu Palacio, que ornou com a mesma liberalidade, que já tinha feito ao de Santo Antonio do Tojal. Na Villa de Torres-Vedras, no Convento dos Religiosos de Nossa Senhora da Graça, instituiu com renda huma Cadeira de Moral. Naõ cabe no estylo, que seguimos, podermos dilatarnos em relatar as muitas obras, que a sua vigilancia tem prevenido para proveito dos seus subditos, que o tempo passará à posteridade na Historia da Santa Igreja de Lisboa, vendo-se, que foy o Eminentissimo D. Thomás de Almeida seu primeiro Patriarca, hum dos insignes Prelados, que occuparaõ a sua Cadeira entre tantos benemeritos, e Santos antecessores.

20 D. LOURENÇO DE ALMEIDA, Commendador de Borba, Gondim; na Ordem de Christo; estudou na Universidade de Coimbra, e largando esta vida, passou à India no anno de 1697 para casar com sua prima com irmãa; e naquelle Estado servio, e foy Capitaõ de Infantaria, e Mar, e Guer-

ra, Fiscal da Armada, e Capitão mór da Armada do Norte; e no anno de 1706 voltou para o Reyno, transportando a sua casa, mulher, e filhos para a sua Patria. Foy Governador da Capitanía de Pernambuco, e depois das Minas Geraes. Casou duas vezes, a primeira em Goa com sua prima com irmã D. Maria Rosa de Portugal, filha de seu tio D. Miguel de Almeida, e de sua mulher D. Paula Iria Corte-Real, como já se disse, e tiverão

21 D. MIGUEL DE ALMEIDA, que nasceu em Goa a 30 de Agosto de 1698, e he Religioso da Ordem de S. João de Deos.

21 DOM ANTONIO DE ALMEIDA nasceu em Goa a 23 de Janeiro de 1701, e faleceo sem estado.

21 D. ISABEL DE BORBON nasceu em Goa a 20 de Abril de 1703, e faleceo menina.

21 D. LUIZ DE ALMEIDA nasceu em Lisboa a 2 de Mayo de 1707. Foy Capitão de Cavallos de hum dos Regimentos da Corte, e faleceo a 14 de Outubro de 1737, havendo casado duas vezes, a primeira com sua prima com irmã Dona Brites de Borbon, Dama do Paço, filha de D. Alvaro da Sylveira, e de sua tia D. Theresá de Borbon, a qual faleceo sobre parto, deixando huma filha, que nasceu a 18 de Outubro de 1733, e morreo a 2 de Fevereiro de 1734. Casou segunda vez em 5 de Agosto de 1737 com D. Luiza Romualda de Menezes, filha dos II. Condes de Santiago, de quem não deixou successão.

Tom. X.

liiii ii

D.

21 D. MANOEL CAETANO DE ALMEIDA, que nasceu em Lisboa a 7 de Agosto de 1708, e he hoje o seu successor.

21 D. THOMASIA DE BORBON nasceu em Lisboa a 13 de Fevereiro de 1712, e he Religiosa no Mosteiro de Santa Clara da mesma Cidade.

Casou segunda vez com D. Isabel Henriques sua sobrinha, viuva de Luiz Carlos Machado, Senhor de Entre Homem, e Cavado, e filha de Dom Jorge Henriques, Senhor das Alcaçovas, e de sua irmã D. Magdalena de Borbon.

20 D. JOÃO DE ALMEIDA, ultimo filho dos II. Condes de Avintes; servio na guerra sendo Capitão de Cavallos, he Commendador dos Fornos na Ordem de Santiago, Vedor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, Brigadeiro dos Exercitos de Sua Magestade, e Governador da Fortaleza da Barra de Setuval.

Casou com D. Joanna Cicilia de Noronha, viuva de Manoel Jaques de Magalhaens, II. Visconde de Fonte-Arcada, que morreo no anno de 1707, sendo General da Artilharia da Beira, filha herdeira de Fernão Jaques da Sylva, e de sua mulher D. Sebastiana de Noronha, filha de Antonio Lobo de Saldanha, a qual faleceo em Setuval em Janeiro de 1743, e era irmã de D. Isabel Moniz Barreto de Alcaçova, mulher de Luiz Manoel Moniz Pereira, de quem tem successor; e de D. Joanna Cicilia, he a seguinte:

D.

* 21 D. FERNANDO DE ALMEIDA.

21 D. ANTONIO DE ALMEIDA nasceu a 16 de Novembro de 1711, e morreu a 20 de Junho de 1719. — D. MARIA ANTONIA DE BORBON nasceu a 22 de Dezembro de 1712. Foy Religiosa de Santa Clara de Lisboa, donde professou, e por algumas queixas foy preciso mudar de ar, e passou para a Villa de Alenquer; e affilindo no Convento de Religiosas da sua m. ma Regra naquella Villa, morreu a 10 de Julho de 1733. — D. SEBASTIANA THERESA DE NORONHA nasceu a 9 de Janeiro de 1714, Freira tambem em Santa Clara; faleceu a 16 de Abril de 1733. — D. MAGDALENA LUIZA DE BORBON nasceu a 17 de Março de 1716, casou com Gonçalo Thomás Peixoto da Sylva, com successão. — D. LUIZ DE ALMEIDA nasceu a 8 de Mayo de 1717. — D. VICTORIA DE BORBON nasceu a 5 de Abril de 1718, Religiosa no Mosteiro de Santa Clara de Lisboa, onde faleceu a 25 de Novembro de 1735. — D. HENRIQUE DE ALMEIDA nasceu a 28 de Março de 1719, e faleceu a 12 de Julho de 1720. — D. THOMAS DE ALMEIDA nasceu a 16 de Março de 1720. — D. JOSEPH DE ALMEIDA nasceu a 22 de Março de 1721, faleceu a 17 de Janeiro de 1725. — D. CATHARINA DE BORBON nasceu a 2 de Março de 1723. — D. THERESA DE BORBON nasceu a 15 de Agosto de 1724. — D. FRANCISCO DE ALMEIDA nasceu no primeiro de Dezembro de 1726. — D. ISABEL DE BOREON nasceu a 10 de Novem-

Novembro de 1727. — D. MARIANNA DE BOR-
BON, e D. PEDRO DE ALMEIDA nascerão gêmeos
a 6 de Julho de 1729, e faleceo a 7 de Dezembro
do dito anno; e sua irmã a 17 de Março de 1731. —
D. ANTONIA DE BORBON nasceo a 15 de Março
de 1732.

21 D. FERNANDO DE ALMEIDA E SILVA
nasceo a 27 de Mayo de 1710. He Capitão de In-
fantaria no Regimento de Setuval, e successor dos
Morgados de sua mãy. Casou com D. Thersa de
Lencastre, filha herdeira de Rodrigo Sanches Fari-
nha, Senhor da Villa de Seixo Amarello, Capitão,
e Alcaide mór das Ilhas do Fayal, e Graciosa, Com-
mendador de Santo André da Esgueira na Ordem
de Christo, que faleceo a 18 de Setembro de 1730,
e de sua mulher D. Marianna de Lencastre, como
se disse a pag. 247 do Tomo IX. de quem tem a D.
MARIANNA, que nasceo ao primeiro de Julho de
1741.

* 20 D. LUIZ DE ALMEIDA nasceo no anno de
1669. Foy III. Conde de Avintes; servio na guer-
ra com o posto de Tenente General da Cavallaria,
General de Batalha da Provincia de Alentejo, e foy
Gentil-homem da Camera, Estribeiro mór do In-
fante D. Francisco, Commendador de Santa Ma-
ria de Lamas, e de S. Martinho de Ladosa no Bis-
pado da Guarda, Senhor do Conselho de Avintes;
faleceo a 10 de Abril de 1730.

Casou no anno de 1696 com sua prima com irmã
D.

D. Joanna Antonia de Lima, Dama do Paço, que faleceo a 17 de Abril de 1730, filha de D. João Fernandes de Lima, e Vasconcellos, X. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, Alcaide mór de Ponte de Lima, Senhor de Giela, de Valdevez, e Coura, de Santo Estevão de Geras, de Frajaõ, e Mafra, Senhor do Morgado de Soalhaens, e do de S. Lourenço de Lisboa, &c. e de D. Victoria de Borbon, filha dos III. Condes dos Arcos, e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

* 21 D. ANTONIO DE ALMEIDA Conde de Lavradio.

21 D. JOAÕ DE ALMEIDA, foy Conego de Mafra na Sé Metropolitana de Lisboa, e he Principal da Santa Igreja de Lisboa.

21 D. THOMAS DE ALMEIDA nasceo a 20 de Dezembro de 1706. Foy Porcionista do Collegio Real de S. Paulo na Universidade de Coimbra, onde estudou Theologia; e nesta sagrada faculdade se laureou com applauso dos seus estudos no anno de 1731. Foy Abbade de Cachim, que exercitou com louvor, e Deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, em que entrou a 9 de Abril de 1734. As suas virtudes, e letras, junto a hum procedimento proprio do Clerical estado, que seguiu, o fazem recomendavel para as mayores Dignidades; he Principal da Santa Igreja de Lisboa, de que tomou posse a 4 de Dezembro de 1738.

21 D. ANTONIO, e D. MARIA morrerão meninos. D.

21 D. VICTORIA DE BORBON casou com seu primo com irmaõ Manoel de Sampayo, Senhor de Villa-Flor, como adiante se dirá.

21 D. JOACHINA DE BORBON, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria; estando ajustado o seu casamento com Francisco Luiz Carneiro e Sousa IV. Conde da Ilha, morreu a 28 de Fevereiro de 1726.

21 D. ANNA DE LIMA, foy Dama da dita Rainha: casou no anno de 1728 com o referido Conde da Ilha, de quem ficou viuva a 18 de Novembro de 1731; e casou depois a 19 de Junho de 1735 com seu primo Joseph Joachim de Miranda Henriques; e ElRey lhe fez a merce de conservar as honras de Condessa, sem embargo de casar segunda vez.

* 21 D. ANTONIO DE ALMEIDA nasceu a 4 de Novembro de 1699; he II. Conde do Lavradio por merce delRey D. Joaõ V. titulo, que renovou na sua pessoa, de que tirou Carta a 17 de Julho de 1725, que já tivera Luiz de Mendoça, Vice-Rey da India, fazendolhe tambem merce do Senhoria daquelle Villa de juro, e herdade, e da Commenda de S. Pedro de Castelloens, em attençaõ aos serviços de seu tio D. Thomás I. Patriarca de Lisboa. Succedeo na Casa, e Commendas de seu pay, e he Senhor do Concelho de Avintes, e Coronel de Infantaria de hum Regimento da Praça de Elvas.

Casou a 9 de Outubro de 1726 com D. Francisca das

das Chagas Mascarenhas, que faleceo sobre parto em Março de 1733, filha de D. Martinho Mascarenhas III. Marquez de Gouvea, Mordomo mór del-Rey, e da Marqueza Dona Ignacia de Tavora, de quem teve

21 D. JOANNA DE ALMEIDA, que nasceo a 30 de Agosto de 1730.

21 D. LUIZ DE ALMEIDA.

21 D. MARTINHO DE ALMEIDA.

* 20 D. MAGDALENA DE BORBON nasceo em Dezembro de 1671, filha primeira do Conde D. Antonio, e de sua mulher a Condeffa D. Maria Antonia de Borbon. Casou com D. Jorge Henriques VII. Senhor das Alcaçovas, e Figueiró da Granja, Commendador de S. Miguel de Campia, S. Salvador das Alcaçovas, e Santo André de Pinhel, todas na Ordem de Christo, Alcaide mór da Cidade de Faro, Vedor da Casa da Rainha D. Maria Anna de Austria, Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Cidade de Lisboa, o qual faleceo a 21 de Fevereiro de 1734, tendo nascido a 28 de Agosto de 1657. Era quinto neto por varonia de D. Fernando Henriques I. Senhor das Alcaçovas, filho de D. Fernando, Senhor de ametade de Duenhas, e de D. Leonor Sarmento sua mulher, e neto del-Rey Dom Henrique II. de Castella, e de D. Bites Fernandes de Angulo, Senhora de Villa-Franca junto a Cordova, e deste matrimonio nascerão estes filhos.

Tom. X:

Kkkkk

D.

21 DOM HENRIQUE HENRIQUES, servio na guerra, e foy Coronel de hum Regimento de Infantaria; foy à Alemanha por mandado delRey com a noticia ao Emperador do nascimento da Infanta D. Maria, e depois com a do Principe D. Pedro; e voltando, morreo desgraçadamente affogado em hum canal, por se voltar huma sege, em que huma noite hia de Utrecht para a Haya, a 17 de Setembro de 1713.

21 D. MARIA DE BORBON casou com D. Pedro Joseph de Mello, adiante. — D. LUIZA MARIA HENRIQUES, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria. — D. ANTONIA CAETANA HENRIQUES nasceu a 2 de Agosto de 1692, Dama da dita Rainha. Casou com Luiz Manoel de Sousa IV. Conde de Villa-Flor, como dissemos a pag. 630 deste livro. — D. ANTONIO HENRIQUES, que succedeo na Casa. — D. MARIANNA DE BORBON nasceu no anno de 1695, e se bautizou a 10 de Fevereiro, Freira na Encarnação de Lisboa. — D. LUIZ HENRIQUES nasceu no anno de 1696, e bautizado a 8 de Março, foy Porcionista do Collegio de S. Paulo de Coimbra, Conego na Sé do Porto, e Abade de S. João de Ovide, e largando a vida Ecclesiastica, que seguia, he Capitão de Infantaria em hum dos Regimentos da Marinha. — D. JULIANA THERESA HENRIQUES, que faleceo sendo Moça do Coro na Encarnação de Lisboa. — D. ISABEL CATHARINA HENRIQUES, que casou com Luiz Carlos

los Machado, Senhor de Entre Homem, e Cava-
do, que faleceo a 5 de Outubro de 1736, como se
diz a pag. 602 deste livro; e depois casou com seu
tio D. Lourenço de Almeida. — D. CATHARINA
DE BORBON, Religiosa no dito Mosteiro da Encar-
nação, faleceo. — D. VICTORIA ANTONIA DE
BORBON. — D. FRANCISCO ANTONIO HENRIQUES,
que he Capitão de Infantaria no Regimento de Cas-
caes. — D. JOANNA MAGDALENA HENRIQUES.

21 D. ANTONIO HENRIQUES PEREIRA nas-
ceo a 11 de Dezembro de 1693. Foy Porcionista
do Collegio de S. Paulo, em que entrou a 18 de Ou-
tubro de 1711. Estudou Canones, foy Conego da
Sé do Porto; e pela desgraçada morte de seu irmão
D. Henrique, succedeo na Casa; he VIII. Senhor
da Villa das Alcaçovas, Vêdor da Casa da Rainha
D. Maria Anna de Austria.

Casou a 31 de Agosto do anno de 1728 com D. Jo-
sefa Francisca de Scheffenberg, Dama Camerista da
dita Rainha, filha de Antonio, Conde de Scheffen-
berg, e da Condesa Francisca Leonor de Lamberg,
filha de Gregorio Scifert, Conde de Lamberg, e da
Condesa Maria Catharina Casnedi, filha do Barão
Joaõ Thomás Casnedi, filho de Thomás Casnedi,
Conde de Bernek; e elle filho de Jorge Balthasar,
Conde de Lamberg, e da Condesa Magdalena Se-
gersdorff, filha de Joaõ Augusto, Barão Livre de
Segersdorff, neta de Maximiliano, Senhor de Schef-
fenberg, e de Sidonia Magdalena, filha de Joaõ

Tom. X.

Kkkkk ii

Ch. if.

Chriřkovaõ, Baraõ Livre de Kiueburg, e segunda neta de Ulrico, Senhor de Scheffenberg, e de Maria Isabel Thurer, filha de Acacio, Conde de Thurer, e terceira neta de Ulrico, Senhor de Scheffenberg, e de Joanna, filha de Luiz, Senhor de Polheim, nobres familias de Alemanha, e tem

22 D. LEONOR HENRIQUES nasceo a 28 de Janeiro de 1733.

21 D. MARIA ANTONIA DE BORBON nasceo em Dezembro de 1687, e morreo a 23 de Março de 1716, sendo casada com Dom Pedro Joseph de Mello Homem, Commendador de Santa Maria de Anchete, de S. Pedro de Valde, e de Santa Maria de Gulsar na Ordem de Christo, que depois de ter servido na guerra com o posto de Coronel de Infantaria, com que se achou em diversas Campanhas, foy Vêdor da Casa da Rainha Dona Maria Anna de Austria, faleceo a 12 de Mayo de 1740, e teve

22 D. ANTONIO JOSEPH DE MELLO HOMEM, adiante. — D. MAGDALENA JOSEFA DE BORBON nasceo a 29 de Outubro de 1710, morreo na flor da idade. — D. JOANNA JOSEFA DE BORBON nasceo a 2 de Abril de 1712, he Freira no Mosteiro do Salvador de Evora. — D. MARIA ANNA JOSEFA DE BORBON nasceo a 17 de Março de 1713, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria, e Camerista da Senhora Princeza da Beira. — D. ANTONIA, que nasceo a 25 de Abril de 1714, e D. JOACHINA, que nasceo

nasceo a 8 de Abril de 1715 : ambas falecerão sem estado.

22 D. ANTONIO JOSEPH DE MELLO nasceo a 3 de Setembro de 1709 ; succedeo na Casa, e Comendas de seu pay. Casou a 28 de Outubro de 1731 com D. Marianna Joachina de Mendoça, filha de D. Filippe de Sousa, Capitão da Guarda Real Alemã, e de sua mulher D. Catharina de Menezes, de quem tem

23 D. PEDRO JOSEPH DE MELLO nasceo a 3 de Novembro de 1732. — D. CATHARINA JOSEPH RITA DE MELLO nasceo a 21 de Abril de 1734, morreu de tenra idade. — D. FILIPPE JOSEPH DE MELLO nasceo a 13 de Novembro de 1735. — D. JOÃO JOSEPH DE MELLO nasceo a 10 de Agosto de 1737. — D. MARIA ROSA JOSEFA DE MELLO nasceo a 30 de Agosto de 1738. — D. JORGE DE MELLO nasceo a 20 de Setembro de 1739. — D. FRANCISCO JOSEPH DE MELLO nasceo a 16 de Agosto de 1740. — D. LUIZ JOSEPH DE MELLO nasceo a 3 de Setembro de 1741. — D. THOMAS JOSEPH DE MELLO nasceo a 20 de Setembro de 1742.

* 20 D. ISABEL DE BORBON, filha dos II. Condes de Avintes. Casou no anno de 1684 com Pedro de Mello de Castro II. Conde das Galveas, que no anno de 1664 servio na guerra, e na do anno de 1704 sendo Tenente General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, e teve Patente de General de Batalha ; succedeo a seu pay na sua Casa, e foy Senhor da

Villa

Villa das Galveas, Commendador das Commendas de S. Christovão de Nogueira, de Santa Martha de Serzedelo, e da de Santa Maria de Monçarás no terceiro dos meys frutos na Ordem de Christo, e da dos Coutos de Mougelos em Setuval, e do Aprestimo de Alhos Vedros na Ordem de Santiago, e de S. Lourenço de Galveas, e Alcaide mór da mesma Villa, e da de Monforte, Souzel, e Serpa, Couteiro mór da Casa de Bragança. Faleceo a 16 de Janeiro de 1738, irmão de André de Mello de Castro, que tendo seguido a vida Ecclesiastica, foy Deão de Villa-Viçosa, e teve outros Beneficios, que largou, sendo nomeado Enviado Extraordinario à Corte de Roma, onde passou no anno de 1711; e depois foy Embaixador no anno de 1718, em que residio em tres Pontificados dos Papas Clemente XI. Innocencio XIII. e Benedicto XIII. com grande honra da Nação, pelo luzimento, e apparato da sua casa; e o que mais he, fazerse a sua pessoa grata, e estimada dos Romanos, de quem tem adquirido huma merecida reputação de excellente Ministro; os seus finalados serviços, feitos à satisfação do seu Soberano, foraõ motivo de o crear Conde das Galveas no anno de 1721, e he o IV., do Conselho delRey, e Commendador de Santiago de Lanhoso, e Santa Marinha de Pena na Ordem de Christo; e voltando a Portugal, foy mandado no anno de 1732 por Governador, e Capitão General das Minas Geraes, e no de 1736 por Vice-Rey do Estado do Brasil;

fil; filhos de Diniz de Mello de Castro I. Conde das Galveas, do Conselho de Estado, e Guerra, e Governador das Armas da Provincia de Alentejo, que trazendo sua origem dos Castros, antigos Senhores de Fornellos, pode fazer tão esclarecida a memoria do seu nome, como a do seu appellido; foy hum dos mais insignes, e valerosos Generaes, que teve a Europa em seu tempo; porque em toda a parte soaraõ as suas gloriosas acções; de forte, que o Graõ Duque de Toscana Cosme III. tinha o seu retrato entre os dos insignes Capitaens, que teve o Mundo; a sua gloriosa memoria durará tanto na tradição, como na Vida, que deste Heroe escreveo com discreto estylo seu parente Julio de Mello de Castro; e finalmente cheyo de annos, serviços, e merecimentos, morreo a 18 de Janeiro de 1709, e jaz na Igreja dos Religiosos de S. Paulo, I. Eremita, desta Corte: do matrimonio de seu filho o Conde Pedro de Mello, herdeiro da sua Casa, e tambem do seu valor, nasceraõ os filhos seguintes:

21 DINIZ DE MELLO DE CASTRO, que morreo de tenra idade.

21 ANTONIO DE MELLO DE CASTRO nasceo a 30 de Mayo de 1689. He III. Conde das Galveas; casou com D. Ignez de Lencastre, Dama da Rainha D. Maria Sofia, filha de D. Joaõ de Lencastre, e de D. Maria de Portugal sua mulher, e até o presente não tem successão.

21 D. MARIA DE BORBON nasceo a 26 de Mayo

Mayo do anno de 1693, e faltandolhe muy cedo sua mãy, se creou no Mosteiro da Esperança de Lisboa, onde tomou o Habito, e professou, naõ sem grande repugnancia de seu avô o Conde Diniz de Mello.

21 D. ANGELA DE BORBON, que acabou na flor da idade.

21 D. MAGDALENA DE BORBON nasceu a 29 de Julho do anno de 1696, e se creou juntamente com sua irmã no dito Mosteiro; e seguindo com emulação o mesmo estado, tomou o Habito, e professou, naõ com menos repugnancia de seu pay, e avô, que com satisfação sua.

* 20 D. THERESA DE BORBON casou duas vezes, a primeira no anno de 1694 com D. Alvaro da Sylveira, e Albuquerque, Commendador de Santa Maria de Sortelha, e S. Martinho de Lordelo na Ordem de Christo; foy Coronel de hum Regimento de Infantaria da Praça de Cascaes, e Governador do Rio de Janeiro: faleceu no anno de 1716; e foy sua segunda mulher, por ter já sido casado com D. Brites Maxima de Menezes, irmã de D. Joseph de Menezes, Governador da Torre de Capatita; e deste matrimonio teve os filhos seguintes:

21 D. MARIA DE BORBON nasceu a 6 de Novembro de 1696. Casou com Antonio de Miranda, Senhor das Villas, e Lugares de Carapito, Codeceiro, &c. Commendador de Santo Estevão de Puffos, Nossa Senhora dos Prazeres de Villar-Torpin

Torpim na Ordem de Christo, e da de Panoyas na Ordem de Santiago, e Alcaide môr da dita Villa, e da de Villar-Mayor, e do Padroado as Igrejas de Carapito no Bispado de Viseu, de Ima no Termo da Guarda, e de Cavadoide no Termo de Cerolico da Beira, Padroeiro da Igreja dos Religiosos de S. Francisco da Guarda, e da Capella do Santissimo Sacramento de Viseu, Senhor, e Administrador dos Morgados seguintes na Guarda, em Pinhel, Viseu, e Lisboa, de que he cabeça a Capella do Santissimo Sacramento do Convento de Santo Antonio do Curral, e em Odivellas a de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e do Morgado de Freixial, Termo de Lisboa, com a Capella de Nossa Senhora da Conceição. Foy Capitão de Infantaria, e de Cavallos na Guerra, Governador da Torre de Santo Antonio da Barra, e Governador, e Capitão General de Mazagaõ, onde teve algumas occasiões de ventagens, e bom successo da Praça contra os Mouros, e foy do Conselho de Sua Magestade. Faleceo a 5 de Julho de 1732, e teve os filhos seguintes:

22 MANOEL JOSEPH DE MIRANDA HENRIQUES, que nasceu no anno de 1717, e faleceo de tenra idade. — JOSEPH JOACHIM DE MIRANDA HENRIQUES nasceu a 4 de Dezembro de 1718, succedeo na Casa de seu pay, e casou em Junho do anno de 1735 com D. Anna de Lima, viuva do IV. Conde da Ilha, como se disse a pag. 650 do Tomo

Tom.X.

LIII

IX.

IX. e filha dos III. Condes de Avintes , à qual El-Rey fez merce de conservar as honras de Condeffa, e até o presente não tem successão. — ALVARO JOSEPH DE MIRANDA nasceo em Dezembro de 1719, e logo faleceo. — MANOEL JOSEPH DE MIRANDA HENRIQUES nasceo a 30 de Abril de 1722, e he Conego da Basilica Patriarcal. — ALVARO JOSEPH DE MIRANDA HENRIQUES nasceo a 14 de Agoſto de 1723, e faleceo de tenra idade. — FRANCISCO JOSEPH DE MIRANDA, que nasceo ao primeiro de Mayo de 1727, e morreo de tenra idade. — DONA THERESA JOSEFA DE MIRANDA nasceo em Abril de 1732, e morreo em Outubro de 1738.

21 D. ANTONIO DA SYLVEIRA DE ALBUQUERQUE MEXIA nasceo a 11 de Julho de 1698. Succedeo na Casa de seu pay, he Commendador de Santa Maria de Sortelha, e S. Martinho de Lorde-lo na Ordem de Christo, e he Coronel da Cavallaria. Casou a 4 de Fevereiro de 1731 com D. Marianna de Lencastre, filha de D. Luiz Innocencio de Castro, Almirante de Portugal, e Capitaõ de huma Companhia da Guarda Real, e de sua mulher D. Joanna de Vasconcellos, e até ao presente não tem successão.

21 D. JOSEPH JOACHIM DA SYLVEIRA DE ALBUQUERQUE nasceo no anno de 1711, e foy bautizado a 13 de Junho, he Capitaõ de Infantaria de hum dos Regimentos da Marinha, e Cavalleiro da Ordem de Christo.

D.

21 D. THOMAS DA SYLVEIRA DE ALBUQUERQUE nasceu no anno de 1713, e foy baptizado a 6 de Dezembro, he Capitão de Infantaria de hum dos Regimentos da Corte.

21 D. BRITES DE BORBON, Dama do Paço. Casou com seu primo com irmão D. Luiz de Almeida, como dissemos.

Casou D. Theresá de Borbon segunda vez a 19 de Outubro de 1718 com Diogo de Mendoça Corte-Real, que foy Commendador de Santa Luzia de Trancofo, e Santa Maria de Monçarás na Ordem de Christo, Senhor da Torre da Palma, e do Morgado dos Mendoças de Tavira, e do Corte-Real, do Conselho delRey D. Pedro II. seu Enviado nas Cortes de Haya, e de Madrid, e Secretario das Mercês, e Expediente, e do Conselho delRey D. Joaõ V. seu Secretario de Estado, que do seu prestimo, e talento fez grande confiança; nasceu em Tavira no Reyno do Algarve a 17 de Junho de 1658, filho de Diogo de Mendoça Corte-Real, e de sua mulher D. Jeronyma de Lacerda, descendentes das illustres familias do seu appellido, que alliad as outras de igual esplendor, vieraõ a recalhir nelle as suas Casas. Seguio em o seu principio as letras, a que o levou a propensão, ajudado de huma prodigiosa memoria, (que conservou toda a vida) e foraõ admiraveis os progressos da sua applicação na Universidade de Coimbra, onde laureado Doutor em Canones com applauso, foy logo despachado

Tom. X. LIII ii do

do com huma Conducta a 8 de Julho de 1686 na mesma faculdade , adiantamento , que se costuma dar na Universidade às pessoas de qualidade ; e no anno seguinte , por merce de 6 de Dezembro , passou a outra de Leys : estando com esta occupação , foy provido com Beca no lugar de Corregedor da Comarca do Porto , que servio com tal inteireza , e prudencia , que deixou naquella Cidade saudosa memoria , ainda que foy pouco o tempo do seu exercicio ; porque ElRey D. Pedro o nomeou seu Enviado Extraordinario à Corte de Haya , para onde embarcou a ; de Março do anno de 1691. Naquella Corte começou a brilhar o seu sublime talento , sendo feliz nos negoceados em diversos Tratados , que celebrou entre a nossa Coroa , e aquella Republica ; e no fim do anno de 1693 sahio da Haya , e foy mandado com o mesmo caracter para Madrid , em que entrou no fim de Mayo de 1694 , donde residio com grande estimação ; porque Diogo de Mendoga , além do profundo juizo , era soccorrido de huma discreta promptidão , com que se fez ainda mais agradavel o seu trato naquella Corte ; até que rota a guerra da grande Alliança , no fim de Dezembro de 1703 passou o Caya , e ao mesmo tempo D. Domingos Capecelatro , (depois Marquez do seu appellido) que havia residido com o mesmo caracter delRey Catholico na nossa Corte. Naõ era a pessoa de Diogo de Mendoga , de que o seu Soberano se pudesse esquecer ; assim logo foy provido no lugar

gar de Secretario das Mercês, e Expediente, por aviso de 2 de Abril de 1704, de que tirou Carta passada a 4 de Março do anno seguinte. Foy juntamente encarregado dos negocios Estrangeiros. No referido anno de 1704 entrou no porto de Lisboa o Archiduque já declarado Rey de Castella com o nome de Carlos III. daquella Monarchia; e tendo ElRey D. Pedro determinado passar à Campanha da Beira com o mesmo Rey, para se principiar a Conquista de Hespanha, nomeou a Diogo de Mendoça para o acompanhar com o exercicio de Secretario de Estado; e voltando da Campanha com ElRey a 17 de Novembro do mesmo anno, continuou na occupação da Secretaria das Mercês, e Expediente, conservando a administração de tudo o que pertencia à guerra. Sobio ao Throno ElRey Dom João V. sendo Secretario de Estado D. Thomás de Almeida, e passando a residir no Bispado de Lamego, em que estava provido, lhe succedeo Diogo de Mendoça Corte-Real (que depois foy seu cunhado) no emprego, que com outros muitos logrou toda a vida com universal applauso; porque foy Diogo de Mendoça Corte-Real Varão grande, ornado de excellentes virtudes, Sabio, erudito, com admiravel prudencia, animo inalteravel, rara perspicacia, e comprehensão, pasmosa memoria, em que os annos, e idade não puderaõ introduzir os seus costumados esquecimentos, com hum desassogõ, que nenhuma multidão de negocios, nem a diversidade
das

das occupações, de que o encarregou o Grande D. João V. que soube reconhecer a dilatada esfera deste Ministro, o puderaõ opprimir, pois ao mesmo tempo lhe encarregou diversos empregos; porque teve juntas a Secretaria de Estado, Mercês, Expediente, Affinatura, da Serenissima Casa de Bragança, e de Provedor das Obras do Paço: todas estas grandes occupações exerceo em quanto viveo, e por algum tempo teve tudo o que pertencia à expedição do serviço da Casa Real, tocante ao lugar de Mordomo mór; e na mesma fôrma tudo o que tocava à do officio de Monteiro mór, e outras muitas incumbencias, ainda que de não tamanho nome, podendo supprir o seu talento, com a vigilancia, e actividade, o que era emprego distincto de diversas pessoas; assim soube conseguir geral estimação, e respeito entre os nacionaes, que elle mereceo justamente pela affabilidade, e modo, com que tratava as partes, que já mais puderaõ corromper a sua inteireza; porque totalmente livre, e fóra da ambição, teve hum animo desinteressado, verdadeiramente occupado de hum grande coração, bem intencionado, sem que ficasse defraudada a politica, que elle soube manejar como os mais destros, que a Historia nos celebra; de forte, que elle alcançou o reconhecerem os muitos Ministros de diversas Cortes Estrangeiras, com quem tratou, o seu sublime talento, affirmando ser elle hum dos dignos Ministros, que tiveraõ a honra de assistir ao lado do seu Principe, como algumas vezes ouvimos

vimos referir a alguns de grande caracter, e não menor capacidade, que affirmavaõ, que a Diogo de Mendoça não levarão ventagem alguns daquelles, que nas suas Cortes foraõ mais celebrados. Na instituição da Academia Real da Historia foy elle hum dos primeiros Academicos, que nomeou o nosso Augusto, e Sabio Protector, e depois foy dignissimo Cenfor. Faleceo a 9 de Mayo de 1736. O seu Elogio recitou na Academia o Marquez de Valença com a sua admiravel eloquencia; e depois fez outro, que tambem se imprimio no anno de 1737, o Padre D. Joseph Barbosa, digno Panegyrista de hum taõ sublime assumpto. Desta uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

21 D. JOACHINA ANNA DE BORBON, que nasceu a 16 de Janeiro de 1722. Foy bautizada na Casa de seu pay, que era em hum Quarto do Paço, por seu tio o Patriarca; foraõ seus Padrinhos os Reys D. Joaõ V. e D. Maria Anna de Austria, que quizeraõ honrar este acto com as suas Reaes pessoas, honrando com esta demonstração publica os merecimentos do pay. Foy Dama da mesma Rainha, e casou a 8 de Julho de 1742 com Antonio Joseph de Mello de Castro, e faleceo a 12 de Março de 1743.

21 JOAõ PEDRO DE MENDOÇA CORTE-REAL nasceu a 3 de Janeiro de 1723, a quem ElRey honrou tambem, sendo seu Padrinho, e a Senhora Infanta D. Maria foy Madrinha; e por se achar com o mal

o mal de bexigas, tocou com Procuração sua o Senhor Infante D. Antonio. Foy Moço Fidalgo com exercicio no Quarto da Rainha. ElRey lhe fez a especial honra de o armar pelas suas Reaes mãos Cavalleiro no dia 6 de Setembro de 1732, e lhe fez merce da Commenda de Santa Maria de Langroiva na Ordem de Christo, de grande rendimento, que era vaga, havia muitos annos, pelo Conde da Castanheira Simão Correa da Sylva, do Conselho de Estado, com huma especiosa clausula, de que todos os rendimentos vencidos na vacatura della, feriaõ empregados em Morgado para os seus successores.

* 20 D. JERONYMA DE BORBON, filha do Conde D. Antonio de Almeida, casou em 15 de Junho de 1698, e faleceo em Janeiro de 1726, com Francisco Joseph de Sampayo, XI. Senhor de Villa-Flor, Chacim, Villasboas, Paradas, Frechas, Bemposta, e Moz, e do Lugar de Sampayo, dos direitos de Freixo de Espada à Cinta, e da Torre de Moncorvo, de que era Alcaide môr, Commendador da Ordem de Christo. Servio na guerra com valor, e prestimo, distinguindo-se em muitas occasioens, em que conseguiu reputação, occupando diversos postos até o de Mestre de Campo General. Depois no anno de 1720 em 13 de Abril foy mandado por Vice-Rey do Estado da India; chegou a Goa em 9 de Outubro do dito anno, e tendo mostrado a sua actividade no governo daquelle Estado, faleceo em
Goa

Goa a 13 de Julho de 1723. Deste matrimonio nasceu unico.

21 MANOEL DE SAMPAYO, que nasceu a 12 de Junho de 1699. Servio na guerra com seu pay sendo de pouca idade; depois por sua morte succedeo em toda a Casa, e he XII. Senhor de Villa-Flor, e das mais terras, Commendador da Ordem de Christo. Foy Gentil-homem da Camera do Infante D. Manoel, lugar, que largou excitado do brio, e he Coronel de Cavallaria.

Casou em 8 de Julho de 1713 com Dona Victoria de Borbon sua prima com irmã, filha do Conde D. Luiz de Almeida, e de sua mulher a Condeffa D. Joanna Antonia, de quem tem os filhos seguintes:

22 FRANCISCO JOACHIM DE SAMPAYO nasceu a 4 de Abril de 1714, e morreo a 13 de Fevereiro de 1726.

22 D. JOANNA ANTONIA DE SAMPAYO E LIMA nasceu a 31 de Mayo de 1716, Dama da Rainha D. Maria Anna de Austria.

22 LUIZ ANTONIO DE SAMPAYO nasceu a 18 de Outubro de 1717.

22 D. JERONYMA nasceu a 31 de Mayo de 1719, e morreo com quinze dias de vida.

22 ANTONIO DE SAMPAYO nasceu a 26 de Abril de 1720.

22 D. MARIA ISABEL DE SAMPAYO E LIMA nasceu ao primeiro de Outubro de 1721.

Tom. X.

Mmmmm

João

22 JOÃO ANTONIO DE SAMPAYO nasceo a 18 de Agosto de 1722.

* 18 D. PEDRO DE ALMEIDA, filho quinto de D. Antonio de Almeida, Commendador de S. Martinho de Lardosa, e de D. Margarida de Ataide sua mulher, como fica dito. Foy Commendador de S. João de Trancoso na Ordem de Christo, Capitão mór das naos da India, Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria, Almirante da Armada de Portugal; e por seu casamento Provedor das Lizirias, e Vallas de Riba-Tejo, e ultimamente Governador de Pernambuco.

Casou com D. Luiza Antonia de Portugal, filha herdeira de Miguel de Quadros e Tavora, Provedor das Lizirias, e Vallas de Riba-Tejo, e de D. Catharina de Castro e Portugal, filha de Antonio Pereira de Berredo, Commendador de S. João da Castanheira, e de S. Gens de Arganil na Ordem de Christo, Governador, e Capitão General da Ilha da Madeira, e da Praça de Tangere, General da Armada de Portugal, e de D. Marianna de Portugal; e tiveram os filhos seguintes:

* 19 D. LUIZ DE ALMEIDA, que morreu moço em vida de seu pay no anno de 1671.

19 D. MARIA THERESA ANTONIA DE PORTUGAL, que foy sua herdeira, e succedeo na Casa de seu pay, em cuja vida casou com Dom João de Lencastre, irmão de D. Lourenço de Lencastre, Commendador de Coruche; e da sua posteridade se dará

dará noticia no Livro XI. quando tratarmos deste ramo de Lencastre.

19 D. CILICIA MAGDALENA DE PORTUGAL casou com Roque da Costa Barreto, General de Batalha da Provincia da Eftremadura, do Conselho de Guerra, Governador, e Capitão General da Bahia, Commendador na Ordem de Christo; e morreo no anno de 1696 sem successão. Por sua morte casou segunda vez com João Pereira Ferraz, do Conselho de Sua Magestade, e seu Secretario de Guerra, e ella morreo a 3 de Julho de 1731 sem deixar successão.

19 D. THERESA DE PORTUGAL, foy Dama do Paço. Casou em Dezembro de 1708 com Antonio Telles de Menezes, Commendador na Ordem de Christo, e morreo de parto, sem deixar geração.

19 D. CATHARINA DE PORTUGAL, que morreo de oito annos.

* 18 D. FRANCISCA DE ATAÍDE, filha primeira de D. Antonio de Almeida, Commendador de Lardosa, e de sua mulher D. Margarida de Ataíde, casou no anno de 1634 com Antonio Pinto Coelho, Senhor de Filgueiras, e Vieira, filho de Francisco Pinto da Cunha, Alcaide môr de Celorico de Basto, Senhor do Morgado de Bateas, Commendador de S. Salvador de Foraes na Ordem de Christo, e de D. Francisca de Noronha sua mulher, filha de Gonçalo Coelho, Senhor de Filgueiras; e deste matrimonio teve os filhos seguintes:

Tom. X.

Mnumm ii

JOÃO

* 19 JOAÕ PINTO COELHO, Senhor de Filgueiras.

* 19 FRANCISCO PINTO, adiante.

19 D. MAGDALENA JOSEFA DE ATAIDE, que casou duas vezes: na primeira foy segunda mulher de Fernão Pereira da Sylva, Senhor de Fermo do, sem geraçãõ. A segunda com Antonio Luiz Vaz Pinto Pereira, adiante.

* 19 D. MARIA LUIZA ANTONIA DE PORTUGAL mulher de Manoel Guedes Pereira, de quem adiante trataremos.

* 19 JOAÕ PINTO COELHO foy Senhor de Filgueiras, e Vieira, &c. Cavalleiro da Ordem de Christo. Casou no anno de 1671 com Dona Maria Francisca Pereira da Sylva sua parenta, filha herdeira de Fernão Pereira da Sylva, Senhor de Fermo do, e de D. Maria de Noronha sua primeira mulher, filha de Belchior Pinto, Senhor do Bom Jardim, e tiveraõ a

* 20 ANTONIO LUIZ VAZ PINTO, adiante.

20 JOSEPH LOURENÇO DA SYLVA. — GONÇALO PIRES COELHO. — FRANCISCO PINTO DA CUNHA. — D. JOANNA MANOEL DE VILHENA, Freira em S. Bento do Porto. — D. MARGARIDA.

20 D. FRANCISCA JOANNA DE ATAIDE, que casou com seu parente Joaõ Pinto Pereira, Senhor do Bom Jardim, filho de Francisco Vaz Pinto, e de sua primeira mulher D. Antonia Pereira; e deste matrimonio nascerãõ os filhos seguintes:

FRAN-

21 FRANCISCO PEREIRA PINTO, que era seu herdeiro, e morreu sem estado.

21 D. MARIA PEREIRA DA SYLVA, que succedeo na Casa a seu irmão, e casou com Bernardo Joseph Teixeira, XVI. Senhor de Teixeira, solar da sua Casa, e dos Morgados de Sergudes, S. Braz, Abaílis, Bom Jardim, Montalvão, Padroeiro, e Commendador das Igrejas de S. João de Vieira, e S. Salvador de Toloens, que faleceo a 19 de Setembro de 1738. Teve

22 GONÇALO CHRISTOVAÕ TEIXEIRA COELHO DE MELLO, que succedeo a seu pay.

22 DONA FRANCISCA. — D. JOANNA. — D. LUIZA. — D. MARIA. — D. GREGORIA. — D. ANTONIA.

* 20 ANTONIO LUIZ VAZ PINTO COELHO PEREIRA DA SYLVA succedeo na Casa de seu pay, e avô materno, e foy Senhor de Filgueiras, Vieira, Fervedo, Cabeças, e Simaens, Padroeiro das Igrejas de Fervedo, &c. Faleceo a 16 de Janeiro de 1738. Casou duas vezes, a primeira com D. Anna Maria de Noronha, irmã de Martinho de Sousa de Menezes III. Conde de Villa-Flor, Copeiro mór delRey, filha de Luiz de Sousa de Menezes, Copeiro mór, e de sua mulher D. Marianna de Noronha, filha de D. Sancho Manoel I. Conde de Villa-Flor; Governador das Armas de Alentejo, do Conselho de Estado, &c. e de D. Anna de Noronha sua mulher, de quem teve

JOAÕ

21 JOÃO PINTO COELHO, com quem se continúa.

21 D. MARIANNA MARIA DE NORONHA, que morreo Freira professa no Mosteiro de S. Bento do Porto.

Casou segunda vez no anno de 1701 com D. Marianna da Sylveira, filha de Martim Coelho, Senhor de Teixeira, e de sua mulher Dona Anna Maria de Mesquita e Sylveira, de quem teve

21 D. JOSFFA DA SYLVEIRA, que casou em Guimarens com Francisco Xavier Cardozo de Alarcão, irmão de João Peixoto da Sylva, Senhor de Penha-Fiel.

21 D. FRANCISCA DE ATAIDE, que não tomou estado.

21 D. ANNA, que casou com Luiz Lazaro de Mirandella, sem successão.

* 21 JOÃO PINTO COELHO PEREIRA DA SYLVA, Senhor de Filgueiras, Vieira, Fervedo, Prefino, e das Marinhas de Simaens, &c.

Casou com D. Antonia Josefa Caetana da Sylveira, irmã de sua madrastra, filha de Martim Teixeira Coelho, Senhor de Teixeira, &c. e de sua mulher D. Anna Maria de Mesquita; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

22 FRANCISCO ANTONIO PINTO COELHO PEREIRA DA SYLVA, Cavalleiro da Ordem de Christo no anno de 1727.

22 JOSEPH ANTONIO PINTO COELHO, Cavalleiro

valleiro da Ordem de Christo no anno de 1734.

19 D. MAGDALENA JOSEFA DE ATAIDE casou duas vezes , a primeira com Fernando Pereira da Sylva, Senhor de Femedo, de quem foy segunda mulher , e não teve geraçãõ. Casou segunda vez com Antonio Luiz Vaz Pinto, que viveo na Quinta das Conchas junto ao Lumiar, e era seu parente da Casa dos Senhores do Bom-Jardim no Porto; e deste matrimonio tiverãõ

20 COSME DAMIÃO PEREIRA PINTO, que serve na India, onde foy Governador de Macao.

20 D. MARIA ROSA DE PORTUGAL, — D. FRANCISCA LUIZA DE ATAIDE, Freiras em Odivellas. — D. CATHARINA JOANNA, que faleceo moça. — D. PAULA JUACHINA DE ATAIDE mulher de Joseph Cabina Cabral, e teve por filha a D. MAGDALENA FRANCISCA DE ATAIDE, que nasceu no anno de 1706.

19 FRANCISCO PINTO DA CUNHA foy Cavalheiro da Ordem de Santo Estevão de Florença por merce, que lhe fez o Graõ Duque, no tempo que foy à sua Corte. Morreo no fim de Março de 1714. Casou duas vezes , a primeira com D. Barbara de Sequeira, de quem teve

20 EGAS MONIZ COELHO, vive solteiro.

20 D. BARBARA THERESA, Freira em Santa Clara de Guimaraens.

Casou segunda vez com D. Francisca Maria de Castro da Sylva em Villa-Real, filha de D. Pedro Taveira

veira de Sottomayor, Fidalgo da Casa Real, Comendador na Ordem de Christo, e Capitão de Couraças na guerra da Acclamação, e de sua mulher D. Filippa de Castro e Sylva, filha de Duarte Vaz de Castellobranco, e de sua mulher D. Joanna de Castro, que era filha de João Vasques Ribeiro de Sampaio, Fidalgo da Casa de Bragança, e Commendador de Santa Maria de Monçarás na Ordem de Christo, e de D. Filippa de Castro, de quem teve os filhos seguintes:

20 JOSEPH LUIZ PINTO, que morreo sem geração.

20 JOÃO MANOEL PINTO, Capitão de Infantaria do Regimento do Porto; morreo em 1725.

20 LUIZ JOSEPH PINTO COELHO casou no Brasil, no Rio de Janeiro, com D. Josefa Coutinho.

20 ANTONIO CAETANO PINTO COELHO, Religioso da Ordem do Carmo no Brasil.

20 D. MANOELA FRANCISCA DE ATAÍDE casou com João de Sousa Chichorro.

20 D. THERESA CLARA DE CASTRO SOTTOMAYOR, Freira em Santa Clara de Guimaraens.

19 D. MARIA LUIZA ANTONIA DE PORTUGAL, que faleceu em Junho de 1724. Casou com Manoel Guedes Pereira, Cavalleiro da Ordem de Christo, Escrivão da Fazenda Real, Alcaide mór de Condeixa, Superintendente das Fabricas, e Feitorias do Reyno; e deste matrimonio nascerão os filhos seguintes:

FRAN-

20 FRANCISCO GUEDES PEREIRA, que morreu menino.

* 20 ANTONIO GUEDES PEREIRA, com quem se continúa.

20 JOÃO GUEDES PEREIRA, estudou em a Universidade de Coimbra, onde se laureou Doutor em Canones com applauso, e seguiu a Universidade algum tempo, foy Oppositor às Cadeiras, e he Prelado da Santa Igreja de Lisboa.

20 LUIZ GUEDES PEREIRA, que depois de ter seguido a Universidade, e feito os seus actos, passou a Roma, donde residio algum tempo; morreu moço.

20 JOSEPH GUEDES PEREIRA, que estudou em Coimbra, e segue a vida Ecclesiastica.

20 D. FRANCISCA JOANNA DE ATAÍDE. — D. MARIA DE NORONHA, — D. THERESA DE PORTUGAL, — D. JOANNA DE PORTUGAL, Religiosas no Mosteiro de Santa Clara de Lisboa. — D. ANTONIA DE NORONHA morreu de tenra idade. — D. IGNEZ ANTONIA DE PORTUGAL, que morreu na flor da idade no anno de 1719.

20 ANTONIO GUEDES PEREIRA succedeo na Casa de seu pay, e no officio de Escrivão da Fazenda, que servio alguns annos com boa aceitação, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Commendador de Mourão na de Aviz, Alcaide mór de Lamego, e Condeixa, Senhor da Villa de Fragoas, do Conselho de Sua Magestade, e seu Secretario de Estado,

Tom. X.

Nnnn

da

da Repartição da Marinha, e Conquistas. No anno de 1716, com licença delRey, fez hum gyro por Europa com muito luzimento, e despeza, e esteve nas Cortes de Roma, Pariz, Londres, Haya, Madrid, e outras; e recolhendo-se ao Reyno, foy mandado por Enviado Extraordinario à Corte de Madrid, para donde partio a 19 de Setembro de 1720; aqui conseguiu reputação, porque o trato da sua Casa era pomposo, sendo luzido sempre, e generoso; de sorte, que o seu modo affavel, prudente, e cortezaõ, lhe conseguiu em pouco tempo grande partido na Corte, e a sua pessoa se fez grata às Magestades Catholicas, que o estimaraõ com especiaes honras.

P. Anselme, *Hist. Generale de la Maison de France*, tom. 4.º, page 181.

Haviaõ os Reys Catholicos D. Filippe V. e D. Isabel Farnese, por hum Tratado, assinado em Madrid a 25 de Novembro de 1721, ajustado o casamento de sua filha a Infanta D. Maria Anna Victoria, que nasceo a 31 de Março de 1719, com ElRey Luiz XV. para cujo effeito foy levada a Infanta a França com aquelle apparato devido à sua Real pessoa, para se crear na Corte de Patiz, onde chegou a 2 de Março de 1722; e porque o Tratado se alterou depois, sahio a Infanta de Versalhes a 5 de Abril de 1725; e voltou para Hespanha, sendo conduzida à fronteira, onde foy entregue a 17 de Mayo, com aquella formalidade costumada, às pessoas, que ElRey seu pay tinha mandado, para a conduzirem. O Enviado Antonio Guedes, que na

do Corte

Corte de Madrid era visto com attençaõ, e tratava com muita confiança algumas pessoas do Ministerio, pode com a sua diligencia penetrar anticipadamente o rompimento daquelle Tratado, e conhecer o gosto, que os Reys Catholicos teriaõ de fazerem huma nova alliança com os nossos; de sorte, que participou à nossa Corte o estado daquelle negocio, e tudo o que sobre elle havia passado, até que declararaõ totalmente os Reys Catholicos a vontade, que tinhaõ de effectuar huma reciproca alliança entre humas, e outras Magestades, em que revivesse a antiga amisade, que havia alterado com larga guerra particulares fins. Tratou o Enviado Antonio Guedes este negociado taõ felizmente, que em breve o ajustou com satisfação de ambas as Cortes, supposto que em segredo; porque depois se ajustaraõ com formalidade publica os artigos preliminares, sendo já authorisado o Enviado Antonio Guedes de hum pleno poder, que tinha tambem Joseph da Cunha Brochado, que ElRey mandara a Madrid a este fim. Assim juntos da nossa parte os dous Plenipotenciarios Portuguezes, e o Marquez de Grimaldo, Plenipotenciario da parte delRey Catholico, firmaraõ os referidos artigos a 7 de Outubro de 1725, que os Reys depois ratificaraõ, como fica referido em outra parte; no que Antonio Guedes teve grande applauso na Corte; porque elle tinha sido, naõ só a pessoa, a quem se fiara huma negociaçaõ de taõ grande honra, na primeira idéa dos Reys Catholico

Tom. X.

Nnnn ii

cos;

cos ; mas elle com a sua prudencia o concluiu, desviando todas aquellas cousas, que em semelhantes occasioens servem de embarço. No anno de 1727, com a chegada do Marquez de Abrantes, Embaixador Extraordinario, que passara a Madrid a pedir a Infanta, voltou Antonio Guedes para Lisboa, onde chegou a 11 de Mayo do dito anno, deixando em aquella Corte huma estimada memoria ; porque dos Reys Catholicos teve especiaes honras, dos quaes era benignamente attendido, com expressoens muy distinctas, e de grande honra, como se vio na ultima audiencia de despedida, e na joya, que se lhe mandou, em que tambem distinguiraõ a pessoa do Enviado, naõ só por ser de valor muy excessivo ao costumado ; mas no modo porque se lhe deu, levandolha à sua casa o Marquez de la Paz, Secretario do Despacho Universal ; e naõ se satisfazendo ainda a Magestade delRey Catholico, depois escreveo ao nosso Rey, fôra da formalidade costumada, huma Carta com expressoens muy vivas de estimação, e do muito, que lhe fora grata a pessoa do Enviado ; de forte, que no anno de 1729, quando foraõ as trocas no Rio Cayá das Serenissimas Princezas do Brasil, e Asturias, e se aviistaraõ as Magestades Portuguezas, e Catholicas, nesta occasião recebeo Antonio Guedes daquelles Reys novas, e publicas honras, quando chegou à sua Real presença a beijar a mão à Princeza do Brasil. Depois, quando ElRey, em beneficio dos seus Vassallos,

los, para melhor expediente dos negocios, deu nova fórma ao Despacho, o nomeou seu Secretario de Estado da Repartição da Marinha, e Conquistas, como já em seu lugar deixamos referido.

CAPITULO XV.

De D. Martinho de Portugal, Arcebispo do Funchal, Primaz da India.

13 **D**Emos principio a este livro nas memorias de hum Principe excellente, como foy o Senhor D. Affonso I. Marquez de Valença, Varão esclarecido, como em seu lugar dissemos; agora daremos fim a elle com as de outro igualmente grande; e por isso reservámos para este lugar as que pertencem a D. Martinho de Portugal seu neto, hum dos mayores Prelados daquelle tempo, digno de ser celebrado entre os mais insignes, que refere a nossa Historia; porque foy dotado de engenho sublime, com eloquencia, e natural discrição, singular litteratura, generosa piedade, e incomparavel isenção, e desinteresse, magnifico no trato, prudente na politica, que usava como Ministro, em Prelado vigilante, e Religioso; de forte, que as virtudes, que exercitava, lhe adquirirão estimação entre os Principes Soberanos Estrangeiros; porém encontrou differente fortuna com os proprios; mas a

cereslan-

confiança do seu animo inalteravel aos contratempos, lhe fizeraõ segura naquelle tempo a reputação, e depois gloriosa memoria.

Foy provido no Bispado de Viseu o Infante Cardeal D. Affonso, filho delRey D. Manoel, naõ contando mais que onze, ou doze annos de idade; motivo porque se encarregou o governo desta Diocese a D. Martinho de Portugal, que no anno de 1522 nos consta o exercitava: naõ achámos o tempo, que durou esta administração, mas naõ podia ser muito tempo; porque no anno de 1524 o Infante largou esta Igreja pela Metropolitana de Lisboa.

Catalogo dos Bispos de Viseu da Collecção da Academia Real do anno de 1722.

Determinou ElRey Dom Joaõ III. mandar hum Embaixador a Roma ao Papa Clemente VII. e escolheo para esta missão a D. Martinho de Portugal, em quem concorriaõ todas as circumstancias, que o faziaõ digno desse emprego; e partindo de Portugal no anno de 1545, fez o seu caminho por terra, e chegou a Roma, onde começou logo a brilhar o talento, e virtudes do Embaixador; de sorte, que teve estimação na Corte, e a graça do Papa, que reconhecendo quaes eraõ as virtudes, de que se adornava, o nomeou por seu Nuncio, e Embaixador a ElRey D. Joaõ III. com poderes de Legado à Latere nos Reynos, e todos os Dominios da Coroa Portugueza. Com licença delRey pareceo aceitar a Legacia, suspendendo por entaõ os negocios da Embaixada; e partio para Portugal o Nuncio

cio Dom Martinho , a quem o Papa mandou passar huma Bulla dos poderes , que lhe concedia , e foy Prova num. 48.
muy ampla ; porque lhe dava authoridade de legitimar filhos escurios , bastardos , e de qualquer coito damnado , ou fossem vivos , ou mortos seus pays , habilitando-os para todas as honras , Dignidades , officios publicos , e Seculares , como se fossem legitimos . E tambem de prover todos os Beneficios Ecclesiasticos ; assim Seculares , como Regulares , até aquelles , que fossem da apresentação da Sé Apostolica ; pôr nelles pensoens , sentenciar todas as demandas Beneficiaes , unir Beneficios , e conferillos por toda a vida , ou por algum tempo . E de poder dispensar o impedimento de terceiro , e quarto grau de consanguinidade , e afinidade , para poderem celebrar matrimonios , e revalidar os que com este impedimento estivessem contrahidos , legitimando os filhos , que delles tivessem nascido . Da mesma sorte o dispensar com as pessoas , que tivessem defeito de nascimento , e nas irregularidades , em que concorressem os Sacerdotes , que celebrassem ligados com alguma censura , e habitallos para receberem Ordens Sacras , os que as não tivessem , e para todos os Beneficios , e ainda Dignidades , e para os dispensar para a idade de vinte e hum annos , para os ditos Beneficios . Para poder crear doze Condes Palatinos , e outros tantos Acolitos , e Capellaens , e da mesma sorte doze Notarios Apostolicos , com authoridade de poder unir a todos ao numero dos
Condes ,

Condes, Acolitos, e Capellaens da sua Corte Lateranense, para que pudessem gozar os mesmos privilegios, prerogativas, honras, isenções, graças, liberdades, e indultos, que gozavaõ os Notarios, Acolitos, Capellaens, e Condes Palatinos da sua Corte Lateranense. De crear Cavalleiros da Espora Dourada, laurear Poetas, dar o grao de Doutor, de Licenciado, e Bacharel, em hum, e outro Direito, e de Mestre em Theologia, em Artes, e Medicina, precedendo hum rigoroso exame, observandõ tudo a Constituiçã Vienense, e outras solemnidades costumadas nos taes actos. E tambem a faculdade de dispensar com trinta pessoas, poderem ter mais de hum Beneficio, ainda nas Sés Metropolitanas, ou ainda que fossem Curatos. Poder perdoar aos Clerigos os destertos, a que foraõ condemnados por causa de crimes commettidos; os destertos de Africa, a que tivessem sido condemnados pelos seu Bispo, commutandolhes em pena pecuniaria; crear algumas Commendas da Ordem de Christo, extinguindo outras em Igrejas Parochiaes, com consentimento delRey. E tambem o poder dar licença às Senhoras para entrarem nos Mosteiros das Religiofas, de qualquer Ordem que fossem, acompanhadas de tres Matronas, quatro vezes sómente no anno. E conceder licença de usarem dos ladicinios na Quaresma; de comer carne com licença do Medico, e Confessor nos dias prohibidos; e outras muitas graças, e indulgencias, que hoje se gozaõ pela

pela Bulla da Cruzada. Foy passada no Castello de Santo Angelo, quarto Idus Julii, anno 1527.

No anno antecedente de 1526 o nomeou El-Rey Prior mór do Mosteiro de S. Jorge de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, situado em pouca distancia da Cidade de Coimbra; achou a Igreja do Mosteiro ameaçando ruina, por ser muy antiga; logo mandou edificar outra de novo, que he a que hoje existe. Neste Mosteiro se conserva

Chron. dos Conegos Re-grantes, part. 2. liv. 8. cap. 15.

hum memoria da sua Legacia neste Reyno, no sino do Relogio da Igreja, que elle fundou, onde ao redor delle se lê: *Dom Martinho de Portugal, sendo Nuncio, e Embaixador do Papa Clemente VII. com pleno poder de Legado à Latere em toda Hespanha, mandou fazer este sino a 20 de Março de 1529. Quem mandou fazer esta memoria se enganou, dizendo com pleno poder de Legado à Latere em toda Hespanha; porque da Bulla mencionada se vê o que temos dito, que foy Legado à Latere para os Reynos de Portugal. No mesmo anno passou hum Breve ao Mosteiro de Nossa Senhora da Graça da Villa de Abrantes, então de Conegas de Santo Agostinho, em que o isentava da jurisdicção do Bispo da Guarda, de cuja Diocese he aquella Villa, e o poz na jurisdicção do Arcebispo de Lisboa; e depois com licença da Sé Apostolica, e del Rey, passou para a Ordem, e obediencia do Provincial de S. Domingos. Neste mesmo anno de 1529 por hum Breve passado em Almeirim a 22 de*

Sousa, Historia de S. Domingos, part. 3. pag. 138. Aguiar, Lusitan. tom. 1. pag. 105.

Tom. X.

Ooooo

Mar.

Março extinguiu huma Commenda, como refere o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa nas suas *Memorias dos Nuncios deste Reyno*. Com as do Nuncio Dom Martinho nos não adiantamos mais, que até o anno de 1530; porque no fim delle nomeou a Fr. Antonio de Lisboa, Religioso da Ordem de S. Jeronymo, para visitar o Mosteiro de Thomar da Ordem da Cavallaria de Christo; assim nos parece, que no anno de 1531 deu fim à sua Legacia, e no seguinte se voltou para Roma, donde foy recebido com tantas demonstrações de benevolencia do Papa, que augmentando-selhe a opiniaõ, se refere, que em humia oppressaõ, em que entaõ se vira o Papa, offerecera a D. Martinho de Portugal o bastaõ de General das Armas da Igreja, que elle cortezmente recusou, dizendo: não ser razãõ tirar aquella honra à Nobreza Romana, tantas vezes costumada a vencer os seus inimigos, e que para a sua lhe bastava a gloria de não aceitar taõ grande posto. Continuou algum tempo mais naquella Corte, sempre com huma magnifica Casa, numerosa, e luzida familia, em que mostrava a grandeza da pessoa, e brilhava a representaçaõ do caracter. E sendolhe ordenado a sua despedida, voltou para o Reyno, e lhe succedeo na Embaixada D. Henrique de Menezes, Senhor de Aveiras, Commendador da Azinhaça, e Idanha a Velha na Ordem de Christo, que foy Governador de Tangere, e da Casa do Civel, no anno de 1534, tendo já succedido na Cadeira de S. Pedro

Pedro o Papa Paulo III. Nestas missoens contrahio grande trato com muitos Principes, de que foy muy valido pela sua discriçaõ, e admiravel modo; de forte, que nada estimava tanto no trato das gentes, como a civilidade, e cortezia; e assim se escreve del-
le, que costumava dizer: *Que não havia no Mundo maiores onzoneiros, que os homens cortezes; porque a troco de hum barrete, e suas cortezias, ganhavaõ os corações dos homens, que eraõ as melhores joyas do tempo, quando eraõ bons.* Esta sentença, digna de estimação, se faz ainda mais memoravel na boca de D. Martinho, em quem o alto nascimento he o que temos referido, pelo propinquo parentesco com a Casa Real.

Torres, *Disse. Genal.*
da Casa de Bragança,
p. 59.

Restituido ao Reyno D. Martinho de Portugal, onde os seus grandes merecimentos o faziaõ digno das mayores Prelazias, e lugares do Reyno, vagando no seu tempo algumas, o seu mesmo merecimento lho encontrava; porque lhe faziaõ cargo de votar com liberdade nos Conselhos, e de que o seu procedimento era com grande isençaõ. Estas virtudes, voltadas por seus emulos na presença del-Rey D. Joaõ III. fizeraõ menos attendida para os accrescentamentos a pessoa de D. Martinho; porém ella era tal, que ainda se fazia benemerita, despida de tantas virtudes, que ElRey não deixava de co-
nhecer. Assim o vemos, porque erigindo à instan-
cia do mesmo Rey o Papa Paulo III. em Metro-
poli a Igreja do Funchal, pela Bulla, que principia:

Tom. X.

Ooooo ii

Ro.

Prova num. 49. *Romani Pontificis circumspectio previda, &c.* passada em Roma a 8 de Julho de 1539 no anno quinto do seu Pontificado, lhe assignou por Suffraganeos os Bispos de Angra, Cabo Verde, S. Thomé, e Goa na India Oriental, declarando a mesma Bulla, que a apresentação dos Benefícios pertencia à Ordem Militar de Christo, cuja Dignidade suprema já então era unida à dos nossos Reys, pela Bulla do Papa Adriano VI. passada a 19 de Março de 1522, que depois no anno de 1551 confirmou o Papa Julio III.

Nesta nova Metropoli, que continha o mais largo territorio, que sabemos tivesse outra alguma Igreja da Christandade; porque se compunha das Ilhas da Madeira, Porto Santo, e Desertas, as nove Ilhas dos Açores, as de Cabo Verde, a de S. Thomé, os Reynos de Congo, e Angola em Africa, os Estados do Brasil com todas as Conquistas da America Meridional, e toda a Costa de Africa, e de Guiné, o Castello de Arguim, e S. Jorge da Mina, e ultimamente todo o Estado, e Conquistas da India Oriental; destas dilatadas terras, que se occupão não menos, que nas quatro partes do Mundo, nomeou ElRey D. João III. por seu Prelado a D. Martinho; e sendo confirmado pelo Papa, se começou a intitular desta maneira: *Dom Martinho de Portugal por Diuina commiserção Arcebispo do Funchal, Primaz das Índias, e de todas as terras novas descobertas, e por descobrir, &c.*

Desta Igreja tornou possê por seus Procuradores

res

res no anno de 1538, e enviou logo à Ilha a Dom Antonio Brandaõ, Bispo de Rociona, para exercer as funções Episcopaes, e por elle remetteo o novo Prelado algumas Reliquias, que havia trazido de Roma, que se depositaraõ na Cathedral; e para Visitadores a Jordaõ Jorge, e Alvaro Dias, que supposto chegaraõ em tempo, em que a Cidade do Funchal ardia no terrivel mal da peste, se demoraraõ algum tempo na Villa de Machico até o primeiro de Mayo, em que milagrosamente cessou o contagio, por intercessaõ do Apostolo Santiago, seu Padroeiro; e tendo o Bispo cumprido com aquellas precisas obrigações da sua Dignidade, para que fora mandado à Ilha dentro de hum anno, se restituio ao Reyno; os Visitadores se demoraraõ mais tempo, para poderem concluir huma Visita geral por toda a Ilha; pelo que do povo se fizeraõ malquistos, pela aspereza do trato, que de ordinario sempre he inflexivel, e muito mais na reformaçaõ, que deve ser introduzida com brandura; acabada a sua commissaõ, embarcaraõ para o Reyno em huma caravella, e naufragando na Costa do Algarve, naõ escapou pessoa alguma.

Naõ foy o Arcebispo D. Martinho nunca à sua Igreja, ou por ser occupado na Corte, ainda que lhe naõ sabemos emprego publico, ou porque ElRey se servia delle particularmente; he certo, que por algum motivo politico deixou o Arcebispo de ir à sua Diocesi; porém com vigilante cuidado, prudencia,

dencia, e zelo attendia a todos os negocios, que lhe pertenciaõ, fazendo, que se administrasse a justiça, augmentando o seu Cabido, que estimou muito, em rendas, e honras; deulhe Constituições reguladas pelas dos Arcebispados do Reyno; ordenou, que os Officios Divinos se celebrassem com magnificencia, (o que ainda hoje se observa naquella Sé) que no tempo, em que no Coro se celebrava o Officio Divino, se não tangessem os sinos, para que não caufasse perturbação ao Coro. ElRey, quando o nomeou Arcebispo, augmentou as rendas da Mitra. A` sua instancia se accrescentaraõ quatro Capellaens de sobrepeliz, além dos da creação da Cathedral, para melhor serviço da Igreja, como consta de hum Alvará passado em Evora pelo mesmo Arcebispo a 7 de Agosto de 1545. Mandou, que se guardasse o dia de S. Martinho, o que só durou no seu tempo. Com estas, e outras obras, dignas de hum grande Prelado, deixou naquella Ilha taõ celebre memoria, que affirmão as antigas, que em tudo foy feliz a Ilha no seu tempo, como refere Henrique Henriques de Noronha, Academico Provincial, nas Memorias, que daquelle Bispado mandou à Academia Real, excellentemente ordenadas.

Vagando o Bispado do Algarve por a promoção de D. Manoel de Sousa ao Arcebispado da Primacial Igreja de Braga, foy nomeado o Arcebispo D. Martinho em Bispo deste Reyno, de que parece não chegou a ter a confirmação da Sé Apostolica;

ca; porque antes, que lhe chegassem as Bullas, morreo em Lisboa a 15 de Novembro do anno de 1547, tendo sido unico Arcebispo do Funchal; porque depois se transferio com o Primado do Oriente para a Sé de Goa, como já deixamos em outra parte escrito. Nos annos da sua mais florente idade, não sendo ainda Arcebispo, não foy tão cuidadoso, como devia, da pureza dos costumes; porque levado de hum paiaõ, e arrastado do amor, e fermosura, teve trato com D. Catharina de Sousa, filha bastarda de Jorge de Sousa, de quem teve os dous filhos seguintes:

14 D. ELISEO DE PORTUGAL, que seguiu a vida Ecclesiastica, e foy Clerigo; residio muito tempo em Roma, e foy Camereiro do Papa Pio IV. e voltando daquella Corte, morreo na de Madrid no anno de 1590.

* 14 D. CILICIA DE PORTUGAL casou com D. Rodrigo de Castro, de quem foy segunda mulher, era filho segundo de D. Rodrigo de Castro, a quem chamaraõ o *Hombrinhos*, Alcaide mór do Torraõ, Commendador de Cea, Capitaõ de Çafim, e de Dona Anna de Eça de Castro, filha de Estevaõ de Castro, de quem nasceo

* 15 D. MARIANNA DE PORTUGAL, que casou com Antonio Pereira de Berredo, Commendador de S. Joaõ da Castanheira, e de S. Gens de Arganil na Ordem de Christo, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, e da Praça de Tan-
ger,

ger, General da Armada de Portugal, a quem El-Rey D. Filippe II. mandou visitar todos os lugares da Costa de Africa, o que fez com admiravel diligencia, e tinha sido cativo na infeliz batalha de Alcaccer del Rey D. Sebastiaõ; era filho de Ambrosio Lopes, e de D. Maria Pereira, filha de Ruy Pereira, e de D. Cecilia Vieira, e neta de Gonçalo Vaz Pereira, e de D. Maria Correa, segunda neta de Vasco Pereira, e de Isabel de Miranda, terceira neta de Joaõ Alvares Pereira, filho de D. Alvaro Pereira III. Marichal do Reyno, Senhor de Santa Maria da Feira, e de D. Mecia Vasques, de quem teve

16 AMBROSIO PEREIRA DE BERREDO.

16 D. ELISEO DE PORTUGAL foy Clerigo, Conego na Santa Igreja Metropolitana de Lisboa, e teve muitos Beneficios.

16 RUY PEREIRA DE BERREDO, que passou à India, e morreo servindo naquelle Estado, sem geração.

16 D. CECILIA DE PORTUGAL casou com D. Francisco de Portugal, Commendador da Fronteira, como em seu lugar fica dito.

16 D. CATHARINA DE PORTUGAL casou com Miguel de Quadros e Tavora, Provedor das Lezírias, Vallas, e Paús de Riba-Tejo, e tiveraõ ANDRÉ DE QUADROS, que morreo em vida de seu pay, e ANTONIO PEREIRA DE QUADROS, que tambem morreo moço sem casar, e a D. LUIZA ANTONIA

NIA

NIA DE PORTUGAL, que succedeo na Casa de seu pay, e casou com D. Pedro de Almeida, Commendador de S. João de Trancofo, como atraz deixamos dito, e D. MARIANNA, e D. MARIA DE PORTUGAL, que ambas morrerão sem estado.

* 16 AMBROSIO PEREIRA DE BERREDO, foy Commendador de S. Mamede de Mogadouro na Ordem de Christo, e Almirante da Armada de Portugal, sendo seu pay General. Casou com D. Joanna de Menezes, filha de Henrique Correa da Sylva, Alcaide môr de Tavira, Commendador de Santiago de Penamacor na Ordem de Christo, Governador de Mazagaõ, e do Algarve, Vêdor da Fazenda delRey, e de D. Maria de Menezes sua mulher, filha de D. Antão de Almada, Capitão môr de Lisboa, e tiverão os filhos seguintes:

17 ANTONIO PEREIRA DE BERREDO, morreu moço em vida de seu pay.

* 17 HENRIQUE PEREIRA DE BERREDO.

* 17 BERNARDO PEREIRA DE BERREDO.

17 D. MARIA DE MENEZES morreu moça sem estado.

* 17 HENRIQUE PEREIRA DE BERREDO succedeo na Casa a seu pay. Casou com D. Maria de Menezes, filha de D. Francisco Lobo, e de Dona Ignez Manoel, e tiverão

* 18 AMBROSIO PEREIRA DE BERREDO.

18 D. FRANCISCO LOBO, que morreu servindo no Exercito de Alentejo.

Tom.X.

Ppppp

D.

18 D. IGNEZ MARIA DE MENEZES casou com D. Joseph de Almada, filho de D. Joaõ de Almada, e de D. Theresia Ximenes de Aragaõ sua mulher, de quem naõ tiveraõ successaõ.

* 16 AMBROSIO PEREIRA DE BERREDO, servio na guerra do anno de 1640, e foy Capitaõ de Infantaria, e de Cavallos na Provincia de Alentejo, e depois Governador da Ilha de S. Thomé. Casou com D. Maria Lobo da Sylveira, irmã de D. Angela da Sylveira, mulher do I. Conde das Galveas, de quem teve as duas filhas seguintes:

* 19 D. LUIZA CLARA DE MENEZES, que casou com Gomes Freire de Andrade.

* 19 D. VICENCIA JOANNA DE MENEZES, que casou com Bernardim Freire de Andrade.

19 D. LUIZA CLARA DE MENEZES, que foy sua herdeira, e casou no anno de 1679 com Gomes Freire de Andrade, que nasceu em Lisboa a 19 de Dezembro de 1636. Servio na guerra com reputação; foy valeroso, e bem instruido; occupou os postos de Capitaõ de Cavallos, Tenente General da Cavallaria, por Patente de 8 de Mayo de 1683, na qual se refere hum grande numero de serviços, que fez desde o anno de 1646; depois no de 1697 General da Artilharia do Reyno do Algarve, Governador, e Capitaõ General do Estado do Maranhão. Faleceo a 3 de Janeiro de 1702. A sua Vida escreveu o Padre Fr. Domingos Teixeira, que se imprimio no anno de 1727. Desta uniaõ teve os filhos seguintes: BER-

20 BERNARDIM FREIRE morreo de bexigas em Março de 1701, tendo seis annos de idade. — AMBROSIO PEREIRA, que morreo decinco. — AMBROSIO PEREIRA FREIRE, que seguindo as letras, largou aquella vida pela Militar.

20 MANOEL FREIRE DE ANDRADE E CASTRO nasceo no anno de 1697, herdeiro da Casa, e das virtudes de seu pay, foy Capitão de Cavallos, e he Sargento mór de hum Regimento da Cavallaria da Praça de Moura na Provincia de Alentejo; muy dado às bellas letras, e à Híistoria, brilhando especialmente nelle a prudencia, e a discrição, como se vê do Discurso, que fez, quando foy recebido no numero dos Socios da Academia Real da Híistoria, em que entrou a 10 de Dezembro de 1739.

20 D. JOANNA BERNARDA DE BERREDO DE CASTRO mulher de seu primo Manoel Freire de Andrade, Governador de Olivença. — D. MARIA DA COROA LOBO, — D. THERESA, — D. CLCILIA MARIA COUTINHO, — D. JOSEFA ISABEL, — D. IGNEZ, — e D. LEONOR DE MENEZES, todas Freiras no Mosteiro de Santa Cruz de Villa-Viçosa.

19 D. JOANNA VICENCIA DE MENEZES casou em 3 de Dezembro de 1681 com Bernardim Freire de Andrade, Capitão de Cavallos, e Mestre de Campo, que foy na guerra da Acclamação, Governador de S. Thomé, e de Peniche, e na guerra de 1704 Sargento mór de Batalha, e Governador de Portalegre, onde ficou prisioneiro, e suspeito de

Tcm. X. Pppp ii cul.

culpa, contra a qual se justificou, e se julgou haver procedido bem, por huma sentença publica. No anno de 1707 foy feito Governador da Artilharia do Exercito de Alentejo, e depois promovido ao posto de Mestre de Campo General, e do Conselho delRey por Carta especial. Faleceo em Novembro de 1714. Foy sepultado na Igreja da Trindade, na sepultura de feu tio Jacintho Freire de Andade; e d'elle matrimonio nasceraõ os filhos seguintes:

20 MANOEL FREIRE DE ANDRADE, com quem se continúa.

20 HENRIQUE LUIZ PEREIRA DE BERREDO servio na guerra, e foy Capitaõ de Cavallos, posto que teve na paz, sendo Ajudante das Ordens do General da Provincia da Estremadura o Marquez de Marialva, e ao presente he Governador da Capitania de Pernambuco. Casou com D. Maria de Brito, filha illegitima, e herdeira de Pedro Machado de Brito, General de Batalha; ella faleceo sem deixar successão.

20 JACINTHO FREIRE, Religioso da Ordem de S. Bernardo, faleceo em 1711; chamou-se em secular André Freire.

20 GOMES FREIRE DE ANDRADE, foy Capitaõ de Cavallos na Provincia do Alentejo; e Sargento mór do Regimento da Cavallaria de Alcantara da Guarnição da Corte; e em Abril de 1733 nomeado Governador do Rio de Janeiro, de que fez homenagem a ElRey em 9 de Mayo do dito anno,

no, e depois nomeado Governador, e Capitão General, e tem o governo geral das Minas, Rio de Janeiro, Rio de S. Pedro, Nova Colonia, e se lhe deu o posto de General de Batalha.

20 ANTONIO PEREIRA DE BERREDO, Capitão de Cavallos na Provincia de Alentejo, e de prodigiosas forças. — LUIZ FREIRE DE ANDRADE, foy Collegial da Purificação de Evora, e vive em Alentejo. — JOÃO DE ANDRADE, Religioso da Ordem de S. Paulo, primeiro Eremita. — JOSEPH ANTONIO FREIRE. — FRANCISCO FREIRE. — D. MARIA MARGARIDA, — e D. MARIA DE PORTUGAL, Freiras em Villa-Viçosa.

* 20 MANOEL FREIRE DE ANDRADE succedeo na Casa de seu pay; servio na guerra, e foy Coronel de hum Regimento do Reyno do Algarve, depois de Peniche com o governo da Praça; ao presente he Governador de Olivença neste anno de 1743. Casou com sua prima com irmãa por pay, e mãy, D. Joanna Bernarda Pereira de Berredo, filha de seus tios Gomes Freire, e D. Luiza Clara de Menezes, de quem tem unica

21 D. LUIZA RITA DE MENEZES, que nasceu no anno de 1705.

* 17 BERNARDO PEREIRA DE BERREDO, si ho terceiro de Ambrosio Pereira de Berredo, e de D. Joanna de Menezes sua mulher, foy Commendador de S. Mamede do Mogadouro na Ordem de Christo, e Governador de Portalegre. Casou com D.

Cet! ..

Catharina Francisca de Avalos, Dama da Duqueza de Bragança naquelle tempo, (e depois Rainha de Portugal) e filha de D. Nicolao de Sottomayor, e de D. Catharina de Avalos, Dóna de Honor da mesma Princeza; e tiverão as tres filhas seguintes:

18 D. JOANNA MARIA DE MENEZES casou com Pedro Machado de Brito, que tendo servido na guerra do anno de 1640 com o posto de Capitão de Cavallos, depois na do anno de 1704 foy Commissario, Tenente General da Cavallaria, Brigadeiro, e ultimamente General de Batalha, Commendador da Commenda de S. Verissimo de Lagares na Ordem de Christo; morreo em Setembro de 1719 na sua Quinta de Cintra. Era filho de Francisco Machado de Brito, Thesoureiro da Casa da India, e de D. Antonia de Andrade sua mulher, filha herdeira de Francisco de Andrade Leitaõ, Desembargador do Paço, Embaixador, e Plenipotenciario del-Rey D. Joaõ IV. à Dieta de Munster, e não tiverão successão.

18 D. MARIA MAGDALENA DE MENEZES casou duas vezes, a primeira com Jacintho Borges de Carvalho, Capitão mór da Torre de Moncorvo, e a sua successão não chegou à nossa noticia; por sua morte, casou segunda vez com o Doutor Paulo Carneiro de Araujo, que foy Collegial do Collegio Real de S. Paulo; e depois de ter servido diversos lugares, foy Procurador da Fazenda Real, e do Conselho de Sua Magestade, e da sua Fazenda,

da , Chanceller da Casa da Supplicação , e Deputado da Junta do Tabaco: morreo a 30 de Agostto de 1703 ; e deste matrimonio não teve mais que hum menina , que morreo de tenra idade.

* 18 D. MARIA EUGENIA DE PORTUGAL casou na Villa de Moura com Antonio Pereira de Lacerda , Capitaõ de Cavallos , e depois Governador de S. Thomé , e ultimamente de Béja , irmão do Cardeal Joseph Pereira de Lacerda , que nasceu a 9 de Mayo de 1661 ; estudou na Universidade de Coimbra , onde se laureou Doutor em Canones , sendo algum tempo oppositor às Cadeiras da mesma faculdade ; seguiu o serviço do Santo Officio , e foy Deputado de Evora , de que tomou posse a 10 de Dezembro de 1691 ; depois Inquisidor da dita Inquisição , em que entrou a 2 de Setembro de 1698 ; e largando este lugar , foy Prior da Igreja de S. Lourenço de Lisboa , em que succedeo ao Cardeal Patriarca ; e no anno de 1709 nomeado Prior mór da Ordem de Santiago da Espada , de que tomou posse a 4 de Novembro do dito anno ; deste lugar foy promovido para Bispo do Reyno do Algarve por nomeação de 11 de Novembro de 1715. O Papa Clemente XI. por nomina delRey o creou Cardeal a 19 de Novembro de 1719 ; e no anno de 1721 foy feito do Conselho de Estado ; neste mesmo anno passou a Roma , sendo chamado para o Conclave , e quando chëgou , achou já na Cadeira de S. Pedro ao Papa Innocencio XIII. que lhe deu o titulo de Santa

Santa Susana, occupando-o nas Congregações do Concilio, Immunidade, Indice, Indulgencias, e Sagradas Reliquias; aqui brilhou a sua grande litteratura, em excellentes votos, que eiecreveo; e pela morte do Papa, assistio no Conclave, em que foy eleito o Papa Benedicto XIII. sendo seu Conclavista o Doutor Joáo Alvares da Costa, entáo Defembargador da Casa da Supplicação, depois dos Aggravos, do Conselho de Sua Magestade, Defembargador do Paço, e Procurador da sua Coroa, em quem concorrem grandes partes; porque sobre ser hum dos mayores Jurisconsultos do seu tempo, se adorna de huma larga, e vassa erudição. No anno de 1728 voitou de Roma, entrou em Elvas a 14 de Novembro, e depois de estar algum tempo em a Corte, passou a residir no seu Bispado, onde faleceo na Cidade de Faro a 29 de Setembro de 1738. Foy Varaõ de grandes letras, erudito, discreto, eloquente, com muita viveza, e promptidão, generoso, com grande acolhimento, e urbanidade no trato, e outras virtudes, que faráo recommendavel o seu nome, naõ só em Portugal, mas em Roma, donde a sua litteratura foy estimada, e applaudida; foy hum dos Socios da Academia dos Arcades com o nome de *Retinio*; e eraõ filhos de Francisco Pereira de Lacerda, e de D. Antonia de Brito sua mulher: do matrimonio de seu irmão nasceraõ os filhos seguintes:

* 19 FRANCISCO PEREIRA DE LACERDA.

BER.

19 BERNARDO PEREIRA DE BERREDO, que servio na guerra, e foy Coronel dehum Regimento de Infantaria; depois Governador, e Capitaõ General do Maranhão, e o he da Praça de Mazagão.

19 D. CATHARINA ROSA morreo menina.

19 D. ANTONIA MARIA DE MENEZES, Freira no Mosteiro de S. Bento de Evora da Ordem de Cister.

* 19 FRANCISCO PEREIRA DE LACERDA, servio na guerra, e foy Capitaõ de Cavallos, e Commissario Geral da Cavallaria, e he Governador da Praça de Estremoz.

Casou duas vezes, a primeira com sua prima Dona Luiza Concordia de Lacerda, filha de Luiz Pereira de Lacerda, de quem teve

20 ANTONIO VERISSIMO PEREIRA DE LACERDA nasceu aos 11 de Outubro de 1714, e he Capitaõ de Infantaria no Algarve.

20 D. LUIZA LEONOR DE PORTUGAL nasceu a 21 de Mayo de 1716.

Casou segunda vez com D. Marianna de Faro no anno de 1720, viuva de Caetano de Mello de Castro, Vice-Rey da India, &c. filha dos II. Condes da Ilha, como fica dito, de quem até o presente não tem successão.

F I M.

TOM. X.

Qqqq

TA.

PORTUGAL.

XI

Im Affonso de Sousa,
ve, e alguns dizem,

XII

Filippa

XIII

gol, Arcebispo do Funchal, Primaz da India, eleito Bispo de Evora, * no anno de 1547. Teve de
a D. Elieú de Portugal, Camereiro Secreto do Papa Pio IV. e Gregorio XIII. * em 1590; e a D.
que foy segunda mulher de D. Diogo de Caltra.

... a Castella. Commendador do Vimiofo na Ordem de Christo. Casou

INDEX

DOS NOMES PROPRIOS, APPELLIDOS;
e coufas notaveis.

O numero denota a pagina.

A

D *Om Affonso*, (O Senhor) Duque de Bragança, com quem casou, 202.

D. Affonso, (O Senhor) Marquez de Valença, Conde de Ourem, 515, 905. De quem era filho, 516. He incerto o dia do seu nascimento, ibid. Mercês, que lhe fez ElRey D. Duarte, 518. He nomeado Embaixador ao Concilio Gieral, 519. Chega a Bolonha, 521. Como foy recebido, 522. Sahe da Cunha, 524. Consegue dispensa, para os Cavalheiros das Ordens poderem casar, 525. Outra, para os Reys de Portugal poderem ungi-se, ibid. E a Bulla da Cruzada, ibid. Foy Embaixador ao Imperador Sigismundo, 526. E a que negocios, 527. Entra na posse dos bens de D. Affonso, Senhor de Cáceres, e o motivo, 528. Pertende ser Condestavel de Portugal, 528. He nomeado Conduçtor da Infanta D. Leonor, Emperatriz de Alemanha, a Italia, 529. Quando foy creado Marquez de Valença, ibid. Acha-se nas Cortes de 1455. Que filhos teve, 531. Seu elogio, ibid. Onde jaz, ibid. Seu Epitaphio, 532.

D. Affonso Diogo Lopes de Zuniga e

Sottomayor, VIII. Duque de Bejar, seu casamento, e successão, 58, e seg.

D. Affonso de Menezes e Magalhães, Senhor da Ponte da Barca, com quem casou, 840.

D. Affonso de Noronha, foy nomeado Vice-Rey da India, e com quem casou, 646.

D. Affonso de Portugal, I. Marquez de Aguiar, com quem casou, 229.

D. Affonso de Portugal, Bispo de Evora, pertençação que teve à Casa de Bragança, e com que fundamento, 533. Obras, que escreveu, 534. Onde jaz, e seu Epitaphio, 536. Que filhos teve, e em quem, 538. De quem foy filho, 505.

D. Affonso de Portugal, II. Conde de Vimioso, quando nasceu, 688. Acompanha o Infante D. Luiz na empresa de Tunes, 689. Estimacão, que delle fez o Imperador Carlos V. ibid. Com quem tratou o seu casamento, 690, 705. He nomeado para acompanhar a Infanta D. Maria a Castella, e o Conde se euseia, e porque, 693. E depois o acceita, 694. Agradece-lho a Rainha D. Catharina, e de que sorte, 695. Certidão, que pede à Rainha, e sobre que, 696. Acha-se nas Cortes de 1562, 698. Mercês, que lhe fez ElRey, ibid. Mandada

da ElRey tirar residência dos Ministros da Fazenda, e o Conde se escandaliza, 699. Satisfação, que lhe dá ElRey por escrito, *ibid.*, e seg. Aconpanha a ElRey D. Sebastião à Africa, 701. Leva consigo tres filhas seus, e *quæ*, *ibid.* O que delle diz Jernonymo Franchi Conettagio, *ibid.*, e seg. Quando faleceo, e aonde, 701. Seu elogio, *ibid.*, e seg. Sua successão, 708.

D. Affonso de Portugal, IV. Conde de Vimioio, quando nasceo, 745. Requerimento, que fez a ElRey Philippe III. sobre negocios da sua Casa, 746. Com quem casou, *ibid.*, e 757. Achou-se nas Cortes de 1619, 748. Passa à Corte de Madrid, e a que fim, *ibid.* Foy à Bahia na Armada contra os Hollandezes, 748. Torna ao Reyno, 749. Auxilia as atirações de Evora na imposição de certo tributo, 750. O que obrou na Acclamação do Rey D. João IV. 750, e seg. He nomeado Capitão General da todo o Reyno, 751. He despedido deste emprego, 754. Communicalhe o Arcebispo D. Sebastião da Matros de Noronha huma Conspiração, que intentava contra a Patria, 755. Como se houve o Conde, 756. Da conta a ElRey, *ibid.* He creado Marquez de Aguiar, *ibid.* Quando faleceo, e onde jaz, 757. Sua successão, 759.

D. Agostinho Homem Dri, Marquez de Villa-Nova del Ariscal, quantas vezes casou, e com quem, 479. Sua successão, *ibid.*

Aguiar (Marquês de) D. Affonso de Portugal, 745.

Aguiar (Xl. Conde de) D. Frigido da Cruz Manrique, &c. Que titulos teve, com quem casou, e sua successão, 102.

Albergaria (Catharina Dias de) filha

de Diogo Soares de Albergaria, com quem casou, 201.

Albuquerque. Fidalgo desta Appellido, e seus casamentos, 772.

Alcalá de la Alameda (Marquês de) D. Filipe de Guzmán, e Aragoão, com quem casou, 165. Motivo porque se annullou aquelle matrimonio, *ibid.*

Alcalá (III. Duque de) D. Fernando Henriques de Ribera, com quem casou, 210.

Alcagosa (D. Maria de) filha de Pedro de Alcagosa Carneiro, com quem casou, 181.

Alcasiabás (Maria Gonçalves) com quem casou, e quem foram seus ascendentes, 201.

D. Aldonça Cabral, de quem foy filha, e com quem casou, 172.

D. Aldonça Portocarrero, filha de Diogo de la Balthia, seu casamento, e successão, 165.

Aleixo de Sousa de Alencarz, Apotecador mór, seu casamento, e successão, 194.

Aleixo de Sousa da Sylva II. Conde de Santiago, seu casamento, e successão, 196.

Alfaiates (Alcides mór de) 592.

Almeida (D. Garcia de) quem foy, e com quem casou, 116, e seg. D. Leonor, filha da D. Francisco de Almeida, com quem casou, 158, e 172. A sua Arvore 177. *D. Francisco*, Vice-Rey da India, 171. Fortalezas que fundou, 171. Acções, qua obrou no seu Governo, *ibid.* Seu Epitaphio, 174. Com quem casou, 175. Quem foram seus ascendentes, 177.

Almotarés mór, 160, 161, &c.

Almonda (Marquês de) D. Francisco Centurion de Cordova, &c. quando casou, e com quem, 71.

D. Alvaro de Sotomayor, IV. Conde de Estalgar, de quem era filho, e com

e com quem casou, 47. A sua successão, 50. Achou-se nas Cortes de Toledo, 49.

Alamira (VII. Conde de) D. Luiz Moscoso Oforio, em quem casou, 84. *D. Antão Gaspar Oforio* VIII. Conde de Alamira, em quem casou, 112. Mais Condes de Alamira, 223, e 265.

Alva (VIII. Duque de) D. Antonio Alvares de Toledo, com quem casou, 110.

Alva de Liste (XI. Conde de) D. Francisco Miguel Hieriques de Guimão, com quem casou, 80.

Alvaro (O Senhor D.) de quem era filho, 1. Famílias, que delle descendem, 2. He incerto o dia do seu nascimento, 4. He louvado, *ibid.* Duasão que lhe fez o Duque seu pay, 5. Com que conscições, *ibid.* Acompanhou a ElRey D. Afonso V. nas perturbações de Castella, 6. Foy escolhido por Ministro entre os que se nomearão para accommodar o litigio, 7. Valor, com que se tornou na batalha de Toro, e merces, que por isso lhe fez ElRey, *ibid.* e seg. Foy Chancellor mór do Reyno, e em que tempo, *ibid.* Clausula especial, com que se lhe passou a Carta, 8. Foy Regedor da Casa da Supplicação, 9. Que terras teve, *ibid.* e 10. Acompanha a ElRey a França, 11. Que dosção lhe fez o Duque D. Fernando, 11. Com quem casou, 15, 41. Com que condições, 16, e seg. Acha-se nas Terceiras com a Infanta D. Brises, 18. Achou-se nas Cortes de Evora, que convocou ElRey Dom João II. e o que nellas obteve, 18. Eltrahia ao Condestavel seu irmão a rebocação, em que estava, 20. Falla a ElRey em nome e em descontentes, 20. Trahe ElRey Dom João II. o officio do

Chancellor, 21. Manda-o ElRey sair do Reyno, 22. Seguralhe livres todas as retas dos seus Estados em qualquer parte, que se achasse, 23. Parte para França, *ibid.* Certificalle ElRey todas as suas fazendas, e com que motivo, 23, 24. Condeella depois ElRey não ahar culpa em Dom Alvaro, 24. Como he tratado dos Reys Catholicos, 26. Porque lhe chamavaõ o Senhor D. Alvaro, 27. Que lugares, e Estados teve em Castella, 28. Da ElRey licença a sua mulher, para ir para onde elle estava, *ibid.* Achou-se na Conquista de Granada, 29. Volta para Portugal, e em que tempo, 31. Merces, que lhe fez ElRey D. Manoel, *ibid.* e seg. Manda-o o mesmo Rey a Castella a tratar o seu casamento, 32. Conclue o casamento, *ibid.* Volta a Portugal, *ibid.* Toma a Castella, e evita as demoras, que retardavaõ o casamento, 34. Acha-se na Triflidação do corpo delRey D. João II. 35. Recebe-se com ElRey D. Manoel por procuração da Infanta, 36. Toma para Castella, 37. Quando se foi, *ibid.* Onde se foi, 38. Funda o Convento de S. João Evangelista, *ibid.* Particular graça, concedida à sua Casa de terem nomeados na Colheita da M. 16, *ibid.* Seu caracter, 40. Que filhos teve, 42.

D. Alvaro de Portugal, II. Conde de Gelves, com quem casou, 456. Sua successão, 457.

D. Alvaro Jacinto Colon a Portugal, V. Duque de Vengosa, 467. Empregos, que occupou, *ibid.* Foy General da Armada em Flandes, 468. Quando casou, e com quem, 469. Sua successão, 470.

D. Alvaro de Alencar, Senal or de Alfoaytes, seu casamento, e successão, 522.

D. Al.

- D. Alvaro de Noronha*, filho dos III. Condes de Valladares, com quem casou, 661.
- D. Alvaro Pires de Castro*, VI. Conde de Monsanto, e I. Marquez de Cistaces, com quem casou, 793.
- D. Alvaro de Portugal*, deisgra de que faleceu, 799. Com quem casou, *ibid.* Sua successão, 801.
- D. Alvaro da Sylveira*, com quem casou, 840, e 862. Sua successão, *ibid.*
- Alvor* (I. Conde de) Francisco de Tavora, com quem casou, 628.
- Amaleo V.* foy levantado Antipapa, e em que tempo, 521.
- Amadeo VIII.* primeiro Duque de Saboya, abdicando de si o governo passou a fazer vida Eremitica, e porque, 521.
- Ambrosio Pereira de Berredo*, Comendador de S. Mamede do Magadouro, seu casamento, e successão, 896.
- Ambrosio Pereira de Berredo*, filho de Henrique Pereira de Berredo, seu casamento, e successão, 896.
- Andrade* (A Condessa D. Theresa de) quem foram seus ascendentes, e com quem casou, 223. D. Theresa de Andrade III. Condessa de Alcamira, *ibid.* Dom Fernando de Andrade, Diogo de Andrade, Fernando Peres de Andrade, seus casamentos, *ibid.*
- André de Carvalho*, casou com D. Francisca Damiana de Tavora, 641.
- Andrea de Gusmão*, de quem era filha, e com quem casou, 57.
- D. Angela Joanna de Mello*, filha de Diogo Correa de Sá III. Visconde de Alícea, com quem casou, 613.
- D. Angela de Mello*, filha de D. Diogo de Almeida, com quem casou, 628.
- D. Angela Maria de Portugal*, filha de D. Luiz de Almeida, com quem casou, 825.
- Angeja* (Marquezes de) 653, 660, e 662.
- D. Anna de Mendça*, de quem era filha, e com quem casou, 58.
- D. Anna Maria Alencada de Aragão*, filha do VI. Duque de Montano, com quem casou, 231.
- D. Anna Pio de Saboya*, com quem casou, 234.
- D. Anna de Lorana*, V. Condessa de S. João, de quem he filha, 348.
- D. Anna de Lorena*, mulher de Dom Rodrigo de Mello, de quem he filha, 384. Quando casou, 383.
- Virtudes de que he ornada, 389.
- A ins Arvore, 391.
- D. Anna de la Rocha Calderon Oro*, de quem he filha, e com quem casou, 418.
- D. Anna de Ataide*, filha dos II. Condes da Calzanheira, com quem casou, 561.
- D. Anna Maria Coutinho*, filha dos II. Marquezes de Calces, com quem casou, 581.
- D. Anna Xavier de Ribem*, filha dos II. Condes da Ribeira Grande, com quem casou, 586.
- D. Anna Catharina de Menezes*, filha dos II. Condes de Santiago, com quem casou, 598.
- D. Anna de Vilhena*, filha de D. Bernardino de Menezes, com quem casou, 616.
- D. Anna Francisca de Portugal*, filha de Dom Diogo de Portugal, com quem casou, 508.
- D. Anna de Mello da Sylva*, VI. Condessa de S. Lourenço, com quem casou, 661.
- D. Anna Theresa de Mafoso*, filha de Ayres de Saldanha, com quem casou, 675.
- D. Anna da Sylveira*, a mulher de Diogo Botelho, 700. *ibid.* *ibid.* 107

- foy cõsterrado, e perove, 707.
- D. Anna Francisca de Toledo*, filha de Dom Antonio de Castro, com quem casou, 825.
- D. Anna de Lima*, filha do III. Conde de Avintes, com quem casou, 854, e 862. Depois de viuva lhe concedeu ElRey o titulo de Condessa, sem embargo de casar segunda vez, *ibid.*
- D. Anna Maria de Noronha*, filha de Luiz de Souza de Menezes, com quem casou, 875.
- D. Antão Martins de Góes*, Bispo do Porto, e depois Cardeal, 510.
- D. Antão de Almeida*, Senhor de Pombalinho, seu casamento, e successão, 614.
- Antella* (Baroneza de) *D. Antonia Portocarrero*, de quem era filha, e com quem casou, 115. Motivo, porque se annullou o seu matrimonio, *ibid.* Com quem casou segunda vez, *ibid.*
- D. Antonio de Gusmão e Zúñiga*, V. Marquez de Ayamonte, com quem casou, 61. De que foy morreo, *ibid.* *D. Manoel Luiz de Gusmão VII. Marquez de Ayamonte*, 110.
- Antonio Pereira de Lacerda*, Governador de Pêja, com quem casou, 901. Sua successão, 902.
- D. Antonio de Ataide*, II. Conde da Caltanheira, seu casamento, e successão, 560.
- Antonio João Joseph Joaquim de Saldanha*, filho de Ayres de Saldanha, com quem casou, 473.
- Antonio de Mello de Torres*, III. Conde da Ponte, com quem casou, 581.
- Antonio Luiz Continho*, Almoace-mor, com quem casou, 603. Sua successão, 604.
- Antonio de Eça de Castro*, seu casamento, e successão, 636.
- Antonio de Sousa de Alacado*, Barão da Ilha Grande, seu casamento, e successão, 639.
- Antonio Pereira Pinto de Eça*, com quem casou, 641.
- D. Antonio de Noronha*, XII. Senhor, e I. Conde de Villa-Verde, seu casamento, e successão, 650.
- D. Antonio de Noronha*, II. Marquez de Aogreja, seu casamento, e successão, 660. Quando faleceu, *ibid.*
- Antonio de Mello de Castro*, com quem casou, 675.
- D. Antonio* (O Senhor) Prior do Crato, oppondo-se ao Duque de Alva pretendendo senhoresar Lisboa, 721. Nomea seu Condellavel a D. Francisco de Portugal, *ibid.* Acomette aos Castelhanos, e infeliz successão, que teve, *ibid.* Manda a D. Francisco de Portugal a França pedir soccorros, 722. Foge para França, *ibid.* Eahi se encontra com D. Francisco, 723. Parte com huma Armada para as Ilhas Terceiras, 725. Encontra-se com outra Heilpanhola, e successo daquelle combate, *ibid.*, e seg.
- D. Antonio da Sylveira*, seu valor, e cordancia na defesa da Fortaleza de Dio, 691.
- D. Antonio Joseph de Mello Hanum*, com quem casou, 822, 858, e 859. Sua successão, *ibid.*
- D. Antonio de Almeida*, filho de D. Luiz de Almeida, seu casamento, e successão, 824. Desgraçada morte, que teve, 833.
- Antonio Pinto Coelho*, Senhor de Filgueiras, com quem casou, 834, 873. Sua successão, *ibid.*
- D. Antonio de Almeida*, II. Conde de Avintes, seu casamento, e successão, 839.
- D. Antonio de Almeida*, II. Conde do Lavradio, com quem casou, e sua descendencia, 854, e seg.
- D. Antonio Henriques*, VIII. Senhor das

- das Alcapovas, seu casamento, e
sucesso, 856, e seg.
- Antonio de Mello de Castro*, III. Con-
de das Galveas, com quem casou,
861.
- Antonio de Miranda*, Senhor de Ca-
rapito, seu casamento, e successo,
862, e seg.
- D. Antonio da Sylveira de Albuquerque*
que Mexia, com quem casou,
864.
- Antonio Joseph de Mello de Castro*,
seu casamento, 869.
- Antonio Telles de Menezes*, com quem
casou, 873.
- Antonio Luiz Vaz Pinto Pereira*, com
quem casou, 875. Sua successão,
876. Outro, 874.
- Antonio Guedes Pereira*, Secretario de
Estado, 879. Gyrou a Europa, e
em que Cortes esteve, 880. Foy
Enviado à Corte de Madrid, ibid.
O que nella obrou, ibid. Vultu pa-
ra Lubos, e em que tempo, 882.
Honras, que recebeu dos Reys Ca-
tholicos, ibid.
- Antonio Pereira de Berredo*, filho de
Ambrosio Lopes, seu casamento,
e successo, 893, e seg.
- D. Antonia de Vilhena*, filha dos I.
Condes de Miranda, com quem
casou, 432. A sua Arvore, 435.
- D. Antonia Nivio Henriques*, filha dos
II. Condes de Villa Umbrosa, com
quem casou, 437.
- D. Antonia Maria de Rohan*, Con-
desa de Soure, seu casamento,
588.
- T. Antonia da Sylva*, filha de D. An-
tão de Almada, com quem casou,
609, 612.
- D. Antonia Henriques*, filha de Dom
Jorge Henriques, com quem casou,
630, 856.
- D. Antonia de Sousa*, filha de Diogo
de Sousa, com quem casou, 641.
- D. Antonia de Rohan*, filha dos II.
Condes da Ribeira, com quem ca-
sou, 672.
- D. Antonia de Bulhão*, de quem era
filha, 775.
- D. Antonia de Aiaide*, filha dos II.
Condes da Caltanheira, com quem
casou, 796.
- D. Antonia de Borbon*, filha dos III.
Condes de Avintes, com quem ca-
sou, 840.
- D. Antonia Josefa Cattana da Syl-
veira*, filha de Martim Teixeira
Coelho, com quem casou, 876.
- Aposentadores mores*, 593, e seg.
- Aquartados de Aragão* (L. Domingos)
XVII. Duque de Atiri, seu cala-
mento, 235.
- Aragão* (D. Manuela de Toledo Mon-
cada e) de quem era filha, e com
quem casou, 61. D. Francisca de
Aragão, Duquesa de Arcos, de
quem era filha, e seu casamento,
76.
- Armada*, a que foy à Conquista de
Azamor, 148, e seg. Que Fidal-
gos foram nella, 149, e seg. Co-
mo se houverão no combate, 151,
e seg. Numero dos que nelle se per-
derão, e quem foram, 153.
- Arzila*, o que nella obrarão D. João
de Menezes, e D. Vasco Coutinho,
Conde de Borba, 155.
- D. Archangela Maria Portugal*, filha
de D. Pedro de Noronha, VII. Sen-
hor de Villa-Verde, com quem
casou, 646.
- Arcos* (Duques de) D. Rodrigo Pon-
ce de Leon, III. Duque de Arcos,
com quem casou, e que filhos te-
ve, 73. D. Rodrigo, IV. Duque
de Arcos, seu casamento, e suc-
cesso, 76. Motivo, que lhe origi-
nou a morte, 75. D. Francisco, V.
Duque de Arcos, quantas vezes ca-
sou, 76. D. Manoel, VI. Duque
de Arcos, com quem casou, 78.
- Atira* (Marquizes de) D. Francis-
co

co Palafox, com quem casou, 71.
Sua succellão, 72. D. João de Palafox, V. Marquez de Ariza, seu casamento, e succellão, *ibid.*
Astorga (XI. Marqueza de) D. Anna de Avila Olorio, com quem casou, e sua succellão, 110. D. Belchior de Guisado, XII. Marquez de Astorga, que titulos teve, com quem casou, e sua succellão, 112. D. Anna de Guisado, XIII. Marqueza de Astorga, com quem casou, *ibid.*
Alella (I. Visconde de) Marim Correa de Sá, seu casamento, e succellão, 618. Quando foy creado Visconde, 629. Diogo Correa de Sá, III. Visconde de Alella, 631.
Assumar (Condes de) D. Francisco de Mello, I. Conde de Assumar, 429. D. Pedro de Almeida, 808. D. João de Almeida, 810. D. Pedro de Almeida, III. Conde de Assumar, 816.
Ataide. Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 741.
Atouguia. Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 761.
Atrisco (III. Duquesa de) D. Bernarda Sarmiento, &c. de quem he filha, e com quem casou, 111.
Ataleya (Condes de) D. Luiz Manoel de Tavora, 584. D. João Manoel, 588. D. Pedro Manoel, 591.
Aubeipine (Maldalena de) Claudio de Aubeipine, seus casamentos, 353.
Aveiras (Condes de) Luiz da Silva Teilo, II. Conde de Aveiras, com quem casou, 793. João da Silva Teilo, III. Conde de Aveiras, com quem casou, 606. D. Du rre Rodrigo da Camera, V. Conde de Aveiras, 586. Francisco da Silva Teilo e Menezes, VI. Conde de Aveiras, 576, 586.
Avintes (Condes de) D. Antonio de

Almeida, I. Conde de Avintes, 836; D. Antonio de Almeida, II. Conde de Avintes, 839. D. Luiz de Almeida, III. Conde de Avintes, 842.
Ayres Gomes da Sylva, III. Senhor de Vagos, seu casamento, e succellão, 45.
Ayamonte (Marquezes de) 64, e seg.
Ayala. Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 491.
Azanor. Armada, que foy à sua conquista, 148, e seg. Fidalgos, que foram nella, 149. Como se houvezão no combate, e o que nelle succedeo, 151, e seg.
Azambuja. (Senhores de) Anniguida de desta familia, 225.

B

Dom Balthasar de Zuniga Gusmao, &c. de quem era filho, 60. Por não ficar delle succellão, lhe succedeo nos seus Estados D. Francisco Pimentel, e Zuniga, 60.
D. Barbara de Lara, filha dos II. Marquezes de Calcaes, com quem casou, 575.
D. Barbara Maria Xavier da Gama, filha dos IV. Marquezes de Niza, com quem está ajuntado o seu casamento, 576, 586.
D. Barbara de Sequeira, mulher de Francisco Pinto da Cunha, 877.
Baroche (D. Jorge de Menezes) por que se chamou assim, 641.
Barraltes (D. Constança de) com quem casou, e de quem he filha, 100.
Batiles (Marquezes de) 67.
Bazan (D. Pedro Artal &c.) Marquez de Santa Cruz del Vizo, com quem casou, e que filhos tem, 20.
Bejar (Duque de) D. João Manoel

Tom. X.

Risev

Lujes

- Lopes de Zuniga, com quem casou, 82.
- Benavides* (D. Rosa de) de quem era filha, e com quem casou, 84. D. Angela Carniho de Benavides, com quem casou, 84. D. Victoria de Toledo Benavides, com quem casou, ibid.
- Benavides*. Condes de Santo Estevão, 499.
- Benavente* (IX. Conde de) D. Antonio Affonso Pimentel, que empregou teve, e com quem casou, 84. Sua successão, 84. D. João Affonso Pimentel, X. Conde de *Benavente*, quantas vezes casou, e com quem, 89. Que filhos teve, 90. D. Antonio Affonso Pimentel, XI. Conde de *Benavente*, quantas vezes casou, e com quem, 96. D. Francisco Antonio Calimero, &c. XII. Conde de *Benavente*, que titulos teve, quantas vezes casou, e com quem 97. Sua successão, 98. D. Manoela Pimentel, com quem casou, 99. D. Antonio Francisco Pimentel, &c. XIII. Conde de *Benavente*, &c. que titulos teve, quantas vezes casou, com quem, e sua successão, 99, e seg. D. Theresa Pimentel, filha dos XI. Condes de *Benavente*, com quem casou, e quantas vezes, 101. Sua successão, 102, e 105. D. Antonia Pimentel, filha dos mesmos Condes, com quem casou, 124.
- Bernardo de Almada*, Senhor de Ilhavo, com quem casou, 818.
- Bernardo Joseph Teixeira*, XVI. Senhor de Teixeira, com quem casou, e sua successão, 875.
- Bernardo Pereira de Berredo*, filho de Ambrosio Pereira de Berredo, seu casamento, e successão, 869, e seg.
- Bernardo de Tavora* II. Conde de Alvor, com quem casou, 108.
- Bernardo de Vasconcellos e Sousa*, com quem casou, 619.
- Bernardino de Sousa Tavares*, com quem casou, 603.
- D. *Bernarda Gabriela de Filhena e Sousa*, filha de Rodrigo de Sousa, da Silva, com quem casou, 836.
- D. *Bernardina Visentelo*, III. Condessa de Gelves, de quem era filha, 463.
- Bernardim Freire de Andrade*, com quem casou, 806, 897. Sua successão, 898. Onde seg. ibid.
- Beorges* (A. Marquesa Filippa de) Carlos de Beorges, Mon. de Beorges, seus testamentos, 131.
- Bispo Santo*, foy chamado por antonomasia, D. João de Portugal, Bispo de Viseu, 709.
- Borja* (Conde de) D. Vasco Coutinho, avulta-se em Tangere com D. João de Meneses, e para que fim, 154. Mette-se em Arzila para a defender del Rey de Fez, ibid. Valor, com que se houve na sua defenia, 155.
- Borja* (D. Francisco de) Arcebispo de Burgos, Cardeal da Santa Igreja de Roma, de quem era filho, e que empregos occupou, 79. D. Carlos de Borja, Arcebispo de Tyro, e Cardeal da Santa Igreja de Roma, de quem era filho, ibid. D. Luiz de Borja, Marquez de Tarazona, ibid. D. Victoria de Borja, com quem casou, 80. D. Artemida de Borja, com quem casou, ibid. D. Josef de Borja Ponte de Leon, quando nasceu, quantas vezes casou, e com quem, ibid. D. Marianna de Borja, quantas vezes casou, e com quem, 81. D. Ona Ignacia de Borja, Condessa de *Benavente*, de quem era filha, e com quem casou, 81. D. Luiz de Borja Castellan de Antwerpia, com quem casou, 88. D. Ignacia de Borja, filha dos X. Duques

Duques de Gandia, com quem casou, 99.
Blanchefort (Antonio de) Gilberto de Blanchefort, seus casamentos, 357.
Blasvelt (Joanna de) Philippe Blasvelt, seus casamentos, 213.
D. Branca da Gama, filha do Doutor Luiz da Gama Pereira, com quem casou, 642.
D. Branca de Sylva, filha de D. Fernando Martins Mascarenhas, com quem casou, 644.
D. Branca de Vilbena, de quem era filha, e com quem casou, 45.
Branchfort (D. Luiz de) Duque de S. João, com quem casou, 214.
D. Branda Sarmiento de Lacerda, de quem era filha, e com quem casou, 56.
D. Brites (A Infanta) com quem casou, e seus ascendentes, 201.
D. Brites Apolonia de Vilbena, L. Marquiza de Mora, 433.
D. Brites de Ataide, filha de D. Pedro de Noronha, VII. Senhor de Villa Verde, com quem casou, 646.
D. Brites de Castro, filha de D. Francisco de Castro, com quem casou, 414.
D. Brites Gonçalves de Moura, de quem era filha, e com quem casou, 45.
D. Brites de Menezes, com quem casou, e sua ascendencia, ibid.
D. Brites Pimentel, de quem era filha, e com quem casou, 45, 363.
D. Brites da Sylva, filha de Pedro Gonçalves Malalaya, com quem casou, 177.
D. Brites de Sousa, de quem era filha, e com quem casou, 45.
D. Brites de Sousa, filha de Martin Afonso de Sousa, dizem alguns, que fora mulher do Senhor D. Afonso, Conde de Ourem, 51, 205.
D. Brites de Texeira, mulher de D. Fernando Henriques de Ribera, III. Duque de Alcalá, 219.
 Ion.X.

D. Brites de Vilbena, filha de Roy Telles de Menezes, com quem casou, 541, 555, 905.
D. Brites de Vilbena, filha dos I. Condes de Obidos, com quem casou, 570.
D. Brites de Vilbena, filha dos VIII. Senhores de Villa Verde, com quem casou, 647.
Bulla da Cruzada, por quem foy concedida, e quando, 116.

C

Cadaval (L. Duque de) D. Nuno Alvares Pereira de Meilo, 167, e seg. D. Luiz, II. Duque de Cadaval, 155, e seg. D. Jayme, III. Duque de Cadaval, 358, e seg.
Cambout (A Condessa Margarida Filippa de) Carlos de Cambout, Francisco Senhor de Cambout, Reinero Senhor de Cambout, seus casamentos, 353.
Camra. Captaens da Ilha de S. Miguel, seus casamentos, 743.
Capitães da Guarda Alouza, 817.
Cariari (Principe de) D. Antonio Espineli, de quem he filho, e com quem casou, 80.
Carlos II. Rey de Inglaterra. Casos, que escreveu ao Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira, 181, e 184.
Carracena, e Formella (Marquezes de) D. Luiz Fernandes de Benavides, que titulos teve, e com quem casou, 77, 81. D. Antonia de Benavides, com quem casou, 81.
Casteas (Marquezes de) D. Manoel de Castro, 659. D. Alvaro Pires de Castro, 793.
Castro. Fidalgos de te Appellido, e seus casamentos, 743, 777.
Castro (D. Joanna de) filha dos III. Condes de Tentugal, com quem casou, 141, 222.

Rerit ii

Ca.

- Castro* (A Duquesa D. Joanna de) com quem casou, 201. Quem lo-
rou seus ascendentes, *ibid.* D. João
de Castro, D. Pedro de Castro, seus
calamentos, 191. D. Marianna de
Castro, filha de D. Rodrigo Mos-
coto Oforio, com quem casou,
220. A sua Arvore, 223. D. Ha-
sabel de Castro, V. Condesa de Al-
tamira, quem foram seus ascenden-
tes, 223.
- Castro*, Condes de Gelves, e de Le-
mos, seus calamentos, 471.
- Castro e Portugal* (D. Maria Alberta)
de quem era filha, e com quem ca-
sou, 61.
- Castello-Astelor* (Conde de) Joseph
de Vafconcellos, seu calamento,
660.
- Castello-Redrigo* (Marquizes de)
225, e seg. e 234.
- D. Catharina de Araide*, filha dos II.
Condes da Vidigueira, com quem
casou, 561, 644.
- D. Catharina Barbara*, Condesa de
Alegrete, com quem casou, 649.
- D. Catharina de Bourbon*, filha dos III.
Condes de Avintes, com quem ca-
sou, 840.
- D. Catharina de Cardenas e Portugal*,
filha de D. Diogo de Cardenas, com
quem casou, 508.
- D. Catharina Colon de Castro e Por-
tugal*, filha dos VI. Condes de Gel-
ves, com quem casou, 478.
- D. Catharina Francisca de Avelar*, fi-
lha de D. Nicolau de Sotomayor,
com quem casou, 900.
- D. Catharina Henriques*, filha de D.
João de Almeida, com quem casou,
618, 808.
- D. Catharina Margarida de Tavora*,
filha de Manoel Ferreira de Liza,
com quem casou, 632.
- D. Catharina de Moraes*, filha dos I.
Marquizes de Alegrete, com quem
casou, 830.
- D. Catharina de Noronha*, mulher de
Francisco de Mello, Monteiro mór
do Reyno, 649.
- D. Catharina de Portugal e Castro*, V.
Condesa de Gelves, seu calamento,
e succellão, 469, e seg. A sua Ar-
vore, 471.
- D. Catharina de Portugal*, filha de
Antonio Pereira de Berredo, com
quem casou, 894.
- D. Catharina de Tavora*, filha de D.
Antão de Almada, com quem ca-
sou, 616.
- D. Catharina Ventura de Portugal*,
IX. Duquesa de Vexgus, quantas
vezes casou, e com quem, 501.
- D. Catharina de Villena*, filha de D.
Manoel de Souza e Tavora, com
quem casou, 646.
- Caralheiros* (Senhores da Casa de)
610.
- D. Cecilia Magdalena de Portugal*,
filha de D. Pedro de Almeida, com
quem casou, 872.
- D. Cecilia de Portugal*, filha do Bispo
Dom Martinho de Portugal, com
quem casou, 891.
- D. Cecilia de Portugal*, filha de Anto-
nio Pereira de Berredo, com quem
casou, 610, 894.
- Castelhat* (D. Marianna de Borja)
com quem casou, 64.
- Chabot* (A Duquesa Margarida) Leo-
nor Chabot, Philippe Chabot, seus
calamentos, 331.
- Chancelier*. Em que tempo o foy o Se-
nhor D. Alvaro, 7. Especialidade,
com que se lhe pailou a Carta, 8.
- Christovão de Almada*, Senhor de
Corvalhães, com quem casou, 617.
- D. Christovão Joseph da Gama*, quan-
tas vezes casou, e com quem, 571.
- Cidadãos de Évora*. Magnificencia,
com que receberam ao Duque de
Bragança D. João, quando loy vi-
sitar ao Marquez de Ferreira, 247,
e seg.

D. Cla

D. Clara de Aboim de Amorim etc. filha de D. Lourenço de Amorim, com quem casou, 634.

Clarmont (Conde de) Dom Joseph de S. Severim, com quem casou, 105.

Coculim (Conde de) D. Francisco Mascarenhas, l. Conde de Coculim, 577. Aonde he este Condeado, *ibid.*

Coello (Egas) Senhor de Montalvo, com quem casou, 45. Outros Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 777.

Cotona, Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 479.

Conselho Geral O de Pereira, que pessoas de Portugal torou a elle, 519. e seg.

D. Constança Emilia de Roban, II. Condessa da Ribeira Grande, de quem he filha, quando casou, e sua successão, 585.

D. Constança de Meneses, filha do I. Marquez de Louriçal, com quem casou, 627.

D. Constança de Portugal, filha dos II. Condes de Aveiras, com quem casou, 604.

D. Constantino de Bragança, de quem foy hião, 419. Achou-se na batalha de Alcatere com El-Rey D. Sebastian, *ibid.* Onde jaz, e seu Epitaphio, 421. Quantas vezes casou, e com quem, 423, 424. Sua successão, *ibid.*

D. Constantino, filho do Duque D. Joaze, com quem casou, 176.

Constans (Domestico) com quem casou, 223.

Conti (Antonio de) he mandado para a Italia, 286.

Cordova (I. Francisca de) III. Duquesa de Sessa, de quem era filha, e com quem casou, 54. D. Anna de Cordova, com quem casou, 64. D. Joanna de Cordova, Duquesa

de Gandia, de quem he filha, e com quem casou, 81.

Cordova. Condes de Cabra, e seus casamentos, 459. Duques de Sessa, 459. Marquezes de Priego, e outros, *ibid.* e 479.

Cordova e Figueiras (D. Marianna de) filha dos VI. Marquezes de Priego, com quem casou, e sua successão, 112. D. Joanna de Cordova, filha do V. Marquezes de Priego, com quem casou, 121.

Corte-Real. Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 761.

Cossa (D. Duane da) Armeiro mór, com quem casou, 159.

Coutinho (D. Margarida) filha dos I. Marquezes de Castello-Rodrigo, com quem casou, 141. Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 777.

Cregny (A Duquesa Magdalena de) e Carlos, Senhor de Cregny, seus casamentos, 253.

Santa Cruz (IV. Conde de) com quem casou, 142.

Cruzada (Hullia da) por quem foy concedida nestes Reynos de Portugal, e quando, 516.

Curve (D. Maria de la) irmã do Duque de Albuquerque, com quem casou, 93. Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 479.

Cunha (D. Maria da) mulher de D. Alvaro da Sylva, de quem era filha, 136.

D

D. Enia (Marquezes de) 169.

D. Diniz (O Senhor) com quem casou, 223.

D. Diniz de Almeida, passou à Alemanha, onde vive, 823. Seu epitaphio, e sua successão, 824.

D. Liojo de Almeida, Comendador

dor de S. Salvador de Ribas de Bafo, seu casamento, e successão, 617.
Diogo Correa de Sá, III. Visconde de Allica, seu casamento, e successão, 611, e seg.
Diogo de Cardenas, seu casamento, e successão, 508.
Diogo Fernandes de Faria, o que lhe succedeo no combate de Azamor, 153.
D. Diogo Fernandes de Almeida, filho de D. João de Almeida, com quem casou, e que filhos teve, 854, e seg.
D. Diogo Fernandes de Almeida, Principal da Santa Igreja do Lisboa, 814.
Diogo Luiz Ribeiro Soares, com quem casou, 616, 617. Sua successão, ibid.
Diogo de Mendoça Corte-Real, com quem casou, 840, 865. Seu elogio, ibid, e seg. Que empregos teve, 866, e seg. Sua successão, 869.
D. Diogo de Noronha, III. Marquez de Marialva, com quem casou, 657.
D. Diogo Pimentel, Marquez de Gelves, seu casamento, e successão, 463.
D. Diogo de Portugal, seu casamento, e successão, 508.
D. Diogo de Portugal, filho dos I. Condes de Gelves, seu casamento, e successão, 509.
D. Diogo de Portugal, filho de D. Diogo de Portugal, seu casamento, e successão, 510, e seg.
D. Diogo de Zúñiga, W. Marquez de la Puebla, com quem casou, 65. Que filhos teve, 66.
Disposições. As que são em primeiro grau não se concedem, senão a grandes Reys, e se reírem alguns, que as impetrarão, 160.
S. Domingos Patriarca, quem foram

seus pays, 116. Equivocação do Padre Guilherme Cuperio sobre a sua ascendencia, ibid, e seg.
Domingos Tudice, Duque de Jovencello, Embaixador a Portugal, 102.
D. Duarte, Rey de Portugal, 101.
D. Duarte Rodrigo da Camera, V. Conde de Aveiras, seu casamento, e successão, 586.
Durfort (A Princesa Joanna Henriqueta Margarida) e seus ascendentes do mesmo Appellido, e seus casamentos, 181.

E

Esa (D. Catharina de) filha de D. Afonso de Noronha, com quem casou, 203. Sea Ipititia ibid.
D. Maria de Eça, com quem casou, 204. Governou Eça na falta de seu marido, ibid.
Egas Corbo, Senhor de Mortalvo, de quem era filho, e com quem casou, 45.
Entre Homens, e Cavado (Senhores de) 529, 601.
Ericera (V. Conde de) D. Luiz Carlos de Menezes, seu casamento, 588.
Eschalart (A Duquesa Luiza Magdalena) e seus ascendentes do mesmo Appellido, e seus casamentos, 181.
Espinay (A Condessa Magdalena de) e seus ascendentes do mesmo Appellido, e seus casamentos, 181.
Esquilatbe (Principe de) D. Luiz de Horta, de quem he filho, e com quem casou, 70.
Estevão Soares, Senhor de Albergaria, com quem casou, 45.
D. Estreza Maria de Taxera, VIII. Baroneza de Avito, 566.
D. Estreza de Menezes, filha de D. Luiz Balthazar da Sylveira, com quem casou, 602.

D. E s-

D. Eugénia de Lorena, III. Marquez de Alegrete, de quem era filha, 348.

Eugénia (A Senhora D.) filha do Duque D. Jayme, com quem casou, 184. Dote, que lhe deu a Duquesa sua mãy, 185. A sua Arvore, 201.

Eugenio IV. (O Papa) contra elle levantarão hum Anapá, e em que tempo, 511.

Exora. Tumultos, que houve nella, na impleção de certo tributo, 750.

Excellencia. Com elle tratamento distinguio Carlos II. Key de Inglaterra, a pessoa do Duque D. Nuno Alvares Pereira, 284.

F

Fajardo. Alguns Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 491.

Felix Joseph Machado de Atendeia, 601. Seu casamento, e successão, 602.

Fernão Gomes da Grãa, com quem casou, 609.

Fernão de Lima Brandão, filho de Joseph de Lima Brandão, com quem casou, 815. Que filhos teve, ibid.

D. Fernão Martins Mascarenhas, filho de D. Jorge Mascarenhas, que filhos teve, 643.

Fernão Pereira da Sylva, com quem casou, 874, 877.

Fernão Soares de Albergaria, com quem casou, e seus ascendentes, 201.

Fernandina (Duque de) D. Fradique de Toledo, com quem casou, 126.

Fernando I. (O Senho D.) Duque de Bragança, liberalidade, com que repartio as grandes rendas da sua casa por seus fillos, e. Com quem casou, e quem foram seus ascendentes, 201.

D. Fernando II. Duque de Bragança, com quem casou, e quem foram seus ascendentes, ibid.

D. Fernando (O Infante) com quem casou, ibid.

D. Fernando de Almeida, filho de D. João de Almeida, com quem casou, 851.

D. Fernando de Castro, IV. Conde de Gelves, seu casamento, e successão, 462.

Fernando Gonçalves de Figueiredo, Senho de Ailenar, de quem era filho, e com quem casou, 201.

D. Fernando de Mello, Deão de Évora, 424.

Ferreira (L. Marquez de) D. Rodrigo de Mello, 144, e seg. D. Francisco de Mello, 181, 236, e seg. D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 267, e seg.

D. Filippa de Lorena, Condessa de Penagual, de quem era filha, 349. Com quem casou, 391.

Filippa de Macedo, de quem era filha, 537. O que della dizem alguns Autores, ibid. Com quem casou, 538. Que filhos teve, ibid.

D. Filippa Marianna Coutinho, filha de D. Francisco Mascarenhas, com quem casou, 571.

D. Filippa de Mello, filha de D. Francisco de Almeida, com quem casou, 611.

D. Filippa de Mello, filha de D. Luiz de Amada, com quem casou, 617.

D. Filippa de Mello, Senhora da Casa, e Condado de Olivera, com quem casou, 41. Onde jaz, e sua successão, 42. A sua Arvore, 145.

D. Filippa de Meneses, mulher do Almotacé mór Francisco de Faria, 603. Com quem tinha sido casada, ibid.

D. Filippe Mascarenhas, Filho do I. Conde de Coculim, com quem casou, 579.

D.

- D. Philippe de Sousa*, Capitão da Guarda Alemã, com quem casou, 829.
Sua successão, 830.
- Fitz* (Jacobo) A sua Arvore, 505.
- Flores de Avila* (III. Marquez de) com quem casou, 414.
- Fontanar* (Conde de) *D. Belchior de Gusmão*, III. Conde de Fontanar, com quem casou, e sua successão, 108.
- D. Aleixo de Gusmão*, IV. Conde de Fontanar, seu casamento, e sua cessa, 109.
- Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho*, Alcaide mór de Sinés, com quem casou, 614.
- D. Francisco de Almeida*, Vice-Rey da Índia, 172. Fortalezas, que fundou, 173. Acções, que obrou no seu governo, *ibid*. Seu Epitaphio, 174. Com quem casou, 175. Quem torão seus ascendentes, 177.
- D. Francisco de Almeida*, filho de *D. Francisco de Mello*, II. Marquez de Ferreira, 129.
- D. Francisco de Almeida*, Principal da Santa Igreja de Lisboa, 814.
- D. Francisco Belchior de Avila e Zuniga*, III. Marquez de la Puebla, de quem era filho, 66. Quantas vezes casou, e sua successão, 67.
- Francisco Botelho da Sylva*, com quem casou, 644.
- D. Francisco Diogo Lopes de Zuniga e Sotomayor*, V. Duque de Bragar, &c. de quem era filho, com quem casou, e sua successão, 57, 114.
- D. Francisco Eftevas Xavier da Camara*, filho dos II. Condes da Ribeira Grande, com quem casou, e que filhos teve, 585, e seg.
- Francisco de Faria*, Almotacé mór, com quem casou, 601.
- Francisco Philippe de Sousa da Sylva Alcaforada*, seu casamento, e successão, 635.
- D. Francisco da Gama*, II. Conde da Vidigueira, com quem casou, e que filhos teve, 559.
- D. Francisco da Gama*, IV. Conde da Vidigueira, 563. Acompanharam a ElRey D. Sebastião à Africa, *ibid*. Mercês, que lhe fez ElRey, *ibid*. Quantas vezes foy Vice-Rey da Índia, *ibid*. Onde jaz, e seu Epitaphio, 564. Quantas vezes casou, e com quem, 565.
- D. Francisco de Gusmão e Zuniga*, IV. Marquez de Ayamonte, com quem casou, e que filhos teve, 65.
- Francisco Joseph de Sampaio*, Senhor de Villa-Rio, com quem casou, 840, 870. Sua successão, 871.
- D. Francisco Luiz de Noronha*, VIII. Senhor de Villa-Verde, seu casamento, e successão, 626, e seg.
- D. Francisco Luiz Balthazar da Gama*, II. Marquez de Niza, e VI. Conde da Vidigueira, 568. Mercês especial, que lhe fez ElRey D. João IV. 569. Quantas vezes casou, e com quem, 570. Sua successão, *ibid*.
- Francisco Luiz Correa de Lacerda*, filho de Manoel Correa de Lacerda, com quem casou, e que filhos teve, 815, e seg.
- Francisco Luiz Carneiro*, IV. Conde da Ilha, com quem casou, 844.
- D. Francisco Mascarenhas*, I. Conde de Coculim, com quem casou, 576. Dotes, de que foy adornado, 578. Obras, que compoz, *ibid*. Sua successão, *ibid*.
- D. Francisco de Mello*, I. Conde de Allumar, 414, 429. Empregos, que teve, 430. Seu elogio, 412. Com quem casou, 413. Sua successão, *ibid*.
- Francisco de Mello*, Monteiro mór do Reyno, com quem casou, 659.
- Francisco de Mello*, Senhor de Ficalha, com quem casou, 819.
- Francisco Pereira de Lacerda*, quan-

nas vezes esou, e com quem, 903. Sua successão, *ibid.*

D. Francisco Pimentel e Zuniga, de quem era filho, 60. Successão nos Estados da Casa de seu tio D. Balthezar de Zuniga, *ibid.*

D. Francisco Pio de Saboya, VI. Marquez de Castello-Rodrigo, que em pregos teve, 234. Quando faleceu, e de que sorte, 235. Com quem casou, *ibid.* Sua successão, *ibid.*

Francisco Pinto da Cunha, quantas vezes casou, e com quem, 877.

D. Francisco de Portugal, I. Conde de Vimioio, 539, 905. Em que tempo passou à Africa, 540. Acção, que obrou em Benagarsie, 541.

Recallhe-se ao Reyno, *ibid.* Torna segunda vez à Africa, 542. Mercês, que lhe fez ElRey, *ibid.* Com quem casou primeira vez, 543.

555. E segunda vez, 543, 556. Mercês, que lhe fez ElRey D. Manoel, 544. Ellimação, que delle fez ElRey D. João III. 546. Que mercês lhe fez, *ibid.* Contenda, que teve sobre materias de preferencia com D. Affonso de Valconcellos, 547. Sentença, porque se julgou esta causa a favor do Conde D. Francisco, 548. Seu elogio, 551. Sua grande liberalidade, *ibid.*

e seg. Conservação de delle varias Obras, 554. Onde jaz, e seu Epitaphio, 555. Sua descendencia, *ibid.* e seg.

D. Francisco de Portugal, Comendador de Freixoira, com quem casou, 607. Que filhos teve, 608.

610, e 804.

D. Francisco de Portugal, filho dos Ill. Condes de Vimioio, 715. Acompanhou a ElRey D. Sebastião à Africa, e lá ficou caivo, 716. Concedelhe o Xantico-nagay, 717.

Sua constancia ao cauveiro, *ibid.* Tom.X.

Volta para o Reyno, 718. O que obrou em Tetuão, *ibid.* Chega ao porto de S. Lucar, e como o recebeu o Duque de Medina Sidonia, 719, e seg. O que com elle passou 720. He nomeado Condestavel pelo Prior do Crato, 721. Segue o seu parido, *ibid.* e 705. Fertendem accommer Lisboa, e infeliz successo desta empresa, 721. Parte para França, e o que padecco na viagem, 722, e seg. Chega a França, onde acha já o Prior do Crato, 723. Levantajhe huma guarda de cem Alabardeiros, *ibid.* O que lhe succedeo com o Duque de Nivern sobre a compra de hum cavallo, 724, e seg. Parte em huma Armada para as Ilhas Terceiras, 725. Encontra-se com outra Heilpanhola, e successo, que tiveram, *ibid.* e seg. Fica D. Francisco prisioneiro, e morre dahi a tres dias, 726. Seu elogio *ibid.* e seg. Obras, que escreveu, 728.

D. Francisco de Portugal, VII. Conde de Vimioio, e II. Marquez de Valença, quando nascio, 779. Conferelhe ElRey D. Pedro II. o titulo de Conde, 780. Entra na posse da Casa de Baito, 781. Mercês, que lhe fez ElRey por equivalente da Capitania de Pernambuco, 782. Conferelhe ElRey D. João V. o tratamento de Sobrinho, *ibid.* Seu elogio, *ibid.* e seg. Com quem casou, e sua successão, 784.

D. Francisco de Sylva Tello e Mettez, VI. Conde de Aveiras, com quem ella contrahio o seu casamento, 576, 586.

D. Francisco de Sottomayor, V. Conde de Belalcázar, de quem foy filho, 50. Que titulos teve, *ibid.* Com quem casou *ibid.* Sua successão, 54.

D. Francisco de Sousa, Capitão da

- Guarda Alemá, com quem casou, 807, 827. Sua succellão, 829. Quando faleceu, 830.
- D. Francisco Telio de Portugal*, II. Marquez de Souza, seu casamento, e succellão, 510.
- D. Francisco de Toledo*, Conde de Viilhada, seu casamento, 501.
- D. Francisco Tutarvilla*, Duque de S. German, com quem casou, 508.
- Francisco Vicente Furtado de Atendosa Castro do Rio*, filho dos IV. Viscondes de Barbacena, com quem casou, e quando, 685.
- Francisco Xavier de Tavora*, filho dos IV. Condes de S. Vicente, com quem casou, e que filhas tem, 676.
- Francisco Xavier Cardoso de Alarcão*, com quem casou, 876.
- D. Francisco de Zúñiga e Sotomayor*, IV. Duque de Bejar, &c. de quem era filho, seu casamento, e succellão, 55, 56.
- D. Francisca de Ataíde*, filha de D. Antonio de Almeida, com quem casou, 834, 873.
- D. Francisca Benta de Tavora*, filha de Antonio de Eça de Castro, com quem casou, 639.
- D. Francisca de Castro*, filha de João Correa de Lacerda, com quem casou, 586.
- D. Francisca das Chagas*, filha dos III. Marquezes de Gouvea, com quem casou, 855.
- D. Francisca de Cordeira*, III. Duquesa de Seila, de quem era filha, e com quem casou, 544.
- D. Francisca Domiana de Tavora*, mulher de André Carvalho, 641.
- D. Francisca de Figueiras Lasso de la Foz*, filha dos II. Condes de los Arcos, com quem casou, 423.
- D. Francisca Joana de Albuquerque*, filha de Martin Correa da Silva, com quem casou, 624.
- D. Francisca Joana de Ataíde*, filha de João Pinto Coelho, Senhor de Filgueiras, com quem casou, 874.
- D. Francisca Joana de Portugal*, filha de Manoel Correa de Lacerda, com quem casou, 825.
- D. Francisca Josefa de Tavora*, filha de Tristão Antonio da Cunha, seu casamento, 619, 625.
- D. Francisca Maria de Castro da Sylva*, filha de D. Pedro Taveira, com quem casou, 877.
- D. Francisca de Atendeça*, filha dos I. Condes da Hubeira Girão, com quem casou, 584.
- D. Francisca de Noronha*, Condessa, e Marquiza de Soeiro, seu casamento, 650, 662.
- D. Francisca de Noronha*, filha dos III. Condes de Avelas, com quem casou, 688.
- D. Francisca Rosa de Menezes*, filha dos I. Marquezes de Alegria, seu casamento, 784.
- Fries* (IX. Duque de) : *D. Joseph de Velasco e Carvajal*, seu casamento, 84.
- Fronteira* (Comendadores de) 607.
- Fuenfaldia* (XI. Conde de) *D. Felix de Ayala e Velasco*, com quem casou, 112. *D. Manoel de Velasco*, XII. Conde de *Fuenfaldia*, com quem casou, 236.
- Fontes* (II. Marquiza de) de quem foy filha, e com quem casou, 117.

G

- Gálvez* (Conde de) *D. Gaspar Belchior Balthazar &c.* com quem casou, 75.
- Galveas* (Condes de) 899, e seg.
- Gandia* (Duques de) 269. *D. Francisco Carlos de Borja*, IX. Duque de *Gandia*, quando nasceu, de quem era filho, com quem casou, e sua succellão, 78, e seg. *D. Pascoa* (Zemol Fran-

- Francisco de Borja, X. Duque de Gandia, 81. Que titulos teve, com quem casou, e sua successão, *ibid*, D. Luiz Ignacio de Borja, XI. Duque de Gandia, com quem casou, e que titulos teve, 82.
- Garcia de Mello e Torres, II. Conde da Ponte, seu casamento, 568, 579. Sua successão, 580.
- D. Gaspar Constantina de Adello, II. Marquez de Vilhecas, de quem foy filho, 417. Seu casamento, e successão, *ibid*.
- Gastão Joseph da Camera Coutinho, seu casamento, 810, 819. Sua successão, 820.
- Gelves (Condes de) D. Jorge de Portugal, I. Conde de Gelves, 443.
- D. Alvaro de Portugal, II. Conde de Gelves, 450. D. Jorge Alberto de Portugal, III. Conde de Gelves, 461. Dona Leonor Francisca, IV. Condessa de Gelves, 462. D. Diogo Pimentel, Marquez de Gelves, 463. D. Alvaro Jacintho Colón de Portugal, V. Conde de Gelves, 467, 471.
- D. Gentiva Bati, com quem casou, 507.
- D. Gil Eannes da Costa, II. Conde de Soure, seu casamento, e successão, 666.
- D. Gilberto Joachim Pio, 6^{to}. VII. Marquez de Cattello-Rodrigo, com quem casou, 215.
- D. Gilberto Pio de Saboya, seu casamento, e successão, 212, e seg.
- Girão (D. Faustina Telles) filha dos VII. Duques de Oñava, com quem casou, 100. D. Pedro Girão, com quem casou, e que filhos teve, 115.
- D. Leonor Girão, filha dos I. Condes de Valença, com quem casou, 201.
- D. Gomes Ferreira, foy Legado do Papa Paulo V. a Portugal, e a quem fim, 526.
- Tomo X.
- Gomes Freire de Andrade, seu casamento, e successão, 896. Que empregos occupou, e quem escreveo a sua vida, *ibid*.
- Gonçalo Gomes da Sylva, I. Senhor de Vagos, de quem era filho, e com quem casou, 45.
- D. Gonçalo Telles de Meneses, quem forão seus pays, e com quem casou, *ibid*.
- Gonçalo Thomás Peixoto da Sylva, seu casamento, 851.
- Gouvea (Marquizes de) D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea, quantas vezes casou, e com quem, 141. Sua successão, *ibid*. D. João da Sylva, II. Marquez de Gouvea, quantas vezes casou, e com quem, 143.
- Gregorio Ferreira de Eça, Senhor do Morgado de Cavalleiros, seu casamento, e successão, 640.
- Guadalupe de Lencastre (D. Maria de) com quem casou, 78.
- Guardia (VI. Marquez de la) Dom Diogo Mexia, com quem casou, 80.
- Guevara (D. Antonia de) de quem era filha, e com quem casou, 97. Sua successão, 98. D. Jofeta Maria de Guevara, filha de D. Beltrão Velez de Guevara, com quem casou, 118.
- Guesca (Duquesa de) D. Constança Maria, de quem he filha, e com quem casou, 110.
- D. Guiomar de Azeite, Condessa de Gelves, 444, 448.
- D. Guiomar de Castro, Duquesa de Naxera, seu casamento, 91. Mostra-se de quem foy filha, tirando-se a duvida dos Nobiliarios, 91. No casamento por que cousta dar-lhe El-Rey D. Henrique IV. o tratamento de Pr-ma, *ibid*.
- D. Guiomar Colon, de quem era filha, e com quem casou, 558.

D. Guiomar de Vilbena, II. Condesa da Visiqueira, 559.
D. Guiomar de Vilbena, filha de Dom Henrique de Portugal, com quem casou, 797.
Gusmão (A Rainha D. Luiza Francisca de) seu casamento, e em que tempo, 120.
Gusmão (D. Francisco de) Marquez de Ayamonte, seu casamento, 46.
 D. Andrea de Gusmão, de quem era filha, e com quem casou, 52.
 D. Antonio de Gusmão, V. Marquez de Ayamonte, ibid. D. Leonor de Avila, e Gusmão, II. Marquez de la Puebla, seu casamento, 46.
 D. Maria de Azoa e Gusmão, de quem era filha, e com quem casou, 74.
 D. Maria Andrea de Gusmão, filha dos IV. Marquezes de Villa-Mannique, seu casamento, e successão, 114.
 D. Brianda de Gusmão, filha dos IV. Marquezes de Ayamonte, quantas vezes casou, com quem, e sua successão, 116.
 D. Fr. Domingos de Gusmão, quem foras seus pays, 122. Quando tomou posse do Bispado de Leiria, e Arcebispo de Evora, ibid. Seu Epitaphio, ibid. D. Affonso de Gusmão, Balthazar de Lora, quem foy, e que empregos teve, 123.
 D. Maria Simforosa de Gusmão, filha dos I. Duques de Medina Sidonia, seu casamento, 124.
 D. Joanna de Gusmão, filha dos XI. Duques de Medina Sidonia, com quem casou, 126.
 D. Maria Antonia de Gusmão, filha dos mesmos Duques, seu casamento, ibid. D. Roia de Gusmão, filha dos mesmos Duques, com quem casou, 127.
 D. Luiza de Gusmão, Francisco de Gusmão, João Ramires de Gusmão, seus casamentos, 713.

H

H Arley (A Marqueza Jaqueline de) Nicolao de Harlay, seus casamentos, 141.
Haro, e Gusmão (D. Antonia de) filha dos VI. Marquezes del Carpio, com quem casou, 121.
D. Helena de Portugal, filha de D. João de Almeida, quantas vezes casou, e com quem, 892, 817.
D. Helena de Portugal, filha de D. Philippe de Sousa, com quem casou, 836.
Henriques. Alguns Fidalgos deste apelido, e seus casamentos, 479.
D. Henrique Joseph Francisco, etc. IV. Conde de Soure, com quem casou a primeira vez, 672. É segunda, ibid. Que filhos tem, ibid.
Henrique Luiz Pereira de Berrido, com quem casou, 898.
D. Henrique Manoel, de quem era filho, e com quem casou, 45.
D. Henrique de Noronha, foy Deputado da Mesa da Consciencia, e depois casou, e com quem, 658. Que filhos teve, 659.
Henrique Pereira de Berrido, filho de Ambrosio Pereira de Berrido, seu casamento, e successão, 896.
D. Henrique de Portugal, Comendador de Pernes, seu casamento, 461.
D. Henrique de Portugal, filho de D. Manoel de Portugal, foy Embaixador del Rey D. Sebastião ao Imperador Rodolho, 796. Achou-se nas Cortes de 1619. Com quem casou, 796. Sua successão, 797. Edificio o Mosteiro de Jesus em Val de Figueira, 796.
D. Henriqueta Julia Gabriela de Lorenna, Duquesa de Cadaval, de quem he filha, e em que tempo casou, 174. A sua Avó, 381. *Ilhar*

Hijar (Duque de) D. Jayme Victor Fernandes, &c. IX. Conde de Salinas, Ribadeo, &c. Com quem casou, e sua successão, 104.

Holstein (Mariana Leopoldina Princesa de) com quem casou, 832.

Hono Rei (D. Carlos) Marquez de Castello-Rodrigo, seu casamento, 232.

I

Jacinto Borges de Carvalho, Casado mór da Torre de Moncorvo, com quem casou, 900.

Jarobo Fitz Jayme Stuart, IX. Duque de Veragua, seu casamento, e successão, 502. A sua Arvore, 504.

Jacobo Francisco Stuart, &c. X. Duque de Veragua, com quem casou, 502.

D. Jayme, Duque de Bragança, com quem casou, 202. Quem foram seus ascendentes, ibid.

D. Jayme Francisco Sarmiento de Sylva, de quem era filho, 60.

D. Jayme de Astillo, III. Duque de Cadaval, quando nasceu, 358. Com quem casou a primeira vez, 359. Carta, que lhe escreveu El Rey D. Pedro II. ordenandolhe que o usasse acompanhante na Campanha da Beira, 361. Mas depois vay a Santarem com o Duque seu pay, 362. Dallí o manda El Rey voltar para Lisboa, 363. Quando foy nomeado Escrivão mór da Rainha Dona Maria Anna de Austria, 368. Sua grande caridade, 370. Seus Escritos, 371. Terras, de que he Senhor, 372. Com quem casou segunda vez, 374. Sua successão, 377, e seguta.

Jacinto (IV. Marquez de) D.

Francisca de Benavides, de quem foy filha, e com quem casou, 56. Em que tempo faleceu, 97. Sua successão, ibid.

Ibarra (D. Carlos de) I. Marquez de Tarraena, de quem era filho, 86. D. Leonor de Ibarra, seu casamento, e successão, ibid.

Idiaquez de Borja (D. Joanna Maria de), quem furaõ seus pays, e avós, 87. Com quem casou, ibid. e 92.

Jeronyma Leite Pacheco, seu casamento, 826.

D. Jeronyma de Borbon, filha dos III. Condes de Avintes, com quem casou, 840, 870.

D. Ignacia Maria de Tavora, filha dos II. Condes de S. João, com quem casou, 769.

D. Ignacia Xavier de Roban, mulher de D. Luiz de Portugal, 589.

D. Ignez Joachina de Sylva, V. Condesa de Aveiras, seu casamento, e successão, 586.

D. Ignez Joana de Vilhena, filha de D. Antonio de Carcamo, com quem casou, 622.

D. Ignez de Lencastre, filha de Luiz Cejar de Nenezes, com quem casou, 631.

D. Ignez de Lencastre, III. Condesa das Galveas, de quem he filha, 861.

D. Ignez de Noronha, filha dos III. Condes da Calheta, com quem casou, 567.

D. Ignez de Sylva, filha de D. Diogo de Almeida, com quem casou, 612.

Joachim Francisco de Sá Almeida e Meneses, II. Marquez de Abrantes, quantas vezes casou, e com quem, 391.

Joachim Manoel Ribeiro Soares, seu casamento, e successão, 628.

Joachim de Sá e Meneses, Marquez de

- de Fontes, com quem casou, [349](#).
- D. Joachina Ana de Borbon*, filha de Diogo de Mendonça Corte-Rcal, com quem casou, [869](#).
- D. Joachina de Borbon*, filha dos III. Condes de Avintes, seu casamento, [854](#).
- D. Joachina de Meneses*, III. Marquiza de Marialva, [659](#).
- D. João I.º*, Rey de Portugal. Em que tempo foy a Trasladação do seu corpo da Sé de Silves para o Mosteiro da Batalha, [35](#).
- D. João IV.º*, Rey de Portugal, seu casamento, e em que anno, [120](#).
- D. João*, Infante de Portugal, [101](#).
- D. João II.º*, Duque de Bragança, honra especial, que fez a D. Francisco de Mello, III. Marquez de Ferreira, [144](#). Formalidade, com que o foy visitar a Evora, *ibid.*, e seg. De que sorte o receberam os moradores daquela Cidade, [147](#). Estolas, que distribuiu nella, [153](#).
- João Affonso Pimentel*, Senhor de Bragança, e I. Conde de Benavente, de quem era filho, e com quem casou, [45](#).
- D. João de Almeida*, o Fermoço, seu casamento, e successão, [805](#).
- D. João de Almeida*, Commendador de Borba, com quem casou, [816](#). Sua successão, [827](#).
- D. João de Almeida*, filho dos II. Condes de Avintes, com quem casou, e que filhos teve, [850](#), e seg.
- D. João de Almeida*, II. Conde de Alumar, foy Embaixador a Carlos III. [810](#). Serviços, que fez na India, *ibid.* Pleito, a que correo sobre o titulo de Conde, *ibid.* Empregos, que occupou, [811](#). Valor, com que se hovee nas Campanhas, *ibid.*, e seg. Nos despojos dos Principes de Asturias fez o officio de Mordomo mór, [813](#). Quando faleceo, com quem casou, e sua successão, *ibid.*, e seg.
- D. João Amberto de Noronha*, VI. Conde de S. Lourenço, seu casamento, e successão, [661](#).
- D. João de Bragança*, Bispo de Viseu, de quem era filho, [105](#). Foy Prior de Santa Maria de Guimaraens, [107](#). Contenda, que teve com o Arcebispo D. João Affonso de Meneses, e sobre que, *ibid.* He nomeado Inquisidor da Inquisição de Evora, [128](#). Devocão, que teve a S. Theotomo, [120](#). Fez trasladar algumas Reliquias d'elle Santo para a Cathedral de Viseu, [121](#), e seg. Com que formalidade foram conduzidas, e recebidas, *ibid.* Favores, que recebeu do Santo, [113](#). Suas virtudes, e prudencia, [114](#). Quando faleceo, e aonde jaz, *ibid.* Seu Epitaphio, [115](#).
- D. João da Costa*, I. Conde de Soure, seu casamento, [650](#), [663](#).
- D. João Fernandes Pacheco*, V. Marquez de Vilhena, com quem casou, [400](#).
- D. João da Gama*, Bispo de Miranda, [562](#).
- D. João da Gama*, filho dos II. Condes da Vidigueira, seu casamento, e successão, [641](#), e seg.
- João Gomes da Sylva*, II. Senhor de Vagos, de quem era filho, e com quem casou, [45](#).
- João Gonçalves de Macedo*, quem foy, e com quem casou, [237](#).
- João Gonçalves da Camera Continho*, Almorace mór, com quem casou, [604](#). Sua successão, [606](#), [619](#).
- João Guedes de Azevedo Henriques*, filho de Luiz Guedes de Miranda Henriques, seu casamento, e successão, [682](#), e seg.
- D. João Gutierrez de Toledo*, seu casamento, e successão, [509](#), e seg.
- D. João de Lencastre*, com quem casou, [873](#).

D. João

D. João Manoel, de quem era filho, e com quem casou, 45.

D. João Manoel, VI. Conde de Atalaya, seu casamento, 588.

D. João Manoel de Meneses, com quem casou, 606.

D. João Manoel da Costa, com quem casou, e que filhos teve, 679, e seg.

D. João Macarenhas, filho dos L. Condes de Cuculini, que empregos occupou, e seu casamento, 178.

D. João de Mello, Arcebispo de Évora, 547.

D. João de Mendonça, Bispo da Guarda, quando nasceu, 688. Que empregos occupou, *ibid.* Quando foy sagrado Bispo, e por quem, 683. Quando faleceu, *ibid.*

João Pedro Soares, Provedor da Alcaidega, com quem casou, 619.

João Pinto Coelho, Senhor de Filgueiras, seu casamento, 874. Outro, 876.

João Pinto Pereira, Senhor de Bom Jardim, com quem casou, e sua descendencia, 874.

D. João de Portugal, Bispo da Tharsadia, de quem era filho, 557. Synodos, que celebrou, *ibid.* Afastase do Reyno, e porque, *ibid.* Foy privado do Bispoado, 558. Faleceu recluso na prisão, *ibid.*

D. João de Portugal, Bispo de Viseu, de quem era filho, 708. Quando foy creado Bispo, 709. Virtudes, de que era adornado, *ibid.* Foy chamado o *Bispo Santo*, *ibid.* Seus Escritos, *ibid.* e seg. Onde jaz, e seu Epitapho, 710.

D. João de Portugal, filho de D. Manoel de Portugal, acompanhou a El-Rey D. Sebastião à Africa, 808. Sua successão, 809.

João Rodrigues de Sá e Meneses, o que lhe succedeu no combate de Azamor, 153.

João Sanchez de Bama, seu casamento, e successão, 829.

D. João da Sylva, II. Marquez de Gouvea, com quem casou, 649.

João da Sylva Tello, III. Conde de Aveiras, com quem casou, 666. O que obrou na Campanha da Beira, 669. Artes a que foy applicado, 670. Onde jaz, *ibid.* Com quem casou, 671. Sua successão, *ibid.*

João de Sousa Chicorro, seu casamento, 878.

D. João de Sousa, Prior de S. Maria da Oliveira de Guimaraens, 819.

D. João de Zúñiga e Sotomayor, de quem era filho, 59. Com quem casou, e sua successão, 60.

D. Joanna Antonia de Lima, filha dos X. Viscondes de Villa-Nova da Cerveira, com quem casou, 853.

D. Joanna Bernarda de Berredo de Castro, mulher de Bernardim Freire de Andrade, de quem he filha, 897, 899.

D. Joanna Catharina de Meneses, filha do Almoçac-mór João Gonçalves da Camera, com quem casou, 606.

D. Joanna Cecilia, filha de Fernão Jacques da Sylva, com quem casou, 859.

Joanna da Cruz (Soror) Religiosa de S. João de Setúbal, 114.

D. Joanna Francisca de Noronha, V. Condesa de Val de Reis, 601, 606.

D. Joanna Ignez de Portugal, filha de D. Nuno Alvares de Portugal, com quem casou, 793.

D. Joanna de Lorena, II. Condesa de Alvor, de quem he filha, 548.

D. Joanna Luiza de Noronha, filha de João de Saldanha, com quem casou, 819.

D. Joanna Maria de Portugal, filha de D. Lourenço de Portugal, seu casamento, 619.

D.

- D. Joanna Maria de Menezes*, filha de Bernardo Pereira de Berredo, seu casamento, [900](#).
- D. Joanna de Mendonça*, de quem era filha, e com quem casou, [98](#).
- D. Joanna de Mendonça*, filha de Diogo de Mendonça, seu casamento, e successão, [99](#).
- D. Joanna de Mendonça*, filha dos II. Marquizes de Moniz Bello, seu casamento, [650](#).
- D. Joanna de Mendonça*, filha de D. Fernando de Castro, Conde de Baflo, com quem casou, [731](#), [738](#). Dissolve o matrimonio com consentimento de seu marido, e toma o Habito de S. Domingos no Mosteiro do Sacramento de Lisboa, que elles fundarão, [734](#). Quantas vezes foy nelle Priorcella, [739](#). A sua Arvore, [743](#).
- D. Joanna de Mendonça*, filha de D. Manoel de Portugal, com quem casou, [792](#), [796](#).
- D. Joanna de Menezes*, de quem era filha, e com quem casou, [45](#).
- D. Joanna de Menezes*, filha de Dom Jorge de Menezes, o Baroque, com quem casou, [641](#).
- D. Joanna de Menezes*, filha de Dom Vasco da Gama, seu casamento, [641](#).
- D. Joanna de Menezes*, filha de Henrique Correa da Silva, com quem casou, [825](#).
- D. Joanna Pimentel*, filha dos IV. Marquizes de Tavora, com quem casou, [829](#). Honras, que recebeu dos Reis D. João IV. e D. Luiz, [840](#). Misericordia, que Deus obrou nella, e estando para commungar, [861](#). A sua Arvore, [865](#).
- D. Joanna de Portugal*, filha de Dom João de Portugal, com quem casou, [803](#), [804](#).
- D. Joanna da Sylva*, filha de João de Saldanha, seu casamento, [599](#).
- D. Joanna Spínola de Lacerda*, filha dos IV. Marquizes de Louz Balazares, com quem casou, [835](#).
- D. Joanna de Tavora*, filha de Dom Álvaro Pereira, com quem casou, [849](#).
- D. Joanna Theresia Coutinho*, e filha de Bruckito de Sousa Coutinho, seu casamento, [806](#).
- Joanna de Tencida* (Sora) filha de D. Francisco de Bualto, [898](#).
- D. Joanna Theresia de Menezes*, mulher de Hieronymo Alvarez de Andradão, de cuja filha, [897](#).
- D. Joanna de Tristão*, filha de D. Álvaro, com quem casou, [840](#), [843](#), [856](#), [905](#). Onde jaz, e seu Epitaphio, [897](#).
- D. Joanna Xavier do Rio de Rios*, filha de Luiz de Brito do Rio, com quem casou, [835](#).
- D. Jorge Alberto de Portugal*, III. Conde de Gelves, [46](#). Com quem casou, e que filhas teve, [462](#).
- D. Jorge Henriques*, Senhor das Alcaçovas, com quem casou, [840](#), [855](#). Sua successão, [ibid.](#).
- D. Jorge Manoel de Albuquerque*, com quem casou, [566](#). Roy Conde do Lavradio, e quem lhe deu este titulo, [ibid.](#).
- D. Jorge Mascarenhas*, filho de Dom Fernão Martins Mascarenhas, seu casamento, e successão, [643](#).
- D. Jorge de Portugal*, I. Conde de Gelves, [441](#). Emprego, que occupou, [444](#). Com quem casou, [ibid.](#), [446](#). Formas do tratado matrimonial, [448](#). Com quem casou segunda vez, [446](#), [449](#). Quando faleceu, [447](#). Onde jaz, [448](#). Sua successão, [449](#).
- D. Jorge de Portugal*, filho de D. Jorge de Portugal, Conde de Gelves, seu casamento, e successão, [567](#).
- Joseph de Almeida Góes*, seu casamento, e successão, [877](#).

D. Jo.

- D. Joseph da Camera*, IV. Conde da Ribeira Grande, 591. Seu casamento, e successão, 592.
- Joseph Correa de Sá*, filho de Diogo Correa de Sá, III. Visconde de Alfeite, casou na India, e com quem, 613.
- Joseph Felix da Cunha de Azevedo*, com quem casou, e quando, 616. Que filhos tem, 627.
- D. Joseph Francisco de Mello*, III. Marquez de Vithéica, seu casamento, e successão, 413.
- Joseph Joaquin Francisco de Lima*, 8re. filho de Fernão de Lima Brandão, quando nasceu, e com quem casou, 835.
- Joseph Joaquin de Miranda Henriques*, com quem casou, e quando, 854, 863.
- D. Joseph de Mello*, Arcebispo de Evora, de quem foy filho, 395. Opinião do Padre Francisco da Fonseca sobre a sua criação, 396. Refute-se, 397. Foy Agente da Coroa de Portugal em Roma, 399, e seg. Estimação, que delle fizeram os Cardeas, 400. O que obrou em Roma, 401. Ao seu cuidado se deve a Canonização da Rainha Santa Isabel, 402. Quanto favoreceu a Casa de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma, 404. O que obrou sobre materias de preferencia, 406. Foy muy favorecido do Papa Leão XI. ibid. e seg. Negociações, que concluiu, 408, e seg. Recolhe-se de Roma a Madrid, e dali a Evora, 411. He nomeado Bispo de Miranda, ibid. E dali promovido a Arcebispo de Evora, ibid. O que obrou neste Arcebispado, 412, e seg. Cometa, que se vio quando entrou em Evora, 412. Sua grande caridade, 413, e seg. Onde jaz, e seu Epitaphio, 418.
- Joseph de Mello*, casou com D. Violante de Tavora, 641.
- D. Joseph Miguel de Portugal*, VIII. Conde de Vimieiro, quando nasceu, 785. Quem foy seu Mestre, 786. Obras, que tem impresso, ibid. Com quem casou, ibid. e seg. Sua successão, 787.
- D. Joseph de Noronha*, filho dos V. Condes dos Arcos, seu casamento, e successão, 639.
- D. Joseph Adriano da Camera*, II. Conde da Ribeira Grande, quando nasceu, 584. Seu casamento, e successão, 585.
- Joseph de Fajconcellos e Sousa*, Trinchante da Casa Real, com quem casou, 811.
- Joseph de Fajconcellos*, Conde de Castello-Melhor, seu casamento, 660.
- D. Josefa Coutinho*, mulher de Joseph Pinto Coelho, quem foras seus ascendentes, 878.
- D. Josefa Francisca Scheffenberg*, de quem he filha, e com quem casou, 857.
- D. Josefa da Sylveira*, filha de Antonio Luiz Vaz Pinto Coelho, com quem casou, 876.
- Santa Isabel* (Freguesia de) quando foy erecta, e por quem, 847.
- D. Isabel* (A Infanta) 201.
- D. Isabel* (A Infanta) filha delRey D. Pedro II. Quando nasceu, 296, 299. Com quem teve ajultado o seu casamento, 303.
- D. Isabel* (A Duquesa) com quem casou, e quem foras seus ascendentes, 201.
- D. Isabel de Borbon*, filha dos II. Condes de Avintes, com quem casou, 840, 859.
- D. Isabel Boti*, filha de Jacome Boti, com quem casou, 509.
- D. Isabel Brasia de Portugal*, filha de Manoel Correa de Lacerda, com quem casou, 835.

Tem X.

Tuu

D.

- D. Isabel de Castro*, Condessa de Belalcazar, de quem era filha, 47. Com quem casou, *ibid.*
- D. Isabel de Castro*, II. Condessa de Allumar, de quem era filha, e com quem casou, 813.
- D. Isabel de Castro*, filha de José Correa de Lacerda, com quem casou, 816.
- D. Isabel de Castro*, I. Condessa de Avintes, de quem era filha, 817.
- D. Isabel Catharina Henriques*, filha de D. Jorge Henriques, com quem casou, 602, 846.
- D. Isabel Colon*, filha dos I. Duques de Veragua, com quem casou, 446, 449.
- D. Isabel de la Cueva*, filha dos VII. Duques de Albuquerque, com quem casou, 476. A sua Arvore, 479.
- D. Isabel Francisca da Sylva*, filha de D. Luiz de Almada, com quem casou, 617.
- D. Isabel de Lorena*, Marquessa de Fontes, de quem era filha, 385. Quando casou, *ibid.* Quando faleceu, 388.
- D. Isabel Margarida*, III. Duquesa de Híjar, com quem casou, 60. De quem era filha, *ibid.*
- D. Isabel Maria Pia &c.* de quem he filha, e com quem casou, 216.
- D. Isabel Maria Antonia de Mendoça*, filha de Henrique de Soula Tavares, I. Marquez de Arronches, com quem casou, 657.
- D. Isabel de Atedina e Gusmão*, filha de D. Francisco de Medina, o seu casamento, 510.
- D. Isabel de Mendoça*, filha dos IV. Condes de Val de Reys, com quem casou, 684, 821.
- D. Isabel de Meneses*, Condessa de Olivença, onde jaz, 42. Seu Epitaphio, *ibid.* Sua ascendencia, 45.
- D. Isabel das Montanhas &c.*, filha de
- Joachim Manoel Ribeiro Soares, com quem casou, 618.
- D. Isabel de Portugal*, filha de D. Diogo de Portugal, o seu casamento, 509.
- D. Isabel Sembrinha*, filha de Adriano de Fça de Castro, com quem casou, 616, 617.
- D. Isabel da Sylva*, filha de D. Luiz de Portugal, o seu casamento, 614.
- D. Isabel da Sylva*, filha de Trillaõ da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Feres, o seu casamento, 623.
- D. Isabel da Sylva*, filha de D. Diogo de Almeida, quantas vezes casou, e com quem, 617.
- D. Isabel Tello de Portugal*, Marquessa de Peradas, 510.
- Isaji* (D. Joseph Sarmiento) Marquez de Sobrozo, de quem he filho, e com quem casou, 68. *D. Joseph Salvador Sarmiento de Isaji*, IV. Conde de Salvaterra, com quem casou, e sua successão, 69. *D. Joseph Francisco Sarmiento &c.* V. Conde de Salvaterra, que titulos tem, 69. Quem succedeo da sua Casa, *ibid.* Com quem casou, *ibid.* Sua successão, 70. *D. Maria Sarmiento de Sotomayor Isaji*, VI. Condessa de Salvaterra, com quem casou, 71.
- D. Isidro de Zuniga*, X. Conde de Miranda, com quem casou, 478.
- D. Juliana de Noronha*, filha de Vasco Moniz, IV. Senhor de Argos, &c. o seu casamento, 648.
- D. Juliana de Noronha*, Condessa de Aveiras, 666.
- Justa Rodrigues Pereira*, de quem era filha, 459.

L

Lacerda (Dona Brianda Sarmiento de) de quem era filha, e com quem casou, 561. *D. Francisca* de

de *Lacerda*, de quem foy filha, e com quem casou, 59. *D. Theresia Sarmiento de Lacerda*, de quem era filha, e o seu casamento, 60.

Lacerda e Aragão (D. Antonia de) filha dos VIII. Duques de Medina Celi, o seu casamento, 112.

Lara (D. Anna Manrique de) XIII. Duquesa de Naxera, o seu casamento, 61. *D. Luiz Laffo Manrique de Lara*, II. Conde del Arco, seu casamento, e successão, 70, e

Laffo de la Vega Niño e Figueiroa (D. Joachim) III. Conde de los Arcos, o seu casamento, 69.

Lencastre (Condes de) 566, 854.

Lemos (Condes de) D. Rodrigo de Castro Ojorio, II. Conde de Lemos, 114. D. Fernando Rodrigo de Castro, IV. Conde de Lemos, quem toraó seus ascendentes, e com quem casou, ibid. D. Bentes de Castro, Condesa de Lemos, ibid. D. Afonso de Castro Ojorio, Senhor de Lemos, o seu casamento, ibid.

Lencastre (Pedro Diniz de) com quem casou, 135. *D. Juliana de Lencastre*, filha dos III. Duques de Aveiro, o seu casamento, 141. *D. Juliana de Lencastre*, filha dos VI. Condes de Portilegre, com quem casou, 142. *Mais Lencastre*, 193.

Leon (D. Elvira Ponce de) de quem era filha, e com quem casou, 75.

D. Rodrigo Ponce de Leon, IV. Duque de Arcos, quando nasceu, e que titulos teve, ibid. Com quem casou, e sua successão, 76. *D. Luiz Ponce de Leon*, de quem foy filho, e quando faleceu, ibid. *D. Francisco Ponce de Leon*, V. Duque de Arcos, de quem foy filho, e quantas vezes casou, ibid. *D. Joseph Ponce de Leon*, de quem era filho, e que empregos teve, 77. *D. Placido Ponce de Leon*, o seu casamen-

to, ibid. *D. Maria Ponce de Leon*, de quem era filha, e com quem casou, ibid. Sua successão, 79. *D. Catharina Ponce de Leon*, quantas vezes casou, e com quem, 77. *D. Leonor de Aragão* (A Rainha) 101.

D. Leonor Francisca de Portugal, IV. Condesa de Gelves, quantas vezes casou, e com quem, 461, 463.

D. Leonor Gonçalves Coutinho, de quem era filha, e com quem casou, 45.

D. Leonor Josefa de Tavora, filha de D. Luiz de Almada, com quem casou, 607, 610.

D. Leonor Josefa de Vilbena, filha de Manoel de Mello, Porteiro mór, com quem casou, 674.

D. Leonor de Menezes, filha dos II. Marquezes de Fronteira, com quem casou, 596.

D. Leonor de Menezes, III. Condesa da Ribeira Grande, teu casamento, e successão, 590.

D. Leonor de Atilá, Condesa de Gelves, o seu casamento, 456. A sua Arvore, 459.

D. Leonor de Adonora, filha dos III. Marquezes de Castello Rodrigo, quantas vezes casou, e com quem, 118.

D. Leonor de Noronha, filha dos I. Marquezes de Angeja, e Condesa de Val de Reys, 658, 684.

D. Leonor Pio de Saboya, de quem he filha, e com quem casou, 135.

D. Leonor de Portugal, filha dos V. Condes de Gelves, com quem casou, 470.

D. Leonor de Realde, de quem era filha, e com quem casou, 59.

D. Leonor Thomazia de Tavora, filha dos I. Marquezes de Tavora, o seu casamento, 614.

Lefcort (Joanna) e Nicolao Lefcort, seus casamentos, 153.

- D. Lopo de Almeida*, Commandador de Loures, seu casamento, **801**, **804**. Sua successão, *ibid*.
- D. Lopo de Almeida*, filho de D. Luiz de Almeida, seu casamento, e successão, **824**.
- Lorena* (Dona Isabel Carlota de) de quem he filha, e com quem casou, **61**. *A Duquesa D. Margarida de Lorena*, Luiz de Lorena, Conde de Armagnac, Henrique de Lorena, Conde de Harcourt, Carlos de Lorena, Duque de Elbeuf, Reynero de Lorena, Marquez de Elbeuf, Claudio de Lorena, L. Duque de Guise, seus casamentos, **151**. Mais Lorena, **181**, **193**, **289**.
- S. Lourenço* (VI. Conde de) D. João Joseph Ambrósio de Noronha, **661**.
- D. Lourenço de Almada*, Senhor de Pombalinho, com quem casou, e que filhos teve, **618**, **808**. Que empregos teve, *ibid*.
- D. Lourenço de Almeida*, com quem casou, **818**, **849**. Sua successão, *ibid*. e **850**.
- Lourenço Antonio de Sousa da Sylva*, III. Conde de Santiago, **598**.
- Lourenço Philippe de Atendeça*, V. Conde de Val de Reys, seu casamento, e successão, **686**.
- Lourenço Gonçalves da Camera*, seu casamento, e successão, **607**, **620**.
- D. Lourenço Joseph de Almada*, Senhor de Pombalinho, seu casamento, e successão, **621**.
- Lourenço de Atendeça*, III. Conde de Val de Reys, com quem casou, **599**.
- Lourenço de Atendeça*, V. Conde de Val de Reys, com quem casou, **611**.
- Lourenço de Atendeça Furtado e Albuquerque*, seu casamento, e successão, **622**.
- Lourenço de Atendeça*, casou com D. Maria de Ataide, **647**, **676**. Sua successão, **677**.
- Lourenço de Sousa da Sylva*, Commandador de Santiago de Bidoedo, seu casamento, e successão, **591**.
- Lourenço de Sousa de Menezes*, I. Conde de Santiago, **594**, **680**. Que empregos occupou, **595**. Quantas vezes casou, com quem, e sua successão, *ibid*.
- D. Lucas de Portugal*, com quem casou, **600**. Sua successão, **610**.
- D. Luiz de Almada*, Senhor de Pombalinho, quantas vezes casou, e com quem, **616**. Sua successão, **617**.
- Ouro*, **619**, **629**, **826**.
- D. Luiz de Almeida*, filho de D. João de Almeida, seu casamento, e successão, **822**, e seg.
- D. Luiz de Almeida*, filho de D. Antonio de Almeida, com quem casou, e sua successão, **823**.
- D. Luiz de Almeida*, I. Conde de Avintes, seu casamento, e successão, **827**.
- D. Luiz de Almeida*, III. Conde de Avintes, seu casamento, e successão, **828**, e seg.
- D. Luiz de Almeida*, filho de Dom Lourenço de Almeida, quantas vezes casou, e com quem, **849**.
- D. Luiz de Amaral*, Bispo de Viseu, foy Embaixador ao Concilio de Babilônia, e quando, **522**.
- D. Luiz Ambrosio de Mello*, II. Duque do Cadaval, seu elogio, **355**. Com quem casou, **356**. Formalidade, com que foy armado Cavalleiro, *ibid*. Onde jaz, e seu Epitaphio, **358**.
- Luiz Antonio de Basso Raberem*, seu casamento, e successão, **817**.
- Luiz Bernardo de Tavora*, V. Conde de S. João, com quem casou, **148**.
- D. Luiz Cartens Continho de Almeida*, filho de D. Lopo de Almeida, com quem casou, **824**.
- D. Luiz de Camera*, III. Conde de Rubra Grande, e qual com que servio

- fervio na guerra, [580](#). Com quem casou, [590](#). Sua successão, *ibid*.
- D. Luiz Carlos de Menezes, V. Conde da Ericeira, e I. Marquez de Lourençal, com quem casou, 588.*
- Luiz Carlos Machado, seu casamento, e successão, 602, 856.*
- D. Luiz da Gama, com quem casou, 662.*
- Luiz Gonçalves da Câmara (O Padre) eleito Mestre delRey D. Sebastião, 698.*
- Luiz Gonçalves da Câmara, Senhor das Ilhas Desertas, seu casamento, e successão, 822, 684.*
- Luiz Guedes de Almeida Henriques, Senhor de Murça, com quem casou, 660, 667. Sua successão, ibid. Outro, 688.*
- Luiz Joseph da Gama. Hendo para França, foy tomado pelos Salmos, e levado cativo a Maquinez, 774. Vindo de lá resgatado o aprelião Corisarios de Tangere, *ibid*. Approva-se-lhe o resgate, e vem para Portugal, *ibid*. Dalhe ElRey onze mil paucas para o seu resgate, *ibid*.*
- Luiz Joseph Pinto Coelho, filho de Francisco Pinto da Cunha, seu casamento, 878.*
- D. Luiz Lobo, VIII. Barão de Alvioto, o seu casamento, 666.*
- Luiz de Lorena, Principe de Lambeth, 174.*
- D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde de Alcala, com quem casou, 884.*
- Luiz Manoel de Sousa, IV. Conde de Villa-Vieja, seu casamento, e successão, 630, e seg. 866.*
- Luiz Nunes Corneil de Sá e Azevedo, seu casamento, e successão, 874.*
- D. Luiz de Portugal, com quem casou, 910.*
- D. Luiz de Portugal, Comendador do Priorado, com quem casou, e*
- quem lhe succedeo na Casa, 611; Outro, 614.*
- D. Luiz de Portugal, III. Conde de Vimio, quando nasceu, 728. Achou-se na batalha de Africa com ElRey D. Sebastião, 729. Fica pela cativo, *ibid*. Torna a Portugal, e he delterrado com sua mãy, e irmãos, e porque, *ibid*. Torna a para o Reyno, 740. Com quem casou, 741, 748. Retiueu-se-lhe os seus Estados, 742. Dissolve o matrimonio com consentimento da Condesa sua mulher, e funda o Mosteiro do Sacramento de Lisboa, 744. Toma o Habito de S. Domingos em S. Paulo de Almada, *ibid*. E elle tomou o nome de Fr. Domingos do Rosario, 737. Foy sete vezes à Corte de Madrid, *ibid*. Onde jaz, e seu Epitapho, 737, e seg. So, successão, 739.*
- D. Luiz de Portugal, V. Conde de Vimio, quando nasceu, 763. Entra em Portalegre a impedir os Castelhanos, que os moradores pretendão introduzir, 764. O que então obrou, *ibid*. Conferelhe ElRey o titulo de Conde Parente, 765. Servio ao Principe D. Theodósio, 766. Morre de graça de morte em huma pendencia, *ibid*. Demonstração, com que ElRey sentio a sua morte, 767. Seu elogio, 768. Onde jaz, *ibid*. Quasas vezes casou, e com quem, *ibid*, e seg. Sua successão, 769.*
- Luiz de Saldanha, com quem casou, 728.*
- Luiz de Sylva Tello, II. Conde de Aveiras, com quem casou, 791.*
- Luiz de Sousa (Frey) Porque motivo tomou o Habito de S. Domingos, 801. Como se chamou no seculo, *ibid*. Obras, que imprimio, 801.*
- Luiz Victorio de Sousa, Comyde, seu*

seu casamento, [e successão](#), 606.

D. Luíza (A Sennora) filha de El-Rey Dom Pedro II. com quem casou, 356, 359.

D. Luíza Antonia de Portugal, filha de Miguel de Quadros e Tavora, com quem casou, 872, 894.

D. Luíza de Castro e Moura, filha de Roy de Moura Felles, com quem casou, 628.

D. Luíza Clara de Menezes, filha de Ambrosio Pereira de Berredo, com quem casou, 806.

D. Luíza Constança de Lacerda, filha de Luiz Pereira de Lacerda, com quem casou, 923.

D. Luíza Francisca de Tavora, filha de Henrique Cevalheiro e Souza, o seu cal-nento, 626.

D. Luíza Gera, filha de Antonio Hamz Wiffo, o seu casamento, 640.

D. Luíza Giraldes, filha de Lucia Giralles, com quem casou, 607.

D. Luíza de Gusmão, filha de Francisco de Gusmão, com quem casou, 690, 705. Incontinentias da tostona, que experimentou depois de viúva, *ibid.* Manda-a El-Rey para a Villa de Arrouches, 706. Para onde foy dellerrada, 707. Ajerto com que foy tratada em S. Turcato, *ibid.* A sua Arvore, 713.

D. Luíza Joana Continho, filha de D. Filipe de Souza, com quem casou, 816.

D. Luíza Jofea de Menezes, filha do Conde de Laroua. João Gomes da Sylva, com quem casou, 660.

D. Luíza de Lorenza, filha dos Ill. Marquezes de Alegrete, com quem casou, 787. A sua Arvore, 789.

D. Luíza Maria de Mendoga, filha dos Ill. Condes de Val de Reys, com quem casou, 595, 680. Sua successão, *ibid.*

D. Luíza Maria de Mendoga, Ill. Mar-queza de Monte Bello, 599.

D. Luíza Maria da Sylva, filha de D. Antão de Almada, com quem casou, 627.

D. Luíza Maria de Menezes, filha de D. Pedro de Noronha, Ill. Senhor de Villa-Verde, com quem casou, 649.

D. Luíza Maria de Mendoga, I. Condesa de Domingo, 680.

D. Luíza Maria da Conceição, Fundadora do Mosteiro de Guimaraens da primeira Igreja de Santa Clara, 680.

D. Luíza de Menezes, filha de D. Álvaro de Menezes, com quem casou, 593.

D. Luíza de Menezes, filha de Dom Lourenço de Almada, com quem casou, 605, 619.

D. Luíza de Menezes, filha de Christovão de Almada, com quem casou, 617.

D. Luíza de Noronha, Marquiza de Cáceres, 659.

D. Luíza de Tavora, filha de Luiz de Miranda Henriques, com quem casou, 594.

D. Luíza Vicentia, mulher de Bernardino de Souza Tavares, 602.

D. Luíza de Vilhena, filha de D. Francisco de Menezes, com quem casou, 798.

Luna. (Condes de) D. Antonio Pimentel, com quem casou, 71. D. Francisco Pimentel Quinhones e Benavides, que titulos tem, e com quem casou, 100.

M

D. Ona Magdalena de Almeida, filha dos Ill. Condes de Allumar, seu casamento, 828.

D. Magdalena de Araide, filha de D. Alarcel Maltarenhas, com quem casou, 834.

D.

D. Magdalena de Borbon, filha dos II. Condes de Avintes, o seu casamento, 840, 845.

D. Magdalena Bruna de Castro, filha dos II. Condes de Allumar, com quem casou, 811.

D. Magdalena Josefa de Ataide, filha de António Pinto Coelho, quantas vezes casou, e com quem, 874, 877.

D. Magdalena Luiza de Emaastro, filha de Pedro Figueiredo de Alarcão, com quem casou, 887.

D. Magdalena Luiza de Borbon, filha de D. João de Almeida, com quem casou, 881.

D. Magdalena Mascarenhas, filha dos III. Marquezes de Fronteira, com quem casou, 688.

D. Magdalena de Vilhena, filha de Francisco de Sousa Tavares, com quem casou, 801. Casou segunda vez com Manoel de Sousa Coutinho, por se entender, que seu primeiro marido tinha falecido em Africa, e annullando-se o matrimonio tomou o Habito de S. Domingos no Sacramento de Lisboa, *ibid.*

Malpica. (Marquezes de Povoa e) *D. Joseph Pimentel*, seu casamento, e successão, 90, e seg. *D. Antonio Gaspar Pimentel*, IV. Marquez de *Malpica*, que empregos teve, 91. Com quem casou, *ibid.* *Dom Manoel Pimentel de Zuniga*, V. Marquez de *Malpica*, quantas vezes casou, e com quem, 92. *Dom Schollia Pimentel*, com quem casou, e sua successão, 93. *D. Joseph Pimentel*, VI. Marquez de *Malpica*, com quem casou, e sua successão, 94.

Manniga. Fidalgo deste Appellido, e seus casamentos, 491.

D. Manoel, Rey de Portugal, seu casamento, o corpo del Rey *D. José II.* da Sé de Silva para o Melho da

Batalha, e em que tempo, 15. Seu casamento, 14, 35, 164. Empreende tomar a Cidade de Azamor, 148.

Manoel. Fidalgo deste Appellido, e seus casamentos, 459.

Manoel (D. Henrique) e *D. José Manoel*, de quem erão filhos, e seus casamentos, 49.

D. Manoel de Ataide, III. Conde da Caltanheira, seu casamento, 797. *D. Manoel de Castro*, Marquez de Castelos, 649.

Manoel Correa de Lacerda, seu casamento, e successão, 834.

Manoel da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Pires, seu casamento, e successão, 624.

D. Manoel Diogo Lopes de Zuniga e Sottomayor, X. Duque de Bejar, seu casamento, e successão, 61.

Manoel Ferreira de Eça, Senhor do Morgado de Cavalleiros, seu casamento, e successão, 619.

Manoel Freire de Andrade, Governador de Olivença, com quem casou, 897. 899. Sua successão, *ibid.*

Manoel Guedes Pereira, com quem casou, 874, 878. Sua successão, *ibid.*

Manoel Ignacio da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Pires, seu casamento, e successão, 626.

Manoel Joaquim Correa de Lacerda, Era. filho de Francisco Luiz Correa de Lacerda, seu casamento, e successão, 836.

Manoel Lobo da Sylva, Comendador de Santa Maria de Moncorvo, seu casamento, e successão, 647, e seg.

D. Manoel Luiz Euthazar da Camara, I. Conde da Ribeira Grande, 581. El Rey *D. Affonso IV.* lhe concedeu o titulo de Conde de Villafraza, e da Ribeira Grande, *ibid.* Seu casamento, *ibid.*

D. Ma-

- D. Manoel de Noronha*, Prior da Cistanhiera, que empregos teve, 647.
- D. Manoel de Portugal*, Commençador de Vimioso, de quem foy filho, 791. Que empregos teve, *ibid.* Foy Embaixador a Castella, 794. Obras, que compoz, *ibid.* Quantas vezes casou, e com quem, *ibid.* Sua successão, 795, e *leg.*
- D. Manoel de Portugal*, filho de D. Henrique de Portugal, com quem casou, 797. Sua successão, 798.
- Manoel de Sampaio*, Senhor de Villa-Flor, quantas vezes casou, e com quem, 819. Outro, 854, 871. Sua successão, *ibid.*
- Manoel de Sousa da Sylva*, filho do Apontador mór Lourenço de Sousa, quantas vezes casou, e com quem, e que filhos teve, 599.
- Manoel de Sousa da Sylveira*, Alcaide mór de Thomar, seu casamento, 613.
- D. Manoel de Sousa de Tavora*, com quem casou, 646.
- Manoel de Sousa Coutinho*, com quem casou, 802. Annulla-se o matrimonio, e porque, *ibid.* Toma o Habito de S. Domingos em o Mosteiro de Beafica, *ibid.* Toma o nome de Fr. Luiz de Sousa, 803. Obras, que imprimio, *ibid.*
- D. Manoel de Sousa*, Capitão da Guarda Alemã, com quem casou, 832. Sua successão, 834.
- Manoel Telles da Sylva*, III. Marquez de Alegrete, seu casamento, 148.
- D. Manoela Francisca de Ataíde*, mulher de João de Sousa Chichorro, 878.
- D. Manoela de Toledo Moncada e Aragão*, de quem era filha, e com quem casou, 62.
- D. Margarida André*, I. Condeffa de Assumar, de quem era filha, e quando casou, 809.
- D. Margarida Arminda de Lorena* (A Princeza) de quem era filha, com quem casou, 301, 345.
- D. Margarida Coelho*, de quem era filha, e com quem casou, 45.
- D. Margarida de Mendoça Corte-Real*, filha de Manoel Corte-Real, com quem casou, 795.
- D. Margarida de Vilhena*, seu casamento, e ascendencia, 45.
- D. Maria Alberta de Castro e Portugal*, 61.
- D. Maria de Albuquerque*, de quem era filha, e com quem casou, 45.
- D. Maria do Amaral*, filha de Guypar do Amaral, com quem casou, 612.
- D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena* (A Princeza) II. Duqueza de Cadaval, quando casou, 343, 297.
- D. Maria Antonia Portugal*, filha de Dom Francisco de Portugal, com quem casou, 613.
- D. Maria Antonia da Sylva*, mulher de Martinho de Sousa de Menezes, III. Conde de Villa-Flor, 629.
- D. Maria Antonia Gertrudes de Mendoça*, filha dos IV. Condes de Val de Reys, o seu casamento, 685.
- D. Maria Antonia Coutinho*, filha de Dom Vasco Luiz Coutinho, com quem casou, 824.
- D. Maria Antonia de Borden*, filha dos III. Condes dos Arcoz, seu casamento, 839.
- D. Maria de Ataíde*, filha do I. Conde da Cistanhiera, com quem casou, 461.
- D. Maria de Ataíde*, II. Condeffa de Atalaya, 591.
- D. Maria de Ataíde*, filha dos VII. Senhores de Villa-Verde, com quem casou, 647, 676.
- D. Maria de Ataíde*, filha dos II. Condes de Val de Reys, o seu casamento, 680, 687.

D. Ma-

- D. Maria Benta de Noronha*, filha dos I. Condes de Ailumar, seu casamento, 810, 819.
- D. Maria Bonifacia de Vilbena*, mulher de Anjuno de Mello de Castro, 675.
- D. Maria de Borbon*, filha de D. Jorge Henriques, o seu casamento, 856, 858.
- D. Maria de Borbon*, filha de D. Álvaro da Sylveira, com quem casou, 862.
- D. Maria Cactana de Meneses*, II. Condessa da Ponte, 568, 579.
- D. Maria Cactana Juliana*, filha de Ruy Telles de Meneses, seu casamento, 631.
- D. Maria Catharina de Tavora*, filha de D. João Luiz Ribeiro Soares, com quem casou, 637.
- D. Maria do Céu*, Religiosa da Esperança, 636. Obras, que compoz, 637.
- D. Maria Coutinho*, segunda mulher do III. Conde de Villa-Franca, 565, 581.
- D. Maria Eugenia de Portugal*, filha de Bernardo Pereira de Berredo, seu casamento, 901.
- D. Maria de Faro*, IX. Condessa de Osmira, o seu casamento, 281, 342.
- D. Maria Francisca*, (A Rainha) Enxada no Mosteiro da Esperança, e porque morreu, 293. Quando falleceu, 306.
- D. Maria Francisca de Cordeiro*, (A Duquesa) com quem casou, 497.
- D. Maria Francisca Pereira da Sylveira*, filha de João Pereira da Sylveira, com quem casou, 874.
- D. Maria Goulam*, filha de Antonio de Almeida, com quem casou, 612.
- D. Maria de Guimão de Saes*, filha de D. Marquês de Mafra, seu casamento, 610.
- D. Maria de Lencastre*, filha de D. Lopo de Azevedo, Almirante de Portugal, com quem casou, 768.
- D. Maria Josefa Joana de Azevedo*, filha dos I. Condes das Galveas, seu casamento, 822.
- D. Maria Josefa Francisca Xavier da Gama*, IV. Marquês de Niza, com quem casou primeira vez, 576. Sua successão, ibid. Com quem casou segunda vez, 577.
- Maria Leonor de Lorena*, (A Princesa) estando ajuntada a casar com o Duque Dum Nuno Alvares Pereira não teve effeito, 300. De quarta filha, ibid. Entra no Mosteiro das Religiosas da Visitação, onde falleceu, ibid.
- D. Maria Leonor da Costa*, filha de D. João Manoel da Costa, o seu casamento, 676.
- D. Maria Lobo da Sylveira*, mulher de Ambrosio Pereira de Berredo, 896.
- D. Maria de Lorena*, filha dos III. Marquezes de Alegrete, com quem casou, 662.
- D. Maria Luiza de Castro e Portugal*, filha dos XII. Condes de Lamos, seu casamento, e successão, 477.
- D. Maria Luiza Antonia de Portugal*, filha de Antonio Pinto Coelho, seu casamento, 874, 878.
- D. Maria Magdalena de Almeida*, III. Condessa de Val de Reis, 559, 681.
- D. Maria Magdalena de Almeida*, filha de Bernardo Pereira de Berredo, quantas vezes casou, e com quem, 900.
- D. Maria Margarida de Lorena*, filha de D. Rodrigo de Mello, seu casamento, 385, 401.
- D. Maria Margarida de Castro e Albuquerque*, filha de D. António de Albuquerque Coelho, com quem casou, 774. A sua Arvore, 777.
- D. Maria de Almeida*, filha de Dom

- Fernando de Menezes, com quem casou, onde jaz, e seu Epitáfio, 411.
- D. Maria de Mendoza*, filha dos I. Marquizes de Cañello-Rodrigo, seu casamento, 746; 747. Depois de viuva tomou o hábito de S. Domingos no Mosteiro do Sacramento de Lisboa, 758. Maravilha, que Deus obrou na sua morte, ibid. A sua Arvore, 766.
- D. Maria de Menezes*, filha de Dom Henrique de Menezes, com quem casou, 795.
- D. Maria de Menezes*, filha de Dom Francisco Lobo, com quem casou, 895.
- D. Maria de Menezes*, filha de Dom Duarte Luiz de Menezes, II. Conde de Tarouca, seu casamento, 650.
- D. Maria Michaela Pereira da Sylva*, filha de Antonio Pereira Pinto da Sylva, seu casamento, 641.
- D. Maria de Moscoso*, de quem era filha, e com quem casou, 158. Seu Epitáfio, ibid.
- D. Maria de Noronha*, filha dos II. Marquizes de Vila, com quem casou, 527.
- D. Maria de Penha de França*, filha de Tristão de Mendoza, seu casamento, 621, 622.
- D. Maria Pereira da Sylva*, filha de João Pinto Pereira, Senhor do Bom Jardim, com quem casou, 875.
- D. Maria da Porta de Lencastre*, quantas vezes casou, e com quem, 672.
- D. Maria de Portugal*, filha de Dom Luiz de Portugal, seu casamento, 614.
- D. Maria de Portugal*, filha de D. Nuno Alvares de Portugal, com quem casou, 791.
- D. Maria de Portugal*, filha de D. Antonio de Almeida, seu casamento, 814.
- D. Maria de Portugal*, filha de Luiz Nunes Coronel, com quem casou, ibid.
- D. Maria de Portugal*, filha de Dom Henrique de Portugal, seu casamento, 834.
- D. Maria Rolim*, filha de Diogo Lopes Cousinho, com quem casou, 462.
- D. Maria Rosa de Menezes*, mulher de Dom João Manoel de Menezes, 606.
- D. Maria Rosa de Noronha*, filha dos II. Marquizes de Vila, seu casamento, 660.
- D. Maria Rosa de Portugal*, filha de D. Miguel de Almeida, Governador da Índia, com quem casou, 818, 849.
- D. Maria Rosa de Portugal*, filha dos I. Condes de Avintes, com quem casou, 839.
- D. Maria Jopea (A Rainha)* quando casou, 310. Que filhos teve, 314. Quando faleceu, ibid.
- D. Maria Siza de Lencastre*, de quem he filha, e com quem casou, 596.
- D. Maria Tereza*, X. Duquesa de Veragua, seu casamento, 503.
- D. Maria Tereza Antonia de Portugal*, filha de D. Pedro de Almeida, com quem casou, 872.
- D. Maria de Vilhena*, II. Condesa da Caitanheira, seu casamento, e successo, 560.
- D. Maria de Vilhena*, filha de D. Duarte de Menezes, com quem casou, 565.
- D. Maria de Vilhena*, primeira mulher do IV. Conde da Caitanheira, 565. Compoz hum lieto de Cavalarias, que intitulou *D. Estímio*, ibid. Sua successo, ibid.
- D. Maria de Vilhena*, mulher de Manoel da Sylva, de que forte faleceu, 700. Para onde foy delizçada, e porque, 707.

D. Me-

D. Maria de Vilhena, filha de D. João de Portugal, com quem casou, 804.

Mariaeva (III. Marquez de) Dom Diogo de Noronha, 659.

D. Marianna de Austria (A Rainha) quando casou, 116.

D. Marianna de Castro, III. Condesa de Tentugal, 220. A sua Arvores, 221.

D. Marianna de Faro, filha dos II. Condes da ilha, com quem casou, 493.

D. Marianna Joachina de Almeida, filha de D. Filipe de Sousa, seu testamento, 813; 819.

D. Marianna de Lencastre, filha de Simão de Vasconcelos, com quem casou, 972.

D. Marianna de Lencastre, filha de D. João de Nogueira da Câmara, seu casamento, 616.

D. Marianna de Lencastre, filha de D. Luiz Inocência de Castro, Almirante de Portugal, com quem casou, 864.

Marianna Leopoldina de Holstein (A Princesa) de quem he filha, e seu casamento, 832.

D. Marianna de Noronha e Castro, filha de D. Álvaro de Castro, Senhor de Ponte Arcada, com quem casou, 799. Fundou a Casa de Nossa Senhora da Divina Providência de Lisboa, onde jaz, e seu Epitaphio, 800.

D. Marianna de Portugal, filha de D. Rodrigo de Castro, com quem casou, 807.

D. Marianna da Sylveira, filha de Martim Cordeiro, Senhor de Teixeira, seu casamento, 876.

D. Marianna Theresia de Portugal, filha de João Sanches de Baena, com quem casou, 816.

Martim Correa de Sá, I. Visconde da Allica, seu casamento, e successão, 221. Tom. X.

618. Quando foy creado Visconde, 619.

Martim Correa de Sá, filho dos III. Viscondes da Allica, quando casou, e com quem, 616.

Martim Francisco Pereira de Eça, seu casamento, e successão, 641.

D. Martinho de Portugal, Arcebispo do Funchal, seu elogio, 883. Governou o Bispado de Viteu, 884.

He nomeado Embaixador ao Papa Clemente VII. ibid. Chega a Roma, e o que alli obrou, ibid. Nome-o o Papa Nuncio a El-Rey D. João III. ibid. Parte para Portugal, ibid. Privilegios, que lhe concede o Papa por huma bulia, 885, e seg.

He nomeado Prior mór do Mosteiro de S. Jorge de Corregos Egreantes de S. João Agostinho, 887. Obras, que fez neste Mosteiro, e em outros, ibid. Volta para Roma, e em que tempo, 888.

Offerecelhe o Papa o pallio de Clemente das Armas da Igreja, e elle o recusa, ibid. Torna para Portugal, ibid. Quem lhe succedeo na Embaixada, ibid. O que delle escrevo Torree, 889. Ti uios de que uou, 890. Fy nomeado Bispo do Algarve, 892. Que si he teve, 893.

Martinho de Sousa de Menezes, III. Conde de Villa-Bor, seu casamento, e successão, 630.

Mateus de Albuquerque, Conde de Alegrete, com quem casou, 649.

D. Mayor Afonso Pacheco, de quem he filha, e com quem casou, 45.

D. Afesia de Atella, filha dos I. Condes de Alumar, seu casamento, 413, e seg.

D. Afesia de Almeida, irmã do I. Marquez de Arranhes, com quem casou, 583. Sup. successão, ibid. e seg.

D. Mécia de Rohan, VI. Condessa de Aralaya, 488.

Medelhim (VII. Conde de) D. Pedro Portocarrero, com quem casou, 77, 83. Sua successão, *ibid.*

Medina Sidonia (Duques de) 113, e seg. Ilustre e esplendor desta Casa, *ibid.* D. Alonzo VII. Duque de Medina Sidonia, que titulos, e emyregos teve, 114. Com quem casou, e quando, *ibid.* Sua successão, 115.

D. João Manoel Domingos, &c. VIII. Duque de Medina Sidonia, que mais titulos teve, com quem casou, e sua successão, 119, e seg.

D. Gaspar de Gusmão, IX. Duque de Medina Sidonia, com quem casou, 119, 120. Sua successão, 121. Dom Gaspar de Gusmão, X. Duque de Medina Sidonia, quando faleceu, e de que sorte, *ibid.*

Quantas vezes casou, *ibid.* Sua successão, 121. Dom João Carlos de Gusmão, XI. Duque de Medina Sidonia, quantas vezes casou, e sua successão, 124, e seg.

D. Maria Simforosa de Gusmão, filha do I. Duque de Medina Sidonia, com quem casou, 124. Succedeo na Casa de seu pay, 125.

Dom Manoel Affonso Peres de Gusmão, XII. Duque de Medina Sidonia, seu casamento, e successão, 126.

D. Domingos Joseph Carlos &c. XIII. Duque de Medina Sidonia, quando casou, e com quem, 127.

D. Pedro de Alcantara e Gusmão, XIV. Duque de Medina Sidonia, quando nasceu, 127. Com quem está contratado o seu casamento, *ibid.*

Mello D. Filippe de) com quem casou, 41. Onde jaz, e a sua successão, 42.

A sua Arvore, 45. *D. Rodrigo Affonso de Mello*, I. Conde de Olivença, onde jaz sepultado, 41. Seu Esposo, *ibid.* Sua successão, 42.

Martim Affonso de Mello, Senhor de Ferreirs de Ayes, com quem casou, e sua successão, *ib.*

Acetim Affonso de Mello, Senhor de Arega, com quem casou, e de quem era filho, *ibid.*

Falco Martins de Mello, de quem foy filho, e com quem casou, *ibid.*

D. Rodrigo de Mello, I. Marquez de Ferreira, quando nasceu, 144. Seu elogio, 145. Merces, que lhe fez El-Rey D. Manoel, 146.

Terras de que foy Senhor, 147. Parto em huma Armada para a Conquista de Azamor, 149. Valor, com que se houve nella, *ibid.* e 151.

O que obrou na defeza de Azmora, em que foy mal ferido de hum pebouco, 155. Incommodos, que ali padecio, *ibid.* Volveu ao Reyno, e que honr. lhe fez El-Rey, 156.

Illeve contratado a casar com D. Maria For o carrero, o que não teve effecto, 157, 172. Quando casou, e com quem, 158.

Avara, que lhe deu El-Rey D. Manoel sobre a administração da Capella de S. João Evangelista, 165. Contrato entre D. Rodrigo de Mello, e D. Jayme de Bragança sobre a troca de algumas terras, 166.

Confirmação de El-Rey D. João III. todos os seus títulos, 167, 168. Prestimónios, que erigio, 169. Breve, e privilegios, que lhe concedeo o Papa Paulo III. e para que, 170.

Institue o Morgado das Abituarias, *ibid.* Onde jaz, e seu Esposo, 171. Sua empresa, 172. Sua circumstancia, 175. Dona Maria de Mello, filha do I. Marquez de Ferreira, com quem casou, 176.

D. Álvaro de Mello, com quem casou, 179. *D. Álvaro de Mello*, demanda, que correu entre elle, e D. Francisco de Mello sobre preferencias de successão, 180. e Condições,

Mello, Senhor de Ferreirs de Ayes, com quem casou, e sua successão, *ib.*

Acetim Affonso de Mello, Senhor de Arega, com quem casou, e de quem era filho, *ibid.*

Falco Martins de Mello, de quem foy filho, e com quem casou, *ibid.*

D. Rodrigo de Mello, I. Marquez de Ferreira, quando nasceu, 144. Seu

elogio, 145. Merces, que lhe fez El-Rey D. Manoel, 146.

Terras de que foy Senhor, 147. Parto em huma Armada para a Conquista de

Azamora, 149. Valor, com que se houve nella, *ibid.* e 151.

O que obrou na defeza de Azmora, em que foy mal ferido de hum pebouco, 155.

Incommodos, que ali padecio, *ibid.* Volveu ao Reyno, e que honr. lhe fez El-Rey, 156.

Illeve contratado a casar com D. Maria For o carrero, o que não teve effecto, 157, 172.

Quando casou, e com quem, 158.

Avara, que lhe deu El-Rey D. Manoel sobre a administração da Capella de S. João

Evangelista, 165. Contrato entre D. Rodrigo de Mello, e D. Jayme de Bragança sobre a troca de algumas

terras, 166. Confirmação de El-Rey D. João III. todos os seus títulos, 167, 168.

Prestimónios, que erigio, 169. Breve, e privilegios, que lhe concedeo o Papa Paulo III. e para que, 170.

Institue o Morgado das Abituarias, *ibid.* Onde jaz, e seu Esposo, 171.

Sua empresa, 172. Sua circumstancia, 175. Dona Maria de Mello, filha do I. Marquez de Ferreira, com quem casou, 176.

D. Álvaro de Mello, com quem casou, 179. *D. Álvaro de Mello*, demanda, que correu entre elle, e

D. Francisco de Mello sobre preferencias de successão, 180. e Condições,

regêdes, com que se concertarão, *ibid.*
 Com quem catou, *181. D. Nuno*
 Soares de Mello, *Marum Affonso*
 de Mello, seus casamentos, *177.*
 D. Di. Francisco de Mello, *II. Mar-*
 quês de Ferreira, tempo que con-
 ceo, entre elle, e D. Alvaro de Mel-
 lo sobre a successão da sua Casa,
182. Complicação, que fizeo por
 intervenção do Rey D. João II. *ibid.*
 Com quem catou, *184. 187. Com*
 que dote, e condições, *185. Palla*
 a viver na sua Villa de Agudo de Pa-
 rias, e porque, *187. Que tempo*
 viveo, *188. Acompanhou a Prin-*
 ceza D. Joanna quando yallou a

189. Heipama, ibid. Certa que eiereo
 ao Duque D. João I. *189. Inten-*
 diluor a ElRey D. Sebastião da

190. jornada a Africa, 192. Fazhe no-
 va merce de Conde de Tentugal El-

Rey D. Philippe o Prudente, 193.
 Disposição do seu Testamento,
194. Onde jaz sepulado, e teu
 Equião, *196. Sua descendência,*
197. D. Rodrigo de Mello passou
 a Africa com Eadey D. Sebastião,
201. Falleceo na batalha, e de que
 modo, *ibid. Com quem foy cala-*
mento, ibid. De Nuno Alvares Pereira
de Mello, III. Conde de Tentu-
gal, 205. He nomeado Generalis-
simo da Armada, que ElRey Dom
Sebastião mandou a França, 206.
 Palla a Africa com o mesmo Rey,
 onde foy cativo, *ibid. Accom-*
 panhou a Rainha D. Catharina quan-

to fahio de Villa-Vieosa, 207. Com
 quem casou, *ibid. e 210. Com que*
 dote, *ibid. Piedade com que reuiu*
 na hora da sua morte, *218. e leg.*
 Onde jaz, e seu Epitapho, *210. Sua*
 descendência, *210. e leg. D. Ro-*
 drigo de Mello, foy Conde da Sé

de Evora, 217. E Presidente da
 Mesa da Condiçtencia, *ibid. Que*
 mais empregos teve, *ibid. Onde*

jaz, e seu Epitapho, *212. D. Le-*
 nor de Mello, Marquês de Caltel-
 lo-Rodrigo, seu casamento, *225.*
 Sua successão, *230. D. Francisco*
 de Mello, III. Marquez de Verrei-
 ra, quanto nasceu, *237. Terras,*
 de que foy Senhor, *238. Mercês,*
 que lhe fez ElRey Dom Philippe III.
239. e leg. Vay a Evora beijar a
 mão a ElRey Philippe o Bom, *242.*
 Acompanha-o na entrada, que fez
 em Lisboa, *ibid. Não se achou nas*
 Cortes, e porque, *ibid. Com quem*
 casou primeira vez, *248. 258. e*
 segunda, *243. 259. D. João II.*
 Duque de Bragança, o foy visitar a
 Evora, e com que formalidade,
244. e leg. De que sorte o recebeu,
248. e leg. Ailha o tumulto entre
 os moradores de Evora, *254. O*
 que obrou na Acclamação delRey
 D. João IV. *ib. Conduz a Rainha D.*
Luiza de Villa-Vieosa para Li. b. 2,
255. Equivocação, que paleceo
 o Padre Anselmo sobre a pella de
 D. Francisco de Mello, *257. Quan-*
 do falleceo, onde jaz, e seu Epitapho,
ibid. Sua successão, 258. 262. D.
Nuno Alvares Pereira de Mello,
262. e leg. D. Nuno Alvares Pe-
reira de Mello, Patrio de Lamego,
265. D. Luiz Ambrosio de Mello,
II. Duque de Cadaval, 265. Dom
Thome de Mello, III. Duque de
Cadaval, 268. e leg. D. Joseph de
Mello, Arcebispo de Evora, 271.
e leg. Francisco de Mello, Moni-
ro mór do Reyno, seu casamento,
279. Outros fidalgos deste Apeli-
do, e seus casamentos, 283.
 Mello (A Princeza de) D. Anna de
 Mendouça, seu casamento, e suc-
 cessão, *285.*
 Meneses (D. Isabel de) Condiça de
 Oliveira, onde jaz sepulada, *42.*
 Seu Epitapho, *ibid. Sua descen-*
 cia, *45. Dona Brutes de Menezes,*
 com

-za D'ella e Zuniga, com quem casou, 90. De quem era filha, *ibid.*
 - D. Pedro Pimentel, Marquez de *Aluabel*, seu casamento, 95.
Alonjear (VI. Marquez de) D. Inigo, seu casamento, 116. D. Maria de Mendoça e Aragão, VII. Marquez de *Alonjear*, com quem casou, *ibid.*
Alonso mar do Reyno, Francisco de Meilo, 659.
Monte Belo (II. Marquez de) Antonio Felix Machado, seu casamento, e successão, 600.
Monte Leon, o de Terra-Nova, (Pouquers de) D. Andre Fabricio Pinhatelli de Aragão, que titulos teve, e seu casamento, 101. De quem era filho, *ibid.* Antiquidade della Famiha, *ibid.* Sua successão, 102. D. Joana de Aragão Pinhatelli, VIII. Duquesa de *Monte Leon*, com quem casou, e sua successão, 103, e seg. D. Nicolao Pinhatelli, *ibid.*
Alonsojo (IV. Conde de) D. Chritovão Lourenço, seu casamento, e successão, 84.
Alora (I. Marquez de) D. José Miguel Ferrnandes de Heredia, com quem casou, 413. Dom João Ferrnandes de Heredia, seu casamento, *ibid.*
Alonsofo (D. Theresia de) filha de D. Luiz, VII. Conde de Altamira, quantas vezes casou, e com quem, 91.
Alonsofo Osorio (A Marqueza D. Isabel de) D. Rodrigo, II. Conde de *Altamira*, D. Lopo, IV. Conde de *Altamira*, D. Rodrigo, V. Conde de *Altamira*, D. Lopo, VI. Conde de *Altamira*, seus casamentos, 165.
Alseira. O de S. José de Seruval, quem foy seu fundador, e quando se começou a habitar, 114.
Alvarima (Conde de) D. Joseph Sar-

mento de Valladeres, seu casamento, e successão, 111.
Alvora (D. Manoel de) Marquez de Castello-Rodrigo, com quem casou, 225, 219. De donde se dedoz esta famiha, 226. Foy Meniro da Princeza D. Joana, 228. Que mais empregos teve, 229. Quando faleceu, *ibid.* Sua successão, 230. D. Francisco de *Alvora*, III. Marquez de Castello-Rodrigo, que empregos teve, 231. Com quem casou, e sua successão, *ibid.* D. Joana de *Alvora*, V. Marqueza de Castello-Rodrigo, com quem casou, 232. Outros Fidalgos deste Ajpellido, e seus casamentos, 261.

N

Naxera (Duquesa de) D. Chitomar de Castro, com quem casou, 51. Mostra-se de quem foy filha, tirando-se a duvida dos Nobiliarios, 52.
Neufville (A Condesa Catharina de) Nicolao de *Neufville*, Duque de Ville Roy, Carlos de *Neufville*, Marquez de Ville Roy, Nicolao de *Neufville*, Senhor de Ville Roy, seus casamentos, 353. Outros Fidalgos do mesmo Ajpellido, 381.
Niebla (IX. Conde de) D. João Clamor de Gusmão, seu casamento, e successão, 113.
Niza. (Marqueza de) D. Vasco Luiz da Gama, I. Marquez de *Niza*, 566. D. Francisco Luiz Balthazar da Gama, II. Marquez de *Niza*, 568, e seg. D. Vasco Joseph Luiz Balthazar da Gama, III. Marquez de *Niza*, 575. Dona Maria Joia Francisca Xavier da Gama, IV. Marqueza de *Niza*, 576.
Noreña (D. Affonso de) com quem casou,

afou, [104](#). Outros Fidalgos de-
te Appellido, e seus calamentos,
[789](#).

D. Nuno Alvares Pereira de Mello,
seu elogio, [167](#). Quando nasceu,
[168](#). De que idade succedeo na Ca-
sa de seu pay, [169](#). Terras, de
que toy Senhor, *ibid.* Obediencia,
que teve á Marquiza sua mãy,
[170](#), e seg. Recomendalhe El-Rey
D. José IV. por sua morte, as pe-
soas da Rainha, e do Príncipe, [171](#).
Determina acharse na Campanha de
[1647](#), e a Rainha lho impede,
[173](#). Acha-se na Campanha de
[1653](#), [174](#). Carta de Recomenda-
ção da Rainha, *ibid.* Outra, que
lhe ecreveo a Rainha, [176](#). Val-
lor, com que se houve na Campa-
nha, [177](#), e seg. Carta de agrade-
cimento da Rainha, [179](#). Intenta o
Conde de Odemira casillo com hu-
ma filha sua, [181](#). Effetua-se, *ib.*
e [182](#). Doação, que fez ao Mo-
teiro de Nossa Senhora da Soleda-
de, [182](#). Cartas, que lhe ecreveo
Carlos II. Rey de Inglaterra, [183](#),
e seg. Prende dentro do Paço a An-
tonio de Conti, [186](#). O que delle
procedimento relatou, [187](#), e seg.
Valor, com que se houve na em-
preza de Serralvo, [188](#). E na en-
trepreza da Villa de Freixenda,
ibid. e seg. Pussa para a Villa de
Tentugal, [190](#). Representação,
que fez a El-Rey, mostrando a má
vontade, das que o malguitaraõ,
ibid. Conduz a sua Casa para a Vi-
lla de Alcaçer, [191](#). Carta, que
lhe ecreveo o Infante Dom Pedro,
ibid. Forna para a Corte, [192](#). O
que passou com o Secretario An-
tonio de Sora de Macedo, [193](#).
Comunicalhe a Rainha D. Maria
Francisca a entrada, que fez no
Reino da Esperança de Lisboa,
[194](#). Com quem casou segun-
da

vez, [195](#), [197](#). Carta, que lhe
ecreveo El-Rey Luiz XIV. dando-
lhe os parabens deste segundo ma-
trimonio, [198](#). He creado *Prin-
cipe* do Conselho Ultramarino,
[199](#). E General da Cavallaria, pa-
ga, *ibid.* E sobre ajustado a seu sa-
lamento com Madamoinelle de El-
beuf, o que não teve effeito, e
porque, [200](#). Carta com a Prince-
za Margarida Arminda de Lorena,
[201](#). Com que condições, *ibid.*
He nomeado Governador das Ar-
mas da Provincia de Extremadura,
[202](#). E executor do Testamento
da Rainha Dona Maria Francisca,
[206](#). E Presidente da Junta do Ta-
baco, [207](#). E do Desembargo do
Paço, [208](#). Carta, que lhe ecre-
veo o Principe D. Jozé Vithetino,
[211](#). Outra do Duque de Farnes
Raynaco, [213](#). Outra, que lhe
ecreveo El-Rey D. Pedro II. quan-
do passou a Campanha da Beira,
[218](#). He chamado de Santarem pe-
lo mesmo Rey, e para que, [219](#).
O que obrou nella Campanha,
[220](#), e seg. Recomendações, que
lhe fez El-Rey, citando-lhe a lide-
ra, [221](#). Perence o corregir huma
chave, que tinha do Quarto del-
Rey, e El-Rey D. José V. lhe or-
denou, que a conservasse, [223](#).
Carta, que lhe ecreveo o mesmo
Rey, nomeando-o Mestre de Cam-
po General, [224](#). Papéis, que dei-
xou el-rey, [225](#), [226](#). Visitou o
pessoalmente El-Rey D. José V. e a
Rainha por hum seu Visor, *ibid.*
E o fez do Paço, com o seu El-
crevo, *ibid.* Visitou o El-Rey segun-
da vez, e o Infante D. Antonio,
[231](#). Pratica entre El-Rey, e o Du-
que, *ibid.* Visitou o Infante Dom
Antonio, [233](#). Quanto falcou,
e onde jaz, [235](#). Suas virtudes,
[236](#), e o seg. O que lhe succedeo

2. m. l. com

de m. l. com

com o Marquez de Fronteira, 119. Seu Epitafio, 141. Sua successão, 147, e seg.

D. Nuno Alvares Pereira de Atella, Bispo de Lamego, que ampegos teve, 150. Quando faleceu, e onde, 152, 151. Seu Epitafio, ibid.

D. Nuno Alvares de Portugal, Governador do Reyno, de quem era filho, 791. Seu casamento, e successão, 792.

D. Nuno Calvo e Portugal, IV. Duque de Viseu, 464. Que titulos teve, 465. Com quem casou, 466. Dos successos, ibid.

Nuno de Almeida, II. Conde de Val de Reys, seu casamento, e successão, 677, e seg.

Nuno de Almeida, IV. Conde de Val de Reys, seu casamento, e successão, 684, 698.

Nuno da Sylva Telles, filho dos II. Marquizes de Alegrete, seu casamento, e successão, 576.

O

O Demira (IV. Conde de) D. Sancho de Noronha, com quem casou, 111.

Oropesa (VIII. Conde de) D. Duarte Fernandes Alvares de Portugal, seu casamento, 86.

Osorio (D. Anna de Avila) XI. Marquiza de Astorga, com quem casou, e sua successão, 210. *D. Isabel Osorio*, 201. *D. Maria Osorio*, II. Marquiza de Villa-Francia, com quem casou, e quem terá seus ascendentes, 229. *Dom Rodrigo Afonso Osorio*, ibid. *Dom Lopo Afonso Osorio*, *Dom Rodrigo de Afonso Osorio*, *D. Pedro Alvares Osorio*, Condes de Alentejo, seus casamentos, ibid.

Oficina (V. Duque de) Dom Gaspar

Tom. X.

Telles Cirão, com quem casou, 82. *D. Joseph Giron*, seu casamento, 120.

Onrem (Conde de) O Senhor D. Afonso, 519.

P

P. Achey (D. Mayor Affonso) de quem era filha, e com quem casou, 45. *D. Diogo Roque Lopes Pacheco*, Duque de Escalona, com quem casou, 59. *D. Josefa Femeila Pacheco*, filha dos IX. Duques de Escalona, quando casou, e com quem, 127.

Palafos (D. Josefa Sarmento de) de quem era filha, e o seu casamento, e successão, 94.

Peliano (Duques de) 165.

Pastrana (III. Duque de) Dom Roy Gomes da Sylva, com quem casou, 119.

Patriarca. D. Thomas de Almeida, I. Patriarca de Lisboa, 840 até 848. *Vide na letra T.*

Paulo Carneiro de Araújo (O Doutor) seu casamento, 900.

D. Paulo da Gama, seu casamento, e successão, 612, e seg.

Paula Iria Corte-Real, filha de Manoel Corte-Real, com quem casou, 818.

D. Paula Jacobina de Ataide, filha de Antonio Luiz Vaz Lins, com quem casou, 877.

D. Paula de Portugal, filha dos II. Condes da Vidigreira, com quem casou, 561.

Payo Pires (Senhores do Morgado de) 622.

D. Pedro II. Rey de Portugal, em que tempo foi jurado Principe herdeiro, Regente, e Governador destes Reynos, 294, e seg. Com quem casou segunda vez, 110.

XXXX

D,

- D. Pedro Affonso de Souza*, Rico-homem, 45.
- D. Pedro de Almeida*, I. Conde de Alfumar, em que tempo foy Vice-Rey da India, 808. Quando foy creada Conde, 809. Aonde faleceu, e quando, *ibid.* Com quem casou, e sua successão, *ibid.* e seg.
- D. Pedro de Almeida*, III. Conde de Alfumar, va or com que se houve na batalha de Çaragoça, 816. Ena de Villa-Viçosa, *ibid.* He nomeado Governador das Minas, 817. Sciencias, a que he applicado, *ibid.* Quando casou, com quem, e sua successão, 818.
- D. Pedro de Almeida*, filho de Dom Antonio de Almeida, seu casamento, e successão, 872.
- Pedro Alvares Cabral*, foy Enviado a ElRey Catholico, 840. Com quem casou, *ibid.*
- D. Pedro Antonio de Noronha*, I. Marquez de Angeja, foy Vice-Rey na India, 651. O que naquelle Estado obrou, *ibid.* e seg. Generosidade, com que tratou aos Cabos, e Officiaes de huma Esquadra Françeza, que pallava a Bengala, 652. ElRey Luiz o Grande lho manda agradecer, *ibid.* Volta ao Reyno, 653. Estimacão, que delle fez ElRey D. Pedro II. *ibid.* Empregos, em que o occupou, *ibid.* Achou-se na Campanha de 1706, e o que nella obrou, *ibid.* e seg. He mandado ao Brasil, e a que fim, 654. ElRey D. João V. o creou Marquez de Angeja, 655. O que obrou na Bahia tendo Governador, *ibid.* O que delle diz Sebastião da Rocha Pitta, 656. Volta o Marquez a Lisboa, *ibid.* He nomeado Mordomo mór da Princeza do Brasil, 656. Seu elogio, 657. Quando faleceu, *ibid.* Com quem casou, e sua successão, *ibid.* e seg.
- Pedro Gonçalves da Camara Coutinho*, que empregos tem occupado, 604.
- D. Pedro Joseph Noronha*, III. Marquez de Angeja, seu casamento, e successão, 662.
- D. Pedro Joseph de Mello*, com quem casou, 856, 858. Sua successão, *ibid.*
- D. Pedro de Lencastre*, V. Conde de Villa-Nova, com quem casou, 390.
- Pedro Machado de Brito*, filho de Francisco Machado de Brito, o seu casamento, 900.
- D. Pedro Manoel Colan e Portugal*, VII. Duque de Veragua, 421. Quando casou, e com quem, 428.
- D. Pedro Manoel*, II. Conde de Aulaya, com quem casou, 591.
- D. Pedro Mascarenhas*, filho de Dom Fernão Mascarenhas, com quem casou, 641.
- Pedro de Mello e Castro*, II. Conde de Salvaterra, com quem casou, 840, 859.
- D. Pedro de Menezes*, filho de D. Antonio de Menezes, Alcaide mór de Vieu, com quem casou, 802.
- D. Pedro de Noronha*, Senhor de Villa-Verde, com quem casou, 561, e 644. Quem foram seus pais, e avós, *ibid.* Sua successão, 645.
- D. Pedro de Noronha e Souza*, IX. Senhor de Villa-Verde, seu casamento, e successão, 648.
- D. Pedro Nuno Colon de Portugal e Castro*, VI. Duque de Veragua, 471. Quantas vezes casou, e com quem, 476, e seg. Sua descendencia, 477, e seg.
- D. Pedro Nuno Colon de Portugal*, VIII. Duque de Veragua, 493. Títulos, que teve, *ibid.* O que delle diz o Marquez de S. Philippe nos Commentarios da Guerra de Hespanha, 495. Empregos, que occupou, 496. Seu casamento, e successão, *ibid.*

Pedro

Pedro da Sylva de Fonseca, Alcaide-mór de Alentejo, seu casamento, e successão, 829.

D. Pedro de Zuniga, de quem era filho, e com quem casou, 55.

Penbaranda (Conde de) *D. Agostinho de Velasco*, o seu casamento, 99.

Peralas (Marquesa de) *D. Isabel Teilo de Portugal*, 520.

Pereira de Lacerda (O Conde *D. Joseph*) seu elogio, 901, e seg.

Pereira (D. Joanna) mulher de Dom Francisco de Almeida, e Vice-Rey da India, 175. Quem foram seus ascendentes, 177. *D. Erites Pereira*, filha de *D. Nuno Alvares Pereira*, com quem casou, 201.

Pimentel. Antiquidade desta Casa, 85. De donde derivou a sua origem, *ibid.*

Pimentel (D. Brites) de quem era filha, e com quem casou, 44, 163.

D. Maria Pimentel de Zuniga, quem foram seus pais, e o seu casamento, 62. *D. Alícia de Gusmão*

Pimentel, de quem era filha, e o seu casamento, 74. *João Affonso Pimentel*, Senhor de Bragança, de quem era filho, e com quem casou, 49. *D. Maria Antonia Pimentel*, Princesa de Esquilache, com quem casou, 79. *D. Francisco Antonio*

Casimiro Pimentel, XII. Conde de Benavente, o seu casamento, 61.

D. Rodrigo Affonso Pimentel, que empregos teve, e quantas vezes casou, 85. *Dona Theresa Pimentel*, com quem casou, 89, 118. *D. Joanna Pimentel*, 129.

Pimentel. Marqueses de Tavera, 265.

Pinbatelli (D. Rolanda Maria de Aragão) de quem era filha, e com quem casou, 109. O Principe *D. Fabricio Pinbatelli*, de quem era filho, e com quem casou, 104. *D. Maria Theresa Pinbatelli*, com quem casou, *ibid.* *D. Estefania de*

Tom. X.

Aragão Pinbatelli, o seu casamento, 109.

Pombalinho (Senhores de) 614.

Ponce de Leon (D. Maria) de quem foy filha, e com quem casou, 73.

D. Rodrigo Ponce de Leon, III. Duque de Arcos, seu casamento, e successão, *ibid.* *D. Luiz Ponce de Leon*, Marquez de Zahara, seu casamento, e successão, 74. *D. Luiz Ponce de Leon*, *ibid.* *D. Rodrigo Ponce de Leon*, IV. Duque de Arcos, 75. *D. Elvira Ponce de Leon*, *ibid.* *D. Maria Ponce de Leon*, Duquesa de Gandia, com quem casou, e sua successão, 78, e seg. *D. Catharina Ponce de Leon*, Marquesa de Carracena, quantas vezes casou, e com quem, 82, e seg. *D. Maria Ponce de Leon*, filha dos III. Duques de Arcos, o seu casamento, e successão, 84, e seg. *D. Catharina Ponce de Leon*, *D. João Ponce de Leon*, *D. Pedro Ponce de Leon*, seus casamentos, 713.

Ponte (Condes da) *Garcia de Mello e Torres*, II. Conde da Ponte, 568, 579. *Antonio de Mello de Torres*, III. Conde da Ponte, 581.

Pontevel (Condessa de) *D. Elvira de Mendoça*, 614.

Portalegre (II. Conde de) *D. João da Sylva*, com quem casou, 130.

Com quem doze, e condições, *ibid.* e 131. Sua successão, 132. *D. Alvaro da Sylva*, III. Conde de *Portalegre*, quantas vezes casou, e com quem, 135, 175. Sua successão, 136. *D. João da Sylva*, filho do mesmo Conde, o seu casamento, *ibid.* Não chegou a succeder na Casa por falecer em vida de seu pai, 136. *D. João da Sylva*, IV. Conde de *Portalegre*, quem era, e seu casamento, *ibid.* *D. Dingo da Sylva*, V. Conde de *Portalegre*, o seu casamento, 138. *D. Mantique da Sylva*.

Sylva, VI. Conde de *Portalegre*, quantas vezes casou, e com quem, 141, 222, 229. D. João da Sylva, VII. Conde de *Portalegre*, quantas vezes casou, e com quem, 243. Empregos, que teve, *ibid.* Onde jaz, *ibid.* Foy-lhe conferido o titulo de Marquez de *Guavea* de juro, e herdade, *ibid.*

Portugal, Condes de *Gelvetes*, 471. D. Alvaro de Portugal, II. Conde de *Gelvetes*, 450. D. Jorge Alberto de Portugal, III. Conde de *Gelvetes*, 461. D. Nuno Calvo e Portugal, 464. D. Afonso de Portugal, Bispo de Evora, 533. D. Maria Alberta de Castro e Portugal, de quem era filha, e com quem casou, 61. D. Raimundo de Castro e Portugal, quem torou seus pais, e com quem casou, 63. Outros Fidalgos deste se Appellido vão apontados com os seus nomes proprios em seus lugares.

Puebla (Marquez de la) D. Diogo de Zuniga, quem foy, e com quem casou, 65, e seg. Don Francisco Belchior de Avila e Zuniga &c. III. Marquez de la *Puebla*, de quem foy filho, 66. Quantas vezes casou, e com quem, 67. Sua successão, *ibid.*

Q

Quadros (Miguel de) Provedor das *Lizinas*, seu casamento, e successão, 894.

Quinhones (D. Francisco Pimentel) que titulos tem, e com quem casou, 100.

R

Riscalde (D. Leonor de) de quem era filha, e com quem casou, 55.

Reliquias. As que ha na Sé de Viseu de S. Theotonio, 210. Formahdade, com que torou tiradas, conduzidas, e recebidas na dita Cidade, 211, e seg.

Reys. Os de Portugal podem usir-se, na mesma forma, que a outros Reys he concedido, 516.

Riba de Baixo (Comendadores de) 627.

Ribeira. Alguns Fidalgos deste Appellido, e seus casamentos, 491.

Ribeira Grande (Condes da) D. Manoel Luiz Balbazar da Camera, I. Conde da *Ribeira Grande*, 583. D. Joseph Rodrigo da Camera, II. Conde da *Ribeira Grande*, 584. D. Luiz da Camera, III. Conde da *Ribeira Grande*, 589. D. Joseph da Camera, IV. Conde da *Ribeira Grande*, 591.

D. Rodrigo Afonso de Mello, I. Conde de *Oliveira*, onde jaz sepultado, 41. Seu Epitaphio, *ibid.* Sua ascendencia, 45.

D. Rodrigo da Camera, III. Conde de *Villa Franca*, com quem casou, 566, 582.

D. Rodrigo de Castro, filho de D. Rodrigo de Castro o *Hambribo*, seu casamento, e successão, 893.

D. Rodrigo de Costa, filho do I. Conde de *Sour*, 673. Foy Vice-Rey da *India*, e Governador da *Ilha da Madeira*, 674. Com quem casou, *ibid.* Sua successão, 675.

Rodrigo Eannes de Sá, I. Marquez de *Abrantes*, com quem casou, 385. Mercês, que lhe fez ElRey D. João V. 386. Que empregos teve, 387. Sua erudição, 383. Sua successão, *ib.*

Rodri-

Rodrigo de Figueiredo de Alarcão, Senhor do Morgado de Ota, com quem casou, 811.

D. Rodrigo de Mello, filho do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello, seu elogio, 183. Com quem casou, e que filhos teve, 184; 188.

Rodrigo Santhos Farinha e Bacua, com quem casou, 617.

Roque de Costa Barreto, com quem casou, 871.

D. Rosa Maria de Piterbo, filha de D. João Correa de Sá, III. Visconde de Alencá, com quem casou, 615.

Ruy Dias Pereira de Lacerda, o seu casamento, 835.

Ruy de Moura Telles, que empregou teve, 678. Quando foy creado Reytor da Universidade de Coimbra, Vispo da Guarda, e de Lamego, e Arcebispo de Braga, 679.

Quando faleceu, 680.

Ruy Haç Coutinho, de quem era filho, e com quem casou, 45.

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

quem passou depois esta Casa, *ibid.* *Salvaterra* (Condes de) 67 até pag. 71.

Sandruval (D. Joanna de) filha dos L. Duques de Lerna, seu casamento, e successão, 119, e seg.

Sandruval e Rozas (A Condessa Dona Leonor de) D. Bernardo, II. Marquez de Denia, D. Luiz, III. Marquez de Denia, D. Francisco, IV. Marquez de Denia, seus casamentos, 165.

Santiago (Conde de) Lourenço de Sousa de Meneses, I. Conde de Santiago, 594. Aleixo de Sousa da Sylva, II. Conde de Santiago, 596. Lourenço Antonio de Sousa da Sylva, III. Conde de Santiago, 598.

Sarmento (D. Maria Francisca) de quem era filha, com quem casou, e sua successão, 70.

Sarmento de Lacerda (D. Brinda) de quem era filha, e com quem casou, 56. D. Theresia Sarmento de Lacerda, 60.

Sanatda (II. Marquez de) D. Francisco Tello de Portugal, 510.

Sebeffenberg (D. J. de) Francisca de) o seu casamento, 857.

D. Sebastião, Rey de Portugal, quem foy seu Mestre, e pareceres, que houve sobre a eleição d'elle, 697.

Sebastião Correa de Sá, filho dos III. Viscondes da Alcaia, seu casamento, e successão, 600.

D. Serafina (A Senhora) filha do Duque de Bragança Dom João I. com quem casou, 400.

Sessa (Duque de) D. Antonio Fernandes de Cordova, com quem casou, 89. D. Francisco Fernandes de Cordova, VIII. Duque de Sessa, o seu casamento, 111.

Sylva (Ayres Gomes da) III. Senhor de Vagos, com quem casou, e quem foram seus ascendentes, 45. *João Gomes da Sylva*, II. Senhor de Vagos.

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

S

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

TOM. X.

XAXXIII

609

gos, de quem era filho, e com quem casou, *ibid.* *Gonzalo Gomes da Sylva*, o seu calamento, *ibid.* *D. Jorge da Sylva*, foy mal acceito a *El-Rey* D. João III, e porque, 131. *D. Antonio da Sylva*, te foy Capellão mór de *El-Rey* D. Sebastião, como querem alguns Autores, 133. *D. Alvaro da Sylva*, III. Conde de Portalegre, 135. *D. Filippa da Sylva*, IV. Condessa de Portalegre, 137. *D. João da Sylva*, nomeado Bispo de Vileu, 139. *D. Filippa da Sylva*, que empregos teve, e a quem se unio a sua Casa, 140. *D. Alvaro da Sylva*, Religioso Capucho, de quem era filho, 142. Foy Bispo da Guarda, e o recitou ter de Lamego, *ibid.* Quando faleceu, e aonde jaz, *ibid.* *Fernão da Sylva*, *Antonio da Sylva*, Comendadores de Alpalhão, *João da Sylva*, *Ruy Gomes da Sylva*, Senhores da Cnamulica, seus calamentos, 145.

Sylva e Mendoza (D. Anna da) filha de Ruy Gomes da Sylva, Senhor da Charneca, com quem casou, 114. Sua successão, 115. *D. Luíza Maria da Sylva*, filha dos IX. Duques do Infantado, seu calamento, e successão, 116.

Sylvorio da Sylva da Fonseca, filho de Pedro da Sylva da Fonseca, com quem casou, 824.

D. Simão da Gama, Bispo do Algarve, 563. E depois Arcebispo de Évora, *ibid.*

Simão de Mello Cogominho, seu calamento, e successão, 600.

Souares (Eltorab) Senhor de Albergaria, com quem casou, 45. *D. Brizete Soares*, filha de *Fernão Soares*, com quem casou, e quem torão seus ascendentes, 801.

Soure (Conde de) Dom Henrique Francisco da Costa, seu calamento,

989. *D. João da Costa*, 590, 663. Que Comendas teve, *ibid.* Achou-le na Acela mação, *ibid.* Que empregos teve, *ibid.* Em que tempo foy creado Conde, 664. Estimado, e confiança, que delle fez *El-Rey* D. João IV. *ibid.* Manifesto, que imprimio, 665. Motivos porque foy desterrado, *ibid.* Sciencia, a que foy applicado, *ibid.* Quando faleceu, onde jaz, e sua successão, *ibid.* D. Gil Farnes da Costa, II. Conde de Soure, 666. D. João Joseph da Costa, III. Conde de Soure, 667. D. Henrique Joseph Francisco da Costa, IV. Conde de Soure, 671.

Sottomayor (D. Afonso) IV. Conde de Belalcazar, com quem casou, 47. A sua successão, 50. Achou-se nas Cortes de Toledo, 49. *D. Francisco de Sottomayor*, V. Conde de Belalcazar, de quem foy filho, 50. Que mulos teve, e com quem casou, *ibid.* Sua successão, 54. Dom *Francisco de Zúñiga Sottomayor*, IV. Duque de Bejar, de quem era filho, seu calamento, e successão, 55, 56. *D. Francisco Diogo Lopes de Zúñiga Sottomayor*, V. Duque de Bejar, seu calamento, e successão, 114.

Sousa (Henrique de) I. Conde de Miranda, Va'co de Sousa, Henrique de Sousa, Senhor de Oliveira do Bairro, Diogo Lopes de Sousa, Senhor de Miranda, Dom Alvaro de Sousa, Senhor de Miranda, seus calamentos, 435. Outros Filhos de deite Appellido, *ibid.* e 761. 45.

T *Alara* (Conde de) IV. João Afonso de Crasmão, com quem casou, 96.

Terra.

- Taracena*. (Marquezes de) D. Luiz de Borja, de quem era filho, e com quem casou, 79. D. Claudio Pimentel, II. Marquez de *Taracena*, seu casamento, e successão, 86. D. Antonio Pimentel, III. Marquez de *Taracena*, com quem casou, e que filhos teve, 87. D. Maria Antonia Pimentel, IV. Marqueza de *Taracena*, o seu casamento, 88.
- Tavora*. (Marquezes de) 165.
- Tavora*. Alguns Fidalgos deste Appellido, e seu casamento, 761, 777.
- Telles da Silva*. Marquezes de Alagarte, a Condes de Villamayor, e seus casamentos, 789.
- Tentugal* (Condes de) D. Rodrigo de Mello, 144, e seg. D. Francisco de Mello, 181, e seg. 136, e seg. D. Nuno Alvaro Pereira de Mello, 267, 377.
- Terra Nova* (Duques de Monte Leon, e de) 104, e seg.
- D. Theodorio de Bragança de Mello*, 162.
- D. Theodora de Antas da Cunha*, filha de José de Antas da Cunha, com quem casou, 824.
- S. Theotonia*. O seu Corpo onde existia, 211. Reliquias, que deste Santo se venerão na Sé de Vizeu, 210. Formalidade, com que foram tiradas, conduzidas, e recebidas na dita Cidade, 211, e seg.
- D. Theresia Barbara de Menezes*, filha de Luiz Brito da Silva, com quem casou, 618.
- D. Theresia de Borbon*, filha dos II. Condes de Avintes, o seu casamento, 840, 862.
- D. Theresia Correa*, de quem era filha, e com quem casou, 45.
- D. Theresia Ignacia de Mosco*, filha dos I. Condes de Sabugosa, com quem casou, 672.
- D. Theresia Josefa de Noronha*, filha de D. Alvaro de Noronha, filha dos III. Condes de Velladarez, 661.
- D. Theresia Josefa de Menezes*, filha de Dom Joseph de Menezes, com quem casou, 216.
- D. Theresia de Lacerda*, filha dos XII. Condes de Paredes, o seu casamento, 215.
- D. Theresia de Lencastre*, filha de Rodrigo Sanchez Fannha, com quem casou, 852.
- D. Theresia Maria Continbo*, mulher de D. Jorge Manoel de Albuquerque, 566.
- D. Theresia Maria de Ayala, &c.*, filha dos III. Condes de Ayala, seu casamento, e successão, 488. A sua Arvore, 491.
- D. Theresia de Portugal*, filha de D. Pedro de Almeida, com quem casou, 873.
- D. Theresia Sarmiento de Lacerda*, de quem era filha, e com quem casou, 60.
- D. Theresia Vasques Continbo*, de quem era filha, e com quem casou, 45.
- D. Theresia de Zuniga*, Duquesa de Arcos, de quem era filha, e com quem casou, 56.
- D. Thomas de Almeida*, I. Patriarca de Lisboa, quando nasceu, 840. He nomeado Deputado do Santo Officio, 841. Quando foy nomeado Desembargador da Relação do Porto, e depois da Casa da Supplicação, *ibid.* Prior de S. Lourenço, e Deputado da Mesa da Consciencia, *ibid.* Surselher da Cortina, Chanciller mór do Reyno, Secretario das Mercês, e Expediente, Secretario de Estado, e Provedor das Obras do Paço, 842. O que delle diz o Padre D. Joseph Barbosa nas Memorias do Collegio de S. Paulo, 842. Foy Bispo de Lamego, *ibid.* Visitador de S. Paulo de

da Coimbra, e o que daquela vili-
ta reultou, 844. Poem termo ao
pleito, que o Bispo de Viseu trazia
com o seu Cabido, ibid. He per-
mutado para Bispo do Porto, ibid.
E alli occupa o lugar de Governa-
dor da Relação, 845. Quando foy
nomeado Patriarca de Lisboa, e
Capellão mór, ibid. Quando foy
creado Cardeal, 846. Obras pias,
que exercia, 847, e seg. Em que
tempo fez que entrassem no Con-
vento de Noila Senhora dos Remedios
de Campo Lide as suas Fun-
dadoras, ibid. Ergio a Parochia de
Santa Isabel, ibid. Reedificou a
Igreja de Santo Antonio do Tojal,
ibid. e seg. Junto da Villa de Albandra,
comprou huma Quinta tão pa-
ra dar agua aos moradores da dita
Villa, 848. No Convento de Noila
Senhora da Graça da Villa de Tor-
res Vedras instituiu huma Cadeira
de Moral, ibid.

D. Thomás de Almeida, Principal da
Santa Igreja de Lisboa, 851.

D. Thomás de Neronha, V. Conde dos
Arcos, com quem casou, 647.
D. Thomás de Neronha, V. Conde dos
Arcos, o seu casamento, 813.

Toledo. (A Condessa Dona Anna de)
Quem forão seus alicendentes, e
com quem casou, 223. *D. Pedro
de Toledo*, II. Marquez de Villa-
Franca, *D. Frayrique Alvarés de
Toledo*, II. Duque de Alva, *Dom
Garcia de Toledo*, I. Duque de Al-
va, seus casamentos, 223. *D. Vi-
laria Colina de Toledo*, de quem
era filha, e com quem casou, 74.

D. Fradrique de Toledo, II. Mar-
quez de Villa-Nueva, com quem
casou, 75. A Condessa *D. Anna de
Toledo*, sua alicendencia, 223. A
Marquiza *D. Joanna de Toledo*,
D. Garcia de Toledo, IV. Marquez
de Villa-Franca, *D. Pedro de To-
le-*

do, *D. Fernando Alvarés de To-
ledo*, seu casamento, 491.

Torre de Coelheiros (Senhurda) Si-
n. m. de Mello Cogominho, seu cas-
amento, e successão, 600.

Tristão Antonio da Cunha, seu cas-
amento, e successão, 614, e seg.

Tristão da Cunha, Senhor do Morga-
do de Payo Pires, seu casamento,
e successão, 634, e seg.

Tristão da Mendoça, com quem ca-
sou, 619, 621.

Tercian (Joanna de) Everardo de
Tercian, seus casamentos, 783.

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

U

- fou, e com quem, 612. Que filhos teve, *ibid.* Contos Fidalgos deste nome, 611, 612.
- D. Vasco Joseph Luiz Ealibafar da Gama*, VI. Conde da Vidigueira, e III. Marquês de Niza, com quem casou, 579.
- D. Vasco Luiz da Gama*, V. Conde da Vidigueira, e I. Marquês de Niza, 566. Que empregos occupou, 567. Quando casou, e com quem, e sua successão, *ibid.*
- Vasco Martins da Asello*, de quem foy filho, e com quem casou, 45.
- Vasco Martins Montez*, com quem casou, e quem torão seus ascendentes, 177.
- Vilajco* (D. Maria Victória de) VIII. Duquesa de Frias, quantas vezes casou, e com quem, 69. *D. Maria Antonia Sarmiento de Vilajco*, quando casou, e com quem, *ibid.*
- D. Branca de Vilajco*, foy nos IV. Condes de Nerva, seu testamento, e successão, 106. *D. Brito de Vilajco*, filha dos V. Condes de Nerva, com quem casou, 107.
- Viraguna*. Origem desta Casa, 450, e seg. Plano, que correio sobre ella, 451, e seg. Oppositores, que teve, 452. Doução, que os Reys Catholicos lhe fizeram, 484.
- Viraguna*. (Duques de) D. Nuno Colão e Portugal, IV. Duque de *Viraguna*, 464. D. Alvaro Jacintho Colão e Portugal, V. Duque de *Viraguna*, 467. Dom Pedro Nuno Colão de Portugal e Castro, VI. Duque de *Viraguna*, 471. D. Pedro d'ro Manoel Colão e Portugal, VII. Duque de *Viraguna*, 481. D. Pedro Nuno Colão de Portugal, VIII. Duque de *Viraguna*, 493. D. Catharina Ventura de Portugal, IX. Duquesa de *Viraguna*, 501. D. Jacobo Francisco Suard, &c. X. Duque de *Viraguna*, 502.
- D. Vicencia Joana de Menzari*, filha de Antonio Pereira de Berredo, com quem casou, 896.
- Vicenteilo* (A Condeff. Li. Bernardo) Jean Antonio Corto Vicenteilo, seus criamentos, 471.
- D. Victoria de Arbon*, filha dos III. Condes de Avintes, com quem casou, 844, 871.
- Vitor Amadeo*, Duque de Saboya, elteve contratado a casar com a Princesa D. Isabel, 303. Desvanecce-se este Tratado, 305.
- Vidigueira*, (Condes da) D. Francisco da Gama, II. Conde da *Vidigueira*, 559. D. Vasco da Gama, III. Conde da *Vidigueira*, 561. D. Francisco da Gama, IV. Conde da *Vidigueira*, 563. D. Vasco Luiz da Gama, V. Conde da *Vidigueira*, 566. Dom Francisco Luiz Ealibafar da Gama, VI. Conde da *Vidigueira*, 568, e seg. Dom Vasco Joseph Luiz da Gama, VII. Conde da *Vidigueira*, 575.
- Vilhada* (Conde de) D. Francisco de Tuleado, 508.
- Vilbena* (Dona Margarida de) com quem casou, e sua ascendencia, 45. *D. Branca de Vilbena*, de quem era filha, e com quem casou, *ibid.*
- D. Maria de Vilbena*, de quem era filha, e o seu casamento, 113, 179. *D. Filippa de Vilbena*, filha dos I. Marquezes de Ferreira, com quem casou, 135, 175. *D. Brites de Vilbena*, mulher do Senhor D. Jorge, em que tempo casou, 146.
- Vilbescas* (Marquezes de) D. Galvaz Condamuro de Mello, 437. D. Joseph Francisco de Mello, III. Marquezes de *Vilbescas*, *ibid.*
- Villa-Flor* (Condes de) 630.
- Villa-Iranea* (Marquezes de) 265.
- Villa-Franca* (III. Conde de) D. Rodrigo da Camara, 582, 566.
- Villa Manrique* (Marquezes de) 106, D.

D. Francisco de Zuriga, II. Marquez de Villa Manrique, com quem casou, *ibid.* D. Luiza Josefa, dec. III. Marquiza de Villa Manrique, casou com D. Melchior de Guimão, e este de quem era filho, 107, 120. Sua successão, *ibid.* D. Manoel Luiz de Guimão, IV. Marquez de Villa Manrique, seu calamenho, e successão, 110.
 Villanueva (Marquez de) D. Fradique de Toledo, com quem casou, 75.
 Villaragud (D. Brites) com quem casou, e quaes foram seus ascendentes, 201. D. Antonio de Villaragud, Dom Ramon de Villaragud, *ibid.*
 Villa-Verde (Senhores de) 644.
 Villa Verde (Condes de) 650.
 Vimioso (Condes do) D. Francisco de Portugal, I. Conde do Vimioso, 530. D. Affonso de Portugal, II. Conde do Vimioso, 688. D. Luiz de Portugal, III. Conde do Vimioso, 728. D. Affonso de Portugal, IV. Conde do Vimioso, 745. D. Luiz de Portugal, V. Conde do Vimioso, 765. D. Miguel de Portugal, VI. Conde do Vimioso, 769. Dom Francisco de Portugal, VII. Conde do Vimioso, e II. Marquez de Valença, 779. D. Joseph Miguel de Portugal, VIII. Conde do Vimioso, 785.
 D. Violante Antonia de Portugal, filha de D. Luiz de Almeida, quantas vezes casou, e com quem, 825.
 D. Violante de Azeite, filha dos III. Condes da Viçiqueira, seu calamenho, e successão, 592.
 D. Violante Henriques, filha de Dom Francisco da Gaita, Armêiro mór, com quem casou, 805.
 D. Violante Henriques, mulher de Tristão de Menção, 619, 621.
 D. Violante Maria de Távora, mu-

lher de Joseph de Mello, 645.
 D. Violante de Portugal, filha de D. João de Almeida, Comendador de Borba, com quem casou, 827.
 D. Violante de Portugal, filha de D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda Alemã, com quem casou, 829.
 D. Violante de Portugal, filha de D. Luiz de Almeida, o seu calamenho, 620, 825.
 Ulhoa. Alguns Fidalgos desta Appellido, e seus calamenhos, 49.
 Urzino. Alguns Fidalgos desta Appellido, e seus calamenhos, 479.
 D. Ursula de Lancastre, filha dos II. Condes de Sertodas, com quem casou, 579.
 Westerlo (Marquez de) José Philippe Eugenio de Microde, seu calamenho, 104.

Z

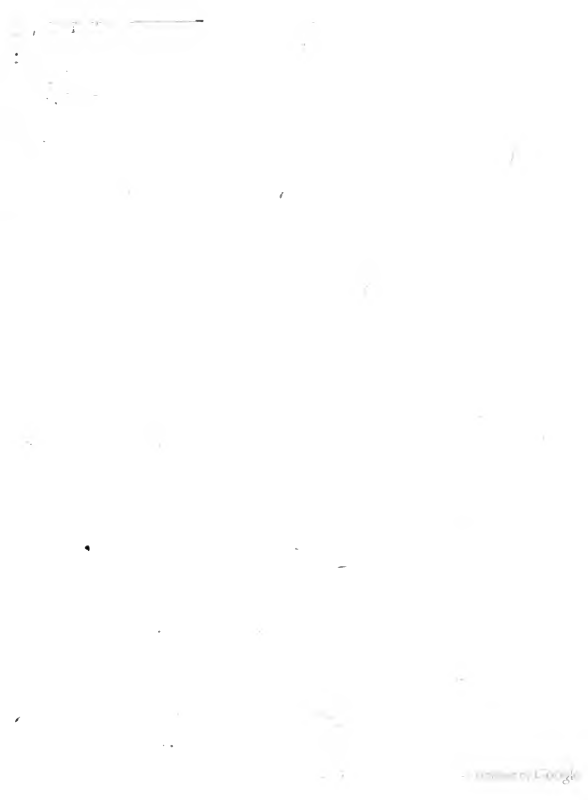
Zabara (Marquez de) D. Luiz Ponce de Leon, de quem foy filho, quando casou, com quem, e sua successão, 74.
 Zuniga (D. Theresia de) III. Duquesa de Bejar, com quem casou, 50. Quando faleceu, 51. De quem era filha, *ibid.* D. Pedro de Zuniga, de quem era filho, e com quem casou, 55. D. Theresia de Zuniga, Duquesa de Arcos, de quem era filha, e com quem casou, 56. Dona Anna Felice de Guimão e Zuniga, com quem casou, *ibid.* D. Brizinda de Zuniga, 57. D. Francisco Diogo Lopes de Zuniga e Sottomayor, VII. Duque de Bejar, seu calamenho, e successão, 58. D. Joanna de Zuniga, Duquesa de Escalona, de quem era filha, e com quem casou, 59. D. João de Zuniga Sottomayor e Alameda, IX. Duque de Bejar, com

com quem casou, 60. *Sos successão*, *ibid.* *D. Balthazar de Zuniga Gusmão Sotomayor e Menduça*, I. Duque de Aron, quem era, *ibid.* Por não deixar successão lhe succedro nos seus Estados seu sobrinho *D. Francisco Pimentel e Zuniga*, *ibid.* *D. Manoel Diogo Lopes de Zuniga*, *Ore. X.* Duque de Bejar, de quem era filho, 61. Servio em Flandres, e na guerra de Hungria, *ibid.* Com quem casou, e que filhos teve, *ib.* *D. Pedro Antonio de Zuniga*, seu calamento, e successão, *ibid.*, e seg. *D. João Manoel de Zuniga Sotomayor e Gusmão*, XI. Duque de Bejar, de quem era filho, e quantas vezes casou, 62. *Sos successão*, *ibid.* *D. Joachim de Zuniga Sotomayor*, *Ore.* de quem era filho, 63. Quando casou, e com quem, *ibid.* *D. Maria Josefa de Zuniga*, de quem he filha, e com quem casou, e quando, *ibid.* e 64. *D. Antonio de Zuniga e Gusmão*, III. Marquez de Ayamonte, seu calamento, e successão, *ibid.* *D. Francisco de Gusmão e Zuniga*, IV. Marquez de Ayamonte, com quem casou, e que filhos teve, 65. *D. Diogo de Zuniga*, de quem era filho, *ibid.* Foy Conego de Toledo, *ibid.* E depois Marquez de la Puebla pelo seu calamento, e com quem, 66. *Dona Maria Luiza de Zuniga*, VI. Marquez de Baydet,

67. *D. Maria Leonor de Zuniga*, IX. Marquez de Loriana, de quem he filha, e com quem casou, 67. *D. Francisca de Zuniga*, de quem foy filha, e com quem casou, *ibid.* e 68. *Sos successão*, *ibid.* *D. Catarina Caetano Sarmiento de Zuniga*, de quem he filha, e com quem casou, e sua successão, 70. *D. Francisca de Zuniga*, Marquez de Ariza, 71. *Dona Theresia de Zuniga*, Duquesa de Arcos, 71. *D. Maria de Zuniga e Requesens*, filha do IV. Marquez de los Peles, com quem casou, 89. Que successão teve, 90. *Dona Francisca Davila e Zuniga*, Marquez de Alhambra, com quem casou, *ibid.* *D. Manuela de Zuniga*, filha do X. Duque de Bejar, com quem casou, e sua successão, 98, e 61. *D. Alvaro de Zuniga*, filho do IV. Duque de Bejar, que depois se chamou *Dom Manrique*, com quem casou, e que filhos teve, 106. *D. Francisca de Zuniga*, III. Condessa de Monte Rey, quem forão seus ascendentes, e com quem casou, 123. *D. Theresia de Zuniga*, mulher de D. Sancho Sanchez de Ulhoa, *ibid.* He nomeado Conductor do Duque de Saboya Victorio Amadeo a este Reyno, 101. Honras com que foy recebido em Turim, 104. E do Duque de Saboya, *ibid.* Outros Fidalgos d'elle Appellido, 459.

<i>Página</i>	<i>linha</i>	<i>Erratas</i>	<i>Emendas.</i>
20	9	para ser	por ser
20	9	advertida de	advertida de
24	1	forrogonjoilhas	forrogonjoilhas
24	1	que auctora	o-auctora
24	12	transmitta	transmitta
42	18	Demoiselle	Demoiselle
42	18	Sabre-o	Sabre-o
72	26	Rebolado	Rebolado
223	4	COATES	COATES
226	25	Vilha Manrique	Vilha Manrique
227	27	segurança	segurança
222	27	entrecódo	entrecódo
225	24	que todos os ho-	que a todos os hominados
		minados	
Ibid.	24	aproveitando-se	aproveitando-se
226	1	tao presentes	tao presentes
227	6	encheyo	encheyo
226	16	inical	inical
226	27	outro	outros
228	20	que effandilizado	de que effandilizado
Ibid.	27	inconsideradamente	inconsideradamente
229	24	Coufugos	Coufugos
229	1	novena	novena
227	13	outra	outra
228	27	transerindo	transerindo
226	18	figuras	figuras
224	2	disporio	disporio
229	15	disporio	disporio
Ibid.	ult.	Auto	Acio
224	6	tratamento	tratamento
225	18	Eutapa	Eutapa
226	21	Ichilima	Ichilima. <i>See-ffim fongra.</i>
222	3	Borçado	Borçado
222	3	fumidão	fumidão
422	no reclamo.	jornada	dencia
223	6	pag. 218	pag. 218
222	22	Fumimentel	Fumimentel
226	22	Africa	Africa
224	2	D. João de Almeida	D. Luis de Antas de Almeida
Ibid.	4	D. Bernarda	D. Anna Joachina de Portugal
224	22	Figueiras	Figueiras
222	27	Cachina	Cachim
226	4		D. Maria de Portugal, que casou com Jeronymo Leite, tem os filhos seguintes; ANTONIO MANOEL LEITE DE VASCONCELLOS FACHACO, que nasceu em o primeiro de Julho de 1730 — LUIZ JOSEPH LEITE DE VASCONCELLOS nasceu a 15 de Março de 1732. — JOAQUIM PAULINO LEITE DE VASCONCELLOS nasceu a 22 de Junho de 1734. — JOAQUIM GUALDINO LEITE DE VASCONCELLOS nasceu a 18 de Abril de 1735. — THOMAS JOACHIM LEITE DE VASCONCELLOS nasceu a 5 de Abril de 1741.





J

